



Eduardo Antonio Calandro

**Processos de iniciação à vida cristã e resiliência:
um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos
na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
a obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Eduardo Antonio Calandro

Graduado em Filosofia pela UNIFAI, Teologia pelo ITESP e Psicologia pela UNIP, com especialização em Pedagogia Catequética, Psicopedagogia, Psicologia e análise do existir e Parapsicologia. Mestre em Psicologia pela PUC-GO. Tem experiência na área da Psicologia, com ênfase no movimento da Psicologia Positiva, escreve e pesquisa em Teologia Pastoral com ênfase na catequética, tem livros publicados pela editora Paulus, editora Vozes, e pela Scala Editora, é membro do Grupo de Reflexão Bíblico-Catequética da CNBB Nacional (GREBICAT) e da Sociedade Brasileira dos Catequetas (SBCat), atualmente é pároco da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes em Diadema. Assessora a catequese em várias regiões do Brasil.

Ficha Catalográfica

Calandro, Eduardo Antonio

Processos de iniciação à vida cristã e resiliência : um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP) / Eduardo Antonio Calandro ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2019.

v., 476 f. ; 30 cm

1. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Teologia – Teses. 2. Iniciação à vida cristã. 3. Catequese com adultos. 4. Psicologia positiva. 5. Resiliência. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico à minha mãe, Maria Tereza Carnietto Calandro.
“Tem pessoas que, apesar de tantas dores vividas,
só sabem oferecer flores; isto é resiliência.”

Agradecimentos

Transcorridos quatro anos, estou encerrando um ciclo. O tempo correu depressa, passou tudo tão rápido. Concluo esta pesquisa na certeza de que a vida é um caminho a percorrer, foram muitas idas e vindas de Goiás para o Rio de Janeiro, de Goiás para São Paulo, novos caminhos se abriram. Consegui cumprir mais uma etapa da vida acadêmica, mas o ganho não foi só neste âmbito, saio deste caminho também marcado pelos afetos e pela rica trajetória pessoal permeada por novos saberes que serão acrescentados à bagagem da vida.

Aos professores do Departamento de Teologia da PUC-Rio por me inserir no universo teológico, aprendizados que me levaram a mergulhar em experiências mistagógicas; ao Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana que sempre extrai o melhor de nós; ao Prof. Joel Portella Amado que, na irreverência, nos leva ao saber.

Ao Prof. Sebastião Benício da Costa Neto por me inserir no universo da psicologia positiva e no construto da resiliência e ao Padre Luiz Alves de Lima, modelo de catequeta que nos inspira.

Ao meu orientador, Prof. Abimar Oliveira de Moraes, catequeta e catequista, que me ajudou a mergulhar nos processos da iniciação à vida cristã. A concretização desse trabalho só foi possível graças à acolhida que me ofereceu. Conhecemo-nos nos trabalhos da Comissão de Animação Bíblica Catequética da CNBB. Foi preciso pouco tempo para perceber que a escolha do orientador tinha sido a melhor possível. Improvável alguém não se encantar com o seu jeito leve com o qual conduz este novo paradigma chamado iniciação à vida cristã. Sua serenidade e a forma como coteja os assuntos mais complexos tornaram-se objeto de admiração.

Não obstante as suas feições, pouco tempo foi preciso também para descobrir que seu papel não se restringia ao de um mentor, mas, também, de um parceiro, um amigo orientador na missão evangelizadora.

Ao CNPq e à PUC Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Monsenhor Aroldo da Silva Ribeiro da Paróquia Nossa Senhora de Copacabana e Santa Rosa de Lima, por fazer da sua casa acolhida para a minha permanência no Rio de Janeiro.

Aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora da Guia da cidade de Santa Fé de Goiás, e aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes da cidade de Diadema pela compreensão aos meus momentos de reclusão. A Dom Eugenio Rixen, que sempre me acompanhou e incentivou em todos os aspectos da vida. E a Dom Pedro Carlos Cipollini por atitudes humanitárias de acolhida fraterna.

Aos catequistas da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, de maneira muito especial, ao catequista Marcos e ao catequista Vinícius, que me ajudaram nesta pesquisa, na coleta de dados.

A Dom Airton José dos Santos, bispo da Arquidiocese de Mariana, que foi quem um dia me iniciou nos trabalhos da catequese.

Aos meus amigos e irmãos, Padre Jordélio Siles Ledo, CSS, superior provincial dos padres estigmatinos da província Santa Cruz, e Padre Rafael Teixeira Gonçalves por endossar todo o caminho trilhado, e, ainda, corroborando com o meu estado de espírito, especialmente nos momentos de fraquejo, nos quais não deixou sucumbir a esperança da concretização desse tão sonhado momento. Vocês são parte incontestável dessa realização.

As minhas irmãs do Instituto de Fraternidades Evangelizadoras – ISFE e aos membros do Centro de Formação Permanente – CEFOPE, sendo hoje a razão do meu serviço à Igreja.

A Deus força que nos move e nos faz pessoas resilientes.

“Que poderei retribuir ao meu Senhor por tudo aquilo que Ele fez em meu favor?” (Sl 116,12)

Resumo

Calandro, Eduardo Antonio; Moraes, Abimar Oliveira de. **Processos de iniciação à vida cristã e resiliência: um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)**. Rio de Janeiro, 2019. 476 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa é um diálogo entre a Teologia Pastoral e a Psicologia Positiva, temas que se correlacionam e, ao mesmo tempo, nos desafiam dado que nos propomos a fazer uma reflexão interdisciplinar. É uma urgência na Igreja o processo de iniciação à vida cristã que conduza a pessoa ao encontro pessoal e comunitário a Jesus Cristo, isso só é possível por intermédio de uma consistente experiência de fé vivenciada a partir de um itinerário catequético que orienta todo o agir do iniciante, potencializando, assim, a resiliência frente às adversidades do cotidiano. Pretendemos refletir, a partir de um estudo de campo, sobre os aspectos teológicos-pastorais da catequese com adultos e analisar a importância de todo o seu itinerário como promotora de resiliência. O processo da iniciação à vida cristã não se esgota na preparação aos sacramentos, mas é caminho para o seguimento e adesão a Jesus Cristo, deve ser feito e refeito, tanto quando for necessário, com a meta de inserir a pessoa na comunidade cristã. Neste estudo, a resiliência é entendida como capacidade para superar situações adversas e a experiência de fé vivenciada em todo o itinerário é considerada uma alavanca, algo a mais que uma pessoa possui para ser resiliente. É uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com orientação analítico-hermenêutica, mediante a técnica do grupo focal com questões abertas. Os sujeitos são os adultos que participam da catequese na paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Diadema. O estudo teológico-pastoral dos dados coletados seguiu a técnica de análise de Bardin. Seguindo os relatos dos participantes, todo o processo da iniciação à vida cristã é o caminho ordinário, coerente e consistente para ajudar uma pessoa a iniciar e aprofundar a experiência de fé que lhe dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se apesar dos acontecimentos desestabilizadores e das condições de vida difíceis. O itinerário catequético que conduz o adulto ao seguimento de Jesus

Cristo e o insere na comunidade cristã é capaz também de ajudá-lo a superar, aprender ou mesmo ser transformado com a adversidade que é inevitável à vida.

Palavras-chave

Iniciação à vida cristã; catequese com adultos; psicologia positiva; resiliência.

Abstract

Calandro, Eduardo Antonio; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **Processes of initiation into the Christian life and resilience: A theological-pastoral academic study on catechesis with adults in the Parish of Our Lady of the Navigators.** Rio de Janeiro, 2019. 476 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research presents a dialogue between Pastoral Theology and Positive Psychology, themes that are correlated and, at the same time, challenge us as we propose to make an interdisciplinary reflection. It is an urgency in the Church, the process of initiation into the Christian life that leads one to a personal and communal encounter with Christ. This is possible only through a consistent experience of faith experienced from a catechetical itinerary that guides all action of the beginner, therefore strengthening resilience to the adversities of daily life. By the purpose to reflect, from a field survey, on the theological-pastoral aspects of adult catechesis and to analyze the importance of all of its itinerary as a promoter of resilience. The process of initiation into the Christian life is not depleted in the preparation for the sacraments, but it is a path for following and adhering to Christ, and it must be made and redone, whenever necessary, with the goal of inserting the person into the Christian community. In this survey, resilience is understood as ability to overcome adverse situations and the experience of faith experienced throughout the journey is considered a lever, something more than a person possesses to be resilient. It is a qualitative research, of exploratory character, with analytical-hermeneutical orientation, through the focus group technique with open questions. The subjects are adults who participate in catechesis in the Parish of Nossa Senhora dos Navegantes, in Diadema. The theological-pastoral study of the data collected followed the technique of Bardin's analysis. By the participants' accounts, the whole process of initiation into the Christian life is the ordinary and consistent way of helping a person initiate and deepen the experience of faith that gives him the ability to develop well, to continue projecting himself despite destabilizing events and difficult living conditions. The catechetical itinerary that leads the adult to the follow-up of Jesus Christ and inserts him into the

Christian community is also capable of helping him overcome, learn or even be transformed with the adversity that is inevitable to life.

Keywords

Initiation to the Christian life; catechesis with adults; positive psychology; resilience.

Sumário

1. Introdução	18
2. Os sinais dos tempos e a Evangelização hoje	24
2.1. O movimento Catequético e suas repercussões	24
2.1.1. Da era da cristandade ao Concílio Vaticano II	26
2.1.2. O impulso do Concílio Vaticano II: do catecismo à catequese	33
2.1.3. A catequese e as Conferências do Episcopado da América Latina e do Caribe	36
2.1.4. Os documentos eclesiais sobre a catequese	56
2.1.5. As Semanas Brasileiras de Catequese	63
2.1.6. A Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã	65
2.2. Algumas características da Evangelização na realidade brasileira	68
2.3. A mudança de época e suas consequências na vida eclesial	80
2.4. Uma conversão pastoral eclesial: “Casa” de “casas” da Iniciação à Vida Cristã	89
2.5. Aspectos pedagógicos e metodológicos da Iniciação à Vida Cristã	103
2.6. O Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos como paradigma evangelizador	128
2.7. A urgente tarefa de “repensar” e “relançar” a Iniciação à Vida Cristã	142
2.8. Conclusão	158
3. Aproximações entre Iniciação à Vida Cristã e a Resiliência	161
3.1. Psicologia Positiva: um novo paradigma na Psicologia moderna	161
3.2. A Inspiração Catecumenal e a Psicologia Positiva	181
3.3. Resiliência: um novo modo de viver	202
3.4. A experiência de fé no Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos	224
3.5. A experiência de fé como promotora de resiliência	248
3.6. Conclusão	264

4. A experiência de fé como promotora de resiliência com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)	267
4.1. Metodologia da pesquisa de campo	268
4.1.1. Campo de Investigação	268
4.1.2. Metodologia do Grupo Focal	270
4.1.3. Instrumentos de coleta de dados	272
4.1.4. Procedimento da pesquisa	274
4.1.5. Técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin	275
4.1.6. Perfil dos participantes	277
4.2. Hermenêutica das categorias e subcategorias do Tempo do Querigma e Catequese	279
4.3. Hermenêutica das categorias e subcategorias do tempo da Purificação e Iluminação	320
4.4. Hermenêutica das categorias e subcategorias do Tempo da Mistagogia	361
4.5. O itinerário da iniciação à vida cristã e a promoção da resiliência	395
4.5.1. O cultivo de uma espiritualidade cristã	395
4.5.2. Uma vida centrada na sagrada escritura	397
4.5.3. A participação nas celebrações litúrgicas	401
4.6. Conclusão	403
5. Conclusão	406
6. Referências bibliográficas	411
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	433
APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico	436
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo do pré-catecumenato)	437
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo de Iluminação e Purificação)	439

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (No Tempo da Mistagogia)	441
APÊNDICE F – Primeira coleta de dados	443
APÊNDICE G – Segunda coleta de dados	455
APÊNDICE H – Terceira coleta de dados	467

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico dos participantes (N=18)	277
Tabela 2 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado	279
Tabela 3 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado	320
Tabela 4 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado	361

Siglas e abreviaturas

AA	Decreto Apostolicam Actuositatem
AG	Decreto Ad Gentes
AN	Acerbo Nimis
CT	Exortação Apostólica Catechesi Tradendae
CR	Catequese Renovada, orientações e conteúdo
ChL	Christifideles Laici
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CIC Cân	Código de Direito Canônico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ChD	Decreto Christus Dominus
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DCG	Diretório Catequético Geral
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DAp	Documento de Aparecida
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DV	Dei Verbum
DSD	Documento de Santo Domingo
EN	Evangelii Nuntiandi
EG	Evangelii Gaudium
GE	Gravissimum Educationis
GS	Gaudium et Spes
GF	Grupo Focal
GREBICAT	Grupo de Reflexão Bíblico-Catequética
LG	Lumen Gentium
MM	Mater et Magistra
MSC	Meios de Comunicação Social
PO	Presbyterorum Ordinis
RM	Redemptoris Missio

RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SBC	Semana Brasileira de Catequese
SBCat	Sociedade Brasileira dos Catequetas
SC	Sacrosanctum Concilium
SCALA	Sociedade de Catequetas Latino-Americana
1ª SBC	1ª Semana Brasileira de Catequese
2ª SBC	2ª Semana Brasileira de Catequese
3ª SBC	3ª Semana Brasileira de Catequese
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VD	Verbum Domini

Até o fim

*Não, não pares.
É graça divina
começar bem.
Graça maior,
persistir na caminhada certa.
manter o ritmo...
Mas graça das graças
é não desistir.
Podendo ou não podendo,
caindo, embora, aos pedaços,
chegar até o fim...*

Dom Hélder Câmara

1. Introdução

A atenção aos ‘sinais dos tempos’ e às suas profundas mudanças tornou-se um fato marcante de toda a reflexão e hermenêutica pastoral do momento atual. Sabemos que a situação é, de fato, muito complexa, pois vivemos em um mundo onde a sociedade e a cultura mudam profunda e vertiginosamente, de forma acelerada e incessante. Torna-se difícil determinar o futuro pastoral para o qual caminhamos, porque não estamos apenas em uma época de mudança, mas em uma ‘mudança de época’. Esse contexto nos diz que o processo de iniciação à vida cristã no conjunto de toda a ação pastoral da Igreja encontra-se perante um novo e árduo desafio.

Na reflexão catequética atual, insiste-se sobre a necessidade de um novo modelo para a ação evangelizadora da catequese, e é significativo o relevo que o tema catequético tem recebido nos recentes documentos do magistério. Tudo converge e aponta para um futuro de perspectivas no sentido de delinear esse tão desejado novo modelo com o novo paradigma da iniciação à vida cristã que é para toda a ação evangelizadora pastoral da Igreja, mas, no que diz respeito à catequese, se insere no contexto da inspiração catecumenal como caminho seguro para se fazer um itinerário como processo de educação e experiência de fé.

Por isso, perante a mudança da realidade sociocultural instaurada, a necessidade de uma ‘reforma’ catequética não pode simplesmente focar pela reestruturação de um projeto de catequese da infância e adolescência, mas implica opções fundamentais no contexto de uma nova ‘evangelização’: recomendar a catequese com adultos tem sido ponto de referência inspirador de todo o processo catequético, o qual deve ser concebido como uma verdadeira iniciação à vida cristã, integrando a experiência cristã e dando prioridade à dimensão comunitária da fé. Esse processo de iniciação à vida cristã deve respeitar e valorizar a pluralidade da Igreja, guardando a sua unidade.

Nesse sentido, a reflexão teológico-pastoral nos questiona e nos leva a pensar em uma série de mudanças necessárias para a transformação do processo

catequético a partir desse novo paradigma chamado iniciação à vida cristã. É necessário passar da mentalidade de uma catequese infantil para a de uma catequese para todos; de uma catequese por idade para uma catequese “intergeracional”; de uma catequese que visa a recepção dos sacramentos para uma catequese como caminho permanente; de uma catequese apenas de conteúdo doutrinal para um processo mistagógico; de um processo catequético apenas como responsabilidade exclusiva dos catequistas para a catequese de responsabilidade comunitária e que envolva toda a vida da comunidade. É preciso investir em um processo de iniciação à vida cristã que envolva a pessoa em uma profunda experiência de fé inserida no contexto de uma comunidade.

O interesse pelo tema relaciona-se à trajetória vocacional deste pesquisador e depois com seu trabalho profissional, como psicólogo, como membro da Comissão Episcopal para Animação Bíblico-Catequética da CNBB (GREBICAT), escritor, professor e catequista, nos diferentes contextos de trabalho com adultos no processo do itinerário catequético e no consultório. Ao longo desses anos foi possível sentir e perceber as implicações positivas que o processo da educação da fé e a experiência de fé podem causar na vida de pessoas em momentos de adversidade, principalmente o aprendizado da resiliência. Nos trabalhos pastorais, a maior parte do tempo é dedicada para a formação com catequistas em várias regiões do Brasil. Esse contato ofereceu a este pesquisador os instrumentos para assumir esta pesquisa de doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro a partir da temática do processo da iniciação à vida cristã e da resiliência com o enfoque teológico-pastoral apoiado na psicologia positiva.

A presente pesquisa é um estudo teológico-pastoral da catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, na cidade de Diadema, no estado de São Paulo, a partir do processo da iniciação à vida cristã como promotora de resiliência, inspirado no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) como itinerário que restaurou o período de preparação – a pré-evangelização, o momento do querigma; o catecumenato, como tempo de aprofundamento da vida de fé; o tempo da purificação e iluminação e a celebração dos três sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia; e contemplou a continuidade da iniciação por meio da mistagogia no tempo pascal.

O RICA, aprovado em 1972, é o documento do magistério que melhor acolhe, restaura e aplica o catecumenato. É um Ritual que não se limita à iniciação

sacramental, mas oferece um caminho progressivo para a formação da pessoa, recorrendo às fontes essenciais do catecumenato antigo e fazendo as adaptações condizentes à atualidade. Além disso, esse Ritual teve uma repercussão muito importante nos documentos da Igreja, sobretudo quando se referia à iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal.

Vale mencionar que, na elaboração do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, recuperaram-se numerosos elementos presentes na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, o que fornece um ritual completo do catecumenato: desde o acolhimento dos candidatos até a plena participação na ceia eucarística. Além disso, tal tradição descreve os ritos batismais em seus pormenores, como um processo unitário de iniciação cristã.

Entendemos que o processo de iniciação à vida cristã deve ser a partir de um Itinerário que não é um evento, um curso, ou algo como etapas a serem cumpridas, mas, sim, um caminho que leva a pessoa a um constante ouvir o convite do Senhor, deixá-lo agir, responder, aceitando um caminho de conversão transformadora e de comunhão na vida da Igreja. É um caminho que leva a pessoa sempre mais profundamente ao mergulho no Mistério, para que seja transformado à imagem do Senhor (cf. 2 Cor 3,18).

Diante disso, esta pesquisa traz reflexão a partir da literatura com dados qualitativos, bem como alguns dados quantitativos sobre o processo da Iniciação à Vida Cristã, a partir de um fio condutor, a saber, a promoção de Resiliência. Refletimos o itinerário da iniciação à vida cristã como proposta para o atual contexto da evangelização, explorando os tempos e as celebrações que comportam todo o itinerário próprio da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal e a sua dimensão psicológica, visando analisar o processo da educação e experiência de fé dos adultos que estão no itinerário da Iniciação à Vida Cristã como promotora de resiliência.

Demonstraremos, por meio dessa pesquisa, a influência do processo da iniciação à vida cristã com os adultos que estão na catequese, diante deste novo paradigma que estuda a capacidade das pessoas e dos grupos de superarem as situações adversas e traumáticas e que, hoje, é conhecido como resiliência.

Propomo-nos a fazer um estudo interdisciplinar entre a Teologia Pastoral e a Psicologia. Nos estudos da Psicologia, durante um longo tempo, tratou-se muito mais das patologias e dos traumas do que das capacidades humanas e da dimensão

positiva que a vida tem. A psicologia do século XX se concentrou nos defeitos das pessoas. A psicologia aplicada do passado estava mais relacionada à doença mental, à compreensão e ao auxílio das pessoas que estavam vivenciando tais tragédias. Com o movimento pela Psicologia Positiva, percebeu-se que a ciência psicológica vinha negligenciando o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores começaram a observar indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas, pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos.

Na ação pastoral percebemos que são muitas as pessoas que buscam na experiência cristã soluções para os seus problemas do cotidiano. Estes assuntos do processo de iniciação, da educação da fé e da experiência de fé têm encontrado espaço no campo da psicologia. Teóricos de diversas correntes abordam o assunto, pois a vivência da fé é algo presente na vida de um número relevante de pessoas. É nesse sentido que desejamos estudar o processo da iniciação à vida cristã como sinônimo de processo da educação na fé e como facilitador da experiência de fé, favorecendo a atitude de quem se entrega com total confiança, pois importa para esta pesquisa entender o processo da iniciação à vida cristã como ajuda a suportar as adversidades, quaisquer que sejam, buscando qualidade de vida. É essa força interna que leva o indivíduo adiante na vida e lhe proporciona condições de sair de uma situação psicológica de adversidade em direção à superação.

Por isso, pensar uma ciência que focalize nas potencialidades e qualidades humanas exige reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica quanto ao estudo das patologias. Na esteira dessas iniciativas, alguns fenômenos indicativos de vida saudável têm sido referidos como sistemas de adaptação ao longo do desenvolvimento, dentre os quais se destaca a resiliência. A vida é marcada por situações que nem sempre são controláveis, existem circunstâncias desfavoráveis para o bom desenvolvimento do ser humano, causam desgastes de toda natureza, razão por que cumpre superar esses eventos e suas consequências e adotar medidas de proteção. Uma das formas para o indivíduo superar as adversidades é ser resiliente, encontrar dentro de si a capacidade de enfrentar situações de enorme dificuldade e sobreviver a elas mantendo a qualidade de vida. É nesse sentido que

o processo de iniciação à vida cristã pode ser um fator a mais na experiência cotidiana da vida para aumentar e fortalecer a resiliência.

É impossível ao ser humano passar por essa vida sem experimentar tragédias, perdas e crises. Ninguém está livre de passar por essas experiências que causam tanto sofrimento e dor. Uma hora ou outra indivíduos ou grupos são submetidos a situações adversas que podem paralisá-los ou fortalecê-los na caminhada. O que se pretende estudar é o fato de que, por meio do processo da iniciação à vida cristã que possibilita experiências de fé ao longo do percurso da catequese, com suas propostas temáticas, com a participação nas celebrações da comunidade, através dos ritos próprios do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, essas pessoas podem obter um bem-estar de saúde, alcançar seus objetivos, sentir-se mais felizes e ter benefícios na qualidade de vida, sendo resilientes, ou seja, sendo capazes de prevenir, minimizar ou dominar os efeitos nocivos da adversidade.

Relativamente à estrutura desta pesquisa, para além da introdução, organizamos a primeira e a segunda partes com um enquadramento teórico, enquanto a terceira parte está reservada para um estudo hermenêutico.

No primeiro capítulo, apresentamos os sinais dos tempos e a resposta que a ação evangelizadora precisa oferecer hoje. O peregrinar do movimento catequético trouxe repercussões positivas com grandes impulsos para a ação evangelizadora, pois durante a sua história percebemos as modificações sofridas quanto aos seus modelos, à metodologia, à pedagogia, à sua mensagem para se chegar, hoje, neste novo paradigma chamado iniciação à vida cristã com a inspiração catecumenal. A partir de uma realidade concreta, a ação evangelizadora, portanto, não é tarefa que se realiza em paralelo à vida e à história. Isso seria enfraquecer seu poder de transformação da realidade. Ela não seria completa se não considerasse a interpelação recíproca que se fazem, constantemente, o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social das pessoas diante do atual contexto de mudança de época em que estamos vivendo; o processo da iniciação à vida cristã com adultos é um caminho que acena para um novo tempo na ação evangelizadora.

O capítulo dois oferece uma revisão de literatura a partir da Teologia Pastoral com ênfase no paradigma da iniciação à vida cristã com a Psicologia Positiva. Buscamos realizar um diálogo entre as duas ciências, a partir deste novo paradigma de estudo sobre a resiliência, bem como a interface entre a inspiração

catecumenal com as contribuições da Psicologia Positiva. Esse paradigma, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os ‘fatores de proteção’ e os ‘pilares de resiliência’, vivenciados dentro de um processo de iniciação à vida cristã, que propiciam a promoção de forças do ambiente circundante e de capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida.

O capítulo três refere-se à pesquisa de campo realizada junto aos adultos no processo da iniciação à vida cristã durante todo o itinerário da catequese com inspiração catecumenal. Considerando a dinamicidade dos encontros de catequese onde os adultos, sujeitos desta pesquisa, estão inseridos, optou-se pela técnica do grupo focal com três roteiros semiestruturados para serem utilizados na coleta de dados, sendo analisados pela técnica de análise de Laurence Bardin. A amostra da pesquisa foi constituída por dezoito pessoas participantes do itinerário da catequese na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, em Diadema, São Paulo. Desta forma, o objetivo geral deste estudo é identificar e refletir, a partir de um estudo teológico-pastoral, a percepção e os efeitos que o processo da iniciação à vida cristã promove na vida dos adultos que estão no itinerário da catequese, principalmente em relação à resiliência.

Por fim, percebeu-se que o processo da iniciação à vida cristã faz com que as pessoas se sintam mais preparadas diante das situações de adversidades, consigam sair destas situações mais fortalecidas e resilientes.

2. Os sinais dos tempos e a Evangelização hoje

2.1. O movimento Catequético e suas repercussões

Vivemos novos tempos na ação evangelizadora da catequese, mas analisar os sinais dos tempos requer um olhar para o passado. Reavaliar o movimento catequético¹ implica considerar sua tessitura histórica e os diferentes aspectos que compõem seu “mosaico”, pois um balanço completo do movimento catequético brasileiro no século XXI seria precário sem um olhar retrospectivo, embora rápido, sobre a atividade multiforme, sobre as escolas de pensamento, sobre as correntes pedagógicas e teológicas e sobre um tipo de catequese que se possa dizer brasileira.

Acreditamos que compreender o movimento catequético no Brasil seja de suma importância para todos que lidam diretamente com a evangelização, pois não há verdadeira evangelização sem antes uma real e verdadeira práxis catequética. Precisamos olhar para trás para perceber a nossa catequese no hoje. A catequese não pode ser pensada e decidida por si própria, isoladamente, pois ela é parte integrante da ação evangelizadora da Igreja.

A história do movimento catequético e seu significado implicam uma reflexão com o contexto do projeto de reforma e restauração do catolicismo, por isso, a catequese não pode ser pensada em si e por si, pois é um dos planos integrantes da totalidade eclesial.²

¹ Encontra-se grande abundância de elementos e de documentos em: BRAIDO, P. *Lineamenti di storia della catechesi e dei catechismi*: dal “tempo delle riforme” all’età degli imperialismi (1450-1870). Leumann (Turim): Elledici, 1991; ALBERICH, E.; GIANETTO, U. (Eds.). *Il catechismo ieri e oggi*. Torino, 1987; cf. por exemplo, LIMA, L. A. Catecismos doutrinários e o Concílio Plenário Latino-Americano. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 22, n. 87, p. 5-19, 1999; ADLER, G.; VOGELISEN, G. *Un siècle de catéchèse en France, 1893-1980*. Histoire - déplacements - enjeux. Paris: Beauchesne, 1981, p. 117-140; LANGER, W. Catechismo (criteri), p. 116-18.

² PASSOS, M., Uma história no plural, p. 36.

Ao longo do tempo, a catequese foi organizada e vivida de modos bem diversos e com instrumentos variados³, e, durante o seu peregrinar pela história, sofreu diversas modificações em seus modelos quanto ao método, à pedagogia, à sua mensagem. Percebemos um caminhar junto com a educação formal quanto à pedagogia catequética, isso nos enriqueceu, pois fez com que evoluíssemos enquanto ação catequética.

No decorrer da história da Igreja sempre houve a preocupação com o ensino e a vivência da fé. Jesus, junto com os seus discípulos, preocupava-se com a vivência da fé, por isso vemos nos evangelhos, a todo o momento, Jesus ensinando e exortando, o que nos leva a entender a catequese na perspectiva do verbo *catequizar*, que no seu sentido original significa: *fazer ressoar aos ouvidos*. Por esse motivo, vem o sentido com que é empregado no Novo Testamento: *informar, instruir, ensinar de viva voz*.

Na bíblia, o substantivo *catequese* (*katechesis*), não aparece no Novo Testamento. Encontra-se, pelo contrário, seis vezes o verbo *katecheo* em cinco formas verbais distintas. É palavra tardia e raramente usada no grego profano. A versão grega do Antigo Testamento não o usa.

Em *sentido derivado*, o verbo *katecheo*, no grego bíblico, quer dizer informar, contar, comunicar uma notícia (por exemplo, At 21,21-24; Lc 1,4). Em *sentido estrito* significa dar uma instrução cristã (At 18,25; Rm 2,18; Gl 6,6).

Não obstante, no meio dessa multiplicidade terminológica do Novo Testamento “pode-se destacar certa distinção de base entre um *primeiro momento* de lançamento (*anúncio*) da mensagem, mediante verbos como gritar (*krasein*), anunciar (*keryssein*), evangelizar (*euangelizein*), testemunhar (*martyrein*) e um *segundo momento* de explicitação e aprofundamento expressos pelos verbos ensinar (*didaskein*), catequizar (*katechein*), pregar (*homilein*), transmitir (*paradidonai*) e outros semelhantes.⁴

Percebemos, então, no sentido estrito, que a catequese teve seu início dentro da pregação cristã. Também podemos notar, já nos primórdios da fé cristã, uma preocupação da dimensão pedagógica, não com os termos que compreendemos hoje o sentido da pedagogia, mas que Jesus utilizava uma pedagogia para instruir seus discípulos.

³ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 338-339.

⁴ PEDROSA et al., Dicionário de catequética, p. 134.

2.1.1. Da era da cristandade ao Concílio Vaticano II

A partir da história da Igreja e dos caminhos percorridos pela evangelização, notamos variadas formas de anúncio da Boa Nova. Percebemos vários métodos pedagógicos para a transmissão da fé, pois a pedagogia é a teoria crítica da educação, isto é, da ação do homem quando transmite e/ou modifica a herança cultural. Como a educação sofre os efeitos do meio onde está inserida, havia uma grande relação entre catequese e movimento educativo religioso. Estas duas frentes de trabalho entrecruzavam-se, contemplando os mesmos princípios, pressupostos e objetivos.⁵

Aos poucos, na cristandade medieval, os sacramentos da iniciação cristã eram vivenciados sem muita relação uns com os outros. O Batismo infantil se tornou a prática comum, desligando-se da sua relação com a Crisma e a Eucaristia. A fé encontrava expressão nas devoções aos santos, nas peregrinações, nas penitências. Grande importância passaram a ter as orações decoradas. A Bíblia era proclamada nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares, mas não estava nas mãos do povo. Era uma catequese da religiosidade popular.⁶

Na era da cristandade,⁷ no Brasil, com a presença dos primeiros missionários – franciscanos, jesuítas, carmelitas, capuchinhos –, os colonizadores tinham em vista a conquista de novas terras, visando dilatar as fronteiras da fé e do império. A ação da catequese sofreu influências fortes dessa época, pois a catequese não poderia afastar-se dos interesses da nação colonizadora. A catequese no período colonial, embora rica em metodologia adaptada aos nativos, jamais perdeu de vista o ideal da Igreja-cristandade, da sociedade sacral católica.

No século XVI, a palavra usada pelos missionários era “conversão”. Este termo estava inserido dentro da teologia tridentina, segundo a qual os povos da América estavam desviados do reto caminho, ou seja, fora da rota da verdadeira fé. Era necessário, portanto, afastá-los da vida do mal e da perdição, a fim de convertê-los, isto é, trazê-los para senda do bem e da verdade.⁸

⁵ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 36.

⁶ CNBB, Doc. 107, 31.

⁷ O período histórico em que poderes civis e religiosos agiam em conjunto beneficiando-se mutuamente foi denominado cristandade. Porém, citamos esse tema apenas para enfatizar que a catequese entendida como doutrinação foi herdada desse período. Para aprofundá-lo, cf. entre as principais obras, o artigo de LELO, A. F. A iniciação cristã no Brasil. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 27, n. 107, p. 5-18, jul./set. 2004.

⁸ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 26.

Vale lembrar que o Concílio de Trento, alicerçado na sociedade tradicional, cuidou para que fosse redigido o catecismo dos Párocos (1566), que consiste em uma síntese doutrinal, modelo para todos os catecismos redigidos nos séculos seguintes.⁹ No desejo de fazer acontecer a catequese em terras brasileiras, foram redigidos os primeiros catecismos pelos missionários, mas que, na realidade, não eram senão resumos da teologia tridentina.¹⁰ Com a ideia preeminente de instrução, surgiram as cartilhas, os catecismos. Primeiro surgiu a cartilha do Padre Inácio Martins, chamada *Cartilha do Mestre Inácio*. No século XVII, destacaram-se o catecismo de Pe. Antônio Vieira e outra cartilha que perdurou por dois séculos na orientação da catequese dos missionários: o *Catecismo na Língua Brasileira*.

O Catecismo na Língua Brasileira, seu conteúdo era muito variado: cânticos, explicações das datas litúrgicas, resumo da vida dos santos e duas exposições sobre o jejum e os dias santificados. O núcleo se constituía de orações em perguntas e respostas e dos diálogos sobre o Credo, a Paixão, os Mandamentos e os Sacramentos. Padre Antônio Vieira, por sua vez, afirma que se trata de um catecismo tão exato nos mistérios da fé e tão singular, entre quantos se têm escrito nas línguas políticas, que mais parece ordenado para fazer de cristãos teólogos que de gentios cristãos. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro editou em 1952 a reprodução fac-similar desta obra.¹¹

Durante o século XVIII, vieram à lume várias obras religiosas: a *Cartilha doutrinal ou compêndio da doutrina e principais verdades da nossa fé católica*, o *Manual eclesiástico para todo fiel católico*. Em 1709, imprimiu-se, em Lisboa, o *Catecismo índico da língua Kariris* e, na metade do século XVIII, adotava-se na diocese do Rio de Janeiro, o *Catecismo Romano* e a *Cartilha do Mestre Inácio*.

Nessa época, dentre os inimigos que a Companhia de Jesus teve ao longo dos três primeiros séculos de existência em Portugal, destaca-se, a figura do Marques de Pombal. Para o nobre, o atraso e subdesenvolvimento de Portugal e das colônias era devido à Companhia de Jesus; o limite foi em 1759, quando os jesuítas se opuseram à demarcação de fronteiras ordenada pela coroa portuguesa e o Marquês de Pombal, visando pôr fim à interferência dos jesuítas nos negócios do Estado, os expulsou de Portugal e de suas colônias.

Iniciou-se a substituição do tradicional catolicismo lusitano, por um catolicismo de caráter mais romano. Em 1899, os bispos propuseram um só catecismo

⁹ GRUEN, W., *Novos sinais dos tempos para o cultivo da fé*, Perspectiva Teológica, p. 383.

¹⁰ PASSOS, M., *Uma história no plural*, p. 30.

¹¹ OLIVEIRA, R. M., *O movimento catequético no Brasil*, p. 10-11.

para cada nação, de acordo com as diretrizes de Trento, recomendando que o texto do catecismo fosse simples e o conteúdo dos textos tratasse, basicamente, das virtudes teologais, do Credo, dos Mandamentos, da Oração, do Pai Nosso e da Ave Maria e dos Sacramentos. A catequese Tridentina era memorizante. A catequese teologizou-se e perdeu, em boa parte, a inspiração pastoral que estava nas intenções do Concílio Tridentino. A catequese brasileira, nesse período, assumiu o caráter tridentino, mais preocupada com o ensinamento do que com a educação da fé.

Pelo fim do século XIX, desenvolveu-se um vasto movimento de ideias e iniciativas que visava à renovação e ao incremento da catequese na Igreja. É o que tradicionalmente se chama “movimento catequético”¹².

O movimento catequético brasileiro foi impulsionado pela obra de S. Pio X, que afirmava que a catequese é para o homem, é para a sua vida cristã. O papa Pio X publicou, em 1905, a Encíclica *Acerbo Nimis*, na qual, “deplorando a chaga da ignorância religiosa”, aponta a *instrução religiosa* como o modo de curá-la. A Encíclica foi a primeira que o magistério pontifício dedicou à catequese no longo período que vai de 1905 ao ano da exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, em 1979. Com isso, a catequese de instrução ganhou mais força, e o modelo da catequese em forma de escola encontrou lugar na catequese brasileira.

A encíclica *Acerbo Nimis* deu origem ao catecismo de Pio X que é um simples formulário, de perguntas e respostas, sóbrias e claras, que devia ser acompanhado e completado por textos explicativos [...] Foi grande a influência exercida pelo *Catecismo da Doutrina Cristã*. Dividia-se em três partes: a fé, a moral e a graça, com fórmulas precisas, densas e difíceis, porque abstratas e especulativas, bíblicamente anêmicas, alheias à vida cristã em concreto¹³.

Esse catecismo de Pio X, como um formulário de perguntas e respostas, imperou soberanamente até poucos anos atrás, muitas vezes em resumo, outras vezes corrigido por parciais injeções de novos conteúdos ou novos subsídios didáticos.

Destacamos algumas ideias de Pio X, segundo a *Acerbo Nimis*¹⁴:

¹² ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 82.

¹³ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 18-19.

¹⁴ PIO X, PP., Carta Encíclica *Acerbo Nimis*. Trata-se de uma encíclica da Igreja, em nada revogada, que trata do ensino do Catecismo. Naturalmente, fala do Catecismo antigo, também ele não revogado. Essa carta direcionou os catequistas, todos aqueles que desejavam levar às crianças e a todos o verdadeiro ensinamento da Igreja.

1. A catequese deve ser um fato popular que não exclui ninguém, a começar pelas crianças, da primeira comunhão;

2. A catequese começa a revelar as primeiras tendências existenciais, em embrião, sendo motivada autoritariamente pelo próprio papa Pio X, como fator principal para a conversão da vida;

3. A catequese se apresenta como primeira missão da igreja: universal, local, particular, exigindo uma pastoral renovada;

4. Eliminada da escola estatal com a acusação de anti-ditadicismo, a catequese volta à paróquia *como catequese em forma de escola*.

Não podemos ser anacrônicos na análise real do tempo, mas para o contexto e o desenvolvimento da catequese enquanto conteúdo e ensino, percebemos que o pontificado de Pio X deu, sem dúvida, um notável impulso à catequese.

Um novo passo se deu na ação catequética ainda no pontificado de Pio X, no início do século XX, conhecido como movimento de Munique que alcançou seu ponto culminante em 1912, no congresso catequético de Viena.

O movimento de Munique foi definido como método psicológico pela atenção dada à criança que, diante de verdade ou realidade, não oferece uma capacidade de penetração imediata, mas descobre só os aspectos exteriores. Segundo o método de Munique a aprendizagem como aquisição, acontece em três momentos ou fases: a apresentação da matéria, sua explicação e a aplicação prática.¹⁵

Tratava-se de um salto do modelo catequético então vigente e, sobretudo, da imagem do catequista, que deixava de ser doutrinador pra tornar-se *evangelizador*. Surgia uma catequese da Mensagem da Salvação, atitude de respeito às exigências receptivas do destinatário, das suas leis psicológicas, da metodologia, que devia subordinar-se às implicações de fidelidade ao homem e fidelidade a Cristo.

No período que seguiu à Primeira Guerra Mundial era consenso que não bastava à catequese atingir a inteligência e que ela precisava de uma ação educativa para suprir as deficiências da família. Exigia-se então uma catequese mais vital que verbal.

O papa Pio XI instituiu, para a Igreja universal e para toda Igreja local, um organismo propulsor e coordenador da atividade catequética. Para a igreja universal, criou o Secretariado Catequético Central na Sagrada Congregação do Concílio

¹⁵ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 22.

e, para as dioceses, o Secretariado Catequético Diocesano em cada cúria episcopal.¹⁶

No Brasil, a catequese começou a ter mais força a partir do *Primeiro Congresso Catequético*, celebrado em Belo Horizonte de 3 a 7 de setembro de 1928 em uma promoção do arcebispo D. Antônio Cabral, quando nasceu um novo e fundamental elemento para a catequese: a pedagogia catequética, dando origem à terminologia. Esse novo elemento, proclamado pela primeira vez nesse evento, direcionou a ação catequética dando-lhe o enfoque formativo e pedagógico na formação dos catequistas.

Fortalecido pelo amor à catequese, seu mentor e idealizador do movimento catequético no Brasil, Padre Álvaro Negromonte (1940), amplia e sistematiza a “formação integral” aos catequistas e catequizandos. Foi um período histórico para a catequese, abrangendo “gestos, crises, sonhos [...], limites, escolhas e silêncios” a fim de dar resposta às necessidades da época, encontradas entre temores e expectativas. Para Negromonte, o olhar retrospectivo e o avaliar o caminho realizado foi uma forma de sempre novo aprendizado¹⁷.

Realizou-se, também, o *Congresso Catequético de Munique* que se preocupou com a reforma dos manuais e a ideia da *catequese em formato mais escolar do que eclesial*. As conclusões do congresso foram: a redução da matéria a ser decorada, catequese baseada na História Bíblica e catequese mais vivencial e pastoral que teológica.¹⁸

Em 1939, último ano do pontificado de Pio XI, realizou-se o Concílio Plenário Brasileiro, no Rio de Janeiro, que lembrou a obrigação da catequese semanal e sugeriu iniciativas como maratonas catequéticas e a celebração da Festa do Catecismo.

O pontificado do papa Pio XII (1939-1958) foi marcado pelos movimentos Litúrgico¹⁹ e Bíblico²⁰. Esses movimentos afetaram diretamente a ação da cate-

¹⁶ O Secretariado Catequético Central foi instituído pelo *Motu Proprio Orbem Catholicum*, de 28 de junho de 1923; o Secretariado Diocesano, com a circular da Sagrada Congregação do Concílio, de 12 de dezembro de 1929. Esses secretariados, pouco a pouco, tomaram consistência. Sacudindo sempre mais o peso burocrático, os nossos secretariados diocesanos foram se tornando centro idealizadores e operadores dos diversos tipos de catequese, que interessavam tanto às paróquias como às escolas (OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 28).

¹⁷ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 56-57.

¹⁸ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 30.

¹⁹ A exigência de uma reforma geral da liturgia tinha amadurecido lentamente na consciência eclesial. Repetidas vezes o movimento litúrgico se fez seu porta-voz. No pontificado de Pio XII (1939-1958), a possibilidade de uma reforma litúrgica teve, de forma concreta, mas tímida, o si-

quese. Sabemos que o movimento Bíblico não teve início no seu pontificado, suas origens vêm do século XIX, em uma época que corriam ideias racionalistas, mas trazendo consequências diretas para a catequese. O papa Pio XII, em 1943, deu força ao movimento catequético com a Encíclica *Divino Afflante Spiritu*²¹, desde então a catequese tornou-se influenciada com quatro fatores determinantes: pedagógico, litúrgico, bíblico e teológico-pastoral.²²

Na reforma litúrgica, o papa Pio XII empreendeu as reformas do novo saltério, do ritual bilíngue, da Semana Santa, da simplificação das rubricas, da modificação da lei do jejum eucarístico e da possibilidade da missa vespertina. A catequese foi influenciada pelo Movimento litúrgico, pois a liturgia imprimia à catequese uma dimensão eclesial: somos Igreja; rezamos na Igreja; Deus fala pela Igreja; o catequista é aquele que ajuda o catequizando a encontrar Cristo nos sacramentos, especialmente na eucaristia.

Durante o pontificado de Pio XII (1939-1958), a catequese recebeu também o contributo das ideias pedagógicas da *Escola Ativa*²³ que ignorava o verdadeiro problema religioso, mas teve o mérito de colocar a criança no centro da ação educativa, abandonando o absolutismo do programa. Um primeiro impacto (do fim do século XIX até a Segunda Guerra Mundial) foi marcado pela preocupação com o método do ensino religioso e pelo influxo das novas ideias pedagógicas e psicológicas de diversos autores como O. Willmann, J. F. Herbart, J. Dewey, G. Kerschensteiner, A. Ferrière etc.²⁴.

nal de partida. Mas somente com a promulgação da *Sacrosanctum Concilium* a reforma litúrgica se transformou em realidade na vida da Igreja (AUGÉ, M., Liturgia, p. 67).

²⁰ O movimento bíblico trouxe benéficas consequências para a pedagogia religiosa. A seu impulso, a nossa catequese, alguns anos mais tarde, apresentou algumas características, tais como: a preocupação de muitos catequistas em utilizarem a Bíblia como meio de transmissão da fé; a revelação encontrada na Bíblia era apontada e explicitada no próprio catecismo; a catequese tornou-se influenciada pelo vocabulário bíblico (OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 33-34).

²¹ O Papa Pio XII publicou a *Divino Afflante Spiritu* incentivando a tradução, publicação e divulgação da Bíblia.

²² Em um nível mais profundo, o movimento catequético encontrava, em algumas nações, o terreno favorável a um reexame substancial da atividade catequética, sob o influxo das novas correntes teológicas e pedagógicas e o uso de novos instrumentos de análise e interpretação. Nesse sentido, merecem menção especial a Alemanha, a Áustria e a França. Numa visão de conjunto do movimento catequético europeu, podem-se distinguir, de forma muito aproximativa, três impactos determinantes: pedagógico, litúrgico, teológico-pastoral (ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 83).

²³ Segundo o método da Escola Ativa, o catequista assume uma nova imagem de educador e, antes de tudo, cria relacionamentos com seus educandos para facilitar o processo de relação e de comunicação da mensagem evangélica superando os dilemas ciência e fé, natureza e graça. A ação catequética com o método ativo se apoia no princípio teológico do cristocentrismo.

²⁴ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 83.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a presença do laicato foi mais ativa na vida da Igreja. Os agentes da pastoral procuravam descobrir uma catequese capaz de orientar o povo que, dia a dia, tomava consciência de seus direitos quanto à vida política, à instrução, ao bem-estar social, à segurança econômica²⁵. A catequese já não podia silenciar sobre alguns temas situacionais como: o valor do trabalho, do dinheiro e do lazer; o problema da habitação e da família.

[O período] entre a Segunda Guerra Mundial e o Vaticano II caracterizou-se pelo problema do conteúdo ou mensagem da catequese, e é também chamado “querigmático”. Denuncia-se a articulação abstrata e escolar do catecismo tradicional e propunha-se uma volta ao “querigma” apostólico e à genuína tradição catequética da Igreja. Redescobre-se o cristocentrismo da catequese, a centralidade da história da salvação, a dimensão bíblica e litúrgica da mensagem cristã, a concepção da catequese como educação da fé²⁶.

Em 1952, nasceu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com a bênção do papa Pio XII. A catequese, nos primeiros anos da CNBB, tornou-se o organismo-chave da Igreja no Brasil. Com influência e atuação crescentes em todos os campos da pastoral e na própria vida do país, criou-se, nesse momento, o Secretariado Nacional do Ensino de Religião. Competia a este secretariado o que podemos chamar de ações positivas no campo da catequese com o intuito de promovê-la como base de todo o apostolado. Também competia o aprimoramento da catequese pelo mais claro conhecimento dos objetivos da formação religiosa, do catecumenato e dos métodos catequéticos²⁷.

Pouco tempo depois, o ano de 1959 foi proclamado ano catequético porque conseguiu ativar a renovação da pastoral, proporcionando à Igreja novo dinamismo, novas estruturas, novas possibilidades de ação catequética.

O Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), em 1969, passou a funcionar com o Instituto Nacional de Pastoral e, com o nome ISPAC, surgiram os Institutos Regionais de Catequese. Com sede em São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba, a Escola Mater Ecclesiae do Rio de Janeiro e

²⁵ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 41.

²⁶ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 84.

²⁷ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 49-50.

inúmeros outros Institutos Diocesanos, somaram um total de cerca de vinte entidades²⁸.

O interesse pela formação catequética se manifestava também pelo crescente número de sacerdotes religiosos e leigos que se especializavam nos Institutos Catequéticos de outros países como França, Bélgica, Itália, Colômbia e Chile.

2.1.2.

O impulso do Concílio Vaticano II: do catecismo à catequese

O Concílio Vaticano II foi um momento privilegiado de discussão acerca de temas de grande relevância para a Igreja. Esse acontecimento foi o maior impulso eclesial do século passado, sendo o que mais imprimiu transformações ao catolicismo. Nas palavras de Comblin: “este foi o maior acontecimento para a Igreja no século XX”²⁹. Ao se referir ao anúncio da abertura do Concílio Vaticano II, o Cardeal Montini, futuro papa Paulo VI, destacou:

Esse concílio será o maior que a Igreja já celebrou nos seus vinte séculos de história, em razão de sua confluência espiritual e numérica, na unidade completa e pacífica da sua hierarquia; será o maior em razão da catolicidade de suas dimensões, verdadeiramente interessante a todo o mundo geográfico e civil³⁰.

Os eventos seguintes prosseguiram com a alternância entre passos curtos e avanços rápidos. Quase sempre, além disso, em consonância com as correntes teológicas e pedagógicas importadas da Europa³¹.

A Igreja da cristandade apegada ao catecismo mostrava-se historicamente ligada a uma época que, em grande parte, tinha ainda a unidade e a homogeneidade da “cristandade”. E podemos dizer que, sob muitos aspectos, a educação

²⁸ Além das fronteiras do Brasil, diversas instituições e iniciativas relacionam-se a esse período fecundo: a fundação do Instituto Catequético de Paris (Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique, 1951) e de Bruxelas (Lumen Vitae, 1957), a Semana Internacional de Catequese Missionária de Eichstätt, de 1960, o catecismo nacional alemão, de 1955, o Diretório Catequético Francês, de 1964 etc.

²⁹ COMBLIN, J., Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal, p. 2.

³⁰ BEOZZO, J. O., A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II, p. 72.

³¹ Para uma visão de conjunto, cf. BOLLIN, A.; GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998; GEEURICKX, J. *A catequese na comunidade cristã*: pequena história da catequese. Petrópolis: Vozes, 1991; NERY, I. J. *O novo catecismo e a história dos catecismos*. Petrópolis: Vozes, 1993; CRUZ, A. E. *Historia de la catequesis*. Santiago de Chile: Paulinas, 1962; Movimento catechístico. In: GIANETTO, U. *Dizionario Catechetico*, p. 448-450; Monaco (Metodo di). In: GIANETTO, U. *Dizionario Catechetico*, p. 440-441; ADLER, G.; VOGELISEN, G. *Un siècle de catéchèse en France, 1893-1980*. Histoire - déplacements - enjeux. Paris: Beauchesne, 1981. p. 141-316; PEDROSA, V. M. Ochenta años de catequesis en la Iglesia de España. *Actualidad Catequetica*, n. 100, p. 617-658, 1980.

religiosa encontrava, na globalidade do ambiente familiar e social, muitos canais de comunicação e de influência que podiam suprir, em certa medida, as deficiências do método catequético empregado. Com o passar do tempo e com a crescente descristianização, aumentaram também a insatisfação e a preocupação, e em toda parte afirmava-se a necessidade de repensar os diversos componentes da atividade catequética³².

Na abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965), o papa João XXIII, inaugurou uma etapa desafiadora para toda a ação evangelizadora da Igreja. Com uma visão renovada da pessoa, Igreja e sociedade, o concílio trouxe um enfoque de responsabilidade coletiva a todos os agentes de pastoral, superando a dimensão individualista e dando a todo cristão o selo do dever catequético e missionário. Em um parágrafo verdadeiramente programático para a renovação da catequese, o decreto sobre o *múnus* pastoral dos bispos aborda os objetivos da catequese:

Velem para que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina, seja administrada com diligente cuidado quer às crianças e adolescentes, quer ao jovens e mesmo adultos, esta instrução se baseia na Sagrada Escritura, na tradição, na liturgia, no magistério e na vida da igreja. Além disso zelem que os catequistas sejam perfeitamente preparados para sua missão, conheçam cabalmente a doutrina da igreja e aprendam na teoria e na prática as leis da psicologia e as disciplinas pedagógicas. Providenciem também que se estabeleça a instituição dos catecúmenos adultos, ou seja, melhor adaptada³³.

O Concílio Vaticano II não dedicou um documento especial à catequese³⁴, mas foram decisivos para seu desenvolvimento os quatro documentos-eixo, que

³² ADLER, G.; VOGELISEN, G. *Un siècle de catéchèse en France, 1893-1980*. Histoire - déplacements - enjeux. Paris: Beauchesne, 1981. p. 23-140. Cf. também: OLIVEIRA, R. M. *O movimento catequético no Brasil*. São Paulo: Salesiana, 1980; LIMA, L. A. *A face brasileira da catequese: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório*. 1995. Tese (Doutorado em Catequese) Universidade Pontifícia Salesiana, Roma, 1995; Id., O recente movimento catequético brasileiro. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 19, n. 73, p. 5-24, jan./mar. 1996; Id. Gênese e significado do documento Catequese renovada: novas perspectivas. In: PASSOS, M. *Uma história no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 115-174; ALBERICH, E.; GIANETTO, U. (Eds.). *Il catechismo ieri e oggi: studi sul significato dei catechismi nel passato e nel presente della Chiesa*. Leumann (Turim): Elledici, 1987; FOSSION, A. *La catéchèse dans le champ de la communication: ses enjeux pour l'inculturation de la foi*. Paris: Cerf, 1990. p. 166-167 (La contestation du catéchisme traditionnel); PEDROSA, V. M. et al. *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999. p. 264-281.

³³ ChD 14.

³⁴ Impulsionada pelo Concílio, a Igreja avançou e pode contar, hoje, com um acervo documental nesse campo: o *Diretório Catequético Geral* (1971), o *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA, 1973), a *Catechesi Tradendae* (1979), o *Catecismo da Igreja Católica* (1992), o *Diretório Geral para a Catequese* (1997) e o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica* (2005). Nesse processo de renovação conciliar, diversos Sínodos versaram sobre temas fundamentais

deram à catequese uma nova visão da Ecclesologia, da Palavra de Deus, da Liturgia e da Missão no Mundo. Três deles são voltados para a renovação interna da Igreja: *Lumen Gentium*, 1964 (A Igreja), *Dei Verbum* (DV), 1965 (A Palavra de Deus) e *Sacrossanctum Concilium*, 1963 (A Sagrada Liturgia). E eles são enriquecidos com sete Decretos e Declarações que atingem mais diretamente setores da Igreja, como os bispos, presbíteros, religiosos/as, leigos/as, e apontam caminhos para a dimensão apostólica e missionária dos católicos³⁵.

O aspecto educativo da catequese foi notabilizado na declaração sobre a educação cristã, a formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o Espírito de Cristo. O Concílio, se não provocou um movimento, sem dúvida impulsionou o lugar da Bíblia, da Igreja e do homem na catequese.

O impacto do Concílio sobre a catequese foi profundo e determinante. Pode-se dizer que ele marca o fim oficial da “época do catecismo” e, conseqüentemente, o início de uma revisão em profundidade das coordenadas essenciais do fato catequético. Conquanto não aborde diretamente o tema da catequese, toda a obra conciliar teve conseqüências importantes para a compreensão do trabalho catequético, sobretudo mediante a revisão de alguns pontos de referência essenciais à catequese, como a Palavra de Deus, a fé e a Igreja³⁶.

Com a nova visão de Igreja como Povo de Deus, com a nova visão do homem e da mulher como agentes, protagonistas e não apenas destinatários e com a redescoberta da palavra, o Concílio enriqueceu a tipologia da catequese e trouxe uma atenção especial à figura do agente da catequese. A evangelização, de modo particular a catequese, é a missão principal da Igreja, com o seu poder profético e missionário, nesse sentido, toda igreja é catequista no mundo (cf. DV, 8).

Outro elemento sugerido pela *Dei Verbum* e assimilado com força na Igreja, no Brasil, foi a ideia de fortalecer toda atividade eclesial pelo espírito da Palavra de Deus³⁷. A CNBB, já no íterim do Concílio Vaticano II, através do Secretaria-

como: a evangelização, a catequese, a família, a Palavra de Deus, a vocação e missão dos leigos e leigas. Em tudo isso, a Igreja tem levado em consideração novas circunstâncias e necessidades para poder promover, de fato, o encontro pessoal com Jesus Cristo e o acompanhamento formativo de seus novos discípulos missionários (CNBB, Doc. 107, 37).

³⁵Cf. Nesses decretos a catequese é colocada como prioritária: sobre o Múnus Pastoral dos Bispos (*Christus Dominus* – ChD); sobre Vida e Ministério dos Sacerdotes – Formação Sacerdotal (*Presbyterorum Ordinis* – PO, *Optatam Totius* – OT); sobre a Vida Religiosa (*Perfectae Caritatis* – PC); sobre o Apostolado dos Leigos: (*Apostolicam Actuositatem* – AA); sobre as Igrejas do Oriente (*Orientalium Ecclesiarum* – OE); sobre a Ação Missionária da Igreja (*Ad Gentes Divinitus* – AG).

³⁶ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 85.

³⁷ DV 24.

do de Pastoral, empenhou-se, juntamente com a Liga de Estudos Bíblicos, para “oferecer uma tradução brasileira da Bíblia” aos fiéis. De igual maneira, na tentativa de aproximar a Bíblia do povo e animar a pastoral, o documento *Catequese Renovada* foi um instrumental singular e um sensível passo no sentido de permear a pastoral pela Bíblia sob a influência da *Dei Verbum*. Esse documento catequético, associado à Constituição sobre a Revelação, foi o que fundamentou a alteração do nome no plano de ação Pastoral da CNBB de Linha Catequética para Dimensão Bíblico-catequética na 29ª Assembleia da Conferência, em 1991. Tal alteração impulsionou seminários, publicações e popularização de textos, outrora restritos ao universo acadêmico, às camadas mais simples de forma consistente e aprofundada.

No Brasil, logo após o término do Concílio Vaticano II em Roma, a CNBB lançou o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC, 1985), cujo objetivo era “criar meios e condições para que a Igreja do Brasil se ajuste, o mais rápida e plenamente possível à imagem do Vaticano II”³⁸. Procurava-se atingir esse objetivo partindo de uma tomada de consciência da realidade e levando em consideração o caráter processual e dinâmico da renovação da Igreja. A ação catequética, conservando os princípios do Método de Munique e do ativismo pedagógico, centralizava-se na eclesiologia e na antropologia do Vaticano II com o impulso do Plano de Pastoral de Conjunto.

2.1.3.

A catequese e as Conferências do Episcopado da América Latina e do Caribe

Desejamos contextualizar cada época da celebração das conferências do episcopado latino-americano e caribenho, do Rio de Janeiro à Aparecida, dando destaque aos pontos de avanço para a renovação da catequese e aprofundando, de forma mais intensa, o *Documento de Aparecida* (DAp) cuja temática envolve diretamente a nossa pesquisa.

O papa Pio XII, visando incrementar a ação evangelizadora da Igreja, em 29 de junho de 1955, através da Carta *Ad Ecclesiam Christi*, convocou a *Conferência do Episcopado Latino-Americano*. Para o papa Pio XII era necessário “combinar

³⁸ CNBB, Doc. 76, p. 25.

um plano e métodos concretos para realizar com solicitude e competência, tudo quanto as necessidades dos tempos exigem”³⁹.

O tema central dessa Conferência Geral do Rio de Janeiro foi “a evangelização como defesa da fé e das vocações e a preparação do clero”. O tema *catequese* constava como item importante da pauta da Primeira Conferência do Episcopado Latino-Americano, que aconteceu durante a celebração do Congresso Eucarístico Internacional, na cidade do Rio de Janeiro. O episcopado da América Latina, fundou, então, o Conselho Episcopal Latino-Americano CELAM⁴⁰ com a autorização do papa Pio XII.

Junto com a catequese, constava na pauta: vocações e formação do clero, a situação das populações indígenas, a questão das migrações, a integração entre os países e entre as Igrejas locais, o mundo dos jovens, a expansão do protestantismo e das seitas, a modernidade secularizada e contrária à Igreja⁴¹.

Foi uma Conferência muito preocupada com aspectos da vida intra-ecclesial na América Latina. Os temas sociais foram abordados superficialmente. Concerne ao tema central, a Declaração, logo em seu início, assim expressa: “A Conferência teve como objeto central de seu trabalho o problema fundamental que aflige as nossas Nações, a saber: a escassez de sacerdotes. A Conferência estima que a necessidade mais urgente da América Latina é o trabalho ardente, incansável e organizado em favor das vocações sacerdotais e religiosas [...] mediante uma ativa e perseverante campanha vocacional”⁴².

Com a constatação da escassez do clero, a conferência manifestou, também, a preocupação com a instrução religiosa do povo. A partir de 1955, pelo menos no Brasil, houve, no âmbito da catequese, duas forças propulsoras. A primeira foi a multiplicação dos catecismos doutrinários liderados pelo *Primeiro Catecismo da*

³⁹ AGOSTINI, N., As conferências episcopais, p. 20.

⁴⁰ A inclusão do Caribe como parte das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano é recente, isto é, a partir de Santo Domingo, em 1992. Consultar para a apresentação das quatro Conferências e reflexão sobre elas:, PINEDA, V. M. R. O Caminho da Igreja Latino-Americana nos últimos 50 anos: os desafios mais significativos. *Revista Omnis Terra*, Roma, Itália, n. 109 e 110, ano 12, abr. e maio de 2006; VVAA: Rumo à V Conferência do CELAM. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, ano 47, n. 249, jul./ago. 2006; VV. Rumo à Aparecida – V CELAM. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 38, n. 105, maio/ago. 2006.

⁴¹ MELGUIZO, Y. El CELAM: 50 años al servicio de la comunión de las Iglesias de América Latina. *Revista Medellín*, Bogotá, Colombia, v. 31, sept. 2005; BRIGHENTI, A. Enfoque pastorales de la Iglesia en América Latina y el Caribe en los últimos 50 años. *Revista Medellín*, Bogotá, Colombia, v. 31, sept. 2005.

⁴² NERY, I. J., Do Rio de Janeiro (2005) à Aparecida (2007), *Revista de Cultura Teológica*, p. 131.

*Doutrina Cristã*⁴³, um texto ícone na história dos catecismos no Brasil, desde 1905. A segunda foi a campanha contra as seitas, sob a liderança do Frei Boaventura Kloppenburg⁴⁴, arrebanhando multidões, em todo o Brasil, na luta contra o espiritismo e outras “heresias”, e publicando, sobre o assunto, vários livros e folhetos que realmente marcaram época⁴⁵. Desde os anos 1940, diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da catequese às novas exigências. É o caso, entre outros, de Mons. Álvaro Negromonte, que criou e difundiu, no Brasil, o chamado método integral de catequese, o qual propunha como objetivo formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança⁴⁶.

No Brasil, porém, assumindo um rumo diferente do que o proposto pela I Conferência do Episcopado Latino-Americano (1955), e levando em conta um veio renovador da catequese em curso na Europa, aconteceram significativos passos em direção a uma nova catequese. Em 1949, bem antes de 1955, nascia a *Revista Catequética*, da Ação Católica, fundada por Dom Helder Câmara e por Mons. Álvaro Negromonte. Aqui e acolá, aconteciam algumas iniciativas que incorporavam, nos textos catequéticos, as contribuições de importantes movimentos renovadores da Igreja na Europa: bíblico, querigmático, pedagógico, litúrgico. Em 1956 nascia a *Revista de Pastoral Catequética “Via, Veritas et Vita”*. E algumas pessoas foram se destacando no cenário da catequese, como por exemplo Dom Hélder Câmara, Waleska Paixão, Padre Negromonte. E houve Semanas Catequéticas, Boletins, Folhetos⁴⁷.

Durante duas décadas, ainda antes da Conferência do Rio de Janeiro e, depois, com as repercussões dela, Monsenhor Álvaro Negromonte⁴⁸ liderou, em todo o Brasil, com seu exemplar zelo apostólico, suas iniciativas, seus livros e

⁴³ Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã. 100. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. Esse texto foi elaborado durante o Congresso Mariano de Aparecida, em 1904, conforme explica ALMEIDA, J. T. O Santuário de Nossa Senhora Aparecida no eixo das transformações da Igreja Católica no Brasil: 1890-1931. In: *Anais do Simpósio do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – Área Brasil* (CEHILABR) – As Muitas faces do Cristianismo. Goiânia, 2005.

⁴⁴ KLOPPENBURG, F. B. OFM., O Espiritismo no Brasil, p. 51

⁴⁵ Frei Boaventura Kloppenburg publicou, também pela Editora Vozes, o livro *A Umbanda no Brasil* e vários opúsculos apologeticos na coleção “Vozes em Defesa da Fé”, como por exemplo, a respeito dos Rosacruzes, dos Maçons, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, da Legião da Boa Vontade (LBV), da Associação Cristã de Moços (ACM), da Teosofia, da Quiromancia e da Astrologia e outros.

⁴⁶ CNBB, Doc. 26, 22.

⁴⁷ NERY, I. J., A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe, *Encontros Teológicos* n. 45, p. 101.

⁴⁸ Sobre Monsenhor Álvaro Negromonte, sacerdote e professor, nascido em Timbaúba, Pernambuco, em 1901 e que morreu em 1965, no Rio de Janeiro, conferir os seguintes textos: SILVA, A. F. *Álvaro Negromonte: modernidade, religião e educação. Uma tentativa de aproximação entre o público e o privado na educação brasileira*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005; LIMA, L. A. Um pioneiro da catequese no Brasil. *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 23, n. 90, p. 42-55, abr./jun. 2000.

viagens, um grande movimento de renovação da catequese. Seu mérito estava, sobretudo, nas questões práticas, na difusão de novas conquistas pedagógicas aplicadas à catequese e no entrecruzamento de novos temas. Com ele, os progressos didático-pedagógicos dos tempos modernos foram ganhando espaços⁴⁹.

2.1.3.1.

A catequese na Conferência de Medellín

Durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), os bispos da América Latina chegaram a um acordo quanto à realização de uma Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano. O objetivo principal seria o de sugerir aplicações do referido Concílio na América Latina. Foi escolhida a cidade de Medellín, na Colômbia, e o ano de 1968.

A Conferência de Medellín (1968) lançou uma mensagem libertadora superando a dicotomia entre o natural e o sobrenatural. A mensagem do evangelho precisava ser vista e sentida como aquela que liberta os seres humanos da situação condicionada, opressora e injusta em que vivem.

Quando o Concílio Vaticano II aconteceu (1962-1965), a América Latina e o Caribe caíam sob as ditaduras militares. Grande parte das energias da Igreja estava voltada para a sua reforma e renovação interna. Houve até apoio e mesmo aliança de autoridades eclesásticas com os militares. Mas a ruptura não tardou. E Medellín representa um grito profético profundamente questionador em relação à secular aliança da Igreja com os governos. E, mais ainda, em relação aos governos de tipo ditatorial, marcados por um modelo de desenvolvimento e de segurança nacional, de natureza elitista e opressiva⁵⁰.

No *Documento de Medellín*, a dimensão antropológica passou de um interesse psicológico para um interesse social, voltando-se para as condições sociais dos interlocutores da catequese: “catequese interpretativa”, “situacional”, o sujeito da catequese agora não era só o “homem e mulher angustiados” em busca de Deus ou “desesperados” por não o encontrar, mas o homem e a mulher em sua situação concreta, sujeitos a vários tipos de opressão e escravidão. Para este homem e mulher, a catequese tinha que ser libertadora.

⁴⁹ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 58.

⁵⁰ NERY, I. J., A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe, *Encontros Teológicos* n. 45, p. 104.

O *Documento de Medellín*, no célebre número 6, delineou a nova perspectiva dada à catequese para os novos tempos.

De acordo com esta teologia da Revelação, a catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, deve ser fiel à transmissão, não somente da mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, mas também à sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje. As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do povo de Israel, de Cristo, e da comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente⁵¹.

A catequese, a partir de Medellín, deveria criar condições para que as comunidades se tornassem, a exemplo de Cristo, mais dinâmicas e capazes de operar mudanças, no sentido de promover a libertação do homem e da mulher. Essas ideias, entretanto, não penetraram imediatamente em nossa catequese.

Medellín, no seu todo (seu documento e o espírito inovador e libertador), trouxe um novo horizonte teórico e prático para toda a Igreja, com base em alguns eixos teológicos, pastorais e estruturais: a) a teologia da libertação; b) a eclesiologia de comunhão; c) a opção pelos pobres; d) as comunidades eclesiais de base – CEBs; e) a Bíblia na mão do povo; f) a espiritualidade e a pastoral da encarnação. E a catequese foi enormemente beneficiada por tudo o que, no decorrer da 2ª Conferência, aconteceu. E, também, pela VI Semana Internacional de Catequese, realizada ali mesmo em Medellín umas semanas antes. E, sem dúvida, também, pelos primeiros passos, então, da Teologia da Libertação⁵².

O capítulo 8º, sobre a Catequese, no *Documento de Medellín*, parte da “necessidade de uma renovação da catequese” (8, item I), essencial para educar a fé dos jovens e dos adultos. Duas são as motivações alegadas: o mundo em mudança e o processo de maturação da Igreja na América Latina. Em seguida, o documento apresenta as características da renovação da catequese: “c) a fidelidade à Revelação e à Igreja; d) a necessidade de se levar em conta as mudanças na realidade da América Latina”.

A catequese, nas trilhas de toda renovação pastoral, adquiriu então uma face libertadora. Ela vai se referir não somente à mensagem de salvação, mas também à

⁵¹ DM 6.

⁵² NERY, I. J., A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe, *Encontros Teológicos* n. 45, p. 104.

prática histórica, buscando uma nova correlação entre fé e vida. A revelação não é vista num passado distante e longe do mundo e fora da vida, mas nas situações de cada dia, na realidade movediça do cotidiano e do tecido complexo dos acontecimentos, permeando todos os seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais⁵³.

Dentre as características da renovação, recordamos ter a conferência solicitado que a catequese renovada manifeste a unidade profunda entre o projeto salvífico do plano de Deus, realizado em Cristo, e as aspirações do ser humano⁵⁴. Insistiu que a catequese deve ter caráter dinâmico e evolutivo e aprofundar a compreensão da Verdade Revelada, sem ignorar as mudanças econômicas, sociais e culturais⁵⁵.

Em “Prioridades na renovação da catequese” (8, item III), destacamos que o documento propõe que a catequese deve:

a) assumir as angústias e esperanças do homem de hoje e oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena, em Cristo, o Senhor; b) assumir as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas como parte indispensável do conteúdo da catequese; c) levar em conta o pluralismo na pastoral latino-americana; d) a catequese precisa ser eminentemente evangelizadora, primeiramente dos próprios batizados, para que cheguem a um compromisso pessoal com Cristo e a uma entrega consciente à obediência da fé, revendo a preparação para os sacramentos e tudo o que possa ser obstáculo à reevangelização dos adultos; e) catequese comunitária: amor, unidade, família, ecumenismo, justiça e paz; f) levar a sério na catequese os meios de comunicação social, a cultura da imagem; g) catequese que apresente de forma bem encarnada a mensagem Cristã.

O item IV aborda os principais “Meios para a Renovação Catequética”:

a) organização do nível nacional e diocesano até as comunidades; b) catequistas capazes de formar comunidades cristãs; c) preparação de coordenadores e orientadores em tempo integral para a catequese; d) esmerada formação dos catequistas leigos, ministros da palavra e diáconos permanentes; e) reexpressar, em linguagem e modos novos, o Evangelho, em relação com as formas de existência do homem, guardando sempre a fidelidade à Palavra revelada; f) a necessidade e urgência da reflexão catequética (Institutos Catequéticos e equipes de reflexão que atuem de forma interdisciplinar: Meios adequados para esta tarefa).

O Item V apresenta, como conclusão do capítulo dedicado à catequese, uma lista de propostas para renovar a atividade catequética:

⁵³ LIMA, L. A., A catequese no Brasil, p. 1496.

⁵⁴ DM 4.

⁵⁵ DM 5.

a) evolução das formas tradicionais da fé; b) catequese permanente dos adultos; c) evitar dicotomias e dualismos entre o natural e o sobrenatural; d) fidelidade à revelação, mas encarnada na realidade atual; e) levar em conta o ser humano no seu todo e as mudanças sociais; f) respeitar a unidade e o pluralismo das situações; g) promover a evangelização dos batizados; h) introduzir um novo catecumenato para os adultos; i) dar um novo valor catequético às famílias; j) utilizar os meios de comunicação social; k) fomentar a organização da catequese; l) formar catequistas, preferentemente autóctones; m) adaptar a linguagem eclesial ao homem de hoje, salvando a integridade da mensagem; n) estimular reflexão, experiências, Institutos, equipes, com suficiente amplitude e liberdade.

O concílio Vaticano II não foi recebido de modo servil pela assembleia de Medellín. O Concílio não foi tomado nem como ponto de partida, nem como ponto de chegada nos documentos de Medellín. A conferência de Medellín, de maneira particular no que tange à ação catequética, trouxe, como ponto de partida, a realidade do povo e dos países latino-americanos lida como sinais do tempo, onde a voz de Deus se faz ouvir e se torna interpelação premente que exige a resposta generosa da ação pastoral e social: "Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da palavra, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da ação"⁵⁶. Portanto, só depois do Concílio Vaticano II e, mais precisamente, de Medellín, foi que a catequese começou a assumir características mais autóctones, inspirada em uma teologia e em uma pedagogia mais encarnadas e, por isso mesmo, mais condizente com a nossa realidade.

2.1.3.2. A catequese na Conferência de Puebla

Depois da Conferência de Medellín, a ação catequética recebeu sucessivas doses de estímulo, possibilitando atitudes transformadoras. Aconteceu o *Congresso Internacional de Catequese*, em Roma, no ano de 1971, no qual catequetas latino-americanos apresentaram as novidades para a catequese provindas de Medellín⁵⁷. No mesmo ano, foi publicado, em obediência ao Concílio Vaticano II, o *Diretório Catequético Geral* e, no ano seguinte, 1972, o *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), no modelo catecumenal dos Santos Padres da Igreja.

⁵⁶ DM, introdução.

⁵⁷ As ideias ali apresentadas falavam das características da catequese latino-americana, principalmente: a) catequese situacional; b) conscientizadora; c) como agente de promoção humana; d) catequese evangelizadora; e) catequese de incidência política; f) catequese libertadora; g) de unidade entre teoria e práxis. Ou seja, uma catequese que tentava realizar a síntese entre Sacramento e Antropologia, entre Libertação, Bíblia e Doutrina.

O documento de Puebla (DP) teve como título “A Evangelização no presente e no futuro da América Latina” e revelou as fortes tensões daquele evento. Na “mensagem ao Povo de Deus” diz que a catequese “consiste na educação ordenada e progressiva da fé”, em uma perspectiva de “comunhão e participação” a partir dos critérios de fidelidade a Deus, à igreja, ao homem e à mulher.

Tanto na Conferência de Medellín (1968) quanto em Puebla (1979), a catequese foi destaque. Puebla reforça a construção de comunidades pela unidade e opção pelos pobres. Enquanto Medellín propõe a ideia-força da libertação, Puebla acentua a comunhão e participação como resposta de acolhida e inclusão do povo sofrido.⁵⁸

Especificamente sobre *catequese*⁵⁹, logo de início, a partir do Sínodo de 1977, há um parágrafo que marca todo o capítulo e dá um cunho emblemático à catequese, especificando os seus desafios: “A catequese, ‘que consiste na educação ordenada e progressiva da fé’ (Mensagem do Sínodo de 1977, 1), deve ser atividade prioritária da Igreja na América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade”⁶⁰.

A expressão “participação e comunhão” pode ser diretamente relacionada com o que podemos chamar o “espírito de Puebla”. A catequese libertadora para a “comunhão e participação” na “opção preferencial pelos pobres”⁶¹. Com isso, a catequese deveria ser ação prioritária da Igreja para chegar a uma participação e comunhão de pessoas na comunidade e na sociedade. Nisso, a catequese teria exatamente o mesmo fim que a evangelização porque aprofunda, ordena, faz progredir a fé recebida.

O Documento apresenta projetos pastorais, tarefas para os catequistas, orientações metodológicas e, por fim, sob o título “ação catequética”, em consonância com o sínodo de 1977, volta a insistir em que “se favoreça a catequese permanentemente desde a infância até a velhice, integrando-se entre si as comunidades ou instituições

⁵⁸ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 139-146.

⁵⁹ CT 3.

⁶⁰ DP 977.

⁶¹ Essa opção de Medellín, formulada em Puebla (n. 1134-1165), foi estendida explicitamente a toda a Igreja no Sínodo extraordinário de 1985 e na encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, n. 42. Em todas as *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, que se renovam de 4 em 4 anos, o episcopado brasileiro tem mantido, desde 1979, esta expressão nos planos pastorais: “Evangelizar [...] à luz da evangélica opção pelos pobres” (Cf. CNBB, Doc. 71, objetivo geral, p. 5).

que catequizam, a saber: a família, a escola, a paróquia, os movimentos e as diversas comunidades ou grupos”.⁶²

Para análise do documento de Puebla no que tange à ação catequética, apoiamo-nos no texto do Ir. Nery⁶³ publicado pela Revista Encontros Teológicos. Em primeiro lugar, Puebla, no item “Situação” (n. 978-991), fez um panorama da caminhada da catequese desde Medellín. Foram levantados diversos *aspectos positivos*, que ajudaram o florescimento da ação catequética:

a) o esforço por integrar fé e vida; b) o partir de Cristo para se chegar à sua mensagem de vida; c) o amor à Sagrada Escritura, como fonte principal da catequese; d) a construção da pessoa e da comunidade, segundo a visão cristã; e) a dimensão comunitária da catequese e, por isso, a responsabilidade da comunidade eclesial pela catequese em todas as suas formas e modalidades; f) a necessidade de a catequese ser um processo de conversão e de crescimento permanente e progressivo na fé; g) a catequese, vista como processo dinâmico, gradual e permanente de educação na fé; h) o aumento das instâncias de formação de catequistas em todos os níveis; i) a proliferação de bons textos de catequese e catecismos.

Mas Puebla apontou, também, alguns *aspectos negativos*:

a) a catequese não conseguiu chegar a todos, especialmente, a vastos e importantes setores da juventude, das elites intelectuais, dos camponeses, do mundo operário, das forças armadas, dos anciãos, dos enfermos; b) ainda se cai em dualismos e falsas oposições entre doutrina e situação, sacramento e vivência e, também, há ainda formalismos e alguns exageros, como a total eliminação da memorização; c) falhas na iniciação à oração e à liturgia; d) falhas no cuidado quanto aos conteúdos, deixando passar na catequese meras hipóteses teológicas ou de estudo; e) e uma certa desorientação quanto ao ecumenismo.

Em um segundo momento, Puebla apresentou “critérios teológicos para a catequese” (n. 982-999):

a) comunhão e participação; b) fidelidade a Deus; c) fidelidade à Igreja; d) fidelidade ao homem latino-americano; e) conversão e crescimento dos fiéis; f) catequese integradora (cf. Sínodo de 1977, 11: conhecimento da Palavra de Deus, celebração da fé e confissão da fé na vida cotidiana).

O terceiro aspecto desenvolvido em Puebla para a catequese, referiu-se aos “Projetos Pastorais” (n. 1000-1008): “a) formar pessoas comprometidas com Cris-

⁶² OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 143.

⁶³ NERY, I. J., A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe, Encontros Teológicos n. 45, p. 91-120.

to, com a Igreja e com a missão salvífica; b) ter a Sagrada Escritura como fonte principal da catequese, porém, lida no contexto da vida, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja”. Incentivou, também, à formação bíblica dos fiéis e os Círculos Bíblicos: “c) dar prioridade à formação de catequistas; d) formação catequética dos Presbíteros e dos Religiosos/as”.

Para os catequistas, Puebla deu as seguintes orientações (n. 1004-1008):

a) zelar pela integridade do anúncio da Palavra; b) incluir a vocação na catequese, também a vocação leiga, visando o compromisso dos fiéis; c) usar metodologia que conduza à conversão, à fé em Cristo, à vida comunitária, à vida sacramental e ao compromisso apostólico; d) ministrar a educação integral da fé.

Ao tratar do tema “Metodologia” (n. 1009), Puebla ressaltou a recomendação do papa Paulo VI para a memorização das mais importantes sentenças bíblicas e de textos litúrgicos. E falou da importância das técnicas audiovisuais. No final deste item sobre a *catequese*, o DP deu duas orientações práticas: “a) a necessidade de se aprender a trabalhar com grupos, mas também com grandes multidões” e, para este último caso, deu o exemplo das Santas Missões Populares; “b) a importância da catequese permanente integrando todas as instâncias pastorais para que os fiéis, das crianças aos idosos, sejam evangelizados e catequizados”.

O documento falou, também, sobre a ideia de comunhão e participação que se relaciona com a libertação, “opção preferencial pelos pobres”:

Práxis evangélica libertadora a serviço do Reino: é o critério das obras segundo o Espírito, obras que dão testemunho dos valores do Reino: amor, serviço, fraternidade, reconciliação, promoção integral de todos. É sobretudo o grande sinal da opção preferencial pelos pobres, a solidariedade vivida com o povo humilde e explorado (cf. Puebla, n. 1145)⁶⁴.

Enfim, a catequese na Conferência de Puebla apresentou a missão salvífica da Igreja, na qual encontra-se a libertação integral das pessoas, que é a libertação de toda a escravidão para o crescimento e a comunhão (Puebla, n. 141,482). Assim surgiu a necessidade da opção pela evangelização libertadora (Puebla, n. 485-487). Isto é, tendo como centro a opção pelos pobres, os menos favorecidos, quis inseri-los em uma ação evangelizadora que fosse libertadora, que os ajudasse a viver com dignidade dentro de uma perspectiva de comunhão e participação. Con-

⁶⁴ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 232.

sideramos uma catequese que almeja educar para uma fé viva e transformadora da vida e da realidade.

2.1.3.3.

A catequese na Conferência de Santo Domingo

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, no ano de 1992, convocada pelo papa João Paulo II. Teve como tema “A Nova Evangelização, Promoção humana, Cultura Cristã”, sob o lema “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre”. Essa Conferência celebrou os 500 anos do início da evangelização da América Latina e teve os seguintes objetivos: celebrar Jesus Cristo, sua mensagem como crucificado e ressuscitado; aprofundar as orientações de Medellín e Puebla e definir a estratégia de evangelização, respondendo aos desafios dos novos tempos. A ideia central foi a Nova Evangelização, e a meta, a inculturação do Evangelho.

No discurso inaugural, o papa João Paulo II lembrou a importância da catequese para a qual todos os evangelizadores devem dar atenção especial. A catequese foi mencionada como ministério profético da Igreja que atualiza a revelação amorosa de Deus manifestada em Jesus Cristo e educa o discípulo de Cristo. A Conferência deu graças a Deus pelo trabalho desempenhado pelos catequistas, porém, considerou que havia muito a fazer, pois a catequese não chegava a todos ou, muitas vezes, acontecia de forma superficial sem transformar a vida das pessoas, das comunidades e da sociedade⁶⁵.

Santo Domingo propôs a catequese querigmática e missionária para haver realmente uma Nova Evangelização. Insistiu que os catequistas fossem dotados de sólido conhecimento bíblico na perspectiva da Tradição e do Magistério da Igreja, para iluminar a realidade atual pela Palavra de Deus. Dessa forma, a catequese seria eficaz para a inculturação do Evangelho e deveria ir da infância à idade adulta, utilizando os meios mais adequados para cada idade e situação. Afirmou-se, também, que, para a educação da fé, os catecismos são importantes como subsídios⁶⁶.

Com o intuito de enfrentar alguns desafios pastorais, o documento de Santo Domingo (DSD) sugeriu uma ação catequética mais intensa. A Pastoral Vocacio-

⁶⁵ DSD 41.

⁶⁶ DSD 49.

nal, por exemplo, “deve estar fundamentada na catequese da Confirmação”⁶⁷. “É valorizada a participação dos leigos na catequese”⁶⁸. “E diante do avanço das seitas fundamentalistas, no meio dos imigrantes, das populações sem atendimento sacerdotal e com grande ignorância religiosa, pede-se uma catequese que instrua o povo, explicando o mistério da Igreja, sacramento de salvação e de comunhão, a mediação da Virgem Maria, dos santos e a missão dos bispos”⁶⁹. “A catequese deve estar adaptada aos desafios pastorais da migração, onde aparecem o desenraizamento cultural, a insegurança, a discriminação e a degradação moral e religiosa”⁷⁰. “Aos desafios da família de hoje a catequese familiar busca responder, valorizando a oração no lar, a Eucaristia, a participação no sacramento da Reconciliação, o conhecimento da Palavra de Deus, para que a família venha a ser fermento na Igreja e na sociedade”⁷¹.

Os Bispos afirmaram seu compromisso com a Nova Evangelização: Uma nova evangelização de nossos povos, à qual todos estão chamados com ênfase na Pastoral Vocacional e com especial protagonismo dos leigos, entre eles, os jovens, mediante a educação contínua da fé e sua celebração na Catequese e na Liturgia”⁷².

Acompanhando o itinerário da Igreja na América Latina, o Brasil participou da IV Conferência em Santo Domingo. Os bispos apresentaram a evangelização e catequese e uma Nova Evangelização, sempre a partir do mandato de Cristo e seus apóstolos. Se a evangelização precisava ser nova, não significava invalidar ou tornar infrutífera a anterior, nem mesmo significava propor um novo Evangelho. “A Nova Evangelização surge na América Latina como resposta aos problemas apresentados pela realidade de um Continente no qual se dá um divórcio entre fé e vida ao ponto de produzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência [...]”⁷³.

A Nova Evangelização queria formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação em que se vive, provocada pelas mudanças sociais e culturais, marcadas pelo materialismo, pela cultura da morte e pela invasão das

⁶⁷ DSD 80.

⁶⁸ DSD 101.

⁶⁹ DSD 141-142.

⁷⁰ DSD 189.

⁷¹ DSD 224.

⁷² DSD 301.

⁷³ DSD 24.

seitas e propostas religiosas de diversas origens. Julgou necessário penetrar as culturas e as situações concretas do povo e oferecer-lhes a fé como caminho iluminador. Acentuou uma catequese querigmática e missionária, convocando sempre novos catequistas a que se capacitassem no sólido conhecimento da Palavra de Deus, para iluminar a realidade pessoal, comunitária e social.

Portanto, todos os temas que constam no DSD interessam à catequese, a começar pelo tema e o lema. É sempre fundamental, como consta na *Primeira Parte* do Documento, voltar à pessoa de “Jesus Cristo, Evangelho do Pai” (cf. DSD 1-3) e à “profissão de fé” (cf. DSD 4-15). É indispensável, sempre, retomar o querigma, o anúncio primeiro que leva à conversão.

2.1.3.4.

A catequese na Conferência de Aparecida

O CELAM, motivado pelo Jubileu do ano 2000 e pelo terceiro milênio estudou a possibilidade da realização da V Conferência Geral do Episcopado em Aparecida, no estado de São Paulo, Brasil, em 2007. Inicialmente pensou-se no tema “Kerigma”, mas o tema escolhido recebeu a seguinte formulação: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos n’Ele tenham Vida: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6)”. O tema fala discípulos e missionários de Jesus Cristo, importa ressaltar, porém, que o tema e o lema da 5ª Conferência são plenamente catequéticos.

No ano de 2007, as Igrejas da América Latina e Caribe traçaram suas linhas de ação, o documento final (DAp) trouxe uma proposta desafiadora. É um texto bastante rico de reflexões, de constatações e, principalmente, de orientações e propostas em vista da evangelização.

As condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino de vida, que Cristo veio trazer, é incomparável com suas situações desumanas. (DAp 358).

A proposta de Aparecida foi desafiadora, pois colocou mais uma vez a Igreja a serviço dos pobres, dos menos favorecidos, em busca de uma evangelização que atenda aos anseios do homem e da mulher por inteiro, na sua integralidade,

uma evangelização que coloque a vida e fé como caminho para uma ação missionária eficiente e eficaz.

Podemos afirmar que todo o documento interessa à catequese como transmissão e educação da fé, uma vez que a catequese deve ser entendida como evangelização. Mas especificamente no capítulo VI do Documento a catequese é tratada como Iniciação à Vida Cristã, bem como uma formação permanente.

As reflexões do capítulo VI, especificamente nos itens terceiro e quarto, tratam da catequese de iniciação e da catequese permanente, fazem uma ligação e, ao mesmo tempo, detalham suas especificidades.

Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé, na qual se deve incorporar um discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida⁷⁴.

Trata-se, pois, de retomar a grande prática da iniciação cristã como *processo* profundo de mergulho na vida cristã, processo que implica muitos agentes de pastoral; dentro desse processo a catequese não realiza apenas mudanças metodológicas, mas reveste-se de um verdadeiro novo paradigma.

Com relação à catequese, o DAp apresentou algumas preocupações que vale ressaltar aqui.

A iniciação à vida cristã como necessidade para as pessoas que não participam da vida da comunidade eclesial questiona, também, o jeito como estamos educando na fé, e traz a proposta de uma catequese que parta do querigma como uma maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo (Cf. DAp 286-288).

O DAp trouxe uma proposta clara para que a iniciação cristã aconteça em nossas comunidades: uma catequese que seja querigmática, que introduza a pessoa no contato com Jesus Cristo, utilizando, assim, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) como modelo para direcionar o crente aos mistérios divinos e à celebração dos sacramentos, mas para isso é preciso uma renovação da consciência de catequese bem como dos modelos que temos de pastoral e de paróquia. (Cf. DAp 289-294).

⁷⁴ DAp 294.

A catequese é permanente, acontece ao longo de toda a vida, por isso é preciso pensar em um itinerário que acompanhe a formação dos discípulos missionários, bem como dos agentes da catequese, superando assim uma catequese meramente sacramental ou apenas iniciática, é preciso pensar na continuidade, é preciso ter na ação evangelizadora a catequese permanente (DAp 295-300).

Existem outros números que tratam de forma mais ampla o tema da catequese, no entanto nos limitamos a estes de modo específico, pois, aqui, Aparecida nos ilumina para uma catequese que seja iniciática, e ao mesmo tempo permanente, preocupada em formar pessoas em contato com Jesus.

O documento conclusivo da V Conferência está estruturado em 10 capítulos, distribuídos em três partes, que correspondem à dinâmica do método ver-julgar-agir, cujo esquema está alinhado pelo fio condutor em torno à Vida, explicitado transversalmente no tema da V Conferência.

A primeira parte foi intitulada: A vida de nossos povos hoje (ver); a segunda parte: A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários (julgar) e a terceira parte: A vida de Jesus Cristo para nossos povos (agir).

No documento da V Conferência percebemos que o texto está embebido de catequese, sua linguagem é catequética, bem como sua preocupação perpassa por uma catequese evangelizadora. Notamos uma distinção entre a iniciação como catequese básica e a catequese permanente, com catequese continuada. Percebemos que, no contexto marcado pela mudança de época, o enfoque principal do documento está na formação de discípulos-missionários de Jesus Cristo.

Mesmo estando a catequese presente em todo o documento, entre os números 268 e 300, estritamente, encontramos referências sobre o processo catequético.

Para anunciar bem o Evangelho, a Igreja deve estar atenta aos sinais dos tempos. Não pode só responder a perguntas que não foram feitas, pois há um grande risco de oferecermos resposta às perguntas que ninguém mais faz. Como Igreja discípula-missionária devemos conhecer a realidade e a sede dos nossos interlocutores de hoje, e como participar das alegrias e esperanças deste nosso tempo.

O documento considera como anunciar a Boa Nova e formar discípulos-missionários no hoje da nossa história, atentando aos sinais dos tempos, a partir da nossa realidade. Para isso, a ação evangelizadora da catequese deve ser/estar inculturada para favorecer o encontro com Jesus Cristo.

Corremos o risco de fazer apenas uma análise fria da realidade e somente apontar as dificuldades, as sombras que vivemos no atual contexto de mudança de época. É preciso ver as luzes que herdamos, o caminho que já percorremos a partir do positivo.

Sabemos que as mudanças culturais têm dificultado a transmissão da fé por parte da família e da sociedade, nem sempre a “tradição familiar” permaneceu. Nestes novos tempos há um distanciamento muito forte da prática cristã religiosa, herdada do ambiente familiar, com isso, muitos abandonam a Igreja. Infelizmente, a linguagem da catequese é pouco significativa para a cultura atual, principalmente para os jovens. Por isso, é necessário levar em conta as situações existenciais marcadas pela mudança de época. A presença da Igreja na geração de cultura e nos Meios de Comunicação Social (MCS) é ainda insignificante. Diante dessa realidade desafiadora, a catequese está a serviço da iniciação à vida cristã, sendo um dos canais privilegiados de transmissão da fé.

O documento considera que a catequese de muitos não os ajudou a adquirir uma identidade cristã sólida (DAp 297), pois tem sido algo ocasional. É uma ação de momento, que antecede os sacramentos da iniciação cristã (DAp 298). Nossa ação evangelizadora ainda tem sido algo puramente doutrinal. Não se forma a fé integralmente (DAp 299). Com isso, a iniciação cristã está fragmentada! Não se vê mais o itinerário discípulo-missionário: querigma, sacramentos, formação permanente (DAp 287).

A catequese a serviço da iniciação à vida cristã aparece no documento como processo de formação dos discípulos-missionários presente no capítulo VI.

Aqui podemos fazer uma alusão para os tempos propostos neste novo paradigma chamado iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. O primeiro aspecto é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, a necessidade do anúncio do querigma que desperta e encanta o candidato; o segundo aspecto está relacionado com a adesão, a conversão; o terceiro aspecto é o discipulado, o seguimento aos ensinamentos do mestre; com isso, vem a consequência do quarto aspecto que é a comunhão e, por fim, a missão, como testemunho.

O aspecto do "discipulado" salienta que a pessoa amadurece permanentemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre. Para esse passo, são de fundamental importância a Catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial.

Por isso, a catequese não pode ser um programa, mas a comunicação de uma experiência (DAp 145); deve estar inculturada na realidade para favorecer o encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

O documento enfatiza a “Iniciação à vida cristã e a Catequese permanente”. Observamos, também, que se preocupa com os “cristãos afastados” (DAp 286-288), pois aqui está um grande desafio e, com isso, questiona a maneira como educamos na fé. “Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora” (DAp 286). Assim, a catequese deve ser uma formação orgânica e sistemática da fé. Não se reduz ao ensinamento, mas leva ao seguimento.

Percebemos que já não se trata apenas de preparar para receber os sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação, Eucaristia), mas é preciso preparar para ser discípulo-missionário, para ser cristão.

Referindo-se ao catecumenato batismal, o documento traz acenos para os não batizados e o catecumenato pós-batismal, para os batizados não suficientemente catequizados.

Os números 289 a 294 apresentam as propostas para a iniciação cristã. Recordam da importância de iniciar pelo querigma, guiado pela Palavra de Deus que aproxima a pessoa de Jesus Cristo, chegando à conversão e ao seguimento em uma comunidade eclesial onde se amadurece na prática sacramental e no serviço (DAp 288).

Aponta que é necessário assumir a dinâmica catequética da iniciação cristã como instrumento para forjar a identidade cristã com as convicções fundamentais e o sentido da vida, gerando discípulos cristocêntricos, orantes, amantes da Palavra de Deus, praticantes dos sacramentos e inseridos na comunidade eclesial e social (DAp 292).

O documento pede que a catequese seja mistagógica, ou seja, tenha caráter de experiência e muito apoiado na liturgia (DAp 289). Destaca que “a iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo” (DAp 291).

O *Documento de Aparecida*, na linha dos documentos pós-conciliares, deixa a mensagem de que a catequese precisa ser de inspiração catecumenal, possuindo algumas características iniciáticas, tais como: o cultivo da amizade com Cristo na

oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um serviço aos demais (DAp 129).

Com raras exceções, os interlocutores necessitam, sobretudo hoje, do primeiro anúncio (querigma), de um primeiro passo para a conversão, de um encaminhamento ao discipulado, de engajamento na Igreja e na construção do Reino. A Igreja, portanto, precisa de catequese evangelizadora a partir da iniciação à vida cristã, com o objetivo de formar discípulos-missionários de Jesus Cristo: Caminho, Verdade e Vida, e também membros comprometidos com a vida e o dinamismo da Igreja, engajados generosamente na construção do Reino de Deus na história. Por isso, a insistência de propiciar uma formação permanente integral e processual do discípulo que responda ao tempo que se vive a partir de uma expressão de fé comprometida.

O documento acentua que a Paróquia é o lugar de se assegurar a iniciação cristã, com isso, se faz necessário o estudo do Ritual de Iniciação Cristã que exige uma renovação da catequese na Paróquia (DAp 293). Assumir essa iniciação cristã exige uma renovação de modalidade catequética na paróquia, por isso, propõe que o processo catequético de formação, adotado pela Igreja para a iniciação cristã, seja assumido em todo o continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental (DAp 294), acentuando que depois virá a catequese permanente no processo de amadurecimento da fé (DAp 295-300).

Acrescenta que neste tempo de mudança de época, a partir dos sinais dos tempos, percebemos a necessidade de uma catequese adequada, que promova a adesão pessoal e comunitária a Cristo. Contudo essa é uma tarefa que cabe a toda a comunidade, mas de maneira especial aos bispos (DAp 297). A catequese não deve ser só ocasional, mas “itinerário permanente”. Daí a importância de as Conferências Episcopais estabelecerem um processo catequético orgânico e progressivo, que leve em consideração o Diretório Geral para a Catequese (DGC) e a catequese com adultos como a forma fundamental da educação da fé permanente, baseada na leitura e meditação da Palavra de Deus (DAp 298). Assim, a Catequese não pode se limitar a uma formação meramente doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral (DAp 299).

Em nossa cultura sabemos da relevância da piedade e da religiosidade popular, por isso, o documento lembra a importância da valorização desses temas na

catequese: “deve-se dar catequese apropriada para acompanhar a fé presente na religiosidade popular – visita às famílias, oração familiar, leitura orante da Palavra de Deus, desenvolvimento das virtudes evangélicas” (DAp 300).

Para que aconteça uma evangelização integral da pessoa é preciso cuidar da evangelização da família, por isso, o documento destaca o papel da família na catequese. A família é a primeira escola da fé. Com base nisso, o documento valoriza e incentiva a catequese familiar já implementada de diversas maneiras, que tem se revelado como ajuda proveitosa à unidade das famílias, oferecendo possibilidade eficiente de formar os pais de família, os jovens e as crianças como testemunhas em suas respectivas comunidades (DAp 303).

O documento sugere uma catequese atrativa para os jovens, na qual sejam introduzidos no mistério de Cristo; buscando mostrar a eles a beleza da Eucaristia dominical e que os leve a descobrir, nela, o Cristo vivo e o mistério fascinante da Igreja. Lembra também de propor aos jovens, gradualmente, o exercício da Leitura Orante e a oração pessoal (DAp 446d).

Diante de linguagem e conteúdos não atrativos, o documento propõe-se à revisão de conteúdo das diversas catequese com adultos, jovens, adolescentes e crianças e das atividades e movimentos relacionados à família para favorecer o anúncio e reflexão sobre a vocação chamada a viver no matrimônio, Igreja e sociedade (DAp 463a).

A partir do contexto atual, da grande virada tecnológica, o documento destaca o valor do uso dos Meios de Comunicação Social na catequese. Em nosso século, o primeiro anúncio, a catequese e aprofundamento da fé não podem prescindir dos Meios de Comunicação Social (DAp 485). Recorda a necessidade de criar oportunidades para utilização da arte de qualidade na catequese de crianças, adolescentes e adultos, assim como nas diferentes pastorais da Igreja (DAp 499).

A ação evangelizadora deve estar sempre inserida, nunca alienada; por isso, o documento lembra a dimensão social da catequese. Afirma que é tarefa da Igreja ajudar com a pregação, a catequese, o anúncio e o testemunho do amor e da justiça, para que se despertem na sociedade as forças espirituais necessárias e se desenvolvam os valores sociais (DAp 385). Também sugere uma catequese social incisiva, porque a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas mudanças sociais e políticas (DAp 505).

Entendemos que a catequese evangelizadora é um serviço eclesial essencial para a formação e o crescimento da Igreja e sem uma catequese eficiente não teremos pessoas maduras na vida da comunidade eclesial. A catequese deve oferecer a iniciação aos mistérios divinos, bem como um itinerário, que é um processo de educação da fé.

A iniciação cristã que inclui o querigma é um modo prático de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e introduzi-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da iniciação e aprofundar o seu rico sentido. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados (Dap 288).

Temos a convicção de que a mensagem da Conferência de Aparecida sobre a catequese e a iniciação à vida cristã encontra-se intimamente ligada com a proposta pedagógica de um caminho de crescimento na fé e de formação para o discipulado. Somos convocados a dar um salto significativo na nossa missão evangelizadora; somos impelidos a ultrapassar os limites de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária. Evoca-se a passagem de uma pastoral de “conservação” para uma pastoral evangelizadora, missionária (fim do período de “cristandade”⁷⁵). Comprendemos que é chegada a hora de repropor itinerários catequéticos de amadurecimento da fé com metodologias capazes de suscitar discípulos e gerar a consciência de vida cristã que culmina na missão.

⁷⁵ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 363.

2.1.4. Os documentos eclesiais sobre a catequese⁷⁶

Após o Concílio Vaticano II foi publicado, em resposta e como ressonância ao Concílio, o *Diretório Catequético Geral* e, no ano seguinte, 1972, o *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos*.

Os vários Sínodos, depois de Medellín, foram importantes para a catequese: *Evangelização*, 1974 (que deu origem a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, 1975); *Catequese*, 1977 (que originou a *Catechesi Tradendae*, de João Paulo II, 1979). Para todos esses Sínodos, os episcopados de cada país e o CELAM prepararam textos, responderam aos questionários enviados pelo Vaticano e refletiram sobre os *Lineamenta* e sobre os denominados *Instrumentum Laboris*. Depois de Puebla, em nível de Igreja mundial e de América Latina, houve um grande surto de documentos, estudos e experiências em catequese. Devido ao grande volume de textos, optamos por citar os principais⁷⁷, que situam a catequese nesse novo contexto.

2.1.4.1. Diretório Catequético Geral

A Sagrada Congregação para o Clero, responsável pela disciplina da catequese em toda a Igreja, promulgou, em 11 de abril de 1971, o *Diretório Catequético Geral* (DCG). Oliveira diz que, em particular, o DCG despertou a atenção sobre os seguintes pontos de grande interesse catequético no Brasil:

1. A nova situação pastoral no mundo exige uma reorientação, aprofundamento e intensificação do apostolado catequético;
2. A renovação catequética requer mais que a simples intensificação da atividade catequética tradicional; aprofundamento do conteúdo com a concentração nos elementos principais; integração harmônica de aspectos ainda descuidados como as dimensões humanas do Evangelho e, conseqüentemente, o compromisso temporal do cristão;
3. A fé madura individual e comunitária é o objetivo de toda atividade catequética;

⁷⁶ O período pós-conciliar, mais que qualquer outro, foi também pródigo em novos instrumentos e em diretrizes para uma renovação metódica da catequese eclesial. Cumpre lembrar, antes de tudo, os vários documentos e manifestações que, em termos de Igreja universal, representam um *corpus* catequético de notável alcance: o *Diretório geral catequético*, de 1971; a publicação, em 1972, do *Ordo initiationis christianae adultorum* (Oica ou Rica), os dois Sínodos de 1974 e 1977, com as respectivas exortações apostólicas conclusivas, *Evangelii Nuntiandi* (EN) e *Catechesi Tradendae* (CT); e, em seguida, a encíclica *Redemptoris Missio* (RM), em 1990, o *Catecismo da Igreja Católica* (1992) e o novo *Diretório geral para a catequese* em 1997 (ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 86).

⁷⁷ GRIZONA, R., *La catequesis en América Latina*, Revista Medellín.

4. A evangelização deve preceder e acompanhar a catequese;
5. Quanto ao conteúdo o DCG destaca o amor de Deus como o ponto de partida da catequese que deve ser teocêntrico, cristocêntrico, antropocêntrico; há uma hierarquia de verdades;
6. Colaboração com os pais de família e do grupo particular na catequese e em todo processo da educação cristã;
8. Enfatiza a catequese de adolescentes, jovens e adultos, sem prejuízo da catequese de crianças, “educação permanente dos adultos, na fé.”⁷⁸

O Diretório Geral da Catequese influenciou o surgimento de vários projetos, particularmente os que se referiam à formação de catequistas, catequese com adultos, a catequese e atenção à família e outros.

2.1.4.2. Evangelii Nuntiandi

O 3º Sínodo dos Bispos, em 1974, sobre “A Evangelização no mundo contemporâneo”, trouxe algumas reflexões para a ação catequética no Brasil. No documento, o papa Paulo VI apontou a catequese como uma das “vias de Evangelização”; recomendou um “sistemático ensino religioso” acompanhado da “educação dos hábitos da vida religiosa”; disse que a catequese deve ser ministrada na igreja, nas escolas e nos lares cristãos; desejou que houvessem “textos apropriados e atualizados”; insistiu na preparação de bons catequistas e recomendou a catequese “sob a forma de catecumenato”⁷⁹.

Na exortação há uma grande contribuição no que se refere ao tema e ao conceito de evangelização, acentuou-se o tema da *Libertação da pessoa* como em Medellín, *o olhar para o ser humano se amplia*, pois não compreende a sua missão apenas no campo religioso, mas também com os problemas temporais do homem e da mulher.

Em continuidade ao tema, com o Sínodo de 1974 sobre a Evangelização, o papa Paulo VI indicou para a quarta Assembleia Geral dos Bispos “A Catequese em nosso tempo com particular referência à catequese das crianças e dos jovens”, destacando dois aspectos relevantes: a catequese permanente e a comunidade eclesial.

⁷⁸ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 85.

⁷⁹ EN 44.

A proposição 15, que traz o significativo título “A Catequese como processo permanente” não recebeu sequer um voto negativo, em afirmar que “a educação da fé não pode limitar-se à recepção dos Sacramentos, mas deve ser oferecida aos homens como um itinerário permanente de maturação cristã que acompanhe os fiéis desde a idade pré-escolar até a velhice.” Na proposição 21, que não teve nenhum voto contra, também a catequese é entendida “como exigência para todos os cristãos” afirmava “em nossa época mais que em outros tempos se exige uma catequese que acompanhe os cristãos ao longo da vida toda”⁸⁰.

A preparação para o Sínodo de 1974 apresentou com força a catequese como educação permanente da fé reportando diretamente na catequese de adultos, caracterizou a catequese de crianças e de jovens não como etapas estanques ou conclusivas, mas como etapas integradas e preparatórias à etapa seguinte. Os padres sinodais repetiram muitas vezes que a comunidade cristã é ao mesmo tempo *fonte, lugar e meta da catequese*⁸¹.

2.1.4.3. Catechesi Tradendae

No encerramento do Sínodo de 1977, os padres sinodais entregaram ao papa Paulo VI uma abundante documentação de trinta e quatro proposições. Retomando as considerações deixadas pelo papa Paulo VI e recolhidas pelo papa João Paulo I, o papa João Paulo II entregou o documento com os vários aspectos para a catequese no momento atual.

Com a Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* do papa João Paulo II, de 16 de outubro de 1979, o texto trouxe um novo horizonte para a ação da catequese no mundo, teve boas repercussões no Brasil, e foi, sem dúvida, um paternal presente de fim de ano oferecido carinhosamente pelo papa ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja⁸².

Percebemos no texto a importância fundamental e a prioridade que papa João Paulo II deu à catequese na Igreja e para a Igreja:

Quanto mais a Igreja, em nível local ou universal, se mostrar capaz de dar prioridade à catequese – em relação a outras obras e iniciativas cujos resultados possam ser mais espetaculares – tanto mais encontrará na catequese o meio para a consolida-

⁸⁰ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 126-127.

⁸¹ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 129.

⁸² PASSOS, M., Uma história no plural, p. 108-109.

ção da sua vida interna como comunidade de fiéis, bem como da sua atividade externa missionária.⁸³

Desde o *Acerbo Nimis* (1905) não aparecia outro documento pontifício inteiramente dedicado à catequese. Isso já constituía motivo forte para que as palavras de João Paulo II fossem bem acolhidas por todos os que se dedicam à catequese.

Podemos destacar alguns elementos do documento que são importantes para a renovação da catequese, segundo Oliveira:⁸⁴

[...] o elemento pedagógico da catequese, porque é educação; o elemento permanente, enquanto se destina a “crianças, jovens e adultos”; o elemento doutrinal-vital, por que é dado “de maneira orgânica e sistemática” mas “com o fim de iniciar na plenitude da vida cristã”.

O papa reforça o elo entre doutrina e vida quando afirma que “a doutrina não é um corpo de verdades abstratas: ela é a comunicação do mistério vivo de Deus”⁸⁵.

Com a exortação o papa João Paulo II não pretendia dizer uma última palavra sobre a catequese, mas entrou decididamente no campo da catequese situacional-libertadora em busca de uma sociedade mais humana, mais fraterna e solidária, uma catequese que esteja sempre em busca de uma “renovação contínua”⁸⁶.

2.1.4.4. Catequese Renovada⁸⁷

Com todo este fervilhar do movimento catequético na Igreja universal, no Brasil não foi diferente, houve um movimento intenso no episcopado para pensar a ação catequética, motivado pela visita apostólica do papa João Paulo II ao Brasil em 1980, com sua fala pertinente e motivadora sobre a necessidade de renovação

⁸³ CT 15.

⁸⁴ OLIVEIRA, R. M., O movimento catequético no Brasil, p. 96.

⁸⁵ CT 7.

⁸⁶ CT 17.

⁸⁷ CNBB, Doc. 26. Para um estudo detalhado do movimento catequético brasileiro, cf. LIMA, L. A. *A face brasileira da catequese: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório*. 1995. Tese (Doutorado em Catequese) Universidade Pontifícia Salesiana, Roma, 1995.

da catequese⁸⁸. Iniciou-se uma fase de estudos e reflexões sobre a natureza e a finalidade da catequese, já em Puebla e *Catechesi Tradendae* afirmava-se que a educação da fé se faz a partir dos acontecimentos da vida em comunidade⁸⁹.

Na 17ª Assembleia Geral da CNBB em 1979, o episcopado demonstrou interesse especial pela catequese, escolhendo-a como tema de reflexões e decisões. D. Cavallin convocou um seminário para fundamentar critérios sobre conteúdo e metodologia para a pastoral catequética, conforme os documentos da Igreja e a caminhada histórica do Brasil. As conclusões foram pontuadas pelo cristocentrismo, eclesiologia de comunhão e dimensão antropológico-situacional. O conteúdo fundamental da fé é seguimento de Jesus Cristo dentro da comunidade de fé que o transmite por um processo de Tradição, à qual pertence a Escritura, articulada com as situações de vida⁹⁰.

Após quatro assembleias dos bispos do Brasil (1980-1983), no ano de 1983 foi aprovado o documento número 26 da CNBB com o título *Catequese Renovada: orientações e conteúdo*. Esse documento aconteceu sob o influxo do Sínodo de 1977 sobre a catequese, de Puebla e do estímulo de João Paulo II tanto em sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, como por intermédio de vários pronunciamentos e encontros com o episcopado brasileiro por ocasião da sua visita ao Brasil em 1980⁹¹, com certeza este foi um dos momentos mais fortes do movimento catequético do Brasil, o documento final foi fruto da contribuição de grande multidão, entre eles estudiosos, catequistas e agentes de pastorais.

Esse por sua vez, se serve da experiência vital dos agentes de catequese e da assessoria dos estudiosos. Mais do que sua aprovação num texto oficial, foi significativo

⁸⁸ “A catequese, portanto permanece sempre tarefa principal da evangelização, conforme salientava a Assembleia do Sínodo dos Bispos de 1974. Penso, pois que ela deve constituir uma preocupação constante da Conferência Episcopal como tal e dos seus diversos organismos, que não deixarão de recorrer, quando necessário, a teólogos e peritos na arte de ensinar para precisão da doutrina e adaptação dos catecismos para as diversas idades e diversos níveis das pessoas às quais se destinam. Quanto ao conteúdo e métodos desta catequese, não vou aqui retomar o que procurei explicitar, na medida do possível, em minha Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. Recordo somente que os fiéis chamados à comunhão da Igreja têm o direito de receber a ‘palavra da fé’ (Rm 10,8) ‘em todo o seu rigor e todo o seu vigor’ (CT, 30) através de uma catequese eficaz, ativa e adequada: uma catequese que, pela integridade de seu conteúdo, traga ao homem do nosso tempo toda a mensagem de Jesus Cristo. Neste domínio, nós Bispos da Igreja teremos sempre viva em nossa consciência de Pastores a questão dos textos de catequese: como são elaborados? qual o seu conteúdo? que mensagem transmitem? que imagem de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja, da vida cristã, da vocação do homem, eles comunicam? Eis um campo em que o zelo e a vigilância pastoral deverão se exercer como em poucos outros” (JOÃO PAULO II, PP., Viagem apostólica do Santo Padre ao Brasil).

⁸⁹ CT 15.

⁹⁰ BRUSTOLIN, L. A.; RODRIGUES, M. M. A renovação da catequese na América Latina e Brasil, Teocomunicação, p. 201.

⁹¹ LIMA, L. A., A catequese no Brasil, p. 1497.

o processo pelo qual ele foi gerado: envolveu a participação dos catequistas de base, grande número de catequetas e quatro assembleias gerais do episcopado (1980-1983), além de ter sido precedido por dois instrumentos de trabalho e a redação de vários roteiros de catequese⁹².

A catequese renovada, no contexto da opção evangelizadora, está a serviço de uma fé personalizada e madura, tendo em vista um novo tipo de cristão, um novo estilo de comunidade, um projeto renovado de Igreja.

O documento *Catequese Renovada: orientações e conteúdo* é composto de quatro partes: A catequese e a comunidade na história da Igreja (dimensão comunitária da catequese); Princípios fundamentais para uma catequese renovada (parte teológica que expõe o tema da Revelação e sua relação com a catequese e as exigências da catequese); Temas fundamentais para uma catequese renovada (a situação do homem no mundo; os desígnios de salvação e a verdade sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem; os compromissos do cristão); A comunidade catequizadora (a catequese dentro da caminhada da comunidade: itinerário catequético da comunidade).

O número 30 do Documento permite identificar a linha geral do texto:

A renovação atual da catequese nasceu para responder aos desafios de uma nova situação histórica. Esta exige a formação de uma comunidade cristã missionária que anuncie, na sua autenticidade, o Evangelho e o torne fermento de “comunhão e participação na sociedade e de libertação integral do homem”⁹³.

Enfim, os pontos essenciais do documento *Catequese Renovada* estão centrados nestes temas: a *Bíblia* como texto por excelência da catequese, o *crístocentrismo* trinitário na educação da fé, a coerência com a *pedagogia divina* (inculturação, opção pelos pobres), o princípio de *interação* entre fé e vida, o valor e importância da *caminhada da comunidade de fé* como ambiente e conteúdo da educação na fé, os *temas doutrinários* mais importantes vistos a partir de nossa realidade, o *ministério catequético* como fonte de *espiritualidade* para o/a catequista e a *integração* da catequese com as outras pastorais. Esse foi o grande impulso que o Brasil vivenciou nos anos seguintes sobre a renovação da catequese.

⁹² PASSOS, M., Uma história no plural, p. 116.

⁹³ CNBB, Doc. 26, 30.

2.1.4.5. Do Diretório Geral para a Catequese ao Diretório Nacional

Desde ano de 1971, o Diretório Catequético Geral tem orientado as Igrejas particulares no longo caminho de renovação da catequese, propondo-se como válido ponto de referência tanto no que diz respeito aos conteúdos, quanto no que concerne à pedagogia e aos métodos a serem empregados⁹⁴.

O trabalho para a nova elaboração do Diretório Geral para a Catequese, promovido pela Congregação para o Clero, foi realizado por um grupo de Bispos e por especialistas em teologia e em catequese. Foi, sucessivamente, submetido à consulta das Conferências dos Bispos e dos principais Institutos ou Centros de estudos catequéticos, e foi feito respeitando substancialmente a inspiração e os conteúdos do texto de 1971⁹⁵.

Em 1997, no *Congresso Internacional de Catequese*, em Roma, o Vaticano publicou a edição típica (oficial) do *Catecismo da Igreja Católica* (de 1992) e o *Diretório Geral para a Catequese* (DGC), que é um dos mais ricos e avançados documentos da Igreja Católica sobre a catequese⁹⁶. Levando em conta uma recomendação do *Diretório Geral para a Catequese*, a CNBB, em um processo participativo de três anos, elaborou o *Diretório Nacional de Catequese* (DNC). Após mais de um ano sob análise da Congregação para o Clero e da Congregação da Doutrina, o texto foi publicado no final do ano de 2005.

O *Diretório Nacional de Catequese* inseriu-se em um contexto da Igreja do Brasil viva e rica de perspectivas catequéticas. O acontecimento da *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, cujo tema foi: “Com adultos, catequese adulta”, em Itaici, de 8 a 12 de outubro de 2001, trouxe a necessidade de pensar um diretório próprio para a continuidade da renovação da catequese em território brasileiro, que levasse em conta, de modo particular, a rica história dos quarenta anos de renovação conciliar, a realidade brasileira e projetasse novos passos.

Podemos considerar que a preparação do novo *Diretório Nacional de Catequese* foi a expressão de uma vontade pastoral de renovação que faz olhar com confiança para o futuro da atividade catequética no Brasil, sobretudo no universo dos adultos e para uma revisão corajosa de todo o processo da iniciação cristã.

⁹⁴ DGC 2.

⁹⁵ DGC 7.

⁹⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997.

O Diretório propõe algumas novidades que sinalizam para um avanço em relação à concepção tradicional de catequese. Ele tem continuidade com o documento *Catequese Renovada* e o Diretório Catequético Geral. Dentre as novidades destacam-se: a catequese evangelizadora; a centralidade e prioridade da catequese com adultos; a Palavra de Deus como fonte da catequese; a profunda relação e complementaridade entre liturgia e a catequese; o ministério do catequista; a catequese com os deficientes; a urgência na formação dos catequistas; o catecumenato antigo como modelo inspirador do processo iniciático à fé.⁹⁷

O *Diretório Nacional de Catequese* reforça a necessidade da preparação e formação contínua dos catequistas com a finalidade de apresentar a mensagem da pessoa e do ensinamento de Jesus Cristo, com “convicção e fidelidade” a fim de que a Palavra de Deus possa transformar a mulher e o homem em fermento, sal e luz, em meio à sociedade em que vive. É preciso fazer da formação um processo pelo qual a pessoa, como protagonista, faça desabrochar as riquezas de sua potencialidade humana que, em semente, já traz dentro de si. A formação de catequistas tem, portanto, a função de provocar esse crescimento, favorecendo a consciência de sua autoeducação, em um itinerário de aprendizagem e crescimento permanentes⁹⁸.

Por fim, o *Diretório Nacional de Catequese* abre as portas para a reflexão, de forma mais eficaz, na prática catequética sobre o modelo catecumenal, o que irá requerer grande esforço de mudança em muitas comunidades que ainda se pautam por uma catequese tradicional.

2.1.5. As Semanas Brasileiras de Catequese

Pontos culminantes da caminhada catequética foram, também, as Semanas Brasileiras de Catequese. A *Primeira Semana Brasileira de Catequese* (SBC) realizada em 1986, ainda sob o entusiasmo do documento *Catequese Renovada*, teve o intuito de avaliar seu aprofundamento e sua prática.

A 2ª *Semana Brasileira de Catequese*, no ano de 2001, reforçou a tendência de todo o movimento catequético do século XX de voltar-se para os adultos:

⁹⁷ BRUSTOLIN, L. A.; RODRIGUES, M. M. A renovação da catequese na América Latina e Brasil, Teocomunicação, p. 203.

⁹⁸ CNBB, Doc. 84, 254.

“Com adultos – catequese adulta”. A catequese foi então considerada um processo de “iniciação aos mistérios de Cristo” e um processo de formação permanente.

A Igreja, ao celebrar 50 anos do primeiro Ano Catequético, quis dar continuidade e dinamismo ao movimento catequético e fazer com que todas as Dioceses, Paróquias e comunidades fossem, de fato, comunidades catequizadoras, cuja centralidade é a formação para o discipulado. Nesse sentido, a 44^a Assembleia Geral dos Bispos, no ano de 2006, aprovou por unanimidade a realização de um *Ano Catequético Nacional*. A iniciativa foi resultado da importância e valorização que a Igreja vinha dando à catequese, como ficou expresso no processo de elaboração do *Diretório Nacional de Catequese* (DNC – 2002 a 2005); e também na *V Conferência de Aparecida*. Sem o impulso da catequese não há como formar discípulos missionários.

O *Ano Catequético Nacional*, realizado em 2009, com a 3^a *Semana Brasileira de Catequese*⁹⁹, cujo tema foi “Iniciação à Vida Cristã”, veio consolidar esta caminhada e apontar luzes e pistas para os novos desafios da realidade na ação evangelizadora.

Algumas propostas que surgiram a partir da 3^a *Semana Brasileira de Catequese*: a) Que a Bíblia seja verdadeiro instrumento de comunhão e inspiradora da unidade para a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-catequética; b) Produzir subsídios para a formação de catequistas com enfoque na Iniciação à Vida Cristã; c) Sistematizar um projeto de mobilização nacional para divulgar o processo de Iniciação à Vida Cristã junto aos Meios de Comunicação Social, pastorais, serviços, movimentos e organismos da CNBB e proporcionar a socialização das experiências de Iniciação à Vida Cristã; d) Retomar a catequese com Adultos na linha da formação para o discipulado em comunidade.

Na 3^a *Semana Brasileira de Catequese* foi lançado o estudo da 47^a *Assembleia Geral da CNBB* cujo tema ficou: “Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal”. Esse texto para a caminhada e renovação da catequese foi de um significado ímpar, pois foi acrescido o substantivo *vida* à iniciação cristã, ou seja, a partir de então se fala de iniciação à *vida* cristã, enfatizando a integração fé-vida e o elemento comunitário da iniciação à fé.

⁹⁹ A Terceira Semana Brasileira de Catequese realizou-se de 06 a 11 de outubro de 2009, em Itaiaci, Indaiatuba, SP, com o tema: “Iniciação à Vida Cristã” e com o lema: “Nosso coração arde quando Ele fala, explica as Escrituras e parte o pão” (Lc 24, 32-35).

2.1.6.

A Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã

Hoje, a Igreja, por meio do *Diretório Geral para a Catequese*¹⁰⁰ da Sé Apostólica, do *Diretório Nacional de Catequese*¹⁰¹, do *Documento de Aparecida*¹⁰², do *Estudo da CNBB número 97*¹⁰³ e do *Documento 107*¹⁰⁴ da CNBB conclama insistentemente o retorno de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã.

A *V Conferência Geral de Aparecida* expressou a necessidade da iniciação à vida cristã nas comunidades:

[...] de desenvolver nas comunidades o processo de iniciação na vida cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro cada vez maior com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão¹⁰⁵.

O esquema fundamental do *Estudo da CNBB n. 97*, “Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal”, tomou como ponto de partida o “insistente pedido de *Aparecida*: ‘Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade de *iniciação cristã*, que além de marcar o *que*, dê também elementos para o *quem*, o *como* e o *onde* se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados”¹⁰⁶. Assim ficou estruturado o texto com cinco capítulos: *Iniciação à vida cristã as Motivações; a Natureza, a Metodologia, os Destinatários como Interlocutores e os Agentes e Lugares*.

¹⁰⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997.

¹⁰¹ CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. Texto aprovado pela 43ª Assembleia Geral, em Itaiaci – Indaiatuba (SP). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 84).

¹⁰² CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007.

¹⁰³ CNBB. *Iniciação à vida cristã*: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: CNBB, 2009. (Estudo 97).

¹⁰⁴ CNBB. *Iniciação à vida cristã*: itinerário para formar discípulos missionários. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

¹⁰⁵ DAp 289.

¹⁰⁶ DAp 287.

A iniciação à vida cristã tornou-se uma urgência missionária em todo o mundo. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*¹⁰⁷ do papa Francisco, também fruto do Sínodo dos Bispos sobre “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã” fez um forte apelo para a Igreja e trouxe, também, um grande estímulo nesse sentido.

O papa Francisco aborda na *Evangelii Gaudium* n. 166 o tema catequese mistagógica. Conforme o papa, isso significa: “uma experiência formativa progressiva na qual intervém *toda comunidade*; valorização renovada dos sinais litúrgicos da *iniciação cristã*. Aqui está expresso o *catecumenato*, a importância do *RICA!*” Denuncia manuais e textos que “ainda não se deixaram interpelar pela renovação mistagógica”. Conclui esse importante número 166 sobre a iniciação cristã com estas palavras:

O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num *caminho comunitário* de escuta e resposta.

O documento da CNBB, “Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários”, foi aprovado pela *55ª Assembleia Geral da CNBB* e recebeu o número de 107¹⁰⁸. Já no primeiro capítulo, o texto apresenta o itinerário a partir do “ícone bíblico” representado pelo encontro de Jesus com a Samaritana retratado no capítulo quatro do Evangelho de São João. Em seis passos, o documento apresenta os processos de iniciação ao discipulado de Jesus.

O documento oferece novas disposições pastorais para a iniciação à vida cristã, presente nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* desde o ano de 2011. A dedicação em torno da temática da iniciação à vida cristã revela o propósito de buscar novos caminhos pastorais e reconhecer que a inspiração catecumenal é uma exigência atual. Ela permitirá formar discípulos conscientes, atuantes e missionários.

¹⁰⁷ FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

¹⁰⁸ Muitas atividades vêm sendo desenvolvidas pela Igreja no Brasil com o objetivo de conhecer o Documento 107, “Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários”, aprovado na *55ª Assembleia Geral dos Bispos*, em Aparecida-SP, de 26 de abril a 05 de maio de 2017. O Documento 107 representa um passo importante na caminhada da Igreja no Brasil, tem crescido a convicção de que a catequese está a serviço da Iniciação à Vida Cristã, portanto a corresponsabilidade de toda comunidade é fundamental para formar novos discípulos missionários.

Precisamos ter a coragem da transformação e da mudança em nossa ação catequética, tendo consciência de que tudo é um processo, um caminho que se percorre. Perscrutando o caminho percorrido do movimento catequético, nenhuma mudança ocorreu tão rapidamente na ação evangelizadora da catequese, mas foi fazendo percursos e adaptações, pois assim afirma o *Documento de Aparecida*: “Uma comunidade que *assume a iniciação cristã* renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, pessoas consagradas e agentes de pastoral”¹⁰⁹.

A catequese no Brasil, a partir do documento 107, vem se articulando em formas peculiares que a distinguem também dos outros países latino-americanos, com um dinamismo operativo que é próprio de nossa igreja. É resultante do crescimento interno de uma igreja muito sensível aos problemas do povo e que procura responder às exigências de um país extenso e populoso no qual a maioria das pessoas se dizem cristãs e onde o desenvolvimento, bem como o sincretismo religioso em expansão, constituem um constante desafio à iniciação à vida cristã.

Vivemos tempos de transição na ação evangelizadora na perspectiva catequética, não é o conteúdo que está sendo questionando, mas sim como a mensagem está sendo anunciada; precisamos rever a metodologia e, para isso, precisamos investir na formação dos agentes diretos da catequese, os catequistas, pois Aparecida insiste na necessidade urgente de *assumir o processo iniciático* na evangelização. “Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora”¹¹⁰.

Assim, possibilitando esse processo permanente de formação aos catequistas, responde-se, com maior objetividade e convicção, ao chamado do ministério da catequese, tornando cada um dos batizados, cristãos cada vez mais discípulos-missionários de Jesus Cristo. Sustenta-se a caminhada da ação catequética pela vivência da espiritualidade e do seguimento, tendo Maria, a Mãe de Jesus, como modelo e formadora de novos missionários¹¹¹.

Portanto, percebemos que a catequese no Brasil é fruto de uma longa e complexa história, permeada de sombras e luzes. Em um rápido olhar retrospecti-

¹⁰⁹ DAp 291 (grifo nosso).

¹¹⁰ DAp 287.

¹¹¹ DAp 269.

vo sobre o movimento catequético, colhendo os sinais dos tempos através do passado, encontramos-nos em um desafio pastoral de abrir novos caminhos e apresentar novas possibilidades frente ao cenário encontrado no território brasileiro, principalmente neste século XXI. Cabe a nós investirmos nas bases e darmos continuidade ao movimento catequético com suas luzes e sombras a partir da iniciação à vida cristã em um processo de inspiração catecumenal percorrendo um itinerário com a preocupação marcante de fazermos acontecer um novo jeito de evangelizar que seja envolvente, acolhedor e eficiente em sua mensagem.

2.2.

Algumas características da Evangelização na realidade brasileira

Elucidar sobre as características da evangelização, hoje, na realidade brasileira faz com que nos deparemos com os desafios que devemos enfrentar sobre a necessidade de evangelizar um mundo plural. Damos por compreendido o que se entende por evangelização¹¹². Entendemos também que a sociedade na qual estamos inseridos não é mais homogênea como era na cristandade, vivemos em uma sociedade plural¹¹³.

¹¹² As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – CNBB (DGAE) 2003-2006 tratam da evangelização: no cap. I – “Missão da Igreja: evangelizar” (p. 13-43). As DGAE anteriores, de 1999 a 2002, trabalham esse ponto do n. 64 a 117. O n. 109 afirma: “A principal responsabilidade da renovação missionária de toda a Igreja está na Igreja particular. Ela é o principal sujeito da missão evangelizadora [...]”. O grande documento sobre evangelização continua ainda a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, 1975. A evangelização é “a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (n. 14). Veja-se, sobretudo, o cap. II: “O que é evangelizar?”

¹¹³ Cf. Fernandes (2006) que mostra um quadro de “desfiliação institucional”, de “destraditionalização” num contexto de pluralismo. Ver, também, ANTONIAZZI, A. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* São Paulo: Paulus, 2004. Antoniazzi (2002, p. 89), em outra obra, diz: “o indivíduo não adere mais a uma religião institucionalizada, mas reduz a religião a um sentimento pessoal, íntimo, não acompanhado pela participação em comunidades ou instituições religiosas. Ao mesmo tempo, não deixa de rezar, ao menos ocasionalmente, e de acreditar em Deus, quase sempre”. Sobre as mudanças do mundo atual, cf. NEUTZLING, I. *Teologia e Sociedade: relevância e funções. Algumas anotações*. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Teologia e Sociedade: relevância e funções*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 35-65. Nessa nova situação Touraine (2005, p. 211) pode nos ajudar a compreender melhor a realidade: as mudanças analisadas por Touraine fazem deslocar a análise do paradigma político para o social, e deste para o cultural. Neste, a atenção não vai para o sistema de pertencas ou para as relações políticas ou sociais, mas para os atores: “A análise não tem mais como objeto principal a sociedade, mas atores que já são mais que sociais, porque são definidos não apenas por suas pertencas e por relações sociais, mas também por direitos culturais, de modo que são realmente indivíduos completos e não mais abstrações, como o eram ainda o cidadão ou mesmo o trabalhador. A consciência dessa inversão nos permite também compreender o esgotamento das formas políticas de pensamento e de ação que herdamos do passado.”

Refletir sobre as características da ação evangelizadora é o que queremos fazer em termos de perspectivas, não tanto na atitude de indicar caminhos de ação, mas a de informar, de trazer à reflexão fatos que nos parecem indicativos de como foi se formando a identidade evangelizadora da Igreja na realidade brasileira sem interferência do dinamismo de uma iniciação cristã consciente. Não negamos que os sacramentos de iniciação foram abundantemente administrados. Mas o sentido existencial dessa iniciação esteve omissos, quase que totalmente apagado. Tivemos um catolicismo sem iniciação cristã, embora se administrassem os sacramentos que a compõem.

Percebemos a necessidade da renovação pastoral que deverá refletir no que somos e para onde vamos. Por essa razão, a Igreja se renova à medida que se encarna nas diversas realidades, buscando ser fermento e luz, servindo como Jesus Cristo serviu e dialogando com as diferenças que caracterizam os distintos grupos humanos. Isso significa a necessidade de nos debruçarmos sobre o nosso passado, que nos ajudará muito a entender a situação presente, traço de ligação entre o que fomos e o que desejamos ser, momento de transição entre o passado e o futuro.

A história é o lugar da vivência da fé e, nela, a Igreja se lança no discernimento dos sinais dos tempos, como ensina o Vaticano II na *Gaudium et Spes*:

[...] para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus¹¹⁴.

Não apresentamos aqui considerações profundas sobre as características, mudanças e transformações que vêm ocorrendo na evangelização de modo particular no Brasil, visamos fornecer alguns dados indicativos que se vêm operando a partir de uma sociedade não mais patriarcal e nem rural. Nem mesmo dessas transformações nos ocuparemos explicitamente, o que nos levaria muito longe, mas apresentaremos os fatos e faremos reflexões oportunas suficientes para chamarem nossa atenção para a situação do passado, da qual muito dependemos, porque nosso passado prolonga sua influência em nosso presente.

¹¹⁴ GS 4;11.

Ao olharmos o passado, podemos falar, com maior clareza, de uma renovação do Concílio Vaticano II que foi interrompida: infelizmente as decisões conciliares foram transformadas em um detalhe, talvez pouco importante, dentro da longa tradição católica. A partir do carisma conciliar, as forças de renovação e de conservação se misturaram nas posições e nas práticas eclesiais pelo mundo afora¹¹⁵. Mas a retomada das fontes conciliares, de seu carisma fundamental, emergiu novamente em “flor de inesperada primavera”¹¹⁶, quando já se contava com uma hermenêutica definitiva sobre o Vaticano II nos termos acima descritos. De dentro da tradição estável emergiu uma crise e, por conseguinte, aos borbotões, um clamor por reformas urgentes na Igreja. O papa Francisco foi eleito como programática de reforma da Igreja.¹¹⁷

Segundo Libanio, há duas maneiras de enxergar os desafios da evangelização na atualidade, cada qual respondendo a um projeto histórico-social, eclesial e pastoral:

Pode-se contemplar o desafio do evangelho, mediante o questionamento de como, onde, quando se pode anunciá-lo na nova situação cultural, numa sociedade conduzida por um novo sistema de valores que está substituindo a cristandade. Mas pode-se também partir de outro desafio: já que a Igreja perdeu espaço na nova cultura, como pode reconquistar esse espaço, recuperar o prestígio perdido e a audiência que teve durante tantos séculos? [...] Tratar-se-ia de refazer uma nova cristandade com base nas religiões atuais¹¹⁸.

O catolicismo continua sendo a grande referência religiosa da sociedade, embora declinante quanto à identificação dos brasileiros com ele ao longo das últimas décadas. Algumas pesquisas visaram demonstrar como o pluralismo religioso tem se expandido, propiciando modificações no próprio catolicismo. Este não apenas decresce em relação ao percentual de seus adeptos, mas se modifica qualitativamente, na medida em que seus seguidores se envolvem em duplicidades

¹¹⁵ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 31-84.

¹¹⁶ Esse é o grande anseio de João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II. Por ser um Concílio eminentemente pastoral, dois são os eixos centrais: o eixo *ad intra*, isto é, a natureza da Igreja, e o segundo *ad extra*, a missão da Igreja em diálogo com a cultura. Nas palavras de Miranda (2009, p. 56), “devemos afirmar mais corretamente que a função última da Igreja, enquanto Povo de Deus e comunidade dos cristãos, é levar outras gerações a realizarem as experiências salvíficas que deram sentido e unidade à existência de seus membros. Ela transmite não só enunciados ou doutrinas, mas sobretudo experiências salvíficas, resultantes do encontro com Jesus Cristo vivo”.

¹¹⁷ PASSOS, M., Uma história no plural, p. 31-84.

¹¹⁸ LIBANIO, J. B., Cenários da Igreja, p. 36.

tanto tradicionais (católicos/afro-brasileiros; católicos/espíritas) quanto inovadoras (católicos/protestantes; católicos/outras religiões; múltiplas).

O Brasil vive no momento um apogeu de liberdade religiosa, ou seja, as religiões nunca foram tão livres como agora¹¹⁹, tal liberdade conduz o processo de pluralização religiosa a ser independente de qualquer monopólio religioso¹²⁰.

No cenário de uma sociedade plural, os indivíduos são livres para manifestarem suas crenças sem precisar esconder sua identidade religiosa. Embora a secularização faça divisão com o mundo sagrado, isso não significa a ausência da religião. A religião manifesta-se no mundo secular como resultado de uma natureza intrínseca do homem. O pluralismo religioso é a manifestação da religiosidade do ser humano, que está em busca de sentido para viver.

A religião é a busca de construir um mundo com sentido transcendental independente do sentido dado pela racionalidade. Ela brota de onde emergem os desejos, as fantasias, os sonhos e as utopias. Ela é a expressão da religiosidade do ser humano¹²¹.

A pluralidade passou a ser uma das características da modernidade. Na modernidade, cada pessoa faz uso da visão que melhor convém diante de problemas existentes no mundo. A pluralidade é a manifestação da riqueza do pensamento humano. É a aceitação da multiplicidade do pensar de pessoas ou grupo social que, por sua vez, têm a liberdade de expressar o que pensam, “na sociedade moderna o grande passo para o pluralismo em geral foi justamente o processo de secularização entendido como ruptura do monopólio de interpretação possuído pela Igreja católica romana”¹²².

A ruptura do monopólio religioso não traz apenas mudanças para o campo religioso, mas, sobretudo, altera as representações da realidade. O ser humano moderno, ao olhar o mundo, já não absolutiza a dimensão religiosa e, portanto, observa a rea-

¹¹⁹ HERLLER, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J., O livro das religiões, p. 283.

¹²⁰ Com o pluralismo, um povo não adquire simplesmente conhecimentos novos que se somam aos antigos, mas o que acontece é profundamente mais significativo: o novo conhecimento adquirido transforma o conhecimento anterior que o povo tinha de si mesmo, de sua cultura e de sua religião. O que antes era posição central, única, abstrata, passa, agora, a ser não central. “É uma mudança epistemológica que tem consequências revolucionárias no que se refere ao pluralismo cultural religioso” (XIIª Assembléia Geral. La Universidad Católica camino del pluralismo cultural ao servicio de la Iglesia y de la Sociedad., 12., p.14).

¹²¹ PANASIEWICZ, R., Pluralismo religioso contemporâneo, p. 113.

¹²² SANCHEZ, W. L., Pluralismo Religioso, p. 39.

lidade fora dos limites impostos pelo modelo religioso medieval. Se antes o seu olhar era unívoco, agora ele é plural¹²³.

O pluralismo é fruto do nosso tempo, da sociedade que transita para outra época histórica de “mundialização”¹²⁴, sociedade marcada pelas comunicações e tecnologias avançadas, mas que, ao mesmo tempo, carrega vestígios de épocas passadas. Esse fruto vai se gestando com passos que se sucedem dentro de um processo existencial da sociedade, está presente em todos os ambientes e com as mais variadas manifestações. Manifesta-se nas culturas que exprimem a identidade de cada povo, nas relações entre estados, na variedade das crenças e comporta incessante movimento e abertura às situações sempre novas e atuais.

A realidade brasileira é multiétnica e pluricultural. Percebemos, no peregrinar da história, que existem vários tipos de cultura, umas históricas, como as indígenas e as afrodescendentes, outras mestiças ou crioulas, como as tradicionais urbanas e tradicionais camponesas. Nestes novos tempos surgiram as novas culturas, como as urbanas, influenciadas pelo processo acelerado de globalização¹²⁵, e as suburbanas, que surgem nas periferias das cidades. Contudo, merecem atenção especial as culturas mestiças ou crioulas, porque são a maioria. As mestiças experimentaram um processo de inculturação sincrética, formando os grupos crioulos. Mantiveram suas raízes e adquiriram elementos tanto das culturas europeias quanto das autóctones em termos gerais. Vivem a experiência da aculturação, dando origem a uma mescla cultural e religiosa especial. Esse fenômeno é produto do contato prolongado entre culturas distintas.

O equilíbrio cultural entre herança e inovação, entre saber contextual e saber universal exige, em cada geração, novas negociações. Não podemos ficar admirando o mosaico das culturas, é necessário estabelecer o diálogo entre elas, criar atitude de aprender com os outros, abrindo-se, não para vencer ou convencer, mas para buscar crescimento a partir das posições diferentes. Só assim se poderá construir uma convivência justa e a sobrevivência dos diferentes projetos de vida¹²⁶.

¹²³ SANCHEZ, W. L., *Pluralismo Religioso*, p. 41.

¹²⁴ VIGIL, M. J., *Teología del pluralismo religioso*, p. 26.

¹²⁵ O fenômeno da *globalização*, embora atinja todos os recantos do planeta, não se restringe ao âmbito geográfico, mas produz transformações que atingem todos os setores da vida humana. Vivemos sob o imperativo da racionalização técnico-científica, voltada para a produtividade, o consumo e o lucro, que representam, muitas vezes, hipotecas pesadas para a natureza e as futuras gerações. O que até bem pouco tempo era tido como referências seguras, orientações determinantes para viver e conviver, se tornou insuficiente para responder às novas situações com seus desafios (CNBB, Doc. 102, 20).

¹²⁶ RIQUELME, J., *O comportamento humano dentro do intercultural e do inter-religioso. Convergência*, p. 368-369.

Diante da diversidade, o pluralismo traz a secularização, que é uma das hipóteses responsáveis pela eclosão da enorme quantidade de novos movimentos religiosos. Secularização e encantamento do mundo são características próprias do atual estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira.

A secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso, uma vez que, não havendo as amarras das instituições religiosas, o indivíduo pode manipular os bens simbólicos construindo seus arranjos religiosos sem medo de quebrar o eixo central onde está apoiado¹²⁷.

A consequência é a composição de um mosaico de religiosidades com significados específicos, com múltiplas potencialidades, com práticas, rituais e éticas diversificadas.

No âmbito religioso, constata-se um forte pluralismo, no qual se encontram, muitas vezes, práticas marcadas por fundamentalismo, emocionalismo e sentimentalismo. Isto por um lado, resulta de uma reação contra a sociedade materialista, consumista e individualista, procurando preencher o vazio deixado pelo racionalismo secularista e, por outro, se aproveita das carências da população. Tais movimentos religiosos favorecem a manipulação da mensagem do Evangelho. Exclui-se assim a salvação em Cristo, que passa a ser apresentada como sinônimo de prosperidade material, saúde física e realização afetiva. Existe também uma corrente secularista que mundialmente invade a sociedade, produzindo negação da transcendência, indiferença religiosa e generalização do relativismo. Estes fatores contribuem para a diluição do sentido de pertença eclesial e do vínculo comunitário, dificultando a iniciação à vida cristã e o compromisso com a evangelização e a transformação social.¹²⁸

A secularização “sustenta legitimamente que as realidades materiais da natureza e do homem são em si ‘boas’, e suas leis devem ser respeitadas, e que a liberdade é para a autorrealização humana e é respeitada por Deus”¹²⁹.

Essa é a secularização de que falava a *Gaudium et Spes*, no seu número 36, conceito assumido em seguida por *Puebla*, que a identificava como a “legítima autonomia das realidades terrestres” que, mais do que reconhecida, deve ser exigida. Em síntese é preciso purificar o conceito de secularização removendo toda a poeira que as más interpretações jogaram sobre ele¹³⁰.

¹²⁷ GUERREIRO, S., Novos movimentos religiosos, p. 50.

¹²⁸ CNBB, Doc. 102, 25 (grifo do autor).

¹²⁹ DSD 153.

¹³⁰ Cf. BENEDETTI, L. R., A religião na cidade, p. 65.

A diferença entre os primórdios cristãos e hoje está no fato de 52% da população mundial viver nas grandes cidades; no caso da América Latina esta porcentagem sobe para 80% – índice ainda em crescimento. Esse ambiente é belo, complexo e desafiador. A atuação da Igreja precisa acompanhar essa realidade da cidade, considerar que muitas vezes ela própria age com critérios rurais herdados de um período anterior à explosão urbana atual.

Neste ponto de abordagem, destaca-se a cidade em si mesma no fenômeno urbano, com alguns dos seus desafios para a fé. O conceito de urbano, segundo Portella Amado, refere-se também a uma realidade cultural e não somente se circunscreve aos limites físicos da cidade (geoespacial)¹³¹. O “mundo urbano, para dizer em termos concisos, é o mundo da pluralidade, da diversidade, da individualidade e da mobilidade.” Não há uma única cultura urbana, mas uma pluralidade de modos de ser, viver e interagir. A urbanização é como um processo multifacetado e inter-relaciona-se com globalização, planetarização. O prisma aqui é o movimento de um olhar de dentro para fora, mas sob o ângulo da fé. Um dos grandes desafios que enfrentamos no contexto urbano é o anonimato na cidade.

Por um lado, as cidades não esgotam o fenômeno do urbano, que as transcendem, enquanto alcance espacial. Por outro lado, as cidades, como concretização intensa do fenômeno urbano, potencializam-no, de modo que não olhar para as cidades significa pensar o fenômeno urbano excessivamente genérico, e, portanto, evangelizadoramente inócuo¹³².

Diante desse contexto de uma sociedade pluralista, secularizada e urbana o papa Francisco, na audiência com os membros do *Congresso Internacional sobre a Pastoral nas Grandes Cidades*¹³³, aponta alguns desafios e possíveis horizontes para uma pastoral urbana.

Em um primeiro momento o papa alerta que é preciso realizar uma mudança de nossa mentalidade pastoral. Na cidade, temos necessidade de outros “mapas”, de outros paradigmas, que nos ajudem a situar, de novo, os nossos pensamentos e as nossas atitudes. Não podemos permanecer desorientados, porque este desconcerto nos leva a errar o caminho, em primeiro lugar confunde a nós mesmos, mas depois confunde o Povo de Deus e aquilo que ele procura com um coração since-

¹³¹ AMADO, J. P., Viver e transmitir a fé no mundo Urbano, p. 363-373.

¹³² AMADO, J. P., Viver e transmitir a fé no mundo Urbano, nota de rodapé, p. 365.

¹³³ Cf. Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso internacional de pastoral das grandes cidades – sala do consistório, 27 de novembro de 2014.

ro: a vida, a alegria, a verdade e o sentido, que estão em Jesus: Caminho, Verdade e Vida!

Vimos de uma prática pastoral secular, na qual a Igreja era o único ponto de referência da cultura. Verdadeiramente essa é a nossa herança. Como Mestre genuína, ela sentiu a responsabilidade de delinear e de impor, não apenas as formas culturais, mas inclusive os valores e, mais profundamente, de traçar o imaginário pessoal e coletivo, ou seja, as histórias, as bases sobre as quais as pessoas se apoiam para encontrar os significados últimos e as respostas às suas exigências vitais.

Contudo, já não vivemos naquela época. Ela já passou! Não vivemos mais no tempo da cristandade. Hoje já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Mas, no desafiante e belo mundo que é o das cidades, é preciso ter a coragem de realizar uma pastoral evangelizadora audaz e sem receios.

Somos desafiados a todo momento a repensar nossa ação pastoral a partir da vida da paróquia, a estrutura tradicional da paróquia é desafiada pelas profundas transformações do mundo de hoje:

- a) pela nova experiência do “tempo-espaço”. A “fluidez” do território¹³⁴ possibilita o deslocamento fácil de um lugar a outro, relativizando o tradicional princípio territorial;
- b) o pluralismo cultural e religioso quebra a homogeneidade cultural e religiosa dos tempos da (nova) cristandade¹³⁵, e, conseqüentemente, abre-se a perspectiva do pluralismo religioso como fato iniludível da experiência religiosa atual;
- c) o novo “continente virtual” se expande cada vez mais. Ele depende cada vez menos da base material para as relações intersubjetivas e sociais, ligadas à natureza e à experiência tradicional do “espaço-tempo”. O “continente virtual” possibilita em tempo real a formação de “comunidades virtuais” de todo tipo, grupos que se ligam a partir de interesses específicos, num pluralismo sem contornos. A revolução informacional amplia as possibilidades de comunicação, mas desliga os

¹³⁴ A revolução tecnológica acelera o tempo e redesenha o espaço. Segundo Floristán (2002, p. 669): “Desaparece a uniformidade territorial do sistema paroquial tridentino”. (cf. SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993, p. 35-47).

¹³⁵ Entende-se: da “cultura cristã”, da “cultura católica”. É o famoso “substrato católico” de que fala, por exemplo, o documento de Puebla, n. 1, 7 e 412.

sujeitos do seu mundo material imediato¹³⁶. Há também reflexões e estudos profundos no campo da Ciberteologia¹³⁷.

Precisamos dialogar com as múltiplas culturas (multiculturalidade). Ao afirmar que as grandes cidades são multipolares, multiculturais, o papa Francisco disse que em nossa missão temos o dever de dialogar com esta realidade, sem ter medo. Trata-se de manter um diálogo pastoral sem relativismos, que não negocia a própria identidade cristã, mas que deseja alcançar o coração do próximo, dos outros que são diferentes de nós, e ali semear o Evangelho.

Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes, em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. Constatamos que as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas¹³⁸.

Seguindo com o discurso do papa Francisco:

Penso muitas vezes na criatividade e na coragem que Paulo teve para pronunciar o seu discurso em Atenas. Pobrezinho, saiu-se mal... No entanto, teve criatividade, pois parou diante dos ídolos... Inserimo-nos, como o Apóstolo, numa mentalidade judaico-cristã. Ele entrou na cultura daquele povo... Sem dúvida, não foi um sucesso, mas teve criatividade! Ele procurava fazer-se entender por aquela multiculturalidade, que estava muito distante da mentalidade judaico-cristã.

O papa afirma que é preciso prestar atenção à religiosidade do povo:

Deus habita na cidade. É necessário ir à sua procura e deter-se lá onde Ele se põe a agir... Não podemos desconhecer nem desprezar esta experiência de Deus que, embora às vezes esteja dispersa ou misturada, pede para ser descoberta e não construída do zero. Nela encontram-se os *semina Verbi* – as sementes do Verbo –

¹³⁶ Hoje é cada vez mais estudado o fenómeno da comunicação virtual. Cf. o texto citado de NEUTZLING, I. Teologia e Sociedade: relevância e funções. Algumas anotações. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Teologia e Sociedade: relevância e funções*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 35-65, nota 1; Cf. a trilogia de Castells: CASTELLS, M. *A sociedade em rede: o poder da identidade; fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. O autor estuda bem o fenómeno novo do espaço virtual.

¹³⁷ Ciberteologia é um novo campo teológico criado pelo padre jesuíta italiano Antonio Spadaro e que busca pensar a fé cristã nos tempos de internet. Questões do tipo: Como viver bem nos tempos da rede? Deus pode habitar no ciberespaço? Na era digital, somos pessoas ou nos tornamos indivíduos? possuem grande relevância nessa nova forma de refletir sobre a fé e o mundo contemporâneo (SPADARO, A., Ciberteologia, p. 39).

¹³⁸ EG 73.

lançados pelo Espírito do Senhor. Não é bom fazer avaliações apressadas e genéricas.

Identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus habitando nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. Deus vive entre os cidadãos, promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não se esconde de quantos o buscam com coração sincero, ainda que o façam Tateando, de maneira imprecisa e incerta¹³⁹.

Na vida cotidiana, muitas vezes, os cidadãos lutam para sobreviver e, nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso. Precisamos contemplá-lo para conseguirmos chegar a um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede (cf. Jo 4,7-26) (cf. EG 72). É necessária aquela mesma empatia de Jesus para encontrar este substrato na religiosidade.

A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Enquanto há cidadãos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, muitíssimos são também os “não cidadãos”, os “meio-cidadãos” ou os “restos urbanos”.

Essa contradição provoca sofrimentos lancinantes (cf. EG 75). O desafio é duplo: ser hospitaleiro em relação aos pobres e aos migrantes – em geral, a cidade não o é, pois rejeita-os! – e valorizar a sua fé. Muito provavelmente essa fé vive misturada com elementos do pensamento mágico (entre outros), mas temos o dever de procurá-la, reconhecê-la, interpretá-la e, certamente, também evangelizar. Contudo, não restam dúvidas de que na fé destes homens e destas mulheres existe uma enorme potencialidade para a evangelização das áreas urbanas.

Não deixar serem escondidos os pobres urbanos. Juntamente com a multiplicidade de ofertas preciosas para a vida, a cidade possui em si um elemento que não se pode esconder, e que em muitas cidades é cada vez mais evidente: os pobres, os excluídos, os descartados. Hoje podemos falar de descartados. A Igreja não pode ignorar o seu clamor, nem deve entrar no jogo de sistemas injustos, mesquinhos e interesseiros, que procuram torná-los invisíveis.

¹³⁹ EG 71.

Há tantos pobres, vítimas de antigas e novas formas de pobreza. Existem novas pobreza! Pobrezas estruturais e endêmicas, que excluem gerações de famílias. Pobrezas econômicas, sociais, morais e espirituais. Pobrezas que marginalizam e descartam as pessoas, filhos de Deus. O número de pobres na América Latina em relação ao total da população diminuiu nos últimos 10 anos, de 40% para 29%, mas em números absolutos ele cresceu, isto é, há mais pobres hoje do que havia há dez anos. Na cidade, o futuro dos pobres é uma pobreza ainda maior. É preciso ir ao seu encontro, como o bom samaritano!

A prática pastoral realiza a missão da Igreja, fazendo-a sair de si mesma para servir até as periferias humanas¹⁴⁰. O serviço ao ser humano constitui a Igreja, e é a única razão de ser de toda e qualquer ação que realize. A estrutura eclesial existe para servir, e não para se autopreservar, ensina o papa Francisco.

A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária, em todas as suas instâncias, seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade¹⁴¹.

A sociedade que nos antecedeu pode ser caracterizada como acentuadamente individualista. A cidade, o meio urbano, traz características individualistas. Diríamos, até mesmo, visceralmente individualista e particularista. Herança de uma sociedade colonial escravocrata com fortes aderências rurais, o individualismo marcou o nosso passado social e até mesmo religioso, como de certo modo continua marcando o nosso presente. Em tais condições, tudo quanto servisse para particularizar, para destacar este ou aquele grupo, esta ou aquela família, tudo o que servisse para adornar o indivíduo, pô-lo em destaque, combinava muito bem com o feitio individualista da sociedade de outrora. Repudiávamos o que viesse igualar famílias ou classes. Antes, porém, buscávamos maneiras de realçar a distância social entre os mais ricos e os mais pobres.

Realizar a comunhão entre os homens, eis a vocação da cidade. O problema da cidade é o da comunhão humana. Quanto mais existir comunhão entre as pessoas mais legitimamente se poderá falar de cidade. No discurso moderno da sociologia se fala muito de sociedade de “sistemas”, o que parece ser uma realidade inegável proclamada pelos sociólogos, mas, na verdade, o que existe não é a sociedade (ter-

¹⁴⁰ Cf. EG 20.

¹⁴¹ EG 27.

mo essencialmente abstrato) e sim as pessoas que, em seu conjunto, e com as obras de suas mãos, constroem a cidade e a sociedade. E a comunhão humana não é um problema abstrato, mas concreto¹⁴².

Temos um grande desafio da fé, frente ao mundo urbano e pós-moderno, o individualismo. “A subjetividade foi o núcleo da modernidade. E agora, o individualismo é um dos mais fortes apanágios da pós-modernidade”¹⁴³. Uma das características da vivência religiosa na pós-modernidade, na cidade, é a visão individualista da fé, em uma espécie de *self-service*, ou seja, a procura de um autossocorro espiritual.

É a irrupção do religioso, com generosa oferta de crenças, numa espécie de “mercado do religioso”. Hoje, a experiência religiosa é cada vez menos fator de “sentido” do mundo, de identidade, de enraizamento, e cada vez mais resposta à angústia, porto de certezas, que se exprime em bem-estar material e na emoção religiosa. O individualismo cultural e a busca de bem-estar imediato levam o indivíduo a colocar também a religião ao seu serviço. Em contrapartida, para responder às demandas do mercado e vender os seus “produtos”, a religião apresenta-se cada vez mais eficiente e organizada, conforme o *marketing*. É essa religião difusa, invisível, implícita e diluída que se tornou, hoje, o produto mais rentável do capitalismo¹⁴⁴.

No documento básico do *Congresso Internacional da Pastoral Urbana*, escrito por Alfonso Vietmeier, secretário executivo do congresso e coordenador do espaço de Pastoral Urbana da Cidade do México, afirma-se que Deus está na cidade, na complexidade urbana, com seus múltiplos sujeitos sociais, em seus empenhos cotidianos, lutas, fracassos e avanços¹⁴⁵. Baseia-se no *Documento de Aparecida*, que declara:

A fé nos ensina que Deus vive nas cidades, em meio às suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio às suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo, violência, pobreza, individualismo e exclusão não podem impedir que busquemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e

¹⁴² DUTRA, S. G. A Paróquia na Cidade, análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina, p. 24.

¹⁴³ CIPOLLINI, P. C., A Igreja e seu rosto histórico, modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade, Revista Eclesiástica Brasileira, p. 841.

¹⁴⁴ BRIGHENTI, A., A missão evangelizadora no contexto atual, p. 27.

¹⁴⁵ VIETMEIER, A. *Congresso Internacional da Pastoral Urbana: Dios Habita em la ciudad – Documento Básico “para abrir a boca”*. Textos da Universidade Ibero-Americana. México, 2007.

universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele¹⁴⁶.

É nesse contexto urbano e das cidades que nos deparamos com o desafio da paróquia como espaço de evangelização. Infelizmente, em decorrência de uma sociedade marcada pelo individualismo¹⁴⁷, a paróquia tornou-se um espaço de atendimentos, uma agência de serviços. Em nossa época colhemos frutos de um não investir na formação evangelizadora, não se formou nas paróquias uma base evangelizadora com responsabilidades pessoais e interesses coletivos, pois o próprio ambiente individualista e particularista da sociedade que nos precedeu e vigora fortemente em nossa realidade é o maior obstáculo.

Diante do pluralismo, secularização, do individualismo desenfreado e da urbanização, teólogos, cientistas da religião e estudiosos do catolicismo no Brasil têm debruçado e investido tempo em pesquisar para uma reflexão em conjunto sobre a iniciação à vida cristã. Além de interessante, o tema é deveras apaixonante. Aliás, vem muito oportunamente, em uma hora em que estão surgindo, em vários lugares do país, esforços positivos de renovação pastoral. Esta não se fará sem uma tomada de consciência do lugar que deve ocupar a iniciação à vida cristã na formação de identidade de um povo. Tomada de consciência, não apenas no plano da reflexão e da conceituação teológica, senão ainda no plano concreto de criar condições para que ela possa se realizar de fato.

2.3.

A mudança de época e suas consequências na vida eclesial

A contemporaneidade é marcada por grandes mudanças e transformações em todas as dimensões sociais, culturais e religiosas. Essas mudanças estão ligadas diretamente aos fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos que “estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concede fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade” (DAp 44). Segundo Lipovetsky e Serroy, as mudanças alcançam a vida íntima mudando “a família, a

¹⁴⁶ DAp 514.

¹⁴⁷ Sugestões de autores e obras para maior aprofundamento do tema sobre a realidade (ver): LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005; Id. *Os tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004; SANTOS, E. S. (Org.). *Religião em Debate*. Porto Alegre: Edições EST, 2007.

identidade sexual, as relações entre os gêneros, a educação dos filhos, a moda, a alimentação, as novas tecnologias”¹⁴⁸.

Vemos grandes transformações que aconteceram nas últimas décadas, em todos os aspectos da vida, percebemos que está iniciando um novo tempo da humanidade, uma nova fase da vida social, cultural e religiosa na história do ser humano. Distinguimos este novo contexto como “mudança de época”. O *Documento de Aparecida* apresenta-nos uma ideia muito original a respeito da realidade atual dentro do contexto da mudança de época:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; “aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas [...] (DAp 44).

Identificamos, nitidamente, que vivemos uma fase de transição, fala-se em mudança de época, termo trazido pela *Quinta Conferência Episcopal Latino-Americana*, como um fenômeno que marca o nosso tempo, ainda não sabemos bem o que isto pode significar para a ação evangelizadora. A mudança de época deve ser entendida como conceito sociológico que afeta diretamente as instâncias institucionais em suas realidades socioculturais e religiosas. Diversos são os autores que tratam do tema nessas dimensões socioculturais e religiosas¹⁴⁹.

Vivemos em uma sociedade na qual muitas pessoas ao longo de todo o processo existencial perderam de vista uma gama de valores que outrora faziam parte da totalidade da vida sócio-cultural-religiosa e vimos que essas perdas trazem consequências negativas à vida eclesial. Mudaram também os transtornos psíqui-

¹⁴⁸ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., *A cultura-mundo*, p. 21.

¹⁴⁹ Cf. BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; VATTIMO, R. (Org.). *Il pensiero debole*, Milão: Feltrinelli, 1992; LIPOVETSKY, G. *A sociedade da Decepção*. Entrevista coordenada por Bertand Richard. São Paulo: Manole, 2007; LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; GONZÁLES FAUS, J. I. *Desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995; VATTIMO, G. *O fim da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997; LIBANIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. (Orgs.) *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003; QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Retos hacia un nuevo horizonte. Santander: Sal Terrae, 2000; SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001; OLIVEIRA, M. A. *A crise da racionalidade Moderna: uma crise de esperança*. In: _____. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1999; LYOTAR. *La condición postmoderna: informe sobre el saber*. Madrid: Cátedra, 1987; _____. *Moralidades pos modernas*. Madrid: Tecnos, 1998; _____. *La postmodernidade explicada a los niños*. Barcelona: Gedisa, 1987.

cos, sendo frequentes hoje em dia a “compra compulsiva, superendividamento dos lares, vício pelos videogames, ciberdependência, toxicomanias, condutas viciosas, anarquia dos comportamentos alimentares, bulimia e obesidade”¹⁵⁰. Doenças que resultam de uma cultura a uma só vez hedonista e ansiosa que triunfa e que não é a do prazer dionisíaco.

Para que o anúncio do Evangelho aconteça é preciso a devida atenção aos desafios da realidade. O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*¹⁵¹, elenca alguns deles: a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem-Deus, a perda do compromisso com o comunitário, o relativismo moral, a fragilidade dos vínculos familiares¹⁵².

Em palestra proferida pelo professor Joel Portella na *3ª Semana Brasileira de Catequese* refletiu-se sobre “Catequese num mundo em transformação” e nessa temática queremos ressaltar a inversão da tendência em uma nova época:

[...] a nova época que vemos surgir traz consigo a inversão da tendência. Enquanto, antes, a tendência era a de permanecer no caminho do grupo, da família, hoje, a tendência é a oposta, ou seja, exatamente a de não manter a tendência da família, pois, em alta, se encontram a novidade, a diferença e a escolha.

Em baixa, o *sonho* e a *utopia*. Em alta, a *palpabilidade*, o almejar o que está ao alcance das mãos. Nada de coisa muito distante como vida eterna ou sociedade mais justa e fraterna para as próximas gerações. Portanto, em baixa, a *renúncia* e o *sacrifício*. Em alta, a *fruição*, o *gozo*, o prazer imediato.

Em baixa, o *eterno*, o *perene*, o *definitivo*. Em alta, o momentâneo, o *transitório*, o eterno enquanto dure. Tudo muda, tudo passa, nada é visto como sendo para sempre. Em baixa, o *estático*, o *fixo*. Em alta, o *movimento*, a *mobilidade*, a *transformação*.

Em baixa, a *ética*. Em alta, a *estética*. Em baixa, a *racionalidade*. Em alta, a *emotividade*. Já não contam tanto os motivos e os caminhos, mas sim o resultado. Predomina a alegria do resultado, a emoção experimentada, mesmo que a preços altos em termos de racionalidade.

Evidentemente, a descrição aqui apresentada é feita, por motivos pedagógicos, com palavras fortes, podendo dar a entender que a realidade só tem o preto e o branco. Na verdade, o cotidiano é muito mais cinza do que esta descrição pode indicar. No dia a dia, as coisas acontecem misturadas e o discernimento nem sempre é fácil, ainda mais porque fazemos parte desta realidade¹⁵³.

Perante a mudança de época não podemos mais pressupor que as pessoas, hoje, tenham um contato com a pessoa e mensagem de Jesus Cristo, mas se faz

¹⁵⁰ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 59.

¹⁵¹ EG 52-75.

¹⁵² CNBB, Doc. 107, 42.

¹⁵³ AMADO, J. P., Catequese num mundo em transformação, p. 3.

necessário o anúncio explícito de Jesus Cristo. Com isso, o *Documento de Aparecida* afirma que, o caminho que a Igreja se propõe a trilhar, de um estado permanente de missão, só pode acontecer “a partir de uma efetiva iniciação à vida cristã”¹⁵⁴.

Percebemos que estes novos tempos, denominados mudança de época, com suas rápidas mudanças e transformações vão permeando todos os espaços possíveis e, não obstante, nossas comunidades cristãs estão presentes no coração do mundo. São muitos os desafios que encontramos para viver a ação evangelizadora da Igreja, por isso, pensar a iniciação à vida cristã como uma resposta a esses desafios é concebê-la como uma grande missão na qual devemos priorizar a formação dos discípulos-missionários como uma resposta aos apelos para uma prática libertadora de cada ser humano.

A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o *querigma*, querem abraçar a fé (DAp 293).

Constatamos que muitos são aqueles que receberam os sacramentos da iniciação cristã (batismo – confirmação – eucaristia), mas não comungam de uma vivência em comunidade, ou seja, não foram iniciados na vida cristã. Denominamos esse aspecto como um dos desafios que urge uma resposta de toda a Igreja.

Outro desafio que encontramos, merecedor de nossas ressalvas, se dá no âmbito de uma catequese de cunho sacramental. Muitos são os que ainda depositam esforços para alimentar uma catequese para “cursinhos de batismo” para padrinhos, pais etc. Vimos, na prática, que precisamos ousar transformar nossas realidades catequéticas para que sejam de fato evangelizadoras, ajudando as pessoas a fazerem experiências mais consistentes, capazes de se comprometerem com a vida de uma comunidade que se organiza a favor da promoção humano-cristã.

Ao analisarmos a realidade da catequese, percebemos que ela está imersa em luzes e sombras. Perante esta realidade desafiadora, Alberich¹⁵⁵ afirma que as situações que geraram uma evangelização não eficaz são múltiplas e variadas, sendo assim, levantam-se várias hipóteses: o mundo, a sociedade, extraordinaria-

¹⁵⁴ CNBB, Doc. 102, 39.

¹⁵⁵ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 41.

mente mundanos; os jovens e famílias que não se mostram receptivos e interessados; a Igreja, os padres, a pastoral, a catequese; a renovação catequética pós-conciliar que abandonou o modelo tradicional.

Segundo Alberich, essas hipóteses não respondem ao problema, pois o problema não é apenas “catequético”, mas envolve muitas outras realidades e setores da Igreja. A situação é complexa e não se pode reduzir a crise da catequese, somente à catequese. Para o autor, ela faz parte de uma crise muito mais abrangente e complexa, que está relacionada à religião, às Igrejas, ao cristianismo como um todo. Com isso, se faz necessário um esforço extra de análise e interpretação. Atualmente temos passado por grandes transformações de ordem política, social, cultural, econômica que condicionam intensamente os processos de socialização religiosa. Nesse ambiente econômico o ser humano da atual sociedade encontra “nos prazeres fáceis e variados de consumo, os temperos da vida que não encontra em outros lugares”¹⁵⁶.

Percebemos que, diante do “campo do mundo”¹⁵⁷ estamos em um tempo de profundas transformações que afetam a realidade na sua totalidade, chegando aos critérios de compreensão e juízo. “Estamos diante de uma globalização que não é apenas geográfica, no sentido de atingir todos os recantos do planeta. Estamos na verdade, diante de transformações que atingem também todos os setores da vida humana, de modo que já não vivemos uma “época de mudanças”, mas uma “mudança de época”¹⁵⁸. O que anteriormente era considerado certeza e referencial para a vida, se torna agora insuficiente para dar uma resposta às novas situações.

A expansão da cultura ocidental que, no atual ciclo civilizatório, alcança todo o planeta significando o fim da heterogeneidade tradicional da cultura no mundo. Desse modo, espalham-se por todo o mundo os padrões de consumo, a troca de informações e negócios, alguns valores produzindo novos problemas ou dando outra dimensão aos antigos como: “ecologia, imigração, crise econômica, miséria do terceiro mundo, terrorismo, mas também dificuldades existenciais, de identidade, crenças, crise de sentido e distúrbios de personalidade”¹⁵⁹. Lipovetsky e Serroy indicam que as mudanças na cultura afetam a relação do homem consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

¹⁵⁶ DAp 293.

¹⁵⁷ DGC, 5. ed., 17-23.

¹⁵⁸ DAp 34,44.

¹⁵⁹ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 9.

O vasto fenômeno da globalização, a pluralidade e complexidade da sociedade, o mundo da comunicação midiática, as densas mudanças na família, o desenvolvimento científico e tecnológico, os fundamentalismos, as mudanças de ordem econômica, política e social internacional, entre outros, são elementos que manifestam uma “mudança de época”. As mudanças familiares provam que cada pessoa espera construir seu próprio modelo de felicidade, sem referências generalizadas. Se a mudança familiar não é tão danosa psicologicamente, o estado de solidão e o de miséria subjetiva são dolorosos e explicam “a escalada consumista que permite à pessoa oferecer a si mesma pequenas compensações pela falta de amor, de laços ou de reconhecimento”¹⁶⁰.

A todos esses elementos acrescentam-se os condicionamentos e as transformações culturais que caracterizam o nosso tempo, ligados às exigências da modernidade, da pós modernidade e da sociedade midiática. Entre as exigências e os valores da modernidade, lembramos: secularização, domínio da racionalidade científica, destaque do indivíduo, sentido da democracia, desejo de participação e comunicação. A mentalidade pós-moderna traz consigo traços característicos: crise das ideologias e da metafísica, o chamado “pensamento fraco”, difusão de identidade e de pertencas efêmeras, de valores fugazes e da dispersão. E por fim, a influência decisiva da sociedade midiática, com toda a sua força de comunicação e de transformações culturais. É no quadro de todos esses fatores que se situam as atuais transformações do fato religioso¹⁶¹.

A compreensão da “mudança de época”, que o *Documento de Aparecida* trouxe, nos ajuda a entender que essa mudança é desorientadora, pois afeta diretamente os critérios de valores e compreensão a partir do qual se afirmam ações e relações. Frutos dessa mudança são o relativismo e o fundamentalismo¹⁶², o primeiro leva o homem a uma oscilação total entre diversas possibilidades, devido ao seu desenraizamento; já o segundo não considera a pluralidade e o caráter histórico da realidade como um todo, mas se fecha em determinados aspectos. Essas duas atitudes não bastam em si mesmas, desdobram-se em muitas outras como o laicismo, a irracionalidade da cultura midiática, o amoralismo generalizado, as atitudes de desrespeito etc.¹⁶³.

Alberich faz uma reflexão interessante sobre as transformações e ambiguidades do fato religioso que vem ao encontro da realidade que estamos refletindo.

¹⁶⁰ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 56.

¹⁶¹ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 42.

¹⁶² CNBB, Doc. 94, 20.

¹⁶³ CNBB, Doc. 94, 20.

Afirma que a situação religiosa no mundo hodierno é bem complexa, interessante e problemática. É como uma moeda de dois lados, de um evidencia a crise das instituições religiosas, das religiões tradicionais e, do outro, constata-se certa capacidade de resistência e retorno da religião e também o surgimento de novas formas e movimentos religiosos. É quase um movimento antagônico.

No início da década de 1970, se dizia que devido ao processo de secularização, a religião se reduziria à sua expressão mínima ou até mesmo poderia chegar ao seu fim, mas hoje podemos ver que ela está muito viva. Hoje percebemos certa mudança no que diz respeito à religião: por um lado se tem uma forte corrente que a despreza e, por outro, uma nova vertente que a busca constantemente.

No mundo antigo e medieval ocidental, a religião e fé cristã eram consideradas elementos essenciais da vida humana, hoje, para muitos, já não tem mais esse valor, viver a fé já não é mais substancial para a vida. A resolução dos problemas para a vida pode-se buscar em outro campo. “A religião, de fato, deslocou-se do centro da sociedade para a periferia”¹⁶⁴.

Atualmente, nossa sociedade é pluralista e complexa. Isso também acontece no campo religioso que apresenta muitos “produtos” de fé, ou melhor, dizendo, a fé se tornou um produto entre muitos outros. Alberich¹⁶⁵ diz que, o pluralismo não somente introduz uma grande variedade de opções possíveis, mesmo de tipo religioso, mas, em muitas pessoas, gera até uma situação de confusão, de perplexidade, dado que todas as ofertas culturais parecem merecer igual credibilidade. Elas refugiam-se em diversas formas de agnosticismo, que podem levá-las a uma percepção importante do problema da fé, mas ficam impedidas pela impossibilidade de dar uma resposta convincente ao problema, permanecendo completamente no escuro. Esse fenômeno perplexo nos leva a entender que as pessoas cada vez mais se tornam incapazes de tomar uma decisão, diante da complexidade do problema e da grande variação de respostas prováveis ao problema.

Atualmente percebemos que as pessoas dão menos importância aos conteúdos objetivos propostos pela religião, seja no que diz respeito à doutrina, ética ou disciplina. O que se busca hoje é a experiência subjetiva, individual que proporcione o bem estar interior, a cura dos males físicos, psíquicos e emocionais. A religião, agora, se torna um meio de autoajuda, sucesso social e econômico.

¹⁶⁴ ALMEIDA, A. J., ABC da Iniciação Cristã, p.17.

¹⁶⁵ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 44.

Vemos um fenômeno, em muitas situações, que a pessoa já não busca a Deus para fazer a vontade d'Ele, pelo contrário é Deus que tem que atender todos os seus interesses.

As esperanças a médio e longo prazos propostas pelas religiões tradicionais cedem lugar às promessas de curto prazo ou até momentâneas dos grupos religiosos *fast-food*: milagre já, cura agora, solução de problemas familiares e financeiros em uma única sessão. Uma réplica religiosa da “psicoterapia breve”¹⁶⁶.

A crise de valores que vive a nossa sociedade hodierna, pode resultar na religião como um produto descartável. Percebemos que as frequentes adesões são parciais, provisórias e fragmentadas. Hoje, as pessoas têm medo dos compromissos de longo prazo, das verdades e valores definitivos. Preferem as situações provisórias, a experimentação e adesão parcial. Isso resulta na subjetivação da religiosidade. O sujeito é quem decide o que irá aceitar ou abandonar, segundo sua própria necessidade e sensibilidade. Alberich diz que se vive uma espécie de religião *à la carte*, religião faça você mesmo, na qual cada um “prepara sua sopa religiosa” de maneira desorganizada, fragmentada e contraditória.

A separação entre fé e vida, fé e cultura, pode ter sido a causa da maior crise do nosso tempo. A fé começou a ser vista como um elemento estranho, distante, contraditório aos elementos e valores da cultura e da vida. Nesse contexto, há dois extremos perigosos. O primeiro, no qual muitos julgam que se deve escolher a cultura, o social, a economia como se estes não pudessem viver em consonância com uma vida de fé, e, com isso, percebemos um crescente número de pessoas que abandonam a fé, ou ignoram a religião. E o segundo, de ser cristão desejoso de permanecer-se fiel a uma tradição religiosa que considere importante para ele, mas não consegue integrar de maneira convincente a seu universo de vida e cultura. Nenhum dos dois extremos são saudáveis, portanto, trazem tristes consequências para a vida daqueles que assim o vivem.

Neste contexto de uma sociedade em mudança e transformações rápidas, a radicalização está guiada pelas lógicas do individualismo e do consumismo. As características mais imediatas deste novo momento da história são “a hipertrofia da oferta mercantil, a superabundância de informações e imagens, a oferta excessiva de marcas, a imensa variedade de produtos alimentares, restaurantes,

¹⁶⁶ ALMEIDA, A. J., ABC da Iniciação Cristã, p. 18.

festivais, músicas, que agora podem ser encontrados em toda parte do mundo”¹⁶⁷. A mídia quer reduzir a fé cristã ao papel de proposta contracultural ineficaz, produto perdido, esmagado pela poderosa máquina socializante e midiática, diante da qual a experiência religiosa torna-se insignificante e marginal. A religião não tem uma boa imagem para a mídia. Diante de tantas propostas, o fenômeno religioso pode ser um produto efêmero. Os meios de comunicação têm uma nova mentalidade de cultura, sobrecarregados de riscos no que diz respeito à formação humano-cristã, podendo condicionar e instrumentalizar. A cultura oferecida pela mídia, em sua grande parte, é fragmentada e superficial.

O *Documento de Aparecida*, citando Ratzinger, diz que “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”¹⁶⁸. Diante dessa realidade que nos impele e questiona, constantemente somos chamados a dar uma resposta coerente e evangélica.

Numa época de profundas e sucessivas mudanças socioculturais que afetam o nosso mundo, trazendo novos e sérios desafios, a Igreja é chamada a proclamar com coragem, entusiasmos e criatividade a mensagem perene do Evangelho para que nossos povos “tenham vida e a tenham em abundância”, a qual consiste em acolhermos a oferta que Deus nos oferece em Jesus Cristo para assim participarmos de sua própria vida trinitária. Esta vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural. Toda a missão de Jesus Cristo consistiu em levar à humanidade esta vida divina manifestada em suas palavras e concretizada em suas ações. O Reino que proclamava era de fato um Reino de Vida¹⁶⁹.

A dinâmica cristã nos ajuda entender que Jesus Cristo não é um projeto, mas o encontro com uma pessoa, “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”(Jo 10,10), e para que esse encontro se realize exigirá, de nossa parte, muito trabalho. Perante aos atuais desafios, poderíamos correr o risco de apenas censurar os tempos hodiernos com seu individualismo e relativismo? Não! Animados pela força do Evangelho e pelo Cristo Ressuscitado e a presença do Espírito que continua guiando sua Igreja, percebemos essa “mudança de época” em um viés otimista, ao identificar como oportunidade para promover qualitati-

¹⁶⁷ LIPOVETSKY, G.; SERROY, J., A cultura-mundo, p. 15.

¹⁶⁸ DAp 12.

¹⁶⁹ CNBB, Doc. 87, 5.

vamente a missão¹⁷⁰. O cristão não se desanima diante dessa realidade, pelo contrário, se entusiasma, para aproveitar intensamente esta hora de graça, ele “vê as dificuldades como provocações a um santo e criativo crescimento”¹⁷¹. “O mesmo Espírito despertará em nós a criatividade para encontrar formas diversas para nos aproximarmos inclusive dos ambientes mais difíceis, desenvolvendo, no ministério, a capacidade de nos convertermos em pescadores de homens”¹⁷².

2.4.

Uma conversão pastoral eclesial: “Casa” de “casas” da Iniciação à Vida Cristã

A época em que vivemos traz a necessidade de mudança e conversão urgentes de algumas estruturas da paróquia¹⁷³, vivemos em tempos de renovação da paróquia, missão nada fácil: criar espaços para que seja casa da iniciação à vida cristã, sobretudo no contexto urbano; no âmbito da pastoral urbana muito se fala da falência do modelo paroquial.

A paróquia herdada corresponde a um modelo tradicional conservador, em coerência com os velhos senhores da sociedade rural. Goza de reconhecimento oficial pela sua tendência para a verticalidade autoritária, por se sentir salvaguarda da coesão moral e da ordem, pelas suas competências administrativas e pela sua docilidade gregária, traços que são característicos da pastoral de cristandade¹⁷⁴.

Nos momentos de crises em que vivemos, aparentemente, temos a impressão de que a estrutura da paróquia, mesmo reconhecendo a defasagem do modelo paroquial no contexto urbano, ainda não conseguiu ter forças para tomar uma medida mais radical, porque não conseguiu, ainda, articular um novo modelo de sustentação de seus projetos evangelizadores. Acreditamos que pensar a paróquia como casa de casas da iniciação seja o caminho para a conversão pastoral da paróquia.

¹⁷⁰ CNBB, Estudo 97, 22.

¹⁷¹ CNBB, Estudo 97, 22.

¹⁷² CNBB, Doc. 88, p. 24.

¹⁷³ Do grego *paroichía* (*par* = ao lado + *oikía* = casa), significa, na prática, vizinhança, comunidade de vizinhança, de habitações vizinhas. A exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, n. 26, diz que a paróquia “é a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”.

¹⁷⁴ FLORISTÁN, C., Para compreender a paróquia, p. 20.

A primeira convicção é a de que a crise do cristianismo deve ser considerada, sobretudo, de ordem cultural. O que se acha em crise não é tanto o cristianismo em si, mas sua concreta realização histórica, que já teve seu tempo e pede para ser transformada. A solução parece estar numa revisão, em profundidade, da identidade e da missão do cristianismo na nossa sociedade, pela procura e promoção de um novo modelo de cristão, um tipo renovado de comunidade cristã, e um novo e convincente projeto de Igreja¹⁷⁵.

A reflexão sobre a necessidade da conversão da paróquia¹⁷⁶, a necessidade de um novo modelo de cristão e um tipo renovado de comunidade, antecede o Concílio Vaticano II. Em 1962, às vésperas do Concílio Vaticano II, a Igreja no Brasil lançou um plano pastoral com o título *Plano de Emergência*, que visava responder aos desafios da época e já assinalava a necessidade da renovação paroquial como prioridade.

Sentimos a responsabilidade e a premência de fazer chegar a mensagem da Redenção aos homens de nosso tempo, trabalhamos por transformações profundas e decisivas. A paróquia, ponto de inserção dos homens na vida da Igreja e no mistério da salvação, constitui a base primeira e indispensável de nossa ação pastoral. Urge, pois, vitalizar e dinamizar nossas paróquias, tornando-as instrumentos aptos a responder à premência das circunstâncias e da realidade em que nos encontramos¹⁷⁷.

O *Plano de Emergência* da CNBB mesmo sendo anterior ao Concílio Vaticano II, ainda pode ser um ponto de partida ou de referência quando desejamos descrever sobre a necessidade da renovação pastoral da paróquia. Trouxe sete pontos básicos e importantes para a renovação da paróquia¹⁷⁸.

Para o *Plano de Emergência*, a diocese é a unidade fundamental da ação pastoral, sendo assim, a diocese não é uma reunião de paróquias, elas são as células orgânicas da diocese. A paróquia deve ser, antes de tudo, uma comunidade de Igreja, nesse sentido, a paróquia não é uma simples organização administrativa ou extensão territorial, mas uma célula orgânica da Igreja, parte viva do Corpo Místico de Cristo.

¹⁷⁵ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 51.

¹⁷⁶ Para aprofundar Londoño (1997), ver também Floristán (2002), o capítulo sobre a paróquia (p. 669-688) traz um breve histórico das tentativas de renovação da paróquia no século XX. A paróquia estava num dilema: ou se tornava comunidade missionária ou deveria ser abandonada. Diz-se que a paróquia, antes do Vaticano II, sofria de dois pressupostos incorretos: teológico: a paróquia carecia de vertebração eclesial; sociológico: a paróquia era considerada comunidade sem sê-lo. Só uma correta teologia da Igreja local pode resgatar a paróquia de suas fraquezas.

¹⁷⁷ CNBB, Doc. 76, p. 31.

¹⁷⁸ CNBB, Doc. 76, p. 33-34.

O Plano apresenta os três múnus de Cristo à paróquia. Como continuadora da missão de Cristo, a Igreja participa de sua tríplice missão: Profeta, Sacerdote e Rei. Como comunidade de Igreja, a paróquia, nessa perspectiva, constitui-se como: comunidade de fé, de culto e de caridade.

Como comunidade de Igreja, a paróquia é fermento da comunidade humana, com isso, tem o dever de orientar, santificar e conscientizar os leigos e leigas para que construam uma civilização que realize o bem comum e se abra a Deus.

O presbítero é o líder da comunidade paroquial. É o mestre que ilumina, o sacerdote que santifica, o pastor que conduz suas ovelhas e dá a vida por elas. O presbítero e os que com ele colaboram são educadores dos militantes leigos, engajados na construção da sociedade. Os leigos devem ser membros da comunidade paroquial, com direitos e deveres e em pleno exercício do ministério que lhes cabe.

Os leigos assumirão a iniciativa e a plena responsabilidade das tarefas da construção do mundo novo e terão, no pároco, o educador que os orienta, santifica e dirige suas consciências na realização dessas tarefas que lhe são próprias e peculiares.

A prática pastoral nos alerta que os desafios e as ações ultrapassam o território da paróquia, pois a vida eclesial é chamada a estar atenta aos sinais dos tempos, com suas luzes e sombras, esta atenção é porta de abertura para a renovação e revitalização da paróquia, o texto do concílio sobre o apostolado dos leigos afirma:

Para responderem às necessidades das cidades e das zonas rurais, mantenham sua cooperação não apenas limitada ao território da paróquia ou da diocese, mas façam o possível para estendê-la ao âmbito interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional, tanto mais que aumentando dia a dia a emigração das populações, a multiplicação dos mútuos liames e a facilidade dos meios de comunicação, já não permitem a nenhum grupo social permanecer fechado em si mesmo¹⁷⁹.

Desde o Concílio Vaticano II¹⁸⁰, e mais fortemente nos últimos anos, a Igreja vem se empenhando para responder ao desafio da renovação da paróquia, na

¹⁷⁹ AA 10.

¹⁸⁰ A eclesiologia desenvolvida no Concílio Vaticano II oferece uma moldura fantástica para qualquer tentativa de revitalização da paróquia, sobretudo se considerarmos a tratativa que nela mereceu a Igreja Particular ou Local. Portanto, refletir sobre a paróquia à luz do Concílio Vaticano II vai além das citações explícitas que essa eclesiologia faz (LG 28; SC 42; ChD 30-32; PO 5, 6, 8; AA 10).

necessidade de uma conversão eclesial. “A paróquia apresenta um exemplo luminoso do apostolado comunitário, congregando em um todo as diversas diferenças humanas que encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja”¹⁸¹. A leitura dos sinais dos tempos fez com que a Igreja redescobrisse a iniciação à vida cristã como caminho privilegiado pastoral para iniciar na fé, e, no tocante à renovação das estruturas eclesiais, é preciso pensar na vida das comunidades, por isso, ganhou destaque a preocupação com a paróquia.

Todos os documentos do magistério à luz do Concílio Vaticano II sempre abordam o papel da paróquia em uma perspectiva de comunhão e participação. Também valorizam e destacam a centralidade da Eucaristia na vida paroquial¹⁸², a evangelização como sentido de sua existência¹⁸³, a sua natureza missionária¹⁸⁴, o meio eficaz da comunhão eclesial¹⁸⁵, o local próprio da realização do autêntico ministério presbiteral¹⁸⁶ e verdadeiramente uma comunidade de fiéis cristãos¹⁸⁷.

O Concílio deixou para traz a velha definição de Igreja como “sociedade perfeita”. Era uma definição pouco bíblica e inspirada na preocupação com ela mesma e com a defesa de suas estruturas, seus direitos e seus privilégios. No seu lugar, os bispos do Concílio criaram uma definição que colocava Jesus Cristo como o centro da Igreja, e o serviço à humanidade como missão.

A humanidade nova é chamada a viver a paz e na unidade. As comunidades cristãs têm a vocação de mostrar agora sinais desta comunhão. [...] A igreja é o povo de todos os crentes. O que mais importa não é nem a organização, nem os bens materiais (igrejas, capelas etc.), mas o povo pobre, ainda que nada tenha para oferecer exceto a fé, sua esperança, sua vontade de união. Os que valem mais são justamente os que nada têm.¹⁸⁸

O Concílio mexeu em muitas estruturas paroquiais: na liturgia, na catequese e evangelização, na relação da Igreja com o mundo, no estudo e meditação da Bíblia, na vida dos padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

¹⁸¹ AA 10.

¹⁸² Conferir em Andrade (2006), os capítulos de 4 a 6, onde o autor reflete sobre a importância da Eucaristia para a constituição da comunidade paroquial. Ele é categórico ao afirmar: “Não há como negar, a Eucaristia perdeu seu lugar de primazia pastoral. E isso desfigura as comunidades” (p. 51).

¹⁸³ PAULO VI, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. A evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1977.

¹⁸⁴ JOÃO PAULO II, PP. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

¹⁸⁵ ChL 26.

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II, PP., *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in América*, 41.

¹⁸⁷ CIC Cân. 515.

¹⁸⁸ COMBLIN, J., *A profecia na Igreja*, 9-10.

Com a renovação do Concílio Vaticano II, o caminho da santidade e da vida cristã passou a ser considerado a partir do protagonismo dos leigos. Ser santo não significa ser conformista, ou seja, obediente e calado dentro da igreja; disposto a sofrer com paciência as injustiças do mundo à espera do céu; solidário com as autoridades e a lei sem questionamento. Ao contrário, ser santo passou a significar ser um cristão responsável dentro de uma comunidade que busca a fidelidade ao evangelho e, portanto, tem que se avaliar, discutir, se converter e assumir a tarefa de transformar o mundo, ser o fermento na massa, sal da terra, animar o mundo no caminho da justiça. No centro da espiritualidade do Concílio estava o Mistério Pascal, da morte e ressurreição de Jesus, que os discípulos, pelo batismo, são chamados a viver no dia a dia na vida em comunidade (Jo 17, 1-22).

Na espiritualidade pessoal, o Concílio confirmou como objetivo “viver uma vida nova em Cristo” (Ef 4, 17-24). Nisso, porém, se destacou a necessidade de uma atitude profética, de busca de autenticidade, de testemunho: como Jesus, o cristão na vida em comunidade é chamado a ser mais profeta do que sacerdote, escriba ou doutores da lei. “Nenhum profeta será bem recebido na sua pátria. Ele não é o filho do carpinteiro?” (Mt 13, 53-58). O Concílio leva ao abandono uma Igreja triunfalista já apontando sinais para a vida comunitária paroquial.

É a consciência de uma nova atitude, bem mais positiva, em relação ao mundo despertado por essa primavera na Igreja que a mobiliza para ser sinal de solidariedade e de união na humanidade. É essa consciência de sintonia com a realidade do mundo que perpassa o pensamento de José Comblin¹⁸⁹. A Igreja deste tempo em sua missão de evangelização, em seus diversos planos pastorais, toma uma postura profética e os vários ministérios despertam para a libertação dos oprimidos.

Para Comblin, a palavra povo tem uma conotação de revelação que implica uma pertença diretamente a Deus. É um conceito bíblico dentro da tradição judaico-cristã. O Concílio Vaticano II resgata essa imagem e oferece a possibilidade de se fazer uma eclesiologia na qual o objetivo principal seja a recuperação do conceito de povo de Deus.

¹⁸⁹ Muitos reconhecem o padre José Comblin como um autêntico “doutor da Igreja dos Pobres e das comunidades” pelo trabalho de articulação e formação missionária, pela reflexão e vasta obra escrita. Comblin soube articular a grande cultura que ele possuía com a fé e a experiência de vida do Povo Pobre da América Latina.

O conceito de “povo” é um conceito espiritual, não científico. É significativo que nem as filosofias nem as ciências humanas deram muita importância a esse conceito. O “povo” é uma realidade cristã fundamental¹⁹⁰.

A trajetória desse povo animado pelo Espírito, que diante das vicissitudes da vida não perde a fé, é um testemunho autêntico das primeiras comunidades cristãs que enfrentaram as perseguições em uma atitude corajosa. Porém, todos continuavam perseverantes e unidos em torno de um mesmo objetivo pelo qual o Senhor nos constituiu: formar o povo de Deus.

Na América Latina falar em povo era falar naquela imensa maioria da população pobre do campo ou da periferia das cidades, feita de indígenas, negros descendentes dos escravos ou mestiços. [...] Não era insólito que a Igreja se manifestasse na vida pública, embora de modo geral a sua presença na vida pública servisse para reforçar as estruturas. Porém, ela podia também ser desviada para a defesa do povo, o que já não se aceitava facilmente na Europa em virtude de longa história de secularização¹⁹¹.

A concretude e a origem do conceito de povo de Deus são profundamente instigantes para um horizonte eclesiológico comprometido e esclarecedor quanto à finalidade da constituição desse povo vivido em comunidade. Somente o aprofundamento da relação de povo e de pobres explicitará “a identificação com força suficiente”¹⁹² para uma noção mais fundamental da revelação, superando a condição de uma simples imagem.

Quando falamos aqui em paróquia ou comunidade paroquial, como “casa” da iniciação à vida cristã, estamos nos referindo a ela como um todo, ou seja, não somente nas pessoas que vivem em torno do centro aonde se localiza a Igreja matriz, mas conforme nos orienta o *Documento de Aparecida*:

[...] a paróquia é comunidade de comunidades, nas quais vivem e se formam os discípulos missionários de Jesus Cristo [...]. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de comunhão eclesial¹⁹³.

A paróquia, segundo as *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2015-2019* é entendida como: casa da iniciação à vida cristã; lugar de ani-

¹⁹⁰ COMBLIN, J., O povo de Deus, p. 14 -15.

¹⁹¹ COMBLIN, J., O povo de Deus, p. 90-91.

¹⁹² COMBLIN, J., O povo de Deus, p. 11.

¹⁹³ DAp 170.

mação bíblica da pastoral; comunidade de comunidades; a serviço da vida plena para todos.

De acordo com essas urgências, a Igreja no Brasil se empenha em ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte da animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades, a serviço da vida em todas as suas instâncias. Tais aspectos encontram-se unidos de tal modo, que assumir um deles implica que assumam os outros. Estão sempre presentes, pois se referem a Cristo, à Igreja, à vida comunitária, à Palavra de Deus como alimento para a fé, à Eucaristia como alimento para o serviço ao Reino de Deus, a caminho da vida eterna¹⁹⁴.

A renovação paroquial como “casa da iniciação à vida cristã” é uma realidade que não pode ser vista como questões isoladas. Repensar os caminhos da iniciação à vida cristã obriga-nos a rever simultaneamente as estruturas eclesiais nas quais essa fé é vivida. A implantação da prática da iniciação à vida cristã e novo rosto da paróquia não podem ser buscas e esforços paralelos, mas tarefas complementares de um único projeto evangelizador, pois eles dependem um do outro e se iluminam mutuamente.

A Igreja mantém nas cidades a estrutura obsoleta da paróquia. O clero está sendo preparado para atuar dentro do quadro paroquial. Os próprios religiosos estão integrados em paróquias. Ora, estruturalmente, a paróquia é feita para conservar, ajudar, promover os que participam do culto, as pessoas que pertencem à pequena minoria dos que já estão no templo. A paróquia vive em função do templo, ainda que diga o contrário. Em lugar de preparar os cristãos para evangelizar a sociedade, ela se fecha sobre a minoria fiel às instituições do passado¹⁹⁵.

As paróquias, entendidas mais juridicamente do que funcionalmente, foram e continuam sendo vítimas de uma ambiência individualista imposta pela própria sociedade. O que ocorreu é que as cidades impuseram às paróquias o sistema social das famílias locais, isto é, o seu sistema de vida. Criou-se, então, um ritmo de ação paroquial, em que o presbítero atende aos fiéis no que diz respeito aos sacramentos, bênção e novenários, exéquias, matrimônio etc. Infelizmente, com isso, o sentido religioso da vida cristã se perde. O presbítero se torna mais um distribuidor das coisas sagradas e o homem que guarda as tradições religiosas locais. Sabemos por experiência que muita coisa dessa situação ainda perdura. O

¹⁹⁴ CNBB, Doc. 102, 32.

¹⁹⁵ COMBLIN, J., As grandes incertezas da Igreja atual, Revista Eclesiástica Brasileira, p. 41.

desafio está em saber mexer nestas estruturas que não favorecem mais a ação evangelizadora da Igreja hoje.

Há muito tempo se fala em renovação da paróquia, o que pode sugerir não ser nada fácil essa missão. A paróquia deve ser, antes de tudo, uma comunidade. No entanto, a paróquia não é simples organização administrativa ou extensão territorial, mas uma célula orgânica da Igreja, parte viva do corpo místico de Cristo, onde a prioridade deve passar pelas relações humanas, pelas relações interpessoais e pelas necessidades do homem e da mulher do hoje da nossa história.

Diante desta realidade desafiadora que é a vida da paróquia a *V Conferência Episcopal Latino-Americana*, em Aparecida, propôs uma corajosa ação renovadora das paróquias. Definiu-se a paróquia como “célula viva da Igreja”¹⁹⁶, lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e da comunhão eclesial¹⁹⁷. As paróquias foram convidadas a serem “casa e escola de comunhão”¹⁹⁸, tendo como grande desafio uma valente ação renovadora, a fim de se tornarem espaços de iniciação cristã.

[...] espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimento de apostolado já existente, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supraparóquiais e às realidades circundantes¹⁹⁹.

A Conferência de Aparecida propôs que a renovação paroquial se dê a partir do caráter missionário em todas as paróquias.

A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo²⁰⁰.

Toda essa renovação paroquial precisa ter em vista o “mundo urbano”, expressão usada pela *V Conferência*, desafiando a criação de novas estruturas pastorais. Os bispos, nesse contexto, falam da conversão pastoral e renovação

¹⁹⁶ DAp 170.

¹⁹⁷ DAp 170.

¹⁹⁸ DAp 170.

¹⁹⁹ DAp 170.

²⁰⁰ DAp 173.

missionária das comunidades que deverá ir além de uma mera conservação para uma pastoral decididamente missionária²⁰¹.

Necessitamos revisitar as estruturas eclesiais para que possam ser evangelizadoras, as paróquias deixarão de ser agências de serviços sacramentos e sacramentais se tiverem a coragem de voltar ao objetivo primeiro das paróquias: evangelização.

A paróquia precisa ser o lugar que possibilite a experiência pessoal de Deus em Jesus Cristo, refazendo a unidade entre a dimensão contemplativa e orante e o cotidiano da vida, dando sentido à vida da pessoa, unidade enfraquecida ou mesmo perdida no contexto do mundo atual.

As *paróquias* têm importante papel na vivência da fé. Para a maioria das pessoas a relação com a Igreja se dá através das paróquias. Em vista da *conversão pastoral* que a missão hoje exige, elas precisam tornar-se cada vez mais comunidades vivas e dinâmicas, capazes de propiciar a seus membros uma real experiência “de discípulos e missionários de Jesus Cristo, em comunhão”. Assim haverão de se tornar mais próximas das pessoas sendo âmbitos de viva comunhão, participação e missão.²⁰²

A paróquia precisa ser lugar onde se favoreça o processo para refazer o tecido cristão das comunidades eclesiais, formando assim comunidades maduras, alimentadas pela escuta da Palavra de Deus e a celebração da Liturgia. Precisam ser comunidades cristãs que desejam sair de suas próprias fronteiras para um novo compromisso com a missão da Igreja, ou seja, não uma Igreja “fechada”, mas espaço, escola de comunhão, de solidariedade, de partilha para a vida do mundo.

Por outro lado, muitas comunidades e paróquias do país vivenciam experiências de profunda conversão pastoral. São comunidades ocupadas com a evangelização, a catequese como processo de iniciação à vida cristã, a animação bíblica da pastoral, a liturgia viva e participativa, a atuação da juventude, os ministérios exercidos por leigos e leigas, os Conselhos Comunitários, o Conselho Paroquial de Pastoral e o Conselho de Assuntos Econômicos. Quem participa da vida de sua paróquia tem vínculos comunitários. Há interesse e empenho em atrair os afastados. Nessas paróquias, os párocos e os cristãos engajados, homens e mulheres, desenvolvem uma pastoral de comunhão e participação²⁰³.

Um ponto se impõe como decisivo: a renovação da paróquia na sua estrutura pastoral, para se firmar, terá que romper com esta estrutura passada. Mas só

²⁰¹ DAp 370.

²⁰² CNBB, Doc. 102, 56.

²⁰³ CNBB, Doc. 100, 30.

poderá fazê-lo se for portadora de uma mensagem nova, a saber, de uma mensagem de fé enraizada no Evangelho que traga sentido ao homem e à mulher de hoje.

Por isso, não se trata apenas de ter maneiras novas de fazer, não se trata nem de técnica nova, nem tampouco de programas novos. Importa que a renovação da paróquia venha dar o que não foi transmitido, a saber, uma fé pessoal, consciente e comunitária. Eis o que é fundamental para a renovação da paróquia. A preocupação ritualista e sacramentalista que se observa ainda em nossos dias, herança do passado, deve responder, hoje, ao cuidado de criar uma base de fé comunitária com raízes e exigências evangélicas.

A renovação da paróquia e das comunidades depende de agentes de pastoral preparados para essa nova mentalidade. É necessário reforçar uma clara e decidida opção pela formação de todos os membros das comunidades. Trata-se de um itinerário que implica uma aprendizagem gradual e requer caminhos diversificados que respeitem os processos pessoais e os ritmos comunitários. Hoje é indispensável a interação na qual a pessoa não é apenas informada, mas aprende a formar-se junto com os outros. Métodos, pedagogias interativas e participativas, precisam ser desenvolvidos entre as lideranças cristãs, para que promovam a participação na comunidade. Essas metodologias devem considerar especialmente a prática das comunidades e as experiências de vida das pessoas, formando a consciência sobre o valor da vida comunitária para a fé cristã²⁰⁴.

Não estamos defendendo aqui o fim da paróquia, mas acreditamos na necessidade de repensar seu modelo tradicional, temos que pensar no fim de um modelo paroquial. Sabemos, entretanto, que a estrutura da paróquia, no passado, foi suficientemente forte para chegar até nossos dias com densas resistências às inovações. Isso significa que ela foi capaz de criar valores próprios e diversos dos que desejamos implantar.

Daí vem a nossa afirmação de que renovar pastoralmente não é dar uma técnica nova nem um planejamento. É, no momento atual, criar condições psicológicas e sociais que permitam a renovação que desejamos trazer. E é importante que se considere esta dupla necessidade: de um lado, criar uma mentalidade nova no clero, nos leigos e leigas. E, de outro lado, não adotar medidas drásticas contra certas resistências quando estas se apresentarem muito fortes, pois as consequências seriam funestas.

²⁰⁴ CNBB, Doc. 100, 302.

Importa ver que não se renova em pouco tempo uma estrutura de séculos, uma estrutura com fundas raízes. Renovar pastoralmente a paróquia é um trabalho longo de pedagogia evangélica. Por isso, precisamos pensar a paróquia a partir da comunidade.

O discípulo missionário de Jesus Cristo, necessariamente, *vive sua fé em comunidade* (I Pd 2,9-10), em “íntima união ou comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade”. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã. Comunidade *implica* convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. A comunidade eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. Ao mesmo tempo em que hoje se constata uma forte tendência ao individualismo, percebe-se igualmente a busca por vida comunitária. Esta busca nos recorda como é importante a vida em fraternidade. Mostra também que o *Espírito Santo* acompanha a humanidade suscitando, em meio às transformações da história, a sede por união e solidariedade²⁰⁵.

O Concílio Vaticano II não explorou o tema das comunidades²⁰⁶ e, quando fala de comunidade, ainda tem como referência a Igreja diocesana ou a paróquia²⁰⁷. Percebemos que a defasagem da paróquia se deu por conta de toda a atividade eclesial ocorrer em torno da paróquia, que centraliza em si a vida espiritual. Esse modelo no qual o povo vem à paróquia, mas a Igreja não consegue ir até o povo, carece de uma atualização missionária, pois não irradia, mas só ilumina a si mesma. Essa forma paroquial é centralizada no pároco, e dele dependem toda a organização e as decisões, os fiéis são apenas espectadores.

Objetivamos falar das comunidades como espaço de interação, comunidades que sejam interlocutoras, por isso, em um viés sociológico é possível compreender que a paróquia não é uma comunidade, pois a comunidade pode ser compreendida como uma associação vital e orgânica, fruto de uma vontade natural: surge da vontade de estar juntos de forma mais ou menos prolongada; tem as características de intimidade, confiança e partilha de vida e a sociedade como o resultado da soma de indivíduos que, unindo explicitamente suas vontades, conti-

²⁰⁵ CNBB, Doc. 102, 55.

²⁰⁶ Aparece 183 vezes o termo *communitas* nos textos do Vaticano II. Vale lembrar que o sentido é amplo, ou seja, designa a paróquia, diocese e até mesmo a Igreja geral. Quando os textos conciliares utilizam a expressão ‘comunidade cristã’, a tendência é substituir o termo paróquia, veja, por exemplo, o número 30 de *Christus Dominus*. Uma excelente diferenciação dos significados que os textos do Concílio atribuem a termos como paróquia, comunidades eclesiais, comunidade cristã, comunidade, pode ser visto nas notas 11 a 14 de ROUTHIER, G. A paróquia: suas imagens, seus modelos e suas representações. In: BORRAS, A.; ROUTHIER, G. *A Nova Paróquia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p. 34.

²⁰⁷ AG, p. 433-489.

nuariam independentes uns dos outros. A comunidade feita de certa inclinação mútua, confiança, reciprocidade, doação, amor, vive do vital e afetivo²⁰⁸.

A busca sincera por Jesus Cristo faz surgir a correspondente busca por diversas formas de vida comunitária. Alimentadas pelo pão da Palavra e da Eucaristia, articuladas entre si, na partilha da fé e na missão, estas comunidades se unem, dando lugar a verdadeiras *comunidades de comunidades*. Entre elas, encontram-se as Comunidades Eclesiais e “outras formas válidas de pequenas comunidades”, cada uma vivendo seu carisma, assumindo a missão evangelizadora de acordo com a realidade local e se articulando de modo a testemunhar a comunhão na pluralidade²⁰⁹.

Joaquín Perea em seu livro *Otra Iglesia es Possible*²¹⁰, no qual elabora sua reflexão a partir da própria experiência com os leigos e leigas, movimentos de apostolado e de comunidades e grupos, afirma que estamos passando por uma noite dolorosa e muito desolada sofrendo com a deriva em que a Igreja tem seguido por anos; leigos que se encontram em uma situação confusa em relação ao seu pertencimento e à sua missão e que estão em uma séria luta contra a tentação de abandoná-los em silêncio²¹¹. As ilusões de uma Igreja renovada que nasceu com o Concílio estão em colapso. O seu conceito de comunidade traz um sentido profundo como um dos pontos de encontro e de enfrentamento da sociologia com a eclesiologia. Porém, os documentos do Magistério insistem em referir-se à paróquia como comunidade de vida, de missão; como célula onde se concretiza a Igreja diocesana, a Igreja universal.

Tudo indica que o presente e o futuro da vida eclesial dependem de um novo rosto estrutural paroquial. Um novo perfil paroquial é condição necessária para o futuro da Igreja, a necessidade de criar comunidades que sejam afetivas e efetivas, que desejam viver a partir da comunhão expressando assim o mistério da Igreja.

²⁰⁸ Cf. ALMEIDA, A. J., Paróquia, comunidades e pastoral urbana, p. 12.

²⁰⁹ CNBB, Doc. 102, 57.

²¹⁰ PEREA, J., *Otra Iglesia es Possible*, p. 267.

²¹¹ A Igreja tem se importado cada vez mais com o protagonismo dos leigos. Assim se expressa, por exemplo, o *Documento de Santo Domingo*, n. 97. Talvez fosse mais adequado falar em corresponsabilidade. Assim se expressa a *Christifideles Laici*, no subtítulo do cap. III: *A corresponsabilidade dos fiéis leigos na Igreja-missão*. Convocando o leigo a ser protagonista, introduzimos uma desigualdade numa comunidade de iguais na fé, como queria o Concílio. Todos nós somos responsáveis na Igreja e na sua missão no mundo, conforme o dom que o Espírito concede. Realizamos a Igreja – comunidade de carismas e ministérios. E o mais atual texto do ano do Laicato, Documento 205 da CNBB: *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade. Sal da terra e luz do mundo* (Mt 5,13-14).

[A comunidade] assume a realidade humana comunitária, mas não como decisão de um grupo de pessoas que resolvem se associar, ainda que seja de modo fraterno. Não. A comunidade cristã não nasce desde baixo, mas de Deus, que suscita o desejo e a necessidade nas pessoas de querer viver em comum. Por isso se pode dizer que na comunidade cristã se manifesta o mistério da Igreja e ela é chamada a realizar em si mesma a totalidade da missão que a Igreja recebeu de Cristo: a continuação da obra salvífica, a colaboração na vinda do Reino²¹².

O modelo tradicional da paróquia se parecia mais com um “aglomerado de sócios”, com uma “sociedade de fiéis”, nosso *desafio* hoje é recuperar o verdadeiro sentido de comunidade: pensar a paróquia como “comunidade de comunidades” ou “rede de comunidades, grupos e movimentos”, em que os participantes sintam-se e sejam, realmente, discípulos missionários de Jesus Cristo²¹³.

As comunidades assumem algumas características inerentes ao seu modo de existir: a fé em Jesus Cristo, a experiência do Espírito Santo, a fidelidade ao evangelho e compromisso com seu anúncio, a celebração da fé e a oração, a comunhão com as demais comunidades cristãs, a presidência do ministério ordenado, a corresponsabilidade, a catolicidade-missionária, comprometida no mundo²¹⁴. Sabemos, portanto, o grande desafio que temos que enfrentar, não só a partir do princípio sociológico, como também no teológico de tornar viável a paróquia como comunidade.

As transformações da sociedade bem como as transformações culturais atingem a paróquia na sua essência. A identidade da paróquia é ser comunidade. Enquanto que o institucional, o território são realidades circunstanciais e históricas, a comunidade é para a paróquia uma questão teológica²¹⁵, que precisa ser pensada e repensada, por isso irrenunciável.

Pensar a paróquia como comunidade, como casa de casas nos remete a algumas características que lhe são inerentes, tais como a descentralização da Igreja Matriz, o protagonismo dos leigos e leigas, a abertura para a ministerialidade, a consciência de pertença, o serviço com marca na vida daqueles que a compõem, a abertura para missionariedade e a consequência da sua inserção na sociedade que é a transformação social.

²¹² PEREA, J., *Outra Iglesia es Possible*, p. 273.

²¹³ STRAGLIOTTO, O. J., *Perspectivas pastorais... É possível recuperar a Paróquia?*, p. 252.

²¹⁴ Cf. PEREA, J., *Outra Iglesia es Possible*, p. 273-277.

²¹⁵ AMADO, J. P., *Experiência eclesial em mundo urbano: pressupostos e concretizações*, *Atualidade Teológica*, p. 161.

Projetando o quadriênio pastoral que vai de 2015 a 2019, constatamos que as cinco urgências pastorais que priorizamos encontram-se *unidas* de tal modo que trabalhar um desses aspectos implica que os outros sejam assumidos²¹⁶. A segunda urgência: “Igreja: casa da Iniciação à Vida Cristã” precisa, portanto, incluir as outras²¹⁷.

Para Almeida²¹⁸, a paróquia como comunidade fascina, anima, motiva. Ganha ar de magia e condão de mágica. Mostra-se caminho e solução para tudo: para a evangelização, a catequese, a liturgia, a pastoral; para os carismas, serviços e ministérios; para leigos e leigas, ministros ordenados e vida consagrada; para a vida social e o processo econômico. Portanto, é urgente a necessidade de repensar a paróquia a fim de resgatar sua identidade comunitária e missionária, tornando-a “comunidade de comunidades”, uma vez que “o ponto irrenunciável no conceito de paróquia é a estabilidade dos laços comunitários”²¹⁹.

Para que as comunidades sejam renovadas, devem ser casa de Iniciação à vida cristã, onde a catequese há de ser uma prioridade. Um novo olhar permitirá uma nova prática. A catequese, como iniciação à vida cristã, ainda é desconhecida em muitas comunidades²²⁰.

A partir desse modo de ver e pensar a paróquia como comunidade, ela se torna casa e espaço para a iniciação à vida cristã, com isso deriva daí uma primeira e fundamental indicação para a práxis eclesial: a comunidade como casa da iniciação à vida cristã não tem como fim a própria Igreja ou a sua afirmação no mundo, mas se projeta inteira para um plano que a transcende e lhe determina o sentido: o advento do Reino e seu crescimento na história. Aqui, a comunidade como casa de casas encontra o significado último dos próprios esforços, ao ver avançar os valores do Reino: a fraternidade, a unidade, a liberdade, a paz, a felicidade, a vida. “A comunidade é assim a casa da iniciação à vida cristã. Igualmente, os Círculos Bíblicos e a prática da Leitura Orante da Palavra, na perspectiva da animação bíblica da pastoral, muito podem oferecer para que esse encontro se realize”²²¹.

²¹⁶ CNBB, Doc. 102, 32.

²¹⁷ CNBB, Doc. 107, 53.

²¹⁸ Cf. ALMEIDA, A. J., Paróquia, comunidades e pastoral urbana, p. 45.

²¹⁹ AMADO, J. P., Experiência eclesial em mundo urbano: pressupostos e concretizações, Atualidade Teológica, p. 200.

²²⁰ CNBB, Doc. 100, 268.

²²¹ CNBB, Doc. 100, 180.

O sujeito primordial dos processos de Iniciação à Vida Cristã é toda a comunidade cristã. Ela é responsável pelo rosto que a Igreja vai apresentar a quem dela se aproxima; é necessário recuperarmos esta convicção e com ela sermos coerentes. O processo de Iniciação à Vida Cristã requer a acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente experiência eclesial. A Iniciação dos chamados ao discipulado se dá pela comunidade e na comunidade²²².

Portanto, evidencia-se, nos tempos atuais, a necessidade de um novo jeito de comunidade como casa da iniciação à vida cristã com uma orientação pastoral profunda e corajosamente nova, sem saudade da “cristandade”, sem desejos de reconquista, voltada para um futuro aberto às novas necessidades pastorais, na fidelidade à missão evangelizadora. Desponta no horizonte um novo modelo de cristão, um novo tipo de comunidade, um projeto renovado de Igreja. A iniciação à vida cristã deve ser pensada, hoje, tendo em vista esse novo jeito de ver a paróquia como comunidade, para a promoção dos novos modelos de cristão, de comunidade e de Igreja.

2.5. Aspectos pedagógicos e metodológicos da Iniciação à Vida Cristã

O termo iniciação²²³ não procede da Sagrada Escritura, mas das religiões místicas. Os Padres²²⁴ da Igreja se utilizaram do termo iniciação nos primeiros séculos da história do cristianismo e aos poucos ele foi inserido na linguagem cristã, especialmente na dimensão litúrgica e ‘catequética’, para significar o processo completo dos sacramentos pelos quais o homem passa da situação de não cristão àquela de membro da Igreja²²⁵.

Etimologicamente o termo iniciação significa introdução; do latim *initia*, deriva do termo *in-ter* que significa entrar no caminho. Isto é, significa “o processo de amadurecimento, desenvolvimento durante um período para se obter a

²²² CNBB, Doc. 107, 95.

²²³ Na prática pastoral, o termo iniciação cristã é relativamente recente, aparecendo pela primeira vez na publicação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, em sua primeira edição, em 1973. A partir do século XIX, a expressão começou a ser utilizada para designar os sacramentos do batismo, eucaristia e confirmação. Percebemos que a expressão foi assumida pelo Vaticano II, conforme consta em SC 71, p. 259-306; AG 14.

²²⁴ O vocabulário da iniciação cristã foi elaborado pelos Santos Padres: refere-se às etapas consideradas indispensáveis para mergulhar (batismo significa mergulho) no mistério de Cristo e começar a fazer parte da comunidade eclesial em espírito e verdade (CNBB, Estudo 97, 44).

²²⁵ TENA, P.; BOROBIÓ, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 24.

identificação de uma pessoa com um grupo concreto ou uma comunidade específica”²²⁶.

A “iniciação” designa as mediações ou ritos por meio dos quais “se entra” em determinado grupo, associação, religião. Num sentido geral, a partir da fenomenologia religiosa, ela indica um conjunto de ritos e de pensamentos orais cuja finalidade é produzir uma modificação radical no estatuto social e religioso da pessoa que é iniciada²²⁷.

Percebemos que a iniciação é essencialmente um fenômeno antropológico e cultural, é preciso compreendê-la na sua essência como uma realidade religiosa, presente em todas as religiões. Eliade afirma ser a iniciação “um dos fenômenos espirituais mais significativos da história da humanidade²²⁸. Para o autor, iniciação é “um conjunto de ritos e doutrinas orais que têm por finalidade a modificação radical da condição religiosa e social do sujeito iniciado”²²⁹. É através do conjunto de ritos e símbolos que se entra no âmbito sagrado, na vida religiosa da comunidade ou em um grupo humano com seus valores espirituais²³⁰.

A iniciação, a partir da antropologia e da cultura, pode ser definida como:

[...] um conjunto de ritos e ensinamentos orais, visando realizar uma transformação do estatuto religioso e social do iniciado. Do ponto de vista filosófico, a iniciação equivale a uma mutação ontológica existencial. Ao final do período de provas, o neófito goza de uma existência totalmente diferente da que possuía antes: transforma-se noutra pessoa²³¹.

Ao analisarmos a estrutura interna do processo iniciático, podemos encontrar a presença de quatro elementos que o configuram²³²: em primeiro lugar, o “mistério”, isto é, uma realidade com algum tipo de transcendência; em segundo lugar, a “simbologia”, ou seja, um corpo de símbolos que são ponte de aproximação; em terceiro lugar, a comunidade de “iniciados”, os quais agem a partir de sua situação em favor dos que querem participar de seu estado; por fim, em quarto lugar, o “sujeito” da iniciação, que deve ser capaz de entrar no mistério, aceitar

²²⁶ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 11.

²²⁷ BOROBIÓ, D., Iniciación cristiana, p. 19.

²²⁸ ELIADE, M., Iniciaciones místicas, p. 19.

²²⁹ ELIADE, M., Iniciaciones místicas, p. 10.

²³⁰ Cf. FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 15.

²³¹ ELIADE, M., Orígenes, p. 187.

²³² TENA, P.; BOROBIÓ, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 24.

suas conseqüências. Logo, a iniciação à vida cristã é uma operação pela qual a fé da Igreja realiza, por uma ação simbólica, a comunhão com o mistério.

[...] a introdução de alguém no “mistério de Cristo, da Igreja e dos sacramentos”, por meio da proclamação da mensagem (querigma), da catequese e dos ritos sacramentais e outras celebrações. É obra do amor de Deus, por seu Filho no Espírito Santo; realiza-se na Igreja e pela mediação da Igreja, requer a decisão livre da pessoa e nela se realiza a participação humana no diálogo da salvação²³³.

Aqui encontramos o sentido e a diferença da inserção no mistério²³⁴ a partir da iniciação cristã, mergulho no Mistério, não em qualquer mistério, mas no mistério de Deus, revelado em Jesus Cristo²³⁵.

Jesus, ao falar do Reino, chama-o de mistério: "A vós é confiado o mistério do Reino de Deus" (Mc 4,11; cf. Mt 13,11; cf. Lc 8,10). Ser cristão é participar desse mistério e se comprometer com ele. Requer uma mudança de vida, é fruto de experiência, não apenas de conhecimento. O conceito de mistério aparece pouco no Antigo Testamento, mas é muito usado por Paulo. Era algo bem presente nas religiões pagãs. No cristianismo adquire um sentido totalmente novo: é a presença do Reino de Deus presente com Jesus²³⁶.

Considerando que o próprio Jesus, ao falar do Reino, utiliza a categoria mistério, conforme vimos anteriormente, reside, aqui, sem sombra de dúvida a identidade da fé cristã e a razão de ser da iniciação cristã: adentrar, mergulhar no mistério do Deus de Jesus Cristo. O que é comunicado na iniciação cristã “não é um corpo de verdades abstratas: ela é comunicação do mistério vivo de Deus”²³⁷, pois no próprio centro da catequese, encontramos essencialmente uma Pessoa: a de Jesus de Nazaré²³⁸.

A mensagem cristã apresentada como mistério leva naturalmente à realidade da iniciação. No nosso imaginário o mistério carrega em si algo de fascinante, subli-

²³³ Cf. CNBB, Estudo 97, 62-66.

²³⁴ O termo *mysterion* é fundamental no Novo Testamento. Foi usado para manifestar o desígnio divino de salvação que para Paulo se concentra na pessoa de Jesus, sua vida, morte e ressurreição. Paulo contrapõe a “sabedoria humana” à “sabedoria misteriosa” de Deus (I Cor 2,7) e diz que sua missão é fazer conhecer a gloriosa riqueza desse mistério em meio aos gentios, ou seja, “o Cristo no meio de vós, esperança da glória” (Cl 1,27) e também iniciar os cristãos “no pleno entendimento e no conhecimento do mistério de Deus, que é Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2,2-3; cf. Ef 1,9-10; 6,19) (CNBB, Estudo 97, 39).

²³⁵ TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 32.

²³⁶ CNBB, Estudo 97, 37.

²³⁷ CT 7.

²³⁸ CT 5.

me, surpreendente, deslumbrante, inacessível ao simples mortal; enfim, algo de divino, de fantástico e espantoso. O mistério é um segredo que se manifesta somente aos iniciados²³⁹.

Segundo Floristán²⁴⁰, apesar da expressão “iniciação à vida cristã” estar unida ao título dos rituais do batismo, confirmação e eucaristia, o seu significado é bem mais amplo. Para o autor, a iniciação à vida cristã “é um processo de fé que um convertido segue, com ajuda de uma comunidade de fiéis, para ser membro dela, por meio dos sacramentos de admissão e da força do Espírito de Jesus Cristo”²⁴¹. Por iniciação cristã se entende todo o processo pelo qual alguém é incorporado ao mistério de Jesus Cristo. Teologicamente falando, a verdadeira iniciação se dá na celebração dos sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia²⁴².

Precisamos ter presente que a iniciação se concretiza através do processo catequético e sacramental, a dimensão sacramental se concretiza nos três sacramentos da iniciação²⁴³ sem os quais ninguém pode estar iniciado. A dimensão catequética consiste no processo orgânico, sistemático e gradual da educação da fé, compreendida, celebrada e testemunhada.

Por isso, o processo de iniciação cristã insere o iniciado no mistério salvífico de Cristo, para que o cristão possa assumir os compromissos de sua caminhada, a radicalidade evangélica, a ascese requerida pela moral cristã, ou seja, viver e testemunhar de fato sua fé, sua adesão a Jesus Cristo. Realidades essas que são muito exigentes; portanto, só por meio de um processo de iniciação à vida cristã consistente se pode alcançar esse fim.

A Iniciação à Vida Cristã é a participação humana no *diálogo da salvação*. Somos chamados a ter uma relação filial com Deus. Com ela, o iniciando começa a caminhada para Deus que irrompe em sua vida, dialoga e caminha com ele. Essa vida nova, essa participação na natureza divina, constitui o núcleo e coração da Iniciação à Vida Cristã.²⁴⁴

Vivemos em uma nova época, em uma cultura moderna quase pós-cristã (cf. CT, n. 57) em que a Igreja se vê diante da necessidade de uma real iniciação

²³⁹ CNBB, Estudo 97, 40.

²⁴⁰ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 18.

²⁴¹ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 20.

²⁴² LIMA, L. A., A iniciação cristã ontem e hoje, p. 58.

²⁴³ Batismo, Confirmação e Eucaristia.

²⁴⁴ CNBB, Doc. 107, 85.

para formar cristãos que realmente assumam o projeto do Reino²⁴⁵. Diante dessa realidade que nos desafia precisamos compreender a “Igreja como casa de iniciação à vida cristã” e aprofundar a iniciação à vida cristã como uma nova maneira pedagógica e metodológica para ajudar os batizados e não batizados a crescerem na vida de fé, até à plena maturidade, firmes e perseverantes, dando frutos de vida cristã esperados. Para que as comunidades sejam renovadas, devem ser casa de iniciação à vida cristã, onde a catequese há de ser uma prioridade. Um novo olhar permitirá uma nova prática²⁴⁶.

Com a proposta da iniciação à vida cristã, abrimos as portas para um novo tempo na vida eclesial, por isso é preciso que todas as instâncias da Igreja se empenhem neste processo de renovação pastoral, para o qual o Espírito Santo lança e conduz a Igreja.

O aprofundamento do processo de iniciação à vida cristã na vida eclesial deverá envolver, de modo especial, as pastorais de animação e acompanhamento do processo catequético de iniciação, como o itinerário com pais e padrinhos, os grupos e movimentos de adolescentes e jovens e as crianças; também deverá voltar-se aos adultos, já batizados, mas não suficientemente iniciados à fé e à vida cristã, em estreita articulação com a liturgia.

Pretende-se passar da catequese como mera instrução e adotar a metodologia ou processo catecumenal, conforme a orientação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos e do Diretório Nacional da Catequese. Nesse sentido, padres, catequistas e a própria comunidade precisam de uma conversão pastoral para rever a catequese de adultos, jovens, adolescentes e crianças. É indispensável seguir os tempos e etapas do catecumenato e propor, mesmo para os membros da comunidade, uma formação catecumenal que percorra os processos da iniciação, desde o querigma e conversão, até o discipulado, a comunhão e a missão²⁴⁷.

Se olharmos para um passado distante compreenderemos os aspectos pedagógicos e metodológicos da iniciação cristã. No entanto, ressaltamos que não pretendemos aprofundar na história da catequese, mas buscar, no decorrer dela, os vários métodos, pedagogias e estratégias utilizados para que a iniciação acontecesse. Seria precário não buscarmos um olhar retrospectivo, mesmo que rápido, sobre as atividades multiformes, sobre as escolas de pensamento, sobre as correntes pedagógicas, metodológicas e teológicas ao longo da história do cristianismo.

²⁴⁵ CNBB, Estudo 97, 49.

²⁴⁶ CNBB, Doc. 100, 268.

²⁴⁷ CNBB, Doc. 100, 269.

A ação pedagógica e metodológica como iniciação à vida de fé teve início dentro da pregação apostólica. Sua preocupação era preparar os ouvintes para a evangelização. Na história do cristianismo, notamos variadas formas de anúncio da Boa Nova. Percebemos, contudo, vários métodos pedagógicos para a transmissão da fé. Nesse peregrinar pela história o processo de iniciação sempre esteve presente na educação da fé. O decorrer dos tempos fez com que a iniciação sofresse mudanças, e, nesse contexto, podemos observar quatro fases com características próprias.

Esse processo de iniciação à vida cristã não é algo novo na Igreja, ele acontece desde a era apostólica. Nos Atos dos Apóstolos podemos encontrar menção a um tipo de iniciação para a vida cristã.

A este Jesus, Deus o ressuscitou e disso nós somos testemunhas. Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e isto o que vedes e ouvis [...] Ouvindo isto, eles sentiram o coração transpassado e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Irmãos, que devemos de fazer? Respondeu-lhes Pedro: arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis os dons do Espírito Santo [...] Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações²⁴⁸.

No discurso de Pedro, vemos a relação das condições necessárias para iniciar na comunidade cristã. Além dessa pericope, podemos encontrar outras como em Atos dos Apóstolos, capítulo 8, v. 28-30, que fala da necessidade de um discernimento, em outros, a pregação, acolhida, conversão e pedido do batismo, renúncia aos ídolos para servir ao Deus vivo; em I Tessalonicenses, capítulo 1, v. 9-10, distinção entre a primeira evangelização, o pedido de batismo e a catequese.

Nas fontes neotestamentárias²⁴⁹ não é possível encontrar uma referência explícita à iniciação cristã, mas apresentam-se muitos dados significativos sobre a

²⁴⁸ Bíblia de Jerusalém At 2,32-33;37-38;42.

²⁴⁹O liturgista e historiador A. Nocent traz a seguinte síntese sobre a atividade apostólica no tocante à iniciação cristã: “Esta época [a apostólica] oferece-nos poucos dados precisos sobre a iniciação: não há descrição de organização que se refira à preparação para os três sacramentos; sabemos, porém, que toda a pregação dos apóstolos tem como fim a fé e o batismo (Mt 28,19-20; Mc 16,15-16; At 2,14-36; 8,12-36; 10,34-43; 16,13-14; 18,15; 19,4-5). O *batismo* entra evidentemente no ensinamento dos apóstolos que o distinguem do batismo de João (Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Jo 1,33; At 19,1-5). O batismo de João é rito de conversão (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,32-34), mas o Cristo, ao recebê-lo, transformou-o, fazendo-o passar de rito de purificação para dom da vida nova (Jo 3,5-6). Quanto aos ritos, o evangelho de Mateus, embora sem dar-nos aquela que será a ‘fórmula’, diz que o objeto do batismo e da fé é a inserção no Pai, no Filho e no Espírito Santo (Mt 28,19-20); os Atos, ao invés, descrevem-nos melhor o rito batismal (2,38-41). Quanto à *confirmação*, lendo o NT devemos esquecer a nossa

entrada na comunidade dos discípulos de Jesus. Tal itinerário, conforme *Atos* e os *escritos de Paulo*, é constituído destes elementos:

Conforme o célebre texto de *Atos* 2, 42-47, o aprendizado da vida cristã, realizado no seio mesmo da comunidade, compreende estas dimensões básicas da vida cristã: O ensino dos Apóstolos: *conhecimento e adesão à Mensagem – Kerygma*; Vida de comunhão: *uma fraternidade conforme o Evangelho – Koinonia*; Frequência da Fração do Pão, Oração: *celebração da Páscoa do Senhor – Liturgia*; Partilha dos bens – “tinham tudo em comum”: *serviço ao irmão – Diakonia*²⁵⁰.

Nas várias perícopes dos Atos dos Apóstolos apresenta-se um discurso sobre como se dava a conversão daqueles que desejavam ser adeptos da comunidade, visto que não existia formalmente um ritual de iniciação. Percebemos que o primeiro passo sempre se dava pela pregação da Palavra, o anúncio do Mistério Pascal: Cristo como salvador da pessoa. Depois, o convite era feito para as pessoas aderirem a essa mesma Palavra, através da conversão, do batismo e do recebimento do dom do Espírito Santo, que as inseria plenamente na comunidade cristã, na qual perseveravam na pregação apostólica, na fração do pão e nas orações²⁵¹.

O trinômio pregação-fé-batismo é um traço característico da práxis pastoral neotestamentária. Embora não seja possível deduzir do Novo Testamento o processo primitivo de iniciação cristã, pode observar-se que, desde o começo da Igreja, os convertidos pelo anúncio do querigma, depois de aceitar a fé, são agregados ao povo de Deus mediante o batismo, rito fundamental do catecumenato²⁵².

A literatura neotestamentária²⁵³ trata de várias formas sobre a admissão de fiéis à comunidade cristã. Nos Atos dos Apóstolos e nos escritos paulinos se pode encontrar esse itinerário onde são perceptíveis os elementos de uma pedagogia

mentalidade contemporânea. Com efeito, temos a impressão de que o Espírito é dado tanto diretamente, como no caso de Cornélio (At 10,44), quanto mediante a imposição das mãos acompanhadas de oração (At 8,5-25; 19,1-6). Sempre nos Atos é mencionado um caso (o dos samaritanos) de imposição das mãos nitidamente diferente do batismo (8,15). A epístola aos Hebreus tem a tendência a manter o batismo distinto da *confirmação* (6,1-2). Todavia, Paulo nunca fala de imposição das mãos depois do batismo, pondo o dom do Espírito dentro do próprio batismo” (NOCENT, A., *Iniciação cristã*, p. 595.)

²⁵⁰ LIMA, L. A., *A catequese no Brasil*, p. 1496.

²⁵¹ AUGÉ, M., *Liturgia*, p. 112.

²⁵² FLORISTÁN, C., *Para compreender o catecumenato*, p. 56.

²⁵³ “À luz dos dados neotestamentários, podemos indicar que a iniciação cristã é estruturada concretamente por meio da articulação recíproca de três elementos: a Palavra anunciada, escutada, acolhida, a conversão de vida segundo os ensinamentos de Jesus, e a celebração do evento de Cristo crucificado e ressuscitado.” (RUSSO, R., *A iniciação cristã*, p. 24).

para a evangelização: o anúncio, a conversão, a catequese, o batismo e a inserção na comunidade de fé.

Anúncio do mistério pascal de Cristo, acolhida da fé e conversão, a catequese entendida como a instrução, a verificação das disposições do candidato; o batismo como mergulho no mistério pascal de Cristo, o dom do Espírito Santo, incorporação ao Povo de Deus, participação no corpo de Cristo. De acordo com Atos 2,42-49, a prática da vida cristã na comunidade se dava no ensinamento dos apóstolos (*kerigma*), vida em comum (*koinonia*), fração do pão e oração (*liturgia*), partilha dos bens (*diakonia*)²⁵⁴.

Após essas referências do Novo Testamento, outro texto antigo sobre os processos de iniciação dos primórdios da Igreja, é a *Didaqué*, ou Doutrina dos doze²⁵⁵, na qual encontramos bases mais sólidas da iniciação à vida de fé, sem ainda consistir em uma maior sistematização. O eixo que norteia a obra é a doutrina dos “dois caminhos” (morte e vida, luz e sombra, *Didaqué* 1, 1-6). A *Didaqué* lembra que a fonte inspiradora do comportamento, da oração e das celebrações é a Sagrada Escritura. Além disso, mostra que o cristianismo não é uma devoção individualista, intimista, mas um caminho comunitário em que todos os setores da vida e do comportamento humano devem ser penetrados pela Palavra de Deus e pela oração²⁵⁶.

Com o transcorrer da história, a necessidade de um processo de iniciação se fazia urgente. Na era apostólica, a iniciação se dava em comunidades eclesiais que viviam com intensidade as consequências da adesão a Cristo e que, com isso, davam sólido suporte aos iniciantes. Mas a oficialização de um processo de iniciação se deu com a sistematização do catecumenato na era da Patrística, foi com os padres da Igreja que teve início a descrição de como era a organização catecumenal nos primórdios cristãos.

O caminho da iniciação ficou evidente, a partir do século II, com a estruturação do catecumenato para promover a introdução dos novos convertidos na vida da Igreja.

²⁵⁴ LIMA, L. A., *A iniciação cristã ontem e hoje*, p. 66.

²⁵⁵ Trata-se de um livretinho de 16 capítulos, provavelmente escrito na Palestina ou Antioquia da Síria, por volta dos anos 110. É o mais antigo manual da religião cristã ou catecismo de que dispomos. Cf. ZILLES, U. (Trad.). *Didaqué: catecismo dos primeiros cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Col. Fontes da catequese, n. 1). “Nesse precioso documento é possível conhecer as origens do cristianismo, a organização e vida das primeiras comunidades cristãs. Portanto, através desse texto sabe-se que no final do século I já havia uma preparação ao batismo dos novos membros do cristianismo, embora ainda não fosse utilizado o termo catecumenato” (FLORISTÁN, C., *Catecumenato*, p. 76).

²⁵⁶ Cf. DIDAQUÉ, p. 5.

O objetivo era o aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo que ele revela. Era o caminho ordinário para conduzir os adultos (e não as crianças) aos mistérios divinos, à profissão de fé e à participação na comunidade. Teve seu período áureo entre os séculos III e IV²⁵⁷.

Depois do processo para a iniciação proposto pela *Didaqué*, a *Tradição Apostólica* é o mais importante testemunho de iniciação cristã que temos da Igreja. Na segunda parte, relata a maneira como era realizada a iniciação cristã, desde o acolhimento dos candidatos até a plena participação na Eucaristia. Identificamos, nos capítulos de 15 a 21 da *Tradição Apostólica*, um relato sobre a iniciação cristã dividido em cinco etapas:

A apresentação dos candidatos e a sua admissão após um exame severo; O período do catecumenato, geralmente de três anos, que inclui a catequese, a oração e a imposição da mão, executada pelo catequista, que pode ser um clérigo ou um leigo; A preparação próxima para o Batismo, após uma verificação da conduta do indivíduo. Depois desse momento o catecúmeno é chamado de eleito; A iniciação sacramental, que consta de seus três momentos: Batismo, unção e Eucaristia; Mistagogia (iniciação aos mistérios) ou sacramentos recém-celebrados²⁵⁸.

Segundo a *Tradição Apostólica* de Hipólito, escrita em Roma por volta do ano de 225²⁵⁹, o batismo era precedido de um longo catecumenato, que podia durar dois a três anos²⁶⁰. O ponto culminante do processo de iniciação cristã ocorria na manhã da Páscoa²⁶¹, quando acontecia o batismo. A celebração do batismo era composta de diversas etapas; a primeira se dava ao redor da piscina batismal, em local separado onde a comunidade estava reunida, onde acontecia o banho por imersão, acompanhado de ações como unção do corpo, confissão, troca de vestes, oração e imposição de mãos; a segunda etapa se desenvolvia dentro da igreja, diante do bispo, que fazia a imposição de mãos com invocação do Espírito, unção da fronte com sinal da cruz e o ósculo santo, seguindo-se a recepção dos batizados pela comunidade e a participação na Ceia da comunhão²⁶². Podemos dizer que o

²⁵⁷ CNBB, Estudo 97, 15.

²⁵⁸ AUGÉ, M., Liturgia, p. 113-114.

²⁵⁹ CABIÉ, H. V., A iniciação cristã, p. 33.

²⁶⁰ HIPÓLITO., Tradição Apostólica, p. 49.

²⁶¹ “Durante a noite, na Vigília Pascal, o grupo a ser batizado se reunia para leitura da Bíblia e instrução”. Cf. WHITE, J. F., Introdução ao culto cristão, p. 158.

²⁶² HIPÓLITO, Tradição Apostólica, p. 51-54. Segundo Hipólito, na manhã da Páscoa, ao cantar do galo, dá-se início ao ato litúrgico do batismo. Primeiro, ora-se sobre a água; os que irão ser batizados se despem, o bispo dá graças sobre o óleo de ação de graças e de exorcismo, seguindo a renúncia à Satã, a unção completa com óleo e o banho batismal. Com uma imposição de mãos, a pessoa é imersa por três vezes na água, seguido, cada vez, por uma pergunta de confissão (alu-

processo de iniciação cristã, o qual inclui etapas de instrução e o ato litúrgico do batismo com uma variedade de ações, é característica da igreja dos primeiros quatro séculos.

A partir do segundo século, a Igreja começou a elaborar um itinerário mais exigente aos que desejassem ser cristãos, o que significa que a instituição catecumenal começou a ganhar corpo.

Durante os primeiros séculos do cristianismo, o catecumenato foi uma instituição pastoral organizada pela Igreja para acolher as pessoas adultas convertidas, bem como para instruir em grupos, durante um certo período de tempo, até o seu ingresso na comunidade cristã como fiéis, por intermédio do batismo e da eucaristia²⁶³.

Nos séculos III e IV, o catecumenato ganhou uma estruturação em todas as comunidades cristãs. “O verdadeiro catecumenato é o da Igreja missionária do século III, quando a iniciação sacramental exige ainda uma séria formação prévia e na qual o acesso à catequese oficial é privilégio exclusivo dos crentes”²⁶⁴.

O catecumenato atingiu seu apogeu com a estruturação do processo iniciático, a Igreja preocupou-se com a admissão à fé tendo como finalidade proteger sua identidade. Nesse processo já encontramos a estrutura do catecumenato em quatro etapas: 1 – pré-catecumenal (anúncio querigmático); 2 – catecumenato propriamente dito (etapa de intensa catequese); 3 – tempo de purificação e iluminação (quaresma-tríduo pascal); 4 – mistagogia (tempo pós-pascal, período de aprofundamento do significado simbólico-litúrgico-sacramental e da vida nova em Cristo vivido nos ritos sagrados).

A instituição do catecumenato nasceu a partir da necessidade de uma realidade específica para o ingresso no grupo dos cristãos, para serem iniciados na vida de fé; percebemos, então, que a estruturação do catecumenato originou-se como consequência pastoral imediata de uma Igreja missionária²⁶⁵.

O processo de iniciação foi marcado por estágios claramente delineados por ritos de separação, transição e incorporação. Tomando por base o exemplo de ini-

siva ao Credo Apostólico); em seguida, a pessoa sobe da água e recebe nova unção com óleo; ela se veste (com vestimenta branca) e entra na igreja. Então, o bispo impõe as mãos e faz uma invocação e, derramando óleo, unge a pessoa e marca a sua fronte com o sinal da cruz e oferece o ósculo santo. Os batizados, então, se reúnem com a comunidade para a primeira oração dos fiéis, para o ósculo da paz e para a primeira eucaristia.

²⁶³ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 59.

²⁶⁴ DUJARIER, M., 1962, apud FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 75.

²⁶⁵ Cf. FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 69.

ciação descrito por Hipólito, podemos dizer que a separação consiste no rito de admissão ao catecumenato. A pessoa, tendo sido tocada pela mensagem da fé cristã, acompanhada de um padrinho ou madrinha, é apresentada à comunidade, como candidata ao batismo e, mediante exame²⁶⁶, é aceita, ou não, para a etapa seguinte, marcada pelo ensino.

Até o século IV, a forma por excelência de ingresso na comunidade cristã era pela via do catecumenato, a partir do *Édito de Milão* (313) de Constantino que concedia liberdade de culto e, depois, com o *Édito de Tessalônica* (380) de Teodósio I, que oficializou o cristianismo como religião oficial do Estado, iniciou-se o período de decadência do catecumenato. O batismo, a partir desse momento, se massificou, não seguindo mais a estrutura da iniciação cristã.

Os séculos IV e V se caracterizaram pelo enfraquecimento do processo iniciático, porém, nesse mesmo período resplandeceu a patrística com as catequeses mistagógicas dos Santos Padres. Entre eles podemos destacar Santo Ambrósio de Milão, São Cirilo de Jerusalém, São João Crisóstomo de Antioquia, Santo Agostinho de Hipona, “Eles deixaram substanciosos escritos a partir do próprio envolvimento no processo catecumenal, que hoje fazem parte do grande patrimônio literário-catequético-teológico da Igreja”²⁶⁷.

Com a oficialização do cristianismo como religião do estado, o catecumenato foi se enfraquecendo e desaparecendo aos poucos; a catequese e a liturgia, que até neste momento estavam imbricadas, se separaram. A doutrina, agora, se direcionava mais às crianças e, com isso, a noção de iniciação foi modificada.

Quando o cristianismo começou a ser religião aceita e, posteriormente, tornada religião oficial do Império (Constantino e Teodósio), o catecumenato foi reduzido à Quaresma até desaparecer e ser substituído pelo batismo de massa. Ser cristão começa a ser situação comum e abre-se a possibilidade do batismo ministrado preponderantemente às crianças. No século VI desaparece o catecumenato propriamente dito, a catequese e liturgia se distanciam e a catequese vai se dirigindo às crianças. Era natural também que, numa sociedade nominalmente cristã, a “iniciação” fosse feita por imersão no próprio ambiente cultural. Iniciava-se o longo período do *catecumenato social* no contexto da cristandade²⁶⁸.

²⁶⁶ O exame (escrutínio) das pessoas candidatas a tornar-se cristão e cristã consiste de um interrogatório sobre a vida delas, sobre a sua profissão, pois haviam profissões que não eram aceitas pela fé cristã. As pessoas que as conduziam ou as apresentavam (padrinhos ou madrinhas) deviam dar testemunho sobre elas. HIPÓLITO, *Tradição Apostólica*, p. 46-49.

²⁶⁷ LIMA, L. A., *A iniciação cristã ontem e hoje*, p. 67.

²⁶⁸ CNBB, *Estudo 97*, 17.

Portanto, a cristandade estava imersa em uma realidade totalmente sacralizada; a própria cultura, sendo ela totalmente cristã, se tornou o elemento responsável para o processo de iniciação à fé, esse período ficou conhecido como a era do catecumenato social.

Essa forma de conceber e realizar a catequese permaneceu por vários séculos²⁶⁹ na vida da Igreja. O Concílio de Trento, de forma tímida, deixou transparecer tentativas de restauração do catecumenato quando convocava os padres a realizar as chamadas “catequese dominicais” com os principais conteúdos da fé durante o ano. Outra experiência relevante dessa época foi a evangelização na América, muitos sínodos foram realizados em uma tentativa de aplicação do catecumenato no “Novo Mundo”: nos sínodos de Lima, México e Quito encontramos prescrições de uma longa preparação antes de se receber o batismo. Os jesuítas também com o trabalho evangelizador, na Índia, fundaram as chamadas “casas de catecumenato” de Santo Inácio com o objetivo de uma melhor preparação com aqueles que iriam se ingressar na Igreja.

Em meados do século XIX já encontramos iniciativas particulares de se restabelecer o catecumenato na Igreja. O Cardeal Martial Lavigerie (1825-1892), fundador dos padres Missionários da África, propôs a evangelização dos povos africanos utilizando a metodologia do catecumenato, que acontecia em quatro anos, baseado nas experiências das comunidades primitivas. Atualmente, na África, o catecumenato é muito forte e tem sido o modelo por excelência de preparação para os jovens e adultos que pedem o batismo.

No decorrer do século XX, houve um grande interesse de retomada do catecumenato nos países europeus marcados pela cristandade. De acordo com Alberich²⁷⁰, a França foi pioneira nessa retomada: na década de 1950, em Paris, o catecumenato foi restaurado como método de preparação para os adultos que iam receber o batismo ou para aqueles que se interessavam pelo cristianismo. Essa experiência francesa originou um movimento de reflexão e prática que se expandiu por vários outros países da velha Europa. O caminho catecumenal de iniciação à vida cristã foi retomado, adequado às novas realidades e colocado em prática; com a retomada do catecumenato, surgiram diversas correntes catecumenais:

²⁶⁹ Durou aproximadamente 12 séculos.

²⁷⁰ ALBERICH, E.; BINIZ, A., Formas e modelos de catequese com adultos, p. 30-39.

- 1 – *Bélgica e França*: acentuam a iniciação de convertidos adultos não batizados (na França, os *recommençants*).
- 2 – *Suíça, Alemanha, Holanda*: fazem experiências de catecumenato ecumênico, com cristãos de outras confissões.
- 3 – *Espanha, Itália, Portugal*: trabalham com batizados que precisam de conversão e iniciação à comunidade. Destacam-se as experiências catecumenais da Espanha, tanto as que nasceram em âmbito diocesano, como as que são coordenadas pelo Secretariado Nacional de Catequese, sendo a mais conhecida a do Caminho Neo-Catecumenal.
- 4 – Nos *Estados Unidos* há a experiência catecumenal da *remembering Church*²⁷¹.

O Concílio Vaticano II refletindo e considerando todos esses acontecimentos por meio da Constituição *Sacrosanctum Concilium* restabeleceu o catecumenato de adultos:

Restaura-se o catecumenato dos adultos dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário do lugar. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para a conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos²⁷².

Além de pedir o restabelecimento do catecumenato, o Concílio também pediu que fossem revistos os ritos do batismo e confirmação, com isso foi promulgado, em 1969, e publicado em 1972, o novo *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA²⁷³) como uma tentativa de restaurar o sério e profundo processo de preparação do batismo de adultos.

O *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*²⁷⁴ é dividido em graus e etapas e destina-se “aos adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão”²⁷⁵.

Acreditamos que este Ritual é um dos documentos mais importantes do Vaticano II, não só porque renova o catecumenato no processo de iniciação cristã dos

²⁷¹ LIMA, L. A., A iniciação cristã ontem e hoje, p. 74.

²⁷² SC 64.

²⁷³ RICA.

²⁷⁴ Esse livro litúrgico é composto por uma longa introdução, um conjunto de observações gerais (cinco subtítulos e trinta e cinco números), mais quatro capítulos que abordam a caminhada nas diversas situações para a iniciação de adultos, um capítulo para a iniciação de crianças em idade de catequese, outro capítulo com texto da Escritura referente à iniciação, e um apêndice sobre a iniciação cristã dos adultos no âmbito ecumênico. Cf. MERLOS, F. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA): uma leitura teológica. In: *Revista de Catequese*, São Paulo, ano 25, n. 99, jul./set., 2002, pp. 34-35. O primeiro capítulo intitulado “Ritos do catecumenato em torno de suas etapas” apresenta a forma típica de iniciar na fé um adulto não batizado. Há uma nova edição brasileira, que acrescenta um sétimo capítulo.

²⁷⁵ RICA, observações preliminares gerais, n. 1, p. 9.

adultos, mas também porque integra, harmoniza e expressa de forma exemplar os diferentes níveis e perspectivas: no nível antropológico, teológico, ritual sacramental e pastoral; pois é apresentado como a principal referência para a iniciação cristã e como modelo para toda a catequese integral, o que implica a participação e a renovação da própria comunidade cristã²⁷⁶.

A institucionalização do catecumenato, já nos primeiros séculos do cristianismo nascente, foi o meio que a comunidade dos seguidores encontrou para fazer acontecer a iniciação à vida cristã no decorrer da história da Igreja. Sendo resgatada pelo Concílio Vaticano II é, nos dias de hoje, uma pedagogia e, em sua metodologia, a grande investida para responder aos atuais desafios da ação evangelizadora a partir da iniciação à vida cristã.

O catecumenato era, na época da patrística, o caminho para entrar na vida cristã. O catecumenato nasceu, portanto, como preparação à vida cristã aos convertidos adultos, no intuito de que sua fé inicial se transformasse em profissão de fé explícita e sacramentalmente celebrada na comunidade cristã²⁷⁷.

A entrada na existência cristã exigiu na Igreja patrística uma delimitação completa e rigorosa da ação pastoral. Somente eram batizados os candidatos que, depois de um rigoroso exame, entravam num longo período de formação até serem admitidos depois de um segundo exame, um grande retiro que precedia o ingresso sacramental na comunidade. Em primeiro lugar, acentuava-se a conversão, depois a educação da fé, para terminar com a catequese dos sacramentos²⁷⁸.

O termo catecumenato procede do verbo grego *Katechein*, que significa “lugar onde ressoa mensagem, fazer soar aos ouvidos”²⁷⁹. O catecumenato foi, e continua sendo, a pedagogia que muito tem a contribuir para a iniciação na fé. O catecumenato é uma peça essencial no conjunto de elementos que conduzem à iniciação cristã, de tal forma que, sem ele, a iniciação não chega à plenitude²⁸⁰.

Se entende por catecumenato (de *katechein* – instruir de palavra), em seu sentido mais clássico, a instrução iniciática de caráter catequético-litúrgico-moral, criada pela Igreja dos primeiros séculos com o fim de preparar e conduzir os convertidos adultos, através de um processo espaçado e dividido por etapas, ao encontro pleno com o mistério de Cristo e com a vida da comunidade eclesial, expressado em seu momento culminante pelos ritos batismais de iniciação: batismo, ritos pós batis-

²⁷⁶ BOROBIÓ, D., *Catecumenado e Iniciación Cristiana*, p. 28.

²⁷⁷ Cf. FLORISTÁN, C., *Catecumenato*, p. 29.

²⁷⁸ FLORISTÁN, C., *Para comprender o catecumenato*, p. 69-70.

²⁷⁹ PEDROSA et al, *Diccionario de catequética*, p. 125.

²⁸⁰ Cf. BOROBIÓ, D., *Catecumenado*, p. 298.

mais, eucaristia que, normalmente presididos pelo bispo, se celebram na vigília pascal²⁸¹.

A iniciação à vida cristã, pela via catecumenal, segundo o RICA, acontece em quatro tempos e três etapas, aqui entendidas como “portas”²⁸² que se abrem no decorrer da caminhada dando possibilidade de continuidade, momentos marcados por uma celebração específica que assinalam a situação do iniciado dentro do processo na passagem para o tempo seguinte. De acordo com a metodologia do RICA, os sacramentos são um sinal marcante na caminhada, mas não o fim do processo, pelo contrário, a partir desse momento inicia-se a mistagogia, que visa aprofundar na educação para vivência do mistério pascal.

Os tempos são períodos bem determinados e as etapas são as celebrações de passagem de um tempo para outro. O processo inteiro é descrito dessa maneira: O pré-catecumenato (1º tempo) – Rito de admissão ao catecumenato (1ª etapa); O catecumenato (2º Tempo) – Celebração da eleição ou inscrição do nome (2ª etapa); Purificação e iluminação (3º Tempo) – Celebração dos sacramentos da iniciação (3ª etapa); e Mistagogia (4º Tempo).

Pré-catecumenato: um determinado tempo para o acolhimento dos candidatos e seu entrosamento com a comunidade cristã; para uma primeira evangelização e conversão a um estilo cristão de vida; para a aquisição do costume de rezar e invocar a Deus. Catecumenato: tempo, suficientemente longo, para uma esmerada catequese; para uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes; para uma integração na comunidade cristã e a participação nas assembleias litúrgicas. A comunidade cristã acompanha seus catecúmenos com a oração, os ritos e o testemunho. Purificação e iluminação: tempo de preparação imediata para os sacramentos da iniciação cristã; corresponde ao período da Quaresma; tempo de intensa vivência espiritual, marcado por ritos a serem celebrados pela comunidade durante a santa missa dominical. Na solene Vigília Pascal, são celebrados os três sacramentos da iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Mistagogia: acontece no período pascal, é um tempo de aprofundamento do mistério cristão, em comunhão com a comunidade dos fiéis, e de participação na missão da Igreja²⁸³.

O quadro 1, representado a seguir, oferece uma visão geral dos processos de iniciação que uma pessoa percorre pela via catecumenal conforme o RICA²⁸⁴.

²⁸¹ BOROBIÓ, D., *Catecumenado e Iniciación Cristiana*, p. 532.

²⁸² CNBB, *Estudo 97*, 74.

²⁸³ ZORZI, L., *Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado*, p. 8-9.

²⁸⁴ ZORZI, L., *Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado*, p. 49.

Quadro 1 – Quadro Geral da INICIAÇÃO CRISTÃ (catecumenato pré-batismal) conforme o RICA

1º TEMPO		2º TEMPO		3º TEMPO		4º TEMPO
<u>Pré-Catecumenato</u> ou <u>Primeiro Anúncio</u> (<i>querigma</i>)		<u>Catecumenato</u> (<i>tempo mais longo de todos</i>)		<u>Purificação e Iluminação</u> (<i>quaresma</i>)		<u>Mistagogia</u> (<i>tempo pascal</i>)
Tempo do acolhimento na comunidade cristã: – PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO – <i>Inscrição e colóquio com o catequista.</i> – RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.	1ª ETAPA – Rito de Admissão dos Candidatos ao Catecumenato (entrada)	Tempo suficientemente longo para: – CATEQUESE, REFLEXÃO, APROFUNDAMENTO. – <i>Vivência cristã, conversão.</i> – <i>Entrosamento com a Igreja.</i> – RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.	2ª ETAPA – Preparação para os Sacramentos (eleição)	Preparação próxima para Sacramentos: – Escrutínios, – Entrega do Símbolo e da Oração do Senhor – CATEQUESE. – Práticas quaresmais (CF, etc.). – RITOS → catequistas + equipes litúrgicas.	3ª etapa – Celebração dos sacramentos de Iniciação: Vigília Pascal	– Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal, na vida nova. – Vivência na comunidade cristã. – Fim do período Catecumenal. O cristão continua a <i>formação permanente</i> na comunidade ao longo de toda a vida.

Fonte: Estudos da CNBB, n. 97²⁸⁵.

Nas etapas de celebração de passagem de um tempo para o outro são feitas as *entregas* representando os compromissos que vão sendo assumidos, como acontece na entrega da Palavra de Deus, do símbolo e da oração do Senhor. Elas representam, também, a herança da fé que é passada aos novos cristãos. Outros ritos vão acompanhando o processo: a *unção*²⁸⁶, os *exorcismos*²⁸⁷ e os *escrutínios*²⁸⁸.

A imagem que os Padres frequentemente usam para exigir os estágios catecumenais é a imagem da gravidez de uma criança no ventre da mãe: durante o catecumenato, considerado como um tempo de gestação, a Igreja Mãe é nutrida,

²⁸⁵ CNBB, Estudo 97.

²⁸⁶ Na unção, suplica-se “a força, a sabedoria e as virtudes divinas, para que sigam o caminho do Evangelho de Jesus, tornem-se generosos no serviço do Reino” (RICA 131).

²⁸⁷ Os exorcismos da quaresma pedem a libertação das consequências do pecado e da influência maligna, para que os catecúmenos sejam fortalecidos em seu caminho espiritual e abram o coração para o Senhor (RICA 156).

²⁸⁸ Os escrutínios da quaresma, na sua qualidade de ritos penitenciais, visam uma progressão na consciência do pecado e no desejo de salvação, para caminhar ao encontro de Cristo, na noite pascal, Ele que é água viva, luz, ressurreição e vida (RICA 157).

com seus ensinamentos. e seus ritos litúrgicos, que um dia dará à luz no banho batismal²⁸⁹.

Apresentaremos aqui a estrutura do processo catecumenal como um itinerário que a pessoa faz nos tempos e etapas a serem percorridos para atingir a maturidade cristã. O primeiro momento, chamado pré-catecumenato, tem grande importância no processo de iniciação e não deve ser omitido, já na *Tradição Apostólica* encontramos, em Hipólito de Roma²⁹⁰, fundamentos valorizando esse período.

O primeiro tempo do processo de iniciação à vida cristã consiste primariamente na evangelização, isto é, o anúncio do querigma²⁹¹, que encontrando coração aberto pode levar aquele que recebe o anúncio a querer livremente pedir a fé da Igreja e, assim, iniciar seu processo de conversão. Ou seja, o pré-catecumenato é dedicado ao primeiro anúncio, é o primeiro grau do itinerário da iniciação à vida cristã, o qual, em nenhuma hipótese, deve ser omitido (RICA 9). Dentre os objetivos centrais dessa etapa estão: o despertar da fé (Dap 278a, 289, 299; DNC 43) e o desejo de aderir e de seguir a Cristo e à Igreja.

É o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que os não cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, aderindo lealmente àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida, satisfaz e até supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais²⁹².

²⁸⁹ DUJARIER, M., 1962, apud FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 28.

²⁹⁰ Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas antes da entrada do povo – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles for escravo de um fiel – e o seu senhor lhe permitir, ouça a Palavra; mas se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado. Se o senhor for pagão, seja-lhe ensinado a agradar ao senhor para evitar a blasfêmia se um homem tem mulher, se uma mulher tem marido, sejam ensinados a contentar-se – o homem com a mulher e a mulher com o marido. Se, porém, um homem não vive com uma mulher, seja ensinado a não fornicar, mas a tomar uma mulher segundo a Lei – ou a permanecer como está. Se alguém estiver possuído pelo Demônio, não ouça a Palavra da doutrina enquanto não for purificado (HIPÓLITO, *Tradição Apostólica*, p. 56-57).

²⁹¹ O querigma é a proclamação de um evento histórico-salvífico e, ao mesmo tempo, um anúncio de vida. Enquanto proclamação de um evento histórico, o querigma é o anúncio de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus que se fez homem, morreu e ressuscitou para a salvação de todos. Enquanto anúncio de vida, o querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação. Cristo está vivo e comunica a sua vida realizando as promessas feitas por Deus Pai ao seu povo, por meio dos profetas, no Antigo Testamento (CNBB, Sub. Dout. 4, 17).

²⁹² AG 13, p. 413.

Nesse tempo é preciso acolher os “simpatizantes” que chegam por meio de um ato externo tanto por parte dos introdutores como da comunidade, é o momento do despertar e do encantar com o querigma para os próximos tempos que seguirão no itinerário²⁹³. Nessa fase inicial, três elementos são de fundamental importância: a evangelização, o testemunho e a acolhida.

Urge, para todos os agentes de pastoral, uma formação específica de modo que o Querigma não seja uma incógnita, um enigma com o qual não se sabe tratar, mas uma formação que contribua ao anúncio de Cristo com “novas expressões”, para que o essencial do Querigma chegue com a mesma força salvadora no coração de nossos contemporâneos. Não se trata de uma *etapa*, mas do *fio condutor* do processo que culmina na maturidade do discípulo de Cristo. Sem o Querigma as demais etapas da iniciação cristã estão condenadas a esterilidade²⁹⁴.

De acordo com o RICA, o rito de instituição dos catecúmenos é de fundamental importância, “pois os candidatos, reunindo-se publicamente pela primeira vez, manifestam suas intenções à Igreja enquanto esta, no exercício de seu múnus apostólico, acolhe os que pretendem tornar-se seus membros”²⁹⁵. Esse primeiro período já exige que a pessoa que recebeu a fé inicial queira conversão, mudança de vida e tenha o desejo de se relacionar pessoalmente com Jesus Cristo, principalmente por meio da oração. Então podemos concluir que essa fase exige três objetivos específicos: adesão a Jesus Cristo, conversão de vida e sensibilidade eclesial²⁹⁶.

Todo o itinerário do processo da iniciação à vida cristã é relevante, mas esse primeiro momento traz consigo algo importante a partir de uma necessidade antropológica que é a acolhida, por isso, nesse primeiro momento evangelizador é preciso investir forças vivas na presença e no acompanhamento, pois, os simpatizantes devem, de fato, ser acolhidos e acompanhados pessoalmente, precisam

²⁹³ Cf. KENP, R., *A journey in faith, (Christian Initiation, 3)*, p. 32. No número 15, o RICA propõe as condições para entrar no segundo período catecumenal, o que significa que essas condições já tenham sido trabalhadas na etapa pré-catecumenal: “para esse primeiro passo, requer-se que os candidatos já possuam os rudimentos da vida espiritual e os fundamentos da doutrina cristã, a saber: a fé inicial adquirida no tempo do ‘pré-catecumenato, o princípio de conversão e o desejo de mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus em Cristo; já tenham, portanto, certa idéia da conversão, o costume de rezar e invocar a Deus, e alguma experiência da comunidade e do espírito dos cristãos”.

²⁹⁴ LIMA, L. A., *Discípulos e missionário de Jesus Cristo*, p. 41-42.

²⁹⁵ RICA 14.

²⁹⁶ Da evangelização realizada com o auxílio de Deus brotam a fé e a conversão inicial, pelas quais a pessoa se sente chamada do pecado para o mistério do amor de Deus. A essa evangelização é dedicado todo o tempo do pré-catecumenato, para que se amadureça a vontade sincera de seguir o Cristo e pedir o Batismo. RICA 10, p. 19.

receber o anúncio do mistério pascal de Cristo que é capaz de transformar a vida dos que se deixam encontrar por Ele.

Acolher quer dizer antes de tudo reconhecer o caminho já percorrido pela pessoa, captar seus problemas de fundo, as questões últimas que podem se esconder atrás de perguntas aparentemente banais. Assim, por exemplo, atrás de expressões como: ‘gostaria de conhecer um pouco melhor o cristianismo’ ou ‘meu filho vai fazer a primeira comunhão, mas eu não fui batizado e nem sequer fui à Igreja’, afloram, às vezes, intenções e momentos decisivos de vida²⁹⁷.

A pedagogia desse momento inicial nos traz luzes na busca de novas estruturas pastorais de acolhida e de ações mais personalizadas, onde a atenção se volte para a pessoa. Vivemos no contexto de uma cultura que gera o anonimato e, muitas vezes, a solidão, no entanto, a pedagogia do pré-catecumenato passa essencialmente pela acolhida generosa, o estar junto, a escuta gratuita, hoje a evangelização antes de ser efetiva, deve ser afetiva, é aqui que são fornecidos os primeiros fundamentos da fé cristã.

Ajudar a pessoa a percorrer um caminho que a leve ao compromisso pessoal e consciente por Jesus Cristo, na fé, e, conseqüentemente, no compromisso com a comunidade eclesial. A evangelização é uma evangelização de ponto de partida, que toca e mobiliza a pessoa inteiramente, no processo de busca, por aquilo que dá sentido à vida, sem esse querigma evangelizador no qual se começa a crer, não se pode construir o edifício cristão²⁹⁸.

Acompanhando o pré-catecumenato acontece o rito de admissão, que é a primeira grande celebração ritual de entrada no catecumenato.

Nela eles são assinalados com a cruz do Senhor, pois pela fé já participam do mistério da morte e ressurreição. Depois são convidados a entrar na igreja e a ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade. Recebem o Livro da Escritura como sinal de sua condição de ouvintes da Palavra. Assim são acolhidos no seio maternal da Igreja e reconhecidos como iniciantes no discipulado, catecúmenos²⁹⁹.

O segundo momento pedagógico e metodológico da iniciação à vida cristã é o chamado de catecumenato, um tempo em que os catecúmenos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Assim sendo, eles são capazes de amadurecer as disposições que manifestaram pelo ingresso no caminho catecume-

²⁹⁷ ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 34.

²⁹⁸ BOROBIÓ, D., *Catecumenado para la evangelización*, p. 52.

²⁹⁹ CNBB, *Estudo 97*, 79.

nal³⁰⁰. O catecumenato é o tempo mais longo, pois dedica-se exclusivamente à instrução catequética, com isso, o Ritual propõe, de forma progressiva, ritos ao longo do caminho com o objetivo de crescimento na fé e comprometimento da pessoa com a comunidade-igreja. Desse modo, envolve

[...] a meta do amadurecimento da fé e da conversão, por um melhor conhecimento do evangelho e do mistério; a transformação da vida em Cristo, por uma mudança de vida adaptada à vida da comunidade; e a iniciação na atividade missionária da Igreja, através da participação em atividades eclesiais mais "exemplares"³⁰¹.

O RICA indica quatro meios para se chegar a esse resultado:

1 – A catequese oferecida pela Igreja através dos sacerdotes, diáconos, ou catequistas e outros leigos, distribuída por etapas e integralmente transmitida, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos, com a íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar.

2 – Familiarizados com a prática da vida cristã, ajudados pelo exemplo e pelas contribuições dos introdutores e dos padrinhos e mesmo de toda a comunidade dos fiéis, acostumam-se a orar facilmente, dar testemunho da fé, guardar em tudo a esperança de Cristo, seguir na vida as inspirações de Deus e praticar a caridade para com o próximo até a renúncia de si mesmo. Assim formados, os recém convertidos iniciam o itinerário espiritual pelo qual, já comungando pela fé no mistério da morte e da ressurreição, passam do velho homem para o novo, que tem sua perfeição em Cristo. Essa passagem, que acarreta uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes, com suas consequências sociais, deve manifestar-se e desenvolver-se pouco a pouco durante o tempo do catecumenato. Sendo o Senhor, em quem cremos, um sinal de contradição, não é raro que o convertido faça a experiência de rupturas e separações, mas também de alegrias que Deus concede sem medida.

3 – Ajudados em sua caminhada pela Mãe Igreja, através dos ritos litúrgicos apropriados, já são por eles gradativamente purificados e protegidos pela benção divina. Promovem-se para eles celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à Liturgia da Palavra junto com os fiéis, a fim de se prepararem melhor para a futura participação na Eucaristia. Habitualmente, porém, quando comparecerem à reunião dos fiéis, devem ser delicadamente despedidos antes do início da celebração eucarística, pois precisam esperar o Batismo pelo qual serão agregados ao povo sacerdotal e delegados para o novo culto de Cristo.

4 – Sendo apostólica a vida da Igreja, aprendam também os catecúmenos, pelo testemunho da vida e profissão da fé, a cooperar ativamente para a evangelização e edificação da Igreja³⁰².

O tempo do catecumenato supõe uma fé inicial nos candidatos que já foi despertada no tempo do querigma. Só os que receberam de Deus a fé em Cristo, por intermédio da Igreja, podem ingressar nele (AG14). O catecumenato não é

³⁰⁰ RICA 14.

³⁰¹ BOROBIÓ, D., Catecumenado para la evangelización, p. 64.

³⁰² RICA 19.

mera exposição de dogmas e de preceitos, mas formação e noviciado convenientemente prolongado da vida cristã, em que os discípulos se unem a Cristo, seu mestre (AG14). É iniciação no mistério da salvação ou da vida de fé.

Nesse tempo são oferecidos os conteúdos da catequese, que devem ser como mensagem ligada à vida, o catecúmeno é incentivado e auxiliado a estabelecer um diálogo entre o magistério e sua história pessoal. Quando isso acontece, a catequese torna-se plena de sentido, e não meramente conteúdo a ser assimilado, uma vez que seu objetivo não é o mero saber, mas, sim, entrar em conhecimento íntimo com o mistério (RICA, n. 19.1). Não devemos nos prender ao conteúdo, isso já está claro para todos, mas é preciso atenção para ajudar a pessoa a percorrer um caminho de iniciação à vida de fé em comunidade, por isso, conforme Borobio, é preciso estar atento a algumas necessidades que devem ser supridas.

Um tempo mais dedicado a uma catequese antropológica, no qual o catecúmeno seria instruído a descobrir a presença e a ação de Deus em sua vida, a partir de respostas a interrogações fundamentais sobre ela. Esse tempo seria concluído com uma celebração da Palavra, em que se expressariam o ideal do homem, seu compromisso para a transformação do mundo e da sociedade.

Um segundo tempo seria dedicado a uma catequese mais teológica, ligada diretamente a temas como: Cristo, Espírito Santo, Igreja, em uma perspectiva da história da salvação. Seria um reconhecimento deste Cristo que age pelo Espírito, na vida da pessoa e na comunidade de irmãos.

Um terceiro e último tempo seria dedicado a uma catequese mais sacramental, centrada fundamentalmente nos sacramentos da iniciação cristã e da penitência. Com tal elo pretende-se não só descobrir o sentido do batismo, da confirmação e da eucaristia, mas, também, chegar a uma melhor compreensão e valorização dos sinais sacramentais, dando ênfase ao sacramento da reconciliação³⁰³.

Fica claro que o catecumenato não pode se resumir a uma transmissão de conteúdos doutrinários, de dogmas de fé, Palavra de Deus. Também é preciso que se tenha uma assimilação vital dessa Palavra que seja capaz de suscitar atitudes de vida compatíveis com o Evangelho e com Cristo para que a fé do catecúmeno seja aprofundada³⁰⁴.

³⁰³ Cf. BOROBIO, D., *Catecumenado e Iniciación Cristiana*, p. 64-65.

³⁰⁴ QUEZINI, R., *A pedagogia da iniciação cristã*, p. 49.

As normas e o tempo de duração do catecumenato dependem não só da graça de Deus, mas das diversas circunstâncias de cada local, ficando sob responsabilidade do bispo, em comunhão com a Conferência Episcopal, determinar o tempo e a disciplina do catecumenato. À luz do catecumenato antigo, percebemos que realmente não predominava a formação intelectual, mas a conduta do candidato, por isso, o tempo de duração pode ser relativo a partir de cada necessidade e realidade comunitária e pessoal³⁰⁵. Há que se ressaltar que a formação precisa revestir-se de um novo paradigma, pois o tradicional paradigma nocional, de transposição de conhecimentos, já não pode mais ser denominado formativo, pois não se trata apenas de repassar conteúdos, mas de um itinerário celebrativo dos elementos da fé, isto é, de um caminho mistagógico.

O catecumenato encerra-se com o rito da eleição que acontece geralmente no início da quaresma, começando assim o tempo de purificação e iluminação. A celebração da eleição ou inscrição do nome é muito solene, pois é um momento forte para o catecúmeno. Eles declaram diante do bispo ou de seu representante o desejo e decisão de se tornarem cristãos. Quem preside, ouvindo o testemunho dos padrinhos em favor dos catecúmenos, acolhe e declara-os aptos a uma preparação mais específica, são agora “eleitos” para os sacramentos pascais³⁰⁶.

Denomina-se ‘eleição’ porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também “inscrição dos nomes” porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos³⁰⁷.

O terceiro tempo, chamado de purificação e iluminação, acontece durante a quaresma. “A última preparação dos ‘eleitos’ coincide com o tempo quaresmal, cujo currículo lhes será proveitoso tanto por sua estrutura litúrgica como pela participação da comunidade” (RICA, n. 139). O tempo forte da “quaresma renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um”³⁰⁸. Os catecúmenos são auxiliados na revisão de vida e no retorno ao primeiro Amor.

³⁰⁵ Observamos que desde os inícios a formação não era puramente intelectual. Clemente indica que o catecumenato de Alexandria no ano 200 durava três anos, o mesmo que em Roma no ano 224. Esta exigência estendeu-se a todo o Oriente. Cf. FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 67-69.

³⁰⁶ CNBB, Estudo 97, 83.

³⁰⁷ RICA 22, p. 23.

³⁰⁸ RICA 21.

Nesse tempo, se intensifica o cultivo da vida interior, a purificação do coração e o aprofundamento da conversão por meio do exame de consciência e pela penitência. Portanto, a pedagogia desse momento é enfoque na vida interior e não na catequese (cf. RICA, 25).

Existem requisitos para que se proceda à eleição do catecúmeno: a peregrinação de Etéria fornece dados interessantes dessa celebração litúrgica no século IV.

O bispo, então, interroga, um a um, os acompanhantes do que entrou, dizendo: ‘Tem esta vida virtuosa, e honra os pais, e não é um ébrio ou um impostor?’ interroga acerca de cada um dos vícios que são graves em um homem. E se o *competens* foi julgado irrepreensível a respeito de tudo quanto foi perguntado, o bispo, na presença das testemunhas, registra-lhe, com a própria mão, o nome. Se, porém, é acusado de algo, ordena-lhe que saia dizendo-lhe que se corrija e, quando se tiver corrigido, que se apresente, então, ao Batismo. Assim interroga, tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. E se algum deles é estrangeiro, a menos que tenha uma testemunha que o conheça, não conseguirá tão facilmente o Batismo³⁰⁹.

Características próprias desse tempo são os escrutínios, que devem acontecer durante o 3º, 4º e 5º domingos da quaresma.

Os “escrutínios”, solenemente celebrados aos domingos, têm em vista o duplo fim: descobrir o que houver de imperfeição, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-los; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-lo. Os escrutínios estão, portanto, orientados para libertar do pecado e do demônio e confirmam no Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida dos eleitos.

As “entregas”, pelas quais a Igreja confia aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração, isto é, o Símbolo e a Oração do Senhor, visam à sua iluminação. No Símbolo, que recorda as maravilhas realizadas por Deus para a salvação dos homens, o olhar dos catecúmenos se enche de fé e alegria. Na Oração do Senhor, percebem melhor o novo espírito de filhos pelo qual, sobretudo na reunião eucarística, darão a Deus o nome de Pai³¹⁰.

Nesse sentido fica clara a importância que a quaresma assume no processo da iniciação à vida cristã. Ela “renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um” (RICA, n. 21).

A celebração dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia na noite santa da Vigília Pascal, é o cume de todo o processo catecumenal e constitui a última etapa desse período. “A vigília pascal, centro da liturgia cristã, e a

³⁰⁹ PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA, p. 117-118.

³¹⁰ RICA 25.

espiritualidade batismal são inspiração para qualquer processo catequético” (DNC, n. 49c). “Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício e a refeição eucarística antegozam do Reino de Deus”³¹¹. Por meio dos sacramentos, o catecúmeno é vinculado plenamente a Jesus Cristo que, também pelos sacramentos, continua a realizar sua obra de salvação na Igreja.

A mistagogia é o último tempo pedagógico do processo da iniciação à vida cristã, cuja finalidade é fazer com que os novos membros da Igreja possam obter um conhecimento mais completo dos sacramentos que receberam na Vigília Pascal. A comunidade, juntamente com os neófitos, por meio da meditação da Palavra, pela participação dos sacramentos, principalmente da Eucaristia, e da prática da caridade, vai crescendo no conhecimento mais profundo do mistério pascal e, cada vez mais, na sua vivência.

O tempo da mistagogia possibilita ao neófito um “conhecimento mais completo e frutuoso dos mistérios através das novas explicações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos”³¹². De acordo com Bruno Forte, “a mistagogia permite atualizar, nas opções e etapas da vida do cristão, uma recordação eficaz dos mistérios do salvador, com a ajuda da comunidade e sob a ação incessante do Espírito da verdade”.

Esse tempo pedagógico da mistagogia permite a íntima relação entre iniciação à vida cristã e formação permanente, “o cristão plenamente iniciado está chamado a converter-se no que já é”³¹³, “para o cristão, num sentido amplo, começar o tempo da mistagogia, significa iniciar a experiência cotidiana, histórica, dinâmica, do quanto recebeu e seguirá recebendo, porém agora conjugada com a vida e a história”³¹⁴.

Terminado o tempo da mistagogia, o novo membro da comunidade deve prosseguir seu caminho de amadurecimento na fé por meio da formação contínua na vida em comunidade e na vivência do amor. Enfim, mistagogia é o tempo do itinerário da iniciação à vida cristã em que os neófitos são acompanhados pela

³¹¹ RICA 27.

³¹² RICA 38.

³¹³ CASTELLANO, J., *La iniciación Cristiana y el camino espiritual*, Phase, p. 463.

³¹⁴ Cf. LELO, A. F., *Aplicação do RICA no Brasil*, Revista de catequese, p. 9-10.

ajuda fraterna de toda a comunidade e, assim, se sentem integrados à vida de comunidade, meta de todo o processo da iniciação.

Como redescoberta, a pedagogia e metodologia do catecumenato e a nova concepção de catequese acarretará uma volta às fontes, à pedagogia da Igreja missionária da época patrística, a qual está mais próxima à Igreja do mundo conturbado de nossos dias. Não significa, porém, que devemos voltar às rubricas antigas e ao gosto de arcaísmo. A Igreja, mesmo quando conserva formas do passado, deve encontrar um estilo novo que convenha melhor às exigências do mundo em um contexto de mudança de época. Aqui, restaurar a pedagogia e metodologia catecumenal significa voltar à pedagogia da fé, como nos primeiros séculos, que não administravam os sacramentos como ritos mágicos, mas abriam, lentamente, com fases ou graus sucessivos, a fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos.

Segundo as recentes orientações da Igreja, o itinerário catecumenal é uma proposta da ação evangelizadora que deve ser resgatada para que a catequese possa responder aos desafios contemporâneos, promovendo a educação da fé e iniciando cada pessoa à vida cristã.

O que ainda permanece como desafio é colocar em prática o itinerário do *catecumenato*, apontado como forma e modelo de qualquer catequese, particularmente da catequese aos adultos. Para uma correta compreensão desta *dimensão catecumenal* da catequese, deveríamos redescobrir um documento, e ao mesmo tempo *livro litúrgico*, que ficou um tanto esquecido entre nós [...] Em geral ele é usado (quando é usado!) como ritual e em suas formas mais reduzidas somente para casos de rito do batismo de adultos. Na verdade, ele aponta para todo o *processo catecumenal de iniciação à fé*, inspirado no catecumenato primitivo. Com relação a esta dimensão catecumenal temos muito ainda que aprender e praticar. Estudar e aplicar a *catequese catecumenal*³¹⁵.

É preciso ousar para implantar como itinerário o processo da iniciação à vida cristã. Todas as orientações metodológicas da catequese devem propiciar a realização desse processo envolvendo toda a comunidade para que possam dar uma resposta de fé à vida em todas as suas dimensões de forma integral. Todo o nosso esforço deve ser como uma resposta aos desafios que encontramos no seio de cada comunidade para que a ação evangelizadora da Igreja seja eficaz e autêntica a partir do modelo missionário que temos que é Jesus Cristo. Somos

³¹⁵ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 69,187.

convidados a desenvolver com mais veemência esse processo de iniciação à vida cristã como catequese de inspiração catecumenal que reflete a dimensão, o caráter, o cunho e a feição catecumenal.

Propor a pedagogia e metodologia da iniciação à vida cristã, trata-se, fundamentalmente, de condição para o futuro do cristianismo. Devemos enfatizar que é necessário todo um esforço na busca de renovação paroquial, à luz da pedagogia catecumenal, pois ela visa favorecer uma profunda experiência de Deus na vida daqueles que estão no processo. Com isso, necessitamos de uma nova linguagem, aprofundar os símbolos, homilias mais bem preparadas, rever estruturas para que, assim, se efetivem os processos de iniciação à vida cristã.

2.6.

O Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos como paradigma evangelizador

Diante do que vimos até aqui, podemos dizer que é claro o esforço que o magistério da Igreja vem nos apontando como novo paradigma para a evangelização, não se pode negar que a Igreja está em busca de um novo modelo de iniciação cristã³¹⁶, um paradigma que mais do que nutrir a fé, se responsabilize também por propô-la³¹⁷. Os primeiros seguidores de Jesus foram adultos, seus ensinamentos dirigiam-se especificamente aos adultos. Nos primórdios do cristianismo, na organização das primeiras comunidades, sabemos que a catequese com adultos existiu bem antes da catequese infantil, através dos catecúmenos que desejavam abraçar a fé, fazer parte do grupo dos cristãos.

Jesus abençoava as crianças. Mas chamava e instruía os adultos. O chamado não era só para ouvi-lo ou “ficar sabendo” do Reino. Era para segui-lo e fazer o que ele fazia: cuidar dos doentes, dar esperança aos aflitos, repartir o pão com os famintos, perdoar, expulsar todas as formas de mal, acolher os excluídos, acolher Deus como pai, viver a fraternidade. “*Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos céus*” – diz Jesus (Mt 7,21). O importante é suscitar nas pessoas o compromisso com a justiça do Reino, a vontade de Deus³¹⁸.

As comunidades primitivas privilegiaram a instrução dos adultos com a primeira evangelização, a proclamação do querigma cristão. “Nos primeiros sécu-

³¹⁶ Cf. LIMA, L. A., Iniciação à vida cristã, Revista de Catequese, p. 23.

³¹⁷ BIEMMI, E., La dimensione missionária della catechesi, Catechesi, p. 2-8.

³¹⁸ CNBB, Estudo 80, 57.

los, a missão evangelizadora e catequética da Igreja foi muito ampla e eficaz. A evangelização estava centrada no anúncio da Pessoa de Jesus Cristo e no anúncio do Reino de Deus³¹⁹. O modelo da iniciação era igual ao de Jesus, os seus três anos de ministério constituem o modelo de iniciação cristã: evangeliza e chama os primeiros discípulos, forma-os como grupo e instrui-os, reúne-os assiduamente à mesa e ceia com eles pela última vez, confirma-os no ministério após a ressurreição e envia-os a evangelizar, instruir e iniciar³²⁰.

Com a cristandade, acreditava-se que todos já eram cristãos, então iniciou-se a catequese infantil; esse jeito de evangelizar manteve-se praticamente em toda a Igreja até a metade do século XX. Com o diagnóstico da ignorância religiosa percebido durante o Concílio de Trento, se fez urgente pensar em uma catequese que tivesse o aspecto doutrinal fortificado. Nesse período tínhamos uma catequese muito direcionada às crianças, mas, como extensão, chegou aos adultos. A fé estava ligada aos deveres cristãos, a vivência cristã era individualista e pouco comunitária, a catequese deixou de ser voltada para a Palavra de Deus e perdeu sua força missionária, a vida cotidiana se misturava com a fé, porém sem muito compromisso transformador; o Batismo de crianças se generalizou e a catequese com adultos deixou de existir; a família, a pregação, a oração tornaram-se responsáveis pela catequese.

Nesse contexto social, não havia separação entre a Igreja e a sociedade, tudo girava em torno da Igreja. A catequese, nesse período, não era sistemática, acontecia dentro de uma perspectiva espontânea, nas celebrações litúrgicas, na arte dos vitrais das Igrejas e as devoções eram consideradas como algo forte para a educação da fé das pessoas. De certa maneira, a catequese na Idade Média aconteceu de forma variada, não mais como inserção na vida de comunidade.

Os últimos séculos da história da Igreja foram dominados pela preocupação de promover a instrução religiosa do povo cristão, pois era notória a ignorância religiosa³²¹. A encíclica do papa Pio X trouxe a preocupação da instrução religiosa também para o universo dos adultos.

Como é fato que hoje em dia os adultos precisam de instrução tanto quanto os jovens, todos os pastores e aqueles que cuidam das almas explicarão o Catecismo ao

³¹⁹ MIRANDA, M. V. O., A igreja no período antigo, Reveleto.

³²⁰ FLORISTÁN, C., Para comprender o catecumenato, p. 56,69.

³²¹ Cf. BRAIDO, P., Lineamenti di storia della catechesi e dei catechismi, p. 14-16.

povo em um estilo simples e adaptado à inteligência de seus ouvintes. Isto deve ser realizado em todos os dias santos de obrigação, no tempo que for mais conveniente para o povo, mas não durante a mesma hora em que as crianças são instruídas, e esta instrução deve ser adicionada à homilia usual do Evangelho que é entregue na missa paroquial aos domingos e dias santos. A instrução catequética será baseada no Catecismo do Concílio de Trento; e a questão deve ser dividida de tal maneira que no espaço de quatro ou cinco anos, o tratamento será dado ao Credo dos Apóstolos, os Sacramentos, os Dez Mandamentos, o Senhor³²².

Atualmente, percebemos certa crise de linguagem dentro da própria conjuntura da ação evangelizadora da catequese na Igreja do Brasil³²³, pois ainda se ouve falar e pensar em catequese como instrução apenas voltada para as crianças, centrada nos sacramentos.

Mas é preciso reconhecer que, na sua forma mais global e tradicional, a catequese eclesial mostra sinais evidentes de uma grave crise. Na situação atual pode-se constatar a presença de não poucos sintomas de um mal-estar e de uma insatisfação que sugerem uma crise generalizada. Pode-se dizer, em termos gerais, que o “sistema” tradicional da catequese já não funciona, não produz os frutos esperados, pelo menos se estiverem presentes alguns fatos e problemas bem evidentes³²⁴.

Contudo, precisamos estar atentos às orientações da Igreja que, desde o Concílio Vaticano II, fez uma opção clara pelos adultos. As recentes orientações da Igreja, bem como as orientações da catequese, voltam-se para o adulto.

[...] a época pós-conciliar, rica e agitada, foi para a catequese, bem como para muitos outros aspectos da vida eclesial, fecunda problemática. Fecunda pela riqueza de realizações, pela busca de novos caminhos, pelo *elã* e pela criatividade: elaboram-se novos catecismos, textos e subsídios, são criados novos institutos e centros de catequese. Tanto no terreno da práxis como no da reflexão catequética emergem novos aspectos e dimensões: a instância antropológica, a centralidade bíblica, a dimensão sociopolítica, a prioridade dos adultos, a influência da comunicação e dos audiovisuais, a ênfase sobre a comunidade etc. São estímulos de grande alcance, capazes de dar uma face verdadeiramente nova, e em parte inédita, à atividade catequética³²⁵.

³²² AN 24.

³²³ Para uma visão da realidade catequética brasileira, pode-se consultar: LIMA, L. A. Análise da realidade catequética. *Revista de Catequese*, ano 20, n. 80, p. 24-30, 1997; publicado também em CNBB. *O hoje de Deus em nosso chão*. São Paulo, Paulus, 1998. (Estudo 78), p. 7-23. Para análise mais ampla, pode-se ver as lúcidas considerações de VELASCO, J. M., *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madri: Paulinas, 1993; Id., *La transmission de la fe en la sociedad contemporanea*. Santander: Sal Terrae, 2002.

³²⁴ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 3.

³²⁵ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 85.

Depois do Concílio Vaticano II, assistimos a um clamor geral que surgiu a partir da base eclesial e conclamou, com urgência, a primazia da catequese com adultos no conjunto da ação catequética e pastoral. Teve lugar uma profunda mudança de perspectiva em todo o sistema global da catequese, tradicionalmente concentrado no universo infantil e caracterizada por um estilo infantilizado de atuação³²⁶. No panorama pastoral e catequético de nossos dias há, decerto, luzes, no sentido de que não faltam experiências positivas, promissoras, plenas de futuro³²⁷. O *Diretório geral para a catequese* destaca os seguintes aspectos positivos na situação atual: o grande número de pessoas que se dedicam à catequese, o caráter missionário catecumenal da ação catequética, o incremento da catequese para adultos, a maior densidade e profundidade do pensamento catequético³²⁸.

Porém, percebemos certa precariedade da catequese com adultos. Ainda hoje, a catequese, na maioria das nossas comunidades, é, sobretudo, catequese infantil. Há muitos anos se insiste na urgência e no primado da catequese para adultos e na necessidade de a catequese favorecer o crescimento de uma fé adulta em uma Igreja adulta³²⁹. São muitos os sintomas que nos permitem afirmar que, no seu conjunto, o sistema catequético atual não funciona, não alcança seus objetivos, pedindo reajustes radicais³³⁰.

Além disso, o itinerário da iniciação à vida cristã deve levar em conta o processo ou caminho que a pessoa percorre, por isso, a catequese deve ser compreendida como um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da fé. Sua finalidade é a maturidade da fé, em um compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo³³¹. As características principais da catequese com adultos como novo paradigma evangelizador devem levar em consideração a pessoa e a comunidade; a Bíblia é o livro-fonte; o adulto é o principal destinatário; centraliza-se no seguimento de Jesus Cristo; privilegia a opção pelos pobres.

O aspecto educativo da catequese foi focalizado na declaração sobre a educação cristã na perspectiva da formação catequética, que ilumina e fortifica a fé,

³²⁶ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 24.

³²⁷ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 37.

³²⁸ DGC 29.

³²⁹ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 39.

³³⁰ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 15.

³³¹ CNBB, 1983, n. 318 (Documentos da CNBB, n. 26).

com a nova visão de Igreja como povo de Deus e também com a nova visão do homem e da mulher como agentes, protagonistas e não apenas destinatários. Com a redescoberta da Sagrada Escritura, o Concílio enriqueceu a tipologia da catequese, trazendo uma atenção especial à figura do agente da catequese.

Chegamos em novos tempos para a ação evangelizadora da catequese, a partir deste novo paradigma chamado iniciação à vida cristã. A Igreja vem insistindo na urgência da catequese com adultos há um bom tempo e, com a *2ª Semana Brasileira de Catequese*, em 2001, cujo foco foi a catequese com adultos, confirmou e revigorou esta árdua missão de evangelizar os adultos, tendo como tema “Com adultos, catequese adulta. Crescer rumo à maturidade em Cristo”³³².

A *Segunda Semana Brasileira de Catequese* veio reforçar a tendência de todo o movimento catequético do século XX de voltar a atenção para a evangelização com os adultos³³³. Foram apresentados estudos e reflexões que ajudaram na iluminação e motivação para o trabalho catequético com adultos. Seu texto diz que esta catequese deve ser pautada no encontro de Jesus com diferentes grupos de pessoas: a acolhida, o olhar misericordioso, que convida à conversão, à escuta atenta do sofrimento das pessoas, não impõe e dá total liberdade de escolha, fala das escrituras, explica e mostra como chegar ao Pai, cura os doentes, supera preconceitos, convida ao seguimento e à missão. Portanto, nesse momento, a catequese foi considerada como um processo de iniciação aos mistérios de Cristo e um processo de formação permanente.

O adulto busca a Iniciação Cristã por decisão pessoal, procurando o sentido da vida, do mundo, da morte, que não encontra em si e nas propostas do mundo. A iniciação de adultos à vida cristã requer o envolvimento e a responsabilidade de toda a comunidade de fé. Sobre eles exerce grande influência positiva o testemunho

³³² CNBB, Estudo 80. Prefere-se a expressão catequese com adultos e não catequese de adultos, chamando assim a atenção para o protagonismo do catequizando no processo da iniciação. O Diretório Geral da Catequese, no número 176, ao citar o *Directorium Catechisticum Generale ad normam decreti*, assim se expressa: “No processo de catequese, o destinatário deve poder manifestar-se sujeito ativo, consciente e corresponsável, e não puro receptor silencioso e passivo” (DGC).

³³³ Ao preferirmos a expressão catequese com adultos em vez de ‘para adultos’, ou ‘de adultos’, estamos optando por um tipo de trabalho que necessita do conhecimento das características e potencialidades desses catequizandos. Todos os assim chamados destinatários da catequese devem poder manifestar-se sujeitos ativos, conscientes e corresponsáveis, e não puros receptores silenciosos e passivos, com muito mais razão se são adultos. Por isso, não são considerados simples destinatários, mas interlocutores da nossa proposta de fé. É uma catequese feita de partilha de saberes, experiências e iniciativas, em que ambos os lados criam laços, buscam, ensinam, aprendem e vivenciam a vida cristã (CNBB, Estudo 84, 150).

da participação da comunidade nos ritos e nas celebrações que realizam a experiência de Deus, iniciada na escuta da Palavra³³⁴.

Com a redescoberta do catecumenato e a promulgação do RICA, reafirmou-se o caminho de iniciação sacramental dos adultos, e, sobretudo, redescobriu-se o valor do catecumenato. Nesse período, a Igreja aprofundou-se sobre a necessidade e a importância da evangelização como sua missão essencial e como opção pastoral prioritária. Um dos momentos culminantes desta tomada de consciência foi o Sínodo de 1974 sobre a evangelização no mundo moderno, podemos afirmar que a catequese com adultos foi tema de reflexão a partir do contexto pastoral e evangelizador com processo catecumenal³³⁵. No Sínodo de 1977, a catequese com adultos recebeu uma atenção especial e, posteriormente, a publicação da exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II.

E prosseguindo a série dos destinatários da catequese, não posso deixar de realçar aqui um dos cuidados dos Padres do Sínodo, requerido com vigor e urgência pelas experiências que se estão a fazer no mundo inteiro: trata-se do problema crucial da catequese dos adultos. É a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida³³⁶.

Portanto, a Igreja fez a opção pela inspiração catecumenal como modelo pedagógico para toda a catequese, pois, diante da realidade que nos desafia acreditava que este itinerário era o que melhor responderia aos desafios do mundo contemporâneo.

O modelo de toda catequese é o catecumenato batismal, que é formação específica, mediante a qual o adulto convertido à fé é levado à confissão da fé batismal, durante a Vigília Pascal. Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese, nos seus objetivos e no seu dinamismo³³⁷.

O *Diretório Nacional de Catequese*³³⁸ afirmou que, diante dos desafios da ação evangelizadora, a Igreja hoje haveria de tornar efetiva a prioridade da catequese com adultos como resposta às novas exigências da evangelização bem

³³⁴ CNBB, Doc. 107, 188.

³³⁵ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 27.

³³⁶ CT 43.

³³⁷ Cf. CNBB, Doc. 84, 35-50.

³³⁸ CNBB, Doc. 84, 14k.

como pedem os documentos da *Catequese Renovada* (1983) e a *2ª Semana Brasileira de Catequese* (2001).

É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e dos jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação e na própria comunidade eclesial³³⁹.

Hoje em dia há adultos que não foram batizados ou, sendo batizados, não receberam os outros sacramentos de iniciação. Não têm muita vivência de fé. Há uma grande variedade entre aqueles que procuram maior formação religiosa. É bom conhecer os motivos que os levam a procurar maior formação cristã, porque cada grupo exige uma abordagem específica. Muitos são os adultos que se afastaram da comunidade de fé por diversas razões. São os que se tornaram indiferentes à questão religiosa, ou aqueles que passam de uma religião para outra sem se encontrar realmente. Querem experimentar de tudo um pouco.

A catequese com adultos, a formação cristã com adultos é hoje objeto de particular atenção em muitos países e regiões, por parte das comunidades cristãs. Se apresenta como uma importante prioridade pastoral, em relação com a tarefa evangelizadora da Igreja atual³⁴⁰.

A conferência de Aparecida reconheceu a necessidade de fortalecer e aprofundar a iniciação à vida cristã. “Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de Iniciação na Vida Cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez mais, com Jesus Cristo”³⁴¹.

No atual contexto da catequese do Brasil, diversas comunidades ainda não estão acostumadas com o adulto que necessita de iniciação, ou reiniciação, entendida no seu sentido pleno. É preciso ter claro que o tema da iniciação cristã com adultos é relativamente novo na reflexão eclesial brasileira. Por isso, exige-se uma

³³⁹ CNBB, Doc. 26, 130.

³⁴⁰ ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 16.

³⁴¹ DAp 289.

mudança de paradigmas na qual é preciso ver o adulto como interlocutor do processo catequético.

Percebe-se que as comunidades não sabem o que fazer com o adulto que se aproxima sem nenhuma iniciação ou com quase nenhuma. A dificuldade é mútua. O adulto vem em busca dos sacramentos, sem ter em conta a necessária adesão a Jesus Cristo e à Igreja, a conversão e o engajamento que isso implica. A comunidade, por seu turno, tem a tendência de aplicar um processo de catequese e de iniciação sacramental que é na realidade uma adaptação do processo que se aplica a crianças e jovens, geralmente feito de maneira apressada de modo a conferir os sacramentos³⁴².

Mas a catequese com adultos deve estar preparada para acolher este homem e esta mulher que, como a samaritana do Evangelho (Jo 4, 4-16), têm sede de Deus. Jesus ajuda a samaritana, responde às suas indagações, Jesus a considera interlocutora da sua mensagem, estabelece diálogo. Por isso, a catequese com estes adultos, nestes novos tempos, deve ser uma catequese que parta do encontro, da experiência e do diálogo. Dessa forma produzirá muitos frutos contando com adultos convictos de sua fé.

A fé não pode ser desligada do cotidiano da vida, por isso, na Igreja, quando se refere à catequese, fala-se da interação fé e vida. Nos últimos tempos, há a preocupação com a evangelização e a eficácia da catequese com adultos, pois muitos foram batizados por tradição, muitos por superstição, outros, ainda, por desengano de consciência. Nessa perspectiva, os sacramentos são vistos como Ritos, simplesmente. O Documento da Conferência de Aparecida (2007) afirma que temos muitas pessoas batizadas, mas não evangelizadas. Temos aí uma multidão de pessoas que não têm uma prática cristã em suas vidas, assumiram uma identidade católica, mas não são praticantes. Nossa opção como Igreja do Brasil é de evangelizar os adultos, ir à busca desses que estão afastados da vida eclesial.

Lembrem-se também [os pastores] de que a catequese dos adultos, pelo fato de ser dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de uma atuação verdadeiramente responsável, deve ser considerada como a forma principal de catequese, à qual todas as demais, nem por isso menos necessárias, se subordinam³⁴³.

Portanto, a partir da realidade que nos desafia, os adultos necessitam do primeiro anúncio (querigma), que seja o despertar e encantar que os ajude em um

³⁴² MASUERO, L., *Discipulado Católico Adulto*, Revista de Catequese, p. 58.

³⁴³ DGC 20.

processo de conversão e, depois de discipulados, a abraçar a missão na comunidade de fé. Por isso, com os adultos devemos insistir para propiciar uma formação integral e processual do discípulo que responda ao tempo em que se vive a partir de uma expressão de fé adulta e comprometida³⁴⁴.

Os séculos XX e XXI são marcados na ação evangelizadora pela opção de processos de iniciação cristã com adultos. Depois do Concílio Vaticano II, o tema do protagonismo dos adultos passou a ser recorrente nas reflexões e documentos do magistério. Entretanto, isso não se estabeleceu no âmbito de participação e tomada de consciência dos leigos e leigas. Estes se defrontam com “[...] a falta de tempo, recursos financeiros e a falta de instituições compatíveis com a condição específica de leigos(as), uma vez que em geral o que a eles se oferece é ainda fortemente marcado pelo jeito clerical de formação teológica, pastoral e espiritual”³⁴⁵. Por isso, temos um grande desafio no século XXI: superar os condicionamentos que a história foi impondo e garantir instâncias de diálogo, de comunhão e serviço, bem como propor processos para uma efetiva iniciação e reiniciação à vida cristã.

Aqueles que atuam na evangelização com os adultos são chamados a:

[...] ajudar os adultos a assumirem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as atitudes e decisões que favoreçam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade; motivar os adultos a fazerem uma opção mais coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada; incentivar a comunidade a criar condições para a educação da fé das crianças, jovens, famílias e da própria comunidade eclesial³⁴⁶.

Sendo assim, o centro da nossa evangelização tem que ser a pessoa humana, com suas angústias, suas inquietações, sua indagações, o novo paradigma evangelizador está em saber apresentar uma mensagem que seja autêntica e que convença o homem e a mulher do tempo atual. Definitivamente, o mundo dos adultos está chamado a ser um dos pontos focais da tarefa pastoral da atualidade³⁴⁷. Com isso, para responder às instâncias mais profundas dos nossos tempos, a catequese com adultos deve propor a fé cristã na sua integridade, autenticidade e organização sistemática, segundo a compreensão que dela possui a Igreja, colocando em pri-

³⁴⁴ CELAM, A caminho de um novo paradigma para a Catequese, n. 29, p. 21.

³⁴⁵ NERY, I. J., Catequese com adultos e catecumenato, p. 82.

³⁴⁶ CNBB, Estudo 59, 36.

³⁴⁷ ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 13.

meio plano o anúncio da salvação, iluminando as muitas dificuldades, pontos obscuros, mal-entendidos, preconceitos e objeções atualmente em circulação, mostrando a incidência espiritual e moral da mensagem, introduzindo à leitura crente da Sagrada Escritura e à prática da oração. Um fundamental serviço para a catequese dos adultos é fornecido pelo Catecismo da Igreja Católica e, com referência a este, pelos Catecismos dos adultos das Igrejas singulares³⁴⁸.

A Igreja tem afirmado que existem muitos batizados e poucos evangelizados, percebemos, cada vez mais acentuado, o “afastamento” da prática cultural (eucaristia dominical) que conduz progressivamente ao abandono de toda a vida religiosa. Muitos se “fazem de cristãos” por ocasião das missas dos seus defuntos, nos batizados, nos casamentos. Um elevado número de adultos parece não encontrar já sentido algum na celebração das nossas comunidades, com isso, é urgente repensar nossa ação pastoral e eclesial na direção dos adultos. “Trata-se de verdadeiros apelos de quem percebeu que, sem formação de adultos na fé, o cristianismo corre sérios riscos de desagregação, dado o ambiente adverso das sociedades modernas”³⁴⁹.

Precisamos urgentemente pensar em uma catequese que ajude o adulto a fazer experiência de fé, necessitamos de uma catequese que eduque para a vida e a vivência da fé, pois temos visto a redução de certas práticas catequéticas a uma mera sensibilidade religiosa, a um vago anúncio de Jesus Cristo ou a uma apresentação da mensagem da fé e da vida cristã com lacunas, sem aspectos importantes da fé e da moral cristã.

Também precisamos favorecer os aspectos metodológicos que a iniciação à vida cristã fundamenta e sintonizar com a situação pessoal e cultural do destinatário como interlocutor que, muitas vezes, renuncia ao anúncio e contato vivo com os “documentos da fé”, objeto próprio da catequese. Urge resgatar para os adultos a implantação nas nossas comunidades cristãs de uma catequese de inspiração catecumenal como processo de iniciação à vida cristã.

Ao afirmarmos a iniciação à vida cristã com adultos como paradigma evangelizador é preciso considerar algumas tarefas que são irrenunciáveis para uma evangelização eficaz nestes novos tempos.

³⁴⁸ Cf. DGC 175.

³⁴⁹ PEREIRA, E. N., A formação cristã de adultos, p. 84.

A primeira é promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado através de meios adequados: pedagogia sacramental, retiros, direção espiritual que ajude o adulto a viver mergulhado na mistagogia que dá sentido à vida.

A segunda tarefa é educar à justa avaliação das transformações socioculturais na nossa sociedade à luz da fé. Dessa maneira, o adulto é ajudado a discernir os verdadeiros valores e também os perigos da nossa civilização, e a assumir as atitudes convenientes.

A terceira tarefa é esclarecer as atuais questões religiosas e morais, ou seja, aquelas questões que se apresentam aos homens e mulheres do nosso tempo, como, por exemplo, as relativas à moral pública e individual, às questões sociais, à educação das novas gerações.

A quarta é esclarecer as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial, mostrando as mútuas distinções, implicações e, portanto, a medida da devida interação. Com esse objetivo, a doutrina social da Igreja torna-se parte integrante da formação dos adultos.

A quinta é desenvolver os fundamentos racionais da fé. As retas compreensões da fé e das verdades a se crer estão em conformidade com as exigências da razão humana e o Evangelho é sempre atual e pertinente. É necessário, por isso, promover eficazmente uma pastoral do pensamento e da cultura cristã. O que permitirá superar certas formas de integrismo e de fundamentalismo, assim como uma interpretação arbitrária e subjetiva.

A sexta é formar à assunção de responsabilidades na missão da Igreja e a saber dar um testemunho cristão na sociedade.

O adulto é ajudado a descobrir, valorizar e atuar aquilo que recebeu por natureza e por graça, seja na comunidade eclesial ou vivendo no âmbito de uma comunidade humana. Dessa forma, poderá também superar as insídias da massificação e do anonimato, particularmente frequentes em algumas sociedades atuais, que levam à perda da identidade e ao descrédito das qualidades e recursos que uma pessoa possui³⁵⁰.

Notamos a urgência que vivemos, hoje, como novo paradigma evangelizador, a catequese com adultos; uma catequese preocupada em oferecer processos de iniciação com os adultos como prioridade efetiva a ser levada com firmeza na

³⁵⁰ DGC 175.

comunidade e, também, despertar para importância da formação permanente, de forma mais organizada, planejada, sistemática a partir da inspiração catecumenal.

É interessante o que constatou uma pesquisa realizada em função da 2ª SBC, pois ainda nos ajuda a traçar luzes para a nossa realidade:

Constatamos que é preciso olhar constantemente para a realidade das comunidades. Elas estão em contínuas mudanças por influências culturais múltiplas, migração e não limitação aos limites paroquias. Há situações que exigem particular atenção, como o crescente número de adultos não batizados, de adultos batizados que não fizeram a Primeira Comunhão nem Crisma e de adultos que passaram pelos Sacramentos da iniciação, e sentem que precisam ser reiniciados na fé. Outros receberam uma boa iniciação, mas desejam conhecer mais com profundidade os fundamentos da fé cristã. E, há também, aqueles que retornaram de outras igrejas³⁵¹.

Essas e tantas outras situações acerca da realidade dos adultos nos mostram que necessitamos dar respostas diferenciadas diante de um contexto eclesial, que é urgente uma catequese com adultos que proponha processos iniciáticos para uma adesão consciente e coerente ao Senhor, à sua Igreja e à missão na sociedade.

Por isso, o objetivo da catequese com adultos não envolve apenas os sacramentos, mas a vivência de toda vida cristã, dentro da qual os sacramentos têm sentido a partir de um itinerário percorrido. O *Diretório Geral da Catequese* quando apresentou os destinatários como interlocutores, em primeiro lugar nomeou os adultos. E, ao longo do documento, todas as vezes em que mencionou a catequese conforme as idades, sempre seguiu a ordem começando pelos adultos. Essa dimensão da catequese defronta-se continuamente com o problema metodológico que, ao fim e ao cabo, se torna também um problema de conteúdo. Com adultos é necessário fazer uma catequese adulta, que leve em conta sua adulez, maioridade, autonomia, independência e, sobretudo sua situação de leigos e leigas. No século XXI, uma catequese com adultos terá frutos somente se ela também for adulta, a partir de um caminho de iniciação à vida cristã pela via catecumenal.

A catequese com adultos continua sendo tarefa fundamental da Igreja, tanto para iniciar a pessoa na vida da comunidade quanto para ajudá-la a crescer e tornar-se cada vez mais autêntica rumo à maturidade humana e em Cristo.

³⁵¹ CNBB, Estudo 84, p. 57-58.

A catequese com adultos supõe a existência de comunidades que acolham os adultos, alimentem sua fé e os acompanhem na caminhada, rumo à maturidade humana e cristã. Daí a importância de apontar para um horizonte ou projeto eclesiológico, que proporcione ao adulto uma experiência de Igreja, que o ajude a fazer seu itinerário de fé, num processo de comunhão e participação³⁵².

Para que aconteça de forma efetiva um itinerário de iniciação à vida cristã com adultos, como paradigma evangelizador, precisamos levar em consideração alguns objetivos próprios de toda a atividade catequética: favorecer e despertar a conversão, estimular o amadurecimento das atitudes próprias da vida cristã (fé, esperança, amor), aprofundar-se no conhecimento do mistério e da mensagem de Cristo, educar para um agir cristão na Igreja e na sociedade. Temos, ainda, que a catequese com adultos deverá atender às necessidades e características de fé madura, adulta. A perspectiva da maturidade é importante marco de referência e critério de discernimento da práxis catequética com os adultos. Muitas vezes a catequese se contentou em satisfazer a ansiedade de segurança de muitos adultos e favoreceu formas de religiosidade funcional, compensatória, comprometendo a autenticidade da tarefa catequética realizada. Porém, a perspectiva global das finalidades e objetivos ideais de uma catequese adulta, deve ser, em seus três níveis: individual (que tipo de fiel deve ser promovido), comunitário (que modelo de comunidade é necessário criar) e eclesial (que projeto de Igreja deverá ser realizado). A catequese com adultos deve descortinar horizontes teológico-pastorais convincentes, abertos e estimulantes³⁵³.

Conforme o *Directorio Geral para a Catequese*³⁵⁴, a catequese dos adultos exige uma cuidadosa identificação das características típicas do cristão adulto na fé, a fim de traduzi-las em objetivos e conteúdos, determinar certas constantes na exposição, fixar as indicações metodológicas mais eficazes e escolher as formas e os modelos. Uma especial atenção merece a figura e a identidade dos catequistas dos adultos e a sua formação, pois são os responsáveis pela catequese dos adultos na comunidade.

Segundo o *Conselho Episcopal Latino-Americano*³⁵⁵, a centralidade da catequese de adultos deve-se às razões seguintes: a idade adulta é a época das opções fundamentais; os adultos são os que têm as maiores responsabilidades na

³⁵² CNBB, Estudo 84, p. 58.

³⁵³ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 12.

³⁵⁴ Cf. DGC 172-176.

³⁵⁵ CELAM, Manual de Catequética, p. 164-165.

Igreja e na sociedade; os adultos são as pessoas mais capazes para aderir à cristandade de forma plena e madura; e a infância e a juventude precisam de modelos adultos de identificação, bem como de comunidades eclesiais adultas, que sejam pontos motivadores de referência para a vivência da fé cristã.

O *Diretório Geral para a Catequese*³⁵⁶ descreve as tarefas fundamentais para a catequese de adultos: promover a formação e o amadurecimento da vida espiritual; educar para julgar, à luz da fé, as mudanças culturais da sociedade; capacidade para responder às questões religiosas e morais de hoje; esclarecer, com a ajuda da doutrina social da Igreja, as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial; desenvolver os fundamentos racionais da fé; e formar para assumir responsabilidades na missão da Igreja e para saber dar testemunho cristão na sociedade.

Para educar os adultos na fé, o Celam³⁵⁷, orienta: considerar o adulto como tal, ou seja, conhecer suas características psicológicas, distinguir o adulto jovem (25 a 40 anos) do adulto maduro (40 a 65 anos), e conhecer como aprendem os adultos; propor a catequese como processo de educação na fé que eduque em todas as dimensões da vida cristã; seguir um itinerário de fé com inspiração catecumenal, no qual estejam presentes o primeiro anúncio, a conversão, o aprofundamento da fé, a integração à comunidade e o compromisso apostólico; oferecer uma fundamentação básica da fé cristã, ajudando-os a dar razão de sua fé e de sua esperança; acentuar o papel da comunidade cristã, integrando-os na comunidade e, sobretudo, educando-os na corresponsabilidade eclesial; favorecer a identidade laical, ajudando-os a viver como crentes comprometidos em todas e em cada uma das realidades temporais; e considerar as contribuições da educação de adultos³⁵⁸.

A catequese com adultos, a partir de um itinerário de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, é e deve ser importância prioritária para uma comunidade eclesial, tendo como meta alcançar aqueles que vivem em situação de indiferença religiosa, que vivem a crise de credibilidade da Igreja, sobretudo em seu aspecto institucional que aos olhos de muitos é considerada mais como um

³⁵⁶ DGC 175-176.

³⁵⁷ CELAM, Manual de Catequética, p. 165.

³⁵⁸ CELAM, Manual de Catequética, p. 164-165.

obstáculo do que como um instrumento de evangelização³⁵⁹, por isso, é missão destes novos tempos promover uma maior compreensão e vivência das extraordinárias riquezas da vida em comunidade do seguimento a Jesus Cristo.

2.7.

A urgente tarefa de “repensar” e “relançar” a Iniciação à Vida Cristã

Como vimos anteriormente, a iniciação à vida cristã constitui um dos grandes desafios pastorais no contexto em que vivemos; o assunto ainda é recente, bem como a reflexão e prática eclesial³⁶⁰. Por muito tempo predominou um modelo tradicional³⁶¹ de transmissão da fé, e para estes novos tempos esse modelo tornou-se insustentável. Vivemos atualmente uma situação de crise de modelos e de paradigma. Assistimos ao surgimento de um novo paradigma para iniciar na fé e na vida em comunidade. Repensar e relançar a iniciação à vida cristã com novos pressupostos, renovadas metodologias, novos acenos, com clareza da identidade teológica da iniciação à vida cristã tornou-se uma tarefa inadiável.

Em particular, continua em aberto o problema da iniciação cristã, que constitui uma mescla de caminho de fé, expressão sacramental e experiência de vida. Como já dissemos, está em grave crise esse processo de iniciação, que para muitos jovens se tornou, paradoxalmente, processo de conclusão da vida cristã. E muitos pontos problemáticos continuam em aberto: o batismo generalizado de crianças; a ordem e a idade para os sacramentos de iniciação; a primeira confissão; a pastoral da crisma; a urgência do catecumenato e a existência de “catecumenatos” para cristãos batizados etc.³⁶².

Sabemos que o ponto de partida da tomada de consciência do processo iniciático está no chamado “movimento catequético”³⁶³, contudo, foi a partir do

³⁵⁹ Para um maior aprofundamento do assunto pesquisar, ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 21-38.

³⁶⁰ Na prática pastoral, o termo iniciação cristã é relativamente recente, aparecendo pela primeira vez na publicação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, em sua primeira edição em 1973. A partir do século XIX, a expressão começou a ser utilizada para designar os sacramentos do batismo, eucaristia e confirmação. A expressão foi assumida pelo Vaticano II, conforme consta em SC p. 259-306; AG 14; PO 2.

³⁶¹ A catequese, “momento essencial do processo da evangelização” (DGC 63-64), não pode mais se limitar à promoção do modelo tradicional do “bom cristão” ou do “fiel praticante”, mas deve inspirar sobretudo verdadeiros crentes, a fé personalizada, despertando a conversão, a opção pelo Evangelho, o gosto e a alegria de ser cristão (ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 363).

³⁶² ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 307.

³⁶³ ‘Movimento catequético’ são as iniciativas de renovação e incremento, estímulos e diretrizes na catequese que floresceu no final do século XIX. A partir do incentivo de Roma, o movimento de renovação encontrou em vários países terreno fértil para desenvolver-se. Cf. OLIVEIRA, R. M.

Concílio Vaticano II que se pôde genuinamente falar do impulso renovador catequético, muito embora o Concílio não tenha abordado explicitamente o tema. Expressões como “catequese evangelizadora”, “catequese missionária”, “catequese iniciática”, as quais apontam para a substituição do paradigma de iniciação pautada apenas na distribuição dos sacramentos ou apenas na transmissão da doutrina, em busca de uma pedagogia centrada na vida, no existencial e no vivencial, não seriam realidades sem os ares do *aggiornamento* do último Concílio ecumênico.

A catequese não prepara simplesmente para este ou aquele sacramento. O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja. Nosso processo de crescimento da fé é permanente; os sacramentos alimentam esse processo e têm consequências na vida³⁶⁴.

Por envolver a transmissão de uma vida que tem sua origem em Cristo, a evangelização não pode ser reduzida à comunicação de uma mensagem ou de uma doutrina. Ela abrange toda a vida da Igreja: o serviço da Palavra, o serviço dos sacramentos e o serviço da caridade ou ação transformadora do mundo, pelo Evangelho³⁶⁵.

Falar da emergência e da urgente tarefa de apontar a iniciação à vida cristã em nosso contexto brasileiro se faz necessário, pois, em muitas instâncias da própria Igreja e em muitas paróquias e comunidades ainda continuamos seguindo um modelo que comprovadamente não tem dado certo, buscando um projeto pastoral que não responde mais aos dias atuais. Essa complexa realidade, na qual estamos mergulhados, nos revela que a experiência de fé cristã se encontra hoje em uma espécie de estado generalizado de busca e de recomeço³⁶⁶.

Sem querer ser ousado demais nas palavras, acreditamos que ainda nos falta a coragem eclesial para reverter essa situação, de realmente colocarmos em prática os documentos conciliares, bem como os temas pertinentes das conferências,

O movimento catequético no Brasil. São Paulo: Salesiana, 1980; cf. LIMA, L. A. *A face brasileira da catequese: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório.* 1995. Tese (Doutorado em Catequese) Universidade Pontifícia Salesiana, Roma, 1995.

³⁶⁴ CNBB, Doc. 84, 50.

³⁶⁵ “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (EN 14).

³⁶⁶ CNBB, Doc. 107, 41.

ainda insistimos em uma catequese em vista dos sacramentos, não em vista da vida cristã, da união entre fé e vida, da proposta de um processo catecumenal. Convém passar de catequese visando à sacramentalização, em uma perspectiva intraeclesial, para uma catequese de iniciação, de linha evangelizadora³⁶⁷.

A catequese deve estar a serviço da iniciação cristã (DGC, n. 65-68). O primado do ensino deve dar lugar à preocupação com a iniciação: se antes o interesse se concentrava no ensino da doutrina, hoje se redescobre a importância única do processo iniciático e, portanto, também do catecumenato como instrumento de iniciação ou de reiniciação na fé cristã³⁶⁸.

Infelizmente vemos situações em que a hierarquia da Igreja parece estar muito mais focada nos dados estatísticos do que na qualidade dos católicos, o que demonstra um não comprometimento com a vida. A Encíclica *Evangelii Nuntian-di* (1975) poderia ter sido o grande passo para esta mudança. Esse documento reprova uma catequese superficial.

A conferência de Aparecida apontou caminhos para que possamos repensar nossa ação pastoral colocando como foco a iniciação como novo paradigma. Mas, uma década depois, ainda percebemos comportamento muito distante de uma iniciação cristã: continuamos batizando crianças sem propor itinerários com pais e padrinhos, sem nos preocuparmos se há condições para entender que o batismo deve ser uma resposta a um chamado e sem entender o alcance e as consequências desse sacramento.

Continuamos com a "catequese" de primeira Eucaristia, e só, sem estarmos atentos ao "antes" e ao "depois", embora bastante atentos ao "dia": roupa, filma-gens, fotografias, um pouco de atenção à liturgia, à festa na família e outros detalhes. O "antes" é a vida familiar, social e eclesial do candidato. O "depois" é a caminhada do "eucaristizado" dentro da comunidade.

O mesmo acontece com a chamada "catequese" de crisma. Crisma-se quando o candidato concluiu o programa e, normalmente, baseado unicamente no testemunho do catequista, excluída a comunidade que não acompanhou o candidato na sua caminhada eclesial e social.

E, também não há quase nenhuma catequese para o sacramento do matrimônio, para os poucos que ainda procuram esse sacramento. Enfim, falta-nos a

³⁶⁷ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 366.

³⁶⁸ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 363.

visão e o compromisso de "educar para viver a fé", educação que se projete em todas as circunstâncias da vida: familiar, eclesial, social, empresarial, política, jurídica etc. e que se estenda para toda a vida.

O processo de Iniciação à Vida Crista salienta o princípio de *interação* entre fé e vida que se expressa em gestos, em mudança de vida, em conversão, em atitudes ético-sociais³⁶⁹. Responsabilidade e compromisso são respostas efetivas à dinâmica da qual o iniciante toma consciência e adere na liberdade. Sendo assim, cada interlocutor e toda comunidade, tornam-se atentos aos “sinais dos tempos”, em busca das respostas necessárias a situações existenciais e sociais³⁷⁰.

Nesses novos tempos, notamos a urgência na realidade pastoral, como Igreja-comunidade de fé, de repensar e relançar a iniciação à vida cristã como itinerário de evangelização, pois vivemos em um mundo em transformação constante e em uma sociedade que vive, de modo desenfreado, uma mudança de época que afeta diretamente as relações humanas.

Como se vê, evidencia-se, nas circunstâncias atuais, a necessidade de uma orientação pastoral profunda e corajosamente nova, sem saudade da “cristandade”, sem desejos de desforra ou de reconquista, voltada para um futuro aberto ao serviço desinteressado do Reino de Deus, na fidelidade à missão evangelizadora. Despontam no horizonte um novo modelo de cristão, um novo tipo de comunidade cristã, um projeto renovado de Igreja. A catequese deve ser repensada hoje, tendo em vista essa nova orientação pastoral, para a promoção dos novos modelos de cristão, de comunidade, de Igreja³⁷¹.

A Igreja, à luz do *Documento de Aparecida*, é chamada a repensar profundamente e a relançar, com fidelidade e audácia, sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Acreditamos que o caminho para este repensar e relançar está assegurado no itinerário da iniciação à vida cristã como paradigma evangelizador, com itinerário eficaz para propor processos iniciáticos à vida de fé na comunidade cristã. Expressões como “nova evangelização”³⁷², “missão continental”, “Igreja em estado permanente de missão”, “conversão pastoral” deixam transparecer os esforços em rever o processo

³⁶⁹ CNBB, 1983, n. 113, 116, 163 e 311 (Documentos da CNBB, n. 26).

³⁷⁰ CNBB, Doc. 107, 123.

³⁷¹ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 77.

³⁷² ‘Nova Evangelização’ foi o grande lema do pontificado de João Paulo II. Cf. RM 33-34; ChL 34. O tema também se encontra no DSD 23-30; 129-131. Cf. A mesma intuição já fora captada por Paulo VI na EN 52.

de iniciar na fé em uma sociedade cujos pilares já não garantem a adesão religiosa.

A Igreja tem sua razão de ser a partir de sua ação evangelizadora, “a vocação da Igreja é a missão de evangelizar” (EN 14) e, não obstante, essa ação evangelizadora deve estar a serviço da vida e da fé de todos os povos e culturas onde ela estiver presente por intermédio de seus discípulos-missionários. Acreditamos que sua ação deve ser uma resposta de fé à vida nas diversas dimensões: social, cultural e religiosa com intenção de favorecer o processo iniciático:

Esse processo iniciático realiza-se *na Igreja e pela mediação da Igreja*. Como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, sinal e germe do Reino, é a Igreja que anuncia a Boa Nova, acolhe e acompanha os que querem realizar o caminho da fé, oferece-lhes os fundamentos da vida cristã e, principalmente, os incorpora a Cristo³⁷³.

A missão que a Igreja se propõe nestes novos tempos é se colocar a caminho, nesse sentido, a Igreja evangeliza a si mesma por meio de uma conversão constante, procurando viver aquilo que a caracteriza: o serviço da caridade, o testemunho da fé apostólica e a comunhão de vida como Trindade. Dessa conversão, nasce a força para o testemunho e o anúncio do Amor de Deus, manifestado em Cristo, ao ser humano. A Igreja tem uma única missão que se articula *ad intra*, ou seja, a evangelização de seus membros, e *ad extra*, a evangelização dos povos, convocada pelo Papa Francisco como Igreja em saída. De acordo com a reflexão do *Projeto de Ação Missionária Permanente*, “A missão não é uma atividade circunstancial da Igreja. Ela pertence ao ser da Igreja. A Igreja é, por essência, missionária” (PAMP, 49). Nesse sentido vale dizer que sua missão está sempre a favor da vida e da dignidade de cada ser humano.

Segundo a *Evangelii Nuntiandi* (28), “a Igreja é o querido fruto e primeiro da atividade evangelizadora de Cristo e dos Apóstolos”. E, para tal concretude, necessitamos de formação permanente a partir da proposta do itinerário da iniciação à vida cristã, para que em comunidade sejamos capazes de construir espaços acolhedores, proporcionando experiências de vida cristã para promover e libertar o ser humano de todo e qualquer poder opressor advindo das mazelas humanas.

³⁷³ CNBB, Doc. 107, 82.

Do Concílio Vaticano II constatamos que, de fato, a missão da Igreja é evangelizar; e seu fim é a santificação e salvação da humanidade, suas funções são os ministérios da Palavra, da liturgia, da autoridade como serviço a favor da comunhão e unidade na diversidade e os serviços da caridade. Uma Igreja Missionária deve pautar todo o seu agir a partir da Trindade Santa, pois a missão vem de Deus, não é da iniciativa humana. Ela nasce nas entranhas do Pai que envia seu Filho e, unido ao Filho, nos dá o Espírito Santo, o grande protagonista da ação missionária. Nessa perspectiva devemos cultivar, em nossas comunidades de fé, uma espiritualidade missionária tendo em vista que todo batizado é missionário e sua missão se plenifica em comunidade, formando assim, a assembleia dos chamados.

Iniciar a vida na comunidade cristã é iniciar uma vida de relação íntima com o Mistério do próprio Deus revelado em Jesus Cristo, que abre novas formas de relacionamento com o irmão e com o mundo. Essa é a força que o projeto da iniciação à vida cristã deve evocar da memória de Jesus. Essa força, que é o sopro do Espírito, lembrando e atualizando as palavras de Jesus, levou muitos dos iniciados na vida guiada pelo Espírito de Cristo a enfrentar corajosamente a perseguição e a morte, para não perder a vida que, ao revelar-se como vida de Deus no coração humano, revela-se como vida eterna.

Estar no mundo, para o mundo, a serviço do Reino de Deus, deve constituir a mais bela das ações eclesiais que é evangelizar e evangelizar “é uma necessidade que se me impõe. Ai de mim se eu não evangelizar” (I Cor 9,16). E, para fortalecer ainda mais nossa reflexão dispomos da *Evangelii Nuntiandi* que diz: “só uma comunidade evangelizada é capaz de tornar-se evangelizadora” (EN 15).

Na medida em que a comunidade acolhe e colabora com os catecúmenos, nessa medida aparecerá claro a eles o caráter eclesial da iniciação e da confirmação. E nessa medida a iniciação conduzirá a renovação da mesma vida da comunidade e de sua missão no mundo³⁷⁴.

É a partir da realidade que nos desafia onde estamos inseridos que podemos caminhar rumo às transformações necessárias para que, de fato, o projeto da iniciação à vida cristã seja assumido pela comunidade. Nesse sentido, uma Igreja evangelizadora elabora processos de iniciação e a catequese está a serviço da ini-

³⁷⁴ BOROBIO, D., Catecumenado para la evangelización, p. 25.

ciação cristã, articula sua ação eclesial e busca dar passos precisos priorizando um projeto pastoral centrado em processos iniciáticos com inspiração catecumenal.

Compreendemos que um bom projeto de iniciação à vida cristã abre para o anúncio e o diálogo da fé como resposta à vida das pessoas, acontece a partir da realidade de cada interlocutor, valorizando cada etapa do processo de iniciação e ajudando na descoberta madura, consciente e comprometida de suas potencialidades.

Para que o processo da iniciação à vida cristã se concretize de fato, é muito importante o contexto no qual a comunidade e, dentro dela, catequizandos, catequistas, pais e padrinhos estão inseridos. O contexto é importante, não simplesmente por uma questão de buscar-se uma linguagem adequada para que se dê uma comunicação mais efetiva, mas, sobretudo, para que os catequizandos possam ir encarnando a fé cristã na vida pessoal, comunitária e social.

Uma Igreja evangelizadora não pode ficar indiferente diante das demandas evangelizadoras, afinal, “o melhor serviço do irmão é a evangelização” (DP 1145). Por isso, vimos que toda a dinamicidade que nos envolve a partir dos grandes ideais como valores evangélicos deve nos impulsionar na redescoberta e no relançar a iniciação à vida cristã, como forma ativa e criativa para um anúncio eficaz do Evangelho como também em uma experiência de fé capaz de dar sentido à vida.

Por isso, como Igreja, com a ação evangelizadora necessitamos investir e priorizar processos de formação iniciáticos e permanentes com os interlocutores, desenvolvendo ações pastorais capazes de responder às exigências do ser humano deste tempo atual, nos diferentes espaços sociais. A tarefa peculiar da Igreja deve consistir em aprofundar sua comunicação interna e externa pelo diálogo, serviço, anúncio e testemunho de comunhão fraterna, vivendo a partir da colegialidade. Cada comunidade e cada indivíduo, mesmo que já tenha chegado ao estado de crescimento da fé, sempre precisa se converter para o Senhor e entrar mais profundamente na vida de Deus³⁷⁵.

À vista disso, a Igreja evangelizadora que de fato esteja a serviço de um projeto de iniciação à vida cristã, deve partir do princípio de uma fé missionária encarnada na vida dos povos e das culturas, descobrindo, em um ciclo dinâmico, a

³⁷⁵ DUJARIER, M., A Survey of the History of the Catechumenate, p. 21.

inspiração catecumenal para melhor responder aos desafios contemporâneos em direção a uma educação da fé e iniciação à vida cristã de seus interlocutores.

Aparecida constatou: "Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável" (DAp 286).

Isto constitui um grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada (DAp 287).

E fala ainda mais fortemente: "Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convocando-as para segui-Lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora" (DAp 287).

Por isso, ao fazermos a opção de relançar e repensar a iniciação à vida cristã, queremos afirmar que ela é um processo contínuo, gradativo e global, capaz de atingir a pessoa humana na sua totalidade, em uma perspectiva de inseri-la na vivência do mistério pascal de Cristo e na vida comunitária. A proposta da iniciação à vida cristã como urgente tarefa que hoje a Igreja se propõe, não é uma medida precavida para tentar recuperar o número de fiéis que está diminuindo, ou simplesmente salvar um "catolicismo em crise", ou até mesmo uma jogada de marketing. A transmissão da fé está no primeiro plano das preocupações da Igreja e das comunidades cristãs. O motivo dessa preocupação se deve à grave crise que atravessa essa transmissão da fé, presente na maior parte dos países ocidentais de tradição cristã³⁷⁶.

Num momento de crise, como este do mundo em mudança, somos profundamente questionados. O próprio Senhor nos retira da nossa acomodação e nos chama a responder a esse novo desafio. O evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. O que mudou foram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens e mulheres de hoje³⁷⁷. Jesus nos convida a sair, a escutar, a servir, num movimento de transformação missionário de nossa Igreja³⁷⁸. Essa atitude exigirá estar atento aos "sinais dos tempos". O processo é de escuta e atenção aos clamores do povo³⁷⁹.

³⁷⁶ VELASCO, J. M., La transmisión de la fe en la sociedade contemporânea, p. 7.

³⁷⁷ GS 1.

³⁷⁸ EG 19-49.

³⁷⁹ CNBB, Doc. 107, 33.

É claro para toda a Igreja que a proposta é pensar em projetos que proponham processos iniciáticos que atinjam a pessoa em todas as suas dimensões, levando-a a um encontro pessoal com Jesus Cristo, aderindo plenamente a Ele, para viver a fé da e na Igreja. A iniciação não é um método, mas é uma pedagogia necessária para a evangelização hoje, é um caminho seguro capaz de levar os não iniciados e os iniciados e aqueles que necessitam de uma reiniciação a viver e testemunhar de fato a sua fé, principalmente em uma sociedade secularizada que carece de pessoas convictas e que testemunhem sua fé em uma realidade plural. “No processo ou itinerário de iniciação a pessoa é envolvida inteiramente em todas as esferas e dimensões de seu ser”³⁸⁰.

Por isso, assumir a pedagogia da iniciação à vida cristã será, para a Igreja, esperança de futuro, pois essa pedagogia garante uma formação intensa e integral que está vinculada a ritos, símbolos e sinais, tendo como objetivo conhecer e seguir Jesus Cristo e como meta a inserção gradativa na comunidade cristã.

Somos seres de perguntas, são as indagações que nos trazem motivações para o viver, vivemos sempre à procura de respostas sobre a vida e sobre nós mesmos, pois sempre queremos saber quem somos, por que existimos, que sentido têm as escolhas que fazemos na vida; são questionamentos que estão no coração do ser humano. A iniciação deve preocupar-se em buscar estas respostas para o interior de cada pessoa, pois a pessoa é, por excelência, o sujeito da sua iniciação³⁸¹.

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que o “homem é capaz de Deus, e que o desejo de Deus está inscrito no seu coração, já que ele foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atraí-lo, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar”³⁸². A iniciação à vida cristã, para ser coerente em seus propósitos, deve partir desses pressupostos, pois o risco é grande de respondermos a perguntas que as pessoas não fazem mais.

Segundo Tertuliano, “ninguém nasce cristão, cristão se torna”³⁸³, ou seja, para tornar-se cristão é preciso um processo de iniciação unitário, progressivo, integral e estável, que seja capaz de introduzir à vida cristã, ou seja, inseri-lo no mistério salvífico de Cristo, na comunidade dos crentes. Aqui é preciso sublinhar

³⁸⁰ CNBB, Estudo 97, p. 65.

³⁸¹ TENA, P.; BOROBIO, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 25.

³⁸² CATECISMO da Igreja Católica, 27.

³⁸³ TERTULIANO, apud CNBB, Estudo 97, p. 20.

a peculiaridade da constituição do cristão, que não procede da ação de uma pessoa, também não se faz autoiniciação, mas todo este itinerário brota da graça de Deus. “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo”³⁸⁴. “Daí que a realidade da iniciação à vida cristã, não depende só das possibilidades humanas do sujeito, mas, sobretudo da ação misteriosa de Deus”³⁸⁵.

Do ponto de vista teológico-litúrgico, a iniciação cristã é um processo litúrgico-sacramental de envolvimento no mistério do Deus de Jesus Cristo, em cujo processo recebe importância central o conjunto de símbolos e ritos, cuja função é ser ponte entre o mistério e o iniciado. São ritos sacramentais, no sentido mais forte da palavra. São elementos visíveis de uma realidade total na qual Cristo, por meio da Igreja, comunica sua presença e seu mistério na história³⁸⁶.

A catequese, enquanto iniciação à vida eclesial, tem sobretudo a tarefa mistagógica de educar para a liturgia³⁸⁷, para que a celebração dos ritos cristãos seja expressão daquele caminho de fé que lhe garante a verdade e autenticidade:

A catequese, além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo “para a oração, o agradecimento, a penitência, a súplica confiante, o sentido comunitário, a linguagem simbólica...”, porque tudo isso é necessário para que haja uma verdadeira vida litúrgica³⁸⁸.

O sujeito³⁸⁹ da iniciação cristã é o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Não se parte da ação do ser humano, mas da graça de Deus. Por isso entendemos que a iniciação à vida cristã não depende somente das possibilidades humanas do sujeito, mas, sobretudo, da ação salvadora de Deus. A pessoa responde à graça divina, inspirada, sustentada e guiada por ela, com um ato de fé pleno, pessoal e consciente.

A iniciação à vida cristã no seio de uma comunidade, que, enquanto cristã, é presença, em um lugar, da totalidade da Igreja de Jesus Cristo, só poderá atingir

³⁸⁴ BENTO XVI, PP., Carta Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor cristão, 1.

³⁸⁵ TENA, P.; BOROBIO, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 25.

³⁸⁶ Cf. BORÓBIO, D., A Celebração na Igreja, p. 25.

³⁸⁷ O princípio figura claramente nos documentos oficiais da catequese. Cf. por exemplo: DGC 85, 108; EN 43; DP 926-931, 941, 989, 1005; CT 23. Cf. CNBB, Estudo 80, 170.

³⁸⁸ DGC 85.

³⁸⁹ PAVÉS, J. R., Los Sacramentos de la Iniciación Cristiana, 22.

seu objetivo de forma satisfatória se for obra de toda a comunidade. As conferências episcopais³⁹⁰ desde Medellín apontaram para esta necessidade de pensar na comunidade como catequizadora. A catequese como catequizadora da fé das pessoas e da comunidade, deve “empenhar-se numa metodologia que inclua, sob forma de processo permanente por etapas sucessivas, a conversão, a fé em Cristo, a vida em comunidade, a vida sacramental e o compromisso apostólico”³⁹¹.

Sem negar o ministério específico de catequistas para as diversas idades, a comunidade eclesial deve tomar consciência de ser ela, como um todo, o sujeito do processo da iniciação à vida cristã como itinerário. Isso significa que toda sua vida – sua estruturação comunitária, suas celebrações litúrgicas, sua ação missionária, seus serviços sociais e atitudes políticas – devem estar voltados para o processo de iniciação, contribuindo para o crescimento da fé de cada membro da comunidade e daqueles que chegarão. Exige também que todos esses aspetos da vida da comunidade reflitam o que é transmitido nas catequese específicas.

A comunidade é essencial na vida e no desenvolvimento de uma pessoa, assim como constitutiva do ser eclesial. Com efeito, todo ser humano nasce no seio de uma comunidade, a família, e, em grande medida, dependerá dela para o desenvolvimento de suas possibilidades. A pessoa só consegue personalizar-se e tomar consciência do mundo e dos outros através do encontro pessoal e de amor no cerne de uma comunidade concreta. Da mesma forma que é no encontro do “eu” com um “tu” que se desperta a consciência pessoal, a harmonia fundamental da pessoa depende da aprendizagem do gerenciamento de seus conflitos na comunidade, transformando-os em relações amorosas. A Igreja quer ser um espaço de revitalização da vocação cristã, enquanto comunidade, ícone da Trindade³⁹².

A iniciação à vida cristã é um processo comunitário e em comunidade, é um caminhar da comunidade junto a pessoa que será iniciada e da pessoa junto a comunidade. Não existe um catecúmeno solitário, sempre é um processo em comunidade e com a comunidade. Por ser um processo comunitário, aquele que será iniciado tem que estar em um grupo, incorporando-se a ele e querendo seguir o mesmo processo, buscando a mesma verdade, tendo o mesmo objetivo, estando

³⁹⁰ Em Medellín foi proposta uma catequese libertadora para os povos da América Latina. A 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano levou adiante as propostas de Medellín insistindo na necessidade de evangelizar as culturas. Cf. DP. A 4ª Conferência, em Santo Domingo, propugna uma catequese querigmática, inculturada e transformadora.

³⁹¹ DP 1007.

³⁹² BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 161.

disposto a viver a mesma experiência, isto é, iniciando-se ao mistério de Cristo e da Igreja³⁹³.

A iniciação à vida cristã é entendida como um processo gradativo de fé que o convertido realiza pelos sacramentos e pela força do Espírito de Jesus Cristo, com o apoio e ajuda da comunidade de fiéis para se tornar membro dela. A iniciação é, portanto, um tempo de inserção na vida da comunidade eclesial. Com a entrada de um novo membro, percebemos que o ritmo é dinâmico, ao mesmo tempo pessoal e comunitário. Pessoal porque, com adesão individual, a pessoa pode entrar em um ambiente de fé, capaz de mudar sua vida; comunitário, pois a pessoa adere a vida de uma comunidade de fiéis que escutam a Palavra, questiona-se, amadurece a fé, está em um processo de conversão, reconhece-se na comunhão, celebra a liturgia e da testemunho onde está presente³⁹⁴.

O *Documento de Aparecida* afirma que a iniciação à vida cristã não é somente um meio para se manter a comunidade, mas também para renová-la despertando-a para a dinamicidade da fé e da missão. “Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário”³⁹⁵.

Diante da situação das comunidades e paróquias, a Igreja se depara com os apelos e a vontade popular manifestados na busca por uma espiritualidade e o desejo humano de contato com Deus. Ao mesmo tempo em que é “uma catequese de inspiração catecumenal, chamada a lidar com essas questões diante de um pluralismo religioso e cultural, ela precisa estabelecer as bases de convivência e fortalecer a consciência de uma vida comunitária”³⁹⁶.

Favorecer a experiência da iniciação à vida cristã pela via catecumenal nos dias atuais será produzir um novo paradigma na Igreja condizente com aquilo que o Papa Francisco convencionou chamar de “uma Igreja em saída”. Isso depende de uma organização paroquial que fuja à simples adequação aos quadros existentes hoje, bem como ao perigo da formação de um perfil específico, conformados aos velhos costumes e hábitos. Essa prática eclesial simboliza e congrega toda a história da Igreja no continente latino-americano. Ela catalisa a opção preferencial pelos pobres e a tradição de Deus como amor, presente na revelação e práxis de

³⁹³ Cf. BOROBIO, D., Aula de Teología de la Universidad de Cantabria, p. 29-30.

³⁹⁴ FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 26-30.

³⁹⁵ DAp 291.

³⁹⁶ QUEZINI, R., A pedagogia da iniciação cristã, p. 49.

Jesus Cristo como rosto misericordioso e humano. Em face disso, urge discernir e fazer do RICA um autêntico instrumento de evangelização e formação de cristãos conscientes e comprometidos. Chegou a hora de repropor itinerários de amadurecimento da fé com metodologias capazes de suscitar discípulos e gerar a consciência da missão.

O papel da comunidade e seus agentes no processo da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal garante a integridade de um itinerário cristão que pretende ser forte testemunho de responsabilidade e compromisso eclesial. Nessa direção, compreende-se que “a comunidade exerce sua maternidade e função de padrinhado principalmente pela acolhida de seus membros e ao proporcionar um caminho de inserção em seu seio”³⁹⁷. O iniciante deve inserir-se na proposta desse itinerário e sentir-se parte integrante da dinâmica e compromisso de vida comunitário.

A Igreja é mãe; de acordo com os padres da Igreja essa maternidade ocorre em decorrência do batismo, a fonte batismal é conhecida como “*uterus Ecclesiae*”. São Cipriano³⁹⁸ dizia que ninguém pode ter Deus como Pai se não tem a Igreja como Mãe. No Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, podemos encontrar a afirmação de que toda pessoa que busca o batismo e a confirmação, o faz acompanhada pela Igreja.

Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja Universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que todos, vindo no seu seio e no seu amor, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e penhor seguro de salvação. A esta Igreja, “coluna e fundamento da verdade” (cf. I Tm 3, 15), o seu Fundador santíssimo confiou uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu³⁹⁹.

Toda ação da Igreja, seja ela missionária, maternal, sacramental, é ação divina, obra de Deus. Esse princípio perpassa todo o trajeto da iniciação à vida cristã. “A salvação, a justificação, a entrada na comunhão trinitária, não é auto-outorgada, visto que se recebe gratuitamente do único Senhor e Salvador”. O autor continua: “pelos sacramentos da iniciação cristã, a Igreja cresce e se edifica no

³⁹⁷ NENTWIG, R., Iniciação à comunidade cristã, p. 23.

³⁹⁸ CIPRIANO, S., De unitate, n. 181.

³⁹⁹ MM 1.

Espírito. A partir de tais princípios, percebe-se o significado do ministério ordenado nessa tarefa”⁴⁰⁰.

Por isso, o processo de iniciação à vida da fé cristã na comunidade eclesial não deve ser entendido como um evento, um curso, como etapas cumpridas, mas, sim, como um caminho que leva a pessoa a um constante ouvir o convite do Senhor, deixá-Lo agir, responder, aceitando um caminho de conversão transformadora e de comunhão na vida da Igreja. É um caminho que leva a pessoa sempre mais profundamente ao mergulho no Mistério, superando a ideia de catequese que se conclui, pois, compreender o processo desta maneira, é o mesmo que considerar a falência de todo o processo.

É uma constatação muito preocupante: a catequese de iniciação na realidade não “inicia” mas, paradoxalmente, “conclui”. É a falência do processo tradicional de iniciação cristã. Sabe-se que frequentemente o sacramento da confirmação (que alguns chamam “o sacramento do adeus”, é “o último dos sacramentos”) marca também para muitos jovens o fim da prática religiosa, e talvez também da fé cristã. Eis o paradoxo e a falência: o processo de “iniciação” cristã tornou-se na realidade processo de “conclusão” da vida cristã⁴⁰¹.

O objetivo fundamental de repensar e relançar a iniciação cristã no atual contexto é reconhecer Jesus como centro da vida e é fundamental para os cristãos hoje, assim como para os primeiros discípulos, pois

Eles o seguiram nos caminhos da Palavra e dos sinais do Reino. Recriados pela fé na vitória da ressurreição e animados pelo dom do Espírito, tornaram-se para sempre participantes da sua vida, membros do seu corpo, celebrantes do seu mistério, testemunhas do seu Reino. Atentos à grandeza da missão, passaram a fazer discípulos em todos os povos⁴⁰².

Por isso, o processo de iniciação à vida cristã deve possibilitar uma experiência de vida e de fé que favoreça a conversão e o seguimento a Jesus Cristo. A todos que são chamados e acolhidos para o processo de iniciação é fundamental que se garanta uma formação integral considerando “a dimensão celebrativo-litúrgica da fé, a conversão para atitudes e comportamentos cristãos e o ensino da

⁴⁰⁰ TENA, P.; BOROBIO, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 62.

⁴⁰¹ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 38.

⁴⁰² CNBB, Estudo 97, 69.

doutrina”⁴⁰³. Trata-se de uma caminhada catequética de inspiração catecumenal que leva ao aprofundamento do mistério cristão.

Embora o Diretório apresente a paróquia como lugar privilegiado da catequese (cf. DNC, 303), o mais importante é que a Igreja seja o espaço eclesial de testemunho e evangelização nas mais variadas situações, lugares e ambientes, a fim de que os que são iniciados não confundam Igreja com edifícios, lugar geográfico e estrutura pastoral⁴⁰⁴. Mas possa considerar a Igreja-comunidade de fé como casa, espaço de acolhida. Nesse sentido, a Igreja é a casa da iniciação à vida cristã, sendo assim, precisamos nos preocupar para que haja um entendimento e conhecimento de forma conjunta sobre processo de educação da fé como algo permanente, gradativo, sistemático e comunitário. A iniciação à vida cristã não pode ser uma catequese ocasional, em vista apenas dos sacramentos, mas implica em um itinerário de fé permanente. É preciso superar uma fé individualista, intimista e desencarnada, própria do nosso tempo.

Em vista disso, acreditamos que, mais do que em outros tempos, temos a urgência de repensar e relançar a iniciação à vida cristã que desperta, amadurece a fé inicial e educa a pessoa como verdadeira discípula de Cristo, para que “Cristo seja o centro da pessoa, através de um constante encontro, tenha espírito de oração, seja amante da Palavra, participante da Eucaristia, inserido na comunidade eclesial e social e tenha um coração missionário”⁴⁰⁵. A tarefa à qual nos comprometemos como Igreja é de compreender que a fé daqueles que se aproximam da comunidade eclesial, não pode ser mais suposta como firme e esclarecida. Por outro lado, o ambiente não é mais propício para uma fé imposta. É preciso que a comunidade eclesial apresente, para aqueles que se aproximam, a proposta de uma fé cada vez mais esclarecida, celebrada e vivenciada, a fim de gerar uma resposta livre e consciente. Essa resposta deve levar ao encontro vital com Jesus e sua Igreja.

Por isso, a iniciação à vida cristã, quando bem desenvolvida, torna-se uma verdadeira pedagogia de vida comunitária. Ela é o processo pelo qual é possível formar novos cristãos, mediante uma inserção global na vida de fé.

⁴⁰³ CNBB, Doc. 84, 45.

⁴⁰⁴ Cf. CNBB, Estudo 97, 155-156.

⁴⁰⁵ DAp 292.

Repensar a ação evangelizadora, a partir da iniciação à vida cristã, é se dedicar a um dos temas mais desafiadores da nossa da práxis catequética nestes novos tempos. O paradigma da iniciação à vida cristã nos traz respostas seguras aos questionamentos que fazemos, por exemplo: Como levar as pessoas a um contato vivo e pessoal com Jesus Cristo? Como fazê-los mergulhar nas riquezas do Evangelho? Como iniciá-los verdadeira e eficazmente na vida da comunidade cristã e fazê-los participar da vida divina, cuja expressão maior são os *sacramentos da iniciação*? Como realizar uma *iniciação* de tal modo que os fiéis perseverem na comunidade cristã? Como formar verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo?

Para respondê-las, devemos nos debruçar não tanto sobre a “preparação para receber os sacramentos”, mas sim sobre o processo e a dinâmica pelas quais as pessoas “tornam-se cristãs”, processo que vai além da catequese entendida como período de maior aprendizado e orientado para um sacramento. A partir do Concílio Vaticano II, mas, sobretudo no final e início do milênio, a Igreja tem se empenhando em restaurar o grande processo catecumenal, que gerou tão grandes resultados de evangelização nos primeiros séculos, como processo eficaz de *iniciação à vida cristã*.

Vivemos, hoje, em um contexto de vulnerabilidade no que diz respeito à ação evangelizadora. A conferência de Aparecida nos chamou a atenção para recomençar a partir de Jesus Cristo, (DAP 12;41). O grande desafio que a Igreja do Brasil vive é o do anúncio da mensagem da evangelização, onde é chamada a apresentar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo para estes novos tempos. Nesta necessidade de repensar, relançar, com audácia e criatividade surge a proposta do itinerário da iniciação à vida cristã como um novo paradigma para a ação evangelizadora, fruto de um caminho, mas fundamentado como documento número 107 na 55^a Assembleia Geral dos Bispos do Brasil.

O itinerário da iniciação à vida cristã é uma proposta unitária, processual e gradativa, que engloba a pessoa integralmente, introduzindo-a no mistério pascal de Cristo, inserindo-a na comunidade dos crentes, para que assim possa viver e testemunhar sua fé concretamente.

Perante a mudança de época não podemos mais pressupor que as pessoas, hoje, tenham um contato com a pessoa e mensagem de Jesus Cristo, por isso faz-se necessário o anúncio explícito de Jesus Cristo. A Igreja propõe-se a viver em

um estado permanente de missão, acreditamos que isto só pode acontecer “a partir de uma efetiva iniciação à vida cristã”⁴⁰⁶.

As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* afirmam que a iniciação à vida cristã não deve acontecer apenas uma vez na vida da pessoa, simplesmente na preparação dos sacramentos, pois ela não se esgota. Essa experiência deve ser feita pela primeira vez, mas depois refeita, fortalecida e ratificada quantas vezes forem necessárias no dia a dia, visto que se refere à adesão a Jesus Cristo⁴⁰⁷.

A iniciação à vida cristã se aplica àqueles que estão sendo iniciados na fé, sejam, adultos, adolescentes, jovens ou crianças. Entendemos claramente que precisamos dar mais atenção a esse novo paradigma da ação evangelizadora do hoje da nossa história, isto é, à catequese primeiramente, mas também aos ritos de iniciação cristã, a começar pelos adultos que precisam ser mais valorizados e melhor preparados para a vivência da fé em comunidade.

2.8. Conclusão

A catequese no Brasil é fruto de uma longa e complexa história permeada de sombras e luzes. Sem dúvida, vivemos, nesta época, muitos desafios pastorais, por isso, é preciso abrir novos caminhos e apresentar novas possibilidades frente ao cenário brasileiro. Vivemos um tempo de transição na ação evangelizadora na perspectiva catequética, não é o conteúdo que estamos questionando, mas sim como a mensagem está sendo anunciada, precisamos rever nossa pedagogia e metodologia e para isso é necessário investir em uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Aparecida insiste na necessidade urgente de *assumir o processo iniciático* na evangelização afirmando que se não “educamos na fé”, “não cumpriremos nossa missão”⁴⁰⁸.

Nesses tempos modernos vemos cada vez mais crescente o individualismo e o relativismo, por isso a "mudança de época" como nos aponta o *Documento de Aparecida*, é uma oportunidade para revermos nosso jeito de evangelizar. O *Projeto Nacional de Evangelização*, em sua introdução, fala em "aproveitar

⁴⁰⁶ CNBB, Doc. 102, 39.

⁴⁰⁷ CNBB, Doc. 102, 41.

⁴⁰⁸ DAp 287.

intensamente esta hora de graça". Devemos perceber estes sinais dos tempos como momentos de crescimento para a Igreja em sua ação evangelizadora: "O mesmo Espírito despertará em nós a criatividade para encontrar formas diversas para nos aproximarmos inclusive dos ambientes mais difíceis, desenvolvendo, no ministério, a capacidade de nos convertermos em pescadores de homens"⁴⁰⁹.

Nesse contexto os sinais dos tempos nos interpelam a repensar a evangelização no hoje da nossa história. Constatamos o surgimento de um novo paradigma para iniciar na fé, com novos pressupostos, renovadas metodologias, novos acentos, já temos clareza da identidade teológica da iniciação cristã. O *Documento de Aparecida* (DAp 294) nos alerta que se trata, pois, de retomar a grande prática da iniciação cristã como *processo* profundo de mergulho na vida cristã, processo que implica muitos agentes de pastoral; dentro desse processo a catequese não realiza apenas mudanças metodológicas, mas reveste-se de um verdadeiro novo paradigma.

Sabemos que desde os primeiros séculos da Igreja a catequese era voltada preferencialmente para os adultos de modo especial na instituição do Catecumenato. A Igreja continua no contexto da evangelização fazendo a opção pelos adultos; em 1971, no *Diretório para a Catequese da Santa Sé* acenava a prioridade pelos adultos e em 2001 na *Segunda Semana Brasileira de Catequese*⁴¹⁰ com o tema "com Adultos, Catequese Adulta" e o lema "rumo à Maturidade com Cristo", este momento constituiu uma parte muito especial de um longo processo de mobilização nacional pela prioridade da catequese com adultos.

Por isso precisamos ter a coragem da transformação e mudança em nossa ação catequética, investindo forças em uma catequese com adultos, tendo consciência de que tudo é um processo, um caminho que se percorre; o caminho percorrido do movimento catequético nos ensina que nenhuma mudança ocorreu tão rapidamente na ação evangelizadora, mas foi fazendo percursos e adaptações, "uma comunidade que *assume a iniciação cristã* renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, pessoas consagradas e agentes de pastoral"⁴¹¹.

⁴⁰⁹ CNBB, Doc. 88, p. 24.

⁴¹⁰ CNBB, Estudo 84.

⁴¹¹ DAp 291.

Cabe ainda investirmos nas comunidades eclesiais e darmos continuidade ao movimento catequético no Brasil em suas luzes e sombras a partir da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal com um novo jeito de evangelizar que seja envolvente, acolhedor e eficiente em sua mensagem.

Não é possível apresentar, hoje, qualquer solução de retoque. A realidade e o cenário religioso e cultural, como vimos, exigem ainda mais, exigem solução nova. É uma difícil, mas gratificante e prazerosa ação que nos custa aprender, porque necessita ser recriada. É tempo novo e, para isso, não resolvem os remendos. É necessário trocar os “odres”. Para tempos novos, odres novos (cf. Lc 5,37-38). A Pastoral da Iniciação à Vida Cristã constitui-se, hoje, em um pilar fundamental no processo da missão evangelizadora da Igreja, a fim de que a Palavra continue a ecoar, fazendo do povo de Deus um povo de discípulos missionários de Jesus Cristo.

Portanto, ao encerrarmos este primeiro capítulo percebemos que a iniciação à vida cristã no Brasil nos últimos decênios vem se articulando em formas peculiares que a distinguem também dos outros países latino-americanos, com um dinamismo operativo que nos é próprio. Os sinais dos tempos nos apontam que é preciso passar do modo tradicional de iniciar na fé para o surgimento de um novo paradigma de iniciação, muito mais experiencial e vivencial. E é isto que nos propomos a refletir no próximo capítulo: uma iniciação atenta a experiência de fé à luz da psicologia positiva com o construto da resiliência.

3. Aproximações entre Iniciação à Vida Cristã e a Resiliência

3.1. Psicologia Positiva: um novo paradigma na Psicologia moderna

A proposta da Psicologia Positiva é recente e encontra-se em processo de expansão, mas já é possível verificarmos que existem movimentos ocorrendo pelo Brasil e pelo mundo, o que aponta a ampliação e repercussão dessa proposta. Podemos identificar esse crescimento por meio das jornadas e congressos, como: o *I Congresso Brasileiro de Psicologia Positiva* em Porto Alegre, a *I Jornada Brasileira de Psicologia Positiva – Uma integração com o Coaching* no Rio de Janeiro, ambos em outubro de 2014; o *Congresso Mundial de Psicologia Positiva* em Orlando, em junho de 2015; o *II Congresso Brasileiro de Psicologia Positiva* em São Paulo, em 2016, e, o *III Congresso Brasileiro de Psicologia Positiva* em São Paulo, em 2018, agregando profissionais nacionais e internacionais.

No entanto, quando nos propusemos a refletir esse tema da psicologia positiva nesta tese, percebemos que ainda é um tema desconhecido em algumas academias do Brasil. Algumas interrogações surgiram a partir das “múltiplas psicologias”, questiona-se se é mais uma linha teórica da Psicologia, assim como a Psicanálise, o Behaviorismo e tantas outras. A Psicologia Positiva, contudo, não é uma nova teoria psicológica e também não se trata de um modismo americano. Aliás, é importante que se diga que um dos méritos desse movimento da psicologia positiva é justamente o de reunir cientistas de alguns dos maiores centros de estudos em Psicologia da atualidade, como os das Universidades de Harvard, Yale, Pennsylvania e Michigan, além de renomados pesquisadores de áreas afins. Todos reunidos em torno do esforço de compreender cientificamente os caminhos que levam o ser humano à tão almejada felicidade.

Precisar uma data ou um momento para o surgimento do movimento pela psicologia positiva é uma questão que gera controvérsia e discussão polêmica. No ano 2000, Seligman e Csikszentmihalyi publicaram, na *American Psychologist*, um artigo intitulado “Positive Psychology: an introduction”. Nesse artigo, os auto-

res afirmaram que, desde a Segunda Guerra Mundial, o foco da psicologia tem sido curar e reparar os danos. Antes da Segunda Guerra Mundial, a psicologia tinha três missões distintas: curar doenças mentais, tornar a vida das pessoas mais produtiva e identificar e apoiar jovens excepcionalmente talentosos. Após essa grande guerra, dois eventos de cunho econômico mudaram a face da psicologia: a possibilidade de tratar os veteranos de guerra com problemas psicológicos e a criação do Instituto Nacional de Doenças Mentais, nos Estados Unidos, que com o passar do tempo passou a dar relevância à pesquisas orientadas para a causa e a cura de desordens mentais.

Com olhar quase exclusivamente curativo, fez com que se percebesse pouco os aspectos positivos que também são parte do sujeito e das comunidades. Assim, tais aspectos foram negligenciados por um longo período, tornando a visão da psicologia incompleta. Com base nisso, esses autores propuseram que o objetivo da psicologia positiva é promover um ajuste no foco da psicologia para que aspectos saudáveis também recebam atenção.

Nos estudos da Psicologia, durante um longo tempo, tratou-se muito mais das patologias e dos traumas, do que das capacidades humanas e da dimensão positiva que a vida tem. A psicologia e a psiquiatria do século XX, por exemplo, concentraram-se nos defeitos das pessoas. A psicologia aplicada do passado estava mais relacionada à doença mental e à compreensão e auxílio destas pessoas que estavam vivenciando situações de adversidades⁴¹².

Um grupo de psicólogos e pesquisadores norte-americanos há uns vinte anos atrás, iniciou um movimento em prol do “estudo científico do que faz a vida ser digna de ser vivida”⁴¹³. Esse movimento ganhou o nome de psicologia positiva, que pode ser entendido como um termo guarda-chuva para o estudo das emoções, das características individuais e das instituições positivas, centrado na prevenção e na promoção da saúde mental⁴¹⁴.

O movimento pela Psicologia Positiva, mais especificamente, teve início em 1998, quando o psicólogo Martin Seligman⁴¹⁵ assumiu a presidência da *American*

⁴¹² SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 17.

⁴¹³ Cf. PETERSON, C., A primer in positive psychology, p. 23.

⁴¹⁴ Cf. SELIGMAN et al, Positive psychology progress, *American Psychologist*, p. 410-421.

⁴¹⁵ Martin Seligman é psicólogo estadunidense. Professor da Universidade da Pensilvânia, ex-Presidente da Associação Americana de Psicologia. Autor de contribuição significativa na área de Psicologia positiva. Desenvolveu, com Christopher Peterson, a contraparte 'positiva' do Manual de Diagnóstico e Estatística das Desordens Mentais (DSM). Em lugar de focar no

Psychological Association (APA). A ciência psicológica, segundo ele, vinha negligenciando o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana. Nas últimas décadas, porém, alguns pesquisadores começaram a observar indivíduos e grupos que, sendo expostos a situações traumáticas pessoais, familiares e sociais, conseguiam desenvolver-se bem e continuar crescendo, apesar desses acontecimentos adversos.

Com o abandono por tanto tempo daquilo que é saudável e que se refere aos potenciais, talentos e habilidades humanas, evidencia-se, sempre mais, a necessidade de gerar estudos que venham a contribuir para uma maior reflexão sobre a proposta da Psicologia Positiva. “A psicologia positiva preconiza que tratar não é apenas arranjar o que está danificado; é também cuidar de algo ou alguém e fomentar o que temos de melhor”⁴¹⁶. Por isso, a proposta da psicologia positiva é propor reflexões e problematizações daquilo que por tanto tempo foi esquecido pelas linhas teóricas vigentes.

O novo foco em estudos sobre as forças e as potencialidades humanas significa uma mudança em interesses concentrados apenas em emoções negativas, tão frequente em pesquisas empíricas até o presente momento, e o surgimento de um novo grupo de pesquisas interessadas em emoções positivas, até então realizadas de maneira muito escassa⁴¹⁷.

Alguns autores questionam esse surgimento repentino de uma nova área e afirmam que suas origens estão muito antes do século XX. Rich⁴¹⁸ ao defender que Rogers e Maslow já trabalhavam com tópicos bastante próximos aos discutidos pela psicologia positiva, afirmou que ela tem suas raízes na psicologia humanista. Assim, a psicologia positiva não seria um novo movimento, mas o florescimento de algo já iniciado muitos anos antes. Apesar de existirem muitas conexões entre a psicologia humanista e a psicologia positiva, estas são, segundo Rich, aparentemente negligenciadas, havendo poucas referências humanistas nos artigos de psicologia positiva.

que deu errado, olha para o que deu certo, pontos fortes e virtudes do caráter. Pesquisando entre várias culturas através dos milênios, extraíram uma lista de virtudes que têm sido altamente valorizadas desde a China e Índia antigas, em Grécia e Roma, e até as culturas ocidentais modernas.

⁴¹⁶ SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, *American Psychologist*, p. 2.

⁴¹⁷ PASSARELI, P.; SILVA, J., Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo, *Estudos de Psicologia*, p. 513.

⁴¹⁸ RICH, G. J., Positive psychology, *Journal of Humanistic Psychology*, p. 8-12.

Tendo por base o conceito de resiliência, a psicologia positiva pretende explicar como, em situações de adversidades do dia a dia, as pessoas usufruem do melhor da sua vida e de si mesmas, contudo, sabemos que esses interesses não são novos. Em 1902, William James escrevia sobre a “determinação da mente em ser saudável”; em 1958, Allport manifestava interesse pelas características positivas que compunham o repertório humano; Maslow (1954) focou o estudo da pessoa saudável e, mais recentemente, refere-se como exemplo a investigação que Cowan (2000) tem desenvolvido na área da resiliência em crianças e adolescentes. Em termos de intervenção, a psicologia positiva defende que tratar, além de arrumar o que está “danificado” envolve o “cuidar de algo ou alguém” potencializando “o que temos de melhor”⁴¹⁹. Dessa forma, amplificam-se forças, em vez de se corrigirem fraquezas, o que tem sido um dos principais objetivos da psicologia positiva.

Na década de 1950, a Psicologia tratou de todo o espectro do comportamento humano, assim o fez por meio de seu conhecimento acadêmico e de sua prática. Em 1955, Erich Fromm explorou a “sociedade sã”, definindo a saúde mental como “a capacidade de amar e criar”. No mesmo período, a psicóloga social Marie Jahoda (1958) caracterizou a saúde mental como sendo a condição positiva movida pelos recursos psicológicos e desejos que a pessoa tem de crescimento pessoal.⁴²⁰

O conceito de psicologia positiva, não surgiu no fim do século XX. Maslow (1954), em obra da década de 1950 trazia para a reflexão o protótipo de uma psicologia positiva, definido como “uma aproximação à Psicologia”, que se diferenciava, sobretudo quanto à visão de ser humano, de outras forças presentes nesta ciência naquele momento, como a visão da Psicanálise e do Behaviorismo. Maslow, na realidade, abordava sobre “o que é o normal”⁴²¹. O interessante é que o delineamento de sua resposta aponta para questões distantes das respostas mais aceitas em psicologia, como as estatísticas ou biológicas. Maslow vai pontuar a normalidade em termos de valores, afirmando que é importante para a Psicologia voltar-se para essa realidade.

⁴¹⁹ SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, *American Psychologist*, p. 5-14.

⁴²⁰ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., *Psicologia positiva*, p. 293.

⁴²¹ MASLOW, A., *Motivation and Personality*, p. 171.

É necessário um verdadeiro esforço por construir uma psicologia dos valores que possa servir, em última instância, como guia prático para as pessoas e, também, como marco teórico de referência para professores de filosofia e outros especialistas⁴²².

O movimento da Psicologia Positiva tem seu nascimento delimitado no fim do século XX, com o impulso do ex-presidente da APA, Martin Seligman, que não nega a existência de um caminho percorrido sobre as influências históricas para esse movimento e seu desenvolvimento. Com isso, para melhor delimitar a Psicologia Positiva e não confundi-la como uma realidade já existente na Psicologia anteriormente, foi utilizado o nome movimento como forma de diferenciação.

O movimento da psicologia positiva define que boas ações produzem bem-estar em indivíduos positivos e prósperas comunidades.

A Psicologia deveria ser capaz de ajudar a documentar que tipo de famílias apoiam o desenvolvimento das suas crianças, que tipo de condições de trabalho produzem maior satisfação nos seus funcionários, que políticas resultam num maior envolvimento cívico dos seus cidadãos, e como as vidas das pessoas podem ser melhor vividas. Contudo, os psicólogos ainda produziram escasso conhecimento sobre o que faz merecer a vida ser vivida⁴²³.

Por isso, pensar uma ciência que focalize nas potencialidades e qualidades humanas exige reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica tanto quanto o estudo das patologias. Na esteira dessas iniciativas, alguns fenômenos indicativos de “vida saudável” têm sido referidos como sistemas de adaptação ao longo do desenvolvimento, dentre os quais se destaca a resiliência⁴²⁴.

O principal interesse na psicologia positiva, nesta perspectiva, é ter um entendimento científico sobre as forças e vivências humanas com foco na felicidade e nas possíveis intervenções no sentido de aliviar as dores e incrementar o bem-estar subjetivo⁴²⁵. O caráter científico enfatizado por esse movimento sinaliza que a psicologia positiva não deve ser confundida com simples autoajuda, um fenômeno que está em alta nestes tempos.

A psicologia positiva, que é, uma ciência reorientada que enfatiza o entendimento e a construção das mais positivas qualidades de um indivíduo: otimismo, coragem,

⁴²² MASLOW, A., *Motivation and Personality*, p. 172.

⁴²³ SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., *Positive psychology*, *American Psychologist*, p. 5.

⁴²⁴ Cf. MASTEN, A. S., *Ordinary magic*, *American Psychologist*, p. 227-238.

⁴²⁵ Cf. SELIGMAN et al, *Positive psychology progress*, *American Psychologist*, p. 410-421.

trabalho ético, mente-aberta, habilidades interpessoais, a capacidade para o prazer e insight e a responsabilidade social⁴²⁶.

A psicologia positiva não é uma retomada do pensamento positivo, nem do positivismo, tampouco a sucessão de *O Segredo*⁴²⁷. É, entretanto, um convite para a ciência psicológica ocupar-se mais com as forças humanas do que com as fraquezas, limites e patologias; quer ajudar a construir vidas melhores, não apenas reparar o que está ruim, enfim, centrar-se no que faz a vida valer a pena, com isso a psicologia positiva deve ser entendida como “uma ciência da experiência positiva subjetiva, dos traços individuais positivos e das instituições positivas promete aumentar a qualidade de vida e prevenir as patologias que surgem quando a vida é improdutiva e sem sentido”⁴²⁸.

Nesse sentido, é importante salientar que a psicologia positiva não ignora o sofrimento humano e os problemas que as pessoas experienciam, tampouco desvaloriza ou afirma que o estudo das patologias mentais e comportamentais deva ser descartado ou substituído. O objetivo desse movimento é complementar e ampliar o foco da psicologia, que tem sido, desde seu surgimento como ciência, predominantemente de estudo patológico.

A Psicologia Positiva reconhece a existência de sofrimento humano, situações de risco e patologias; no entanto, não está restrita apenas a reparar o que há de errado ou ruim, mas (re)construir as qualidades positivas da pessoa⁴²⁹. A Ciência e a prática da psicologia positiva estão direcionadas para a identificação e a compreensão das qualidades e virtudes humanas, bem como para o auxílio no sentido de que as pessoas tenham vidas mais felizes e produtivas⁴³⁰.

Ao direcionar os estudos científicos para as características humanas positivas, como forças e virtudes, a ciência psicológica estará aprendendo como

⁴²⁶ Positive psychology, “that is, a reoriented science that emphasizes the understanding and building of the most positive qualities of an individual: optimism, courage, work ethic, future-mindedness, interpersonal skill, the capacity for pleasure and insight, and social responsibility”. FOWLER, R. D., SELIGMAN, M. P.; KOOCHER, G. P., The APA 1998 Annual Report, American Psychologist, p. 546.

⁴²⁷ Documentário áustralo-estadunidense de 2006 produzido a partir de depoimentos de escritores, pesquisadores e filósofos que defendem a existência de um segredo milenar, conhecido por alguns dos líderes da humanidade e nunca antes revelado, e que pode ser a chave para o sucesso: A Lei da Atração.

⁴²⁸ A science of positive subjective experience, positive individual traits, and positive institutions promises to improve quality of life and prevent the pathologies that arise when life is barren and meaningless” (SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, American Psychologist, p. 5).

⁴²⁹ PORTELLA, M., Quebra de Paradigma, Psique Ciência & Vida, p. 56.

⁴³⁰ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 19.

prevenir doenças mentais e físicas, e os psicólogos poderão desenvolver métodos para ajudar pessoas e comunidades a enfrentarem as vicissitudes da vida, mantendo os níveis de felicidade e bem-estar⁴³¹.

É importante ressaltar que a psicologia positiva, como movimento, não está criando uma nova área do saber psicológico, mas propondo um exercício teórico e, especialmente, metodológico no sentido de orientar a visão que se lança aos fenômenos investigados pela psicologia para os aspectos positivos e saudáveis do desenvolvimento, visando priorizar a prevenção ao tratamento⁴³².

De acordo com Seligman e Csikszentmihalyi⁴³³, a psicologia positiva possui três áreas de investigação científica situadas nos níveis subjetivo, individual e grupal. No nível subjetivo, o interesse concentra-se nos estudos das experiências subjetivas de valor, como bem-estar subjetivo e satisfação de vida (no passado), otimismo e esperança (no futuro), felicidade e *flow*⁴³⁴ (no presente). No nível individual, busca-se compreender os traços positivos ligados às características e ao funcionamento de cada pessoa, como capacidade para o amor, talentos, habilidades interpessoais, generosidade, perdão e sabedoria. No nível grupal, são analisadas as virtudes cívicas e as instituições que contribuem para que os indivíduos se tornem cidadãos melhores, com foco em responsabilidade, altruísmo, tolerância e ética no trabalho.

A psicologia positiva apresenta a resiliência como construto inserida em seu campo de estudo e pesquisa, a partir do ser humano exposto a situações adversas, ressaltando e buscando compreender os aspectos saudáveis ou potencialmente saudáveis das pessoas, em oposição à Psicologia Tradicional que coloca sua ênfase nos aspectos psicopatológicos.

Neste sentido, a Psicologia Positiva pode ser entendida a partir de uma perspectiva ampla, como o estudo do funcionamento psíquico ótimo tanto de pessoas, como de

⁴³¹ Cf. SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Psicologia Positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p. 440-448.

⁴³² Cf. SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Psicologia Positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, p. 440-448.

⁴³³ Cf. SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, *American Psychologist*, p. 5-14.

⁴³⁴ O estado Flow, ou de Fluxo, é um estado emocional positivo desenvolvido por Mihály Csikszentmihályi, um dos psicólogos mais prestigiados no estudo da psicologia positiva. Ao experimentar esse estado, a pessoa se encontra totalmente absorta em uma atividade de seu próprio prazer, na qual o tempo voa, e as ações, pensamentos e movimentos acontecem um atrás do outro, sem sequer parar para planejá-los.

grupos ou instituições, o que vem a corrigir o desequilíbrio entre investigação psicológica e prática centrada exclusivamente em variáveis psicopatológicas⁴³⁵.

Na atual sociedade é comum escutar falar de crise de sentido. Sem dúvida, um dos temas mais abordados e discutidos, principalmente no início deste século, é a pessoa em busca de sentido da própria vida. Onde poderia encontrá-lo? No pleno alvorecer do século XXI, as inovações tecnológicas continuam em um processo de constante atualização; a economia em um processo ainda lento, mas crescente, maior em alguns países, menor em outros. Enfim, vive-se em uma sociedade em contínua transformação. Não são os objetivos que faltam, mas sim, um sentido para esses objetivos e para a própria vida.

A vida humana é um mistério, tanto do ponto de vista teológico quanto dos pontos de vista existencial, antropológico, psicológico. No entanto, é preciso olhar para a totalidade do ser humano, para o humano integral em suas dimensões biológicas, psicológicas, social e espiritual.

Após a Segunda Guerra Mundial, as consequências das perturbações e distúrbios mentais conduziram os estudos da Psicologia, inequivocamente, em direção à recuperação e remediação de défices e patologias. Na sequência disso, desenvolveu-se uma concepção e abordagem do ser humano baseada e influenciada pela doença mental e pelas disfuncionalidades dos sistemas e organizações⁴³⁶. Foi-se inadvertidamente construindo um enviesamento em relação ao défice, ao negativo e ao menos bem-sucedido da experiência humana, em um horizonte que sublinhou a fragilidade e as limitações de pessoas e organizações⁴³⁷.

Historicamente, a Psicologia preocupou-se em investigar patologias, negligenciando os aspectos saudáveis dos seres humanos. Mas, a partir de 1998, assumindo a presidência da APA, Martin Seligman iniciou o movimento denominado Psicologia Positiva que visa a oferecer uma nova abordagem às potencialidades e virtudes humanas, estudando as condições e processos que contribuem para a prosperidade dos indivíduos e comunidades⁴³⁸.

⁴³⁵ SOLANO, A., Fundamentos de Psicología Positiva, p. 19.

⁴³⁶ Cf. SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, American Psychologist, p. 5-14.

⁴³⁷ Cf. SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicología positiva, p. 34.

⁴³⁸ SOLANO, A., Fundamentos de Psicología Positiva, p. 18-19

Quando se trata do assunto da psicologia da saúde, logo nos vem à mente: O que é normal e anormal? Esse questionamento sempre está associado às psicopatologias.

Para evidenciar a realidade da produção científica em Psicologia, Seligman e Csikszentmihalyi publicaram uma edição especial da *American Psychologist* em janeiro do ano 2000, na qual enfatizaram que a psicologia não produzia conhecimento suficiente sobre os aspectos virtuosos e as forças pessoais que todos os seres humanos possuem. Nessa importante publicação, apontaram as lacunas presentes nas investigações psicológicas e destacaram a necessidade de pesquisas sobre os aspectos positivos como, por exemplo, esperança, criatividade, coragem, sabedoria, espiritualidade, felicidade, entre outros.

A negação aos estudos dos aspectos positivos e virtuosos dos seres humanos pela ciência psicológica, de acordo com Seligman, baseou-se historicamente no pensamento dominante na Psicologia direcionado apenas aos aspectos “anormais”. Embora já em 1902, Willian James escrevia sobre a “determinação da mente de ser saudável”, em 1958 Allport manifestava interesse pelos aspectos positivos da constituição do ser humano, bem como os psicólogos humanistas como, Abraham Maslow (1954) e Carl Rogers (1959), comprometidos com uma nova visão e perspectiva sobre o comportamento humano. “Abraham Maslow foi quem realmente cunhou a expressão psicologia positiva quando a usou como título de um capítulo de seu livro de 1954, ‘Motivação e personalidade’”⁴³⁹.

O movimento da Psicologia Positiva não implica em condenar toda a história percorrida pela Psicologia como negativa; ao contrário, seu objetivo não está em negar o que é ruim, o que vai mal, ou o que é desagradável na vida dos seres humanos, porque reconhece a existência do sofrimento humano, situações de risco e as patologias. Entretanto, pretende investigar a outra face dessas questões. Essa mudança de abordagem oferece novas possibilidades de resposta às antigas questões. A Psicologia Positiva busca uma visão equilibrada e mais completa da realidade do ser humano.

[...] é muito tentador concentrar-se apenas no bom (ou no mau) do mundo, mas isso não é boa ciência, e não podemos cometer este erro ao promover a Psicologia Positiva. Embora não concordemos com os preceitos dos modelos anteriores base-

⁴³⁹ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 24.

ados nas patologias, seria errado descrever seus defensores como maus estudiosos, maus cientistas, maus profissionais ou más pessoas⁴⁴⁰.

A Psicologia Positiva está, pois, em pleno processo de expansão dentro da ciência psicológica, a qual possibilita uma reavaliação das potencialidades e virtudes humanas por meio do estudo das condições e processos que contribuem para uma vida saudável. No entanto, o foco nos aspectos positivos sobre o ser humano ainda é escasso na literatura, o que é corroborado pela própria história da investigação científica em psicologia.

Com a Psicologia Positiva se abre um novo paradigma epistemológico no estudo do campo científico da psicologia moderna que aponta o funcionamento saudável e o processo de adaptação do ser humano interessando-se pelo aspecto positivo da vida humana, tais como: otimismo, esperança, felicidade, gratidão, perdão, resiliência; sem deixar de estudar as patologias, a psicologia positiva abre espaço para pensar as habilidades positivas do ser humano, redimensionando o enfoque para a qualidade de vida e bem-estar.

No início deste século, está claro que ficou para trás o positivo em vista do negativo. Vê-se tímidas tentativas de busca pelo positivo na vida, mas só recentemente o trabalho de Fromm foi redescoberto. Martin Seligman afirma que a prática da psicologia se encontra incompleta, pois a psicologia clínica ainda trabalha, essencialmente, no sentido de trazer indivíduos em um estado doente, negativo a um estado neutral normal.

“Peterson e Seligman afirmam que, atualmente, temos uma linguagem comum para falar sobre o lado negativo da Psicologia, mas não há uma terminologia equivalente para descrever as qualidades humanas”⁴⁴¹.

Para Seligman este é o momento da Psicologia Positiva, pois a sua principal preocupação é ampliar o campo de estudos, aprofundar sua epistemologia e modificar o foco, ou seja, a psicologia não pode estar restrita apenas à doença, aos danos, ou para reparar o que está errado ou ruim, mas sim em buscar potencializar e (re)construir qualidades positivas, pois o tratamento psicológico e as pesquisas em psicologia não devem pretender apenas consertar ou descobrir o que está “quebrado” ou não funciona, mas fomentar e nutrir o que existe de melhor nos indivíduos.

⁴⁴⁰ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 22.

⁴⁴¹ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. p.65.

O estudo dos fatores traumáticos, adquiriu relevância e significação considerando a abordagem tanto dos efeitos negativos, como das possibilidades terapêuticas. Os estudos de Freud e de autores posteriores conseguiram destacar a relevância do tema, significando um grande avanço científico.

Olhando somente a partir deste ponto de vista, poderia inferir-se que os episódios pessoais e sociais traumáticos ocasionam, quase necessariamente, consequências negativas no desenvolvimento normal, pessoal e coletivo. No entanto, esqueceram-se dos esforços das pessoas para vencer as adversidades e situações traumáticas que acompanham a sua história de vida. A Psicologia vem abordando essas questões dentro deste novo movimento científico intitulado Psicologia Positiva, que, nesta nova proposta científica, quer melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e prevenir as patologias.

O movimento da Psicologia Positiva tem produzido importantes aplicações e avanços científicos. Segundo Snyder e Lopez⁴⁴², um dos passos mais importantes nessa promoção foi a independência do modelo tradicional patológico. Certamente, essa afirmação demonstra uma preocupação de renomados cientistas com o outro lado – o lado bom dos seres humanos, embora o “lado escuro” ainda atraia atenção de muitos.

Nesse sentido, postular uma ciência que focalize potencialidades e qualidades humanas exige esforço, reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica maiores do que os estudos de distúrbios e desordens humanas⁴⁴³.

Na abordagem da Psicologia Positiva aparece algumas vezes o construto “situações traumáticas” a partir de situações de vulnerabilidade. A questão do trauma e suas implicações certamente são um dos pontos centrais na teoria psicanalítica. Entretanto, diante da realidade atual, das situações diárias com as quais se defronta com violência, negligência, dentre tantas outras possibilidades de a dor mostrar sua face, trazer o tema do trauma para discussão passa a ser absolutamente necessário.

Para tanto, adotamos aqui a definição de Cyrulnik⁴⁴⁴ com o seu lema conhecido na França: "Uma pessoa nunca deve ser reduzida para o seu trauma". É um

⁴⁴² SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva.

⁴⁴³ DELL'AGLIO, D; KOLLER, S. H; YUNES, A., Resiliência e psicologia positiva, p. 13.

⁴⁴⁴ Boris Cyrulnik passou parte de sua infância nos campos de concentração na Alemanha no período de guerra. Foi o único sobrevivente depois de perder os pais, irmãos e amigos. Após a guerra, vagou por abrigos e acabou indo morar em uma fazenda de beneficências, e foi analfabe-

autor que trata da questão com a delicadeza necessária, sem perder o comprometimento com a complexidade que se exige quando se aborda pontos delicados como esse, do trauma e suas implicações.

Quando se fala que algo traumatizou alguém, busca-se um lugar para isso dentro da própria pessoa. Busca-se um sentido para algo que circula como um fantasma sem nome, sem casa, sem destino – mas que perturba, que inquieta a pessoa, que assombra. É sobre isso e nesse tom que Cyrulnik traz a noção de trauma e as possibilidades que cada sujeito encontra de lidar com ele. Cyrulnik nos diz que:

Toda fala pretende iluminar um pedaço do real. Mas, ao fazer isso, transforma o acontecimento porque objetiva tornar claro algo que, sem a palavra, continuaria na ordem do confuso ou da percepção sem representação. Contar o que aconteceu significa interpretar o acontecimento, atribuir um significado a um mundão que foi perturbado, a uma desordem que compreendemos mal e à qual já não podemos reagir. É necessário falar para tornar a pôr as coisas em ordem, mas falando interpretamos o acontecimento, o que pode lhe atribuir mil direções diferentes⁴⁴⁵.

Como dissemos, Martin Seligman afirma que a ciência psicológica vinha negligenciando o estudo dos aspectos virtuosos da natureza humana e, nas últimas décadas, com a observação de alguns pesquisadores percebeu-se que indivíduos e grupos que conseguiram superar momentos adversos tornaram-se indivíduos ou grupos resilientes.

A Psicologia Positiva olha para o ser humano, não a partir das suas deficiências, mas a partir do potencial que traz em si. Segundo Snyder e Lopez, um dia o bom tratamento da saúde mental irá demandar que se leve em consideração os recursos dos clientes e que se contextualize seus comportamentos ao emitir diagnósticos e aplicar planos de tratamento.

Ao levar em consideração que um dos objetivos principais da psicologia positiva é promover o potencial e o bem-estar humano, pode-se entender que ela pode ser

to até a adolescência, restando-lhe apenas a vida, a esperança e a resiliência. Felizmente, alguns vizinhos desse novo ciclo de vida lhe proporcionaram o princípio do amor, do sentido de vida e da literatura, o que lhe tornou capaz de educar-se e crescer superando seu passado. Apesar da adversidade, conseguiu estudar, ingressar na universidade. Coursou a faculdade de medicina, se formou médico neuropsiquiatra e psicanalista. Boris ainda está proporcionando muito conhecimento sobre resiliência e hoje é considerado o mais importante estudioso do tema. Uma das maiores contribuições do autor gira em torno do conceito de resiliência colocado em uma relação privilegiada com a psicologia. Para Cyrulnik, isso é empiricamente demonstrado, através de múltiplas experiências.

⁴⁴⁵ CYRULNIK, B., O murmúrio dos fantasmas, p. 47.

aplicada por meio de intervenções em diversos campos, como o clínico, o escolar e o organizacional. O papel da intervenção positiva é auxiliar o indivíduo a construir uma vida prazerosa, engajada e com sentido⁴⁴⁶.

A partir do campo de interesse de estudos da Psicologia Positiva, que tem oferecido espaço para a investigação empírica dos aspectos virtuosos com métodos científicos rigorosos, Seligman reconhece três pilares que compõem o campo da Psicologia Positiva: o estudo das experiências subjetivas; o estudo das características individuais; e o estudo dos grupos e instituições.

Para Csikszentmihalyi e Seligman, a Psicologia Positiva é uma ciência:

No nível subjetivo: das experiências positivas subjetivas, que inclui, no passado, o bem-estar, o contentamento e a satisfação, no futuro, a esperança e o otimismo, e, no presente, o engajamento (*flow*) e a felicidade;

No nível individual: dos traços individuais positivos, que inclui capacidade e vocação para amar, coragem, habilidade interpessoal, sensibilidade estética, perseverança, perdão, originalidade, mente aberta, espiritualidade, talentos elevados e sabedoria; e

No nível de grupo: das instituições positivas que inclui as virtudes cívicas e as instituições que levam as pessoas a uma melhor cidadania, como: responsabilidade, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e trabalho ético⁴⁴⁷.

A experiência subjetiva refere-se aos estudos sobre o bem-estar subjetivo, experiências ocorridas no passado (Diener, 2000), emoções positivas (Frederickson, 2002b); e, no presente, a atos como felicidade (Myers, 2000; Seligman; Csikszentmihalyi, 2000) e transcendência – *flow* (Nakamura; Csikszentmihalyi, 2002); assim como, no futuro, as relacionadas à esperança (Snyder; Sigmon, 2002) e ao otimismo (Carver; Scheier, 2002).

Em relação às características individuais, são focalizados os estudos relacionados às capacidades para o afeto (Hendrick; Hendrick, 2002), o perdão (McCullough; Witvliet, 2002), a espiritualidade (Pargament; Mahoney, 2002), o talento e a sabedoria (Baltes; Gluck; Kunzmann, 2002).

E, no nível relacionado ao funcionamento dos grupos, é incentivado o estudo sobre as virtudes cívicas e instituições que possibilitam mudanças dos indivíduos como melhores cidadãos, com o foco direcionado para a responsabili-

⁴⁴⁶ Cf. DUCKWORTH, A. L.; STEEN, T.A., SELIGMAN, M. E. P., Positive psychology in clinical practice, Annual Review of Clinical Psychology, p. 629-651.

⁴⁴⁷ SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M., Positive psychology, American Psychologist, p. 5.

dade, o altruísmo, a tolerância (Turner; Barling; Zacharatos, 2002) e a ética no trabalho (Handelsman; Knapp; Gottlieb, 2002).

A Psicologia Positiva visa investigar as qualidades das pessoas e ajudar a promover pensamentos e ações positivas. A ciência e a prática da Psicologia Positiva estão voltadas para a identificação e compreensão das qualidades e virtudes dos seres humanos, bem como para auxiliar no que se refere à construção de vidas mais felizes e produtivas.

Segundo Solano Perugini, no *First World Congress on Positive Psychology*, em 2009, Seligman propôs em sua apresentação, o quarto pilar da Psicologia Positiva: relacionamentos positivos, tendo a sua origem nas pesquisas sobre o bem-estar psicológico das pessoas extremamente sociáveis como as mais felizes. Contudo esse pilar ainda tem poucos estudos e não está tão sistematizado como os pilares preliminares⁴⁴⁸. Com os três pilares originais, a Psicologia Positiva é definida como “o estudo das condições e processos que contribuem para o florescimento e o funcionamento ótimo das pessoas, dos grupos e das instituições”⁴⁴⁹.

A experiência subjetiva positiva certamente é centro da Psicologia Positiva, a tal ponto que ela é denominada por alguns de seus críticos como “a ciência da felicidade”. Em 2004, em seu livro “Felicidade Autêntica”⁴⁵⁰, Seligman propõe que a experiência de felicidade humana é constituída por três elementos: emoções positivas, engajamento, marcadamente conhecida como experiências de fluxo ou *flow* e sentido na vida. Saber o quanto uma pessoa é feliz passaria por medir tais elementos na vida dessa pessoa.

De acordo com Froh⁴⁵¹ as emoções positivas são: experiências breves de bom sentimento no presente e uma chance maior de sentir-se bem no futuro. Elas parecem ser ingredientes essenciais na receita de viver uma boa vida. Compreender as emoções positivas é um objetivo central da psicologia positiva⁴⁵².

⁴⁴⁸ SOLANO, A., Fundamentos de Psicología Positiva, p. 18-19.

⁴⁴⁹ GABLE, S. L.; HAIDT, J., What (and why) is positive psychology, *Review of General Psychology*, p. 104.

⁴⁵⁰ Martin Seligman apresenta um dos mais notáveis e reveladores estudos científicos feitos até hoje, baseado na ideia revolucionária da Psicologia Positiva. Seligman apresenta passo a passo suas descobertas sobre felicidade e longevidade e de que maneira podemos dar nossa parcela de contribuição para um mundo melhor e alcançar níveis sustentáveis de alegria, gratificação e significado autênticos em nossas vidas.

⁴⁵¹ FROH, J., Positive emotions.

⁴⁵² FROH, J., Positive Emotions, p. 711.

A psicologia positiva preza em seu construto a noção de bem-estar subjetivo que aparece em diversos termos aplicados em pesquisa, tais como felicidade, satisfação, afeto positivo e estado de espírito. Pode-se dizer, de forma ampla, que seria como as pessoas avaliam suas vidas⁴⁵³. Mais precisamente, esse construto diz respeito sobre como e por que as pessoas experienciam sua vida positivamente.

Esse construto, que só começou a ser tratado por cientistas sociais e do comportamento a partir da década de 1970, tem suas definições agrupadas em três categorias, de acordo com Diener⁴⁵⁴. A primeira é baseada em critérios externos, tais como santidade ou virtude, sendo chamada de definição normativa – porque define o que é desejável –, e a felicidade não é pensada como um estado subjetivo, mas antes como a posse de uma qualidade desejável.

A segunda categoria de definição de bem-estar, formulada por cientistas sociais, investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliar suas vidas em termos positivos. É chamada de satisfação de vida e utiliza os padrões dos respondentes para determinar o que é a vida feliz.

A terceira definição considera a preponderância do afeto positivo sobre o negativo, conforme propõe Bradburn⁴⁵⁵. Enfatiza a experiência emocional de satisfação ou prazer. Aponta o quanto a pessoa está experienciando emoções positivas ou negativas durante um período específico da vida, ou o quanto a pessoa está predisposta a essas emoções.

O bem-estar subjetivo é uma atitude e possui, pelo menos, dois componentes básicos: afeto e cognição⁴⁵⁶. O componente afetivo envolve os componentes emocionais, enquanto o cognitivo refere-se aos aspectos racionais e intelectuais. Essa distinção auxilia o entendimento e a medida do construto, além de permitir que se divida o componente afetivo em positivo e negativo. Assim, bem-estar subjetivo é a avaliação emocional e cognitiva que a própria pessoa faz sobre como sua vida está transcorrendo.

⁴⁵³ Cf. DIENER, E., Subjective well-being in cross-cultural perspective, p. 319-330.

⁴⁵⁴ Cf. DIENER, E., Subjective well-being, Psychological Bulletins, p. 542-575.

⁴⁵⁵ Cf. BRADBURN, N. M., The structure of psychological well-being.

⁴⁵⁶ Cf. OSTROM, T. M., The relationship between affective, behavioral and cognitive components of attitude, Journal of Experimental Psychology, p. 12-30.

Diener e Lucas⁴⁵⁷ indicam que as pessoas avaliam as condições de vida de forma diferente, de acordo com suas expectativas, valores e experiências anteriores. Outra característica intrínseca aos estudos sobre bem-estar subjetivo é que também focalizam os estados de longo prazo e não somente os humores momentâneos. O interesse está nos humores das pessoas ao longo do tempo, ainda que esses humores estejam sujeitos a alterações à medida que novos eventos aconteçam. Observam-se, assim, tanto as características individuais como as influências ambientais nas transformações do bem-estar subjetivo.

Percebemos então que a Psicologia Positiva, que se define como a ciência que estuda a experiência subjetiva positiva, as potencialidades e virtudes humanas e as instituições que promovem a qualidade de vida, consegue contribuir para a compreensão e desenvolvimento dos fatores que permitem a prosperidade dos indivíduos e comunidades.

Entre as principais contribuições da psicologia positiva, destacam-se a construção de instrumentos de avaliação, modelos de intervenção e aplicação no curso desenvolvimental⁴⁵⁸. Trata-se de uma proposta teórica que pretende criar métodos preventivos por meio do conhecimento dos fatores protetivos, aprimorar técnicas de avaliação psicológica para identificação das virtudes e dos aspectos positivos e ampliar o escopo de estudo das Ciências Sociais e Humanas. Assim, esforços não têm sido medidos para a criação e aperfeiçoamento de técnicas e instrumentos de medidas a fim de facilitar e promover o desenvolvimento dessa nova área da ciência. A principal missão, no momento, tem sido a operacionalização de instrumentos para a avaliação e classificação das virtudes e das forças pessoais.

Na atual conjuntura da psicologia clínica, se possui uma linguagem comum para falar sobre as doenças, porém, não existe, até então, algo equivalente à Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*) para abordar as qualidades humanas. A classificação das qualidades VIA *Classification of Strengths* (Peterson; Seligman, 2004) é uma das primeiras tentativas de desenvolver uma linguagem comum para abordar as forças (qualidades) humanas.

⁴⁵⁷ Cf. DIENER, E.; LUCAS, R. E., Subjective emotional well-being, p. 325-337.

⁴⁵⁸ Cf. SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica.

Peterson e Seligman⁴⁵⁹ desenvolveram um sistema de classificação para os aspectos positivos, enfatizando as forças e o caráter denominado *Values in Action (VIA) – Classification of Strength and Virtues Manual*. Os autores afirmaram que as forças poderiam ser amplamente classificadas a partir de suas características emocionais, cognitivas, relacionais e cívicas, através de seis grupos de virtudes: sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperamento e transcendência. Essa classificação tem sido considerada universal, uma vez que a avaliação envolveu diferentes culturas, contextos e tempos históricos.

O objetivo desse material é prover definições, medidas e intervenções para cada uma das forças de caráter, algumas já publicadas como o livro *Positive Psychology Assessment: A Handbook of Models and Measures*⁴⁶⁰. Pesquisadores e terapeutas podem utilizar esses instrumentos para desenvolverem intervenções e ajudarem as pessoas a acentuarem suas possibilidades de florescimento.

A classificação VIA tem como objetivo proporcionar uma linguagem comum para abordar as qualidades e estimular um diagnóstico e um tratamento baseados também nas qualidades. Peterson e Seligman identificaram 24 forças (qualidades) que foram organizadas sob seis virtudes gerais, sendo que existe um consenso de que essas estão presentes em diferentes culturas.

Para Seligman⁴⁶¹, as forças são traços morais e podem ser desenvolvidas, segundo o autor, por meio da prática, persistência, ensinamento e dedicação. As forças podem se enraizar e florescer. Logo, é possível construir e desenvolver as forças (qualidades).

Quando uma pessoa demonstra possuir uma determinada força (qualidade) ou virtude, isso não diminui os que convivem com ela. Ao contrário, a observação de uma ação virtuosa (força) eleva e inspira as pessoas à nossa volta e desperta nelas a vontade de fazer o mesmo. Além disso, a força (qualidade) comumente produz estados emocionais e emoções positivas em quem a exerce como, por exemplo, felicidade, orgulho, satisfação, alegria, bem-estar, harmonia, paz, calma, entre outros. Por esses motivos, forças e virtudes costumam se revelar em momentos em que todos saem ganhando.

⁴⁵⁹ Cf. SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica.

⁴⁶⁰ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 65-69

⁴⁶¹ SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica.

Apresentam-se abaixo as virtudes e qualidades pesquisadas por Peterson e Seligman, que ilustram as 24 forças humanas (qualidades) as quais se agrupam em seis dimensões que se denominam virtudes⁴⁶².

Para Seligman⁴⁶³, as fortalezas, agrupadas em virtudes, são as características positivas que abrem o ser humano para as sensações positivas e gratificantes.

a) Sabedoria e Conhecimento

São forças que envolvem a aquisição e utilização do conhecimento. Envolvem: 1) *Criatividade* (Originalidade) – Gostar de ser original e fazer invenções. Gostar de pensar em novas formas de conceituar as coisas. 2) *Curiosidade* – Ter interesse em novas experiências e descobertas. Ser um descobridor, estar sempre em busca do novo. 3) *Ter a mente aberta* – É ter uma visão imparcial e pensamento crítico a respeito das coisas. Para isto, é necessário examinar todos os ângulos e aceitar diferentes pontos de vista sobre os fatos analisados. 4) *Amor pela aprendizagem* – Característica de quem está sempre em busca de novas habilidades, conhecimentos e estudos, seja através do ensino formal ou de maneira pessoal. 5) *Perspectiva e Sabedoria* – Ser capaz de prover amplos conselhos e novas visões aos outros e, ter formas de ver o mundo que façam sentido para si e para os outros.

b) Coragem

Força emocional que permite atingir os objetivos em face de obstáculos e oposições internas e externas. Fazem parte desta virtude: 1) *Bravura* – Não temer desafios, ameaças, dificuldades ou dor. Agir com convicção mesmo que tenha de tomar uma atitude incomum ou impopular. 2) *Persistência ou Perseverança* – Persistir no curso de uma ação ou propósito independente dos obstáculos. 3) *Integridade* (Autenticidade, Honestidade) – Mostrar-se de forma genuína, assumindo a responsabilidade pelos próprios atos e sentimentos. 4) *Vitalidade* (Entusiasmo) – Viver com entusiasmo e alegria, sentindo-se vivo e ativo.

c) Humanidade

Engloba forças pessoais relativas aos relacionamentos humanos. 1) *Amor* – Valorização de relacionamentos próximos, especialmente os que envolvem o cuidar e o afeto recíprocos. 2) *Bondade* (Generosidade) – Realizar favores e boas

⁴⁶² GARASSINI, C. M. E.; TRUJILLO, C., La felicidad duradera, p. 54-58.

⁴⁶³ SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica, p. 155.

ações para as outras pessoas. 3) *Inteligência social* (Empatia) – Estar consciente dos motivos e sentimentos de outras pessoas e também aos próprios.

d) Justiça

São as forças e virtudes cívicas que garantem uma vida saudável em comunidade. 1) *Cidadania* (Responsabilidade Social / Lealdade / Trabalho em Equipe) – Trabalhar como membro de um grupo ou equipe, sendo fiel a ele. 2) *Equidade* (Igualdade) – Tratar todas as pessoas com igualdade e justiça, não deixando sentimentos pessoais influenciarem em suas decisões sobre os outros. 3) *Liderança* – Encorajar um grupo do qual se é membro a fazer coisas necessárias, ao mesmo tempo em que mantém boas relações com todos.

e) Temperança

Forças que nos protegem contra o excesso. 1) *Perdão* (Misericórdia) – Não carregar mágoas do que os outros nos fizeram, aceitando as limitações dos outros e as próprias. Dar uma segunda chance às pessoas. Não ser vingativo. 2) *Humildade* (Modéstia) – Deixar que nossas ações falem por nós mesmos, não acreditando e nem agindo como se fôssemos melhores que os outros. 3) *Prudência* – Ser cuidadoso com as escolhas que faz, não assumido riscos desnecessários e nem fazendo coisas das quais possa se arrepender. 4) *Autocontrole* (Autorregulação) – Ser disciplinado, ter o controle sobre o que sente e faz, sobre seus apetites e emoções.

f) Transcendência

São as virtudes pessoais que se conectam com a amplitude do universo, provêm do sentido na vida. 1) *Apreciação da beleza e valorização da excelência* *gratitude* – Apreciar as belezas da vida, assim como os talentos nos seus vários domínios. 2) *Gratidão* – Estar ciente das boas coisas que acontecem na vida. Ter o hábito de agradecer às pessoas e à própria vida. 3) *Esperança (Otimismo)* – Esperar o melhor, ter expectativas positivas do futuro e agir neste sentido. Acreditar que você influi no que está por vir e que só depende de você. 4) *Humor e diversão* – Gostar de fazer brincadeiras, de rir e se divertir. Fazer as pessoas rirem, perceber o lado engraçado das coisas. 5) *Espiritualidade* (Religiosidade, Fé, Propósito na Vida) – Ter pensamentos e crenças coerentes com um propósito de vida. Encontrar um sentido na vida e no universo.

Até o presente momento de pesquisa na Psicologia Positiva, há evidências que indicam que a presença das fortalezas (qualidades) protege o indivíduo de

enfermidades, bem como de emoções negativas. A identificação das fortalezas pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções que melhorem a qualidade de vida das pessoas e facilitem o processo de recuperação de uma enfermidade, favorecendo assim a adaptação do indivíduo ao seu ambiente de convívio⁴⁶⁴.

Tendo claros os valores acima citados, é possível trabalhá-los tanto em nível pessoal como dentro das organizações. À medida que as técnicas da Psicologia Positiva são postas em prática, espera-se que a pessoa modifique alguns pensamentos, atitudes, hábitos e, com isso, seja mais produtiva, equilibrada e feliz.

A psicologia positiva no Brasil é um movimento que está se tornando conhecido do público em geral, das academias, das organizações ainda de forma muito embrionária. No artigo *Psicologia Positiva no Brasil: uma revisão sistemática de literatura*, as autoras concluíram que a produção científica ainda é escassa e não parece demonstrar um crescimento expressivo. Embora, já existam alguns estudos com propostas empíricas de intervenções, os quais por sua vez encontram resultados efetivos; isso para elas demonstra que é uma área promissora no Brasil⁴⁶⁵.

O que apresentamos até agora deixa clara a contribuição da Psicologia Positiva no sentido de conferir um caráter científico a temas tradicionalmente negligenciados pela psicologia, a importância desse movimento não se restringe a isso. Na medida em que seu objetivo é o estudo de sentimentos, emoções, instituições e comportamentos positivos, que tem como foco principal a promoção da felicidade humana, a Psicologia Positiva se estabelece como um movimento interdisciplinar, capaz de reunir não apenas psicólogos de diferentes abordagens, mas pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como sociólogos, antropólogos, pedagogos, teólogos, entre outros. Tal integração torna-se possível na medida em que não buscamos unificar teorias de compreensão do fenômeno humano, nem tampouco discutir as diferentes abordagens, a fim de determinar qual delas seria a mais “verdadeira”. O que une os pesquisadores da Psicologia Positiva é um interesse comum em compreender aquilo que leva indivíduos e sociedades a florescer e a expressar toda a sua potencialidade.

De toda forma cabem maiores estudos sobre a abordagem a fim de ampliar e aprofundar os conhecimentos, frente a uma carência de trabalhos publicados no

⁴⁶⁴ GARASSINI, C. M. E.; TRUJILLO, C., La felicidad duradera, p. 69.

⁴⁶⁵ PUREZA et al., Psicologia Positiva no Brasil, Revista Brasileira de Terapias Cognitivas.

Brasil a respeito da psicologia positiva. Entende-se a importância de nos aproximarmos e estudarmos essa abordagem e sua proposta, pois este é um campo de estudo que merece bastante atenção, por proporcionar novas problematizações a partir de suas ferramentas. Assim, preenchendo possíveis lacunas que foram deixadas por abordagens vigentes por tantos anos, e que possuíam seu foco de trabalho centrado no tratamento e na cura de patologias⁴⁶⁶.

Portanto, com os estudos da psicologia positiva, a partir das experiências positivas subjetivas, dos traços positivos do ser humano e das instituições que permitem a experiência e a manifestação desses traços positivos, abrem-se novos rumos para a pesquisa e para estudos que antes eram negligenciados. A psicologia positiva tenta levar os estudiosos da área a adotarem uma postura mais apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades das pessoas, procurando transformar as antigas questões em novas oportunidades de compreender eventos psicológicos como: otimismo, altruísmo, esperança, alegria, espiritualidade, satisfação, e outros tão importantes para a investigação como: depressão, ansiedade, angústia e agressividade.

É interessante também percebermos a chamada de atenção para o estudo do conceito de resiliência enquanto capacidade profunda para a superação de crises em situações adversas, estando presente em indivíduos, comunidades e instituições. Esse tema veremos logo a seguir como um novo paradigma na reflexão acadêmica.

3.2.

A Inspiração Catecumenal e a Psicologia Positiva

Desejamos aprofundar o sentido da inspiração catecumenal em correlação com os construtos da psicologia positiva, pois ambas lidam com o dado da experiência. A inspiração catecumenal tem intenção iniciática a partir de processos de iniciação “no mistério da salvação e na prática dos costumes evangélicos” e introdução “na vida de fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus”⁴⁶⁷; a catequese dos não batizados e já batizados, por si só, tem o caráter iniciação e estreita rela-

⁴⁶⁶ Cf. PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H., *Psicologia Positiva*, Paideia, p. 09-20.

⁴⁶⁷ RICA 98.

ção com os sacramentos de iniciação⁴⁶⁸; têm caráter pascal; visa a inculturação⁴⁶⁹, abre a possibilidade de ser enriquecida com as tradições locais⁴⁷⁰.

O processo da iniciação à vida cristã a partir da inspiração catecumenal, nos remonta ao início da Igreja⁴⁷¹ e à época dos Santos Padres. É uma ação gradual e se desenvolve em quatro tempos, como é apresentado no *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, já explicitado no segundo capítulo da tese. A catequese em forma de iniciação começou nos primórdios da Igreja por necessidade de formar, preparar os novos simpatizantes à vida cristã, e, era uma catequese imersa na celebração litúrgica, não havia dicotomias.

A catequese nasceu, nos primeiros séculos da Igreja, dentro de um processo muito maior chamado Iniciação à Vida Cristã, conhecido também por Catecumenato; nele os que se convertiam ao Evangelho eram verdadeiramente iniciados, mergulhados na vida nova de Cristo Jesus. Nesse processo de iniciação, a catequese era o momento da instrução e aprendizado, da transmissão da doutrina cristã, do aprofundamento da fé a partir das Escrituras e ensino dos Apóstolos, sob a guia dos catequistas, pessoas especializadas, os chamados doutores. Mas essa catequese estava imersa em muitas outras práticas ou elementos ligados principalmente à oração, celebrações, liturgias, ritos, exercícios de vida cristã, acompanhamento pessoal etc. Era um processo verdadeiramente evangelizador e de iniciação cristã⁴⁷².

A história nos mostra que houve uma separação entre catequese e liturgia quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, quando, portanto, o tornar-se cristão não implicava mais uma mudança radical de vida, e não havia mais muitos prejuízos na vida profissional e social, até o perigo de ser condenado à morte por causa da fé. O número de catecúmenos aumentou, mas a seriedade da preparação aos sacramentos da iniciação diminuiu. O catecumenato foi reduzido à quaresma.

O importante papel da catequese, juntamente com a liturgia, de iniciar os cristãos nos mistérios da fé por meio de um sério e consistente catecumenato, ao longo da história foi absorvido pelas famílias cristãs e pela sociedade, assim chamada de cristã: foram os longos séculos do catecumenato social. Nesse contexto, a cateque-

⁴⁶⁸ DGC 51,60.

⁴⁶⁹ DGC 91.

⁴⁷⁰ RICA 48.

⁴⁷¹ Do ponto de vista histórico, o catecumenato é aquele período de formação cristã, de caráter catequético litúrgico, criado pela Igreja dos primeiros séculos com o fim de preparar e acompanhar os convertidos adultos ao encontro do mistério de Cristo e da vida da comunidade eclesial, expresso em seu momento culminante pelos Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo, ritos pós-batismais e Eucaristia (Cf. CELAM, Manual de Catequética, p. 108).

⁴⁷² LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 258

se permaneceu apenas com a função doutrinal, função que já possuía dentro do grande quadro da iniciação cristã⁴⁷³.

Na idade média o catecumenato desapareceu totalmente, sobretudo, devido ao fato de as famílias e a sociedade serem mais cristãs, ao menos pela pertença oficial à Igreja. À medida que as conversões de adultos diminuíram, aumentou o número de batismos de crianças. Para elas, todavia, o catecumenato antigo não tinha sentido. As crianças aprenderam a vida cristã em sua família e com a comunidade eclesial, nas quais cresciam. A catequese era ainda necessária para explicar a fé e os mandamentos e como preparação para os sacramentos da reconciliação e da comunhão eucarística, assim como do sacramento da crisma. Tudo isso, naturalmente, só em teoria e doutrinação, sem treinamento de viver e celebrar. Nessa evolução da catequese percebe-se, mais tarde, também a influência do iluminismo que, como se sabe, procurou instrumentalizar a liturgia como meio de educação e moralização.

No século XVIII a catequese se desligou da vida eclesial, pois passou a ser dada na escola. E, sobretudo em colégios católicos, mesmo a celebração da primeira eucarística, que é o centro e o coração da vida da Igreja, se realizava fora da comunidade eclesial local. Com este dado, houve um distanciamento da Igreja dos santos padres em relação à catequese e à liturgia.

É necessário retornar a essa inseparável ligação e interação que havia entre catequese e liturgia no catecumenato primitivo. Essas duas dimensões da pastoral eclesial, que durante séculos estiveram separadas, precisam voltar a se reunir no esforço conjunto de proporcionar uma séria e consistente iniciação cristã aos nossos destinatários ou interlocutores⁴⁷⁴.

O Concílio Vaticano II, reconhecido unanimemente como o maior acontecimento da história da Igreja do século passado⁴⁷⁵, desenvolveu-se por meio de uma novidade dialogal: o centro não mais seria a autoridade, mas sim o diálogo, a relação histórico-personalista. Com relação a essa abertura da Igreja, o papa João XXIII afirmou na mensagem inaugural desse Concílio Ecumênico:

No momento histórico em que vivemos, a sociedade parece entrar numa nova ordem. Devemos estar prontos para reconhecer os misteriosos desígnios da

⁴⁷³ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 202-203.

⁴⁷⁴ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 203.

⁴⁷⁵ Cf. SARANYANA, J., Cem anos de Teologia na América Latina 1899-2001, p. 56.

providência, que juntamente com todos os seres humanos, leva-nos a alcançar objetivos que ultrapassam nossas próprias expectativas se tudo dispõe para o bem da Igreja.[...] para que esta doutrina alcance os diversos aspectos da atividade humana, individual, familiar e social, a Igreja deve se manter fiel ao patrimônio da verdade recebida do passado e ao mesmo tempo, estar atenta ao presente e às novas formas de vida introduzidas pela modernidade, que abrem perspectivas inéditas ao apostolado católico⁴⁷⁶.

Nesse contexto conciliar, perpassado pelo caráter de renovação da Igreja, “aggiornamento”, os padres conciliares, preocupados com o modo como eram compreendidos os sacramentos da iniciação cristã, em sua ligação com a liturgia, declararam: “Restaure-se⁴⁷⁷ o catecumenato dos adultos, em diversos níveis, de acordo com a autoridade local. As etapas do catecumenato podem ser santificadas por diversos ritos, aptos a manifestar seu espírito”⁴⁷⁸.

Com o movimento de renovação da Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II, houve um grande despertar na Igreja para novas situações principalmente no tocante à liturgia, o lugar da bíblia e da catequese. A catequese e a liturgia se ligaram de novo mais intimamente entre si.

O Concílio lembrou que a formação catequética “ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa do mistério litúrgico”⁴⁷⁹. Na *Sacrosanctum Concilium* afirma-se o mesmo nexo entre catequese e liturgia: “Embora a liturgia seja principalmente culto da majestade divina, encerra também grande ensinamento ao povo fiel. Pois na liturgia Deus fala a seu povo. E o povo responde a Deus, ora com cânticos, ora com orações”⁴⁸⁰. “Seja também inculcado, por todos os modos, a catequese mais diretamente litúrgica; e nas próprias cerimônias sejam previstos, se necessário for, breves esclarecimentos a serem proferidos pelo sacerdote ou pelo ministro competente, em momentos mais oportunos”⁴⁸¹.

⁴⁷⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II., Discurso do papa João XXIII Gaudet Mater Ecclesia, p. 29-30.

⁴⁷⁷ Para uma visão detalhada sobre a reforma litúrgica, cf. PASQUALETTI, G. Reforma litúrgica. In: SARTORI, D. e TRIACCA A. M. (Orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. Destacam-se a participação ativa e consciente de todos os fiéis (SC 79), a adaptação da liturgia à mentalidade e tradição dos diversos povos (SC 37); o uso da língua vernácula (SC 36); a centralidade da Palavra de Deus na liturgia (SC 24).

⁴⁷⁸ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II., Discurso do papa João XXIII Gaudet Mater Ecclesia, n. 64, p. 159.

⁴⁷⁹ GE 4.

⁴⁸⁰ SC 33.

⁴⁸¹ SC 35.

A reforma litúrgica pós-conciliar aplicou de fato os princípios assim enunciados. A introdução da língua vernácula era um primeiro passo. Seguiam muitos outros. Importante foi, também para a relação entre catequese e liturgia, que nos novos livros litúrgicos cada celebração recebeu uma liturgia da Palavra. Isso não era novidade na Igreja. Observamos isso já nos inícios da liturgia cristã e, nas celebrações principais, como eucaristia e batismo. Se consideramos a proclamação da Palavra na primeira parte das celebrações litúrgicas como um resumo da catequese precedente, também nisso constata-se que a liturgia é duplamente o ponto culminante, para o qual tende a catequese.

O Concílio Vaticano II pediu a restauração do "catecumenato de adultos dividido em diversas etapas"⁴⁸². Sabemos que na proposta do catecumenato se revezam períodos de aprofundamento na doutrina e celebrações litúrgicas. O mesmo método foi adotado para a catequese também com crianças e com adolescentes, como nos mostra claramente o Diretório Nacional de Catequese.

Estamos suficientemente convencidos sobre a restauração do catecumenato, essa grande estrutura litúrgico-catequética voltada para uma verdadeira iniciação ao mistério de Cristo e à comunidade crente. Mais do que um caminho metodológico, a dinâmica catecumenal é um espírito que deve permear todas as ações da "nova evangelização". A Igreja nos pede, há cinquenta anos, desde o Vaticano II, o retorno a essa verdadeira instituição missionária que são os processos catecumenais⁴⁸³.

A missão de iniciar na fé os adultos e jovens, adolescentes e crianças nos primórdios da Igreja coube inicialmente à liturgia e à catequese. Pela liturgia se organizava os tempos e etapas de um caminho progressivo e mistagógico conduzindo à celebração dos sacramentos de iniciação. Por sua vez, a catequese cuidava mais da dimensão da conversão pessoal, da instrução e da aprendizagem da doutrina cristã e da moral.

Superando esse conceito restrito de catequese, com o *Diretório Geral para a Catequese*, o Diretório Nacional de Catequese assume a *dimensão catecumenal*, como inspirador de toda catequese. Mais do que a tradicional dimensão racional ou doutrinal da fé, a catequese torna-se *experiential, celebrativa, orante*. Dá importância aos *símbolos* e aos progressivos e graduais passos na fé, assumindo assim as características de um processo iniciático (iniciação aos mistérios da fé)⁴⁸⁴.

⁴⁸² SC 64.

⁴⁸³ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 243.

⁴⁸⁴ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 203.

A pessoa sendo um ser relacional de maneira geral obedece ao processo de adaptação no âmbito social, cultural e religioso. Esse processo possui um duplo movimento, a pessoa que é iniciada se adapta ao grupo referencial e sua cultura, e ao mesmo tempo o grupo que a recebe se enriquece com a contribuição que aquele iniciado pode dar.

Ainda hoje o catecumenato batismal deve ser fonte de inspiração para a catequese pós-batismal.

Dado que a missão *ad gentes* é o paradigma de toda a missão evangelizadora da Igreja, o Catecumenato batismal, que lhe é inerente, é o modelo inspirador da sua ação catequizadora. Por isso, é oportuno sublinhar os elementos do Catecumenato que devem inspirar a catequese atual e o significado metodológico dos mesmos. É preciso, todavia, colocar a premissa que entre os catequizandos e os catecúmenos, e entre catequese *pós-batismal* e *catequese pré-batismal*, que lhes é respectivamente administrada, existe uma diferença fundamental. Ela provém dos sacramentos de iniciação recebido pelos primeiros, os quais já foram introduzidos na Igreja e já foram feitos filhos de Deus por meio do Batismo. Portanto, o fundamento da sua conversão é o Batismo já recebido, cuja força devem desenvolver⁴⁸⁵.

A igreja do Brasil debruçou-se para elaborar um itinerário catequético⁴⁸⁶ com inspiração catecumenal, a fim de ajudar as igrejas particulares a ter uma resposta para as necessidades do momento atual quanto aos processos catequéticos com inspiração catecumenal. O itinerário⁴⁸⁷ da iniciação à vida cristã pela via catecumenal é uma proposta unitária, processual e gradativa, que engloba a pessoa integralmente, introduzindo-a no mistério pascal de Cristo, inserindo-a na comunidade dos crentes, para que assim possa viver e testemunhar sua fé concretamente. Afirma o *Documento de Aparecida*: “Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes

⁴⁸⁵ Cf. DGC 90.

⁴⁸⁶ Depois de uma considerável caminhada que implicou muito estudo, reuniões, debates e experiências, uma comissão nacional de animação Bíblico-Catequética da CNBB se dedicou a esse problema e chegou a um resultado bastante esquemático, mas suficientemente completo, intitulado Itinerário catequético. Não se trata de um itinerário, mas de quatro, para distintas idades: adultos não batizados, adultos batizados, jovens/adolescentes e crianças. Eles se baseiam nos quatro tempos estabelecidos pelo RICA, cada um com seus objetivos, eixos temáticos da catequese e celebrações: pré-catecumenato, catecumenato propriamente dito, iluminação-purificação e mistagogia. Quanto ao segundo tempo, catecumenato propriamente dito, onde realmente se situa a catequese como ensino, reflexão, estudo, sendo o tempo mais longo (um ano ou dois), é subdividido em fases, igualmente com seus objetivos e eixos temáticos. Cf. LIMA, A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 244.

⁴⁸⁷ CNBB. Itinerário catequético.

de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que não favoreçam a transmissão da fé”⁴⁸⁸.

A iniciação cristã forma um todo único, apresenta-se, no entanto, conforme a natureza humana que deve ser pensada a partir da integralidade. É um itinerário gradativo, com etapas, e momentos específicos, segundo o crescimento humano. A iniciação cristã introduz o catecúmeno ou catequizando progressivamente no Corpo Místico. Esta iniciação corresponde ao aspecto pessoal da Economia da Salvação. Tudo converge para a fé e para a vida da fé; pois são a base de todo o edifício da vida cristã. A catequese que está a serviço da iniciação à vida cristã, com a inspiração catecumenal, alimenta a fé e ajuda a vivê-la.

A inspiração catecumenal que propomos, é uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba. Porque Deus, sendo Amor, nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro. E “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus”⁴⁸⁹.

Para que possamos chamar de processo catecumenal é preciso que o itinerário seja envolvido com algumas práticas e características pertinentes que assim perfazem um caminho para os que estão sendo iniciados.

Tal processo será de inspiração catecumenal se reunir as seguintes características: Um processo de iniciação cristã integral, que contemple todas as dimensões da vida de fé e se converta em autêntico aprendizado de toda a vida cristã; um processo dinâmico, que exija duração e progressividade, marcado por etapas graduais que indicam os momentos e o ritmo de crescimento na fé; um processo marcado por ritos, signos e símbolos, que expresse os passos dados e os compromissos adquiridos no itinerário de fé; um processo comunitário que manifeste com clareza como o itinerário catecumenal parte da comunidade, leva à comunidade e implica toda a comunidade eclesial; um processo que comprometa as pessoas, exija uma profunda conversão e possa orientar a própria vida no horizonte dos valores evangélicos⁴⁹⁰.

Dois elementos essenciais dessa iniciação, como afirma Floristán, são: o caráter sacramental e catequético, o primeiro se concretiza nos três sacramentos da iniciação⁴⁹¹ sem os quais ninguém pode estar iniciado. O segundo consiste na

⁴⁸⁸ DAp 365.

⁴⁸⁹ EG 272.

⁴⁹⁰ CELAM, Manual de Catequética, p. 108-109.

⁴⁹¹ Batismo, Confirmação e Eucaristia.

educação gradual da fé cristã, compreendida, celebrada e testemunhada. A fé-conversão e a práxis-mistérica são dois pólos fundamentais do cristianismo que conduzem a uma configuração a Cristo dentro da comunidade cristã. O cristianismo consiste em uma fé e em uma prática, as quais se adere estando já iniciado.

Em seu sentido mais original, o rito de iniciação, considerado de modo geral nas religiões, significa a passagem de um estado profano ou não santificado para um contato mais ou menos permanente com o poder sagrado. Tem-se observado que na vida religiosa dos povos, dos mais primitivos aos modernos, a iniciação religiosa assume a forma de um processo gradativo, de uma espécie de marcha progressiva que tem no nascimento o seu ponto inicial, e na morte o seu termo⁴⁹².

No itinerário da iniciação à vida cristã com os ritos e celebrações, chamados de passagem marcam-se, então, essas etapas sucessivas da vida humana, através das quais ligam-se com o poder sagrado.

Percebemos que na teologia cristã, porém, este sagrado é transcendente e imanente, ao mesmo tempo. É essencialmente santificante. E as celebrações e os ritos de passagem do itinerário assinalam a aproximação do catecúmeno ou catequizando com o sagrado santificante, que são chamados sacramentos, ou sinais sensíveis que causam a graça. Tradicionalmente denominados sacramentos de iniciação, o batismo, a eucaristia e a confirmação operam na pessoa, cada um por sua vez, sua aproximação e união com Cristo e, conseqüentemente, a integração na vida eclesial, no Corpo Místico.

A introdução do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos aborda uma visão da íntima unidade dos sacramentos pascais na vida da Igreja:

O Batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoá-lhes os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em novas criaturas pela água e pelo Espírito Santo; por isso são chamados filhos de Deus e realmente o são. Assinalados na crisma pela doação do mesmo Espírito, são configurados ao Senhor e cheios do Espírito Santo, a fim de levarem o corpo de Cristo quanto antes à plenitude. Finalmente, participando do sacrifício eucarístico, comem da carne e bebem do sangue do Filho do Homem, e assim recebem a vida eterna e exprimem a unidade do povo de Deus; oferecendo-se com Cristo, tomam parte no sacrifício universal, no qual toda cidade redimida é oferecida a Deus pelo Sumo Sacerdote; e ainda suplicam que, pela abundante efusão do Espírito Santo, possa todo o gênero humano atingir a unidade da família de Deus. De tal modo se completam os três sacramentos da iniciação

⁴⁹² SECRETARIA NACIONAL DE LITURGIA, Pastoral da Iniciação, p. 89.

cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício da missão de povo cristão no mundo e na Igreja⁴⁹³.

À luz dessas reflexões, percebemos que o itinerário da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal nos faz entender que os sacramentos de iniciação constituem uma marcha gradativa e contínua, tendendo a formar um crescimento espiritual orgânico. Trata-se, pois, de um processo dinâmico e permanente. De etapas que fazem um todo. Isto quer dizer que isolados e sem referência de um com os outros, os sacramentos de iniciação perdem o seu sentido. Seria perder a essência de um caminho percorrido que os sacramentos de iniciação devem realizar na vida do crente se o considerássemos peças justapostas, elementos isolados e sem ligação entre si. Da mesma forma que o crescimento é um todo orgânico, a iniciação à vida cristã também é.

Vivemos neste contexto da mudança de época, onde as pessoas fazem suas escolhas religiosas, já não podemos mais falar de uma herança religiosa, mas sim de escolha pessoal. Já não é mais uma tradição herdada a partir do núcleo familiar, por isso, a dimensão catecumenal proposta pela Igreja em itinerários de iniciação responde a estas necessidades de acolhida àqueles que desejam fazer um caminho de aprofundamento da fé na vida eclesial.

Tal dimensão catecumenal e iniciática da catequese não é apenas para catecúmenos (adultos, jovens ou crianças que se preparam para o Batismo), mas também para catequizandos (adultos, jovens e crianças batizados que necessitam de uma iniciação ou reiniciação à fé ou mesmo necessitam completar a própria iniciação)⁴⁹⁴.

Acreditamos que a opção pela evangelização a partir da iniciação à vida cristã é uma realidade que não pode mais ser esperada, é para o hoje da história que devemos dar essas respostas. No ano de 2006, na publicação do *Diretório Nacional de Catequese*, a Igreja optou por motivar a importância da catequese inspirada no processo catecumenal. A inspiração catecumenal foi assumida pela catequese no Brasil⁴⁹⁵ como modelo de toda a catequese e, conseqüentemente,

⁴⁹³ RICA, observações preliminares gerais, n. 2, p. 9.

⁴⁹⁴ LIMA, A. L., A iniciação cristã ontem e hoje p.14

⁴⁹⁵ A Igreja no Brasil acolheu essas orientações especialmente nos documentos: *Catequese Renovada* (1983) e o *Diretório Nacional de Catequese* (2006). Outros textos, *Iniciação à vida cristã* (Estudo 97, 2009), *comunidade de comunidades, uma nova paróquia* (CNBB, Doc. 100, 2014) e o *Itinerário Catequético* (2014) também têm nos auxiliado a assumir a *inspiração catecumenal* como eixo condutor de toda ação evangelizadora, pastoral, litúrgica e missionária de nossas dioceses, paróquias e comunidades eclesiais. Cf. CNBB, Doc. 107, 49.

buscando intensificar o uso do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* como modelo para a prática da inspiração catecumenal.

A formação propriamente catecumenal, conforme a mais antiga tradição, realiza-se através da narração das experiências de Deus, particularmente da História da Salvação mediante a *catequese bíblica*. A preparação imediata ao Batismo é feita por meio da *catequese doutrinal*, que explica o *Símbolo Apostólico* e o *Pai-Nosso*, com suas implicações morais. Esse processo é acompanhado de ritos e escrutínios. A etapa que vem depois dos sacramentos de iniciação, mediante a *catequese mistagógica*, ajuda os neobatizados a impregnar-se dos sacramentos e a incorporar-se na comunidade⁴⁹⁶.

Os processos de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal envolvem toda a comunidade, bem com a família daqueles que estão fazendo o itinerário. O atual contexto de mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo seja explicitado continuamente e que os processos de iniciação, inspirados na tradição catecumenal, sejam assumidos de modo criativo e adequado, bem como tendo flexibilidade para atender às situações concretas de cada realidade local.

Diante do pluralismo de hoje e de uma sociedade descristianizada, a proposta da Igreja é retornar ao catecumenato, esse eficaz processo iniciático da Igreja primitiva. Então a catequese retornará ao seu verdadeiro lugar e não será uma atividade independente dentro da Igreja, como acontece hoje. Além do anúncio da Palavra de Deus e do ensino da doutrina conduzidos pelos catequistas, o processo de iniciação cristã envolve muitas outras forças da comunidade (introdutores, acompanhantes, padrinhos, apoio da família), sobretudo a liturgia, pois é nela que se faz a verdadeira experiência do mistério de Cristo Jesus⁴⁹⁷.

O processo de inspiração catecumenal apresenta algumas características que lhe são próprias. As referências fundamentais são: os sacramentos da Iniciação; a comunidade cristã assume papel primordial de acompanhamento (é o papel da maternidade espiritual, aquela que gera novos filhos para a vida cristã); todo o processo é cristocêntrico e impregnado pelo mistério da Páscoa de Cristo (tem caráter pascal e espiritualidade batismal); a iniciação à vida cristã pela via da inspiração catecumenal é lugar privilegiado de inculturação; vale ainda ressaltar o caráter da gradualidade dos processos, rompendo com uma catequese fragmentada, pois a intensidade e a integridade da formação com seu caráter gradual, com etapas definidas vinculadas com ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e

⁴⁹⁶ CNBB, Doc. 84, 47.

⁴⁹⁷ LIMA, A. L., *A catequese do vaticano II aos nossos dias*, p. 259.

litúrgicos fazem toda a diferença no itinerário que uma pessoa percorre de iniciação à vida cristã.

O Catecumenato batismal recorda constantemente a toda a Igreja, a importância fundamental da *função da iniciação*, com os basilares fatores que a constituem: a catequese e os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. A pastoral de iniciação cristã é vital para toda Igreja particular. O Catecumenato batismal é responsabilidade de *toda a comunidade cristã*. De fato, tal iniciação cristã não deve ser apenas obra dos catequistas e dos sacerdotes, mas de toda a comunidade de fiéis, e sobretudo dos padrinhos. A instituição catecumenal incrementa assim, na Igreja, a consciência da maternidade espiritual que ela exerce em toda forma de educação na fé. O Catecumenato batismal é todo impregnado pelo *mistério da Páscoa de Cristo*. Por isso, toda iniciação deve relevar claramente o seu caráter pascal. A Vigília pascal, centro da liturgia cristã, e a sua espiritualidade batismal, são inspiração para toda a catequese. O Catecumenato batismal é também, lugar privilegiado de *inculturação*. Seguindo o exemplo da Encarnação do Filho de Deus, feito homem num momento histórico concreto, a Igreja acolhe os catecúmenos integralmente, com os seus vínculos culturais. Toda a ação catequizadora participa desta função de incorporar na catolicidade da Igreja, as autênticas sementes da Palavra disseminadas nos indivíduos e nos povos. Finalmente, a concepção do Catecumenato batismal, como *processo formativo e verdadeira escola de fé*, oferece à catequese pós-batismal uma dinâmica e algumas notas qualificativas: a intensidade e a integridade da formação; o seu caráter gradual, com etapas definidas; a sua vinculação com ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos; a sua constante referência à comunidade cristã⁴⁹⁸.

Por isso, há uma necessidade de preparar e formar a partir da ritualidade e do simbolismo.

A expressão ritual trabalha com ações simbólicas e estas atingem o ser humano como um todo, em suas diversas dimensões: sensorial, afetiva, mental, espiritual, individual, comunitária e social. A ligação estreita que existe entre experiência, valores e celebração nos permite formular uma espécie de lei estrutural da comunicação religiosa: aquilo que não é celebrado não pode ser apreendido em sua profundidade e em seu significado para a vida. A catequese leva em conta essa expressão de fé pelo rito para desenvolver também uma verdadeira educação para a ritualidade e o simbolismo⁴⁹⁹.

Ao abordarmos a profundidade e expressão da força do rito, devemos ter claro que o rito, porém, por si só, não abrange a totalidade do mistério de Cristo. “O rito, um dos elementos centrais da liturgia, não é tudo. Dentro ou através de uma ação litúrgica se encontra o mistério e a vida, por detrás do que aparece se encontra o ser, no significante ou formas externas se manifestam o conteúdo e o

⁴⁹⁸ DGC 91.

⁴⁹⁹ CNBB, Doc. 84, 116.

sentido interno”⁵⁰⁰. É obra de Deus e do homem. O âmbito mais significativo do encontro e do diálogo entre Deus e o homem, na comunidade e através da comunidade. A *ação ritual* não constitui somente o exercício de um direito ou dever; é uma *experiência de comunhão*, não só uma experiência pública ou privada; *um tempo festivo que nos foi doado*, não apenas um tempo livre ou dedicado ao trabalho; *fonte e cume* e não só uma função e um meio⁵⁰¹.

A inspiração catecumenal é por excelência mergulho no mistério a partir da liturgia celebrada. Consideramos a dimensão litúrgica como algo importante no processo de iniciação à vida cristã, mas quando desejamos delimitar sua ação, bem como seu alcance não conseguimos defini-la como realmente deve ser. Vale, por conseguinte, a afirmação do Concílio:

Realmente, em tão grandiosa obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, Cristo sempre associa a si a Igreja, sua Esposa diletíssima, que invoca seu Senhor e por Ele presta culto ao eterno Pai. Com razão, pois, a liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros⁵⁰².

Antropologicamente orgânica, a pedagogia de Deus atua usando a simbologia e o modo humano para conduzir sua ação salvadora. Necessita de um referencial para representá-lo e conduzir o povo de Deus ao mistério de sua presença e atuação na realidade humana. Na ação litúrgica, é possível vivenciar um inesquecível encontro com Deus-Trindade, no qual o ser humano entra na intimidade com as Pessoas divinas, segundo a ação particular que cada uma delas realiza na história da salvação⁵⁰³, pois, toda pessoa tem necessidade de celebrar os fatos da vida, aniversário, casamento, formatura, morte de um ente querido, uma liturgia existencial, por isso, como qualquer uma destas festas, uma celebração litúrgica autêntica também é uma festa com canto, música e conversas, entre Deus e a pessoa, no entanto, com um homenageado e um conteúdo da celebração bem especiais: Jesus Cristo e a comemoração da sua obra de salvar a humanidade e de transformar o mundo em reino de Deus.

⁵⁰⁰ BOROBIO, D., Celebrar para viver, p. 17.

⁵⁰¹ Cf. GRILLO, A., Liturgia, momento histórico da salvação na SC e nos demais documentos do Concílio.

⁵⁰² SC 7.

⁵⁰³ Cf. CHUPUNGCO, A. J., Nozione di Liturgia, p. 21.

Percebemos assim que a proposta da inspiração catecumenal, na ação evangelizadora da catequese a serviço da iniciação à vida cristã, não pode ser considerada apenas como um conjunto de ritos de uma celebração, o aparato cerimonial externo, sem expressão de vida e de sentido. Sem gestos e palavras, isto é, sem um agir sensível, mas também simbólico, não pode haver liturgia, porque ela é essencialmente uma ação ritual. Sem um significado interno, espiritual e divino-salvífico, essas coisas externas e sensíveis não seriam liturgia cristã, celebração da salvação. A experiência catecumenal, portanto, é algo que se realiza em ações e com elementos visíveis, audíveis, ou seja, sensíveis, que manifestam e tornam presente algo espiritual e misterioso, que é a história da salvação (cujo centro é a morte e ressurreição de Cristo), que teve seus prelúdios antes de o Filho de Deus estar no mundo e continua se realizando até a parusia do Senhor no fim dos tempos.

A celebração litúrgica é, portanto a presença do mistério da salvação, enquanto a humanidade peregrina até sua plena realização na parusia do Senhor, culmina na celebração da liturgia eclesial, o gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre renovado para ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, a celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção⁵⁰⁴.

O concílio nos ensina que a "A liturgia é o ponto culminante para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde provém toda a sua força"⁵⁰⁵. Podemos correlacionar isso entre liturgia e catequese, em que afirmamos que a liturgia não deve ser reduzida à função de servidora da catequese, como ela às vezes é considerada, pois muitos confundem que partir para a proposta da inspiração catecumenal é recorrer a momentos celebrativos nos encontros da ação catequética ou no encerramento de uma etapa do itinerário da iniciação à vida cristã. Na verdade, o que se deseja com a inspiração catecumenal em toda a catequese é o viver em Cristo. Este viver em Cristo, que é o mergulho no seu mistério de salvação, celebra-se na liturgia. Não estamos falando aqui de inventar situações na liturgia, de dinâmicas, brincadeiras para deixar as celebrações "mais criativas", mas a intenção da inspiração catecumenal é a correlação da ação catequética com

⁵⁰⁴ DM 9,2-9,4.

⁵⁰⁵ SC 10.

os ritos celebrados de forma ativa, participante e consciente com os catecúmenos e catequizandos.

Por isso, não podemos introduzir e viver o gesto pelo gesto, a música pela música, a dança pela dança, o movimento pelo movimento. Por falta de conhecimento da natureza teológica da liturgia, muitas vezes esta é substituída por uma ‘celebração’, feita de dinâmicas de grupo, vivências, alguma leitura bíblica, uma prece, um canto, para expressar nossa realidade. Outras vezes, são introduzidas ao longo da liturgia, dinâmicas, brincadeiras, gestos, ações simbólicas, como se fossem um divertimento para tornar a liturgia criativa na qual cada um deixa a fantasia solta em vez de fazer valer a natureza ritual dos elementos e da estrutura das celebrações litúrgicas. Desta forma, acaba-se invadindo e destruindo a verdadeira liturgia⁵⁰⁶.

São imensos os desafios que ainda encontramos para a prática da ação catequética a partir da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. Com a renovação do Concílio Vaticano II e com a reforma pós-conciliar, a Igreja restabeleceu o processo de iniciação cristã de adultos, que se tornou amplamente o método de toda catequese. Como também em outros campos da vida e da pastoral da Igreja, o Concílio Vaticano II, suas orientações e decisões ainda não são plenamente acolhidos na Igreja. Mas devemos fazer o possível para colocá-las sempre mais em prática, o momento da nova evangelização nos pede empenho para o resgate da inspiração catecumenal na catequese, é a chance que temos de retomar a relação entre catequese e liturgia.

A Iniciação à Vida Cristã e a formação contínua com inspiração catecumenal se apresentam hoje como desafios e oportunidades extremamente importantes, uma obra a ser realizada, por toda a Igreja, com dedicação, paixão formativa e evangelizadora, com coragem e criatividade. Não se trata, porém, de uma pastoral a mais, mas de uma instituição central, um instrumento vital na missão evangelizadora e pastoral. Tem como objetivo a formação inicial e, ao mesmo tempo, permanente do discípulo missionário de Jesus Cristo, para viver e anunciar a fé cristã no coração da civilização em mudança⁵⁰⁷.

Lembramos que a inspiração catecumenal no itinerário da iniciação à vida cristã não pode se resumir, pois, a um conjunto de ritos. É errôneo afirmar que a liturgia cristã, para ser autêntica, deve excluir qualquer forma de rito. O ritualismo, que dá valor exagerado ao rito e que o torna vazio, este sim, deve ser excluído. Por isso, a inspiração catecumenal no itinerário da catequese traduz aquela exigência natural do ser humano de servir-se de *sinais, palavras e gestos*

⁵⁰⁶ Cf. BUYST, I., O Segredo dos Ritos, p.72-73.

⁵⁰⁷ CNBB, Doc. 107, 76.

para exprimir os próprios sentimentos e atitudes interiores, sob o plano da relação, tanto humana, quanto divina. Os sinais litúrgicos contidos no processo de um itinerário catequético expressam, portanto, o relacionamento que o ser humano procura estabelecer com Deus.

Ressaltamos, também, que a inspiração catecumenal presente nos processos da iniciação à vida cristã, deseja educar para a participação plena da celebração da comunidade eclesial. Não se trata aqui de propor uma série de conteúdos catequéticos-teológico-litúrgicos, embora sabemos que a formação é sempre algo necessário para a vida cristã. A inspiração catecumenal quer possibilitar aos iniciados o cultivo de uma autêntica *espiritualidade litúrgica*.

Portanto, a inspiração catecumenal conduz à celebração viva e genuína da ação litúrgica, que por sua vez conduz à plena realização da vida espiritual. Aí reside o *ápice, a fonte*, o contato mais profundo com o Senhor Jesus. Quanto mais transformador for esse encontro, mais a presença de Jesus será percebida nos demais atos cotidianos da pessoa, no empenho pela evangelização libertadora, no seu compromisso transformador estando inserida na sociedade, no discipulado e na ação missionária da Igreja, e nas diversas atividades.

Entendemos que o processo de *iniciação à vida cristã* com inspiração catecumenal significa a imersão em uma nova realidade que introduz ao *mistério de Cristo Jesus* em sua paixão, morte e ressurreição. Podemos argumentar a inspiração catecumenal na afirmação expressa por Tertuliano: “os cristãos não nascem, se fazem”⁵⁰⁸. Ou ainda, como diz o *Documento de Aparecida*, citando o papa Bento XVI: “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”⁵⁰⁹.

Assim, o acolhimento do *mistério* da pessoa de Jesus exige dos iniciados a participação fiel e responsável na vida e missão da comunidade eclesial, fazendo escolhas éticas coerentes com a fé cristã. Começa aí um caminho de *conversão*, uma mudança de mentalidade e de vida, que implica o todo dos iniciados. Por isso, é pela via da mistagogia⁵¹⁰ que se introduz alguém no mistério de Cristo, e

⁵⁰⁸ ROBNER, H. R., Manual de Patrologia, p. 160-171.

⁵⁰⁹ DAp 12.

⁵¹⁰ Segundo o Dicionário de Mística (Borriello et al, 2003, p. 701-702) “o termo mistagogia vem do grego, é composto do substantivo *mystes* [mistério], que deriva do verbo *muew*[*myein*] que significa iniciar aos mistérios. Ser iniciado. Aprender o segredo e do verbo *agein* = conduzir.

não tanto pelos discursos. Também por isso, neste ambiente secularizado, nos deparamos com um grande desafio que é o primeiro anúncio, o tempo de evangelização propriamente dito.

Consideramos necessário que haja um *Plano Pastoral de Primeiro Anúncio* que leve ao encontro vivo com Jesus Cristo. Tal documento pastoral deveria fornecer os primeiros elementos de um processo catequético, permitindo a sua inserção na vida das comunidades paroquiais. E que contenha igualmente os elementos do processo catequético, indicando como se inserem na vida das comunidades paroquiais. Os padres sinodais propõem que se estabeleçam por escrito as linhas mestras da proclamação inicial do querigma. Nesse compêndio se incluam: 1) o ensino sistemático do querigma na Escritura e na Tradição da Igreja católica; 2) os ensinamentos e escritos dos santos missionários e mártires de nossa história católica e que nos ajudariam nos desafios pastorais de nossos dias; 3) características e orientações para a formação dos evangelizadores católicos nos dias de hoje⁵¹¹.

Descreve o Diretório Nacional de Catequese que é a partir dos "sinais litúrgicos e por meio deles que se pode introduzir catecúmenos e catequizandos no mistério pascal, de forma gradativa e vivencial⁵¹². O catecismo afirma que "a catequese litúrgica tem em vista introduzir no mistério de Cristo, é "mistagogia", procedendo do visível para o invisível, do significativo para o significado, dos "sacramentos" para os "mistérios"⁵¹³, porque faz necessariamente a inculturação da fé.

E o *Documento de Aparecida* trata explicitamente do tema "iniciação à vida cristã" diante dos grandes desafios⁵¹⁴ que enfrentamos em nosso tempo, no que diz respeito à evangelização. Ele nos convida a fazer uma reflexão de como estamos educando na fé. Nos ajuda a concluir que muitas vezes nossa iniciação tem sido pobre e fragmentada, com isso ele nos desafia: "ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora"⁵¹⁵. Desse modo, somos convocados a propor a iniciação cristã, "que além de marcar o "quê", também dê

Etimologicamente falando, significa a ação de conduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa".

⁵¹¹ TEIXEIRA, C., *Discipulado no Evangelho de Marcos*, Revista de Catequese, p. 62-63.

⁵¹² CNBB, Doc. 84, 120, 36.

⁵¹³ CATECISMO da Igreja Católica, 1075.

⁵¹⁴ O documento relata esses desafios: o grande número de cristãos que não participam da eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na vida eclesial. Temos uma alta porcentagem de católicos que não tem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, a grande maioria tem uma identidade cristã fraca e vulnerável (DAp 286).

⁵¹⁵ DAp 287.

elementos para o "quem", o "como" e o "onde" se realiza”⁵¹⁶. Assim, somos exortados a assumir o desafio de uma nova evangelização.

O clamor que se levanta da parte daqueles que já se converteram à necessidade de mudança radical do paradigma catequético, é sempre o mesmo: *como fazer*, como colocar em prática o esquema catecumenal apresentado pelo *RICA*, como envolver toda a comunidade nesse processo, sobretudo o clero, os religiosos (sim, pois os leigos às vezes se entusiasmam muito mais que o clero e religiosos). Há sempre o perigo do nominalismo: dá-se o nome de *iniciação cristã* a processos que continuam os mesmos, ligeiramente modificados, ou, pior ainda, a tentativa do *ritualismo*: reduzir a mudança de paradigmas a apenas alguns ritos a mais durante o processo tradicional catequético, nem sempre bem compreendidos e realizados⁵¹⁷.

Pelos processos da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal abre-se uma via muito importante para a vida cristã, que é a experiência vivida, a vivência feita propriamente dita, é neste ponto que desejamos fazer a relação entre inspiração catecumenal e a psicologia positiva com seus construtos.

O processo de iniciação à vida cristã, com a riqueza de seus diversos elementos, leva-nos a um verdadeiro equilíbrio entre o aspecto emotivo, sentimental, experiencial, de encantamento pelo mistério de Cristo, e o outro lado da mesma moeda, que é a dimensão racional, doutrinal, sistemática da fé. Hoje, acentuando bastante a dimensão da *experiência* ou *contato vivo* com Jesus Cristo a que queremos levar nossos catequizandos⁵¹⁸.

Notamos que a Psicologia Positiva, cada vez mais, vem se consolidando como um campo de estudos e atuação profissional voltados para os aspectos positivos do desenvolvimento humano e a experiência de situações concretas da vida. Esse movimento pretende ampliar, difundir, valorizar as potencialidades e virtudes humanas.

Quando o movimento da Psicologia Positiva nasceu há mais de uma década, todos os escritos dos principais representantes dessa corrente faziam alusões sobre a inauguração de um novo paradigma no campo da ciência. Algumas frases como: ‘nova ciência’, ‘ciência do bem-estar’, ‘novo paradigma’, enfatizavam a novidade da contribuição desta corrente da psicologia contemporânea. No entanto, os conceitos mais tratados na psicologia positiva são encontrados em textos clássicos tais como a Bíblia Sagrada, nas tradições filosóficas orientais, nos textos de Benjamin Franklin e Willian James⁵¹⁹.

⁵¹⁶ DAp 287.

⁵¹⁷ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 246.

⁵¹⁸ LIMA, A. L., A catequese do vaticano II aos nossos dias, p. 263.

⁵¹⁹ SOLANO, A., Fundamentos de Psicología Positiva, p. 21.

Portanto, muitos dos conceitos utilizados pela Psicologia Positiva são anteriores à criação do movimento. Entretanto, não são os conceitos tratados pela Psicologia Positiva que são novos, mas sim a abordagem que se desenvolveu. O surgimento dessa nova área de estudos é necessário para promover e concentrar trabalhos dessa natureza, como uma forma de catalisar e divulgar essa postura de atuação. E, desta forma, contribuir para equilibrar o número de estudos sobre as questões humanas positivas na busca do bem-estar e questões negativas centradas apenas nas fragilidades humanas.

Durante grande parte do século XX, a psicologia e muitos psicólogos desconsideraram e ignoraram as práticas religiosas, ou as trataram como uma forma de patologia. Felizmente está cada vez mais claro que nós, seres humanos, somos mais do que seres biológicos, psicológicos e sociais. O ser humano necessita da busca e do encontro com o sagrado, por isso também somos seres espirituais.

As religiões sempre tentaram dar uma resposta, uma interpretação, e uma ajuda para a transsignificação dos limites, um sentido para poder lidar e superar as situações adversas: escassez, catástrofes, carências, as forças ambientais ou as ações violentas, negativas, ou de sofrimento que atingem a pessoa tanto no nível externo, como em sofrimentos interiores.

Nesse sentido, as religiões, sejam cristãs ou não, buscam respostas e sentido sobre o que aconteceu, qual é a origem ou o motivo, assim como a pergunta pelo sentido e por como (re)fazer-se, como (re)construir-se após essa situação adversa e traumática. Diante dos sentimentos de desvalimento, de desproteção e de necessidade de ajuda que o ser humano tem diante do sofrimento, a crença em um ser superior, ou em vários, constitui uma força de sustento, recuperação e de proteção, atinge a solidão interior de quem padece a dor, motivando um vínculo com um outro transcendente com quem se pode contar e se sentir seguro; propicia uma compreensão ou interpretação do que está acontecendo, favorecendo a busca de sentido em vistas à superação da situação traumática e do sofrimento. Com a virada do Concílio Vaticano II, a Igreja marcou sua preocupação com a situação concreta da pessoa.

Nos primeiros anos seguintes ao Vaticano II, a reflexão catequética teve como centro de sua atenção a pessoa humana, considerada em sua situação concreta. Foi a chamada *etapa antropológica* da catequese, em que se empregava com frequência

expressões como catequese situacional, catequese existencial, catequese antropológica, catequese social, dimensão experiencial da catequese e outras⁵²⁰.

É por isso que, tantas vezes, até pessoas que não se consideram religiosas, em momentos de dificuldades, crise, doença, ou problemas graves, procuram e encontram, na fé e na religião, consolo, conforto, apoio, e até força e sentido para seguir adiante. Constatase que, para muitos, a crença em um ser superior, o fato de poder contar com sua presença e ajuda, é um pilar fundamental para a superação, especialmente diante das situações difíceis, violência, acidente, luto, doença terminal, entre outras.

A religião, de um modo geral, exerce importante influência na vida das pessoas. No contexto de situações de adversidades essa relação pode se estreitar, uma vez que a pessoa exercita sua fé com mais intensidade, na busca de alívio e solução das dificuldades.

O século XXI, diferentemente do que muitos afirmaram de ser o século do abandono da religião e do sagrado, tem mostrado que as pessoas estão em busca de algo que dê sentido em suas vidas, uma das vias com certeza é a religião, pois

Estudos empíricos estão demonstrando que a espiritualidade muitas vezes é fonte de sentido, esperança e orientação para a vida. Ela também podem sustentar as pessoas em situações traumáticas, pode facilitar transformações profundas e duradouras quando as pessoas atingirem seus limites pessoais⁵²¹.

Sendo assim, a religião, de um modo geral, pode colaborar no contexto do cuidado à saúde, uma vez que ela permite ao indivíduo vivenciar o transcendente, construir, a partir disso, significados para o seu sofrimento, quiçá estabelecer estratégias, segundo seus recursos íntimos, de conquista da saúde⁵²².

Percebemos que o sofrimento por que passa uma pessoa pode ser sanado apenas por uma conversa amiga, uma escuta atenciosa, um momento de oração e reflexão. No processo da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal essas condições acontecem quando o catequista oferece condições de diálogo e se interessa em ouvir atentamente os seus catequizandos.

Os catequistas devem ser homens e mulheres da escuta, da acolhida, devem estar à disposição para o auxílio fraterno, como missão e vocação que abraçam em

⁵²⁰ CELAM, Manual de Catequética, p. 111.

⁵²¹ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J., Psicologia positiva, p. 434.

⁵²² Cf. SALGADO, M; FREIRE, G., Saúde e Espiritualidade.

sua vida, levando a pessoa a fortalecer a fé em Deus, o otimismo, a esperança, principalmente nos momentos de adversidades, fazendo-a entrar em contato com o sentido profundo e verdadeiro da vida, esses momentos fortes podem também acontecer durante as celebrações, ritos de passagem do processo da iniciação à vida cristã.

Cerqueira, investigando a religiosidade e a fé, identificou na fala da maioria das pessoas, principalmente das classes populares, o conforto e o acolhimento que recebem nos espaços religiosos. E esse acolhimento mobiliza a emoção, une as pessoas, transformando-as em “irmãos”⁵²³.

No espaço dos encontros da catequese de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, a preocupação do catequista deve ser em destinar a todas as pessoas uma escuta atenciosa, uma palavra de carinho e preocupação com o bem-estar de cada uma delas. Nos encontros, o catequista por meio de uma oratória fluente e de uma impressão fortemente empática deve abranger e mobilizar a maioria dos presentes a partir do conteúdo e de uma dinâmica que seja envolvente conduzindo para a experiência catecumenal.

A Psicologia Positiva e a iniciação à vida cristã compreendem que é na experiência religiosa da espiritualidade que se tem também a busca do sentido da vida, do auxílio sem interesse e de como socorrer o outro, considerando-o único, indivisível. Cada pessoa é um complexo universo interior de sentimentos, pensamentos, vontades e valores, interligado com tudo que há no cosmos, especialmente com as pessoas.

Esta dimensão existencial-libertadora salva a catequese da atemporalidade e a converte num ministério pastoral localizado no tempo e a serviço das pessoas e das comunidades. A práxis catequética se realiza no campo da vida e da história. A catequese, portanto, não pode se distanciar da vida das pessoas nem se desinteressar dos acontecimentos ou dos problemas sociais vividos pela comunidade de crentes⁵²⁴.

Com a proposta da iniciação à vida cristã com seus elementos constitutivos, um novo paradigma pastoral para estes tempos de mudanças acena para a Igreja pautar-se pela gratuidade e a alteridade. Os processos de iniciação não estão preocupados apenas com a formação doutrinal da pessoa, mas integral, pois têm como

⁵²³ CERQUEIRA, R., *Construção do Sentido de Religiosidade no Território da Vida*.

⁵²⁴ CELAM, *Manual de Catequética*, p. 112.

missão cuidar do ser humano, possibilitar a ele uma vida melhor. Consequentemente, na evangelização, não há destinatários, mas interlocutores. Como Deus não se impõe, mas se propõe, a evangelização só começa quando o outro responde à interpelação do Evangelho e só se dá quando o outro, em sua liberdade e autonomia, acolhe a mensagem. Aqui vemos a estreita ligação da Psicologia Positiva com seus construtos e com a teologia da iniciação à vida cristã, ambas preocupadas com seu interlocutor querem acenar para os aspectos saudáveis e positivos da vida sem negligenciar os aspectos negativos da realidade.

A Psicologia Positiva foca nas forças motivadoras, o que representa ter emoções positivas e alimentá-las, cultivar relacionamentos saudáveis, estar engajado fazendo aquilo que lhe é prazeroso, e essencialmente identificar o propósito de vida. Este último item parte de um poderoso autoconhecimento, onde a pessoa pode conhecer sua essência, focar em suas qualidades, pontos fortes e buscar minimizar os pontos de melhoria para ter uma vida melhor.

Com a Psicologia Positiva abrem-se as portas para muitas reflexões, pois é uma abordagem que abraça estudos científicos dos temas relacionados com um viver com mais qualidade e sentido. Estuda as experiências positivas, as instituições positivas, os relacionamentos positivos, as forças e traços positivos.

A Psicologia Positiva responde a algumas das necessidades sentidas hoje como Igreja que quer ser samaritana (Lc 10,29-37), ou seja, repleta de humanidade e que possibilite às pessoas sentido e cuidado. Deparamo-nos, na ação pastoral, com muitos “feridos”, “caídos”, machucados pela vida. Muitos são encontrados nos caminhos da vida, outros vêm ao encontro da Igreja, batem à sua porta em busca de alívio. A missão da Igreja, seguindo as palavras do papa Francisco na primeira missa do seu pontificado, “é cuidar das pessoas que estão na periferia do nosso coração”.

A Psicologia Positiva quer refletir sobre emoções positivas, tais como a alegria, admiração e felicidade, as forças positivas inerentes das pessoas, uma vida com mais qualidade para viver mais e de um jeito saudável, o diálogo interno como caminho para ser bem-sucedido, a força do perdão, a gratuidade, entre outros. O imperativo que norteia a vida cristã é o amor ao próximo: “Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, vocês devem se amar uns aos outros” (Jo 13, 34), por isso o convite da Igreja, a partir da sua prática da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, é para que o ser

humano se abra e busque perceber as necessidades e os sofrimentos da pessoa, sendo apoio uns aos outros nas dores e angústias, nas alegrias e esperanças, tendo palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos. Seguindo o exemplo de Cristo devem empenhar-se no serviço as mesmas pessoas, sendo testemunhas da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se abra à esperança de um mundo novo⁵²⁵. A Psicologia Positiva e a inspiração catecumenal a partir da experiência celebrativa, do rito e das expressões simbólicas, buscam exaltar o que há de potencial na condição humana.

A proposta cristã é de vida plena (Jo 10,10), todos são convidados a serem pessoas melhores e conviver de maneira solidária e fraterna. Na prática dos processos de iniciação à vida cristã é importante considerar a influência de pessoas otimistas, atenciosas, cujos pensamentos, palavras e atitudes instigam a paz, a alegria e a solidariedade, em uma sociedade onde, a todo momento, vivem-se situações de vulnerabilidade de várias naturezas e intensidades.

Portanto, vemos um novo alvorecer de continuação de possíveis diálogos entre a Psicologia Positiva que é bem próxima da Teologia Pastoral, pois que reflete a iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal em seu constructo e fundamentação a partir do otimismo, solidariedade, perdão, paz, felicidade, bem-estar, espiritualidade, entre outros. Sabemos que ainda é preciso continuar a reflexão entre a iniciação à vida cristã e a psicologia positiva, pois ambas buscam compreender e ajudar o ser humano na busca do bem-estar tanto individual como grupal. O estudo sobre resiliência coloca alguns desafios e, ao mesmo tempo, nos impulsiona como Igreja-comunidade de fé a assumir aquilo que é próprio de sua identidade, como conclamou o Concílio Vaticano II: o ser humano cristão deve ser sinal de esperança nas realidades de tristezas, angústias e dores, superando a visão determinista e pessimista que não contribui em nada para o bem-viver do ser humano. É nisso que nos deteremos no próximo tópico desta nossa pesquisa.

3.3. Resiliência: um novo modo de viver

Desejamos compreender a resiliência presente na vida no cotidiano das pessoas, também dentro dos parâmetros de um novo modo de viver e nas diversas

⁵²⁵ CNBB, Instrução geral do Missal Romano, p. 653.

situações da vida. Neste momento da nossa tese vamos fazer um levantamento das ideias acerca do conceito de resiliência, buscando perceber as suas variações ao longo de seu desenvolvimento, até observar seus aspectos grupais e coletivos, objetivando identificar a experiência de fé como promotora de resiliência. Adiantamos que o assunto sobre resiliência nas ciências e na própria psicologia é algo recente, com isso, existe uma escassez de trabalhos sobre o tema.

E, realmente, o conceito de resiliência nascente é ligado à física e à engenharia, é o que se predomina nos verbetes de dicionários e enciclopédias brasileiros, embora alguns já introduzam as elaborações da psicologia sobre o assunto. É importante considerar, no entanto, a despeito dos pontos em comum das conceituações da resiliência na psicologia, na física e em outras áreas que utilizam o conceito, que não se pode perder de vista as peculiaridades de cada ramo do conhecimento e sua forma própria de se apropriar de um termo e teorizar sobre ele. “A Psicologia apropriou-se de um conceito construído dentro de um modelo matemático e devemos ter muita cautela para não incorrer em comparações indevidas”⁵²⁶.

O termo resiliência e seus construtos é algo que vem sendo aprofundado dentro de pesquisas de investigação na psicologia como área de interesse há aproximadamente uns trinta cinco anos⁵²⁷. Dessa forma, existe um consenso na literatura de que o conceito de resiliência está associado a duas condições básicas: uma situação adversa enfrentada e uma resposta positiva diante do sofrimento, ainda que o sofrimento influencie negativamente sobre a saúde e o desenvolvimento da pessoa. Além disso, a resiliência é entendida não somente como uma característica inata, mas, sobretudo, uma interação dinâmica entre as características individuais e a complexidade do contexto social, o que demonstra um caminho de investigação sobre a resiliência familiar, explicitando que o contexto social tem influência direta no surgimento da resiliência⁵²⁸.

Um dos primeiros elementos que aparecem na literatura desses últimos anos é o acordo explícito entre os especialistas em resiliência, de que há duas gerações de pesquisadores. A primeira, dos anos 1970, procura identificar os fatores de risco e de resiliência que influem no desenvolvimento de crianças que se adaptam positi-

⁵²⁶ YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H., Resiliência, p. 16.

⁵²⁷ Cf. POLETTO, M.; KOLLER, S. H., Contextos ecológicos, Estudos de Psicologia, p. 405-416.

⁵²⁸ Cf. ROOKE, M. I.; PEREIRA-SILVA, N. L., Resiliência familiar e desenvolvimento humano, Psicologia em pesquisa, p. 179-186.

vamente, apesar de viverem em condições de adversidade. Enquanto que a segunda, dos anos 1990, foca no estudo da dinâmica entre fatores que estão na base da adaptação resiliente⁵²⁹.

Sabemos, portanto, que o termo resiliência provém das ciências exatas, especificamente, da Física. Resiliência é a capacidade que um elemento tem de retornar ao seu estado inicial após sofrer uma influência externa. Por mais que ele seja pressionado, retorna ao seu estado original sem deformação.

[...] originariamente, o termo resiliência surgiu da física, conforme o dicionário brasileiro Ferreira (1975) e se refere à propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de deformação elástica. Já o dicionário da língua inglesa traz: a Psicologia diz que resiliência é a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças e dificuldades⁵³⁰.

No Brasil, o uso do conceito de resiliência é recente. O dicionário Michaelis define a palavra resiliência como “ato de retorno de mola; elasticidade; ato de recuar (arma de fogo); coice; poder de recuperação; trabalho necessário para deformar um corpo até seu limite elástico”⁵³¹, não dando nenhum espaço à outra significação da palavra. No dicionário Houaiss, já surge a definição no sentido figurado, como “capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, às mudanças”⁵³².

Melillo⁵³³ define a resiliência como sendo “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”, postulando ainda que a maioria das definições de resiliência são variações dessa. O mesmo autor afirma que a resiliência também tem como papel desenvolver a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas, ficando transformado.

No entanto, no Brasil, a palavra resiliência e seus significados ainda permanecem como “ilustres desconhecidos”. O dicionário de língua portuguesa diz que, na física, resiliência é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica “resistência ao choque”. Já o dicionário de língua inglesa oferece duas

⁵²⁹ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 56.

⁵³⁰ POLETO, M.; KOLLER, S. H., Resiliência, p. 22.

⁵³¹ NOVO MICHAELIS, p. 1826.

⁵³² HOUAISS, A.; AVERY, C. S., Novo Dicionário Barsa de Línguas inglesa e portuguesa, p. 649.

⁵³³ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 15.

definições de resiliência, a primeira como habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades, e, a segunda se refere a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade.⁵³⁴

A resiliência é um termo francês, surgido do latim *resilientia*, que é habitualmente utilizado em física de materiais para designar a resistência do material ao choque elevado, a capacidade de uma estrutura para absorver a energia cinética do meio sem se modificar⁵³⁵. Segundo o dicionário *Historique de La langue française*, o termo “*resilier*” etimologicamente é formado por “*re*” que indica um movimento para trás, retirada, e por “*salire*”, saltar, pular. Resilir significa literalmente saltar para trás, retrair-se. Assim, resilição é o ato pelo qual se põe fim a um compromisso, a uma promessa, a um contrato.

[...] do latim *resiliens*, significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Pela origem inglesa *resilient* remete a ideia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação [...] no dicionário da língua inglesa se encontram dois raciocínios para o termo: o primeiro se refere à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades etc.⁵³⁶.

Michael Rutter⁵³⁷ entende resiliência como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais.

Edith Grotberg define resiliência como o que requer a interação de fatores resilientes advindos de três diferentes níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou). Dessa forma, apesar de organizar os fatores de resiliência em um modelo triádico, incorpora como elemento essencial a dinâmica e a interação entre esses fatores. A autora traz uma definição que, segundo ela, é uma das mais divulgadas e dela derivariam outras

⁵³⁴ Original em inglês: “the ability to return quickly to your usual health or state of mind after suffering an illness, difficulties etc...” “the ability of a substance to return to its former shape when pressure is removed: flexibility.”

⁵³⁵ ANAUT. M., A resiliência, p. 45-46.

⁵³⁶ PINHEIRO, D. P. N., A Resiliência em discussão, Psicologia em Estudo, p. 68.

⁵³⁷ Cf. RUTTER, M., Resilience.

variações: a resiliência é “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”⁵³⁸.

Resiliência traduzir-se-ia, por conseguinte, numa capacidade pessoal para enfrentar a adversidade, de modo não só a resistir-lhe ou a ultrapassá-la com êxito, mas a extrair daí uma maior resistência a condições negativas subsequentes, tornando-se os sujeitos mais complexos e menos vulneráveis em função daquilo em que se modificaram após terem sido submetidos a esse tipo de experiência⁵³⁹.

Autores mais recentes são Luthar e Cushing, Masten, Kaplan e Bernard, que entendem resiliência como um processo dinâmico em que as influências do meio e do indivíduo interatuam em uma relação recíproca, que permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade⁵⁴⁰.

Para Cyrulnik, resiliência refere-se a um conjunto de

[...] fenômenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou o agredido numa direção para onde gostaria de não ter ido mas, visto que caiu numa vaga que o enrola e o leva para uma cascata de mortificações, o resiliente tem de fazer apelo aos recursos interiores impregnados na sua memória, tem de lutar para não se deixar arrastar pelo declive natural dos traumatismos que o fazem cansar-se de lutar, de agressão em agressão, até que uma mão estendida lhe ofereça um recurso exterior, uma instituição social ou cultural que lhe permita sair da situação⁵⁴¹.

Polleto e Koller⁵⁴² apresentam considerações esclarecedoras a respeito do termo resiliência: compreendem que resiliência está ligada a atributos como elasticidade, flexibilidade, resistência, perseverança, autonomia, autorregulação, entre outros.

Não estamos negando que a temática do crescimento psicológico do ser humano e da superação de dificuldades já tenha sido alvo dos estudos da psicologia anteriormente, o uso do termo “resiliência”, pela área, assim como a forma como as pesquisas da resiliência são feitas é bem mais recente, é um conceito novo de uma realidade antiga.

⁵³⁸ GROTBORG, E. H., Introdução, p. 15.

⁵³⁹ RALHA-SIMÕES, H., Resiliência e desenvolvimento pessoal, p. 96-97

⁵⁴⁰ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 24-25.

⁵⁴¹ CYRULNIK, B., Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana, p. 225.

⁵⁴² Cf. POLETO, M.; KOLLER, S. H., Resiliência, p. 22.

Resiliência é vista agora sob uma perspectiva que se procura inovadora face aos olhares de que era alvo noutras abordagens, quando era invocada de outros modos e sob outras designações, mas continuando a ser, indubitavelmente, algo operacionalmente útil para nos ajudar a compreender como é possível concretizar a nossa legítima necessidade de autorrealização, apesar dos contextos antagônicos e destrutivos que, não raramente, envolvem o nosso percurso de vida ao longo de todo o processo de desenvolvimento.⁵⁴³

Confirmando que essa realidade da resiliência sempre esteve presente em estudos e pesquisas, não com esse conceito, mas já acenando para a capacidade das pessoas de superarem situações de adversidades, Boris Cyrulnik lembra que Anna Freud e Françoise Dolto⁵⁴⁴ já observavam crianças que passavam por períodos de muita perturbação e se tornavam adultos equilibrados e sadios. Anthony também aponta que Anna Freud⁵⁴⁵ descreveu o caso de Jean Drew, filha de mãe diagnosticada com esquizofrenia paranoide, que se desenvolveu bem ao longo da vida.

A compreensão do conceito de resiliência tem se mostrado relevante para o aprofundamento dos estudos em diferentes áreas do conhecimento sobre o sofrimento e sua superação. Vemos, portanto, na Psicologia Positiva, que resiliência é entendida como a capacidade humana de resistir às adversidades, mantendo o equilíbrio emocional diante dos dramas existenciais. Portanto, refere-se à qualidade de resistência e perseverança do ser humano frente às dificuldades da vida.

Resiliar [*resilier*] é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [*rebondit* (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re)constitua.⁵⁴⁶

A resiliência é um dos principais aportes teóricos que oferece espaço para o estudo das habilidades do ser humano em enfrentar situações adversas. O funcionamento positivo humano é mais evidente em contextos de mudanças significativas repletas de situações de risco e de adversidades. A análise da resili-

⁵⁴³ RALHA-SIMÕES, H., Resiliência e desenvolvimento pessoal, p. 95.

⁵⁴⁴ FREUD, A.; BURLINGHAM, D. *Infants without families*. Londres: George Allen, 1965; FREUD, A. *Le normal et le pathologique chez L'Enfant*. Paris: Gallimard, 1987; DOLTO, F. *La difficulté de vivre*. Paris: Carrère, 1994.

⁵⁴⁵ FREUD, A., The writings of Anna Freud.

⁵⁴⁶ THEIS, A., La resiliência em la literatura científica, p.10.

ência favorece a compreensão das forças humanas, ou seja, quando ela se expressa, as virtudes e as forças pessoais tornam-se conhecidas e essa possibilidade produz efeitos importantes na vida dos indivíduos, uma vez que favorece suas potencialidades, tornando-os mais fortes e produtivos⁵⁴⁷.

Compreendemos então que os estudos sobre resiliência começaram a emergir a partir de uma série de contingências históricas e socioculturais que provocou adversidades. A psicologia, então, rompeu com um paradigma de focalizar na doença, na dificuldade e começou a se interessar nas pesquisas não deterministas. Depois de focar as falhas, os *deficits*, as doenças e fatores de risco, agora passou a focalizar nos aspectos positivos da vida humana provocando uma mudança de paradigma e possibilitando que temas como a resiliência começassem a ser examinados.

Percebemos que, ao longo dos estudos em psicologia, centrou-se muito nas perturbações do comportamento e nas conseqüentes psicopatologias do que na saúde e no positivo que cada ser humano carrega dentro de si. Atualmente, a partir disso, tanto a psicologia como outras ciências tentam compreender os fatores de risco e de vulnerabilidade, a fim de ajudar os indivíduos e avaliar os riscos posteriores de morbidade.

A resiliência surge como um construto que aponta para um novo modelo de se compreender o desenvolvimento humano – pela dimensão da saúde e não da doença. Ser resiliente, contudo, pode significar ajustar-se às diferentes condições de exploração, abuso, negligência, e dominação tão presentes em uma sociedade como a nossa. Aí reside a importância de se pensar uma psicologia que almeje, antes de qualquer coisa, romper com o viés “negativo” e reducionista de algumas tradições epistemológicas que têm adotado o ceticismo diante de expressões salutogênicas de indivíduos, grupos ou comunidades⁵⁴⁸.

O conceito de resiliência desenvolveu-se, basicamente, em três fases: inicialmente, esteve associado ao conceito de vulnerabilidade; depois, com a capacidade de resistir à afronta; e por último, a denominação foi adotada para identificar pessoas com capacidade de construção positiva frente à adversidade⁵⁴⁹. Ainda percebemos que devemos avançar muito as reflexões da resiliência a partir da psicologia, pois ainda não são tão claras, nem tampouco precisas como na físi-

⁵⁴⁷ Cf. RYFF, C. D.; SINGER, B. H.; LOVE, G. D., Positive health, p. 1383-1394.

⁵⁴⁸ DELL'AGLIO, D; KOLLER, S. H; YUNES, A., Resiliência e psicologia positiva, p. 13.

⁵⁴⁹ Cf. MUNIST, M.; BIEDAK, E.; QUINTEROS, L. W. A missão do CIER.

ca, pois consideram que os fatores e as variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos são mais complexos e múltiplos.

Para apenas usar uma metáfora, poder-se-ia dizer que a relação tensão/pressão com deformação não-permanente do material corresponderia à relação situação de risco/estresse/experiências adversas com respostas finais de adaptação/ajustamento no indivíduo, o que ainda nos parece bastante problemático, haja vista as dificuldades em esclarecer o que é considerado risco e adversidade, bem como adaptação e ajustamento⁵⁵⁰.

A nossa reflexão deseja apresentar a resiliência como processo, um itinerário que uma pessoa percorre, pois não é um adjetivo ou um atributo de uma determinada pessoa ou grupo, bem como não significa apenas, como alguns afirmaram, uma simples resposta às adversidades, um tornar-se invulnerável, mas é um processo de promoção de fatores resilientes que está ligado ao crescimento e desenvolvimento humanos, incluindo diferenças de idade e gênero. Um compromisso com o comportamento resiliente é também a capacidade do indivíduo ou grupo de se beneficiar das experiências vivenciadas.

Embora atualmente ainda exista uma “confusão” entre essas duas visões sobre o tema, entende-se que uma perspectiva amadurecida é aquela que o entende como um fenômeno processual que envolve,

Primeiro, fatores relacionados com o indivíduo (genética, idade, fase do desenvolvimento, sexo, constituição, experiência de vida e histórico de vida). Segundo, o contexto (suporte social, classe social, cultura, ambiente). Terceiro, a quantidade e qualidade do evento de vida (se desejável, se controlável, sua magnitude, clusters, duração no tempo e efeitos a longo prazo)⁵⁵¹.

O construto da resiliência a partir de um contexto, pois, o jeito de compreender uma vida resiliente pode mudar se as circunstâncias mudam. Ela é processual e dinâmica. Cada processo de enfrentamento de adversidades acontece de uma determinada forma que dependerá de quem enfrenta, do que se enfrenta e de quais circunstâncias envolvem o processo. Cada pessoa pode apresentar resiliência de uma maneira diferente. Os mesmos sujeitos podem apresentar o processo de resiliência de formas diversas em situações diferentes, podendo usar de mecanismos de enfrentamento diferentes, podendo sofrer mais ou menos em cada situação.

⁵⁵⁰ YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H., Resiliência, p. 40.

⁵⁵¹ LINDSTRÖM, B., O significado de resiliência, p. 136.

Com isso, é preciso entender que o construto da resiliência é um fenômeno que procura explicar os processos de superação das adversidades vividas no cotidiano, mas não se confunde com invulnerabilidade, pois não é uma resistência absoluta às adversidades⁵⁵². A pessoa resiliente tem habilidade para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva para si mesma⁵⁵³.

[...] não se trata de uma espécie de escudo protetor que alguns indivíduos possuíam, explicitando que essa ideia não condiz com os conceitos precursores supracitados, mas sim uma possibilidade de flexibilidade interna que os permite interagir com êxito, modificando-se de forma produtiva e adaptativa, em face ao mundo exterior e suas adversidades⁵⁵⁴.

O paradigma da resiliência, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos.

Em estudos da psicologia positiva percebeu-se que pessoas que foram submetidas a situações adversas tiveram reações diversas frente à vulnerabilidade, isso mostra a complexidade do assunto quando se fala de fatores de risco versus fatores de proteção. Alguns expostos a contextos desfavoráveis não apresentaram perturbações psíquicas ou comportamentais e se ajustaram a realidade saindo destas situações até mesmo fortalecidos e é isto que instiga a aprofundar a capacidade de resiliência presente na vida de cada pessoa.

Entretanto, tratando-se de um “processo comportamental ou psíquico, de superação de situações adversas e traumáticas”, em que o sujeito pode apresentar comportamentos resilientes dentro de um contexto, permitindo compreender que o mesmo não se torna invulnerável, porém com ajuda de atributos pessoais consegue se adaptar e superar situações adversas com um mínimo de prejuízo possível⁵⁵⁵.

Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, tenta-se descobrir quais são os chamados “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência”, isto é, as forças positivas do ambiente circundante e as capacidades

⁵⁵² Cf. LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M.; COÊLHO, A. E. L., Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência, p. 89-116.

⁵⁵³ FLACH, F., Resiliência.

⁵⁵⁴ RALHA-SIMÕES, H., Resiliência e desenvolvimento pessoal, p. 70.

⁵⁵⁵ LARROSA, J. B., Notas sobre a experiência e o saber da experiência, Revista Brasileira de Educação, p.7.

peçoais para reagir e superar as adversidades da vida, a fim de fomentá-las e promovê-las.

Essa é a proposta da psicologia positiva, que visa focar-se no que está dando certo em determinado grupo ou indivíduo, e não apenas no que deu errado e é disfuncional. Afirma-se que a psicologia positiva objetiva romper com o viés reducionista e negativo hoje existente, focalizando as potencialidades e qualidades humanas, sendo a resiliência uma forma de considerar os fenômenos indicativos de uma vida saudável e adaptativa ao longo do desenvolvimento.

A mudança do paradigma atual existente, que enfatiza apenas os aspectos patológicos, deve ser mudada para que se entenda um indivíduo como alguém que está muito além de sua queixa e de seus problemas, mas também de seus aspectos saudáveis e adaptativos.

Os conceitos de resiliência são diversos, mas é possível estabelecer correlação entre eles, é possível sintetizar que as diferentes definições enfatizam determinadas características da pessoa resiliente, tais quais “habilidade, adaptabilidade, baixa suscetibilidade, enfrentamento efetivo, capacidade, resistência à destruição, condutas vitais positivas, temperamento especial e habilidades cognitivas”, sendo que todas são desenvolvidas durante situações adversas e estressantes da vida e permitem ao indivíduo atravessá-las e superá-las⁵⁵⁶.

Para Cyrulnik, a resiliência concebe a capacidade de resposta a um trauma, e a capacidade de ser feliz apesar de este ter sido marcante na vida, também enfatiza que é a capacidade de evolução como pessoa no processo da sua história vital⁵⁵⁷. Existem vários estudos que apresentam que as pessoas resilientes são pessoas que se tornaram capazes de enfrentar adversidades. Pessoas que enfrentam suas vidas a partir da resiliência reduziram a intensidade do estresse e a diminuição de sinais emocionais negativos, como ansiedade, depressão ou raiva, ao mesmo tempo conseguem aumentar a curiosidade e a saúde emocional. Portanto, a resiliência é efetiva não apenas para enfrentar adversidades, mas também para a promoção da saúde mental e emocional⁵⁵⁸.

⁵⁵⁶ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 61.

⁵⁵⁷ CYRULNIK, B., Autobiografia de um espantalho.

⁵⁵⁸ Cf. HIEW et al., Measurement of resilience development, Journal of learning and curriculum development, p. 111-117.

[...] a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência “naturalmente” no desenvolvimento: depende de certas qualidades do processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico humano⁵⁵⁹.

Por isso devemos compreender que não existem seres “invulneráveis”, a resiliência é um estado que varia conforme a idade do sujeito, conforme o conjunto de fatores de risco padecidos ao longo da sua história. Relaciona-se também às características de personalidade e também às escolhas livres de cada um. A resiliência se “tece” ao longo da vida e é dinâmica. Por isso, não se “é” resiliente, mas se “está” resiliente. Alguém pode agir com atitudes resilientes diante de graves situações, porém, pode ter uma queda significativa na capacidade de superação após um acontecimento de outra índole ou, aparentemente, de menor teor traumático para outras pessoas. Pode-se afirmar que a superação de situações traumáticas faz crescer as capacidades de resiliência. Pode-se constatar que, para algumas pessoas, determinadas adversidades chegam a contribuir no amadurecimento como ser humano, na descoberta de um sentido mais profundo dado às coisas e a vida. Porém, as adversidades isoladamente não são necessariamente capazes de promover a resiliência.

O ser humano é dotado de características que o diferenciam dos demais, que o fazem um ser único, é capaz de realizar complexas relações no seu meio e cada pessoa pode reagir de maneiras diferentes a uma mesma situação ou estímulo. Podemos dizer que a individualidade é uma marca do ser humano e se forma a partir de um conjunto de fatores como a genética, o meio em que vive ou mesmo acontecimentos durante sua vida. O ser humano traz consigo marcas e potencialidades desde o seu nascimento e que, dentro de certos limites, poderão ser influenciadas por diversos fatores. Esse conjunto de características herdadas e adquiridas irá formar a personalidade do indivíduo que será própria de cada ser, e determinante no rumo que sua vida irá tomar, suas decisões e até mesmo a profissão que irá seguir⁵⁶⁰.

A personalidade pode ser compreendida segundo diferentes maneiras e teorias, é um fenômeno complexo e existem várias definições para ela.

⁵⁵⁹ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 61.

⁵⁶⁰ Cf. ALLPORT, G.W., Personalidade.

[...] personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos, são as relações do conjunto, corpo-mente que interagem mutuamente e que motivam e influenciam seus pensamentos e atos e será determinante no processo de adaptação do indivíduo⁵⁶¹.

Segundo Cyrulnik⁵⁶², o mais importante a se notar sobre o seu trabalho, diz ele, é que a resiliência não é um traço de caráter: as pessoas não nascem mais ou menos resistentes do que os outros. Mas existem alguns atributos importantes considerados como os “pilares da resiliência”, que foram identificados nos sujeitos tidos como resilientes⁵⁶³.

- a) Introspecção: arte de se perguntar e se dar uma resposta honesta;
- b) Independência: saber fixar limites entre si mesmo e o meio com problemas; capacidade de manter distância emocional e física, sem cair no isolamento;
- c) Capacidade de se relacionar: habilidade para estabelecer laços e intimidade com outras pessoas [...];
- d) Iniciativa: gosto de se exigir e se pôr à prova em tarefas progressivamente mais exigentes;
- e) Humor: encontrar o cômico na própria tragédia;
- f) Criatividade: capacidade de criar ordem, beleza e finalidade, a partir do caos e da desordem;
- g) Moralidade: consequência para estender o desejo pessoal de bem-estar a toda a humanidade e capacidade de se comprometer com valores [...];
- h) Autoestima consistente: base dos demais pilares e fruto do cuidado afetivo consequente da criança ou adolescente por parte de um adulto importante.

Tais atributos são adquiridos ao longo do desenvolvimento humano, dessa forma é preciso perceber que existe relação entre resiliência e desenvolvimento humano. Para qualquer estudo que envolva o paradigma da resiliência é preciso realizar uma contextualização da resiliência de acordo com as etapas desse processo para ter um guia a respeito do procedimento da resiliência em cada etapa desse itinerário.

⁵⁶¹ ALLPORT, G.W., Personalidade, p. 50.

⁵⁶² Cf. CYRULNIK, B., Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana.

⁵⁶³ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 62 e 63.

Pesquisadores da psicologia positiva têm estudado o conceito do “florescimento” (características e causas) em populações, incluindo grupos e nações que apresentam altos níveis de florescimento. No estudo em questão⁵⁶⁴, a teoria de Seligman⁵⁶⁵ é composta por cinco elementos que contribuem para o “alto bem-estar”.

Os cinco elementos que contribuem para o bem-estar são:

- a) Cultivo de emoções positivas, tais como alegria, orgulho, serenidade, esperança, otimismo, confiança, crença, gratidão;
- b) Envolvimento, que é o imergir profundamente em atividades que fazem uso dos seus pontos fortes para experimentar um estado ótimo de concentração, um estado ótimo com foco intenso e motivação intrínseca para o desenvolver ainda mais;
- c) Cultivar relacionamentos positivos, seguros e na base da confiança;
- d) Significado de Pertencer e/ou servir algo com propósito/crença, além de si próprio;
- e) Realização, que é buscar o sucesso, o conhecimento profundo de si e conquistas com as quais se identifique.

A vida humana é marcada por adversidades, situações que nem sempre conseguimos suportar, e por surpresas que afetam internamente e externamente a pessoa. Frente a estas situações, o que se pode fazer? Podemos pensar em fugir ou enfrentá-la. Há pessoas que além de ficarem e enfrentarem as adversidades, ainda conseguem se beneficiar, aprendendo e crescendo emocionalmente. Essas são as pessoas resilientes.

Quando se trata do comportamento humano, a resiliência significa a habilidade de lidar e superar as adversidades, transformando experiências negativas em aprendizado e oportunidade de mudança.

Tornar-se “resiliente” é percorrer um longo caminho, um itinerário. Destacamos três aspectos desse percurso. O primeiro é a aquisição de recursos internos que a pessoa desenvolve desde os primeiros meses de vida; o segundo depende do tipo de agressão, ferida, falta e, sobretudo, a significação que a pessoa atribui para

⁵⁶⁴ DRVARIC et al., High Stress, Low Resilience in People at Clinical High Risk for Psychosis, Canadian Psychology Association, p. 332-347.

⁵⁶⁵ Cf. SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica.

esta ferida; e por último os encontros, as possibilidades de conselho e ação que esta pessoa tem a seu favor⁵⁶⁶. Por isso, as pesquisas em resiliência sempre devem levar em consideração o temperamento da pessoa, o significado cultural da dificuldade, do trauma, da crise e do tipo de apoio social, comunitário que a pessoa dispõe.

Percebemos, então, que o construto resiliência relaciona-se sempre à capacidade do conceito de adaptação positiva. Essa adaptação positiva ocorre quando “o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou quando não houve sinais de desajuste”⁵⁶⁷. Nessas situações, se, apesar das adversidades (fatores de risco), há adaptação positiva, significa que houve uma adaptação resiliente, estabelecida a partir do desenvolvimento dos aspectos individuais. Contudo, não desejamos delimitar o campo de compreensão do construto da resiliência, mas é preciso compreendê-la dentro de uma conceituação multifacetada e dinâmica, que envolve a influência mútua dos processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção, contribuindo para que a pessoa, apesar das adversidades, venha a ter uma vida saudável.

Apresentamos abaixo um sumário dos processos-chave da resiliência, sendo segundo Walsh⁵⁶⁸.

1. Atribuir sentido à adversidade

- Valorização das relações interpessoais
- Sentido de coerência das crises: como desafios administráveis
- Percepção da situação de crise: crenças facilitadoras ou constrangedoras

2. Olhar positivo

- Iniciativa (ação) e perseverança
- Coragem e encorajamento (foco no potencial)
- Esperança e otimismo: confiança na superação das adversidades
- Confrontar o que é possível: aceitar o que não pode ser mudado

3. Transcendência e espiritualidade

- Valores, propostas e objetivos de vida

⁵⁶⁶ Cf. CYRULNIK, B., Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana.

⁵⁶⁷ INFANTE, F., A resiliência como processo, p. 27-29.

⁵⁶⁸ Cf. WALSH, F., Strengthening family resilience.

- Espiritualidade: fé, comunhão e rituais
- Inspiração: criatividade e visualização de novas possibilidades
- Transformação: aprender e crescer através das adversidades

PADRÕES DE ORGANIZAÇÃO

4. Flexibilidade

- Capacidade para mudanças: reformulação, reorganização e adaptação
- Estabilidade: sentido de continuidade e rotinas

5. Coesão

- Apoio mútuo, colaboração e compromisso
- Respeito das diferenças, necessidades e limites individuais
- Forte liderança: prover, proteger e guiar crianças e membros vulneráveis
- Busca de reconciliação e reunião em casos de relacionamentos problemáticos

6. Recursos sociais e econômicos

- Mobilização da família extensa e da rede de apoio social
- Construção de uma rede de trabalho comunitário
- Construção de segurança financeira

PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO

7. Clareza

- Mensagens claras e consistentes (palavras e ações)
- Esclarecimentos de informações ambíguas

8. Expressões emocionais “abertas”

- Sentimentos variados são compartilhados (felicidade e dor; esperança e medo)
- Empatia nas relações: tolerar as diferenças
- Responsabilidade pelos próprios sentimentos e comportamentos, sem busca do “culpado”
- Interações prazerosas e bem-humoradas

9. Colaboração na solução de problemas

- Identificação de problemas, opções

- “Explosão de ideias” com criatividade
- Tomada de decisões compartilhada: negociação, reciprocidade e justiça
- Foco nos objetivos: dar passos concretos; aprender através dos erros
- Postura proativa: prevenção de problemas, resolução de crises, preparação para futuros desafios.

Entendemos que “Ser resiliente” é ter a capacidade de enfrentar crises, traumas, perdas, graves adversidades, transformações, rupturas e desafios, elaborando as situações e recuperando-se diante delas. No entanto, muitas vezes confunde-se resiliência com resistência – que são duas características diferentes, uma pessoa resistente é aquela que resiste a situações de pressão. Já uma pessoa resiliente, além de suportar a pressão, aprende com as dificuldades e os desafios, usando sua flexibilidade para adaptar-se e sua criatividade para encontrar soluções alternativas.

Stefan Vanistendael, baseando-se em pesquisas e experiências práticas, enunciou os cinco âmbitos principais para a promoção da resiliência que estão inter-relacionados entre si. São os seguintes: redes de apoio social, em especial a aceitação incondicional; o sentido da vida, vinculado à vida espiritual e à fé religiosa; as aptidões e o sentimento de controle da própria vida; a autoestima; e o senso de humor. O autor também esclarece que esses itens podem ser ampliados⁵⁶⁹.

Grotberg, por sua vez, organizou os fatores resilientes em quatro categorias que abrangem habilidades interpessoais e de resolução de conflitos, apoio social e força intrapsíquica. As categorias são eu tenho, eu sou, eu estou, eu posso:⁵⁷⁰

Eu tenho

- Pessoas do meu entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente.
- Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas.

⁵⁶⁹ VANISTENDAEL, S.; LECOMTE, J., Resiliencia y sentido da vida, p. 6.

⁵⁷⁰ VANISTENDAEL, S.; LECOMTE, J., Resiliencia y sentido da vida, p. 17.

- Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder.

- Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho.

- Pessoas que me ajudam quando eu estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender.

Eu sou

- Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho

- Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto.

- Respeitoso comigo mesmo e com o próximo.

Eu estou

- Disposto a me responsabilizar por meus atos.

- Certo de que tudo sairá bem.

Eu posso

- Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam.

- Procurar a maneira de resolver os problemas.

- Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo errado ou perigoso.

- Procurar o momento certo para falar com alguém.

- Encontrar alguém que me ajude quando necessito.

Vários outros pesquisadores apresentaram um conjunto de atributos das pessoas consideradas resilientes. Flach, por exemplo, aponta como características:

[...] um forte e flexível sentido de autoestima; independência de pensamento e ação, sem medo de depender dos outros ou relutância em ficar nessa condição de dependência; a habilidade de dar e receber nas relações com os outros, e um bem estabelecido círculo de amigos pessoais, que inclua um ou mais amigos que servem de confidentes; um alto grau de disciplina pessoal e um sentido de responsabilidade; reconhecimento e desenvolvimento de seus próprios talentos; mente aberta e receptiva a novas ideias; disposição para sonhar; grande variedade de interesses; apurado senso de humor; percepção de seus próprios sentimentos e do sentimento dos outros, e capacidade de comunicar esses sentimentos de forma adequada; grande tolerância ao sofrimento; concentração, um compromisso com a vida, e um contexto filosófico no qual as experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança, até mesmo nos momentos mais desalentadores da vida⁵⁷¹.

Diante da realidade da vida, do cotidiano da trajetória de vida de uma pessoa, existem situações de risco, toda pessoa um momento ou outro da sua vida

⁵⁷¹ FLACH, F., Resiliência, p. 124.

estará exposta aos chamados fatores de risco, definidos como influências potenciais para atrapalhar o desenvolvimento normal de um indivíduo. Fatores de risco podem ser definidos como “riscos biológicos ou psicossociais que aumentam a probabilidade de resultados negativos no desenvolvimento em um grupo de pessoas”⁵⁷². Esses fatores de risco “relacionam-se com toda sorte de eventos negativos de vida, e que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”⁵⁷³.

Como afirmamos ninguém é invulnerável, um momento ou outro uma pessoa pode passar por situação de vulnerabilidade, que se refere à “predisposição individual para o desenvolvimento de psicopatologias ou de comportamentos ineficazes em situações de crise”⁵⁷⁴. Por isso, “quanto mais proteção e menos risco, menor vulnerabilidade e quanto mais risco e menos proteção, maior vulnerabilidade”⁵⁷⁵, sendo importante esclarecer que proteção ou fatores de proteção “referem-se às influências que modificam, aperfeiçoam ou alteram a resposta da pessoa aos riscos ambientais que predispõe a um resultado mal-adaptativo”⁵⁷⁶.

É preciso também compreender o conceito de *Coping*, que por sua vez, “tem sido descrito como o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes”⁵⁷⁷.

[...] *coping* é definido como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de stress e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais⁵⁷⁸.

Por isso, não é a situação em si que determina o comportamento da pessoa, mas o modo como ela interpreta a situação. Em algumas situações a pessoa pode ser resiliente, já em outras pode estar totalmente vulnerável e ter mais dificuldade de superação. A resiliência resulta das crenças da pessoa, podendo conduzi-la à adaptação saudável diante das adversidades.

⁵⁷² WERNER, E. E.; SMITH, R. S., *Overcoming the odds*, p. 3.

⁵⁷³ YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H., *Resiliência*, p. 24.

⁵⁷⁴ HUTZ, C. S. *Resiliência psicossocial: fatores de proteção e vulnerabilidade* [anais]. Reunião Anual de Psicologia [on-line], 26, 1996. Disponível: <www.universiabrasil.net/teses>; HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R., *Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco*, p. 80.

⁵⁷⁵ TROMBETA, L. H. A. P.; GUZZO, R. S. L., *Enfrentando o cotidiano adverso*, p. 32.

⁵⁷⁶ RUTTER, M., *Resilience in the face of adversity*, p. 600.

⁵⁷⁷ ANTONIAZZI, A. S.; DELL’AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R., *O conceito de coping*, p. 273.

⁵⁷⁸ LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S., *Stress, appraisal, and coping*, p. 276.

A resiliência tem sua origem em sistemas específicos de crenças que interagem com as adversidades da vida e que conduzem o indivíduo a utilizar habilidades específicas na resolução de problemas e conflitos⁵⁷⁹. É uma experiência que implica amadurecimento e desenvolvimento, ou seja, todo indivíduo tem uma predisposição à resiliência, que pode ser desenvolvida a partir das vivências durante toda a vida.

A resiliência, nas ciências humanas, está relacionada com processos psicossociais que favorecem o desenvolvimento sadio do indivíduo mesmo diante de adversidades e tem como objetivo compreender as características individuais e ambientais que podem ser modificadas para que os indivíduos consigam enfrentar as situações adversas.

O estudo da resiliência em indivíduos que enfrentam situações adversas no seu dia a dia pode ser uma nova e desafiadora tarefa em busca de medidas preventivas na qualidade de vida.

Pela impossibilidade de inferir a resiliência em um indivíduo isoladamente, adota-se a noção de potencial de resiliência, que pode ser mais ou menos desenvolvido ao longo da vida. Trata-se de uma energia inerente aos seres humanos, que precisa ser nutrida e potencializada ao longo de toda a existência de cada um. Também se descarta a possibilidade que a resiliência é um fator específico apenas para o indivíduo. Pelo contrário a capacidade de superação de adversidade é uma qualidade que existe e que pode ser incentivada em qualquer instituição ou grupo social, como família, escola, comunidade ou organização profissional⁵⁸⁰.

Percebemos que a ideia que se assume a partir deste paradigma da resiliência é o desenvolvimento humano em uma perspectiva otimista, pois é possível nos desenvolvermos para uma boa qualidade de vida e não nos determos apenas na recuperação de doenças e do mal-estar, há uma necessidade de se colocar em debate a prevenção aos agravos e a promoção da saúde.

A partir de diferentes olhares, o que se deduz das teorias sobre a resiliência é seu caráter construtivo, que não nasce com o sujeito nem é aquisição exclusiva de fora para dentro, mas sim um processo interativo entre a pessoa e seu

⁵⁷⁹ Cf. BARBOSA, G. S., Os pressupostos nos Estilos Comportamentais de se expressar resiliência.

⁵⁸⁰ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes, p. 13.

meio, o qual capacita e fortalece o indivíduo para lidar positivamente com a adversidade⁵⁸¹.

Queremos destacar o desenvolvimento humano frente às situações de vulnerabilidade e a possibilidade de enfrentamento e superação. Bronfenbrenner formulou sua teoria de desenvolvimento humano, publicada no final da década de 1970, expondo ao campo científico importantes premissas para o planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais. Seus escritos faziam uma séria crítica ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, referindo-se entre outras coisas, à grande quantidade de pesquisas concluídas sobre desenvolvimento “fora do contexto”. Para ele, essas investigações focalizavam, somente, a pessoa em desenvolvimento dentro de ambiente restrito e estático, sem a devida consideração das múltiplas influências dos contextos em que os sujeitos viviam⁵⁸².

As novas reformulações do modelo ecológico de desenvolvimento humano, realizadas por Bronfenbrenner e Morris, incluem uma nova forma de olhar as propriedades da pessoa em desenvolvimento. O novo modelo, que em vez de ecológico passa a ser chamado de bioecológico, tende a reforçar a ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento. Outro aspecto proposto no novo modelo é o construto teórico “processos proximais”, entendido como “formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano”⁵⁸³.

No modelo bioecológico, são rerepresentados quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, o que é designado como modelo PPCT: “pessoa, processo, contexto e tempo”.

A abordagem ecológica desenvolvida por Bronfenbrenner privilegia estudos em desenvolvimento de forma contextualizada e em ambientes naturais, diferentemente de experiências em laboratório, visando apreender a realidade de forma abrangente, tal como é vivida e percebida pelo ser humano no contexto em que habita.

⁵⁸¹ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes, p. 20.

⁵⁸² Cf. BRONFENBRENNER, U., A ecologia do desenvolvimento humano.

⁵⁸³ BRONFENBRENNER, U., A ecologia do desenvolvimento humano, p. 994.

Quanto à concepção de desenvolvimento, Bronfenbrenner, em vez de dar toda a importância aos processos psicológicos tradicionais como percepção, motivação, pensamento ou aprendizagem, enfatiza o conteúdo desses processos como o que é percebido pela pessoa, ou ainda o que é temido, pensado ou adquirido como conhecimento, importando-se mais em como a natureza desse material psicológico pode ser alterada em função da exposição e interação do ser humano em desenvolvimento com o seu meio ambiente. A definição de desenvolvimento humano, para o autor, consiste em:

[...] mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente, [...] é o processo através do qual a pessoa desenvolve uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou restituíram aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo⁵⁸⁴.

Recentemente, Bronfenbrenner e Morris revisaram esse conceito e o complementaram, definindo como desenvolvimento “o processo que se refere à estabilidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos durante o curso de suas vidas e através de gerações”⁵⁸⁵.

[...] a partir da teoria do desenvolvimento ecológico da pessoa, as interconexões de ordem ecológica podem ser estabelecidas no ambiente imediato da pessoa (microsistema), entre ambientes em que ela participa diretamente (mesossistemas), ou entre ambientes nos quais ela talvez nunca participe, mas onde ocorrem eventos conjunturais que afetam seu ambiente imediato (exossistemas). Esses sistemas interconectados são referidos como macrossistemas que vão definir as propriedades dos contextos sociais mais amplos do desenvolvimento humano⁵⁸⁶.

As estruturas ecológicas encaixam-se umas nas outras, influenciando o desenvolvimento individual. Tais interconexões têm impacto sobre as forças que atingem o crescimento psicológico. A interação da pessoa nesses ambientes possibilita descobertas, sustentações ou alterações de suas propriedades pessoais.

Diante disso, a noção de resiliência vem se complexificando, sendo abordada como um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção. O desenvolvimento do constructo enfatiza a

⁵⁸⁴ BRONFENBRENNER, U., A ecologia do desenvolvimento humano, p. 5.

⁵⁸⁵ BRONFENBRENNER, U., A ecologia do desenvolvimento humano, p. 995.

⁵⁸⁶ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes, p. 19-20.

interação entre eventos adversos de vida e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. Por isto, o estudo que Bronfenbrenner apresenta sobre o desenvolvimento ecológico do ser humano introduz a noção de que o ambiente precisa ser valorizado conforme ele é percebido pela pessoa, não conforme ele existe na realidade objetiva⁵⁸⁷.

A resiliência é uma capacidade humana fundamental. Todas as pessoas têm o poder de se transformar e de transformar sua realidade com a condição de encontrar em si mesmos e ao redor de si os elementos que lhe permitem criar essa capacidade de resiliência.

A recorrência das situações de adversidade, crises, catástrofe, vulnerabilidade na vida humana prova que, com a capacidade de resiliência é possível vencer; prova ainda que, mesmo no centro da adversidade, existem possibilidades de modificar a vida, “quebrar” as tragédias transgeracionais mudando os elementos da cena prescrita pelo ambiente. O ser humano possui recursos inacreditáveis e é desses recursos que é preciso cuidar acima de tudo.

Apesar de ouvir falar que na atual sociedade se tem homens e mulheres na indiferença religiosa, apesar de a sociedade viver cada vez mais imersa no consumismo desenfreado, apesar dos conflitos de cultura, de religiosidade, sabemos que a realidade fala de Deus, e que o ser humano sente necessidade da experiência de fé.

Na ação evangelizadora hoje, percebemos as “sedes”⁵⁸⁸ que homens e mulheres vivem nesta época de grandes mudanças, neste tempo de crise. Podem-se nomear algumas: sede de felicidade, de paz, de sentido, de fraternidade, de vida, de escuta, de acolhida, de gratuidade, de amor, de alegria, de beleza, de misericórdia, de ternura, de perdão, de compaixão, de reconhecimento da sua própria dignidade, de justiça, de Deus.

Com esses dados relevantes sobre resiliência e desenvolvimento humano é possível adentrarmos no campo da experiência de fé a partir do itinerário da iniciação à vida cristã e depois refletirmos como essa experiência é promotora de resiliência, tudo isto olhando para o ser humano integral, ou seja, a pessoa no seu todo. Na atual sociedade, que vive uma mudança de época ao trazer consigo al-

⁵⁸⁷ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes, p. 20.

⁵⁸⁸ Cf. CNBB, Estudos 97.

gumas consequências sérias para a religião, tem-se um alvorecer de um novo jeito de crer e de lidar com a religião. Esse novo jeito de se lidar com a religião manifesta-se articulado com novas exigências para o jeito que se compreende a experiência de fé que acontece na vida cotidiana.

3.4.

A experiência de fé no Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com adultos

Em continuidade à nossa reflexão, percebemos, no atual contexto que vivemos em nossa sociedade, o universo do adulto a partir de um binômio, onde de um lado há certo indiferentismo religioso⁵⁸⁹, e de outro lado a sede de Deus como necessidade antropológica⁵⁹⁰, tal situação de indiferentismo em relação à fé é consequência do secularismo⁵⁹¹, como já vimos anteriormente, no entanto, não devemos encarar isto com pessimismo, mas como oportunidade para repensar a ação evangelizadora como um itinerário que conduza à experiência de fé.

Os chamados “batizados não suficientemente evangelizados”, constituem um grande desafio missionário que a igreja no Brasil enfrenta hoje, no entanto, ainda há um sentimento de pertença que estes conservam com a comunidade eclesial, ainda resta neles a herança do catolicismo popular, especialmente através da devoção à Maria Santíssima e aos santos. A procura dos sacramentos nos momentos decisivos da vida: nascimento, morte, primeira Eucaristia dos filhos, Crisma, Casamentos⁵⁹². O fenômeno dos batizados não suficientemente evangelizados é antigo na história do cristianismo, podemos atribuí-lo a uma falta de consciência de pertença à igreja. Poucos assumem os valores cristãos como elementos de uma identidade cultural, não sentindo a necessidade de um compromisso eclesial evangelizador⁵⁹³.

À Luz do caminho percorrido até aqui precisamos ter claro a *identidade* e o *significado* da catequese com adultos na situação atual da sociedade e da Igreja, como um conjunto de necessidades e prioridades. Em um primeiro momento, a catequese com adultos deve ter hoje uma forte dimensão evangelizadora e, portan-

⁵⁸⁹ LAUMANN, Dicionario di Catechética, p. 342.

⁵⁹⁰ Cf. CNBB, Estudos 97.

⁵⁹¹ DSD 153.

⁵⁹² Cf. DAp.

⁵⁹³ DSD 96.

to, ser repensada dentro de um projeto pastoral. Ter presente uma forte *dimensão comunitária*, porque está ligada essencialmente à experiência de fé da comunidade. Deve estar inserida em um projeto geral de *renovação da Igreja*, seja no sentido de um fator importante de reforma eclesial, seja na promoção de novas formas de relação entre a Igreja e o mundo. A catequese com adultos precisa propor um processo de “maturidade” da fé e, portanto, a superação de qualquer tipo de infantilismo no exercício da ação pastoral⁵⁹⁴.

A partir de uma realidade desafiadora nos propomos a refletir sobre a experiência de fé no itinerário da iniciação à vida cristã com adultos, onde há enormes desafios que exigem de nós uma reestruturação global eclesial profunda no tocante à ação evangelizadora da catequese de romper com uma mentalidade doutrinária para uma que proponha experiências de fé a partir de itinerários.

Alguns fatos permitem afirmar, com certo grau de objetividade, que em sua globalidade, a máquina da catequese não funciona, não alcança seus objetivos, está a exigir um reajuste radical. Por exemplo: o aumento da indiferença religiosa e da descrença; a crise de identidade de muitos crentes de hoje; a situação gravemente deficitária do processo de iniciação cristã e da transmissão da fé às novas gerações (o processo de iniciação, converteu-se para muitos em processo de conclusão); a crise de credibilidade da Igreja, sobretudo em sua dimensão institucional que, aos olhos de muitos, constitui mais um obstáculo que um instrumento de evangelização; o divórcio entre fé e vida, entre fé e cultura, o ‘drama da nossa época’, que reduz para muitos o cristianismo a um fato eticamente irrelevante, existencialmente vazio, culturalmente estranho e estéril⁵⁹⁵.

Faz-se necessário, frente a alguns desafios de uma sociedade fragmentada em que vivemos, ter presente a identidade cristã, a identidade de comunidade eclesial e o sentimento de pertença a uma comunidade de fé que testemunha o Cristo, que ajude o adulto que está sendo iniciado na experiência de fé a converter-se e ser convicto da fé que se professa e se vive. A catequese com adultos não é e nem deve ser uma atividade isolada da comunidade eclesial, daí a importância do itinerário com a inspiração catecumenal que necessariamente conduz para a vida eclesial na celebração da liturgia. Por isso, é preciso um itinerário com adultos que seja aprofundamento, maturação, acompanhamento, educação, aprendizado orgânico e sistemático, pela via da experiência de fé, que ajude o adulto a viver como membro da comunidade eclesial.

⁵⁹⁴ ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 32-33.

⁵⁹⁵ ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 9.

Com a renovação do Concílio Vaticano II, de modo especial os bispos que vieram das regiões de missão trouxeram para a discussão a necessidade da evangelização dos adultos não batizados, com isso, surgiu a necessidade de pensar e repensar o itinerário do catecumenato antigo, adaptado às novas realidades para propor um processo de crescimento e amadurecimento da fé.

Nos documentos do Vaticano II, a linguagem da iniciação ocupa um espaço mais limitado e com um relevo bastante modesto. É significativo o fato de que, também só nesses poucos passos, tal linguagem não apareça unívoca: se por um lado, de fato, ela se refere à unidade constituída pelos três sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia, por outro amplia-se para compreender também o catecumenato, sem esquecer o seu uso em referência aos ritos praticados nas sociedades tradicionais dos países de missão⁵⁹⁶.

É na intenção de renovação, portanto, que o Concílio Vaticano II pediu oficialmente a restauração do catecumenato. Em vários de seus documentos o Concílio expressou esta necessidade, mas foi na *Sacrosanctum Concilium* que enfaticamente ordenou a restauração do RICA⁵⁹⁷, a ser organizado em etapas, com os seus ritos de passagem, conduzindo à celebração dos mistérios nos sacramentos pascais. “Restaure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus de modo que o tempo do catecumenato, dedicado a conveniente instrução, possa ser santificado por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas”⁵⁹⁸.

Vale a pena ressaltar a importância da constituição *Sacrosanctum Concilium* que liberta a liturgia do ritualismo e lhe dá uma perspectiva mais teológica. Há, contudo, de reconhecer que o Ritual foi fruto não somente das decisões expressas na Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia e no decreto *Ad gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja e em outros documentos do Concílio, mas buscou recolher duas experiências catecumenais: a iniciação cristã da Igreja patrística e outra anterior ao Concílio, isto é, o esforço catecumenal que surgiu, sobretudo, na França e em alguns países missionários⁵⁹⁹.

Com a promulgação do RICA⁶⁰⁰, a evangelização com os adultos assumiu importância singular como itinerário evangelizador da Igreja. Em consonância

⁵⁹⁶ CASPANI. La pertinenza teológica della nozione di iniziazione Cristiana, p. 713.

⁵⁹⁷ O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) foi promulgado pela Sagrada Congregação do Culto Divino a 06 de janeiro de 1972. Substitui o Ordo baptismi adutorum do Rituale Romanum, aprovado por Paulo V em 1614, no qual não existiam as etapas catecumenais.

⁵⁹⁸ SC 64; 66 e 71; ChD 14.

⁵⁹⁹ Cf. FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 162-163.

⁶⁰⁰ Em cumprimento ao pedido do Concílio Vaticano II, de restaurar o catecumenato, foi elaborado, pela Congregação para o Culto Divino, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), cuja publicação data de 6 de janeiro de 1972. No Brasil, o RICA foi editado em 1974. O grande desa-

com a tradição patrística, o RICA também parte do primado da liturgia como participação no Mistério da salvação. Para tanto, prioriza as Celebrações da Palavra como momentos privilegiados de compreensão do seguimento de Jesus Cristo, de experiência de oração pessoal e comunitária, através dos símbolos e atos litúrgicos⁶⁰¹. O RICA é essencialmente um livro litúrgico no qual está contida a inteira proposta pastoral da iniciação cristã com inspiração catecumenal.

O Concílio Vaticano II imprimiu um movimento de renovação eclesial e permanecem latentes suas interpelações em favor da integração entre fé-vida-sociedade. A urgência de uma “nova etapa de evangelização” tem sido vivida como inquietação, mas também como processo dialógico e de amadurecimento por parte das comunidades eclesiais. É nesse campo de reflexão e debates que se insere o tema de um itinerário de iniciação à vida cristã com adultos, o qual, possibilite experiência de fé.

Notamos que no contexto pastoral ainda predomina a mentalidade e linguagem de uma catequese com crianças e adolescentes. Deixamos claro que não se trata de menosprezar ou relegar a catequese com as demais idades, mas é preciso ter como prioridade especial, nos itinerários catequéticos, a realidade dos adultos. Vale lembrar algumas dimensões importantes que o Diretório Nacional de Catequese traça, as quais acreditamos serem uma via que possibilite um itinerário integral de experiência de fé para os adultos.

A catequese, como elemento importante da iniciação à vida cristã, implica um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não plenamente iniciados, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da fé cristã. Trata, de forma sistemática, de um modo elementar e coerente, que forneça base sólida para a caminhada “rumo à maturidade em Cristo” (cf. Ef 4,13), com as seguintes dimensões, interligadas entre si: a) descoberta de si mesmo; b) experiência de Deus; c) anúncio e adesão a Jesus Cristo; d) vida no Espírito; e) celebração litúrgica e oração; f) participação na comunidade; g) interação fé e vida, e serviço fraterno, de acordo com os valores do Reino; h) a formulação da fé; i) o diálogo com outros caminhos e tradições espirituais; j) o relacionamento de cuidado com o cosmo⁶⁰².

fio continua sendo sua implantação e conscientização. Há dioceses onde ele é devidamente assumido, enquanto outras em que ele é pouco conhecido e valorizado. O catecumenato tem no livro litúrgico RICA sua referência obrigatória, cuja publicação situa-se dentro da reforma litúrgica, no contexto do *aggiornamento* do Vaticano II. CNBB. *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* (ritual romano renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do papa Paulo VI). 3. ed. São Paulo, 1980. Em português teve uma reedição em 2001, elaborada pelo setor liturgia da CNBB, nas notas seguintes utilizaremos a sigla RICA.

⁶⁰¹ RICA 106.

⁶⁰² CNBB, Doc. 84, 39.

O itinerário com adultos a partir da iniciação à vida cristã deve oferecer possibilidade de caminho de experiências de fé para a maturidade da iniciação, por isso, os processos devem perpassar todos os ambientes da vida. Assim, nossa reflexão quer mostrar que com o itinerário da iniciação à vida cristã com adultos a partir do RICA é possível possibilitar aos adultos experiências profundas de fé que permitam a realização de ações transformadoras no convívio familiar, comunitário e social. Portanto, é a partir das celebrações de passagem como via da experiência de fé que desejamos aprofundar na dinâmica da inspiração catecumenal do itinerário da iniciação à vida cristã com adultos.

Acreditamos que o processo da inspiração catecumenal proposto pelo RICA responde às questões pastorais da atual realidade evangelizadora, para possibilitar aos adultos de hoje fazer experiências de fé. Também é interessante perceber, com a proposta da inspiração catecumenal, a necessidade do acompanhamento pessoal proposto pela própria metodologia do processo com o seu eixo catequético-litúrgico. Com a proposta do itinerário da iniciação à vida cristã é possível responder às orientações mais profundas do mandato missionário, em uma linha Mistagógica com o anúncio querigmático e a formação do discípulo-missionário.

O RICA destina-se ‘aos adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres procuram o Deus vivo e encenam o caminho da fé e da conversão’⁶⁰³, Visa, essencialmente, apresentar a maneira como a Igreja acolhe e inicia aqueles que pedem para ser cristãos. É signo de uma Igreja que quer acolher aqueles que se voltam para ela para encontrar Deus, e as perspectivas do catecumenato são colocadas como uma exigência de autenticidade e de santidade para a comunidade cristã. É também o signo de uma Igreja que sabe que toda ela vem de Deus, e que põe no centro da iniciação cristã, os ritos sacramentais pelos quais Deus santifica sua graça àqueles que quer tonar seus filhos⁶⁰⁴.

A realidade nos mostra que a demanda dos adultos para o itinerário da catequese tem cada vez mais aumentado nas realidades paroquiais. Todavia, a transmissão da fé cristã em ambiente familiar e na infância não tem sido uma constante na sociedade atual, na qual a educação da fé ou até mesmo as escolhas religiosas são delegadas a um plano individual e a liberdade de escolha religiosa aparece como uma defesa dos direitos humanos e não como algo a ser cultivado

⁶⁰³ RICA 1.

⁶⁰⁴ LELO. F. A., A iniciação cristã, p. 39.

pela família e comunidade eclesial. Essa é também uma das causas de muitos buscarem a experiência de educação e aprofundamento da fé apenas na vida adulta.

A retomada do percurso do itinerário da iniciação à vida cristã com adultos como tema central na atualidade acontece pelo fato de que, mesmo com todos os acenos dos diversos documentos oficiais do magistério e de outros escritos, que colocam como eixo principal da ação evangelizadora a catequese com adultos, ainda há muito por se fazer. Mas, aos poucos esta realidade da catequese com adultos vai tomando força, temos o alvorecer de novas atitudes pastorais com relação à catequese com adultos, não mais como uma extensão da catequese tradicional aos adultos, mas a partir da proposta de um itinerário que preze pela experiência de fé que leva em conta as condições, as necessidades e características próprias do ser adulto.

Por isso, uma catequese evangelizadora com adultos deve se revestir de um dinamismo e da mística da vivência do Evangelho, tão buscada na nova evangelização que pede e espera novo modelo, “que toda a catequese assuma as feições do processo catecumenal dos primeiros tempos do Cristianismo, adaptado aos novos tempos. Aqui, a teologia como escola de reflexão, dialoga com a catequese, escola de conversão”⁶⁰⁵.

A realidade do adulto é o campo para pensarmos e estruturarmos um itinerário de iniciação à vida cristã que o ajude a fazer uma profunda experiência de fé e corresponda aos anseios e expectativas desse adulto. O Diretório Geral para a catequese⁶⁰⁶ aponta caminhos para um itinerário como processo de evangelização estruturado em etapas. É preciso que a Igreja promova para estes adultos “uma renovada espiritualidade que, iluminada pela fé que se proclama, anima com a sabedoria de Deus, a autêntica promoção humana e seja fermento de uma cultura cristã”⁶⁰⁷.

A experiência de fé que desejamos aprofundar passará pelas celebrações catecumenais estruturadas pelo RICA, pois esses momentos devem sempre acontecer na comunidade, porque a fé não pode ser vivida isoladamente ou apenas de forma individual, visto que corre-se o risco de tornar-se uma fé intimista e individualista conduzindo ao egoísmo, situação contrária à construção do Reino. “A

⁶⁰⁵ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 31.

⁶⁰⁶ DGC, 5. ed., 49, cf. 57-59; 62; 64.

⁶⁰⁷ DSD 45.

fé do cristão cresce na medida em que ele caminha com a comunidade na busca e cumprimento da vontade de Deus. E a vontade de Deus é o ideal do amor na reciprocidade de doação. Isto exige uma atitude de constante conversão, e por isso é a primeira opção de toda comunidade eclesial”⁶⁰⁸.

Uma profunda experiência de fé vivida no itinerário da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal deve levar o adulto a viver uma vida de intimidade com o Senhor, como caminho de santificação, bem como a sua missão em relação à história, transformando-a; em relação à família, santificando-a; e na política, modificando-a, colaborando assim para que o mundo seja segundo o projeto de Deus.

Precisamos dum espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. Desta forma, todos os momentos serão degraus no nosso caminho de santificação⁶⁰⁹.

Em concordância aos tempos atuais e atenção aos sinais dos tempos⁶¹⁰ o itinerário da iniciação à vida cristã propõe etapas progressivas de experiências de fé, onde é possível identificar em todo o processo um caminho mistagógico. A partir de um diálogo catequético-litúrgico com adultos estamos repropondo a possibilidade concreta de um resgate da experiência catecumenal das origens da Igreja, como referencial para um itinerário de iniciação com adultos hoje.

O itinerário da iniciação à vida cristã com adultos a que nos propomos refletir desenvolve-se com base na Palavra de Deus, na liturgia como experiência mistagógica, no compromisso explicitado na mudança de vida e no testemunho pessoal e comunitário, por isso, a liturgia ocupa lugar central na experiência cristã, e a sua relação com a vida sacramental é de integração. Nesse sentido, o itinerário da iniciação à vida cristã com os adultos deve ser compreendido como processo, itinerário iniciado pela ação salvífica de Deus na história, na vida pessoal e comunitária.

Atualmente se fala muito de catequese da experiência ou experiencial, de catequese como aprofundamento e leitura da experiência, como comunicação de experiências de fé etc. Onde a princípio dominava o ensino doutrinal, hoje se privilegia a expe-

⁶⁰⁸ DSD 250.

⁶⁰⁹ FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica Gaudete et exsultate.

⁶¹⁰ EN 75.

riência vivida, as atitudes diante da vida, em um contexto que sempre parece exaltar o clima emocional e a fuga para o vago e o irracional. Daí o problema: que relação existe entre experiência e comunicação da palavra de Deus? É possível uma catequese da experiência que permaneça fiel à mensagem de Deus em Cristo? A missão da catequese é anunciar o Evangelho ou aprofundar experiências?⁶¹¹

Acreditamos que a iniciação é uma experiência da fé buscada de forma livre e consciente. As pessoas não podem inculcar a fé, é necessário recebê-la, e o objeto da iniciação é precisamente manifestar a iniciativa primeira de Deus valendo-se da interpelação evangélica, da abertura do coração e da recepção dos sacramentos⁶¹².

Por isso, temos necessidade da “inspiração catecumenal”, pois, ela favorece a experiência do encontro com o Senhor na comunidade cristã, fazendo da catequese um percurso importante de mergulho no mistério de Cristo, uma preparação séria, personalizada e bem articulada. A “inspiração catecumenal” obriga-nos a uma revisão, não só do processo catequético global de transmissão da fé, mas de todo o conjunto do agir pastoral e do próprio *projeto de Igreja* a ser promovido e construído⁶¹³.

A missão do catecumenato consiste, segundo o Ritual, em “reavivar nos catecúmenos uma fé ativa”⁶¹⁴, através de uma adequada “preparação” ou “Formação cristã”⁶¹⁵. Contudo, o catecumenato não é uma escola em que se aprende, mas um lugar de iniciação em que se descobre, porque a fé é fundamentalmente experiência pessoal que se testemunha na vida e se confessa na comunidade. A iniciação é um processo no seio de uma comunidade, constituído, segundo o Ritual, por várias etapas nas quais a catequese, as celebrações, as relações interpessoais e os compromissos ajudam o catecúmeno no seu processo lento e progressivo de amadurecimento da fé e da conversão⁶¹⁶.

Partindo deste dado de um itinerário que possibilite experiência de fé, pretendemos apresentar essa experiência comunitária feita a partir das etapas do RICA.

Cada etapa desse caminho progressivo não está fechada à outra, mas está aberta à seguinte em um crescimento dinâmico em busca de perfeição mais profunda. Nesse itinerário de acolhida do mistério de Deus, a pessoa precisa *ser iniciada*, por meio de *experiências* que a toquem profundamente e a impulsionem à sua conversão. Os processos formativos iniciáticos religiosos procuram levar os iniciantes a uma ex-

⁶¹¹ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 106.

⁶¹² Cf. AUBRY, A., Le projet pastoral du rituel de l'initiation des adultes, p. 180.

⁶¹³ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. Itinerário Catequético, p. 46.

⁶¹⁴ RICA 3.

⁶¹⁵ RICA 7.

⁶¹⁶ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 129-130.

periência de Deus, sempre presente nos acontecimentos de sua vida pessoal e comunitária⁶¹⁷.

Por isso, para que se efetive um itinerário de iniciação à vida cristã de experiência de fé, a comunidade eclesial precisa estar em um processo de escuta e de discernimento, e sempre em processo de formação pastoral-teológica, onde a integração entre itinerário catequético, leitura orante, liturgia e seguimento de Jesus Cristo, tornam-se fonte mistagógica de experiência de fé com processo para a vida cristã em comunidade.

Neste contexto do itinerário da iniciação à vida cristã precisamos olhar para o ser humano, no nosso caso o adulto, que deseja aprofundar sua vida de fé e uma conversão sincera à vida cristã, mais do que uma preparação imediata para os sacramentos, no entanto, a resposta livre e sincera de fé e conversão é motivada pelo Espírito Santo, que deseja abrir os corações⁶¹⁸.

O RICA valoriza a livre resposta da fé progressivamente amadurecida e simbolizada nos ritos catecumenais ou no tempo posterior à recepção do sacramento como parte integrante do acontecimento sacramental, não porque o sacramento dependa da resposta humana, mas porque a plenitude do acontecimento sacramental supõe o amadurecimento consciente da fé e sua encarnação numa vida teologal expressiva na Igreja que se abre à Páscoa eterna⁶¹⁹.

Como vimos anteriormente, desde o Concílio Vaticano II, é clara a consciência de que, perante a nova situação em que no deparamos nestes tempos em uma sociedade em constantes transformações, há a necessidade de uma atitude missionária da Igreja que nos conclama à novas exigências ao anúncio do Evangelho, com isso nos defrontamos com a urgência de um novo modelo: a passagem de um cristianismo de caráter popular e transmitido socialmente – onde um conjunto de fatores sociais favoreciam a aproximação à fé e a socialização religiosa – para uma ação catequética a partir de um itinerário.

A *Evangelii Gaudium* faz-nos perceber que a nossa atividade catequética encontra-se dentro de uma experiência cristã que está sendo chamada à conversão⁶²⁰. A experiência catequética está sendo convidada a deixar-se interrogar pelas transformações culturais que tornaram a fé e sua transmissão problemáticas e, ao

⁶¹⁷ CNBB, Doc. 107, 79.

⁶¹⁸ RICA 9.

⁶¹⁹ LELO. F. A., A iniciação cristã, p. 53.

⁶²⁰ EG 25-33.

mesmo tempo, desafiadoras⁶²¹ e que exigem nossa reflexão profunda e, principalmente, uma nova forma missionária de conceber o perfil da atividade catequética e de sua fundamental importância pastoral na ação evangelizadora atual⁶²².

A consciência dessa realidade implica em saber que nem sempre os adultos foram alvo de uma primeira evangelização, por isso, é preciso ter como elemento central o primeiro anúncio, necessário para um primeiro passo no processo de experiência de fé; portanto, propor no itinerário o primeiro anúncio.

Nos dedicaremos em refletir daqui para frente nos quatro tempos do RICA⁶²³ buscando extrair de cada etapa aquilo que provoca experiência de fé no adulto que percorre este itinerário de iniciação à vida cristã.

Primeiro tempo apresentado como pré-catecumenato, tempo do *querigma*, neste tempo o iniciante deve mergulhar na graça de Deus e nos mistérios de amor deste Deus. Segundo tempo, o catecumenato é o tempo mais longo, tempo de ensino e aprofundamento. Ele vai se iniciar com a celebração de entrada para o tempo de catequese. Terceiro tempo chamado de purificação e iluminação, neste tempo o catecúmeno e/ou catequizando consciente de sua escolha é eleito para a recepção dos sacramentos de Iniciação Cristã. O eleito assim fará uma experiência de amadurecimento espiritual com a finalidade de purificar a mente e o coração para uma consciente experiência do Encontro com Cristo presente nos sacramentos. Quarto tempo, a mistagogia que é o tempo propício que pode ser vivenciado no tempo Pascal. Iluminados pelos sacramentos recebidos, agora os iniciados cheios da graça santificante advinda dos sacramentos recebidos poderão conhecer onde podem de forma concreta viverem sua missão na Igreja⁶²⁴.

Na primeira etapa descrita no RICA chamada comumente de pré-catecumenato ou momento da primeira evangelização, ou querigma “o candidato à *Iniciação à Vida Cristã* aparece como um simpatizante no qual o Espírito interveio, movendo-o à conversão que interpela a Igreja (essencialmente missionária) a

⁶²¹ EG 52-75.

⁶²² COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. Itinerário Catequético, p. 39.

⁶²³ A Igreja, a partir do Vaticano II, propõe a experiência catecumenal, a ser adaptada com características adequadas ao nosso tempo. Temos um processo que serve de inspiração, exposto no *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*, dividido em *quatro tempos* denominados: *pré-catecumenato* (evangelização ou primeiro anúncio), *catecumenato*, *iluminação e purificação e mistagogia*. A passagem de um tempo para o outro é marcada por *três momentos celebrativos*, denominados etapas: 1. o rito de admissão ao catecumenato; 2. o rito da eleição ou inscrição do nome dos que irão celebrar os Sacramentos da Iniciação; e 3. a celebração desses Sacramentos. E há também os ritos das bênçãos, entregas, exorcismos, escrutínios, (rito de transição), que acontecem ao longo de todo o processo (CNBB, Doc. 107, 117).

⁶²⁴ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. Itinerário Catequético, p. 71-72.

apresentar-lhe o querigma, criando as condições históricas para sua acolhida, reconhecimento, discernimento e acompanhamento”⁶²⁵.

Por isso, a urgência de pensar a iniciação cristã como um processo pelo qual a pessoa é incorporada ao mistério de Cristo Jesus; como algo que se propõe viver por toda a vida, é uma proposta que vai além de um “cursinho” que é acompanhado com ações celebrativo-litúrgicas, pois desejamos oferecer um itinerário que possibilite conhecer, celebrar e viver os conteúdos da fé. Sabemos que pelas afirmações teológicas a iniciação se dá na celebração dos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, mas o que se propõe atualmente é a vivência de um itinerário que garanta uma formação intensa e integral, vinculada a ritos, símbolos e sinais que conduzam aos mistérios da fé no seguimento a Jesus Cristo pela via da experiência de fé.

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo *querigma* e que guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão⁶²⁶.

Nessa primeira etapa do itinerário da iniciação à vida cristã, o adulto é chamado a viver a fé e a conversão com o desejo sincero de amadurecer para seguir a Cristo. Essa atitude consiste no primeiro movimento da pessoa ao sentir-se chamada do pecado para o mistério do amor de Deus. O princípio de conversão coincide com o desejo de mudar de vida e relacionar-se pessoalmente com Deus na oração⁶²⁷. Não é momento de tirar dúvidas de fé ou de aprofundar sobre a fé, mas é momento propício para se fazer experiências de fé nas relações humanas com a comunidade eclesial.

O objetivo das reuniões pré-catecumenais é refletir sobre a vida, a fim de, pela experiência adquirida, se propor a vida cristã. Sem uma existência vivida em profundidade e autenticidade, dificilmente Deus se pode manifestar. A comunicação mútua é uma revelação do tu a tu, descobrindo o positivo da vida para chegar, em esperança, a uma tomada de consciência cristã em comum, a uma conversão⁶²⁸.

⁶²⁵ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. Itinerário Catequético, p. 53.

⁶²⁶ DAp 289.

⁶²⁷ RICA 211,10, 15.

⁶²⁸ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 143.

Essa etapa⁶²⁹ destina-se a motivar o candidato a mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus. É o tempo do querigma ou primeira evangelização, anuncia-se o Deus vivo e Jesus Cristo, a fim de que os não-cristãos creiam e se convertam ao Senhor⁶³⁰, também levamos em consideração aqueles adultos que desejam aprofundar a sua primeira experiência de fé. Esse primeiro momento de evangelização deve ser de despertar o adulto para o seguimento, deve ajudá-lo a fazer experiência de encontro de vida e partilha à luz do mistério pascal, é momento de acolhida e de encantamento, a maior expressão de acolhida acontece na celebração do rito de instituição dos catecúmenos. O adulto é chamado a conhecer e a desejar viver com um sentido cristão, a aprender a conhecer a Cristo como aquele que “satisfaz e até supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais”⁶³¹.

Querigma e evangelização são expressões e atividades correlatas e, portanto, a essência do querigma bem poderia ser iluminada com aquelas palavras que a Congregação para a Doutrina da fé disse sobre o termo evangelização: “em sentido amplo, esse resume toda a missão da Igreja, porque toda a sua vida consiste em realizar a *traditio Evangelii*, o anúncio e a transmissão do Evangelho, que é “força salvadora de Deus para todo aquele que acredita” (Rm 1, 16) e que em última essência se identifica com o próprio Cristo (cf. I Cor 1, 24). Por isso, assim entendida, a evangelização tem como destinatária toda a humanidade. Em todo o caso, evangelizar significa não só ensinar uma doutrina, mas anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e ação no mundo”⁶³².

A evangelização compete a todos os cristãos e à Igreja inteira. A evangelização é de tal maneira razão de ser da Igreja que esta se constitui quando evangeliza. Por tal razão, a ação evangelizadora procede da comunidade de crentes e contribui para dar vigor à comunidade cristã. É preciso, antes de mais nada despertar e manter esta consciência evangelizadora na comunidade cristã, através de ações de formação, exprimindo-a também em todos os momentos celebrativos e empenhativos⁶³³.

Nesse sentido, o anúncio do querigma deve ir ao encontro dos desejos mais profundos do coração humano. Os adultos hoje desejam escutar a mensagem da

⁶²⁹ Cf. RICA 7a, 9-13.

⁶³⁰ Cf. RICA 7, 10-11.

⁶³¹ Cf. RICA 9.

⁶³² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Nota doutrinal, 2.

⁶³³ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 138.

salvação, que cura, que liberta, que acolhe, que escuta, ainda que disso não saibam e até mesmo relutem no começo. Por isso, é preciso ter audácia, energia e atrevimento apostólico para fazer este anúncio que desperte, encante e provoque seguimento. Somente quem está profundamente convencido do bem do Evangelho o anuncia com entusiasmo e tem mais facilidade para ajudar os outros a fazer uma profunda experiência de fé em e com Jesus Cristo.

No Ritual, há um rito próprio pelo qual se recebe os candidatos, acompanhados pelos seus introdutores, no catecumenato, ou para o tempo da catequese: Celebração da entrada no Catecumenato. Os introdutores são homens ou mulheres que conhecem, ajudam e são testemunhas dos costumes, fé e desejo dos catecúmenos; não é necessário que sejam padrinhos⁶³⁴.

A celebração de entrada para o tempo do catecumenato ou da catequese traz em sua estrutura alguns elementos que possibilitam uma profunda experiência de fé para os adultos que dela participam, bem como para a comunidade, o rito traz momentos fundamentais que caracterizam o início do caminho de fé que a Igreja propõe como processo de iniciação à vida cristã.

O primeiro momento é de acolhida, após serem acolhidos pela comunidade, os catecúmenos ou catequizandos pedem, por meio de um diálogo com o presidente da celebração, para receber a fé, sabendo que esta lhes concederá a vida eterna. Os “introdutores”, pessoas da comunidade cristã que acompanharam durante o tempo do querigma ou pré-catecumenato, são interrogados pelo presidente da celebração se “estão dispostos a ajudá-los a encontrar e a seguir Cristo”⁶³⁵.

Após esse diálogo sobre a adesão à fé e a disposição dos introdutores de continuar acompanhando, os catecúmenos e catequizandos são marcados com o sinal da cruz. O gesto de marcar a cruz sobre o corpo é o “primeiro sinal da ação de Cristo sobre os catecúmenos”⁶³⁶. E assim, a oração de conclusão desse momento de acolhida, o rito conclama: “marcados com o sinal da cruz, seguindo os passos de Cristo, conservem em sua vida a graça da vitória da cruz e a manifestem por palavras e gestos”⁶³⁷.

O convite para entrar na Igreja-templo é momento significativo na vida dos catecúmenos e catequizandos, pois de agora em diante, serão convidados a ali-

⁶³⁴ RICA 42.

⁶³⁵ RICA 77.

⁶³⁶ TENA, P.; BOROBIO, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 29.

⁶³⁷ RICA 87.

mentar-se da mesa da Palavra de Deus junto com toda a comunidade. O Ritual apresenta que, após a homilia, o presidente da celebração deve entregar aos catecúmenos ou catequizandos o livro dos evangelhos, para que possam viver este tempo de aprofundamento da vida em Jesus Cristo; é significativo esse gesto, pois o presidente da celebração os entrega com estas palavras: “Recebe o livro da Palavra de Deus. Que ela seja luz para a sua vida”⁶³⁸. Aqui vemos expresso pelo próprio ritual que o tempo da catequese deve ser essencialmente alimentado pela Bíblia, livro principal da ação evangelizadora da catequese.

Em seguida, toda a comunidade é convidada a fazer uma prece pelos catecúmenos ou catequizandos, pedindo “para que sejam sempre fervorosos, alegres na esperança e dedicados ao serviço do Senhor e sejam conduzidos à fonte do novo nascimento”⁶³⁹. O Ritual prevê a saída dos catecúmenos da celebração, a prática pastoral de inspiração catecumenal nos ajuda a perceber que não há necessidade dessa atitude.

Essa celebração de entrada é extremamente acolhedora, possibilita a todos os candidatos experiência de fé de acolhida e participação na vida da comunidade eclesial. Nesse caso da celebração de entrada, a acolhida e a capacidade de escuta da comunidade são mais que essenciais. Essa celebração é essencial na iniciação cristã, pois, pela primeira vez, os candidatos à recepção dos sacramentos se reúnem publicamente com a comunidade e “manifestam suas intenções à Igreja, enquanto esta, no exercício de seu múnus apostólico, acolhe os que pretendem tornar-se seus membros”⁶⁴⁰.

A Igreja precisa ser o lugar onde os adultos se sentem valorizados e apoiados e assim ser protagonistas de sua vocação de engajamento eclesial. Com isso, percebemos o papel importante que a comunidade exerce nesse momento do processo de iniciação à vida cristã.

Sujeito indispensável dos processos de Iniciação à Vida Cristã é toda a comunidade cristã. Ela é responsável pelo rosto que a Igreja vai apresentar a quem dela se aproxima; é necessário recuperarmos esta convicção e com ela sermos coerentes. O processo de Iniciação à Vida Cristã requer a acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente

⁶³⁸ RICA 93.

⁶³⁹ RICA 95.

⁶⁴⁰ DAp 240.

experiência eclesial. A Iniciação dos chamados ao discipulado se dá pela comunidade e na comunidade⁶⁴¹.

É necessário investir nesse primeiro momento, chamado de querigma e na celebração de acolhida para o tempo do catecumenato ou catequese, pois, saber acolher é uma arte; nos encontros, e na própria celebração, algumas atitudes como um sorriso, um cumprimento ou um abraço, tudo ajuda a fazer com que a pessoa se sinta acolhida. Acreditamos que não valorizar a presença do outro, tratar com frieza ou com certa apatia, comprometem a qualidade das relações humanas e em consequência compromete todo o processo do itinerário da iniciação à vida cristã. “O primeiro ministério que toda a comunidade deve realizar perante um adulto que dela se aproxima é o do acolhimento”⁶⁴².

Acreditamos que uma boa acolhida por parte de toda a comunidade faz uma grande diferença na vida de quem está chegando, às vezes o primeiro momento de contato com algum membro da comunidade pode se tornar algo decisivo para todo o caminho que a pessoa percorrerá no processo da iniciação à vida cristã, por isso, a presença da comunidade na celebração de entrada para o tempo do catecumenato ou catequese é de suma importância.

Do ponto de vista teológico, acolher é viver o preceito evangélico do amor. Os evangelhos, especialmente S. João, mostram a atitude de acolhimento que Cristo teve para com Nicodemos (um membro judeu do Senado), a samaritana (uma mulher do povo marginalizada) e o centurião (um funcionário real pagão). Jesus acolheu publicanos e fariseus, prostitutas e adúlteros, doentes e marginalizados, crianças e massas populares. A comunidade cristã deve viver ministério do acolhimento. Na realidade, não é o homem que dá o primeiro passo para se aproximar da Igreja ou de Cristo, mas Deus que primeiro se aproxima do homem⁶⁴³.

Além da acolhida outro elemento que consideramos importante para quem chega na vida eclesial é o testemunho. Pois sabemos que as atitudes falam mais forte ao coração do que a palavra, evangelizar é mais do que anunciar uma palavra, é colocar a própria palavra, a própria ação, a própria vida a serviço do Evangelho de tal forma que elas possam ser a expressão humana da Palavra viva de Deus, da Palavra pronunciada por Deus a cada momento como o sentido da existência no cotidiano da vida.

⁶⁴¹ CNBB, Doc. 107, 106.

⁶⁴² FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 140.

⁶⁴³ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 141.

As palavras anunciadas pela comunidade cristã terão força na vida daqueles que as escutam, na medida em que forem capazes de encontrar, sem dualismos, a unidade indivisível de uma vida que deve ser, toda ela, testemunho do Evangelho. Um traço importante do jeito Jesus em sua missão é a coerência com que ele demonstra, na própria vida, a compaixão e o amor redentor do Pai. "O mundo de hoje precisa mais de testemunhas do que de mestres e, se aceita os mestres, é porque também são testemunhas"⁶⁴⁴. Uma evangelização com adultos é dar testemunho de um modo de viver capaz de restaurar esperanças e fornecer um projeto empolgante de fraternidade. O catequista não fará isso sozinho: a própria comunidade precisa ser o retrato daquilo que ele anuncia.

A existência pessoal é um ingrediente básico na comunicação da fé, já que a vida da testemunha é a melhor prova imediata daquilo que comunica. De fato, é-se cristão a partir experiência ou da verificação interior. Para se examinar o ser cristão não se parte de um discurso, mas da existência humana vivida pelo crente de um modo peculiar à luz das exigências do evangelho. Há experiência humana quando há relação conosco mesmos, com os outros e com o mundo, participação real do sujeito num acontecimento e tomada de consciência de um modo englobante⁶⁴⁵.

Com a celebração de entrada dá-se início ao segundo tempo, o catecumenato ou catequese que é o mais longo, tempo de ensino e aprofundamento. Segundo o RICA⁶⁴⁶, a entrada no catecumenato é o rito pelo qual os candidatos se apresentam pela primeira vez e manifestam à Igreja o seu desejo, e esta, no cumprimento do seu dever apostólico, admite aqueles que pretendem ser seus membros.

O acolhimento do catecúmeno pela comunidade é necessário para ajudar o convertido nos passos do seu itinerário cristão. Ao acolher o convertido, a comunidade compromete-se a apoiá-lo na sua vida de fé mediante os padrinhos, a iluminá-lo no seu itinerário espiritual com a catequese, a inseri-lo no seio de uma assembleia viva por meio da liturgia e a dar impulso ao seu compromisso no seu próprio ambiente. Estes serviços constituem a base do ministério catecumenal. A entrada na Igreja manifesta-se através de um gesto visível: uma celebração que converte uma pessoa de um modo real e original, em membro do povo de Deus⁶⁴⁷.

Esta etapa denominada de catecumenato ou catequese é o tempo mais longo, dedicado principalmente a instrução catequética. No entanto, são proporcionados momentos profundos de experiência de fé, nas celebrações, que ajudam o catecú-

⁶⁴⁴ PAULO VI, PP., Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.

⁶⁴⁵ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 140.

⁶⁴⁶ RICA 68-87.

⁶⁴⁷ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 144.

meno ou catequizando a manter vivo o desejo do seguimento a Jesus Cristo, o Ritual propõe, de forma progressiva, alguns ritos ao longo desse período, visando o crescimento na fé e o comprometimento da pessoa com a comunidade cristã.

Considerada como parte da iniciação cristã, a catequese não é uma supérflua introdução na fé, um verniz ou um cursinho de admissão à Igreja. É um processo exigente, um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento dos grandes segredos da fé (mistérios), da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia⁶⁴⁸.

Para essa etapa de aprofundamento, o RICA prevê vários ritos que ajudarão em um itinerário progressivo da fé, ajudarão o adulto a ir mergulhando mais eficazmente na vivência da fé cristã, tais como: celebrações da Palavra de Deus com exorcismos, bênção dos catecúmenos, unção dos catecúmenos, entrega do símbolo e entrega da oração do Senhor celebrados de forma progressiva, em épocas sucessivas que marcam a transição de uma fase para outra, introduzindo os catecúmenos na vida da fé, da liturgia, ajudando-o assim a viver já neste mistério que é a vida cristã, pois “não somos nós que entramos no Mistério da fé cristã, é o Mistério que vem até nós!”⁶⁴⁹ Todos as etapas e fases do itinerário da iniciação à vida cristã são embebecidos de mistagogia que propõe a acolhida do primado da Revelação plena em Jesus Cristo e, por ele, deixar-nos conduzir ao Pai. “Se considerarmos que a liturgia é a ação privilegiada da Igreja pela qual é atualizada, permanentemente, a Páscoa de Cristo, ela se torna um momento estruturador de toda catequese, é uma mediação essencial dela”⁶⁵⁰.

O RICA denomina esse período catecumenal com algumas terminologias simpáticas tais como “instrução pastoral”, “formação de vida cristã durante um período devidamente prolongado” ou iniciação “nos mistérios da salvação”, “na prática dos costumes evangélicos” e “nos ritos sagrados, celebrados sucessivamente cada um no seu momento próprio”⁶⁵¹. É “um tempo prolongado, durante o qual os candidatos recebem formação cristã e se submetem a uma adequada disciplina. Com estes auxílios, as disposições de espírito, que manifestaram à entrada, atingem a maturidade”⁶⁵².

⁶⁴⁸ CNBB, Doc. 84, 50.

⁶⁴⁹ VILLEPELET, D., La liturgie comme médiation de la catéchèse, p. 67.

⁶⁵⁰ VILLEPELET, D., La liturgie comme médiation de la catéchèse, p. 68.

⁶⁵¹ RICA 98.

⁶⁵² RICA 19.

Na prática pastoral as celebrações desse período catecumenal dedicado essencialmente a catequese, ao processo de educação e amadurecimento da fé são motivadoras para os catecúmenos e catequizandos, ajudando-os a viver profundas experiências de fé. Vamos destacar algumas dessas celebrações.

A celebração da Palavra durante esse momento é propícia para ajudar os catecúmenos e catequizandos a terem contato íntimo com a palavra de Deus a qual estão aprofundando. A celebração da Palavra de Deus é um ato litúrgico reconhecido e incentivado pela Igreja. Sua reflexão torna-se ainda mais significativa se considerarmos o apreço das comunidades pela leitura e meditação da Sagrada Escritura e a prática da Leitura. Esta pode acontecer em diversas ocasiões durante este tempo catecumenal. A celebração da palavra tem força catequética, com isso a celebração litúrgica deve ser considerada uma catequese em ato. A celebração da Palavra:

Por ser uma profissão de fé em ato e comunicação de graça, já que realiza o que significa. Porém, para que uma celebração litúrgica seja realmente uma experiência de fé e de vida cristã e, por conseguinte, intensamente educadora, é necessário que esteja verdadeiramente enraizada no tecido existencial das comunidades, que seja autêntica nas palavras e nos ritos e esteja aberta ao compromisso cristão⁶⁵³.

Segundo o RICA, as celebrações da palavra podem unir-se à catequese⁶⁵⁴, devem acomodar-se aos tempos litúrgicos⁶⁵⁵ e sua finalidade deve ser aprofundar a ética contida no evangelho para a vida cristã, saborear a oração, explanar os símbolos e introduzir os catecúmenos na liturgia⁶⁵⁶. “Evidentemente, não se trata de ser celebrações da palavra e não lições de catecismo, isto é, trata-se de celebrar, não de explicar; de experimentar, não de conhecer racionalmente. A intenção é conseguir que os catecúmenos (catequizandos) participem na liturgia”⁶⁵⁷.

Os ritos catecumenais conferem a graça do Espírito que dinamiza a vida teológica proporcionando a consequente maturidade da conversão e da fé. Assim, a proclamação da Palavra purifica progressivamente o candidato ao batismo, para deixar, mais e mais, livres os caminhos ao Espírito que dele deverá apoderar-se⁶⁵⁸.

⁶⁵³ SARTORE, D., Catequese e liturgia, p. 181.

⁶⁵⁴ RICA 118.

⁶⁵⁵ RICA 100.

⁶⁵⁶ RICA 106.

⁶⁵⁷ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 150.

⁶⁵⁸ LELO, F. A., A iniciação cristã, p. 60.

O RICA apresenta o rito do exorcismo⁶⁵⁹, mas é algo diferente da conotação que essa palavra tem no imaginário comum. São orações específicas pedindo a proteção de Deus, a força para resistir ao mal e às tentações⁶⁶⁰, ou seja, “a palavra ‘*exorcismo*’ é aplicada de forma bem típica desse processo de iniciação: não são ritos assustadores como definido pela imaginação popular; são orações, dentro das celebrações, que pedem a libertação de todo o mal”⁶⁶¹.

As orações constam, normalmente, de quatro partes: do memorial salvífico, onde se recorda algum acontecimento salvífico ou atributo divino; aparecem as súplicas para proteger-se do mal e em seguida as súplicas de modo positivo; a oração é concluída com a finalidade salvífica a realizar-se em favor do catecúmeno; não há necessidade de que os elementos se encontrem nessa ordem. O objetivo dessas preces é pedir que o Espírito ajude os catecúmenos no seu crescimento interior ou que esses estejam abertos à ação do Espírito nesse tempo⁶⁶².

O RICA afirma que os exorcismos “manifestam aos catecúmenos as verdadeiras condições da vida espiritual, a luta entre a carne e o espírito, a importância da renúncia para alcançar as bem-aventuranças do Reino de Deus e a necessidade contínua do auxílio divino”⁶⁶³.

São, de fato, orações que o sacerdote, o diácono ou o catequista pronunciam sobre os catecúmenos com as mãos estendidas⁶⁶⁴. A Igreja primitiva exprimia com este gesto uma teologia peculiar do mal, do pecado original que mantém a alma cativa e do mistério da redenção. Pretende-se assim arrancar o catecúmeno das forças do mal e uni-lo a Cristo, libertá-lo do pecado e conduzi-lo a uma nova vida⁶⁶⁵.

Outro rito significativo são as bênçãos propostas pelo RICA, momento propício para os catecúmenos ou catequizandos adentrarem no mundo divino e pela fé trazê-lo à realidade humana. Por meio do rito da bênção abre-se a possibilidade do catecúmeno ou catequizando entrar em comunhão com Deus. As bênçãos “expressam o amor de Deus e a solicitude da Igreja, a fim de que, não possuindo ainda a graça dos sacramentos, recebam da Igreja coragem, alegria e paz para con-

⁶⁵⁹ Os exorcismos precisam ser entendidos como afastamento de todo o mal; conforme a súplica do Pai-Nosso: “livrai-nos do mal”. Assim, supera-se uma mentalidade fantasiosa que distorce o real problema do mal e do maligno (Cf. 107, 146).

⁶⁶⁰ CNBB, Estudo 97, 93.

⁶⁶¹ CNBB, Estudo 97, 77.

⁶⁶² LELO, F. A., A iniciação cristã, p. 61.

⁶⁶³ RICA 101.

⁶⁶⁴ RICA 113-118.

⁶⁶⁵ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 150.

tinuarem o trabalho e a caminhada”⁶⁶⁶. As bênçãos servem para comunicar aos catecúmenos ânimo, gozo e paz. O Ritual apresenta nove fórmulas⁶⁶⁷. As bênçãos podem ser dadas por um catequista com as mãos estendidas. Normalmente dão-se no fim da liturgia da palavra⁶⁶⁸.

Os ritos de transição ou ritos de passagem, como o próprio nome diz, propiciam a passagem de uma pessoa para uma nova forma de vida. Os ritos de transição contidos no RICA são celebrações que ajudam o catecúmeno ou catequizando de forma progressiva a fazer sua participação na comunidade celebrativa.

São os ritos que se celebram para assinalar a passagem de um ano ou um ciclo de catecumenato a outro ou de uma catequese a outra. Assim, assinala-se entre estes ritos as entregas do símbolo ou do pai-nosso, o rito do *effetà* e a unção com o óleo dos catecúmenos. Estes ritos pertencem, de fato, a segundo período quaresmal, mas podem ser antecipados⁶⁶⁹.

Essas celebrações catecumenais tem o caráter da progressividade, desejam fazer com que os catequizandos e catecúmenos muito mais do que preparar os catecúmenos para o Batismo e os catequizandos para completarem os sacramentos da iniciação, sejam ajudados a viver em Cristo na sua Igreja, quer ajudar a fazer uma progressiva experiência de fé acompanhado pela comunidade eclesial.

Após o catecumenato, a próxima etapa, mais curta e intensa é proposta no tempo da quaresma como tempo propício. O RICA chama esta etapa de tempo da purificação e da iluminação, ou também segundo degrau da iniciação, cujo objetivo é “renovar a comunidade dos fiéis, juntamente com os catecúmenos, tanto na liturgia, como na catequese litúrgica, por meio da recordação ou da preparação do batismo e pela penitência”⁶⁷⁰. Após o Concílio Vaticano II a quaresma passa a ter um duplo caráter, o batismal e o penitencial⁶⁷¹.

Nesse itinerário da iniciação à vida cristã, no tempo da purificação e iluminação no período quaresmal acontece a celebração de eleição dos catecúmenos. “Denomina-se ‘eleição’ porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também ‘inscrição dos nomes’ porque

⁶⁶⁶ RICA 102.

⁶⁶⁷ Cf. RICA 121-124.

⁶⁶⁸ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 150.

⁶⁶⁹ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 150.

⁶⁷⁰ RICA 21.

⁶⁷¹ SC 109.

os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos”⁶⁷². A partir desta celebração os catecúmenos passam a ser chamados de eleitos para os sacramentos, de modo especial, o batismo.

Segundo o RICA “também se dizem competentes, porque caminham em conjunto para receberem os sacramentos de Cristo e o dom do Espírito Santo. Chamam-se também iluminados, porque o próprio batismo se chama iluminação e porque por ele os neófitos são iluminados com a luz da fé. A eleição é o momento decisivo de todo o catecumenato”⁶⁷³.

Para poder participar da celebração da eleição o catecúmeno deve mostrar-se apto a participar da vida eclesial, assumir o compromisso com a comunidade cristã, bem como deve ter aprofundado e conhecido a doutrina, compreendido a profissão de fé que irá abraçar mais eficazmente com o sacramento do batismo e que possa assim ter o desejo de viver o evangelho como coerência de vida. “Antes de celebrar a eleição, requer-se dos catecúmenos a conversão da mente e dos costumes, um conhecimento suficiente da doutrina cristã e o sentido da fé e da caridade; requer-se, além disso, o exame sobre a sua idoneidade”⁶⁷⁴.

Nesse tempo da Purificação e iluminação o enfoque está, portanto, “mais relacionado à vida interior, onde se busca que o eleito adquira um profundo sentido de Cristo e da Igreja”⁶⁷⁵. Como estamos falando de inspiração catecumenal, nesse tempo também podem ser admitidos ou eleitos aqueles que desejam completar a sua iniciação.

Juntamente com os catecúmenos em sentido próprio, que serão batizados na vigília pascal, podem ser eleitos ou admitidos outros neo-catecúmenos que, batizados, confirmados e eucaristizados na infância, se converteram a uma vida cristã adulta, seguem o processo catecumenal e se preparam para os sacramentos da reiniciação, ou seja, da penitência e da eucaristia⁶⁷⁶.

Nesse tempo quaresmal, o RICA prescreve três escrutínios, que têm uma dupla finalidade: “descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-lo; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-

⁶⁷² RICA 22.

⁶⁷³ RICA 23.

⁶⁷⁴ RICA 23.

⁶⁷⁵ LELO, F. A., A iniciação cristã, p. 71

⁶⁷⁶ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 153.

-lo”⁶⁷⁷. Os escrutínios são passos dados pelos eleitos para aprimorar ainda mais seu desejo de configuração a Cristo. São sempre celebrados no 3º, 4º e 5º domingos da Quaresma e visam:

Instruir gradativamente os catecúmenos sobre o mistério do pecado, do qual todo o mundo e todo homem desejam ser redimidos, para se libertarem de suas consequências presentes e futuras, impregnando suas almas do senso da redenção de Cristo, que é água viva (cf. o Evangelho da Samaritana), luz (cf. o Evangelho do cego de nascença), ressurreição e vida (cf. o Evangelho da ressurreição de Lázaro). É necessário progredirem do primeiro ao último escrutínio, na consciência do pecado e no desejo de salvação⁶⁷⁸.

Esse tempo da purificação e iluminação possibilita aos eleitos, aos catequizandos e a toda a comunidade, momento propícios de penitência e revisão de vida, com isso, não se trata de reduzir a quaresma a um cristianismo individualista, mas é condição para um cristianismo pascal. Após ter percorrido todo este caminho, chega-se, na Vigília Pascal, ao momento ápice de todo o processo catecumenal, que é a celebração dos sacramentos da iniciação cristã.

Com a celebração dos sacramentos da iniciação cristã, realizada na noite da Vigília Pascal, efetiva-se a plena vinculação dos catecúmenos à pessoa de Jesus Cristo que continua a realizar sua obra de salvação na Igreja por meio dos sinais visíveis. É necessário, sobretudo, destacar o seu caráter pascal, já que é na noite de sábado para domingo que a Igreja celebra a páscoa de Cristo, a sua passagem da morte à ressurreição, para dar vida à nova humanidade com a força do seu Espírito e o dom sacramental da sua carne vivificante⁶⁷⁹.

O tempo pascal é o tempo próprio para a realização da mistagogia, pois durante estes cinquenta dias pascais fortalecem-se os vínculos espirituais entre os novos membros e a comunidade dos fiéis. Se, por um lado, a experiência sacramental insere o iniciado no corpo de Cristo – a Igreja –, por outro, a própria comunidade dos fiéis também ganha com essa experiência e se refaz nesse caminho da iniciação⁶⁸⁰.

O último tempo denominado de mistagogia pelo RICA é o último momento do itinerário da iniciação à vida cristã, tem como objetivo fazer com que os novos membros da comunidade vivam mais plenamente os sacramentos recebidos na

⁶⁷⁷ RICA 25.

⁶⁷⁸ RICA 157.

⁶⁷⁹ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 170.

⁶⁸⁰ LELO, F. A., A iniciação cristã, p. 121-122

Vigília Pascal. Durante o tempo da mistagogia, os novos membros precisam ser ajudados pela comunidade para que, através das celebrações do tempo pascal, possam aprofundar os mistérios celebrados.

O tempo da mistagogia dos neófitos é a última etapa da iniciação. “O novo modo de enunciar os sacramentos”, afirma o RICA “e, sobretudo, a experiência dos mesmos vão dar um conhecimento mais completo e mais frutuoso dos mistérios”⁶⁸¹.

Consiste em experimentar com gosto, alegria e sabedoria o sentido da vida que a fé dá (meditação do evangelho), o significado dos sacramentos (participação na eucaristia) e as relações fraternas adquiridas em comunidade (exercício da caridade e do compromisso). É necessário descobrir nesta etapa a importância destes aspectos⁶⁸².

Vale destacar que todo o processo da iniciação à vida cristã é preenchido de mistagogia, pois todo o processo deve ser mistagógico.

O processo continua por uma ação pastoral mistagógica, muito importante para os nossos dias. A mistagogia é uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária. Papel importante, nesse processo de imersão, desempenham as celebrações litúrgicas e o aprofundamento dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã⁶⁸³.

O processo mistagógico é um caminho eficaz para se formar novos cristãos, ou para reiniciar aqueles que tiveram uma primeira iniciação a viver a experiência do mistério, significa, pois, investir na formação a partir da própria mistagogia.

Mistagogia significa “ser introduzido no mistério”, ou seja, no plano salvífico de Deus de salvar o mundo em Cristo (Ef 1,3-13). Este é o grande mistério: o Pai amou tanto o mundo que nos enviou o seu único Filho para nos salvar. Por sua vez, Cristo nos ama até o fim. O Pai o ressuscitou e em Cristo alcançamos a vida eterna⁶⁸⁴.

Para adentrar no mistério da Páscoa de Cristo exige-se o mergulhar na mistagogia, que são os atos salvadores da vida de Jesus que ganham sentido na vida do ser humano atualizados na celebração da liturgia nos sinais que se utiliza. Une-

⁶⁸¹ RICA 38.

⁶⁸² FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 171.

⁶⁸³ CNBB, Doc. 107, 60.

⁶⁸⁴ NUCAP., Mistagogia, p. 27.

-se os elementos, gestos à Palavra e, cumpre assim, sua profecia em nosso tempo através da graça presente, o Espírito Santo na vida de quem segue Jesus Cristo.

Colocar como primeiro a compreensão da mistagogia como ação eminentemente cristológica significa, antes de tudo, afirmar que só o mistério pode desvelar plenamente o mistério: o mistério se revela por si mesmo. O homem conhece o nome de Deus, porque foi Deus que, gratuitamente, revelou seu nome ao homem⁶⁸⁵.

Por isso, esta etapa da mistagogia é processo, caminho de maturidade na fé em que se conduz o neófito ao conhecimento e encontro pessoal com Cristo na celebração dos sacramentos, experiência única. Esse é o tempo em que as realidades da experiência de fé são tocadas pelos sinais sacramentais na liturgia. Tornam-se acessíveis aos sentidos e ao mesmo tempo apontam ao mistério de Deus. Passa-se para os mistérios de salvação invisíveis: pão do céu, água viva, luz do mundo, vida eterna do que antes era sacramento visível: pão, vinho, luz, água.

A mistagogia está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus, está ordenada àquele mistério do qual a liturgia é a epifania. Falar de mistagogia significa dirigir-se, imediatamente, às catequeses e às homilias com as quais alguns entre os mais importantes Padres da Igreja, introduziram os catecúmenos ou os neófitos ao conhecimento do significado do Batismo e da Eucaristia e, mais em geral, à compreensão dos elementos maiores da liturgia cristã⁶⁸⁶.

Após este caminho percorrido fica claro que o processo pedagógico e mistagógico da experiência de fé vivida em um itinerário que possibilite a iniciação à vida cristã, dar-se-á nos diversos campos da evangelização e, sobretudo, na catequese enquanto caminho da maturação da fé. Esse itinerário há que conduzir o interlocutor à experiência da fé em Jesus Cristo. Por isso, a Igreja é por excelência mistagoga e pedagoga. Isto é, tem a missão dupla: transmitir o ensinamento e conduzir os adultos no mistério da fé.

Portanto, o itinerário da iniciação à vida cristã que conduz a experiência de fé, é processo mistagógico, que considera que o anúncio feito pelo mistagogo, o pregador, na verdade, levanta questões que o iniciante traz em seu íntimo: tal mistagogia encontra seu ponto de partida na convicção cristã de que, antes de toda e qualquer pregação, Deus, pelo oferecimento de sua coparticipação no Espírito Santo, já é a pergunta e a resposta ao mesmo tempo no ser humano, mesmo que

⁶⁸⁵ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 19.

⁶⁸⁶ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 17.

tal resposta permaneça não pronunciada⁶⁸⁷. Assumindo uma identidade mistagógica, o itinerário da iniciação à vida cristã propõe itinerários de experiências de fé que conduz ao mistério, celebrando e integrando fé e vida.

3.5.

A experiência de fé como promotora de resiliência

Foi a partir do encontro cotidiano com pessoas que atravessavam períodos difíceis em suas vidas e o modo como lidavam com estas situações, com respostas positivas, de esperança e de fé, que nos motivamos a pensar a experiência de fé como promotora de resiliência. Assim, nossa reflexão partirá desta experiência profunda de fé que faz com que as pessoas se tornem “resilientes”, sendo capazes de continuar a viver uma vida de qualidade, reconstruir sobre os escombros e dar sentido à sua existência. Vamos refletir sobre as condições que permitiram as estas pessoas tornarem-se “resilientes”, tendo sempre em mente que o ser humano é muito mais complexo do que todas as teorias que procuram explicá-lo.

A história da humanidade é repleta de exemplos de resiliência e fé, remetendo a espiritualidade cristocêntrica à pessoa de Jesus Cristo, sendo Ele mesmo um Salvador Ferido, "pois pelos seus sofrimentos somos curados" (Is 53,5). Ao estudar a história recente, pessoas, como Dietrich Bonhoeffer, Henri Nouwen, Gandhi, Tereza de Calcutá⁶⁸⁸ e muitos outros mostram como a fé, o transcendente e o recurso divino acompanham a conceituação de resiliência⁶⁸⁹.

Pretendemos apresentar a influência da experiência de fé, a partir de um novo paradigma que estuda a capacidade das pessoas e dos grupos de superarem as situações adversas e traumáticas e que, hoje, é conhecido como “resiliência”. Este paradigma, sem desconhecer a relevância dos estudos anteriores, propõe uma mudança de ótica, centrando a observação nas capacidades dos indivíduos e grupos, de resistir e refazer-se após experiências de grandes sofrimentos e dificuldades. Em lugar de focar a observação nas fraquezas, sintomas, doenças, carências, buscamos descobrir quais são os “fatores de proteção” e os “pilares de resiliência” que propiciam a promoção de forças do ambiente circundante e de capacidades pessoais para reagir e superar as adversidades da vida.

⁶⁸⁷ RAHNER, K., O desafio de ser cristão, p. 48.

⁶⁸⁸ Bonhoeffer, pastor e teólogo, foi enforcado aos 39 anos por ordens de Hitler. Gandhi foi assassinado em sua luta pela paz e madre Tereza dedicou sua vida aos miseráveis na Índia.

⁶⁸⁹ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 28-29.

O paradigma da resiliência não é uma técnica nem uma solução mágica. É um saber interdisciplinar no qual convergem diferentes áreas e setores: ciências sociais, ciências da saúde, economia e administração entre outras, mas que deveria também ser pesquisado nas áreas do direito e da teologia prática. Há, no entanto, poucos autores que se detêm para descrever como a fé, a espiritualidade, ou a pertença a um grupo, comunidade ou instituição religiosa influenciam na hora da superação das dificuldades e sofrimentos pessoais e sociais⁶⁹⁰.

A iniciação à vida cristã preza essencialmente pelos processos de educação da fé, ou seja, quer possibilitar às pessoas que estão sendo iniciadas experiências de fé, muito mais do que a transmissão da doutrina. O objetivo da iniciação à vida cristã é conduzir a pessoa para recriar, inventar incessantemente, sua visão de fé, e aprofundá-la encarando com propriedade as situações adversas as quais a todo o momento a pessoa é submetida. Por isso, antes de aprofundarmos sobre o dado da experiência de fé como promotora de resiliência vale compreender o sentido da fé e da experiência cristã.

Ao refletirmos a teologia pastoral devemos, antes de tudo, aprofundar nos conceitos básicos que a própria teologia trata. Esses conceitos são como que os alicerces para se iniciar qualquer discussão acerca da teologia. A revelação é o início de toda a verdade tratada pela Teologia; por isso esse conceito é o mais básico de todos. Ao mesmo tempo quando se fala de revelação, outro conceito importante é o que entendemos por fé. Ao falarmos de revelação, necessariamente devemos tratar também da fé. É o que nos propomos a refletir neste momento, pois a fé é basicamente a resposta humana que devemos dar à revelação de Deus.

[...] a experiência de fé pode ser entendida como a resposta à dúvida, em que o ser humano é levado pela necessidade premente buscando a solução do que lhe perturba o ser. Pressionado pelas possíveis consequências de seu mal e a resposta, também desconhecida, mas esperada, do objeto de sua fé, ele cegamente salta na aventura da incerteza, esperançoso da resposta certa do divino no qual crê. Isto é fé, é confiar em meio à desconfiança⁶⁹¹.

A temática da fé é um assunto amplo na qual seria possível debruçar muito tempo de escrita para tal reflexão, no entanto nos deteremos na proposta teológica da fé cristã. O dicionário Larousse da Língua Portuguesa define a fé como: adesão total do homem a um ideal que o excede, a uma crença religiosa. Entendida tam-

⁶⁹⁰ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 12.

⁶⁹¹ PEREIRA, J., A fé como fenômeno psicológico, p. 26.

bém como fidelidade em honrar seus compromissos, lealdade, garantia. Ou ainda como confiança em alguém ou em alguma coisa; crença nos dogmas de uma religião; uma crença fervorosa. A fé como afirmação, comprovação⁶⁹².

Na Sagrada Escritura, a fé é entendida como adesão total, que envolve a pessoa toda, “a fé se apresenta como entrega religiosa de toda a pessoa e não simplesmente adesão intelectual ou obediência moral, respondendo à natureza dinâmica, vital e pessoal da Palavra de Deus”⁶⁹³.

No Antigo Testamento (AT), o termo “fé” é utilizado basicamente para expressar um relacionamento interpessoal com Deus. “Crer, de fato, significa, no AT, entregar-se a Deus (Gn 15,6; Ex 14,31; Nm 14,11), entregar-se à palavra salvífica de um Deus que conduz a história e que fez aliança primeiro com os pais e depois com ‘seu povo’, Israel”⁶⁹⁴. Desde Abraão, a palavra de Deus já trata de crença e de fé. Em (Gn 22,1) a fé de Abraão é testada e esse, além de mostrar uma obediência fiel à voz de Javé, expressa também uma confiança firme em Deus (Gn 22,8-14). Aqui, fé, obediência e confiança caminham juntas. O termo “fé” é utilizado para designar o ato de ser firme e fiel a algo. Trata-se, ainda, do ato de aceitar algo como firme ou verdadeiro.

Outro sentido da fé no Antigo Testamento era aquilo que dava segurança. Segundo o Salmo 36, Deus é digno de fé, pois oferece segurança através de sua fidelidade. Daí tiramos outro sentido, a fé era vista como fidelidade a algo, aqui a Javé. Ele próprio é digno de fé por sua fidelidade às promessas da aliança. O homem que for fiel à essa aliança, pela sua fé, será salvo (Hab 2,4). Por Deus ser fiel, no povo de Israel, “acredita-se então na palavra de Deus ou se aceita sua autoridade”⁶⁹⁵. A fidelidade é de onde surge a fé, e é para onde ela deve ir.

No Novo Testamento, devido a seu caráter interpessoal, essa fé é naturalmente semelhante à do AT. É respectivamente confiança e entrega a Deus, presente na palavra e na ação de Jesus (sinóticos); obediência que torna o crente semelhante ao crucificado ressuscitado e que dá o Espírito dos filhos de Deus; adesão ao testemunho do Pai e do Filho⁶⁹⁶.

⁶⁹² LARROUSSE, K., Pequeno dicionário enciclopédico, p. 424.

⁶⁹³ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 157.

⁶⁹⁴ LATOURELLE, R; FISICHELLA, R., Dicionário de Teologia Fundamental, p. 319.

⁶⁹⁵ MACKENZIE, J. L., Dicionário Bíblico, p. 341.

⁶⁹⁶ Cf. LATOURELLE, R; FISICHELLA, R., Dicionário de Teologia Fundamental, p. 319.

Nos evangelhos sinóticos, encontramos como tema central a pessoa histórica de Jesus, que anuncia a chegada do Reino de Deus, e pede, em resposta, a fé daqueles que o ouvem (cf. Mc 1,15), aceitando, assim, o plano de Deus e, a partir disso, serem herdeiros e partícipes desse Reino eterno. Pois,

[...] mostram que o encontro pessoal e direto com ele é fonte de conhecimento da própria existência pessoal. Para conhecer Deus e nele crer, deve-se conhecer primeiro aquele que foi enviado por ele, e nele crer. É preciso a ele entregar-se e abandonar-se como as crianças, que conhecem muito mais por via intuitiva do que por especulações do intelecto (Mt 18,1-6)⁶⁹⁷.

Desde a encarnação de Jesus Cristo, a fé cristã vem sendo divulgada como um novo paradigma da criação. Tem-se ensinado que Deus, o Criador e soberano Senhor do cosmos, tem projetado em seu Filho Jesus a recriação de uma nova humanidade.

O Concílio Vaticano II trata do tema da fé nos decretos e constituições, porém não trata do conceito de fé em si, mas a relação dele com outras realidades. Por exemplo: fé e cultura⁶⁹⁸, eficácia frente ao ateísmo⁶⁹⁹, papel da fé na evangelização⁷⁰⁰, entre outros.

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino. A religião, seja ela qual for, é a reação total de um homem à vida; portanto, por que não dizer, que qualquer reação total à vida é uma religião⁷⁰¹.

A religião é a concretização histórica da fé: sua exteriorização dentro de uma cultura, através de um sistema de símbolos, com determinadas estruturas de pertença. No cristianismo, essa concretização da fé dá-se em “Igrejas” ou “confissões” cristãs. No entanto, as experiências de fé estão além das “igrejas” e “confissões”.

O sentido da experiência⁷⁰² com o qual estamos apresentando não deve ser entendido como uma concepção artificial ou superficial que identifica a experiên-

⁶⁹⁷ FISICHELLA, R., Introdução à Teologia Fundamental, p. 94.

⁶⁹⁸ GS 57-59.

⁶⁹⁹ GS 21.

⁷⁰⁰ LG 23; AG 36.

⁷⁰¹ JAMES, W., As variedades da experiência religiosa, p. 31-34.

⁷⁰² Para um maior aprofundamento da *Etimologia da palavra*: “*experiência*” vem de *periri*, verbo depoente latino, cujo participio passado é *peritus*, *a*, *um* = é hábil em... que tem a experiência

cia com o tempo transcorrido ou com o conjunto das situações vividas ou das coisas vistas. Devemos compreender a experiência a partir do termo alemão *Erlebnis*⁷⁰³, pois ela é utilizada sempre que a experiência está no sentido de algo *fundo*, vivenciado a partir de *dentro* e dotado de um sentido ou valor evidente em si para o indivíduo. Tal palavra traz consigo um sentido de emocionalidade à qual é traduzida nos dicionários por vivência. Portanto a ênfase está mais na vivência da pessoa do que naquilo que lhe é ensinado ou aprendido a partir de fora, isto é, pelos sentidos ou influências sociais.

O ser humano tem fé na existência de uma dimensão divina, mas, ainda que seja incapaz de concebê-la, sente a necessidade de estabelecer uma relação com este mistério. A base da religião, seja qual for o nome que a chame, não pode desintegrar-se, diminuir ou desaparecer, porque é eterna e infinita. A religião recobrou hoje o caráter existencial que possuía nos tempos bíblicos: não lhe interessam as teorias religiosas, senão a experiência cotidiana⁷⁰⁴.

O interesse pela religião, espiritualidade, experiência religiosa, experiência de fé é algo novo no campo da psicologia, mas percebemos que há um aumento significativo de pesquisas e estudos sobre o assunto. Um exemplo que podemos observar na concepção que Jung tem sobre a religião como um fenômeno sociológico ou histórico

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subtende-se que todo o tipo de psicologia que ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos⁷⁰⁵.

Outros autores consideram a religião um tema a ser discutido na psicologia. Assim como Jung faz referência a William James, que foi um dos pioneiros a tratar do assunto da religiosidade na perspectiva psicológica. “A psicologia longe de

de...; derivados latinos: *expérior, íris, ertussum, íri* = tentar, experimentar, donde *experientia, ae* = prova, ensaio, tentativa, experiência. E ainda: *experto* (= experimentado em... diferente de *esperto* = acordado... vivo... despertado... *experiência* In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/experiência>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

⁷⁰³ Só com esse esforço interpretativo o vivido (*Erlebnis*: sentimento intenso) se torna experiência (*Erfahrung*), e, portanto, lição de vida, acesso à realidade, orientação existencial. Cf. EMEIS D.; SCHMITT, K. H. *Handbuch der Gemein de katechese*, p. 58.

⁷⁰⁴ Cf. FABRY, J. B., *A Busca do Significado*.

⁷⁰⁵ JUNG, C. G., *Psicologia e Religião*, p. 6.

ser uma ameaça à validade da fé cristã, pode ajudar-nos a compreender melhor nossas próprias reações, a fim de que possamos aprender a nos conhecermos melhor nós próprios, a nosso próximo e a Deus”⁷⁰⁶.

William James, psicólogo, filósofo e um dos principais representantes do pragmatismo, em seu livro intitulado *As Variedades da Experiência Religiosa*, explora as experiências religiosas individuais, em oposição à religião como instituição, pois ele crê que é nelas que está contida a verdadeira essência da religião. Considerando o fato de que o campo da religião é extremamente vasto, o assunto que James se propõe a estudar é apenas a experiência religiosa. Assim, o seu objeto de estudo foi a experiência religiosa individual, não foi estudado a religião como instituição.

Segundo William James, a experiência religiosa é um sentimento de harmonia íntima, pela qual o homem tem consciência de participar e de colaborar com uma potência maior em obras de amor, de concórdia e de paz. É uma exaltação da vida como força criadora, em harmonia com o mundo dos homens e com o Cosmo. Como diz São Paulo: “Tudo posso naquele que me fortalece.”⁷⁰⁷.

William James rejeitava absolutos, tais como “Deus”, “verdade”, ou “idealismo”, em favor da experiência pessoal e da descoberta do que funciona para o autoaperfeiçoamento de uma pessoa. Um frequente tema em suas obras é que a evolução pessoal é possível, que todos têm uma capacidade inerente de modificar ou mudar comportamentos e atitudes. Ele conclui que há um depósito de experiências latentes ou realizadas que subjaz ao impulso em direção ao crescimento. É esta a fundamentação das ideias práticas e sensíveis que James desenvolveu para serem usadas. A maior expressão deste núcleo subjacente é exemplificada, para James, nas experiências religiosas. Tais experiências não têm uma saída intelectual própria, mas pertencem a uma região mais profunda, mais vital e prática do que aquela ocupada pelo intelecto, por isso são também indestrutíveis a argumentos e críticas intelectuais⁷⁰⁸.

Tornamo-nos, portanto convincentemente conscientizados da presença de uma esfera de vida maior e mais poderosa do que nossa consciência habitual [...]. As impressões, impulsos, emoções e excitações que desde então recebemos ajudam-nos a viver, encontram uma segurança invencível em um mundo além dos senti-

⁷⁰⁶ Cf. BÜRKI, H., *Psicologia e a Realidade da Fé Cristã*, p. 79.

⁷⁰⁷ PIZZA, W. O., *Introdução à Fenomenologia Religiosa*, p. 59.

⁷⁰⁸ Cf. AMATUZZI, M. M., *Psicologia e espiritualidade*.

dos, derretem nossos corações, transmitem significado e valor a tudo e fazem-nos felizes⁷⁰⁹.

Por isso, a experiência religiosa deve ser o termo a ser usado para falar da experiência do Sagrado. Dito de outro modo: a experiência religiosa deve ser entendida como o elemento de unidade entre a pessoa e o Sagrado neste atual contexto de mudança de época que vivemos. É importante compreender que a experiência religiosa enquanto experiência humana é relacional, portanto é vivência relacional do crente com o mundo, com o outro e com o grupo humano e nesta relação o homem religioso elabora sua experiência do sagrado.

Na economia da palavra de Deus, tem um papel de grande importância a experiência religiosa, como lugar onde a palavra de Deus atinge a consciência dos seres humanos. O entrelaçamento de acontecimentos e palavras que revelam o plano de Deus não deve ser entendido em sentido material ou miraculoso, como se acontecimentos e palavras fossem introduzidos de fora na história dos seres humanos e oferecidos à sua aceitação passiva como mensagem divina. Ainda que a Escritura fale em termos de intervenção direta de Deus, sabemos que existe uma lei de encarnação que envolve no processo da revelação os dinamismos da ação e da reflexão do homem e da mulher. A presença de Deus na história é percebida apenas por meio da palavra interpretativa e na aceitação pela consciência crente do ser humano. E tudo isso se realiza no contexto da experiência religiosa⁷¹⁰.

Para a teologia cristã, é importante a dimensão experiencial da palavra de Deus que dela se pode derivar uma lei estrutural básica: sem experiência religiosa não existe comunicação nem se ouve a palavra de Deus. E isso tem, naturalmente, grande influência na compreensão do que se tem a partir da experiência de fé.

Para a pessoa que crer, a religião a leva a crescer por meio da relação afetiva. A relação deixa de ser mero *Isso* para atingir a dimensão de Tu. Ter fé para James não significa que: “fé é quando você acredita em alguma coisa que sabe que não é verdade”⁷¹¹. Mas em seu dizer, para crer é preciso acreditar por meio de opções vivas que jamais parecem absurdas para aquele que as considera”⁷¹².

Por isso, devemos compreender a experiência religiosa como um modo mais profundo de viver a realidade, nela se dá uma leitura em profundidade do vivido, até o nível do seu “mistério” e na abertura para o transcendente, e é expressa e mediada através das objetivações ou expressões do religioso: ritos, crenças, narra-

⁷⁰⁹ BALLONE, G. J.; William James, p. 3.

⁷¹⁰ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 134.

⁷¹¹ JAMES, W., A vontade de crer, p 47.

⁷¹² JAMES, W., A vontade de crer, p 47-48.

tivas, instituições, símbolos etc. Tais expressões podem ser verbais ou não verbais, sagradas ou profanas, individuais ou comunitárias.

Abordar a experiência religiosa como algo homogêneo e universal, torná-la quase um fenômeno natural, diretamente analisável e generalizável por procedimentos epidemiológicos e psicométricos, implica no risco de se perder o que há de mais original e próprio dessa dimensão da experiência humana: o seu caráter social, histórico, essencialmente simbólico⁷¹³.

O Concílio Vaticano II convidou a todos os cristãos a ler os sinais dos tempos, isto é, os sinais que de alguma maneira prefiguram o futuro da Igreja e da sua presença no mundo. Um dos grandes desafios é este ao qual nos propomos a refletir sobre a experiência de fé, pois em uma sociedade em constante mudança trazer esta reflexão significa olhar com atenção a realidade na qual estamos inseridos.

No cerne desses problemas encontra-se a necessidade de reformular a própria identidade, como Igreja e como experiência de fé numa sociedade em transformação. Os cristãos de hoje devem esclarecer para si próprios a especificidade e o alcance da própria missão, como pessoas e como comunidade⁷¹⁴.

Diante disso, a premissa que não pode faltar nesta fundamentação sobre o dado da fé ou sobre a experiência da fé é que a fé e a razão caminham juntas, pois há tempos aconteceu esta dicotomia que trouxe consequências sérias para a antropologia cristã na compreensão do ser humano, fragmentando-o. O papa João Paulo II, no ano 2000, publicou uma encíclica intitulada *Fides et Ratio* que traz uma reflexão profunda sobre os exageros do *racionalismo*, que pretende tudo compreender sem a fé e o *fideísmo*, típico do falso misticismo, que pretende ter a fé sem a razão. Por isso, é preciso ter claro que não é possível viver a fé a partir de um reducionismo pragmático que tira a fé do seu contexto vivido.

No mundo da comunicação social e dos novos meios eletrônicos e informáticos, a fé cristã vê-se muitas vezes reduzida ao papel de proposta contracultural ineficaz, produto perdido, esmagado pela poderosíssima máquina socializante e iniciática, diante da qual a experiência religiosa se afigura insignificante, inteiramente marginal. A religião revela-se aos olhos de muitos como uma realidade que não goza de boa imagem. Ou então, no grande e mutante mercado das ofertas culturais mais va-

⁷¹³ Cf. DALGALARRONDO, P., Relações entre duas dimensões fundamentais da vida, Revista Brasileira de Psiquiatria, p. 177-178.

⁷¹⁴ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 55.

riadas, o fenômeno religioso corre o risco de parecer um produto vistoso e efêmero, algo que por um momento se torna espetáculo⁷¹⁵.

O papa João Paulo II insiste em afirmar que a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33,18; Sal 27/26, 8-9; 63/62, 2-3; Jo 14,8; I Jo 3,2)⁷¹⁶.

A experiência de fé é algo universal, a pessoa busca respostas para algo que está além da sociedade, além da ciência, além das regras impostas pelo cotidiano. Nesse contexto a fé é vista como algo que está relacionado ao sobrenatural, à busca da pessoa por aquilo que não se vê.

Percebemos, no entanto, que a fé de uma pessoa que abraçou a vida cristã, que viveu um processo de conversão não se reduz a uma adesão a verdade dogmáticas apenas; é base de um apelo pessoal de Deus; é um acontecimento que concerne à pessoa toda e lhe permite entrar no universo da aliança; é um encontro primeiro pessoal e depois comunitário com Jesus Cristo, reconhecido como Deus que vem, que salva e que reúne. Na eucaristia, nos sacramentos, nas festas e nas variadas comemorações que compõem a experiência de fé, as comunidades cristãs devem testemunhar e celebrar, com alegria e reconhecimento, a plenitude libertadora do Reino que se manifestou em Cristo, é o cristão maduro que passou por um processo de iniciação e continua de forma permanente vivendo sua fé.

A formação dessa mentalidade de fé torna-se urgente numa educação cristã orientada para forjar cristãos maduros, capazes de ser senhores da sua vida, integrando suas percepções, seus pensamentos e suas atitudes segundo os valores do Reino e segundo a liberdade de filhos de Deus. Os cristãos maduros não se inspiram mais numa mentalidade natural, talvez predominante no ambiente, mas sim no espírito das bem-aventuranças e nos critérios específicos de discernimento espiritual canalizados para produzir abundantes frutos para a vida do mundo⁷¹⁷.

Devemos compreender, acima de tudo, que a fé é dom e graça de Deus, que não pode limitar-se apenas ao nível humano, mas constitui uma atitude de fundo que dá sentido e orienta toda a vida. A fé é um dom de Deus. Pode nascer do ínti-

⁷¹⁵ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 48.

⁷¹⁶ JOÃO PAULO II, PP., *Fides et Ratio*, 1.

⁷¹⁷ GOYA, B., *Vida espiritual entre Psicologia e Graça*, p. 127.

mo do coração humano somente como fruto da graça prévia e adjuvante e como resposta, completamente livre, à moção do Espírito Santo, que move o coração e o dirige a Deus, dando-lhe suavidade no consentir e crer na verdade”⁷¹⁸.

O Concílio de Trento (1545-1563) apresentou a preocupação quanto a formação doutrinal dos seus membros da Igreja, com a atenção especial sobre as reflexões no campo da fé e isto repercutiu incisivamente na vida social, e é inegável que o cristianismo histórico conserva grande “eco social”⁷¹⁹.

Como já foi afirmado, vivemos hoje um tempo de mudança de época, onde tudo, os valores eternos e perenes são questionados e um novo jeito de viver é apresentado, o cenário da atual sociedade é de transição, com isto tem-se um ser humano às vezes decepcionado, angustiado em busca de sentido e de saídas. A Conferência de Aparecida⁷²⁰ oferece rica indicação ao recordar que a sociedade vive um tempo de transformações profundas que afetam não apenas este ou aquele aspecto da realidade, mas a realidade como um todo, chegando aos critérios de compreensão e julgamento da vida. Isso significa estar diante de uma globalização que não é apenas geográfica, no sentido de atingir todos os recantos do planeta. São transformações que atingem também todos os setores da vida humana, de modo que já não se vive uma “época de mudanças, mas uma mudança de época”. O que antes era certeza, até bem pouco tempo, servindo como referência para viver, tem se mostrado insuficiente para responder a situações novas.

Em meio a tudo isto, percebemos que os valores mudaram, afetando os critérios de compreensão da grande maioria das pessoas. Em meio a esta gama de inovações ainda faz sentido falarmos de fé para este homem e mulher dos novos tempos.

Nesse sentido, vale resgatar a fé como sentido básico de atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir. É a “*fides qua creditur*” dos tratados clássicos de teologia. A *religião* é a concretização histórica da fé: sua exteriorização dentro de uma cultura, através de um sistema de símbolos, com determinadas estruturas de pertença.

⁷¹⁸ DGC 55.

⁷¹⁹ Cf. LIBANIO, J. B., A religião no início do milênio.

⁷²⁰ DAp.

Com a preocupação sobre a vivência e experiência de fé do homem contemporâneo o papa emérito Bento XVI abriu um ano de reflexão para toda a Igreja Católica:

Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos⁷²¹.

Na carta apostólica *Porta Fidei* Bento XVI escreve que “esta porta da fé está sempre aberta”. Significa que ninguém pode sentir-se excluído da provocação positiva sobre o sentido da vida e dos enormes problemas que se abatem sobre o tempo atual, em virtude de uma crise complexa que aumenta as interrogações e eclipsa a esperança. Questionar sobre a fé não equivale a afastar-se do mundo, mas sim tomar consciência da responsabilidade que se tem para com a humanidade. É esta a principal intenção: não deixar cair no esquecimento o fato que caracteriza a vida: acreditar. Sair do deserto do mutismo de quem não tem nada que dizer, para restituir a alegria e a fé e comunicá-la de modo renovado.

Não é incomum perceber pessoas que acreditam que ter fé é ter um “refúgio seguro” para descansar, como se fosse um sentimento de sossego. Ou mesmo há os que desejam que sua fé os conduza a emoções fortes, grandes êxtases espirituais. Não são poucos os que entendem a fé como um conjunto de conhecimentos mais ou menos estruturados acerca da ordem das coisas. E ainda há aqueles que compreendem a fé como um conjunto de normas e leis a serem cumpridas.

Percebemos, nesta atual sociedade, que são muitas as pessoas que buscam na experiência de fé soluções para os seus problemas do cotidiano. A variável fé tem encontrado espaço no campo da psicologia, pois teóricos de diversas correntes abordam o assunto, pois a vivência da fé é algo presente na vida de um número relevante de pessoas, cada um com a sua particularidade.

Nestes últimos tempos, vê-se uma sociedade em profundas mudanças e rápidas transformações. Observa-se o avanço de uma "desertificação" espiritual. No

⁷²¹ O papa emérito Bento XVI proclamou um Ano da Fé para comemorar os 50 anos do Concílio Vaticano II que teve início no dia 11 de outubro de 2012 e terminará na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de novembro de 2013. Na referida data completa-se também vinte anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, um livro importante para a ação evangelizadora da Igreja católica. (Cf. BENTO XVI, PP., Carta Apostólica *Porta Fidei*, p. 17).

entanto, é precisamente a partir da experiência deste vazio que se pode redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para homens e mulheres. E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, (Ex 12,1–18,27) mantendo assim viva a esperança.

Sendo assim, pretendemos apresentar, de forma sintética, a experiência de fé das pessoas que frequentam a comunidade-Igreja como elemento essencial para a vivência da fé cristã e desenvolvimento da resiliência, isto é a capacidade de extrair do íntimo de seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades⁷²².

Ainda persiste certa dificuldade para a Psicologia compreender a religiosidade das pessoas, sendo de difícil precisão e observação indicar onde começa e termina propriamente a experiência de fé, bem como indicar quando ela é a vivência que motiva e sustenta os comportamentos e as atitudes, e quando não há mais que atos vazios de experiência. No entanto, estudos recentes vêm abrindo novos campos para a investigação na psicologia, um deles é o estudo sobre a resiliência como foi apresentado anteriormente.

Buscar estudar a resiliência a partir da experiência de fé significa abrir várias portas de possibilidades e a própria ciência psicológica corrobora, uma vez que já existem pesquisas sobre os resultados benéficos da fé para a vida cotidiana. Acredita-se que os trabalhos sobre resiliência devem incluir a fé como um de seus fatores promotores. É preciso ter claro também que a fé é um fator a mais que a pessoa possui, pois existem pessoas que sem fazer tal experiência de fé também podem ser resilientes, mas neste trabalho pretendemos explicitar os valores que a fé pode possibilitar fazendo com que uma pessoa seja resiliente.

Devemos ter em conta que, na estrutura da personalidade, a experiência de fé está para além de ser apenas analisada como fenômeno, deve ser entendida como forte influência em todas as ramificações da personalidade. Atualmente, as teorias da personalidade aceitam, em geral, a ideia de que a experiência de Deus, e do comportamento religioso, são “normais” e têm ou podem ter uma função positiva nas estruturas da personalidade.

Uma ideia central no pensamento de Fowler⁷²³ é que a fé faz parte da consciência humana. A fé e a personalidade desenvolvem-se juntas. Não são as

⁷²² HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 72.

⁷²³ FOWLER, J. W., Estágios da fé.

mesmas coisas, mas são entrelaçadas. Fowler entende a fé como a experiência humana de lealdade e confiança. A fé é essencialmente o processo universal humano de construir significado, que é uma parte integrante do desenvolvimento do ego, ou da personalidade. A fé é a disposição total da pessoa a um definitivo referencial, ou centro de valor, que dá poder, apoio, orientação, coragem e esperança para a vida e é capaz de unir as pessoas em comunidades de fé.

No exercício das atividades pastorais, é comum encontrar pessoas que vêm em busca da fé por necessidades pessoais. Nos trabalhos pastorais percebemos duas atitudes que trazem a pessoa para a busca de Deus: a primeira é porque tem fé e a segunda, algum problema ou dificuldade na vida. No entanto, o que mais se constata é a busca da religião para superar a doença pessoal ou de alguém da família que passa por uma situação de enfermidade. A questão que se coloca em foco é que a fé pode ajudar estas pessoas a conseguirem o que buscam.

Também pelo processo do itinerário da iniciação à vida cristã constatamos que muitas pessoas tornam-se atuantes na comunidade-Igreja quando fazem uma experiência profunda de fé dentro da situação de adversidade que vivenciou. Essa experiência de fé implica ser vivida a partir de uma mistagogia, pois a pessoa percebe que a fé lhe traz bem-estar para vida cotidiana. A participação na vida comunitária é capaz de gerar uma experiência religiosa.

Os termos de experiência e religião, que compõem o binômio da experiência religiosa, remetem para um amplo espectro de questões. Quando fala de experiência se lida com coordenadas que perpassam a estrutura de ser, as formas de conhecimento, a vida pessoal e social, e, portanto, a própria história; e assim a experiência se apresenta a todas as ciências humanas como objeto e ao mesmo tempo como condição. A religião por sua vez, evoca as grandes questões sobre o sentido da vida, as relações espirituais, as atitudes de fé e suas correspondentes organizações da vida individual e social⁷²⁴.

Nesse sentido podemos notar que a experiência de fé se expressa na busca pelo sagrado, constituindo-se na resposta possível ao seu apelo, a partir da condição finita do indivíduo. A vida de fé a partir da resiliência pode ser compreendida como:

[...] o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a vida e

⁷²⁴ Cf. FABRY, J. B., A Busca do Significado, p. 7.

de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados⁷²⁵.

A experiência de fé se faz a partir daquilo que a pessoa é e pelo modo como vive. Pois, viver a experiência de fé de forma integrada é, antes de mais nada, criar condições exteriores e interiores para uma realização antropológica.

Na vida ocorrem umas tantas situações vividas com especial intensidade e emoção: ser acolhido e valorizado; poder ajudar em momentos de grande necessidade; ser confrontado com intensas alegrias ou dores, como nascimento ou morte, algo de impressionantemente belo, o impacto de uma comunidade “diferente”. São as chamadas “*vivências*”. Pois bem, a vivência refletida e interpretada é que constitui uma *experiência*. Para se elaborar a experiência, sente-se a necessidade de codificá-la em palavras, imagens ou gestos; nesse sentido também essa codificação pode ser considerada elemento constitutivo da experiência.

Quer sobrevenha em uma celebração religiosa ou em um outro evento, a vivência é sempre simplesmente humana. Não assim a experiência: conforme a interpretação que dela fizermos, será cristã, judaica, islamita ou, talvez até sem adesão a determinado grupo religioso, experiência “religiosa”. A rigor, a experiência não se transmite a outros.

A experiência de fé é motivadora da vida e ao mesmo tempo proporciona *vivências* construtivas de solidariedade, felicidade e sentido, pois em uma sociedade tão marcada por violência e decepção, é preciso ser portador de esperança e sentido.

A experiência de fé é inseparável do ser humano, pois se constitui em atributo essencial da existência, pela própria natureza, está intimamente ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontade, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade⁷²⁶.

São muitos os fatores de risco, crônicos ou agudos, que afetam a capacidade de resiliência de indivíduos. Condições de pobreza, rupturas na família, vivência de algum tipo de violência, experiências de doença no próprio indivíduo ou na família e perdas importantes são alguns exemplos.

⁷²⁵ FOWLER, J. W., Estágios da fé, p. 15.

⁷²⁶ PEREIRA, J., A fé como fenômeno psicológico, p. 23.

Pelo explicitado, constatamos que não é necessário compreender apenas a importância dos riscos para se aferir a resiliência. Os fatores de proteção de que um indivíduo dispõe internamente ou capta do meio em que vive são considerados elementos cruciais para a compreensão do assunto.

Há divergências na literatura sobre a capacidade desses fatores predizerem efetivamente a resiliência. Para Trombeta e Guzzo⁷²⁷, apenas os fatores de proteção são preditivos de resiliência, enquanto os fatores de risco não possuem tal capacidade. Para Yunes e Szymanski⁷²⁸, a resiliência é o produto final da combinação e acúmulo dos fatores de proteção.

É um equívoco pensar a resiliência como um atributo fixo e estável ao longo da vida. Deveria, portanto, ser necessário um longo prazo de acompanhamento para se analisar o potencial de resiliência dos indivíduos que sofrem variações no curso do desenvolvimento, conforme as diferentes circunstâncias de vida e os diversos estados emocionais. O ser humano pode fortalecer-se ou titubear diante de circunstâncias adversas e do estoque de conhecimentos e experiências anteriores. Seu potencial de resiliência pode ser ou não lesado pelos golpes do destino; em caso positivo, pode haver uma mudança transitória ou duradoura. É ainda inadequado pensar em sujeito resiliente a todas as adversidades e em todas as fases de sua vida⁷²⁹.

Alguns dos fatores de proteção que podem fazer com que uma pessoa seja resiliente podem ser compreendidos a partir de três tipos: 1) fatores individuais: autoestima positiva, autocontrole, autonomia, características de temperamento afetuoso e flexível; 2) fatores familiares: coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio/suporte; 3) fatores relacionados ao apoio do meio ambiente: bom relacionamento com amigos, ou pessoas significativas. Para uma efetiva promoção da resiliência a pessoa precisa de “redes de apoio social, em especial a aceitação incondicional; o sentido da vida, vinculado à vida espiritual e à fé religiosa; as aptidões e o sentimento de controle da própria vida; a autoestima; o senso de humor, entre outros⁷³⁰.

O que se pretende explorar aqui é a associação da resiliência com eventos de vida adversos e com fatores de proteção a partir da experiência de fé. Apesar das diversas incertezas sobre os processos ocorridos no indivíduo até que consiga al-

⁷²⁷ Cf. TROMBETA, L. H. A. P.; GUZZO, R. S. L., *Enfrentando o cotidiano adverso*.

⁷²⁸ YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H., *Resiliência*, p. 16.

⁷²⁹ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., *Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes*, p. 21.

⁷³⁰ VANISTENDAEL, S., *Cómo crecer superando los percances*, p. 6.

cançar resiliência, acredita-se que as variáveis risco e proteção são peças fundamentais que se combinam no cenário complexo desse construto.

Percebemos que a fé é um fator diferenciado que uma pessoa possui que vem somar para fortalecer a resiliência. Por isso, a partir da experiência de fé, uma pessoa pode se tornar resiliente frente às adversidades como confiança em Deus como fonte de sentido, esperança, força vital e equilíbrio existencial para o enfrentamento, resistência e superação das adversidades da vida.

A fé cristã é portadora de horizontes de sentido existencial e últimos, e, pode despertar resiliência nas pessoas que estejam passando por sofrimento, provendo-lhes esperança realista, autoconfiança, equilíbrio emocional e alegria existencial frente aos dramas que as atingem. A fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro do homem. A fé é capaz de alimentar essa força.

Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos⁷³¹.

Estudos de boa qualidade apontam que os níveis mais elevados no envolvimento religioso associam-se de forma positiva a indicadores de bem-estar psicológico “satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral mais elevado e a menos depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, e uso/abuso de álcool/drogas”⁷³².

Vários estudiosos trabalharam com diversas bases de dados resultando em cerca de oitocentos e cinquenta artigos publicados no decorrer do século XX, incluindo contextualização histórica e metodológica, artigos publicados após o ano 2000 e também pesquisas conduzidas no Brasil. Ao concluir este trabalho, umas das contribuições são as evidências que confirmam que o “envolvimento religioso habitualmente está associado à melhor saúde mental”⁷³³.

Em outro contexto, vemos que as pessoas que se consideram mais religiosas, tais como participantes nas atividades religiosas, “[...]como frequência a cultos, orações e leitura de textos religiosos também apresenta maior bem-estar

⁷³¹ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 73.

⁷³² MOREIRA et al., Religiosidade e saúde mental, Revista Brasileira de Psiquiatria, p. 242.

⁷³³ MOREIRA et al., Religiosidade e saúde mental, Revista Brasileira de Psiquiatria, p. 243.

psicológico”⁷³⁴. Acreditamos que se associam vários fatores e que vários fenômenos ajam em sinergia, o apoio social dos grupos religiosos, a disponibilidade de um sistema de crenças que propicia sentido à vida e ao sofrimento, o incentivo a comportamentos saudáveis e regras referentes a estilos de vida propiciadores da saúde (relacionadas à alimentação, ao uso de substâncias, ao comportamento sexual, à criação dos filhos, entre outras).

Por fim, aprofundamos a experiência de fé como promotora de resiliência na medida em que parte da premissa de que a fé é um fator importante na superação de experiências de sofrimento e na promoção da cura de feridas do corpo e da alma. Como cristãos acreditamos que a fé ajuda a pessoa a transcender, a enxergar para além da adversidade e a contar com alguém que a vê e que se importa com ela. A partir disto, é significativo perceber que a ação da Igreja como um itinerário evangelizador, como “casa da iniciação”, é o lugar próprio para ajudar os seus interlocutores a ter uma fé que seja promotora de resiliência.

3.6. Conclusão

Percebemos o surgimento de um novo paradigma para iniciar na fé, com novos pressupostos, renovadas metodologias, novos acenos, bem como já temos clareza da identidade teológica da iniciação cristã. O *Documento de Aparecida*⁷³⁵ alerta-nos que se trata, pois, de retomar a grande prática da iniciação cristã como *processo* profundo de mergulho na vida cristã, processo que implica muitos agentes de pastoral; dentro desse processo a catequese não realiza apenas mudanças metodológicas, mas reveste-se de um verdadeiro novo paradigma. Os sinais dos tempos nos apontam que é preciso passar do modo tradicional de iniciar na fé para o surgimento de um novo paradigma de iniciação, muito mais experiencial e vivencial.

A catequese com inspiração catecumenal, por excelência, ajuda a pessoa no mergulho da fé a fazer uma profunda experiência com Jesus Cristo. A catequese com adultos necessita ser feita de partilha de saberes, experiências e iniciativas,

⁷³⁴ DALGALARRONDO, P., Relações entre duas dimensões fundamentais da vida, Revista Brasileira de Psiquiatria, p. 177-178.

⁷³⁵ DAp 294.

onde as pessoas criam laços, buscam, ensinam, aprendem e vivenciam a vida cristã.

Por isso, todo o itinerário da iniciação à vida cristã quer possibilitar e favorecer uma profunda experiência de fé na vida dos adultos. Nesse sentido, a resiliência é entendida como capacidade para superar situações adversas e a experiência de fé alavancando como algo a mais que uma pessoa possui para ser resiliente. A experiência de fé no processo da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal com adultos pode ser promotora de resiliência.

A presente revisão ressalta a necessidade de se investigar, cada vez mais, o estudo dos conceitos relacionados à Psicologia Positiva, que traz uma nova visão para lidar com o ser humano que passa por adversidades, onde se ressalta o positivo da vida e não apenas as situações negativas presentes também no decurso da vida.

Uma das questões profundas que tocam e desafiam a práxis pastoral da iniciação à vida cristã na atual conjuntura, é buscar respostas sobre como falar de Deus em um mundo marcado, muitas vezes, pela dor, sofrimento, pelo indiferentismo e secularismo.

Não é uma pergunta nova para a Teologia Pastoral e, muito particularmente, para a Catequética, que em todos os tempos e épocas teve que lidar com o sofrimento e cada vez mais com uma sociedade dessacralizada. O novo paradigma da iniciação à vida cristã é a ação da Igreja na realidade eclesial, em que, na relação tempo e espaço, o ser humano se encontra. Como a sua preocupação básica é a eficácia e a relevância da fé cristã, a iniciação à vida cristã é também responsável pela inserção e transformação em todos os espaços.

A experiência de fé, com o enfoque nos aspectos positivos a partir da resiliência, vem ao encontro do desafio de achar melhores perspectivas de compreensão e de ação para auxiliar as pessoas que passam por adversidades. O estudo da resiliência contribui na superação das adversidades individuais e comunitárias, e pode ser aplicado no campo pessoal, social, laboral e religioso. Supõe investigar as forças de recuperação de cada pessoa e grupo e ver como melhor desenvolvê-las. O presente capítulo procurou apresentar, e demonstrar, a psicologia positiva e sua relação com a teologia da iniciação à vida cristã, uma vez que ambas estão preocupadas com o bem-estar do ser humano da atual sociedade.

O estudo sobre resiliência leva a navegar por mares mais profundos, pois como afirma Boris Cyrulnik, a resiliência é um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou um sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu em uma correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação⁷³⁶.

A presente revisão sobre a experiência de fé no itinerário da iniciação à vida cristã como promotora de resiliência coloca alguns desafios e, ao mesmo tempo, nos impulsiona como Igreja-comunidade de fé a assumir aquilo que é próprio da nossa identidade, como conclamou o Concílio Vaticano II, que se possa ser sinal de esperança em um mundo de tristezas, angústias e dores, superando a visão determinista e pessimista e, muitas vezes, moralista que não contribuiu em nada para o bem-viver.

Podemos afirmar que a fé, vivida na comunidade de fé, é portadora e promotora de pessoas e grupos resilientes. O capítulo procurou, também, apresentar e demonstrar, sem o desejo de esgotar o assunto, as contribuições da experiência de fé no itinerário da iniciação à vida cristã como suporte para superar as situações de adversidades da vida bem como os fatores que são capazes de gerar indivíduos resilientes, fazendo com que pessoas e grupos vivam uma vida mais ética, feliz e segura.

⁷³⁶ CYRULNIK, B., O murmúrio dos fantasmas, p. 207.

4.

A experiência de fé como promotora de resiliência com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)

A transmissão da fé acontece em um caminho, um itinerário que perpassa por um processo de educação para o amadurecimento, pois a fé pressupõe um encontro pessoal com a Pessoa de Jesus Cristo e com Ele, o seu amor, que é justamente a sua essência. A fé procura o bem comum e desperta na consciência humana a verdade impressa em seu coração pelo próprio Deus, iluminando, assim, todas as realidades da vida. Por isso, um caminho de iniciação à vida cristã urge em nossa realidade como necessidade em resposta aos desafios atuais.

Na realidade, em seu sentido teológico mais profundo, a iniciação cristã significa principalmente a ação interior e transformadora operada por Deus através dos sacramentos do batismo, confirmação e eucaristia, e isso evidencia a originalidade da iniciação cristã em comparação com os processos iniciáticos tradicionais. Tornar-se cristão significa em primeiro lugar acolher um dom e deixar-se transformar pela ação de Deus. Mas entendida em sentido lato, a iniciação cristã compreende também todo o processo de apropriação pessoal da fé e do comportamento cristão que leva à profissão de fé e à plena incorporação à Igreja⁷³⁷.

A experiência de fé acontece na cotidianidade da vida por isso a atenção especial à realidade da pessoa se faz necessária para atingir o coração do homem e da mulher da sociedade hodierna, é essa a grande preocupação da ação evangelizadora da Igreja católica nos dias de hoje.

A realidade nos desafia, a “mudança de época” traz sérias consequência para a vivência da fé, “a fé, juntamente com a caridade e a esperança, projeta-nos para um futuro certo, que se coloca em uma perspectiva diferente relativamente às propostas ilusórias dos ídolos do mundo, mas que dá novo impulso e nova força à vida de todos os dias”⁷³⁸.

⁷³⁷ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 168.

⁷³⁸ Lumen fidei, a luz da Fé, é a primeira encíclica do Papa Francisco. Trata-se de um texto que Bento XVI começou por ocasião do Ano da Fé e que não pôde terminar ao renunciar ao seu Pontificado. O Papa Francisco assinou-a em 29 de junho de 2013 e introduziu-lhe alguns contributos. FRANCISCO, PP., Lumen Fidei, p. 11.

Identificar, descrever e analisar a percepção e os efeitos que a experiência de fé traz para o processo de resiliência na vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese é o que objetivou esta pesquisa. Os objetivos específicos foram: 1. Explorar os aspectos psicológicos da experiência de fé e sua relação com a vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da catequese; 2. Analisar a importância da experiência de fé como promotora de resiliência na vida do adulto que está no itinerário da catequese.

4.1. Metodologia da pesquisa de campo

Tipo de Estudo: A presente pesquisa se deu a partir de um estudo descritivo, exploratório e qualitativo com alguns dados quantitativos, com caráter Longitudinal, pois o grupo de adultos foi pesquisado durante o período de um ano.

Participantes: 18 pessoas participaram da pesquisa. O critério de inclusão foi que estivessem na catequese com adultos dentro do processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal e assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Adotamos como critério de exclusão: pessoas que no início ou ao longo da pesquisa demonstrassem comportamentos de alteração psicofísica em decorrência de uso de substâncias químicas ou álcool.

Materiais:

Foram utilizados exemplares do TCLE (Apêndice A); Questionário Sociodemográfico (Apêndice B); Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndices C, D e E). Materiais de escritório e informática (computador e impressora) uma mesa de som conectada a um computador, microfone e um pedestal.

4.1.1. Campo de Investigação⁷³⁹

A pesquisa aconteceu na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes que está situada no bairro Eldorado, na cidade de Diadema, na jurisdição canônica da diocese de Santo André. A cidade de Diadema está situada na grande São Paulo. Distante apenas 17 km da capital paulista, a cidade de Diadema faz parte da região do Grande ABC e tem população de aproximadamente 430 mil habitantes. Embo-

⁷³⁹ Fonte de pesquisa: <<http://www.abcdabc.com.br/diadema/institucional>> em 22 de maio de 2018; arquivos internos da paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

ra não seja muito extenso, com 31 km², o município alcançou grande desenvolvimento econômico e mostra-se um dos polos industriais mais importantes de São Paulo, sua história está situada no contexto da chegada dos Jesuítas.

No ano de 1700, quase toda a área do município pertencia à Ordem Religiosa dos Jesuítas. Existia na atual Rua Manoel da Nóbrega, antiga Vila da Conceição, uma construção de taipa, conhecida como Casa Grande, com uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, hoje a Matriz da cidade. Sendo trajeto obrigatório de tropeiros em direção à mina de ouro do Embu descoberta naquela época, transformou-se em passagem de escasso tráfego na rota Santo Amaro–Mogi das Cruzes, com o declínio da mineração.

Abandonadas as terras ocupadas pelos jesuítas, o Barão de Tietê conseguiu cerca de 650 alqueires legalizando a posse entre 1813 e 1815. Após sua morte, divididas entre os herdeiros, sobressaíram duas glebas: a do Curral Grande, na parte leste, que deu origem ao bairro de Piraporinha e a do Curral Pequeno, na parte oeste, ficando sua sede próxima à atual Praça da Matriz.

O primeiro núcleo populacional nasceu ao redor da capela do Bom Jesus da Pedra Fria, construída por José Pedroso de Oliveira, na estrada da casa Grande, aproximadamente em 1830. Por volta de 1860, coube ao mesmo construtor erguer uma nova capela, em louvor ao Senhor Bom Jesus de Pirapora, à pequena distância da primitiva igreja.

O progresso foi ativado em 1900, com a construção de uma serraria a vapor, de propriedade de Antônio Piranga, filho de José Pedroso, no atual bairro da Serraria. Funcionou até 1920, abastecendo a indústria de móveis de São Bernardo do Campo. Cerca de três anos mais tarde, os 165 alqueires de terras da serraria foram loteados, com o nome de Vila da Conceição, em homenagem à Virgem de devoção da família Pedroso de Oliveira.

Em 1926, as águas da represa Billings inundaram parte da região do atual bairro de Eldorado constituindo então a “baía de Eldorado”, onde está situada a paróquia onde se realizou a pesquisa.

Em 1948 a área, já conhecida como Diadema, tornou-se um distrito do município de São Bernardo e, 5 anos mais tarde, alcançou o status de cidade.

A economia de Diadema é voltada para os setores industrial, comercial e de serviços. O município, assim como outras cidades do ABC, é considerado um grande polo de autopeças, devido à instalação de muitas montadoras na região

metropolitana da capital paulista. Além disso, destaca-se economicamente por ter desenvolvido um forte mercado no segmento de cosméticos. Vista como uma cidade promissora, Diadema apresenta uma grande tendência à expansão, sobretudo, nos setores de construção civil e imobiliário, que vêm recebendo grandes investimentos.

4.1.2. Metodologia do Grupo Focal

Por muito tempo pesquisas nas ciências sociais têm sido fortemente marcadas por estudos que valorizam a adoção de métodos quantitativos na descrição e explicação dos fenômenos de seu interesse, ou seja, vêm sendo fortemente marcadas pelo pensamento positivista. Desta forma, a pesquisa passa a ser concebida como um modo de geração de conhecimento objetivo, controlada por regras precisas de ação, garantindo a neutralidade do pesquisador em relação ao pesquisado, sendo o rigor nos procedimentos atribuídos meramente à natureza exata de testes.

Nestes novos tempos de grande desenvolvimento científico, no entanto, é possível identificar, com clareza, uma outra forma de abordagem que, aos poucos, vem se instalando e se afirmando como uma frutífera possibilidade de investigação para essas áreas do conhecimento: as pesquisas de natureza qualitativa.

Essas pesquisas de natureza qualitativa surgem menos como opositoras às pesquisas empíricas que como uma outra possibilidade de investigação. Nas abordagens qualitativas, o termo *pesquisa* ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando unicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador. Essa "compreensão", por sua vez, não está ligada estritamente ao racional, mas é tida como uma capacidade própria do homem, imerso em um contexto que constrói e do qual é parte ativa. A pessoa compreende porque interroga as coisas com as quais convive. Assim, não existirá neutralidade do pesquisador em relação à pesquisa, pois ele atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecido e se dispõe a comunicá-lo. Também não haverá "conclusões", mas uma "construção de resultados", posto que compreensões, não sendo encarceráveis, nunca serão definitivas.

Por esse motivo, optamos pela coleta de dados a partir da metodologia do Grupo Focal (GF), pois é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. O grupo focal é uma entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal. O objetivo dos grupos focais é capturar concepções, perspectivas, relatos, discursos e experiências de outro modo não expressos significativamente por números⁷⁴⁰. O GF também deseja identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas ideias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador, enquanto que, em pesquisas fenomenológicas ou de orientação, é aprender como os participantes interpretam a realidade, seus conhecimentos e experiências. No caso de pesquisas clínicas, há uma modalidade de GF conhecida como entrevista de GF em profundidade (*in-depth focus group interview*), cujo objetivo é identificar informações mais profundas do que as que se encontram acessíveis nos relacionamentos interpessoais.

O uso do grupo focal é particularmente apropriado quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma ideia ou um evento, visto que a discussão durante as reuniões é efetiva em fornecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem ou, ainda, sobre a forma como agem⁷⁴¹.

O objetivo principal dos grupos focais é obter uma visão aprofundada ouvindo um grupo de pessoas do mercado-alvo apropriado para falar sobre problemas que interessam ao pesquisador. O valor da técnica está nos resultados inesperados que frequentemente se obtêm de um grupo de discussão livre⁷⁴².

Segundo Kitzinger⁷⁴³, os estudos que utilizaram o grupo focal demonstram ser esse um espaço de discussão e de troca de experiências em torno de determinada temática. Além disso, o grupo estimula o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados do que em uma situação de entrevista individual. Os participantes, de modo geral, ouvem as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias e, constantemente, mudam de

⁷⁴⁰ Cf. MILLWARD, L. J., Focus Group, p. 280-281.

⁷⁴¹ Cf. VERGARA, S. C., Projetos e relatórios de pesquisa em administração.

⁷⁴² Cf. MALHOTRA, N., Pesquisa de marketing.

⁷⁴³ Cf. KITZINGER, J.; BARBOUR, R., Introduction.

posição, ou fundamentam melhor sua opinião inicial, quando envolvidos na discussão em grupo.

O GF tem como principal vantagem ser de baixo custo, obter resultados rapidamente e possibilitar a interação dos participantes e a sua dinâmica. Por outro lado, há menos controle por parte do entrevistador, o grupo pode tomar o rumo da entrevista, os dados são mais difíceis de analisar, requer um treino cuidadoso dos entrevistadores e existe uma grande variabilidade entre os vários grupos⁷⁴⁴.

Um roteiro de assuntos é necessário possibilitando ao moderador considerável abrangência para improvisar com questões fecundas e perseguir linhas imprevistas da investigação conforme a discussão progride⁷⁴⁵.

Em síntese, pode-se dizer que os grupos focais são uma técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas, apropriada para a coleta de dados das experiências de fé que estes adultos fizeram ao longo do processo de iniciação à vida cristã, podendo assim identificar as necessidades e expectativas do grupo; avaliação de usabilidade de interfaces; geração de novos conceitos e ideias referente a iniciação à vida cristã com adultos; e entendimento de motivações.

4.1.3. Instrumentos de coleta de dados

Questionário de dados sociodemográficos (Apêndice B)

Foi desenvolvido pelos pesquisadores para coleta dos dados pessoais dos entrevistados contendo as variáveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, procedência, situação profissional e renda familiar.

Roteiros de entrevista semiestruturada (Apêndices C, D e E)

Foram elaborados três roteiros de entrevista para a aplicação no Grupo Focal, o primeiro foi aplicado após o Tempo do pré-catecumenato e no tempo da catequese (Apêndice C), o segundo após o tempo da Iluminação e Purificação (Apêndice D) e o terceiro no tempo da mistagogia (Apêndice E).

O tempo do pré-catecumenato, também conhecido como primeira evangelização, ou tempo do querigma é um determinado tempo para o acolhimento dos candidatos e seu entrosamento com a comunidade cristã; para uma primeira evangelização e conversão a um estilo cristão de vida; para a aquisição do costume de

⁷⁴⁴ Cf. MILLWARD, L. J., Focus Group, p. 280-281.

⁷⁴⁵ BREAKWELL et al., Métodos de Pesquisa em Psicologia, p. 291.

rezar e invocar a Deus. O Catecumenato é o espaço de tempo, em que os candidatos recebem formação (catequese) e exercitam-se praticamente na vida cristã. Esta etapa é conduzida por catequistas.

Para a coleta de dados contemplando o tempo do pré-catecumenato (querigma) e do catecumenato (catequese) foram elaboradas dezenove questões pelos pesquisadores, com base na revisão da literatura, com os seguintes eixos temáticos: processo de itinerário de iniciação à vida cristã com adultos; experiência celebrativa; experiência de fé; elementos estressores; estratégia de enfrentamento. Esse roteiro foi utilizado como caminho a ser percorrido no grupo focal, pois nesta perspectiva, ganha sentido o pressuposto de que o grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas o basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros sujeitos.

A segunda entrevista do GF aconteceu após o tempo da Iluminação e Purificação do processo da Iniciação à vida Cristã, onde acontece a preparação imediata para os sacramentos da iniciação cristã; corresponde ao período da Quaresma; tempo de intensa vivência espiritual, marcado por ritos a serem celebrados pela comunidade durante a celebração dominical. Foram elaboradas vinte e uma questões pelos pesquisadores, com base na revisão da literatura, com os seguintes eixos temáticos: processo do itinerário do tempo da Iluminação e Purificação; experiência celebrativa do tempo da Iluminação e Purificação, experiência de fé no tempo quaresmal; elementos estressores, estratégia de enfrentamento.

A terceira entrevista do GF aconteceu no Tempo da Mistagogia no período do tempo pascal, é um tempo de aprofundamento do mistério cristão, em comunhão com a comunidade dos fiéis, e de participação na missão da Igreja. Foram elaboradas quatorze questões pelos pesquisadores, com base na revisão da literatura, com os seguintes eixos temáticos: processo do itinerário da iniciação à vida cristã; experiência celebrativa do tempo da mistagogia, experiência de fé no tempo da mistagogia; elementos estressores, estratégia de enfrentamento.

Um roteiro de assuntos é necessário se o conteúdo for de interesse particular para o moderador. O roteiro, no entanto, não deve ser mais do que sugestivo, possibilitando ao moderador considerável abrangência para improvisar com questões

fecundas e perseguir linhas imprevistas na investigação conforme a discussão progride⁷⁴⁶.

4.1.4. Procedimento da pesquisa

Inicialmente, após conhecimento e consentimento do projeto de pesquisa pelo Bispo Diocesano Dom Pedro Carlos Cipollini e pelos responsáveis pela Pastoral de Animação Bíblico Catequética da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, demos andamento na pesquisa.

Todos os participantes foram abordados pelo pesquisador nos encontros semanais que acontecem da catequese com adulto na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes. No primeiro contato com os participantes, todos foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e esclarecimentos de dúvidas, estabelecendo, assim, um processo de consentimento. Seis pessoas disseram não ser possível participar devido a compromissos já assumidos. As pessoas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) em duas vias. Contou-se com um total de dezoito participantes. Após todos os esclarecimentos, agendamos as datas para a coleta de dados.

O processo de coleta de dados aconteceu entre o mês de agosto do ano de 2016 e maio de 2017.

A sala foi equipada com recursos para gravação da discussão, isso foi comunicado aos participantes, assegurando-lhes anonimato e uso exclusivo das gravações para as finalidades da pesquisa.

As cadeiras foram colocadas em círculo, possibilitando que todos os participantes interagissem uns com os outros.

Procurou-se estabelecer um bom ambiente para todos os participantes, pois percebemos que eles chegaram um pouco apreensivos sobre o que iria acontecer, embora já houvéssemos explicado quando da assinatura do TCLE. Retomamos à finalidade e como aconteceria a discussão, explicamos que a discussão era informal, e que a participação de todos era muito importante e que divergências de opiniões eram bem-vindas. Isso fez com o que o grupo se sentisse mais à vontade para participar.

⁷⁴⁶ BREAKWELL et al., Métodos de Pesquisa em Psicologia, p. 291.

O tempo de duração do primeiro encontro com GF foi de uma hora e trinta e dois minutos, o segundo encontro com o GF aconteceu em uma hora quarenta e cinco minutos e o terceiro encontro com GF foi de uma hora e vinte e oito minutos.

Todo o processo das três discussões do GF foi gravado em áudio, se contou com a presença de um técnico de som presente o tempo todo em um espaço da sala devidamente preparado. Os conteúdos das gravações foram transcritos e submetidos à categorização de seus conteúdos temáticos, segundo a técnica de Laurence Bardin (2011).

4.1.5. Técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin⁷⁴⁷

A elaboração da construção teórica a partir dos dados coletados tem por base a *Análise de Conteúdo*, como técnica de análise que foi aplicada na coleta dos dados a partir do GF possibilitando a formulação de categorias temáticas.

Para Bardin, o termo análise de conteúdo designa:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens⁷⁴⁸.

Nessa técnica, a fase de pré-análise é o período de organização do material a ser investigado. Constitui na leitura flutuante dos documentos colhidos nas entrevistas e nas observações livres de cenários, sob a orientação das regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, para a constituição do *corpus*, que é composto por todos os documentos selecionados para análise durante o período de tempo estabelecido para a coleta de informações, como falas de informantes-chave, relatórios, regimentos, normas e rotinas, registros, ofícios – todos observados criteriosamente pelo investigador, com total consentimento dos sujeitos da pesquisa.

⁷⁴⁷ A construção teórica aqui descrita tem por base o livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin, edição revisada e ampliada (2011).

⁷⁴⁸ BARDIN, L., *Análise de Conteúdo*, p. 47.

A regra de exaustividade refere-se à deferência de todos os componentes constitutivos do *corpus*. Bardin descreve essa regra, detendo-se no fato de que o ato de exaurir significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, sejam quais forem as razões.

A regra da homogeneidade prescreve que a documentação esteja sujeita aos critérios definidos de escolha sem fugacidade. Considerando que as regras se inter-relacionam, a homogeneidade pretendida decorre do direcionamento da pesquisa para o cumprimento dos critérios de seleção da amostra.

A regra de pertinência: para essa fase, a fonte documental corresponde adequadamente ao objetivo suscitado pela análise, ou seja, esteja concernente com o que propõe o estudo, desvelar imagens empíricas da realidade da comunicação.

Ressalta-se que antes da fase de exploração do material, conforme o modelo de Bardin há uma fase intermediária, denominada *fase de preparação do material*, durante a qual ocorre a reunião de todo material para tratar das informações coletadas (gravações, observações etc.), com vistas à preparação formalizada dos textos. Faz-se necessário esclarecer que as observações têm um cunho enriquecedor quando da análise dos textos, considerando que estas também expressam com fidedignidade outros cenários de comunicação.

A exploração do material coletado constitui-se a partir da construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros (semânticas: temas; linguísticas: palavras e frases), a escolha das regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas. Bardin define codificação como a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, com base em regras precisas sobre as informações textuais, representativas das características do conteúdo. Para o termo categorização, ela diz tratar-se de uma operação classificatória de elementos agrupados por uma mesma taxonomia.

Fase de tratamento dos resultados e interpretação: nesse momento os resultados recebem um tratamento analítico para que se tornem significantes e válidos. Em termos operacionais, as informações são organizadas em forma de categorias de análise empíricas, abstraídas de meios de comunicação e enriquecidas, muitas vezes, com observações livres dos cenários.

Consideramos que a técnica de Análise de conteúdo da obra de Laurence Bardin possui uma ancoragem consistente no rigor metodológico, com uma orga-

nização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz para a nossa pesquisa um caminho multifacetado que caracteriza a Análise de Conteúdo como um método que, historicamente e cotidianamente, produz sentidos e significados na diversidade de amostragem presente na coleta de dados que realizamos com os adultos que estão no itinerário da catequese sob a perspectiva da iniciação à vida cristã com a inspiração catecumenal.

Portanto, a análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Bardin, consiste em uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte. Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens levados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira.

4.1.6. Perfil dos participantes

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico dos participantes (N=18)

Características		Frequência %
Sexo	Feminino	44
	Masculino	56
Idade	18-25	17
	26-30	28
	31-55	55
Estado Civil	Casado	28
	Solteiro	39
	Divorciado	11
	Outros	22
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	6
	Ensino Médio Incompleto	6
	Ensino Médio Completo	50
	Ens. Superior Incompleto	11
	Ens. Superior Completo	27
Procedência	Grande São Paulo	39
	Outros estados	61
Situação Profissional	Empregado	44
	Desempregado	28
	Trabalho Irregular	11
	Aposentado	6
	Autônomo	11
Renda Familiar	Menos 1 Salário Mínimo	22
	De 1 a 2 Salários Mínimos	33
	De 2 a 4 Salários Mínimos	17

Mais de 4 Salários Mínimos	28
----------------------------	----

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados obtidos no Questionário Sociodemográfico (Apêndice B).

Entre os participantes da pesquisa (Tabela 1) 56% eram do sexo masculino e 44% do sexo feminino, vemos a prevalência do sexo masculino na participação da comunidade, algo que nos surpreende, pois sempre o senso comum afirma que a prevalência nas atividades da comunidade eclesial é do sexo feminino, no caso da catequese com adultos, neste grupo específico, a maior procura para aprofundar a fé é do sexo masculino.

Em relação à idade, houve predominância de adultos a partir de 31 a 55 anos sendo 55%, de 26 a 30 anos são 28% 18 a 25 anos são 17% dos pesquisados, a amostra da idade justifica o nosso tema, uma vez que se deseja estudar os adultos no itinerário da iniciação à vida cristã. Por uma questão de ordem, na Igreja particular de Santo André optou-se em realizar a catequese com adultos com pessoas acima de 18 anos.

Grande parte dos pesquisados, 39%, são solteiros, casados são 28%, deixamos a possibilidade no roteiro de entrevista com o título “outros”, e 22% dos pesquisados se expressaram afirmando que moram juntos e não são casados nem no civil e também não receberam o sacramento do matrimônio e 11% dos pesquisados declararam-se divorciados.

Quanto à escolaridade, 6% dos pesquisados são alfabetizados e têm o ensino fundamental incompleto e também 6% não concluíram o ensino médio, a maior parte dos pesquisados tem o ensino médio completo, 50% dos pesquisados, 11% têm ensino superior incompleto e 27% têm o ensino superior completo.

Quanto à procedência, 61% dos participantes são de outros estados e 39% são da grande São Paulo.

Quanto à situação profissional, 44% estão empregados, 28% estão desempregados, número alarmante no grupo, 11% estão em trabalho irregular, que significam que trabalham, mas não tem registro na carteira profissional, 11% são autônomos e 6% são aposentados.

Ressaltamos, ainda, que 28% recebem mais de quatro salários, 17% dos participantes recebem de dois a quatro salários, 33% de um a dois salários e 22% menos de um salário.

A partir dessa análise de perfil, na qual concluímos que o estudo foi feito com a participação de uma população adulta, como se objetivou o tema da pesquisa, catequese com adultos, cuja maioria é de procedência de outros estados, maior parte da região nordeste; é a prevalência do território paroquial. A grande maioria dos participantes é solteira. Percebe-se que a maioria dos participantes tem uma renda acima de dois salários mínimos.

4.2.

Hermenêutica das categorias e subcategorias do Tempo do Querigma e Catequese

Tabela 2 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado

Categorias/ Subcategorias	Descrição	GF	
		F	%
1. Motivação para a catequese	Refere-se à busca do adulto em participar do itinerário da catequese que tem a duração de pelos menos um ano.		
1.1. Aprofundar a fé	Trata-se da busca da catequese para o amadurecimento e aprofundamento da fé cristã.	7	7,4
1.2. Inserção na vida comunitária	Refere-se à participação na vida da comunidade-Igreja.	2	2,1
1.3. Resgate de oportunidade	Diz respeito à oportunidade de participar da catequese, uma vez que não a teve na infância.	2	2,1
1.4. A busca pelos sacramentos	Refere-se à participação nos sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Crisma, Eucaristia e do matrimônio.	2	2,1
2. Acolhida na comunidade eclesial	Trata-se da catequese como espaço de acolhida na vida eclesial.	3	3,3
3. Encantamento e indicação para outros.	Refere-se a quanto o adulto está satisfeito com o itinerário da catequese e sua indicação para que outros façam parte.	4	4,2
4. Convivência comunitária	Trata-se da catequese como espaço para a partilha de descobertas, vivências e conhecimentos.	6	6,3
5. Experiência celebrativa	Refere-se às celebrações que aconteceram durante o primeiro tempo do itinerário da iniciação cristã.		
6. Experiência de fé	Refere-se à experiência que a pessoa realiza em sua vida como algo extraordinário.	4	4,2
6.1. Fé como promotora de esperança e sentido	Refere-se ao estabelecimento da confiança em um plano superior e entende que as dificuldades atendem a um propósito e servem como aprendizado.	8	8,4
6.2. Fé como superação das adversidades	Tratam-se das situações de adversidades e a sua superação a partir da fé.	8	8,2
6.3. Fé como dispositivo para as relações interpessoais	Diz respeito à fé como atitude pessoal, mas que requer relação com outro.	5	5,3

6.4. Fé como fator de proteção	Refere-se a toda sorte de atitudes pessoais, conhecimentos, apoio social a partir da experiência de fé para superar as adversidades.	6	6,3
7. Percepção dos resultados da fé na vida			
7.1. Percepção dos que vivem a experiência de fé	Refere-se sobre a percepção que as pessoas têm sobre o que a fé pode trazer de benefício para a sua vida.	8	8,4
7.2. Percepção dos que não vivem a fé	Refere-se à visão sobre aqueles que não praticam uma vida de fé, as diferenças que existem daqueles que buscam cultivar uma vida de fé.	3	3,3
8. Situações Estressoras	Tratam-se dos diversos fatores que desorganizam, desequilibram ou tiram as pessoas de sua homeostase.		
8.1. Morte de ente queridos	Refere-se a morte de pessoas próximas aos adultos que estão no itinerário da Iniciação à vida cristã.	6	6,3
8.2. Desemprego	Diz respeito à situação de desemprego que os adultos estão enfrentando.	4	4,2
9. Consequências das situações estressoras	Referem-se a como as pessoas lidam frente a uma situação estressora e o tipo de resposta que conseguem estabelecer para si mesmo.	6	6,3
10. Estratégia de Enfrentamento	Refere-se aos recursos internos ou externos das pessoas utilizados para eliminar ou gerenciar as situações de estresse.		
10.1. Esperança e otimismo	Trata-se da capacidade que os adultos possuem de esperança e otimismo.	6	6,3
10.2. Colocar-se no lugar do outro	Refere-se a capacidade de empatia e compaixão dos adultos.		
10.3. Ajudar o próximo	Diz respeito à ajuda que os adultos se dispõem a realizar às pessoas que necessitam.	5	5,3
TOTAL		95	100

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados obtidos na Primeira coleta de dados (Apêndice F).

A descrição dessas categorias e subcategorias apresentadas anteriormente partiu da coleta de dados de uma realidade específica: são dados importantes para a reflexão de uma catequese com adultos para o atual contexto da iniciação à vida cristã. Por trás dessas categorias e subcategorias estão a vida e a história de pessoas, muitas delas batizadas e que um dia já foram participantes da vida eclesial. Por outro lado, vemos em uma realidade maior da Igreja do Brasil uma multidão de fiéis batizados ontologicamente, mas não existencial, ou seja, não vivem uma prática e inserção na vida eclesial. Por isso, não podemos permanecer indiferentes e necessitamos de algumas atitudes evangelizadoras. Não podemos ficar na nostalgia do que um dia foi bom ou da amargura das coisas ruins.

Precisamos ir para frente, como pessoas que se incomodam e pensam em uma ação, nada sem uma reflexão, é claro. Necessitamos olhar para a realidade

com simpatia, como o campo que Deus quer cultivar e salvar. Tentar levar adiante uma ação evangelizadora que ajude o homem e a mulher de hoje a valorizar os seus frutos e a descobrir as suas lacunas; a averiguar as suas dimensões adormecidas, frustrações e perguntas; para ver quais são as respostas e quem pode preencher a profundidade do coração humano.

Precisamos pensar em uma ação evangelizadora que deve “ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”⁷⁴⁹. Para que isto aconteça, o papa Francisco repropõe, com força, a exigência da “conversão pastoral”, que significa passar de uma visão burocrática, estática e administrativa da pastoral para uma perspectiva missionária; mais, uma pastoral em permanente estado de missão⁷⁵⁰. Tal como, de fato, há estruturas que facilitam e apoiam a pastoral missionária, infelizmente também “há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador”⁷⁵¹. A presença de práticas pastorais retrógradas e antiquadas obriga, portanto, à audácia de sermos criativos para repensar a evangelização.

A iniciação à vida cristã com adultos é uma resposta para uma ação evangelizadora eficaz, pois apresenta a fé cristã como luz, sentido e resposta para a cultura e para o homem e a mulher de hoje, não como uma evasão da realidade ou uma fraude, mas a partir do profundo convencimento de que Jesus e o seu evangelho abrem caminhos de autêntica libertação. Por isso, a iniciação à vida cristã exige todo um processo, um caminho percorrido:

Supõe ter acolhido a palavra (catequese), ter crido (fé-símbolo) e ter mudado de vida (conversão moral); requer ter participado na oração da comunidade (imposição das mãos, exorcismos, bênçãos...), e ter participado dos ritos da iniciação (batismo de água, ritos pós-batismos, eucaristia); inclui o fato de ter sido introduzido na disciplina do arcano (conteúdos, mistérios), e ter aceito os costumes da vida comunitária. A iniciação é uma totalidade que integra unitariamente diversos elementos em um único processo⁷⁵².

As reflexões que faremos adiante com as coletas de dados transformadas em categorias e subcategorias à luz de Bardin com a Análise do Conteúdo, apresentam desafios à Animação Bíblico-Catequética, mas será a partir destas reflexões que encontraremos respostas adequadas a esta nova situação.

⁷⁴⁹ EG 24.

⁷⁵⁰ Cf. EG 25.

⁷⁵¹ EG 26.

⁷⁵² TENA, P.; BOROBIÓ, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 132.

Conforme o documento do Concílio Ecumênico Vaticano II, *Lumen Gentium* (1965), o então papa João XXIII, inaugurou uma etapa desafiadora para toda a ação evangelizadora da Igreja. Com uma visão renovada da pessoa, Igreja e sociedade, o Concílio deu um enfoque de responsabilidade coletiva a todos os agentes de pastoral, superando a dimensão individualista e dando a todo cristão o selo do dever catequético e missionário.

“O Concílio Vaticano II (1962-1965) nos convidou a procurar novos caminhos para a transmissão da fé, em nosso tempo. Ele deu um impulso significativo e novo à pastoral estimulando-a a ler os sinais dos tempos e escutar o Espírito que está em ação no mundo”⁷⁵³.

O itinerário catequético que seguimos foi a iniciação à vida cristã a partir da estrutura catecumenal, “restaura-se o Catecumenato com adultos, dividido em diversas etapas. O tempo do Catecumenato, estabelecido para conveniente instrução, será santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos”⁷⁵⁴. Percebemos que no próprio pedido de restauração feito pelo Concílio Vaticano II manifesta-se, em linhas gerais, a organização catecumenal. Os ritos a serem celebrados em tempos sucessivos dizem respeito à sua estruturação, dividida em quatro tempos, marcada com três grandes celebrações (etapas). Pré-catecumenato, catecumenato, purificação/iluminação e mistagogia constituem os quatro períodos a serem percorridos pelo catecúmeno ou pelo adulto já batizado rumo à maturidade cristã, celebrada sacramentalmente nos sacramentos da iniciação à vida cristã.

A *Segunda Semana Brasileira de Catequese* (2001) veio reforçar a tendência de todo o movimento catequético do século XX de voltar a atenção para a Evangelização dos adultos, e toda a reflexão voltou-se para o tema: “Com adultos catequese adulta”. A catequese passou a ser considerada um processo de iniciação aos mistérios de Cristo e um processo de formação permanente.

Hoje em dia há adultos que não foram batizados ou, sendo batizados, não receberam os outros sacramentos de iniciação. Não têm muita vivência de fé. Há uma grande variedade entre aqueles que procuram maior formação religiosa. É bom conhecer os motivos que levam a essa procura, porque cada grupo exige uma abordagem específica. “Essa complexa realidade, na qual estamos mergulhados,

⁷⁵³ CNBB, Doc. 107, 47.

⁷⁵⁴ SC 62.

nos revela que a experiência de fé cristã se encontra hoje numa espécie de estado generalizado de busca e de recomeço”⁷⁵⁵.

É nessa perspectiva que este estudo objetivou identificar, descrever e analisar a percepção e os efeitos que a experiência de fé traz no processo de resiliência na vida cotidiana dos adultos que estão no itinerário da iniciação à vida cristã a partir do Rito de admissão ao catecumenato/catequese, celebração da eleição ou inscrição do nome e celebração dos sacramentos da iniciação que são, por sua vez, as três etapas celebradas liturgicamente que fazem a passagem de um tempo ao outro.

Dentro dessa concepção, a responsabilidade da catequese com adultos não é só de algumas pessoas que se dispõem para este tipo de ação evangelizadora. Toda a comunidade, de algum modo, é responsável. Toda a comunidade é catequizadora. Ela catequiza por seu modo de viver como comunidade cristã, por seu testemunho de oração e celebração, de solidariedade e de engajamento nos problemas do mundo.

A catequese com adulto exige disposição de quem a procura, diferente da catequese com crianças e com os adolescentes onde os familiares exigem participação. Com os adultos percebem-se algumas motivações que fizeram com que procurassem a comunidade para participar do itinerário da iniciação à vida cristã.

Considerando a catequese como itinerário de iniciação à vida cristã que se percorre para a educação da fé, tem-se a *primeira categoria* em que se salienta a motivação para a participação do adulto na catequese. Essa categoria foi subdividida em quatro subcategorias: educação da fé, inserção na vida comunitária, resgate de oportunidade e participação nos sacramentos.

A *primeira subcategoria*, sobre a motivação para a catequese como momento para aprofundar a fé, apresenta o princípio que norteia todo o sentido de existir da ação evangelizadora da catequese. Quando falamos em educação da fé com adultos, nos referimos à catequese com adultos na perspectiva de catequese permanente e necessária para todos. A educação da fé é progressiva, comporta mudanças de pensamento, amadurecimento de atitudes.

O adulto deve sair do seu infantilismo religioso, responder às questões fundamentais de sua fé, atualizar-se para justificar o seu "ser cristão" no mundo de hoje e

⁷⁵⁵ CNBB, Doc. 107, 52.

conhecer seu papel transformador dentro e fora da Igreja. Para isso, a catequese deve dialogar com o homem moderno, que é crítico⁷⁵⁶.

A missão da Igreja hoje, mais do que batizar por tradição familiar, deve incentivar a pessoa a construir sua própria identidade de fé. Aliás, um dos grandes ideais do homem e da mulher modernos e contemporâneos é a realização pessoal. No entanto, para que o cristão se realize plenamente, ele precisa passar por um processo de amadurecimento de sua fé, no qual possa adquirir as condições e estabelecer valores que orientem a sua existência, um dos caminhos é o aprofundamento da sua fé.

Por isso, mais do que o ensino de teorias, normas, dogmas, doutrinas, a fim de obter um possível resultado feliz nas ações pastorais, por parte dos agentes, é preciso fazer o anúncio de Cristo, porque a fé não é óbvia:

Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando-a como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que não é assim em grandes setores da sociedade, devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas⁷⁵⁷.

A proposta de educação da fé a partir da iniciação à vida cristã descrita nos documentos do magistério, defende que a pedagogia necessária da Igreja para iniciar os adultos no caminho de fé encontra-se contemplada no Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, fruto dos esforços de renovação levados a cumprimento pelo Vaticano II. Esse Ritual é muito amplo e não se limita a ser somente mais um ritual; ele, na verdade, é uma proposta de evangelização com o adulto e para o adulto, por meio de um processo envolvente em que a pessoa é chamada a viver um encontro profundo com a pessoa de Jesus Cristo e, na comunidade, vai amadurecendo a opção por ser cristão através das diversas celebrações progressivas que marcam a caminhada e conduzem a pessoa à vivência plena e consciente do compromisso cristão.

⁷⁵⁶ Cf. CNBB, Estudo 97, 39.

⁷⁵⁷ BENTO XVI, PP. A porta da fé (porta fidei), 2.

Há já algum tempo, especialmente a partir do período “querigmático” do movimento catequético, reivindicou-se para a catequese a natureza de “serviço da fé”, e pouco a pouco foi se tornando habitual, na literatura catequética e eclesial, a denominação da catequese como “educação da fé” (ou educação para a fé, ou ainda educação na fé), ou outras expressões semelhantes que contêm uma referência explícita à fé: transmissão da fé, pedagogia da fé, ensinamento da fé, itinerário de fé etc.⁷⁵⁸.

O Brasil, no contexto atual, é compreendido como um país de muitos batizados católicos. Porém, a grande maioria não leva a sério o cultivo da fé cristã. A consequência disso é o descuido com a formação inicial cristã e o não engajamento na vida da comunidade. O processo de iniciação à vida cristã com adultos quer ajudar as pessoas em um processo que a pessoa possa ser convertida, integrada na ação pastoral conjunta; assumindo a vida em comunidade, pois não se age em causa e consciência próprias, mas como resposta ao chamado em vista da missão evangelizadora da Igreja.

É evidente nas falas dos adultos que procuram a catequese a busca do conhecer, do aprofundar sobre a fé, a religião, a sagrada escritura, tais como: “precisava me estabilizar, encontrar Deus e tirar as minhas dúvidas também. Então eu procurei a catequese de adultos”⁷⁵⁹, “necessidade de conhecer mais a Deus, a igreja e os fundamentos da Igreja”⁷⁶⁰. “Pra mim, me ajudou a ter um conhecimento a mais na palavra, entendimento”⁷⁶¹. “Quando comecei a fazer a catequese, percebi a riqueza que tinha na Igreja, através da palavra de Deus, das liturgias, uma aproximação maior da Igreja, do propósito”⁷⁶².

A expressão educação da fé com adultos é algo que vem se firmando cada vez mais na vida da Igreja como uma necessidade para os dias atuais, pois é possível perceber muitos homens e mulheres que se dizem e afirmam católicos, mas que levam uma vida incoerente com a prática da fé, por isso a urgência da catequese com adultos que os ajude na educação da fé, na vivência da fé, bem como do seu conteúdo e mensagem⁷⁶³.

Na *segunda subcategoria*, a inserção na comunidade diz respeito à necessidade que os adultos sentem de estar inseridos na vida da comunidade de fé-Igreja.

⁷⁵⁸ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 154.

⁷⁵⁹ Resposta da pessoa 1 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 443 (Apêndice F).

⁷⁶⁰ Resposta da pessoa 5 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

⁷⁶¹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 443-444 (Apêndice F).

⁷⁶² Resposta da pessoa 2 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 445 (Apêndice F).

⁷⁶³ Cf. CALANDRO, E.; LEDO, J. Psicopedagogia Catequética, v. 3.

Um dos objetivos da nova evangelização na catequese é a pertença na vida comunitária. Já, em 1983, o documento *Catequese Renovada* da CNBB alertava para o valor e importância da *caminhada da comunidade de fé* como ambiente e conteúdo da educação na fé. “A comunidade eclesial é o lugar da Iniciação à Vida Cristã e da educação da fé dos adultos”⁷⁶⁴.

O Diretório Geral para a Catequese marca o sentido de uma verdadeira opção comunitária na catequese atual, referindo-a como *condição, lugar, sujeito, objeto e meta* da catequese⁷⁶⁵.

Tudo indica que o presente e o futuro do processo da iniciação à vida cristã no itinerário com adultos dependem de um novo rosto estrutural da vida eclesial, buscando seu sentido de vida comunitária como algo importante do processo catequético. Um novo perfil de vida em comunidade é condição necessária para que o projeto de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal seja levado a cabo, “porque não há comunidades, não há catecumenato, e porque não há catecumenato, não chegamos a comunidades”⁷⁶⁶. Neste novo processo chamado iniciação à vida cristã é preciso uma nova configuração da vida em comunidade para que se efetive um itinerário que ajude os adultos a fazer processos, que os ajude a viver a fé cristã na comunidade eclesial.

Para que as comunidades sejam renovadas, a catequese deve ser uma prioridade. Um novo olhar permitirá uma nova prática. A catequese, como iniciação à vida cristã, ainda é desconhecida em muitas comunidades. Trata-se de passar da catequese como instrução e adotar a metodologia catecumenal, conforme a orientação do Ritual da iniciação cristã de adultos (RICA) e do Diretório Nacional de Catequese⁷⁶⁷.

O termo comunidade é atualmente usado para realidades muito diversas, desde comunidades nas redes sociais, grupos afins, como também a paróquia, pequenas comunidades, grupos, movimentos eclesiais etc. O Concílio Vaticano II salientou a eclesiologia de comunhão, e possibilitou uma nova visão da própria paróquia, vista como “comunidade de comunidades”. As comunidades de base, pequenos grupos de cristãos que procuram, em uma relação mais próxima, o espaço para aprofundar, viver, celebrar e rezar sua fé.

⁷⁶⁴ CNBB, Doc. 102, 90.

⁷⁶⁵ DGC 158; 254.

⁷⁶⁶ BOROBIÓ, D., *Catecumenado e Iniciación Cristiana*, p. 549.

⁷⁶⁷ CNBB, Doc. 100, 221.

Por outro lado, a reflexão catequética atual orienta para o reconhecimento do grupo de catequese como uma verdadeira experiência comunitária, de Igreja. De fato, para muitos adultos que participaram desta pesquisa o grupo de catequese é a primeira e mais próxima experiência de Igreja. Ele é uma verdadeira comunidade dentro da comunidade mais alargada em que está inserido.

A catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da fé. Sua finalidade é a maturidade da fé, em um compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo⁷⁶⁸. As características principais da catequese levam em consideração a pessoa e a comunidade; a Bíblia é o livro-fonte; o adulto é o principal destinatário; centraliza-se no seguimento de Jesus Cristo; privilegia a opção pelos pobres.

A estreita relação entre o itinerário catecumenal e a comunidade eclesial se manifesta em dois momentos que se complementam e se alimentam mutuamente: *primeiro*, a Iniciação encontra na comunidade eclesial o seu ambiente próprio; ela é a atmosfera na qual o discípulo missionário de Jesus nasce e se fortalece. E, em *segundo* lugar, a comunidade é também a meta a ser atingida pela Iniciação: o itinerário catecumenal educa para a vida de fé na comunidade, alimenta-a e renova. A comunidade é ajudada pelo itinerário catecumenal para crescer na fé e, ao mesmo tempo, exerce a “função maternal” de gerar novos filhos⁷⁶⁹.

É possível percebermos nas falas dos catequizandos adultos a sua compreensão da vida em comunidade e ao mesmo tempo o quanto esta inserção os ajudou no processo do itinerário catequético: “Acho que a oportunidade de conhecer, entrar mais na Igreja, hoje eu não participo apenas da catequese mas também do encontro de ECC, trabalho dentro da Igreja”⁷⁷⁰. “Pra mim, só o fato de eu estar aqui hoje falando já é uma riqueza, pois em outros tempos eu iria inventar qualquer coisa pra não estar aqui”⁷⁷¹. “O bom também é perceber que comunhão não só na Igreja, na missa em si. Percebemos que podemos ser Igreja em qualquer lugar, ter comunhão na catequese, na casa das pessoas etc.”⁷⁷².

Nessas falas fica claro para nós a importância da comunidade cristã, pois ela é o sujeito primeiro e principal da catequese, ponto de referência de suas articula-

⁷⁶⁸ CNBB, Doc. 26, 318.

⁷⁶⁹ CNBB, Doc. 107, 99.

⁷⁷⁰ Resposta da pessoa 1 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 444-445 (Apêndice F).

⁷⁷¹ Resposta da pessoa 7 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 446 (Apêndice F).

⁷⁷² Resposta da pessoa 5 à pergunta 3 da primeira coleta de dados, p. 446-447 (Apêndice F).

ções diversas e particulares: “A catequese é uma responsabilidade de toda a comunidade cristã. A catequese é, portanto, uma ação educativa realizada a partir da responsabilidade peculiar de cada membro da comunidade⁷⁷³.”

Isso quer dizer que o primeiro catequista, o catequista por excelência, é a comunidade cristã, que deve ser considerada agente solidariamente responsável pela catequese. Está superada a mentalidade que considera a catequese como tarefa de alguns “encarregados dos trabalhos” ou “especialistas”; em vez disso, cumpre promover a consciência do envolvimento comunitário de todos na sua realização⁷⁷⁴.

Sabemos que cada vez mais aumenta a procura dos adultos para fazer o itinerário da catequese, antes quase inexistente, dado que a catequese era uma atividade meramente voltada para as crianças. Por isso, quando se fala atualmente de formação cristã na vida em comunidade, sente-se a necessidade de gerar agentes que consigam assimilar todas essas complexas mudanças do atual contexto da sociedade em grandes mudanças como já refletimos no primeiro capítulo, para poder, a partir delas, fazer o anúncio do Evangelho.

Na *terceira subcategoria*, percebe-se o resgate de oportunidade, pois alguns adultos por diversos motivos foram iniciados na vivência dos sacramentos na infância, mas pararam aí, outros nem tiveram a oportunidade de participar de um grupo de catequese. É também muito comum no imaginário das pessoas que o processo de iniciação à vida cristã é um itinerário catequético destinado apenas ao público infantil.

Cada idade é um momento propício da vida que comporta os seus desafios e a sua maturação. Não basta ser adulto em idade, para ser adulto na fé! Uma grande parte dos cristãos cresce em idade e em cultura, mas ao nível da fé ficaram com os conhecimentos infantis. Na sociedade atual tão complexa, não se permanece cristão só pelo fato de se ter aprendido a sê-lo quando criança ou adolescente. Tornar-se cristão e adulto na fé não é algo automático, acontece em um processo, em uma interação de fé e vida, vida e fé.

Também como adultos surge a necessidade de um aprofundamento da fé para que esta seja uma escolha pessoal e fundada, e para o diálogo entre fé e cultura do nosso tempo. Hoje a catequese com adultos é mais necessária ainda do que a das crianças e adolescentes. Uma das maiores lacunas de muitos cristãos é a falta

⁷⁷³ DGC, 5. ed., 220.

⁷⁷⁴ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 219.

de uma visão de síntese da fé cristã. Outra lacuna a preencher com urgência é a falta de conhecimento da Sagrada Escritura. A Bíblia, porém, é o primeiro livro da fé e da cultura cristã, bem como o principal livro da catequese.

Percebemos que a iniciação à vida cristã com adultos como tempo de aprofundamento da fé e acompanhamento da fé com os adultos que, nas mais diversas situações e contextos, procuram iniciar, reiniciar, ou aprofundar a sua relação com Deus na Igreja, constitui um campo pastoral amplo e complexo, pois são diversas as situações das pessoas que estão vindo ao encontro da comunidade para o itinerário da iniciação à vida cristã. A ação da Igreja deve consistir em proporcionar as melhores condições para que cada pessoa percorra um caminho na fé que a conduza a uma vida cristã adulta, madura e responsável. O processo da iniciação à vida cristã deve ser visto a partir de uma pluralidade de modos de adequação da mensagem com adultos, isto é um dom inestimável que se deve manter e potencializar. Cada comunidade eclesial é chamada a empenhar-se, cada vez mais, na evangelização com os adultos. O vasto e diverso campo da catequese com adultos reclama a definição de princípios básicos que o oriente.

Nas descrições a seguir, a partir das falas dos adultos, podemos perceber o quanto o resgate de oportunidade fez a diferença e, ao mesmo tempo, o desejo que tinham em fazer o itinerário da iniciação à vida cristã:

No meu caso, eu já comecei quando era mais jovem. Fiz por três anos, mas não finalizei por conta de minha mãe ser sozinha e eu precisar estar sempre com ela ajudando, então não dava pra finalizar. Meus irmãos, já crescidos passarinhos já tudo voando (risos), então sobrou minha mãe, minha irmã mais nova e eu, porém onde eu residia não foi possível fazer, aqui eu encontrei a oportunidade [...] ⁷⁷⁵.

Então fui deixando de lado, mas quando me separei procurei saber se poderia fazer e disseram que sim, aí aproveitei a oportunidade ⁷⁷⁶.

Meus pais eram separados, e minha mãe nunca me levou pra Igreja. Então eu comecei a vir só depois de adulta, aí ouvi falar da catequese e me interessei em fazer, isso já faz algum tempo ⁷⁷⁷.

Eu, no meu caso era um sonho desde criança, sempre fui católica praticante e comecei a catequese ainda criança e parei na minha adolescência, uma perda de ao menos vinte e sete anos, vim de família grande, tive que cuidar dos filhos aí fui deixando de lado. Me casei aos vinte cinco anos e quando queria dar continuidade meu marido proibia de ir à Igreja. Fiquei casada por vinte e três anos. Quando tive

⁷⁷⁵ Resposta da pessoa 2 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 443 (Apêndice F).

⁷⁷⁶ Resposta da pessoa 3 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 443-444 (Apêndice F).

⁷⁷⁷ Resposta da pessoa 4 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

minha primeira filha eu quis trabalhar, voltar pra Igreja, mas meu marido sempre falava: “Você não vai trabalhar e também não vai pra Igreja”. Aí, um dia aos quarenta e oito anos eu decidi me separar dele e seguir a Deus, antes tive minha segunda filha, ainda sim disse: “É agora ou nunca”⁷⁷⁸.

A *quarta subcategoria* trata sobre a participação nos sacramentos, sabemos que a catequese não visa a sacramentalização, mas deseja percorrer uma efetiva iniciação à vida cristã para formar discípulos missionários de Jesus Cristo.

Infelizmente, ainda existe a preocupação de uma catequese centrada meramente na recepção dos sacramentos, e a consequência disso já foi percebida, o distanciamento da comunidade-igreja de um grande número de fiéis. O que se percebemos nesta pesquisa é que o interesse dos adultos para catequese não está fixado na busca dos sacramentos, ou para completar os sacramentos da iniciação cristã, mas predominou o desejo de aprofundar a fé, no entanto, alguns ainda citam o desejo de receber os sacramentos de iniciação e até mesmo o sacramento do matrimônio e para isto vieram para a catequese. “Já eu, foi pelo motivo de ficar muito triste em ver as pessoas comungando e eu não. Então, quando surgiu a oportunidade eu peguei com as duas mãos”⁷⁷⁹. “[...] percebi que estava faltando algo porque sem a comunhão e a crisma a gente não pode comungar. Eu tentei algumas vezes mas não consegui, aí ano passado graças a Deus eu consegui”⁷⁸⁰.

Eu nasci na Igreja católica, e mesmo minha mãe tendo falecido e eu morando sozinha sempre tive vontade de me casar na igreja católica, porque esse foi o ensinamento dado pelos meus pais na minha infância e mesmo hoje não tendo mais meus pais, esses ensinamentos ainda fazem parte da minha vida⁷⁸¹.

Mesmo nas falas sobre o desejo de receber os sacramentos, percebemos que há mais, o desejo de aprofundar a fé que o itinerário de iniciação à vida cristã com adultos é uma catequese original, pois muito mais do que saber e aprender, a catequese com adultos quer oferecer o experimentar, conversar, viver. Há sempre aspectos a rever, confrontos a fazer, realidades a converter, pois a fé é dinâmica e para aprofundar a fé é preciso um processo que acontece na dinâmica da catequese.

⁷⁷⁸ Resposta da pessoa 7 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

⁷⁷⁹ Resposta da pessoa 6 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

⁷⁸⁰ Resposta da pessoa 5 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

⁷⁸¹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 445 (Apêndice F).

Hoje a Igreja do Brasil, tanto através do Diretório Geral para a Catequese da Sé Apostólica, como pelo Diretório Nacional de Catequese da CNBB, o *Documento de Aparecida* e o estudo da CNBB sobre Iniciação à Vida Cristã conclamam insistentemente o retorno de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Percebe-se que o mais importante não é a iniciação sacramental, mas a vida cristã. O *Documento de Aparecida* afirma que é “um desafio que devemos encarar com decisão, com coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada”⁷⁸².

O Diretório Nacional de Catequese afirma que a fé cristã nos faz reconhecer um propósito na existência: não somos frutos do acaso, fazemos parte de uma história que se desenrola sob o olhar amoroso de Deus. A fé, quando encarnada na vida, nos ensina a encontrar sentido de vida. Segundo Alberich, há um divórcio entre fé e vida-cultura, que pode ser o resultado de muitas crises entre a pessoa e a instituição. Uma fé alheia aos valores da vida e da cultura, além de gerar contradição, deixa a pessoa indiferente. É necessário que haja esta integração, mesmo permanecendo fiéis à sua tradição religiosa, considerada importante.

Nessa situação muitos julgam dever escolher a vida e a cultura, abandonando a fé. Mas há também outros tantos cristãos desejosos de permanecer fiéis a uma tradição religiosa que consideram importante para eles, mas que não conseguem integrar de maneira convincente a seu universo vital e cultural⁷⁸³.

Viver dessa forma deixa a pessoa dividida como se vivesse em dois mundos, o da fé, e o cultural próprio da vida, um sem ligação com o outro. No entanto, quando existe diálogo entre fé, cultura e vida, a troca de experiências favorece mais compromisso e uma verdadeira transformação. Essa é, portanto, a missão da catequese com adultos.

Por isso, os sacramentos no processo do itinerário da iniciação à vida cristã, devem ser momentos fortes do caminho percorrido e não como fim de um “curso”, como, infelizmente, muitas vezes foi compreendida a catequese, esta superação levará tempo, mas acreditamos que o percurso que o projeto da Igreja do Brasil vem desenvolvendo já conseguiu criar consciência de evangelização, de caminho para o seguimento, para o discipulado, sendo a catequese a grande responsável por tal ação.

⁷⁸² DAp 287.

⁷⁸³ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 47.

A *segunda categoria*, acolhida na comunidade eclesial, nos apresenta o quanto os gestos simples são importantes e impactantes na vida das pessoas que estão retornando, ou estão vindo pela primeira vez para a comunidade cristã devido ao itinerário de iniciação à vida cristã.

Os adultos que estão no itinerário da iniciação à vida cristã relataram que sentiram muito forte a acolhida, de modo muito especial no tempo do querigma, onde a comunidade foi convidada a participar, bem como com a presença dos introdutores e a celebração de acolhida na comunidade para o tempo da catequese.

O itinerário da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal deve levar em consideração a acolhida, porém, para que a proposta como projeto da iniciação em uma comunidade eclesial corresponda ao que se propõe, há a necessidade além da ação da obra de Deus, da ação concreta de pessoas. De antemão, lembramos que, sem o espírito evangélico, a acolhida na comunidade torna-se algo formal e mecânico, isento da dimensão fraterna.

Ação catecumenal compreende todo o conjunto de atividades dirigidas a quantos se interessam pela fé e querem ser ou voltar a ser cristãos, seguindo o percurso da iniciação cristã: acolhida, acompanhamento, catequese de iniciação, ritos e sacramentos de iniciação, mistagogia. A ação catecumenal é uma função essencial da vida da Igreja, expressão da sua maternidade⁷⁸⁴.

Nesse momento da iniciação à vida cristã no itinerário catequético, a acolhida se faz, na Igreja, algo muito importante e necessário. Diríamos, até mesmo, fundamental, essencial e primordial. A acolhida como campo de ação, bem como ação evangelizadora não pode ser ocupada por outras pastorais, como por exemplo, a pastoral da acolhida presente em muitas comunidades do Brasil, mas a acolhida deve ser a missão da própria iniciação, porque esse processo é a porta de acesso a todas as pastorais e, inclusive, à própria comunidade. Se não houver uma boa acolhida, todos os trabalhos, todas as ações e a comunidade em si estarão fadados ao fracasso. Ninguém quer permanecer onde não é bem acolhido. Para que uma ação dê frutos é preciso, primeiro, que seus agentes sintam-se acolhidos.

Bem diferente de grupos sociais, para aqueles que estão chegando ou retornando a vida eclesial, é evidente que são as pequenas atitudes que fazem uma enorme diferença na vida das pessoas. Acolher significa oferecer refúgio, proteção

⁷⁸⁴ Cf. DGC, 5. ed., 48.

ou conforto. É mostrar, com gestos e palavras, que a comunidade paroquial é o espaço onde se pode encontrar essa segurança. Demonstrar, na prática, como sugere Zygmunt Bauman, que “a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante”⁷⁸⁵. Quando se é bem acolhido na comunidade, ela passa a representar, segundo Bauman, esse “teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”. Toda essa imagem figurada de segurança torna-se real na comunidade quando se é bem acolhido, porque acolher é também dar abrigo, amparar, dar ou receber hospitalidade, ter ou receber alguém junto de si. Assim sendo, o itinerário da iniciação à vida cristã com adultos vai muito além da transmissão de conteúdos. Ele envolve uma rede de relacionamentos que dá sustentação e perseverança para uma efetiva inserção na comunidade cristã.

Na nossa sociedade é muito forte a socialização dos indivíduos e dos grupos. As pertencas sociais se multiplicam, mas as pessoas do nosso tempo se sentem muitas vezes sem pontos de referência, sós e perdidas na massa, sem uma comunidade que lhes permita sentir-se pessoas acolhidas e valorizadas. Em muitos aspectos, a vida moderna é despersonalizante, massificante, com exigências de eficácia e de produção que impedem os indivíduos de realizar-se como pessoas. Assim se explica o grande desejo de experiências autênticas de comunhão e de comunidade⁷⁸⁶.

Por isso, acolher é também receber o outro como ele é, admiti-lo no espaço que já estamos e permitir que se sinta à vontade. Isso ficou bem evidente na fala dos adultos, tais como:

Acho que a atenção dada às novas pessoas, tratando elas com a motivação daqui pra frente, eu acredito que é o futuro da Igreja. A celebração de entrarmos todos em conjunto, faziam as pessoas olhar e perceber que somos catequizandos, fazemos parte também da comunidade”⁷⁸⁷.

“O abrir das portas da Igreja pra nós, como se estivesse abrindo as portas do Reino de Deus, pra mim foi isso”⁷⁸⁸. “Pra mim, foi importante quando o senhor abriu as portas da Igreja pra nos receber, foi como o céus se abrindo pra nos acolher, ficou gravado na minha mente”⁷⁸⁹.

⁷⁸⁵ BAUMAN, Z., *Comunidade*, p. 7.

⁷⁸⁶ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 266.

⁷⁸⁷ Resposta da pessoa 5 à pergunta 4 da primeira coleta de dados, p. 447-448 (Apêndice F).

⁷⁸⁸ Resposta da pessoa 4 à pergunta 4 da primeira coleta de dados, p. 447 (Apêndice F).

⁷⁸⁹ Resposta da pessoa 2 à pergunta 4 da primeira coleta de dados, p. 447 (Apêndice F).

Percebemos que as falas estão preenchidas da importância do momento da celebração de acolhida para o tempo da catequese, e o quanto isto foi impactante para a vida dos adultos, pois se sentiram parte integrante da comunidade eclesial. Se hoje estamos na comunidade desenvolvendo algum tipo de atividade, é porque um dia alguém também nos acolheu. Acolher é, portanto, aceitar, deixar que o outro venha fazer parte da nossa comunidade e não ver nele um concorrente, mas, sim, um colaborador, alguém que vem para somar. É também dar crédito àquele que chega, levar em consideração que, se procurou a comunidade pelo itinerário da iniciação à vida cristã, é porque quer colaborar, oferecer algo de si; então, nossa missão como comunidade eclesial é acolher da melhor forma possível. Uma boa acolhida é uma das qualidades mais importantes de uma comunidade de fé.

Vale lembrar que esse tipo de ação catequética é ação evangelizadora, com isso, tem como primado a boa nova, entendida como a ação de Deus em Jesus Cristo por meio de seu Espírito. Então, com isso temos um processo de iniciação mais querigmático e menos doutrinal, mais narrativa e menos explicativa ou dedutiva e mais Mistagógica. Isto resulta uma ação a partir de um itinerário mais acolhedor e atrativo, talvez seja este o desafio que o novo paradigma catequético impõe a todos nós.

A *terceira categoria* acena para o encantamento e indicação para outros: quando acontece o despertar, a consequência é o encantamento; nesse encantamento surge o desejo do anúncio para que outros possam também fazer parte. O *Documento de Aparecida* acena para esse fato: “Conhecer Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo, é uma graça e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e escolher”⁷⁹⁰.

A secularização se vai transformando, pouco a pouco, em uma autêntica descristianização da sociedade e, simultaneamente, tem surgido por todas as partes uma pluralidade de ofertas, de sentido algumas vezes, de diversão outras vezes, que fazem da nossa uma sociedade plural e laica⁷⁹¹.

Percebemos que o processo de secularização causou em muitos casos o desencantamento do homem e da mulher modernos, isto não afetou somente a Europa. Não somente os países europeus vivem a realidade da perda da identidade

⁷⁹⁰ DAp 18.

⁷⁹¹ MARTÍNEZ ÁLVAREZ, D.; GONZÁLEZ IBÁÑEZ, P.; SABORIDO CURSACHLOS, J. L., Los nuevos caminos de la catequesis, Cantabria, p. 146.

cristã. A secularização tomou conta, também, do Brasil. Um sujeito secularizado, em consequência desencantado, está aparecendo em nossa realidade brasileira, a consequência mais séria neste campo é a dificuldade da transmissão da fé. Por isso, é hora de pensarmos um novo destinatário como interlocutor da ação pastoral evangelizadora, como processo de iniciação à vida cristã, como um itinerário no atual contexto da Igreja em nossa realidade brasileira, precisamos resgatar o encantamento para o seguimento a Jesus Cristo na vida comunitária e eclesial.

Atravessamos um período de verdadeira recomposição espiritual. A atração pelo religioso, inclusive o cristão, não desapareceu, foi metamorfoseada. [Os batizados] já não se sentem cristãos da mesma maneira que antes; mas com uma diferença que aproveita as realidades religiosas disponíveis. Cada indivíduo toma a liberdade de construir uma espécie de religião privada, livre de toda restrição institucional. Trata-se de uma fé mais nômade e imprecisa, que representa a dimensão mais livre da liberdade. É um fator de realização pessoal, que não está necessariamente orientado para a transcendência. A busca espiritual de muita gente fica reduzida a uma migração dentro de si mesmo⁷⁹².

Diante deste contexto secularizado e até mesmo da indiferença precisamos de um processo de iniciação que seja encantador e desperte para o anúncio aos outros. Sabemos que é um grande desafio, mas neste novo paradigma da iniciação com inspiração catecumenal é possível e favorável um projeto que ajude a despertar e encantar para que aconteça a permanência e o anúncio aos outros. As falas dos adultos revelam essas expressões de encantamento e de convite para que outros possam fazer parte do itinerário da iniciação à vida cristã com adultos.

“Coloquei primeiro meus filhos, hoje eles já recebem e acabou que isso me deixou mais triste, pois eles já estavam fazendo e eu não (risos). Então, busquei, e agora estou aqui e pretendo ficar até o final”⁷⁹³.

Hoje em dia eu sigo pra levar minhas filhas no caminho correto e honesto, porque vejo que o mundo lá fora é só ilusão. Então, sinto que devo levá-las para o caminho, não apenas elas, mas meus sobrinhos, família, sei que tenho que passar algo melhor pra eles também, para as pessoas do meu ambiente de trabalho, pois tem muitas pessoas que precisam, preciso estar pronta pra ajudar⁷⁹⁴.

⁷⁹² VILLEPELET, D., Los desafios planteados a la catequesis francesa, Sinite, p. 88.

⁷⁹³ Resposta da pessoa 6 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

⁷⁹⁴ Resposta da pessoa 7 à pergunta 1 da primeira coleta de dados, p. 444 (Apêndice F).

Uma das marcas do novo paradigma com a proposta da iniciação à vida cristã, tende a ser o caráter experiencial da fé⁷⁹⁵. Infelizmente, com os modelos catequéticos vigentes, não é possível haver encantamento, nem mesmo “uma genuína iniciação cristã, suscitadora e promotora de crentes, com uma verdadeira experiência de fé, de encontro interpessoal com o Deus revelado”⁷⁹⁶. Já é conhecida a frase lapidar de Rahner: “O cristão do século XXI será místico ou não será cristão”. Acreditamos que só poderá ser místico aquele que se encantou por Jesus Cristo e o quis fazer conhecido. “Temos certamente um elemento claro do novo paradigma da catequese: o aspecto experiencial. Se queremos anunciar que Jesus Cristo é nosso salvador, isto somente pode ser entendido se podemos apresentar uma verdadeira experiência de salvação”⁷⁹⁷. Isto requer pessoas encantadas pela pessoa de Jesus Cristo que formarão e conduzirão outros para o encantamento.

Finalmente, aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza. Está nisso o teste de verdade, a pedra-de-toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra⁷⁹⁸.

A *quarta categoria* é a convivência comunitária, como espaço importante para a vivência eclesial, ressaltamos, no itinerário da iniciação à vida cristã, o caráter comunitário como lugar da partilha de vida, de descobertas, vivências e conhecimentos. “É na comunidade que se constrói a identidade comum e é lá onde crescem os vínculos de convivência”.⁷⁹⁹ Todo o itinerário é um processo realizado em grupo que favorece as relações comunitárias, sendo suporte social para os participantes.

É muito significativa a fala de um dos participantes com relação a este suporte comunitário que o grupo pode oferecer, pois afirma: “Pra mim, foi o reconhecimento, o valor das pessoas independente de ser as do nosso convívio, que possui uma vida similar [...]”⁸⁰⁰.

⁷⁹⁵ MARTÍNEZ ÁLVAREZ, D.; GONZÁLEZ IBÁÑEZ, P.; SABORIDO CURSACHLOS, J. L., Los nuevos caminos de la catequesis, Cantabria, p. 146.

⁷⁹⁶ PEDROSA, V., Mesa redonda, Catequética, p.143.

⁷⁹⁷ ALBERICH, E., Um novo paradigma para a catequese num mundo em mudança, Revista de Catequese, p. 36-40.

⁷⁹⁸ EN, n.24.

⁷⁹⁹ CNBB, Doc. 100, 109.

⁸⁰⁰ Resposta da pessoa 5 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 445 (Apêndice F).

Nós sentamos juntos e discutimos algumas coisas, desabafamos e esses desabafos servem como exemplo, exemplos de vida e partilha de vida. Nos sentimos livres, se estamos passando um momento difícil desabafamos, mesmo que alguns tenham dificuldade de desabafar, ao ver o colega desabafando você também fica mais à vontade pra falar”⁸⁰¹.

A vivência da fé em comunidade favorece as relações interpessoais, ressalta a importância da vida em comunidade e a fraternidade comunitária; os participantes relatam o espaço da catequese como convivência, partilha de vida e chegam até a relacionar a interação grupal com família: “A gente conhece muita gente, se torna uma família, aumenta a fé da gente e ficamos mais amigos das pessoas”⁸⁰².

Para que o Reino de Deus pudesse manifestar-se, novamente, na convivência comunitária do povo, as pessoas precisavam ultrapassar os limites estreitos da sua pequena família e se abrir novamente para a grande família, para a comunidade: uma família de famílias. Jesus deu o exemplo. Quando sua própria família tentou apoderar-se dele, reagiu e disse: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos? Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,34-35). Ele quis evitar que sua família se fechasse sobre si. Jesus alargou o horizonte da família⁸⁰³.

A convivência comunitária no grupo dos adultos que estão no itinerário da catequese favorece as relações como meio de vida fraterna marcado por momentos fortes de oração e celebração, acreditamos que esses elementos são constitutivos para criar vínculos e facilitar a convivência sadia entre as pessoas.

Esses sinais evangelizadores especificam a missão da Igreja no mundo: tornar presentes entre os seres humanos, como sinal e primícia do grande projeto de Deus, quatro grandes dons de que é portadora: um novo modo de amor universal, uma nova forma de convivência fraterna, uma palavra e um testemunho carregados de esperança, um conjunto de celebrações que manifestam uma vida em plenitude. É sobretudo através desses sinais do Reino que a Igreja deve cumprir sua missão na história e dar sua contribuição específica e insubstituível ao advento do Reino de Deus⁸⁰⁴.

Estes elementos importantes que favorecem as relações e convivência comunitária na vida eclesial nos remetem à formação do povo de Deus que é sempre uma “ação eclesial que brota de Jesus Cristo”⁸⁰⁵. Ela precisa vir depois da fé em

⁸⁰¹ Resposta da pessoa 2 à pergunta 3 da primeira coleta de dados, p. 446 (Apêndice F).

⁸⁰² Resposta da pessoa 1 à pergunta 3 da primeira coleta de dados, p. 446 (Apêndice F).

⁸⁰³ CNBB, Doc. 100, 10.

⁸⁰⁴ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 63.

⁸⁰⁵ CNBB, Doc. 94, 4.

Cristo, porque o aprofundar em uma mensagem ou conteúdo vem depois. Antes é preciso anunciar a Palavra, para que a pessoa desperte e encante-se e coloque-se em pé, no seguimento, no discipulado, por isso “começa sempre a partir de Jesus Cristo”⁸⁰⁶, “que introduz o ser humano na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja”⁸⁰⁷.

A proposta da iniciação à vida cristã pela via catecumenal possibilita a experiência celebrativa durante todo o itinerário de catequese, são celebrações correlacionadas com que foi aprofundado no encontro com o grupo a partir do conteúdo, todas as mensagens vivenciadas nos encontros de catequese, também são celebradas na vida da comunidade. A partir da proposta da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, toda a catequese deve conduzir para o mistério, para a dimensão celebrativa.

A *quinta categoria*, intitulada como experiência celebrativa, ressalta a importância da celebração na vida do crente, a fé também é celebrada e, então, é alimentada.

As celebrações litúrgicas são lugares privilegiados da experiência de Deus. Esta implica a ação litúrgica, enquanto epifania de Deus que se revela ao homem, que irrompe na sua vida e o converte a Si. A experiência litúrgica realiza-se por Cristo na unidade do Espírito Santo e é diferente em cada sacramento e em cada fiel. A experiência litúrgica de Deus consiste em reconhecer e encontrar Deus através dos ritos e dos sinais sacramentais⁸⁰⁸.

O itinerário da iniciação à vida cristã deve conduzir necessariamente para a experiência do mistério que acontece na celebração litúrgica. Apesar de a palavra experiência ser difícil de definição, e apesar do seu carácter enigmático, a experiência é uma das palavras mestras para aprofundar a iniciação cristã como proposta de ação evangelizadora do século XXI. A experiência é algo vital e faz parte da própria existência. O cristianismo partilha essa situação humana, hoje mais sensível à experiência do que no passado. A análise da Igreja feita por Rahner levou-o a profetizar que “o cristão do futuro ou será um ‘místico’: ou seja, uma pessoa que ‘experimentou’ algo, ou não será cristão”.

O itinerário da iniciação à vida cristã é um processo pedagógico e, ao mesmo tempo, mistagógico da fé, enquanto caminho da maturação da fé. Esse

⁸⁰⁶ CNBB, Doc. 94, 6.

⁸⁰⁷ BENTO XVI, PP. A porta da fé (porta fidei), 1.

⁸⁰⁸ AA.VV. A celebração litúrgica, p. 47.

itinerário há que conduzir cada participante como interlocutor do processo à experiência da fé em Jesus Cristo. Percebemos que os adultos que estão no itinerário da catequese sentem-se motivados à inserção na comunidade Igreja, a frequentar mais as celebrações litúrgicas a partir dessas experiências mistagógicas, há uma afirmação significativa de um dos participantes: “Eu achei muito bonito também uma palavra que o senhor falou já dentro da Igreja, o senhor diz: “Levem a Palavra de Deus”, eu nunca me esqueci dessa palavra, levar pra sua casa, pra sua família, pro seu trabalho, onde você for”⁸⁰⁹.

A condição humana, tanto em sua dimensão antropológica como psicológica, tem necessidade de celebrar, comemorar. É importante que as conquistas da vida sejam celebradas. Qualquer bom motivo pode ser uma justificativa para celebração. A celebração é uma grande festa. O itinerário da iniciação à vida cristã com os adultos é marcado por momentos fortes de celebrações e ritos. Percebemos o quanto essas experiências mistagógicas ajudam os participantes na vida de fé, a alimentarem sua fé.

A metodologia adotada pela Igreja, como interação fé e vida, é algo predominante na teologia da iniciação à vida cristã como elemento constitutivo e importante de toda ação evangelizadora, pois esta é a forma autêntica de ajudar a prática catequética a se desenvolver interagindo as realidades da fé com as situações da vida, pois as experiências da vida não devem estar desligadas da fé, mas, uma iluminando a outra. A afirmação do princípio de interação entre fé e vida é a recusa tanto do excesso da teoria desligada da realidade quanto do dualismo que desvaloriza as necessidades do aqui e agora, da vida terrena dos filhos de Deus⁸¹⁰. Isso não significa que a prática catequética seja obrigada a dar respostas prontas aos questionamentos feitos pelas pessoas, sobre o sentido da vida, no entanto, tem a missão de ajudá-las a encontrarem respostas à luz da fé.

Na catequese, a interação fé e vida é entendida como método para a ação catequética, pois evita o dualismo que com frequência opõe fé e vida, sagrado e profano, humano e divino. A Conferência de Puebla ressalta a necessidade de uma catequese atual conectada com a realidade da vida em interação com a fé: “um esforço sincero para interagir a vida com a fé, a história humana com a história da

⁸⁰⁹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 4 da primeira coleta de dados, p. 447 (Apêndice F).

⁸¹⁰ CNBB, Doc. 84, 31.

salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga sua verdadeira libertação”⁸¹¹.

A experiência humana e a fé cristã são as duas fontes da teologia: devem ser pensadas em correlação. A reflexão teológica não parte de doutrinas vazias, mas do encontro e do acontecimento que a pessoa faz em sua vida com a pessoa de Jesus Cristo. A fé, enquanto atitude, é algo profundamente pessoal; a rigor, não se ensina nem se transmite: é dom, é graça. O que se pode fazer é ajudar outros a acolherem o dom da fé, removendo obstáculos, criando ambiente propício, oferecendo mediações de todo tipo.

Dessa forma a experiência de fé é a *sexta categoria* em análise, sendo subdividida em quatro subcategorias: fé como promotora de esperança e sentido, fé como superação das adversidades, fé como dispositivo para as relações interpessoais e a fé como fator de proteção.

A vida precisa de um sentido para ser vivida. Esse sentido é um valor, um objetivo, uma motivação forte que leva a pessoa a agir. Sem esse sentido, falta a força que move a pessoa. Afirmando na *primeira subcategoria* a experiência de fé como promotora de esperança e sentido, percebemos a variável fé como algo importante para a vida das pessoas, como aquela que abre perspectivas e lhe dá sentido de vida: “Para mim, ter fé é acreditar no impossível”⁸¹², “Acreditar que só existe um Deus, que só ele é capaz de nos fortalecer e resolver todos os nossos problemas. Entregar tudo nas mãos d’Ele. Pro dia mau ou bom, Ele é quem nos dá força”⁸¹³. Quando se afirma que a fé é promotora de sentido na vida não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto na realidade humana, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada.

A experiência humana entra no processo catequético por direito próprio. Se hoje a Igreja insiste no papel da experiência na educação da fé, não é por concessão a uma corrente da pedagogia geral dos nossos tempos. É a própria natureza da fé cristã e o caminho de seu amadurecimento que exigem uma atenção particular à experiência no ato catequético. Em outras palavras, pode-se afirmar que uma “catequese da experiência” é mais que uma simples modalidade transitória da pedagogia

⁸¹¹ DP 979.

⁸¹² Resposta da pessoa 1 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

⁸¹³ Resposta da pessoa 2 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

catequética, é mais que uma metodologia: é uma exigência inerente à transmissão do Evangelho, para que possa ser recebido como mensagem de salvação⁸¹⁴.

Um dos estudos importantes sobre o sentido da vida foi empreendido por Frankl com a Logoterapia: “num primeiro momento de reflexão e de investigação, Frankl descobriu a importância do significado na existência humana. O sentido da vida é insubstituível. Não se pode viver de maneira verdadeiramente humana sem sentido”⁸¹⁵.

A experiência de fé abre a pessoa para uma relação de confiança e esperança que enche de sentido a vida e tudo o que nela acontece. Esse dom responde às questões sobre a sua origem, o seu presente e o seu futuro. Isso é percebido nas falas dos participantes que se sentem acompanhados e amparados por Deus em todos os momentos da vida. Percebemos, por outro lado, que a experiência de fé como promotora de sentido e esperança é como uma energia que move a pessoa e a projeta para além dos seus limites, permite-lhe convicção e quase um vislumbrar o horizonte que tem à sua frente.

Recentes pesquisas dos psicólogos positivos revelam que pessoas com alto nível de fé e esperança obtêm melhor desempenho na vida, possuem pensamento divergente, ou seja, tem a capacidade de gerar muitas ideias, associações e detalhes e elevado nível de consciência.

Todo ser humano precisa ter objetivos, precisa de sentido para viver, sem eles não há sucesso nem autorrealização. Viver envolve coisas boas, mas também dificuldades, incertezas e reviravoltas.

A fé como promotora de esperança e sentido, faz com que a pessoa consiga enfrentar os problemas e adversidades por meio de estratégias adequadas que aumentam as chances de atingir os objetivos.

A experiência de fé como promotora de sentido e esperança na vida de uma pessoa que passa por um processo de iniciação à vida cristã, não pode ser confundida à experiência de Deus com outras experiências antropológicas, cuja ênfase está nas sensações sensoriais e êxtases psicológicas, “a experiência de fé não é,

⁸¹⁴ Alberich, 140. Espanha CC n. 223; CAL n. 23. Cf. GEVAERT, J. “Esperienza”, *Dizionario. Catechetico*, p. 247-49. Também a *Evangelii Nuntiandi* coloca a experiência no centro da transmissão do Evangelho: “Por acaso existe uma outra forma de expor o Evangelho que não transmitindo aos outros a própria experiência de fé?”: EN 46. CR 68-70 usa no título a expressão “experiência humana”, embora no texto, depois, não esteja tão claro, a não ser pela citação de Medellín.

⁸¹⁵ PETER, R., Vitor Frankl, p. 30.

portanto, apenas uma experiência do Sagrado, mas uma experiência do Sentido”⁸¹⁶.

Nesse sentido o itinerário da iniciação à vida cristã com adultos possibilita a experiência de fé como promotora de esperança e sentido, pois se propõe a revelar aos adultos o que eles têm dentro de si mesmos sem o saber, fazendo uma conexão entre fé e vida. Uma pedagogia muito indutiva: o encontro com Deus se dá então a partir da vida, da experiência concreta à luz da Palavra. Com isso, quantas conquistas podem obter, quantos desafios podem enfrentar com sucesso a partir de tais experiências.

A partir da história do ser humano, é possível sentir que sempre houve esforços das pessoas para vencer as adversidades e situações traumáticas que estão presentes na realidade da vida. As situações de adversidades não são estáticas e conseqüentemente requerem mudanças⁸¹⁷. Superar as adversidades, a partir da fé, requer uma atitude positiva de vida e de mentalidade.

A *segunda subcategoria*, a experiência de fé na superação das adversidades, nos remete a essa questão, conforme lemos na fala dos participantes: “A fé me ajuda e me oferece as forças necessárias para superar e vencer todas as coisas difíceis que tem na vida”⁸¹⁸, “Ter fé é ter esperança. Por maior que seja o obstáculo, devemos sempre esperar o melhor. Sempre pensar que o sol vai nascer amanhã e nos dar luz. Ter isso no coração pra ficar forte e perseverar”⁸¹⁹. Nesse sentido, a fé é entendida como força que ajuda a superar os momentos difíceis da vida, é a partir de uma experiência cristã, ou seja, um conjunto de práticas que a pessoa vivencia pela ação de Deus em sua história que faz com que uma pessoa seja capaz de superar situações difíceis à luz da fé e pela fé.

[...] existe experiência cristã, ouvindo-se a palavra de Deus, quando uma pessoa ou um grupo aprofunda e exprime sua própria vivência, acolhendo a experiência de Cristo e da Igreja como fonte de sentido. Dá-se, assim, um processo de identificação dinâmica entre o próprio itinerário experiencial e as experiências fundantes e eclesiais. Eis a essência da experiência de fé e o que, do ponto de vista existencial, significa escutar a palavra de Deus e pô-la em prática⁸²⁰.

⁸¹⁶ VAZ, H. L., A experiência de Deus, p. 78.

⁸¹⁷ Cf. GROTBORG, H. E., La resiliencia en el mundo de hoy.

⁸¹⁸ Resposta da pessoa 7 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

⁸¹⁹ Resposta da pessoa 8 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

⁸²⁰ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 140.

A fé é entendida aqui no sentido básico de atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir, a experiência de fé que ajuda a superar as situações de adversidades é atitude que faz a pessoa ser resiliente frente às situações contrárias à vida vivida no cotidiano. Seguindo os relatos dos participantes, a fé lhes dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas, às vezes graves. A partir da experiência de fé, a pessoa se torna capaz de lidar, superar, aprender ou mesmo se transformar com a adversidade que é inevitável a vida.

Aqui nos deparamos com este novo paradigma de estudo para a psicologia: o estudo sobre resiliência. “A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. Na psicologia, resiliar (*résilier*) é recuperar-se, ir para frente depois de uma doença, um trauma ou um estresse. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe (*rebondit* (se desenvolve depois de uma pausa)) e se (re)constitua”⁸²¹.

Os estudos sobre resiliência sugerem uma mudança de paradigma ao propor uma ótica de observação centrada nas capacidades dos indivíduos e grupos para a superação das experiências traumáticas, uma perspectiva de esperança. Em lugar de priorizar o enfoque dos aspectos negativos, isto é, das fraquezas, sintomas, doenças, carências e meios de compensá-los, tenta descobrir e promover as forças e capacidades para reagir e superar as adversidades da vida.

Percebemos que a fé é promotora de resiliência na superação das adversidades, quando afirma um dos participantes da pesquisa: “Ter fé é ter tudo! Nos momentos mais difíceis da vida da gente se tivermos fé vencemos tudo”⁸²².

Quando estou no meu limite e acho que não vou conseguir, percebo que minhas forças estão acabando, aí percebo a fé, aí você se agarra com a fé e, quando você menos espera, você vê que conseguiu superar aquela dificuldade na sua vida, você

⁸²¹ THEIS, A., La resiliencia en la literatura científica, p. 50.

⁸²² Resposta da pessoa 3 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

conseguiu conquistar o que tanto estava precisando. Na minha vida é sempre assim”⁸²³.

Muitas pesquisas salientam que existem muitas correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência⁸²⁴. A experiência de fé que possibilita resiliência em uma pessoa só é possível a partir de um caminho que a pessoa percorre. Boris Cyrulnik⁸²⁵ aponta alguns aspectos desse percurso. O primeiro são as aquisições de recursos que a pessoa possui em si desde os primeiros meses de vida; o segundo é o tipo de agressão e de adversidade que esta pessoa viveu e o significado que atribui a eles; o terceiro são as oportunidades e possibilidades que pessoa teve ao longo da sua vida; e o quarto a capacidade que a pessoa tem de dar um sentido à sua vida, este aspecto estaria ligado à vida espiritual, à religião.

Portanto, todo itinerário da iniciação à vida cristã com adultos pode e deve assumir, em seu próprio campo, os estímulos, as motivações e as metodologias próprias das experiências e reflexões da educação permanente para a vivência da fé.

Na *terceira subcategoria*, a experiência de fé como dispositivo para as relações interpessoais, observamos que a fé é uma atitude pessoal, mas requer relação com outro, do contrário pode tornar-se alienação. A experiência de fé deve conduzir a uma atitude prática com o outro, a um relacionamento sadio. Deve possibilitar a relação eu-tu no encontro com nós. Um dos participantes afirma: “Sou uma pessoa que tem muita vergonha de falar em público e estar entre eles me ajuda bastante nisso, na empresa já consigo falar bastante, está me ajudando cada vez mais”⁸²⁶.

Entendemos por relações interpessoais a partir da vivência na comunidade eclesial, quando se inicia um processo de autoconhecimento, aprofundando os sentimentos que emergem dos conflitos internos, podendo modificar a própria realidade interna e externa da pessoa. No encontro entre pessoas, a partir da fé, experimenta-se, primeiramente, algo a mais, algo acrescentado. Recebe-se o que antes não se tinha e o recebe sabendo, ao mesmo tempo, que é dádiva. Não é um conteúdo que se recebe, mas uma presença, que se experimenta como força. Isto inclui a plenitude numa real reciprocidade pessoal.

⁸²³ Resposta da pessoa 1 à pergunta 7 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

⁸²⁴ VANISTENDAEL, S., *La résilience et les surprises de Dieu*, p. 11-12.

⁸²⁵ Cf. CYRULNIK, B., *O murmúrio dos fantasmas*.

⁸²⁶ Resposta da pessoa 1 à pergunta 2 da primeira coleta de dados, p. 445 (Apêndice F).

A comunidade, ao contrário, toma a pessoa em seu valor original e único, criando relações fraternas de acolhimento e de amor e propiciando a livre troca interpessoal. Na vida moderna, tão rica de organizações e de instituições, sente-se a necessidade imperiosa de experiências de comunidade, em meio às quais seja possível o encontro, a comunicação, o amor, a aceitação recíproca⁸²⁷.

Falar da experiência de fé como dispositivo para relações interpessoais só é possível a partir da disposição da pessoa para a busca de Deus; esta procura, a indagação por Deus, está em todo ser humano. A relação com outro a partir da experiência de fé se dá no empenho em descobrir a realidade de Deus no coração da vida, do mundo e da história. A pessoa só pode corresponder à relação com Deus, da qual ele se tornou participante, se ele, na medida de suas forças, à medida de cada dia, atualiza Deus no mundo, sempre em uma relação concreta com outro a partir da sua experiência fecunda de fé⁸²⁸.

A experiência de fé nas relações interpessoais pode ajudar a pessoa a ter uma vida mais ética, sendo esta mais importante para a vida diária do cristão. A cada momento, a pessoa precisa tomar decisões que afetam a outros e a si mesmo. A ética cristã ajuda as pessoas a encarar seus valores e deveres a partir de uma perspectiva correta. Ela mostra ao ser humano o quanto ele está distante dos alvos de Deus para a sua vida, mas o ajuda a progredir em direção a esse ideal.

A *quarta subcategoria*, a experiência de fé como fator de proteção, faz referência à presença dos fatores de proteção, provenientes de atitudes que os participantes apresentaram a partir do seu estilo de vida com relação à religião, as falas que citamos a seguir ilustram algumas características de resiliência. “Eu sou bem forte pra algumas dificuldades da vida, e isso me tornou ainda mais forte, mais guerreiro pra enfrentar nosso cotidiano”⁸²⁹. “A fé me torna alegre, me faz tratar a vida com alegria. Me chamam de maluco por isso (risos), por estar sempre alegre. A fé me provoca isso e faz as pessoas perceberem isso. Sem fé você fica com mau humor e é preciso cortar isso”⁸³⁰. “A não ficar só. Quando achar que está só, se você tiver fé, vai perceber que não está. Deus e Jesus Cristo está sempre ali com a gente. Quanto mais você tem fé, mais você atrai a bondade das pessoas”⁸³¹.

⁸²⁷ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 267.

⁸²⁸ BUBER, M., Eu Tu, p. 132.

⁸²⁹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 6 da primeira coleta de dados, p. 449 (Apêndice F).

⁸³⁰ Resposta da pessoa 4 à pergunta 9 da primeira coleta de dados, p. 450 (Apêndice F).

⁸³¹ Resposta da pessoa 5 à pergunta 9 da primeira coleta de dados, p. 450 (Apêndice F).

Os fatores de proteção foram confundidos com fatores de resiliência em muitos estudos pioneiros sobre resiliência. Atualmente busca-se uma precisão terminológica maior. A consideração dos fatores de resiliência que enfrentam o risco foi substituída pela consideração dos fatores de proteção ao risco.

Essa relação entre fatores de risco e fatores de proteção é um aspecto necessário para chegarmos ao conceito de resiliência, sendo importante destacar o binômio risco-proteção. Risco ou situação de adversidade aparece na relação entre a pessoa e as circunstâncias do cotidiano que o envolve, seja a situação de qualquer tipo de ordem, ameaçando a satisfação das necessidades básicas dessa pessoa e ameaçando a aquisição das competências para desenvolver papéis sociais de valor.

O conceito de risco tem sua origem no campo do comércio marítimo de séculos atrás; em virtude dos desastres constantes, os mercadores precisaram estimar o risco de perda de suas mercadorias, o que desencadeou uma indústria de seguros⁸³².

Os fatores de risco estão relacionados a todos os adventos adversos da vida, mas sabemos que a proporção do risco é extremamente variável de pessoa para pessoa, de grupo para grupo.

Há uma diferenciação entre indicadores de risco e mecanismos de risco ressaltando que risco deve ser pensado sempre como um processo e não como uma variável isolada⁸³³.

Os riscos não são estáticos, pois variam em circunstâncias de vida. Os riscos de hoje são diferentes de anos atrás. “Vive-se em uma época de alta tecnologia em uma cultura neo-narcisista, em uma sociedade hedonista, em um novo tipo de moral. Vive-se o hipermodernismo”⁸³⁴.

A partir do que foi mencionado acima, é apropriado dizer que em contraponto aos fatores de risco que ameaçam o bem-estar e o desenvolvimento saudável de uma pessoa, existe o que frequentemente se denomina de “fatores de proteção”.

Fatores de proteção devem ser definidos como os fatores que funcionam para neutralizar o risco. Uma pessoa suficientemente protegida em uma determinada

⁸³² Cf. YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H., Resiliência.

⁸³³ RUTTER, M., Resilience.

⁸³⁴ LIPOVETSKY, G., O crepúsculo do dever, p. 287.

situação seria imune ao risco e não necessitaria desenvolver resiliência. Os fatores de proteção: buscam neutralizar o perigo; buscam imunidade ao risco; operam sem a ocorrência da adversidade, operam antes da ocorrência da adversidade⁸³⁵. Por isso, fatores de proteção devem ser compreendidos como influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação.

Os fatores de proteção integram os recursos individuais e do ambiente de uma pessoa, como a religião, a rede de apoio social, o trabalho⁸³⁶ etc. Os fatores de proteção formam um anteparo para o indivíduo contra as influências danosas dos fatores de risco originados por eventos estressores do ambiente⁸³⁷.

As crenças espirituais são, para muitas pessoas, fatores de proteção em momentos de estresse, pois estão associadas a melhores habilidades em lidar com estresse e melhor bem-estar psicológico. As pessoas procuram dar sentido às suas experiências de vida e procuram entender a causa dos acontecimentos⁸³⁸.

Portanto, dentro de um ponto de vista psicológico, uma pessoa quando mediante vivências de sofrimento causadas pelos fatores de risco, consegue, com auxílio da experiência de fé, fatores de proteção, aprende com as dificuldades e sobressai mais fortalecida da situação.

A *sétima categoria*, percepção dos resultados da fé na vida, com as subcategorias percepção dos que vivem a experiência de fé e percepção dos que não vivem a experiência de fé, acena sobre a percepção dos participantes acerca dos resultados da fé na vida, e os não resultados daqueles que não tem uma prática de fé.

Sendo assim, a fé define-se como um encontro pessoal com Deus, como sentido último da existência e da história do ser humano. Expressa-se a partir da vivência, ou seja, de uma prática, exigindo algumas posturas de vida, que se traduzem na mudança de critérios de vida, de comportamento e de julgamento. A fé é como “companheira de vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo,

⁸³⁵ Cf. GROTBORG, H. E., La resiliencia en el mundo de hoy.

⁸³⁶ SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M., Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento de crianças e adolescentes, *Psicologia em Estudo*, p. 209-210.

⁸³⁷ ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J., Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes.

⁸³⁸ BONG-JAE, L., Moderating effects of religious/spiritual coping in the relation between perceived stress and psychological well-being, *Pastoral Psychology*, p. 751-759.

as maravilhas que Deus realiza em nós”⁸³⁹. Ter fé, nesse sentido, significa caminhar nesta vida orientado pelo encontro com Deus.

Para os cristãos, esse encontro se dá na pessoa de Jesus Cristo, de suas palavras e de suas ações. Confessando-o como sentido último de suas vidas, Ele se torna a perspectiva fundamental, a chave mestra por meio da qual se interpreta e avalia a realidade à sua volta, a sociedade, a história, e também, em uma dimensão particular, as experiências vitais, sucessos e reveses, realizações e sofrimentos.

A percepção dos participantes revela que aqueles que vivem a fé têm mais facilidades para enfrentar as situações difíceis da vida, pois eles afirmam que a fé: “[...] me ajuda a vencer a vida, sem fé não somos ninguém”⁸⁴⁰. “As dificuldades que antes eu achava que só acontecia comigo, faziam com que eu ficasse isolado no meu mundo, e a fé me fez acreditar que tudo isso podia mudar”⁸⁴¹.

Contrariamente à lógica do senso comum, no qual a fé pode ser apresentada como uma espécie de experiência irracional, rodeada de afirmações como se fosse fé se atirar no abismo sem saber o que há no fundo, ou atravessar o rio sem saber o quanto é profundo, a experiência de fé é aqui considerada como uma “força maior”, uma experiência na qual a fé precisa ter um mínimo de plausibilidade. Precisa fazer sentido, ser humanizadora, ser expressão de vida e de confiança. Obviamente que a busca de plausibilidade não elimina o mistério. Sempre haverá uma dose de mistério, pois, se assim não fosse, não seria fé. Nesse sentido, João Paulo II⁸⁴², afirmou que a fé é, de algum modo, “exercitação do pensamento”, a razão do homem não é anulada nem humilhada, quando estes são alcançados por decisão livre e consciente. Nesse sentido, a fé é percebida a partir do cotidiano das situações concretas da vida, unificando fé e vida a partir de uma realidade experimentada e vivida.

Talvez a maior causa da crise e de perplexidade para as pessoas do nosso tempo resulte da separação ou do divórcio, que muitas experimentam, entre fé e vida, entre fé e cultura. A fé parece estranha, distante, muitas vezes em contradição com as exigências e os valores da cultura e da vida. É um entrave ligado frequentemente ao tipo de educação religiosa recebida, ou ao modo concreto como se vive a fé tradicionalmente, modo que a torna marginal à vida, sem significado e sem valor para a existência⁸⁴³.

⁸³⁹ Cf. BENTO XVI, PP., Carta Apostólica Porta Fidei.

⁸⁴⁰ Resposta da pessoa 1 à pergunta 9 da primeira coleta de dados, p. 450 (Apêndice F).

⁸⁴¹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 10 da primeira coleta de dados, p. 450 (Apêndice F).

⁸⁴² JOÃO PAULO II, PP., Fides et Ratio.

⁸⁴³ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 46.

Essa percepção de fé a qual estamos mencionando e a qual os adultos estão relatando significa em suma que a pessoa sabe que esta fé que tem não provém de si mesmo. A Sagrada Escritura deixa claro que não temos fé por nós mesmos. Não adianta clamarmos em alta voz para que o mundo inteiro tenha fé em Deus, sendo que eles só poderão ter a fé salvífica se Deus assim os conceder. O homem por si mesmo é incapaz de criar fé em Deus, pois a fé é dom de Deus.

Segundo a visão dos participantes da pesquisa, estar vivendo pela fé é ser capaz de transformar a própria vida. A pessoa que vive uma profunda experiência de fé sabe em quem está confiando e pode ter a certeza de que será transformado. Não uma transformação na linha da prosperidade, mas a única e verdadeira transformação: a de seu ser, como pessoa.

Na *subcategoria*, percepção dos que não vivem a fé, os participantes demonstraram as diferenças que eles percebem na vida destas pessoas:

A pessoa sem fé sofre antecipadamente, não tem confiança que Deus pode ajudar ela. No momento que minha família acha que eu seria o pior, foi eu quem teve que dar forças pra todo mundo; num momento que eu nunca esperava passar, através da minha fé⁸⁴⁴.

É interessante notar que a percepção da experiência de fé está sempre associada com as dificuldades, e a fé como elemento importante para superar esses momentos. A fé é entendida como aquela que faz com que a pessoa se lance para além do tempo, do momento presente e ao mesmo tempo como necessidade de prática.

Pela fé, no decurso dos séculos, homens e mulheres de todas as idades, cujo nome está escrito no Livro da vida (cf. Ap 7,9; 13,8), confessaram a beleza de seguir o Senhor Jesus nos lugares onde eram chamados a dar testemunho do seu ser cristão: na família, na profissão, na vida pública, no exercício dos carismas e ministérios a que foram chamados⁸⁴⁵.

Vivemos em uma época extremamente difícil para transmissão da fé, vivemos na época das informações rápidas, as pessoas são mergulhadas em um oceano de dados que nem sempre são organizados e interligados e bebem de todo tipo de

⁸⁴⁴ Resposta da pessoa 5 à pergunta 10 da primeira coleta de dados, p. 451 (Apêndice F).

⁸⁴⁵ BENTO XVI, PP., Carta Apostólica Porta Fidei, 13.

informação. Sabemos que em nosso contexto social existem muitas informações com pouca formação. Nesse cenário complexo encontram-se a ação da evangelização como processo de iniciação cristã, um verdadeiro itinerário de fé como proposta e convite para os homens e mulheres de nossos tempos. Durante muitos anos, pensava-se que os conteúdos da catequese ficavam restritos à doutrina e por isso constavam fixos nos catecismos. Com o Concílio Vaticano II, despertou-se o interesse pela Palavra de Deus. A Bíblia tornou-se o livro fundamental da catequese. Nesse impulso renovador são oferecidas às pessoas, profundas experiências e vivências de fé.

Os participantes do grupo de catequese com adultos conseguem compreender a experiência de fé a partir da própria vida, pois fé cristã não deve ser vista de forma idealista, marginal, paralela à própria existência, experimentando talvez uma espécie de esquizofrenia religiosa. Não é possível para o cristão ser pertencente a dois mundos diferentes: o da fé e o do mundo social, mundos muito distantes entre si, sem ligação nem diálogo, mas é preciso, a partir da experiência de fé, perceber que os mundos simplesmente coexistem.

Portanto, a percepção da vivência da fé se constitui como uma resposta à revelação que envolve toda a vida de quem crê, proporcionando uma renovação interior e exterior. Percebemos que a fé cristã proporciona à pessoa uma experiência de vida que lhe dá sentido e finalidade como um todo, ocasionando uma transformação pessoal e comunitária. Enquanto a fé faz com que o crente busque Deus, percebe-se, no interior da própria busca, a necessidade da graça divina. A partir da percepção dos participantes, a pessoa sozinha, sem a fé, sem a presença de Deus não seria capaz de chegar ao sentido da vida, lhe faltaria algo.

A vida é feita de encontros e desencontros, em todos os momentos da vida lidamos com situações estressoras e essa é a *oitava categoria* em análise, sendo subdividida em duas subcategorias: a morte de entes queridos e o desemprego.

O termo estresse denota o estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, disparam um processo de adaptação caracterizado, entre outras alterações, pelo aumento de secreção de adrenalina produzindo diversas manifestações sistêmicas, com distúrbios fisiológico e psicológico. O termo estressor por sua vez define o evento ou estímulo que provoca ou conduz ao estresse.

Antes de refletirmos as estratégias de enfrentamento, faz-se necessário compreender primeiramente o processo de estresse e as situações estressoras. Muitos autores têm tentado definir cientificamente o que é estresse, no entanto, percebemos na literatura atual algumas dificuldades para se chegar a um acordo. Muitos pesquisadores do assunto lamentam o uso indiscriminado do conceito, que passou a denominar tanto o que causa tensão, quanto as consequências sofridas pelo organismo a ela submetido, isto é, uma dificuldade conceitual acerca do estresse ser estímulo ou resposta. Tal fato também é apontado na revisão da evolução conceitual do termo feita por Faro e Pereira⁸⁴⁶. A fim de facilitar o entendimento e a definição de estresse, adotamos como termo uma definição clássica, entendendo o estresse como “uma resposta complexa do organismo, que envolve reações físicas, psicológicas, mentais e hormonais frente a qualquer evento que seja interpretado pela pessoa como desafiante”⁸⁴⁷. Vale ressaltar que o aparecimento de sintomas físicos e psicológicos em decorrência do processo de estresse irá depender da “capacidade do organismo em atender às exigências do momento, independentemente destas serem de natureza positiva ou negativa”⁸⁴⁸.

Podemos considerar situações estressoras quaisquer eventos, acontecimentos ou circunstâncias que exerçam influência física, emocional ou mental em uma pessoa. Geralmente os fatores estressores estão relacionados ao convívio social e familiar, ambiente de trabalho, meio ambiente, condição de saúde e situação socioeconômica da pessoa, dentre outros. Os fatores estressores podem ser de origem externa ou interna e, dependendo do grau, podem desencadear uma crise. Essa crise pode ser episódio eufórico ou depressivo.

Pelo relato dos participantes, situações impactantes e estressoras na vida estão relacionadas com a morte de ente queridos, pois são situações difíceis de serem enfrentadas e superadas. Os relatos a seguir configuram a *primeira subcategoria*, situações estressoras na morte de ente queridos, e é o que mais predominou nas respostas: “A perda do meu pai. Vai fazer um ano já. E também a perda de uma vizinha da minha mãe, que crescemos juntos. Cheguei a pegar ela

⁸⁴⁶ FARO, A.; PEREIRA, M. E., Estresse, Psic., Saúde & Doenças, p.78-100.

⁸⁴⁷ LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N., Manejo do stress, p. 568-580.

⁸⁴⁸ LIPP, M. E. N.; TANGANELLI, M. S., Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres, Psicologia: Reflexão e Crítica, p. 537-48.

nos braços pra reanimar, mas não foi possível, ela teve um AVC. Foi muito difícil e ainda está sendo”⁸⁴⁹.

Pra mim, foi a perda da minha mãe, que faleceu em março. Fui vê-la em novembro e ela estava sofrendo muito por causa do Alzheimer. Achei que eu não ia sofrer tanto quando ela partisse, por saber que ela estaria num lugar melhor, sem sofrer, mas na verdade, quando recebi a notícia do falecimento dela, foi um baque pra mim, por conta das lembranças de infância, dos momentos que passei com ela, isso me fez ficar muito mal⁸⁵⁰.

“A perda da minha filha, que já nasceu morta e eu nem pude pegar nos braços. Quando soube que ela faleceu, o mundo desmoronou na minha cabeça. Foi difícil preparar pra ela nascer e logo em seguida ter que enterrar. Muito difícil”⁸⁵¹.

Uma das ideias básicas da mensagem da segunda parte do livro de Isaías é a transitoriedade das coisas deste mundo: os homens por mais que se comportem como se fossem poderosos, acabam se igualando às flores que desabrocham num dia e que são ceifadas e murcham no dia seguinte⁸⁵².

Percebemos o quão forte é o sentimento de perda na experiência de morte com os participantes da pesquisa, e quão impactante foi a experiência de morte de seus entes queridos. Com a morte, a condição humana chega a seu ponto culminante e também a seu ponto crítico, pois esta experiência da morte toca a pessoa não somente pela dor da progressiva dissolução de seu corpo como também pelo temor da desapareção perpétua. A fala dos participantes da pesquisa relembra que não podemos, portanto, fazer de conta que a morte não existe ou, se existe, diz respeito aos outros e não a nós. Pelo contrário: a morte dos outros deve recordar-nos que também nós morreremos: com a morte, realiza-se o ponto crítico da passagem desta vida para uma outra situação – aquela podemos esperar somente na fé. Todo organismo vivo decai até chegar à morte natural.

Se disséssemos que o céu consiste na convergência de todos os dinamismos do homem que clama por absoluta realização então devemos também afirmar que o céu é profundamente humano. O céu realiza o homem em todas as suas dimensões: a dimensão voltada para o mundo, como presença e intimidade fraterna com todas as coisas, a dimensão voltada para o outro, como comunhão e perfeita irmanação e principalmente a dimensão voltada para Deus, como união filial e entrada definiti-

⁸⁴⁹ Resposta da pessoa 1 à pergunta 12 da primeira coleta de dados, p. 451 (Apêndice F).

⁸⁵⁰ Resposta da pessoa 2 à pergunta 12 da primeira coleta de dados, p. 452 (Apêndice F).

⁸⁵¹ Resposta da pessoa 4 à pergunta 12 da primeira coleta de dados, p. 452 (Apêndice F).

⁸⁵² RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo, p. 97.

va de um derradeiro encontro de amor. Tudo isso podemos sonhar e suspirar na terra. Mas nunca o vemos realizado de forma permanente e duradoura⁸⁵³.

A morte, primeiramente, revela nossa finitude, nossa limitação, a morte não é somente uma questão física, biológica: não é apenas um corpo que morre e vira cadáver; é uma pessoa que morre. O impacto nas falas dos participantes está cheio de sentido com relação à morte de seu ente querido, pois com a morte são relações, a história com a pessoa, os sonhos com a pessoa, que são colocados em crise. A morte terá sempre um sabor amargo, causa estresse, mesmo para quem crê.

O sentimento que os pesquisados revelam em suas falas como momento difícil e como situação causadora de estresse revela que a morte, além de ser uma realidade que me atinge como “eu”, como identidade e como alguém que vive neste mundo em relação com as coisas e as pessoas, é também uma dilaceração da unidade psicossomática, por isso, também a morte é experimentada como algo existencialmente doloroso, como uma realidade que traz em si perda, distanciamento, tristeza, emoções fragilizadas. A pessoa é, em si, o seu corpo, e na sua corporeidade experimenta a morte e a dissolução do corpo, que vai decompor-se até o nada.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em uma ambiente religioso, de educação da fé, espaço próprio para a iniciação cristã, os participantes não relataram a experiência da esperança do cristão na ressurreição dos mortos, talvez isso nos mostre o quanto devemos aprofundar, no processo de iniciação à vida cristã, a morte como passagem para a vida em Deus.

Dessa forma, a esperança atravessa felicidade e dor, porque é capaz de ver um futuro também para o que passa, o que morre e o que está morto, futuro que está nas promessas de Deus. Por isso, se poderá dizer que viver sem esperança é como não viver mais. Inferno é desesperança e não é em vão que na entrada do inferno de Dante está escrito a sentença: “abandonem toda esperança os que entram aqui”⁸⁵⁴.

A *segunda subcategoria* abrange as situações estressoras na falta de emprego; sabemos que, no atual contexto brasileiro, o desemprego é uma realidade que assombra milhões de pessoas, não é surpresa que esta temática tenha aparecido como categoria na pesquisa. Os relatos dos participantes revelam essas situações:

⁸⁵³ BOFF, L., Vida para além da morte, p. 68.

⁸⁵⁴ MOLTMANN, J., Teologia da Esperança, p. 49.

Eu nunca tinha ficado desempregado, dei a sorte de sair de um emprego e já entrar em outro logo em seguida no qual fiquei por 19 anos e saí agora e tem coisas que desejo fazer e não posso mais. Hoje eu sei como é, entendo o sofrimento do próximo em relação a isso”⁸⁵⁵.

“Estou sofrendo e fico irritado muitas vezes com as pessoas que mais amo, porque estou desempregado.”⁸⁵⁶

É possível perceber que a questão chave não está na ausência do emprego, pois além de inviabilizar economicamente a sobrevivência da pessoa, o desemprego causa uma sensação de falta de identidade capaz de pôr em risco seu equilíbrio psíquico. Vários estudos psicossociais, evidenciam que o desemprego, não se restringe a fatores econômicos e sociais, trazendo consigo uma gama de implicações clínicas, que vão desde o comprometimento da autoestima, até casos mais extremos, relacionados a suicídio⁸⁵⁷.

Na entrevista, a fala dos participantes que estão desempregados relata a perda no poder de decisão sobre a condução das próprias vidas, já que a situação de desemprego gera uma dependência de outras pessoas, que são os provedores de suas necessidades básicas. De maneira geral, essa situação de dependência tem uma conotação de submissão; e também, como isso afeta a vida emocional, alguns participantes disseram que se mostram irritados com tal situação, gerando estresse.

Diante de uma situação estressora, o tipo de resposta de cada pessoa depende não somente da magnitude e frequência do evento estressor, como também da conjunção de vários fatores ambientais e até mesmo genéticos.

Assim, a *nona categoria* sobre as consequências das situações estressoras apresenta as diferentes situações estressoras que podem ocorrer ao longo da vida, e as respostas a elas variam entre as pessoas na sua forma de apresentação. Segundo o CID-10 podendo ocorrer manifestações psicopatológicas diversas como sintomas inespecíficos de depressão ou ansiedade, ou transtornos psiquiátricos definidos, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

Os participantes apresentaram diferentes aspectos como consequências das situações estressoras:

⁸⁵⁵ Resposta da pessoa 3 à pergunta 13 da primeira coleta de dados, p. 452-453 (Apêndice F).

⁸⁵⁶ Resposta da pessoa 5 à pergunta 13 da primeira coleta de dados, p. 453 (Apêndice F).

⁸⁵⁷ GOULART, P. M., Sem medo do desemprego, Psicologia & Sociedade, p. 137-160.

[...] minha mãe faleceu, e nisso eu tinha apenas dois meses de casada e isso mudou muito. Minha mãe gostava muito de criança e meu irmão foi pai antes mesmo de se casar ou mesmo estar namorando e foi assim que minha mãe teve a oportunidade de ser avó por apenas quatro meses, isso é algo que só podemos entender com o passar do tempo.

“Estou sem trabalho e não posso realizar o que desejo, o que eu quero, o que busco”⁸⁵⁸.

Percebemos que as consequências frente às respostas dos participantes diante das situações estressoras são: falta de perspectiva, enfrentamento da situação, fuga das situações, ou até mesmo passividade.

Com a *décima categoria*, estratégia de enfrentamento, subdividida em estratégias de enfrentamento a partir da esperança e do otimismo, o colocar-se no lugar do outro e a ajuda ao próximo, percebemos que a prática cristã imbuída de esperança e otimismo é consequência de uma vida coerente com aquilo que se acredita, bem como a capacidade de compaixão de se colocar no lugar do outro e fazer disso uma prática coerente com a proposta cristã, todas estas situações são predominantemente fortes nas falas dos participantes da pesquisa, pois é um meio para ajudar a enfrentar as situações adversas e as consequências das situações estressoras.

O processo de stress desencadeia estratégias de enfrentamento, também conhecidas pela palavra da língua inglesa “*coping*”.⁸⁵⁹ O conceito de *Coping*, denominado no Brasil pela expressão “Estratégias de Enfrentamento”, já passou por várias modificações e evoluções ao longo do tempo e teve o aumento de pesquisas relacionadas a esse tema. Para alguns autores⁸⁶⁰, o termo *coping* seria melhor traduzido como “lidar com” em lugar do termo “enfrentar”. Enfrentar denota um sentido ativo, de luta, e utilizar esse termo excluiria do conceito e do sentido de *coping* um conjunto de estratégias de enfrentamento.

⁸⁵⁸ Resposta da pessoa 2 à pergunta 14 da primeira coleta de dados, p. 453 (Apêndice F).

⁸⁵⁹ Atualmente, a definição mais utilizada em pesquisas sobre estratégias de enfrentamento é a de Lazarus e Folkman (1984), que definem o *coping* como uma variável individual representada pelas formas como as pessoas comumente reagem ao stress, determinadas por fatores pessoais, exigências situacionais e recursos disponíveis. LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. *Coping and Adaptation*, p. 282-325.

⁸⁶⁰ PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLLI, B. T.; TAMAYO, M. R., Mensuração de Coping no Ambiente Ocupacional, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

A religião foi alvo de críticas na época de Freud, por produzir culpa, repressão da sexualidade, intolerância etc.⁸⁶¹. Mas há vinte anos surgiram estudos sobre os efeitos psicológicos positivos da experiência de fé. Seligman afirma que pessoas religiosas são menos propensas a usar drogas, a se divorciar, a cometer crimes e suicídio. São fisicamente mais saudáveis, vivem mais, resistem mais à depressão, são mais felizes e mais satisfeitas com a vida do que as não religiosas. O autor pondera, no entanto, que talvez o que dá origem a essas associações seja a esperança no futuro e o significado de vida encontrado nas religiões, a relação entre esperança no futuro e fé religiosa são, provavelmente, a pedra angular do motivo pelo qual a fé afugenta o desespero e aumenta a felicidade.

A *primeira subcategoria*, estratégia de enfrentamento a partir da esperança e do otimismo, nos remete ao estado de espírito da pessoa em olhar para além dos fatos e dos acontecimentos, o relato a seguir revela o que significa enfrentar as situações estressoras: “Eu procuro enfrentar tudo com esperança e otimismo, costume ajoelhar e orar a Deus e a Nossa Senhora pra que possam me dar direção de pra onde seguir”⁸⁶², “Eu enfrento todos os problemas com oração, fé, otimismo, ter fé sem otimismo não dá certo”⁸⁶³.

A Psicologia como ciência desde o século XIX, vem se desenvolvendo em muitas pesquisas além daquelas que são produzidas em laboratórios com o uso de instrumentos de observação e medição, há uma mudança na forma de estudar e compreender a Psicologia a partir do movimento da Psicologia Positiva, essa mudança de paradigma atribuiu à Psicologia um novo objeto, o comportamento, e propiciou que diferentes linhas teóricas passem a estudar as condutas saudáveis além das desviantes e patológicas⁸⁶⁴.

Várias pesquisas realizadas pelo movimento da psicologia positiva⁸⁶⁵ demonstram que o otimismo está associado à tomada de medidas proativas para proteger a saúde. Pessoas tidas como otimistas quando confrontadas com um desafio tendem a agir com confiança e persistência, mesmo que o progresso seja

⁸⁶¹ Cf. SELIGMAN, M. E. P., Felicidade Autêntica.

⁸⁶² Resposta da pessoa 6 à pergunta 14 da primeira coleta de dados, p. 453 (Apêndice F).

⁸⁶³ Resposta da pessoa 3 à pergunta 14 da primeira coleta de dados, p. 453 (Apêndice F).

⁸⁶⁴ Cf. BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L., Psicologias.

⁸⁶⁵ Os pioneiros em pesquisas sobre otimismo no campo da Psicologia Positiva, Scheier e Carver, definem otimismo como um traço disposicional do indivíduo em acreditar que mais coisas boas irão acontecer que coisas ruins, e o pessimismo como a disposição de esperar que mais coisas ruins aconteçam. Assim, a compreensão do que é otimismo e pessimismo repousa sobre as expectativas que as pessoas possuem sobre eventos futuros (SCHEIER, M. F.; CARVER, C. S.; BRIDGES, M. W., Optimism, pessimism, and psychological well-being, p. 189-216).

difícil ou lento⁸⁶⁶. Quando as pessoas passam por dificuldades ou desafios em suas vidas experienciam uma grande variedade de emoções que podem passar do entusiasmo à ansiedade. O balanço entre esses sentimentos parece estar relacionado com o grau de otimismo e pessimismo das pessoas⁸⁶⁷. É interessante percebermos, a partir das falas dos participantes da pesquisa, que apesar de todas as dificuldades encontradas são capazes de manter o otimismo, são pessoas que esperam que boas coisas aconteçam, mesmo quando existem dificuldades.

A *segunda subcategoria* como estratégia de enfrentamento é a compaixão como capacidade de se colocar no lugar do outro e a capacidade de oferecer ajuda, que denota a capacidade da busca de suporte social por razões emocionais, é considerada a procura de apoio moral, compaixão ou entendimento.

As expressões dos participantes denotam essa atitude de enfrentamento frente as situações estressoras:

São meus irmãos, estamos sempre juntos toda semana e se importando uns com os outros. E também tem uma amiga minha que perdeu o bebê, então a minha situação faz com que eu tenha compaixão pelo próximo, eu me coloco no lugar do outro pois sei como é; fiquei mais sensível. Posso dizer que um dia tudo isso vai passar. O sofrimento me fez mudar a forma de pensar, hoje me coloco mais no lugar do outro⁸⁶⁸.

Hoje eu sei como é, entendo o sofrimento do próximo em relação a isso. Eu não conseguia sofrer com o próximo pois não entendia. Hoje eu sofro até com casos de televisão. Essas dificuldades me fizeram compreender mais a dor do próximo⁸⁶⁹.

No meu caso é trabalhar em favor do próximo. Sempre [me ajuda]. Sofri com a perda da minha avó, isso já faz 18 anos, depois disso me agarrei aos meus três heróis, Jesus, Madre Tereza e São Francisco. Hoje eu trabalho em favor do próximo pra suportar as dificuldades. Quando minha mãe partir quero me dedicar inteiramente ao próximo⁸⁷⁰.

A compaixão é um sentimento derivado do amor, ou mesmo paralelo a este, é a capacidade de compreender efetivamente a condição daqueles em quem nutrimos amor, e desejamos, além da felicidade, que sejam livres de sofrimento. Compaixão é a capacidade de sentir plenamente a situação da outra pessoa. Por

⁸⁶⁶ Cf. SCHEIER, M. F. *Optimism and rehospitalization following coronary artery bypass graft surgery*, Archives of Internal Medicine, p. 829-835.

⁸⁶⁷ SCHEIER, M. F., CARVER, C. S.; BRIDGES, M. W., Optimism, pessimism and psychological well-being, p. 189-216.

⁸⁶⁸ Resposta da pessoa 2 à pergunta 13 da primeira coleta de dados, p. 452 (Apêndice F).

⁸⁶⁹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 13 da primeira coleta de dados, p. 452-453 (Apêndice F).

⁸⁷⁰ Resposta da pessoa 5 à pergunta 14 da primeira coleta de dados, p. 453 (Apêndice F).

isso, ter compaixão é sentir com amor, e desejar além, desejar que sejam livres de qualquer sofrimento. Na fala dos participantes além de sentir com o outro, existe o desejo de ajudar, oferecer algo de si ao outro, como se o sofrimento enfrentado os tornasse mais humanos e mais compreensíveis com relação ao outro.

A Psicologia Positiva constitui-se a partir de alguns pilares, o estudo da emoção positiva bem como o estudo dos traços positivos, principalmente as forças e as virtudes, mas também as “habilidades”. A *virtude humanidade* trabalha fortalezas impessoais em cuidar e oferecer amizade e carinho aos demais. A *fortaleza amor*, como a capacidade de amar e ser amado, é a capacidade de valorizar as relações próximas com outras pessoas, em particular aquelas em que o afeto e o cuidado são mútuos. Sentir-se próximo às outras pessoas. E a *fortaleza amabilidade*, relacionada com bondade, generosidade, cuidado, compaixão, amor altruísmo, simpatia, é a capacidade de fazer favores e boas ações para os demais; ajudar e cuidar das outras pessoas.

A compaixão é o fruto mais maduro da mística, prova a autenticidade do seguimento à pessoa de Jesus. A compaixão é muito mais do que um conceito psicológico, é ontológico. Conota a interdependência de tudo com tudo. Pode ser aproximada da palavra solidariedade, tão em voga nos dias atuais.

A compaixão é a “liturgia depois da liturgia”, usando a expressão de São João Crisóstomo, que afirma que a capacidade de compaixão é a nossa vida fora do templo, no cotidiano da vida, manifestada na relação com pobres, é uma forma de culto a Deus, cujos sacerdotes são todos os fiéis cristãos⁸⁷¹.

A ajuda ao próximo e a capacidade de compaixão são inerentes à vida do cristão, pois a mística do seguimento de Jesus leva à compaixão pela humanidade e por todas as criaturas. O ser humano é por inteiro envolvido na relação com Deus, não por acontecerem experiências extraordinárias, mas porque vive o seguimento de Jesus nos trabalhos cotidianos. A experiência de Deus é igualmente vivida na resistência à cultura de morte, de um individualismo desenfreado e na solidariedade com os excluídos; na vida do cristão, a compaixão como capacidade de colocar-se no lugar e ao mesmo tempo oferecer ajuda é um princípio includente, sendo este um termo correlato à justiça, ternura, piedade, solidariedade, caridade, misericórdia e amor.

⁸⁷¹ Cf. BRIAN, I., Liturgia depois da Liturgia.

Respondendo às questões do presente estudo e em concordância com a literatura referida, a experiência de fé, sendo uma adesão pessoal, resistente, persistente, à prova de frustrações, faz com que a pessoa seja resiliente, isto é, pessoas que conseguem extrair de dentro de si, a partir da experiência de fé, o equilíbrio perdido pela ameaça proveniente de qualquer realidade que poderia destruí-las. Segundo os estudos realizados a partir da Psicologia Positiva, estas pessoas têm em comum, nas suas histórias, a confiança depositada em alguém significativo de suas vidas, em função de quem lutam para a superação dos desafios que enfrentam.

A experiência de fé, que acontece no cotidiano da vida, se manifesta em atitudes concretas, na relação com Deus e com os outros, a experiência de fé leva a pessoa a aceitar o projeto de Deus, é ter a certeza de que Deus confia no ser humano. Fazer a experiência de fé na realidade da vida não é só crer em Deus, mas é acreditar que Ele já está fermentando a história humana, apesar das contradições e das adversidades. A fé é inseparável do ser humano, pois se constitui em atributo essencial da existência, pela própria natureza, está intimamente ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontades, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade.

A fé, vivida como confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Por isso, a experiência de fé é entendida como adesão do ser humano concreto a um projeto concreto, projeto vivo, Jesus Cristo, Ele é o projeto de Deus, por isso é modelo de todo o ser humano e o ponto central e feliz da história humana. Ser cristão é professar a fé em Cristo ressuscitado presente.

Os estudos de textos da literatura afirmam e os dados emergidos do grupo focal apresentaram que a experiência de fé provoca um novo modo de ser e de viver. A fé é o algo a mais que uma pessoa possui que a ajuda a ser resiliente frente às situações de adversidades. A fé cristã explica, esclarece e dá novo significado à vida. “O justo vive da fé” (Rm 1,17). A realidade da vida é lida e esclarecida através da fé, que torna a vida uma experiência e uma prática comprometida com a realidade humana. A fé dá sentido e ilumina tudo que a pessoa faz. Pela experiência de fé a pessoa encontra sentido na vida, encontra um significado para a própria vida e para a vida do mundo diante das situações adversas do cotidiano da história pessoal e/ou comunitária.

A experiência de fé não desliga a pessoa da realidade da história. A fé não é alienante, ela impele à participação na vida das pessoas e da comunidade. A fé leva a um compromisso de luta pela transformação da história para melhor.

Por fim, a experiência de fé apresentada nesta pesquisa pretendeu demonstrar que a fé é uma atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir; a fé deve ser entendida como atitude que faz da pessoa ser resiliente frente às adversidades do cotidiano. Seguindo os relatos dos participantes, a fé lhes dá a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis. A partir da experiência de fé, a pessoa torna-se capaz de lidar, superar, aprender ou mesmo ser transformada com a adversidade que é inevitável à vida.

4.3. Hermenêutica das categorias e subcategorias do tempo da Purificação e Iluminação

Tabela 3 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado

Categorias/ Subcategorias	Descrição	GF	
		F	%
1. Experiência Celebrativa	Refere-se a experiência das celebrações que os adultos vivenciaram durante o tempo da purificação e iluminação.		
2. Sentido de pertença	Trata-se do engajamento na comunidade eclesial como algo importante para as suas vidas.	7	9,0
3. Comunidade Catequizadora	Refere-se à comunidade catequética com a comunidade de fé, catequista e introdutores.	2	2,6
4. Experiência dos Escrutínios	Diz respeito aos ritos penitenciais vivenciados no tempo da quaresma.	2	2,6
4.1. Como fonte de vida	Refere-se ao primeiro escrutínio celebrado no terceiro domingo da quaresma cuja oração está voltada para o encontro de Jesus com a mulher samaritana.	2	2,6
4.2. Como filhos da luz	Trata-se do segundo escrutínio celebrado no quarto domingo da quaresma cuja oração está voltada para o encontro de Jesus com o cego de nascença.	3	3,9
4.3. Como vida nova	Refere-se ao terceiro escrutínio celebrado no quinto domingo da quaresma cuja oração está voltada para o encontro de Jesus com Lázaro.	4	5,2

5. Expectativa para os sacramentos	Trata-se da expectativa dos participantes para receberem os sacramentos da iniciação à vida cristã.	6	7,8
6. Vida comunitária e mudança de vida	Refere-se à vida da comunidade e em comunidade como suporte para mudança de vida.		
6.1. Comunidade como espaço de incentivo	Refere-se à experiência que a pessoa faz pelo processo da iniciação à vida cristã inserindo-se na comunidade e esta é incentivo para a sua permanência.	4	5,2
6.2. Comunidade lugar para o testemunho	Refere-se a vida em comunidade e a expressão dos exemplos de vida como formação para a vida cristã.	8	10,4
6.3. Comunidade e compromisso cristão	Trata-se da dimensão sócio-transformadora que a iniciação à vida cristã deve provocar na vida dos adultos.	8	10,4
7. Experiência com a pessoa de Jesus Cristo	Diz respeito a experiência que os adultos viveram com a pessoa de Jesus Cristo durante o itinerário da iniciação à vida cristã.	5	6,5
8. O perdão e a reconciliação	Refere-se às experiências vividas no tempo da purificação e iluminação que lhes possibilitou revisão de vida.	6	7,8
8.1. Dificuldades para o perdão e a reconciliação	Diz respeito à percepção das dificuldades reais que as pessoas encontram para o perdão e a reconciliação.		
8.2. Facilidades para o perdão e a reconciliação	Refere-se sobre a percepção que as pessoas têm para facilmente perdoar e se reconciliar.	8	10,4
9. Situações Estressoras como necessidade de tempo para perdoar	Tratam-se dos diversos fatores que desorganizam, desequilibram ou tiram as pessoas de sua homeostase.		
10. Consequências das situações estressoras	Referem-se a como as pessoas lidam frente a uma situação estressora e o tipo de resposta que conseguem estabelecer para si mesmas.	6	7,8
11. Estratégia de Enfrentamento	Refere-se aos recursos internos ou externos das pessoas utilizados para eliminar ou gerenciar as situações de estresse.		
11.1. A oração	Trata-se da oração como caminho para ajudar na tomada de consciência para o perdão e a reconciliação.	6	7,8
11.2. Mudança de atitude	Diz respeito às atitudes novas adquiridas para superar as dificuldades para o perdão e a reconciliação.		
11.3. Presença do presbítero	Refere-se sobre a presença e a importância da presença do padre em todo o itinerário da Iniciação à vida Cristã.		
TOTAL		77	100

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados obtidos na Segunda coleta de dados (Apêndice G).

Como vimos no primeiro capítulo desta tese, o tempo da purificação e iluminação comporta o terceiro tempo do processo de iniciação à vida cristã proposto pelo RICA.

O tempo da purificação e iluminação é o segundo período do itinerário da iniciação à vida cristã, ocorrido normalmente no Tempo da Quaresma, e é consagrado a uma “intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador”⁸⁷². Esse tempo é marcado pelos ritos da Eleição e dos Escrutínios, e ainda pelas “entregas”, assinalações e unção que podem acontecer nesse tempo.

Iremos refletir as categorias e subcategorias criadas a partir da coleta de dados feita auxiliada pelo roteiro de entrevista semiestruturado. A entrevista aconteceu após o Tempo da Purificação e Iluminação, quando os participantes estavam em preparação para receber os sacramentos da iniciação cristã; esta coleta de dados ocorreu no final do período da Quaresma; tempo de intensa vivência espiritual, marcado por ritos que foram celebrados pela comunidade e com os adultos durante as celebrações dominicais.

O tempo do catecumenato, que é o mais longo, é encerrado com o rito da eleição que acontece no início da quaresma, no primeiro domingo da quaresma, dando início ao tempo da purificação e iluminação.

O tempo de purificação e iluminação é o mais curto dos quatro tempo. “A última preparação dos ‘eleitos’ coincide com o tempo quaresmal, cujo currículo lhes será proveitoso tanto por sua estrutura litúrgica como pela participação da comunidade”⁸⁷³. O tempo forte da “quaresma renova a comunidade dos fiéis juntamente com os catecúmenos e os dispõe para a celebração do mistério pascal, ao qual os sacramentos de iniciação associam cada um”⁸⁷⁴. O RICA prevê este momento forte para os não batizados apenas, mas como estamos nos referido a uma realidade de inspiração catecumenal, temos a presença de adultos já batizados que desejam completar os sacramentos da iniciação cristã e estão no itinerário da catequese. Os catecúmenos e os já batizados são auxiliados na revisão de vida e no retorno ao primeiro amor. Nesse tempo, se intensifica o cultivo da vida interior, a purificação do coração e o aprofundamento da conversão por meio do exame de consciência e pela penitência.

⁸⁷² RICA 25.

⁸⁷³ RICA 139.

⁸⁷⁴ RICA 21.

A celebração da eleição ou inscrição do nome deve ser muito solene, pois é um momento forte para todos aqueles que estão no processo da iniciação à vida cristã e muito especial para os catecúmenos. Denomina-se “eleição” porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também “inscrição dos nomes” porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no registro dos eleitos⁸⁷⁵. Os eleitos declaram diante do bispo ou de seu representante o desejo e a decisão de se tornarem cristãos. O bispo ou o (presbítero), ouvindo o testemunho dos padrinhos em favor dos catecúmenos, acolhe e declara-os aptos a uma preparação mais específica, são agora, “eleitos” para os sacramentos pascais⁸⁷⁶.

Esse tempo deve ser, para o eleito, um intenso período de retiro na caminhada da iniciação à vida cristã, possibilitando-lhe uma profunda revisão de vida, exame da consciência e espírito de penitência.

No Brasil, merecem destaque as Campanhas da Fraternidade, realizadas todos os anos no tempo quaresmal, por meio das quais a Igreja além dos gestos concretos é chamada à conversão a partir da temática proposta pela Campanha de cada ano. Portanto, de grande utilidade para os catecúmenos no tocante à espiritualidade de conversão e penitência⁸⁷⁷.

No tempo da purificação e iluminação é preciso ter claro que o enfoque principal deve ser a vida interior⁸⁷⁸. Os ritos desse tempo tencionam que o eleito progrida no conhecimento de si mesmo e, através de sincero exame de consciência e penitência, seja instruído gradativamente sobre tal mistério e possa libertar-se das consequências do pecado e das influências diabólicas⁸⁷⁹.

O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos prescreve três escrutínios, que têm uma dupla finalidade: “descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-lo; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-lo”⁸⁸⁰. Os escrutínios são como passos dados pelos eleitos para aprimorar ainda mais seu desejo de configuração a Cristo. Os escrutínios visam:

⁸⁷⁵ RICA 22, p. 23.

⁸⁷⁶ CNBB, Estudo 97, 83.

⁸⁷⁷ Cf. ORMONDE. D., O tempo da purificação e iluminação, Revista de Liturgia.

⁸⁷⁸ RICA 25.

⁸⁷⁹ Cf. LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 71.

⁸⁸⁰ RICA 25 § 1, p. 24.

Instruir gradativamente os catecúmenos sobre o mistério do pecado, do qual todo o mundo e todo homem desejam ser redimidos, para se libertarem de suas consequências presentes e futuras, impregnando suas almas do senso da redenção de Cristo, que é água viva (cf. o Evangelho da Samaritana), luz (cf. o Evangelho do cego de nascença), ressurreição e vida (cf. o Evangelho da ressurreição de Lázaro). É necessário progredirem do primeiro ao último escrutínio, na consciência do pecado e no desejo de salvação⁸⁸¹.

Nesse tempo são próprias dos escrutínios as entregas do Símbolo (Creio), da Oração do Senhor (Pai-Nosso) e os ritos de preparação imediata. Os escrutínios devem acontecer durante o 3^o, 4^o e 5^o domingos da quaresma.

Os escrutínios estão, portanto, orientados para libertar do pecado e do demônio e confirmam no Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida dos eleitos.

As “entregas”, pelas quais a Igreja confia aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração, isto é, o Símbolo e a Oração do Senhor, visam à sua iluminação. No Símbolo, que recorda as maravilhas realizadas por Deus para a salvação dos homens, o olhar dos catecúmenos se enche de fé e alegria. Na Oração do Senhor, percebem melhor o novo espírito de filhos pelo qual, sobretudo na reunião eucarística, darão a Deus o nome de Pai⁸⁸².

A celebração dos sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia, na noite santa da Vigília Pascal, é o cume de todo o processo catecumenal e constitui a última etapa desse período. “Os eleitos, tendo recebido o perdão dos pecados, são incorporados ao povo de Deus, tornam-se seus filhos adotivos, são introduzidos pelo Espírito Santo na prometida plenitude dos tempos e ainda, pelo sacrifício e a refeição eucarística antegozam do Reino de Deus”⁸⁸³. Através dos sacramentos, o catecúmeno é vinculado plenamente a Jesus Cristo, que continua a realizar sua obra de salvação na Igreja por meio dos sacramentos.

Em nossa realidade pastoral optamos em celebrar o sacramento do Batismo na missa na noite do Sábado Santo e o sacramento da crisma ser recebido em outra oportunidade junto com os demais adultos que estão no processo da iniciação à vida cristã.

Esse tempo da purificação e iluminação é extremamente marcado pela presença da comunidade cristã e esta tem papel fundamental na celebração e no acompanhamento dos catecúmenos e dos já batizados. “No dia da eleição, visto tratar-se do crescimento da própria comunidade, procurem dar oportunamente

⁸⁸¹ RICA 70.

⁸⁸² RICA 25.

⁸⁸³ RICA 27.

uma opinião justa e prudente acerca dos candidatos”⁸⁸⁴. “Na quaresma, tempo de purificação e iluminação, sejam assíduos aos ritos dos escrutínios e das entregas e deem aos catecúmenos o exemplo de sua própria renovação no espírito de penitência, fé e caridade. Façam questão de renovar as promessas do Batismo na Vigília Pascal”⁸⁸⁵.

O tempo da purificação e iluminação é extremamente marcado por ritos, gestos e sinais que marcam profundamente a vida dos adultos que estão no itinerário da iniciação à vida cristã. Sabemos que as celebrações e os ritos de passagem, estão presentes em todas as culturas, pois eles têm a força de marcar transições e ajudam as pessoas e os grupos a vivenciarem mudanças importantes. Podemos afirmar que nesse momento do itinerário da iniciação à vida cristã com os adultos, nesse momento da purificação e iluminação, os ritos aqui vivenciados funcionam como uma “costura” entre as diferentes etapas do processo catecumenal.

O rito entendido a partir da sua etimologia, vem do latim *ritus* que significa “ordem prescrita” ou “ordem estabelecida”⁸⁸⁶. No grego, esse termo está ligado a *artýs* ou *artus*, que também significa “prescrição”. A raiz *ar*, mais antiga e original, “modo de ser, disposição organizada e harmônica das partes no todo”⁸⁸⁷, encontra-se na palavra *rta*, do sânscrito védico, cujo significado remete a uma força de ordem cósmica, mental⁸⁸⁸ e de relação das pessoas entre si⁸⁸⁹, e em *arta* (arte), do iraniano, que dá ideia de “harmonia restauradora”⁸⁹⁰. A etimologia do termo rito indica que há uma ideia de ordem, organização, estabilidade e restauração presente no significado da palavra rito.

O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível. Se é verdade que o cosmo tem a força de opor-se ao caos, isso se deve ao rito e à sua força organizadora⁸⁹¹.

⁸⁸⁴ RICA 41,3.

⁸⁸⁵ RICA 41.4.

⁸⁸⁶ SEGALLEN, M. Ritos e rituais contemporâneos. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 17; RIVIÈRE, C. Os ritos profanos. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 29; TERRIN, A. N. O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção estudos antropológicos). p. 18.

⁸⁸⁷ TERRIN, A. N., O rito, p. 18.

⁸⁸⁸ VIDAL, J., Rito, p. 1527.

⁸⁸⁹ SEGALLEN, M., Ritos e rituais contemporâneos, p. 17; RIVIÈRE, C., Os ritos profanos, p. 29.

⁸⁹⁰ TERRIN, A. N., O rito, p. 18.

⁸⁹¹ TERRIN, A. N., O rito, p. 19.

E nesse sentido de valorização do rito, a *primeira categoria* experiência celebrativa nos alerta para algo importante e impactante para a vida do adulto neste tempo da purificação e iluminação. Como afirmamos, esse momento do itinerário é muito mais celebrativo e orante a partir dos ritos celebrados do que a instrução catequética propriamente dita. Percebemos na fala dos entrevistados como os momentos celebrativos foram marcantes em suas vidas, tais como: “As celebrações foram bem marcantes, boas pra relaxar um pouco, aliviam as tensões do dia a dia, foi interessante, serviu muito pra colocar as coisas nos eixos”⁸⁹². “A celebração do perdão me marcou mais que todas as outras, pode ter sido algo pessoal, mas passei por algo marcante, e o fato de ter sido apenas [com os catequistas] foi forte porque não dispersa, como na missa que é no final”⁸⁹³.

Ao tratarmos esses dados como força e experiência da pessoa e do grupo, também não perdemos de vista a ação do Espírito na vida daquele que crê, pois na Liturgia celebramos sempre e só o Mistério pascal de Jesus Cristo, desde a sua Encarnação até o envio do Espírito Santo prometido aos Apóstolos. Esse Mistério tem no seu centro a Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão do Redentor. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu a Igreja, e foi a esta Igreja, na pessoa dos Apóstolos, que Jesus confiou o encargo de continuar a obra por Ele próprio iniciada.

O “mistério pascal” é de importância central para se entender a experiência celebrativa. O culto prestado por Cristo ao Pai deve ser prolongado nos seus discípulos. Pela via da experiência celebrativa os cristãos apropriam-se, por participação, do diálogo que Cristo presta ao seu Pai, fazendo da oração do Senhor a sua oração. O Espírito Santo, Espírito de filiação, é quem une o homem aos eventos do Mistério Pascal, transforma o homem em filho de Deus, possibilita a entrada do homem no culto celeste. Sem a recepção do *Pneuma* de Jesus não existe vida cultural cristã em seu sentido pleno.

O Espírito Santo é quem possibilita o homem conhecer a Deus. Este conhecimento se dá a nível vivencial e não, simplesmente, racional. Através d’Ele o homem pode aderir a Cristo e se transformar em seu seguidor. O batizado torna-se um seguidor pneumatizado de Cristo – tal seguimento é a participação no sacerdócio do Senhor. A vida é o responsório existencial que fundamentará o responsório celebrativo. A

⁸⁹² Resposta da pessoa 2 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455 (Apêndice G).

⁸⁹³ Resposta da pessoa 7 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455 (Apêndice G).

vida filial, ação do Espírito de Cristo, do batizado é quem dá suporte a exclamação litúrgica “ó Pai”⁸⁹⁴.

A experiência celebrativa não está associada a repetir apenas para recordar, nem também é repetir para fazer de novo, pois Jesus morreu e ressuscitou uma única vez. Esse acontecimento histórico é único e irrepetível. A experiência celebrativa que estamos afirmando aqui está no sentido de celebrar a liturgia ou as ações litúrgicas como o tornar presente, por intervenção de Jesus e do Espírito Santo, a realidade profunda e invisível do seu Mistério pascal, para que a pessoa possa cada vez mais entrar em comunhão de vida com esse Mistério.

Celebrar é parte integrante da vida humana, que é tecida de trabalhos e de festas, de horas gastas na construção de espaços destinados a usufruir de seus resultados⁸⁹⁵. Nenhuma atividade pastoral pode realizar-se sem referência à liturgia. Qualquer celebração que tem sentido evangelizador e catequético é capaz de marcar a vida da pessoa. A expressão desta pessoa entrevistada revela como é marcante a celebração, pois envolve um todo, bem como os laços dos vínculos familiares:

Pra mim também, as celebrações marcaram muito. Quando fui embora, fiquei pensando: nem acredito que estou participando, é um sonho pra mim. Minha filha sempre vem às celebrações com minha netinha e ela perguntou pra mãe dela: “Mãe quando a senhora vai poder tomar a hóstia?” Ela respondeu: quando eu fizer o curso (é uma felicidade imensa estar fazendo)⁸⁹⁶.

Toda ação pastoral terá como ponto de referência a liturgia, que envolve pessoas, na qual se celebra a memória e se proclama a atualidade do projeto de Jesus Cristo.

Celebrar significa tornar célebre um determinado momento ou acontecimento da vida. O ato de celebrar faz parte da vida humana, é uma ruptura da rotina cotidiana. Celebrar é comemorar, isto é, atualizar na memória algo em comunhão com alguém. “Em todos os tempos e lugares, homens e mulheres de todos os meios e níveis sociais, de todas as culturas e religiões, costumam realçar, ao longo da

⁸⁹⁴ TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 111-134.

⁸⁹⁵ CNBB, Doc. 43, 37.

⁸⁹⁶ Resposta da pessoa 2 à pergunta 2 da segunda coleta de dados, p. 456 (Apêndice G).

existência, aspectos fundamentais da vida individual, familiar, social e religiosa”⁸⁹⁷, e este realce se dá no ato celebrativo.

A celebração nos leva a descortinar a grandeza de nosso ser e de nosso destino de imagens de Deus, grandeza que corremos o risco de esquecer nas lutas pela vida, nas frustrações da existência. A celebração nos abre espaço para vivermos em comunhão que é o anseio profundo de nosso ser social⁸⁹⁸.

A proposta da iniciação à vida cristã é, sobretudo, celebrativa, a experiência é de cunho catecumenal, a catequese vem se transformando cada vez mais, mas passou por um grande risco de se desfigurar adotando em seu escopo apenas uma linguagem de conteúdo, de cunho escolar. Com a proposta da iniciação à vida cristã como processo pela via da inspiração catecumenal, assumimos que todo ato da catequese sempre terá um sentido mistagógico. Por isso, todas as celebrações do processo catequético são sempre uma experiência, cada vez mais profunda, do mistério do Senhor.

O processo de iniciação à vida cristã oferece um itinerário para aquele que está sendo iniciado, é algo progressivo, ajuda-o a viver um caminho de inserção, é nesse sentido que a *segunda categoria* aponta como sentido de pertença a Cristo e à Igreja como comunidade de fé.

A iniciação à vida cristã recuperada pela Igreja tem em sua raiz ajudar a pessoa a tornar-se cristão, fazendo com que haja sentido de pertença⁸⁹⁹. Nesse sentido corresponde a oferecer um processo que visa estruturar um caminho de conversão a Cristo, dando as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante “um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo”⁹⁰⁰ são iniciados no estilo de vida evangélico e nos mistérios da salvação. O objetivo é iniciar na plenitude da vida cristã⁹⁰¹. Desde os tempos apostólicos, o “tornar-se cristão” exige um caminho de iniciação, com diversas etapas. É um itinerário que tem o catecumenato batismal como modelo inspirador⁹⁰². E, uma vez que é um processo de conversão, é essencialmente gradual e

⁸⁹⁷ CNBB, Doc. 43, 36.

⁸⁹⁸ CNBB, Doc. 43, 38.

⁸⁹⁹ O catecumenato nasceu, portanto, como preparação à vida cristã aos convertidos adultos, no intuito de que sua fé inicial se transformasse em profissão de fé explícita e sacramentalmente celebrada na comunidade cristã. Cf. FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 29.

⁹⁰⁰ AG 14

⁹⁰¹ Cf. DGC 63.

⁹⁰² Cf. DGC 90.

crístocêntrico, porque está ao serviço daquele que decidiu seguir Cristo, gerando assim o sentido de pertença à vida eclesial.

Vivemos uma mudança de época como vimos no primeiro capítulo desta tese, vivemos uma época de não pertença, um tempo com uma concepção fragmentária do saber e da vida, isso nos acena que precisamos de um processo de iniciação que “apresente a fé da igreja de modo integral e fundamentado, capaz de dar resposta à quebra de verdade e à perda de orientação estável que origina a fragmentação ideológica e ética, a igualdade de todos os projetos humanos e o subjetivismo”⁹⁰³.

Os entrevistados demonstram em suas falas o sentido desta pertença como algo positivo para suas vidas, como escolha, como pertencentes:

Pra mim, que estou participando agora da Igreja, foi o primeiro passo, na missa das nove e meia, o padre me fez o convite a quem gostaria de participar e eu fiquei pra reunião. Mas eu estava na lista do encontro de casais e disse que já estava comprometida. Mas uma amiga disse que falaria com o padre pra eu não ir nessa reunião, mas ir nas próximas. Aquilo me fez ser escolhida pra participar. Foi o primeiro passo de tudo”⁹⁰⁴.

Também é interessante perceber a proposta de convite personalizado que o entrevistado demonstra em sua fala, a capacidade de compreensão e a flexibilidade para acolher.

Outro entrevistado revela-se como escolhido para estar na comunidade eclesial, se sente participante, inserido, assim se expressa:

Escolhido, eu tenho orgulho de estar ali na frente, não tenho vergonha. Pra mim, é um momento especial, algo que fiz com muita força, determinação, foi difícil conseguir, mas quando surgiu a oportunidade eu abracei mesmo, porque é algo importante, tenho orgulho”⁹⁰⁵.

O sentido de pertença é estabelecido quando acontece o vínculo que traz sentido para a pessoa, a pertença tem sentido a partir do momento que a pessoa os tece. Em um mundo marcado pela diversidade, e ao mesmo tempo por uma “anomia social, as pessoas já não tem mais parâmetros adequados de medir a

⁹⁰³ CAMPO GUILARTE, M., *Iniciación cristiana y catequesis*, p. 75.

⁹⁰⁴ Resposta da pessoa 3 à pergunta 2 da segunda coleta de dados, p. 456 (Apêndice G).

⁹⁰⁵ Resposta da pessoa 1 à pergunta 2 da segunda coleta de dados, p. 456 (Apêndice G).

viabilidade de seus desejos”⁹⁰⁶. Entendemos que o sentido de pertença está relacionado à vida de fé na comunidade eclesial, um entrevistado afirma:

Eu venho de uma família evangélica e alguns espíritas, tive a chance de escolher várias culturas e religiões diferentes, mas fiz a escolha de ser católico, aqui me sinto pertencido à comunidade, fui bem recebido no grupo de catequese e as celebrações me ajudaram a ter esta visão de pertença, quando as pessoas me olham na Igreja sabem que estou fazendo a catequese. Pra mim, isto é pertença⁹⁰⁷.

Podemos afirmar que diante da diversidade de proposta religiosa as pessoas têm sua capacidade de escolha definida pelo sentido de pertença percebido, “cada um, diante da generosa diversidade de fontes, de sentido para a vida, de cunho cultural ou religioso, deve fazer uso de sua liberdade e optar pessoalmente pelo caminho a seguir⁹⁰⁸.

Todo o itinerário da iniciação à vida cristã visa a vinculação e pertença a uma comunidade, é compreensível que esta pertença pode ser concretizada sob diversas formas e a partir de novos pressupostos, é algo intrínseco ao processo de iniciação à vida cristã. A *terceira categoria* nos remete à força da comunidade catequizadora, pois a educação da fé deve ser sempre mediada pela Igreja. “Diante da tentação, muito presente na cultura atual, de ser cristão sem Igreja e das novas buscas espirituais individualizadas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chega através da comunidade eclesial”⁹⁰⁹, “a vida em comunidade é essencial à vocação cristã”⁹¹⁰.

Os entrevistados revelaram em suas falas a importância do grupo de catequese como comunidade que ajuda no processo de educação da fé:

Num todo, pra nós todos, foi muito especial! Não chegou ao fim ainda, mas até aqui tem sido especial. Estamos conseguindo ir até o final sem pensar em desistir, principalmente na reta final, alguns não ficaram por algum motivo. Este grupo me ensina muito, participar aqui com estas pessoas tem sido para mim aprendizado sobre a fé, aqui nós formamos uma comunidade. Mas nós precisamos passar algo bom para as pessoas sem ter vergonha, pra que eles também tenham coragem de participar como a gente, pra receber a benção, aprender sobre a bíblia e ser orientado⁹¹¹.

⁹⁰⁶ LIPOVETSKY, G., A Sociedade da decepção, p. 8.

⁹⁰⁷ Resposta da pessoa 4 à pergunta 2 da segunda coleta de dados, p. 456 (Apêndice G).

⁹⁰⁸ MIRANDA, M. F., A Igreja numa sociedade fragmentada, p. 61.

⁹⁰⁹ DAp 256.

⁹¹⁰ DAp 179.

⁹¹¹ Resposta da pessoa 8 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455-456 (Apêndice G).

Os documentos eclesiais mais recentes afirmam que a comunidade é por excelência lugar de iniciação cristã. É impossível uma pessoa ser cristã sozinha, isolado de uma comunidade de fé, “a iniciação é um encontro da Igreja com o iniciado e deste com a Igreja. A comunidade de fé há de ser sempre a origem, o lugar e a meta da iniciação cristã”⁹¹².

A primeira comunidade de fé que os adultos encontram talvez seja o grupo, por isso, esse grupo tem força catequizadora em suas vidas, podemos exemplificar isso com a fala de um dos entrevistados, na qual ele afirma que: “Este grupo me dá segurança, aprendo com o grupo da catequese. Acho que saber que os catequistas estão aqui para ajudar e os introdutores também, serve de exemplo para nós, nos anima”⁹¹³. “Pra mim, foi o trabalho do grupo de catequese: ajudar as pessoas carentes, sair de casa pra ajudar me marcou muito”⁹¹⁴.

Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global. A comunidade catequizadora velará zelosamente para que isso aconteça de fato, estabelecendo uma organização adaptada e eficaz que empenhe na atividade catequética as pessoas, os meios, os instrumentos e os recursos financeiros necessários⁹¹⁵.

Dentro do processo da iniciação à vida cristã, a comunidade catequizadora deve ser compreendida a partir de um grupo que envolve a comunidade eclesial, a pessoa do catequista, os introdutores e os catequizandos. O documento *Catequese Renovada, Orientações e Conteúdos* deixa bem explícita a força que tem a comunidade catequizadora, convida-nos a repensar o jeito de se fazer catequese, onde o importante, tanto para o catequista, quanto para o catequizando, era saber alguns conteúdos teóricos sobre a fé, sem se preocupar com as consequências práticas disso em sua vida. A catequese é algo totalmente integrado e dependente da comunidade. Por isso, o documento dedica toda a quarta parte⁹¹⁶ sobre o tema da Comunidade Catequizadora. Quantas propostas! E como são atuais! De fato, ainda hoje muita gente precisa entender que para se ter “uma verdadeira Catequese, não

⁹¹² LEÓN OJEDA, F. J., *La iniciación Cristiana*, p. 33.

⁹¹³ Resposta da pessoa 4 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455 (Apêndice G).

⁹¹⁴ Resposta da pessoa 6 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455 (Apêndice G).

⁹¹⁵ CR 129.

⁹¹⁶ CNBB, Doc. 26, 281; 316.

basta planejar o bom andamento de um conjunto de temas. Trata-se de promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica”⁹¹⁷.

Mais recentemente o Diretório Nacional de Catequese possibilitou a compreender melhor que catequese e comunidade estão intimamente ligadas, pois “o lugar e ambiente normal da catequese é a comunidade eclesial”⁹¹⁸. É na vivência em comunidade que os adultos poderão exprimir e vivenciar sua fé; com isso, é possível perceber como a própria comunidade é catequizadora. Por outro lado, para o grupo de adultos que estão na catequese, quando a catequese é vivida como comunidade catequizadora conseqüentemente levará este adulto a se integrar na comunidade eclesial paroquial, para ali ele também poder viver a própria fé.

Esse é o contexto ideal para que a comunidade eclesial seja verdadeira fonte, lugar e meta da catequese, lugar onde se vivem as verdades do Evangelho, onde se exercita o ser discípulo-missionário de Jesus Cristo; “com os adultos, a catequese promove um crescimento de diálogo, de partilha e de corresponsabilidade”⁹¹⁹. Isto é, por fim, a comunidade catequizadora que ajuda no caminho da vivência da fé.

A experiência dos escrutínios é a *quarta categoria* subdivida em três, experiência dos escrutínios como fonte de vida, experiência dos escrutínios como filhos da luz e experiência dos escrutínios como vida nova.

A palavra escrutínio vem do latim, *scrutari* (esquadrinhar, examinar, visitar, buscar). No RICA, dá-se esse nome às provas e celebrações compostas da leitura da Palavra, orações e exorcismos, realizados sobretudo no caminho do catecumenato batismal⁹²⁰, que tem duas finalidades: “Descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-los; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-los.”⁹²¹ Assim prescreve o RICA, “Na quaresma, tempo de purificação e iluminação, sejam assíduos aos ritos dos escrutínios e das entregas e deem aos catecúmenos o exemplo de sua própria renovação no espírito de penitência, fé e caridade. Façam questão de renovar as promessas do Batismo na Vigília Pascal.”⁹²²

⁹¹⁷ CR 283.

⁹¹⁸ DNC 52.

⁹¹⁹ DNC 175.

⁹²⁰ ALDAZÁBAL, J., Dicionário Elementar de Liturgia. p. 107.

⁹²¹ RICA 25.

⁹²² RICA 41.4.

No processo da iniciação à vida cristã, como itinerário, no tempo da Purificação e Iluminação, são previstos os escrutínios⁹²³, que foram realizados no terceiro, quarto e quinto domingos da quaresma, cujo objetivo foi conduzir os adultos eleitos a um maior conhecimento de si mesmo, discernimento de seu estado de conversão, e transmitir a força de Deus para que os adultos pudessem continuar na progressiva preparação rumo à maturidade cristã, “os escrutínios desejam ajudar os adultos a avaliar suas atitudes e seu modo de vida”⁹²⁴. Os Escrutínios pretendem “purificar os espíritos e os corações, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades, para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo e reavivem seu desejo de amar a Deus”⁹²⁵.

Os escrutínios celebrados solenemente nas missas próprias do 3º, 4º e 5º domingos da Quaresma têm a mesma estrutura, mas a experiência e vivência de cada escrutínio é diferente, pelas temáticas que são refletidas, seguindo as leituras do Lecionário do Ano A. O primeiro escrutínio com o Evangelho da Samaritana, o segundo do cego de nascença e o terceiro da ressurreição de Lázaro. Eis a estrutura pedagógica que o RICA propõe para os escrutínios:

- Proclamação da Palavra e homilia
- Oração em silêncio
- Preces pelos Eleitos
- Exorcismo
- Despedida dos eleitos
- Liturgia Eucarística

Os adultos que foram entrevistados vivenciaram os escrutínios na sua qualidade de ritos penitenciais, que visam uma progressão “na consciência do pecado e no desejo de salvação”, para caminhar ao encontro de Cristo, na noite pascal, Ele que é água viva, luz, ressurreição e vida⁹²⁶.

A finalidade dos escrutínios é purificar as almas e os corações, proteger contra as tentações, retificar a intenção, conseguir um sério conhecimento de si

⁹²³ No Ritual da Iniciação Cristã de Adultos explica-se a razão de ser destes Escrutínios ou ritos penitenciais na Quaresma (cf. RICA 154-159). Também podemos encontrar mais detalhes sobre os escrutínios: cf. BÉRAUDY, R. Os escrutínios e os exorcismos. In: Concilium. Revista International de Teologia, Petrópolis, v. III, fasc. 22, 1967, p. 60-64; SILVA, J. A., Relação entre Catequese e Liturgia.

⁹²⁴ Cf. CNBB, Doc. 107, 168.

⁹²⁵ Cf. VELA, J. A., Reiniciación Cristiana, respuesta a un bautismo ‘sociológico’.

⁹²⁶ Cf. RICA 157.

mesmo e promover a vontade de seguir, fielmente, a Cristo. Assim, os adultos, os não batizados e os batizados vão, pouco a pouco, sendo instruídos sobre o pecado, do qual o mundo inteiro e cada homem em particular anseia por ser remido, para libertar-se das suas consequências presentes e futuras; e, por outro lado, para que o espírito se vá impregnando do sentido de Cristo Redentor⁹²⁷. Os escrutínios “são celebrações muito densas em termos espirituais. Eles esclarecem aos futuros batizados o sentido da luta, as renúncias e as rupturas a que são chamados, levando-os a viver sob o signo da vitória pascal de Cristo”⁹²⁸.

A subcategoria experiência dos escrutínios como fonte de vida refere-se ao momento da celebração do terceiro domingo da quaresma onde os participantes relataram suas experiências como momento forte de encontro pessoal com Jesus Cristo e de revisão de vida. Eis algumas falas dos participantes que mostram a importância do primeiro escrutínio:

Pra mim a parte da samaritana. A forma do encontro de Jesus com a samaritana mexeu mais comigo. Porque entra numa falha minha, algo que eu preciso melhorar. Mas cada escrutínio acaba mexendo com você de certa forma, pois atinge um ponto da fraqueza de cada um, algo que precisa ser mudado ou melhorado em cada um⁹²⁹.

Com Jesus você pode ter certeza, não existirá barreira que vai conseguir te deixar no chão, você vai levantar. Hoje estou de pé, em todos os momentos da minha vida. Sem Deus, sem buscar em Deus eu não estaria aqui, já tive livramentos de morte e Deus me deu palavras pra eu conseguir me livrar daquilo que ia acontecer comigo⁹³⁰.

O primeiro escrutínio teve como tema a “água viva que Jesus promete à samaritana”⁹³¹. A celebração inspirada no RICA está destinada aos catecúmenos, adaptamos para que correspondesse à nossa realidade, as orações dos exorcismos desse escrutínio foram feitas em forma positiva, evitando todo o aceno à culpa original e referindo-se somente às culpas pessoais e às tentações.

Os escrutínios, seguindo a pedagogia quaresmal, querem proporcionar aos adultos o conhecimento de si mesmos por meio do exame de consciência e da verdadeira penitência, a fala de um dos participantes expressa muito bem esse enunciado: “Preciso d’Ele em qualquer momento da minha vida. Em tudo o que

⁹²⁷ Cf. RICA 157.

⁹²⁸ CAMARGO, G. C. M., *A Iniciação Cristã de Adultos*, p. 42.

⁹²⁹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 7 da segunda coleta de dados, p. 459 (Apêndice G).

⁹³⁰ Resposta da pessoa 3 à pergunta 8 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

⁹³¹ O 3º Domingo da Quaresma, o Evangelho (Jo 4, 5-42) nos apresenta o tema da água viva.

eu vou fazer, preciso reconhecer minhas falhas e me tornar uma pessoa melhor”⁹³².

A celebração do primeiro escrutínio quis instruir para que os adultos tenham consciência do pecado, e desejem libertar-se de suas consequências e da influência do mal, purificando o espírito e o coração. A oração⁹³³ do primeiro escrutínio desejou proporcionar nos adultos a vontade de se unirem mais estreitamente a Cristo, se impregnarem do senso da redenção, se fortalecerem contra as tentações e adquirirem um sentido mais profundo de Igreja. Assim fortalecidos em seu caminho espiritual, reavivam o desejo de amar a Deus e abrem os corações para receber os dons do Senhor no sacramento.

No primeiro escrutínio, aparece a pessoa da mulher samaritana que, no poço, se encontra com o Jesus e, no diálogo com ele, toma consciência de estar no pecado e o acolhe. Ela tem sede e suplica a água viva prometida pelo Messias. Esta água é o Espírito Novo do Reino, derramado para produzir o verdadeiro culto em espírito e verdade, não mais baseado em obras da carne. A samaritana, assim muda de direção e torna-se apóstola. Assim também, o Espírito de Jesus é invocado sobre os eleitos ordenados ao novo culto no qual já começaram a participar pela fé, para transformá-los em templos vivos, onde se presta ao Pai, o verdadeiro culto espiritual⁹³⁴.

Esse caminho que os adultos percorreram até chegar a experiência dos escrutínios como revisão de vida os ajudou a aprenderem os fundamentos da fé cristã, uma íntima experiência com Jesus Cristo, também a adquirirem uma linguagem bíblica, participando das celebrações da vida em comunidade. É muito bonita a fala de um dos participantes quando afirma:

A minha experiência com Jesus me faz sentir que sem Ele nós não somos nada, com Ele você sempre pode contar. Quando precisar Ele vai estar lá, fortalecendo e

⁹³² Resposta da pessoa 1 à pergunta 8 da segunda coleta de dados, p. 459 (Apêndice G).

⁹³³ Oremos. Pai de misericórdia, por vosso Filho vos compadecestes da samaritana e, com a mesma ternura de Pai, oferecestes a salvação a todo pecador. Olhai em vosso amor estes eleitos que desejam receber, pelos sacramentos, a adoção de filhos: que eles, livres da servidão do pecado e do pesado jugo do demônio, recebam o suave jugo de Cristo. Protegei-os em todos os perigos a fim de que vos sirvam fielmente na paz e na alegria e vos rendam graças para sempre. Por Cristo, nosso Senhor. Senhor Jesus, que em vossa admirável misericórdia convertestes a samaritana, para que adorasse o Pai em espírito e verdade, libertai agora das ciladas do demônio estes eleitos que se aproximam das fontes da água viva; convertei seus corações pela força do Espírito Santo, a fim de conhecerem o vosso Pai, pela fé sincera que se manifesta na caridade. Vós que viveis e reinais para sempre (RICA 164).

⁹³⁴ Cf. LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 80-82

ajudando, eu tenho certeza que ele é minha água viva que sacia minha sede de vida⁹³⁵.

Percebemos que o caminho percorrido a partir da reflexão da Palavra de Deus na catequese semanal, a vivência na comunidade de fé e essa forte experiência celebrativa do escrutínio ajudaram os adultos, gradualmente, a esvaziarem-se dos falsos conceitos de si e de Deus e a descer à sua realidade de pecadores, necessitados de conversão, redescobrimo a gratuidade do amor de Cristo, que lhes perdoa e ama e deseja saciar suas sedes.

A subcategoria experiência dos escrutínios como filhos da luz refere-se ao momento da celebração do quarto domingo da quaresma onde os participantes relataram suas experiências a partir do evangelho do cego de nascença com alusão à dialética trevas e luz, também foi um momento forte de revisão de vida. Eis a fala de um dos participantes da entrevista:

Pra mim é o seguinte: não importa a escuridão, a Luz do mundo vai estar sempre ao nosso lado. É isso que eu penso quando falo em luz e Jesus, porque por mais que tudo aconteça ao nosso redor, aconteceu porque somos feitos desta luz. Ter essa luz ao nosso lado acaba sendo como um rochedo, um alicerce. Você sente que está construindo sua casa na rocha e não importa o que vier contra ela, essa rocha vai te sustentar. Essa luz vai sempre nos manter de pé, encorajar e dar coragem pra viver⁹³⁶.

O segundo escrutínio tem como tema a cura do cego de nascença. A celebração segue inspirada no RICA para os adultos catecúmenos e para os adultos que já receberam alguns dos sacramentos da iniciação, sempre ressaltando as orações⁹³⁷ dos exorcismos em forma positiva, evitando todo o aceno à culpa original e referindo-se somente às culpas pessoais e às tentações.

A experiência do escrutínio como filhos da luz é entendida pelos participantes como momento de fortaleza, eis a fala de um dos entrevistados: “Fortaleza, a gente encontra força na luz que Ele transmite pra gente”⁹³⁸.

⁹³⁵ Resposta da pessoa 2 à pergunta 8 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

⁹³⁶ Resposta da pessoa 5 à pergunta 9 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

⁹³⁷ Oremos. Pai de bondade, que destes ao cego de nascença a graça de crer em vosso Filho e de alcançar pela fé o vosso reino de luz, libertai estes eleitos dos erros que cegam e concedei-lhes, de olhos fixos na verdade, tornarem-se para sempre filhos da luz. Por Cristo, nosso Senhor. Senhor Jesus, luz verdadeira, que iluminais toda a humanidade, libertai, pelo Espírito da verdade, os que se encontram oprimidos pelo pai da mentira, e despertai a boa vontade dos que chamastes aos vossos sacramentos, para que, na alegria da vossa luz, tornem-se, como o cego outrora iluminado, audazes testemunhas da fé. Vós que viveis e reinais para sempre. (RICA 171)

⁹³⁸ Resposta da pessoa 2 à pergunta 9 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

A experiência relatada no evangelho do quarto domingo da quaresma⁹³⁹ do ano A, apresenta: Jesus unge os olhos do cego de nascença com lama feita a partir da saliva. Jesus como que inicia com um rito. Toca os olhos do cego, concedendo-lhe a visão. E, aos poucos no diálogo com ele, vai lhe despertando a fé. E o cego acaba vendo, à luz da fé, que Jesus é o Filho do Homem. Acaba dando testemunho dele.

Esse segundo escrutínio, apresenta Jesus que restitui a vista ao cego de nascença. Aquele que no princípio do texto era cego começa a enxergar, enquanto os fariseus, que creem ter a visão adequada da realidade, são apresentados como os que têm a cegueira mais profunda. Vivem encerrados em seu legalismo e em uma visão estreita da vontade de Deus, incapazes de reconhecer Jesus como o Messias. Ao contrário, quem foi curado confessa Jesus como Senhor. Esse processo indica que a fé é um dom de Deus, que recebe aqueles que se mostram receptivos. Assim, a luz da fé faz o eleito reconhecer e confessar a messianidade de Cristo. O Cristão é iluminado, converte-se em luz, o que implica a séria responsabilidade da Igreja de ser luz do mundo com Cristo⁹⁴⁰.

O segundo escrutínio com o tema da luz proporcionou aos adultos uma profunda experiência para se fazer uma boa confissão dos pecados, pois eles são a causa da nossa cegueira espiritual. O pecado nubla e ofusca a mente, mancha a afetividade, debilita a vontade. E assim adoecemos de cegueira espiritual, como o cego de nascença que estava jogado fora do templo, pedindo esmola. Os adultos aos relatarem a experiência da luz compreenderam em suas vidas que Jesus exige que nos aproximemos d'Ele com fé, que gritemos com confiança.

A subcategoria experiência dos escrutínios como vida nova refere-se ao momento da celebração do quinto domingo da quaresma onde os participantes da pesquisa relataram suas experiências a partir do evangelho da ressurreição de Lázaro, no sentido de vida que recomeça, vida nova.

O terceiro escrutínio tem como tema Jesus ressuscita Lázaro. A celebração seguiu inspirada no RICA para os adultos catecúmenos e para os adultos que já receberam alguns sacramentos da iniciação, as orações⁹⁴¹ de exorcismos sempre

⁹³⁹ O 4º Domingo da Quaresma, o Evangelho (Jo 9, 1-41) nos apresenta o tema da Luz.

⁹⁴⁰ Cf. LELO, A. F., A iniciação cristã., p. 83-85.

⁹⁴¹ Oremos. Deus Pai, fonte da vida, vossa glória está na vida feliz dos seres humanos e o vosso poder se revela na ressurreição dos mortos. Arrancai da morte os que escolhestes e desejam receber a vida pelo Batismo. Livrai-os da escravidão do demônio, que pelo pecado deu origem à

buscaram refletir a dimensão positiva de revisão de vida. Eis algumas falas dos adultos:

Para mim, vida nova significa pensar no outro. É difícil, mas compensa, pra você ser uma pessoa melhor, ajudar mais, não estou fazendo bem pra essa pessoa, estou fazendo pra mim. Em uma situação que eu passei com um morador de rua, eu fiquei incomodado e fui ver se ele estava precisando de alguma coisa, peguei um biscoito e levei pra ele, de volta pra casa ainda fiquei incomodado, peguei água e comida e levei, nessa segunda ida ele começou a se abrir sobre a situação dele, ele disse que é alcoólatra e por isso estava naquela situação. Eu disse pra ele procurar ajuda pra não ficar daquele jeito, pois naquele momento o que eu podia fazer fiz. Me sinto feliz por ter feito aquilo⁹⁴².

O relato do evangelho do quinto domingo da quaresma é do evangelho de João⁹⁴³, Para o evangelista João, a “vida” é uma totalidade, ou seja, a vida presente, a vida atual, possui tal plenitude que, com toda razão, podemos chamá-la de “vida eterna”; uma vida com tal força e tão sem limites, que nem mesmo a morte terá poder sobre ela.

A “vida eterna”, então, não é um prolongamento ao infinito de nossa vida biológica. É a dimensão inesgotável e decisiva de nossa existência. Ela torna-se “eterna” desde já, a partir de nossas atitudes cotidianas como essa experiência relatada acima, o pensar no outro, olhar para o outro, ajudar o próximo, são atitudes cotidianas que expressam vida nova.

A imagem de Jesus, presente junto às vidas feridas, nos ajuda a conhecer nossa própria interioridade e desperta nossa vida, arrancando-a de seu fatal “ponto morto”, de seus limites estreitos e constituindo-a como vida expansiva em direção a novos horizontes.

“Lázaro” representa a humanidade ferida e amada, o relato do entrevistado que viu a pessoa na rua, se aproximou e dialogou expressa bem essa situação, o homem alcoólatra com dimensões de sua vida necrosadas, amarradas, presas nos sepulcros de uma vida sozinho dominado pelo vício. Mas Lázaro, que está presente em cada um, não está morto, apenas dorme. As fontes da alegria, as fontes da

morte e quis corromper o mundo que criastes bom. Submetei-os ao poder do vosso Filho amado, para receberem dele a força da ressurreição e testemunharem, diante de todos, a vossa glória. Por Cristo, nosso Senhor. Senhor Jesus Cristo, ordenastes a Lázaro sair vivo do túmulo e pela vossa ressurreição libertastes da morte toda a humanidade, nós vos imploramos em favor de vossos servos e servas, que acorrem às águas do novo nascimento e à ceia da vida; não permitais que o poder da morte retenha aqueles que, por sua fé, vão participar da vitória de vossa ressurreição. Vós que viveis e reinais para sempre. (RICA 178)

⁹⁴² Resposta da pessoa 3 à pergunta 10 da segunda coleta de dados, p. 461 (Apêndice G).

⁹⁴³ O 5º Domingo da Quaresma, o Evangelho (Jo 11, 1-45) nos apresenta o tema da vida nova.

criatividade e da confiança, as fontes do agradecimento e das bem-aventuranças... não estão mortas; estão adormecidas e necessitadas de que alguém tire os escombros e afaste a pedra que bloqueia o impulso da vida, como o entrevistado relatou a sua experiência com esse homem alcoólatra. A experiência do terceiro escrutínio possibilitou aos entrevistados perceberem-se como seguidores de Jesus, a interpretar suas atitudes à luz da vida nova em “Lázaro” ou a despertá-las com a voz, com os gestos, com o olhar, com as mãos.

O terceiro escrutínio coloca o eleito no drama da morte com a ressurreição de Lázaro, contemplamos o mistério de Cristo, que, além do odor de nossa morte e de nossa decomposição, é capaz de infundir-nos o sopro vivificante do Espírito que anuncia a ressurreição definitiva. Cristo veio curar a humanidade e anunciar a promessa de uma vida imortal. Aquele que o criou do barro, que infundiu o alento da vida, o recria em suas mãos, anunciando uma vida imortal e gloriosa. Lázaro é o personagem emblemático da humanidade libertada da morte pela vitória da ressurreição e que se faz presente, agora nas águas do novo nascimento. Ser batizado significa possuir o Espírito de Jesus e estar destinado à ressurreição e à vida plena em Cristo. Assim, é preciso que o eleito deixe escutar a sua mente e o seu coração por este Cristo ressuscitado e ressuscitador⁹⁴⁴. O eleito, ao se encontrar com esses três personagens e realidades é “orientado a não buscar a água viva da felicidade fora de Cristo, a não buscar o sentido de sua vida fora do que é a luz, a não ter medo da morte, porque Cristo é a ressurreição e a vida”⁹⁴⁵.

A *quinta categoria* intitulada expectativa para os sacramentos da iniciação cristã está correlacionada com o momento que os adultos estão vivendo no itinerário da catequese, pois o tempo da purificação e iluminação já acena para este momento. Sabemos que neste novo paradigma, o grande objetivo não é receber os sacramentos, mas sim ser discípulo de Jesus Cristo, mas o momento cume e importante desse discipulado para esses adultos está na expectativa de participar dos sacramentos da iniciação.

Esses adultos percorreram um longo caminho. Passaram pelo processo do querigma, um tempo considerável de aprofundamento da fé e agora chegaram no tempo da purificação e iluminação. A presença da comunidade foi algo muito importante nesse processo, aqueceu seus corações e os ajudou a viver a fé

⁹⁴⁴ Cf. LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 85-88.

⁹⁴⁵ LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 78.

aprofundada e celebrada. Nesse processo aconteceram muitos encontros, celebrações e aprofundamentos, conhecimento, revisão de vida, conversão, amadurecimento, crescimento, fortalecimento. Acreditamos que agora vivem um processo bonito de pertença à comunidade cristã, algo importante nessa mudança de paradigma, pois em muitos casos a catequese limitou-se apenas à preparação para os sacramentos.

O batismo, porta da vida espiritual, primeira participação no mistério cristão, marca o começo do itinerário iniciático, o momento fundacional de identificação com Cristo no seu ministério pascal. A confirmação, aperfeiçoamento e prolongamento do batismo, faz avançar os batizados pelo caminho da iniciação cristã, pelo dom do Espírito Santo que capacita o indivíduo a viver as exigências do caminho pascal, rememorado no sacrifício da eucaristia. A confirmação está orientada à participação plena na eucaristia. A relação nasce da natureza de um e de outro sacramento⁹⁴⁶.

Diante do processo percorrido de iniciação à vida cristã no itinerário da catequese entendemos que a expectativa dos participantes refere-se muito mais a um momento significativo do caminho percorrido do que ao final do processo, é evidente na fala dos entrevistados essa expectativa como algo bonito de um caminho percorrido:

Espero o momento de receber os sacramentos com muita ansiedade, muita ansiedade mesmo. Acho que será algo muito especial pra mim, vai ser marcante. Queria até que meus pais estivessem lá pra ver, mas não vão poder, mas com certeza será marcante, como um casamento⁹⁴⁷.

Tudo na vida tem um momento, um porquê, e às vezes eu fico pensando por que eu não tinha feito antes. Hoje estou no final da minha gestação e irei receber a primeira eucaristia grávida ainda, e é bacana pensar que meu filho vai receber comigo a primeira eucaristia. Que bom vai ser agora. Vai ser muito emocionante pra mim⁹⁴⁸.

Foi possível perceber que os ritos celebrados, de maneira especial o rito da eleição e os escrutínios ajudaram a criar essa expectativa na vida dos adultos. Como momento especial de reunião familiar, está presente na fala desses adultos que não é possível viver este momento de receber os sacramentos da iniciação apenas como momento histórico de suas vidas, com algo apenas nos dia de celebração. Mas os sacramentos são, acima de tudo, sacramentos do nosso dia a dia,

⁹⁴⁶ LELO, A. F., A iniciação cristã., p. 96.

⁹⁴⁷ Resposta da pessoa 1 à pergunta 3 da segunda coleta de dados, p. 456-457 (Apêndice G).

⁹⁴⁸ Resposta da pessoa 2 à pergunta 3 da segunda coleta de dados, p. 457 (Apêndice G).

sacramentos de iniciação são o que sustentam a sua experiência de fé. Esse momento tem lhes ajudado a fazer a experiência diária do nascimento com Cristo, de renovar os compromissos cristãos, renunciar as faltas cometidas e se abrir ao Espírito que é possível fazer do homem e da mulher sempre novas criaturas.

Nas mais variadas culturas e religiões nos deparamos com diversos ritos que marcam o processo de iniciação à vida religiosa/social. Na vida cristã, somos introduzidos na vida religiosa tendo como porta de entrada o sacramento do Batismo, pelo qual somos renascidos com Jesus Cristo para uma vida em plenitude. A partir de então somos incorporados como filhos de Deus à Igreja comunidade de fé. O batismo sendo a porta de entrada na vida cristã, se torna também a porta de entrada para os demais sacramentos, dos quais a Eucaristia e Crisma compõem o rito de iniciação. Tendo bem claro que “batismo-crisma-eucaristia constituem, em sua unidade dinâmica, a *única* iniciação cristã e não a iniciação a três diversos graus do cristianismo ou de participação na Igreja”⁹⁴⁹.

A *sexta categoria* intitulada como vida comunitária e mudança de vida está subdividida em três: comunidade como espaço de incentivo, comunidade lugar para o testemunho, comunidade e compromisso cristão.

Cada vez mais o conceito de comunidade vem sendo compreendido como um fenômeno histórico e social que assume diferentes significados no tempo e no espaço. As reflexões sobre o assunto são repletas de possibilidades de conceitos pautadas em diferentes referências como territorialidade, interesses, organização social e política, valores em comum, sentimento comunitário, entre outros, o sentido que atribuímos aqui é o valor da comunidade como lugar da experiência com a pessoa de Jesus Cristo no sentido comunitário.

O sentido da comunidade e da vida comunitária tem passado por um processo de transformação que consiste em um conjunto de mudanças oriundas da mudança de época que estamos sofrendo que ainda não sabemos bem ao certo o que teremos pela frente, no entanto, as mudanças estão sendo orientadas a partir do que todos sonham ser uma melhor comunidade de fé para aqueles que estão chegando ou retornando. Para esse processo, é preciso acreditar que as estruturas e as pessoas podem mudar; entender que a comunidade é um agente de mudança e de transformação pessoal.

⁹⁴⁹ TABORDA, F., Nas fontes da Iniciação Cristã, p. 135.

Nesse sentido, a subcategoria comunidade como espaço de incentivo revela a importância que tem, no itinerário da iniciação à vida cristã, para a vida comunitária como expressão de incentivo e pertença para prosseguir na vida em comunidade. As falas dos entrevistados demonstram a importância do incentivo que um pode ir estabelecendo com o outro.

Uma ideia minha era deixar o clima um pouco mais descontraído, aberto para as pessoas terem um acesso mais fácil. Houve transformações, pessoas que não conseguiam interagir, mas com o tempo passaram a interagir, isso gerou amizades e esse ponto ajudou muito. Somos abertos pra dizer um ao outro o que pode ser melhorado em nós, ouvir a crítica e pensar sobre a mudança. A comunhão faz isso, foi importante o grupo se manter até o final, até aqui, ninguém saiu, isso é muito bom⁹⁵⁰.

Acreditamos que essa seja a resposta quando se fala de comunidade de comunidades. O novo paradigma da iniciação à vida cristã favorece para a execução e tem estratégias e metodologia capazes para incentivar a pessoa para a inserção comunitária.

Quando se propõe uma nova paróquia como comunidade de comunidades, mais do que imaginar ou criar novas estruturas, trata-se de recuperar as relações interpessoais e de comunhão como fundamento para a pertença eclesial. Não há outro elemento de natureza teológica mais importante para alimentar a configuração eclesial do que a comunhão⁹⁵¹.

Por isso, o tema da iniciação à vida cristã sem dúvida reveste-se de uma extraordinária importância para a atualidade, porque ele está relacionado com o começo da vida cristã e se refere àquilo que se pode chamar de “tarefa central de toda a Igreja”⁹⁵², a de “fazer cristãos”⁹⁵³.

O paradigma da iniciação à vida cristã traz uma nova proposta para o incentivo à vida comunitária e a consequente inserção.

A revisão e renovação da catequese inicial é uma convicção geral que surge, tanto da nova eclesiologia proposta a partir do Concílio Vaticano II, como da necessidade de uma consequente pastoral orgânica, junto à realidade social e cultural atual, profundamente desafiante⁹⁵⁴.

⁹⁵⁰ Resposta da pessoa 4 à pergunta 6 da segunda coleta de dados, p. 458 (Apêndice G).

⁹⁵¹ CNBB. Doc. 100, 63.

⁹⁵² LG 8.

⁹⁵³ Cf. ALMEIDA, A. J., ABC da Iniciação Cristã, p. 12.

⁹⁵⁴ Cf. Comissão Episcopal de catequese e pastoral Bíblica da Argentina. Isca. Módulo 0. El “Hoy” de la Iniciación Cristinana. p. 3.

Vivemos uma mudança de época, com profundas transformações culturais, sociais, familiares etc. Nesse sentido, para uma nova proposta pastoral, que ajude a pessoa a se sentir motivada e incentivada para a vida eclesial, se faz necessário um urgente reajuste a essa nova realidade. Devemos olhar com muito realismo e sinceridade a atual situação eclesial a partir da proposta da iniciação à vida cristã como novo paradigma.

A subcategoria comunidade lugar para o testemunho nos ajuda a pensar o quanto importante é o processo da iniciação à vida cristã para a vida da comunidade, pois a comunidade formada pelas diversas pastorais deve envolver-se na acolhida dos membros, no testemunho, nas celebrações, na inserção dos adultos que estão no itinerário da iniciação nas pastorais e grupos.

Temos consciência de que o processo de iniciação à vida cristã fortalece a vida da comunidade eclesial, é também verdade que, sem uma comunidade eclesial, não pode haver uma verdadeira iniciação. É a força da experiência da vida em comunidade que tem a capacidade de acolher novos filhos, pois a vida cristã não desabrocha e não tem sua continuidade se faltam o testemunho, a formação e o sustento espiritual compartilhado com os demais crentes⁹⁵⁵.

As falas dos entrevistados revelam a importância do testemunho do grupo e ao mesmo tempo dos membros da comunidade, uma figura destacada é o testemunho dos catequistas:

A forma como é apresentada as reflexões contida no nosso livro que estudamos e a maneira como é aplicada, possibilita, através dos catequistas, gerar o testemunho, o que desperta as outras pessoas a contar o seu testemunho também, pois o testemunho do outro nos ajuda muito a compreender a nossa vida, aprendemos muito mais pelo exemplo, porque às vezes estamos passando por problemas parecidos e se abrir pode ajudar. Isso foi importante, fantástico⁹⁵⁶.

O lugar normal da catequese é a comunidade eclesial, pois, pelo testemunho de uma comunidade, não há apenas o ensinamento de uma teoria, mas uma catequese viva⁹⁵⁷ que se transforma em caminho para a edificação dela própria, fazendo da comunidade “o verdadeiro *audiovisual* da catequese”⁹⁵⁸.

⁹⁵⁵ Cf. CNBB, Itinerário Catequético, p. 56.

⁹⁵⁶ Resposta da pessoa 5 à pergunta 5 da segunda coleta de dados, p. 458 (Apêndice G).

⁹⁵⁷ Cf. DGC 141.

⁹⁵⁸ Cf. DNC 52.

É interessante perceber na fala dos adultos como é importante a presença e o testemunho da comunidade eclesial até mesmo para a adesão à catequese com adultos.

A presença da comunidade, o exemplo das pessoas que são membros da Igreja me fez querer estar aqui na catequese. O importante não são as pessoas pensarem que você não tem mais idade pra fazer e sim você mesmo saber que tem idade pra conseguir fazer o que quiser. Se está ao meu alcance tenho que fazer⁹⁵⁹.

Por isso, a iniciação à vida cristã favorece para a inserção no seio da vida da comunidade eclesial, esse itinerário pessoal e comunitário que a pessoa percorre é marcante e fundante na vida da pessoa, em um primeiro momento é uma adesão pessoal, pois há a adesão individual que é a participação de um itinerário que muda a vida. Depois a experiência é comunitária, porque a pessoa abraça a vida de uma comunidade eclesial, comunidade de fiéis que ouve a Palavra, questiona-se, amadurece a própria fé, está em processo de conversão, reconhece-se na comunhão, celebra a liturgia e dá testemunho na sociedade. O processo de iniciação à vida cristã é muito mais do que uma instrução doutrinal, pois proporciona uma série de experiências de vida cristã, que levam o adulto ao seguimento e à inserção gradativa na vida da comunidade, identificando-se como pertencente ao conjunto dos fiéis que se reconhecem em uma fraternidade de filhos do mesmo Pai e assumindo sua missão.

Portanto, como comunidade eclesial que assume o processo da iniciação à vida cristã somos convidados a revisar como estamos alimentando a vivência cristã e, conseqüentemente, devemos voltar com fervor aos primeiros tempos da Igreja, para dar testemunho de nosso encontro vital com Jesus Cristo, que convence, cativa e faz com que aqueles que estão chegando ou retornando à comunidade eclesial permaneçam.

A subcategoria comunidade e compromisso cristão refere-se à dimensão sócio-transformadora do itinerário da iniciação à vida cristã. O caminho percorrido leva necessariamente ao compromisso com a realidade onde o cristão está inserido.

O itinerário da iniciação à vida cristã não pode se desligar da realidade. Ou o itinerário transforma as pessoas e a sociedade, ou não será fiel à mensagem de

⁹⁵⁹ Resposta da pessoa 4 à pergunta 5 da segunda coleta de dados, p. 458 (Apêndice G).

Jesus Cristo. Quando um processo de iniciação não atinge as raízes do ser humano torna-se um verniz superficial. O desafio que enfrentamos é fazer com que o itinerário da iniciação à vida não seja puramente doutrinal, mas atinja os sentimentos e as atitudes das pessoas, eis um grande desafio nessa mudança de época.

A catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus faz de si mesmo ao homem em Jesus Cristo, revelação essa conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada por uma tradição viva e ativa, de uma geração para outra. E tal revelação não está isolada da vida, nem justaposta que ela esclarece totalmente para a inspirar e para dela ajuizar criticamente, à luz do Evangelho⁹⁶⁰.

A vida cristã exige do cristão coerência com o seu comportamento e atitudes, que sejam cristãos a partir da ética e da moral cristã. Mas sabemos que persistem muitos que se dizem cristãos cujo compromisso com a realidade social é distante e conseqüentemente não foram influenciados pelos valores do Evangelho. Um itinerário catequético mal feito ou uma insuficiente iniciação cristã podem levar a uma dicotomia entre fé professada e a prática do cotidiano, uma incoerência. Por isso, esse processo de iniciação à vida cristã não pode ser reduzido à transmissão de conteúdos e doutrinas, um conjunto de conhecimentos, mas precisa atingir o ser profundo por inteiro.

Os relatos dos participantes expressam o quanto a inserção na vida em comunidade os levou ao compromisso com a realidade, sobretudo daqueles que mais sofrem:

Eu penso assim também. Faz a pessoa se sentir realmente integrante da igreja, na utilidade, não só na catequese, mas da comunidade, e ao mesmo tempo desperta um espírito missionário automaticamente, uma coisa ligada a outra, quero ajudar as pessoas, não posso ficar fora daquilo que é a minha realidade⁹⁶¹.

Por isso, o itinerário da iniciação à vida cristã deve tocar a vida desses adultos, tocar nos desafios da realidade da sociedade e da vida adulta que necessitam de luzes novas. “Essa confrontação entre a formulação da fé e as experiências de vida possibilitam uma formação cristã mais consciente, coerente e generosa. Não se trata tanto de um método quanto de um princípio metodológico, que perpassa

⁹⁶⁰ CT 22

⁹⁶¹ Resposta da pessoa 7 à pergunta 6 da segunda coleta de dados, p. 459 (Apêndice G).

todo conteúdo da catequese”⁹⁶², que ajude a inserção do adulto na realidade para que ele possa ser agente de transformação social.

Portanto, para que a comunidade seja um espaço propício para a comunicação da fé é necessário que seja um espaço acolhedor, um espaço onde se aprende, um espaço de vida eclesial, um espaço para o engajamento, um espaço de leitura orante da Palavra de Deus e um espaço de formação de evangelizadores⁹⁶³. Nesse itinerário da iniciação à vida cristã a vida da comunidade e em comunidade é a melhor escola. O que se aprende pela experiência atinge mais profundamente do que o que se estuda apenas de forma intelectual.

A *sétima categoria* intitulada como experiência com a pessoa de Jesus Cristo expressa a relação que os adultos puderam estabelecer com a pessoa de Jesus Cristo em todo o itinerário da iniciação à vida cristã, mas de modo mais intenso durante este tempo da purificação e iluminação.

É possível compreender a experiência com a pessoa de Jesus Cristo a partir das próprias atitudes de Jesus nos relatos do evangelho, todas as pessoas que o seguiam sentiam em suas palavras que toda a sua experiência humana era compreendida, e as suas necessidades eram levadas a sério e trazidas à luz naquilo que eram desconhecidas e confusas.

Os gestos e atitudes de Jesus de Nazaré chegam exatamente, à condição humana, ou seja, de alguém que espera algo, porque se sente carente; e a experiência com a pessoa de Jesus coloca-se junto ao humano necessitado, e se propõe à sua necessidade original. Por isso, para encontrar com a pessoa de Jesus Cristo, devemos, portanto, antes de qualquer coisa, colocar seriamente o nosso problema humano⁹⁶⁴.

Dessa maneira, notamos a expressão dos entrevistados quando relatam sua experiência com a pessoa de Jesus Cristo a partir do itinerário da iniciação à vida cristã: “A minha experiência com Jesus me faz sentir que sem Ele nós não somos nada, com Ele você sempre pode contar, quando precisar Ele vai estar lá, fortalecendo e ajudando, eu tenho certeza que ele é minha água viva que sacia minha sede de vida”⁹⁶⁵. “Quando deitamos pra dormir e acordar, temos sempre que agradecer, viver todo dia é motivo de agradecimento a Deus, por ele estar conosco.

⁹⁶² DNC 122.

⁹⁶³ Cf. CNBB, Doc. 84, 302.

⁹⁶⁴ GIUSSANI, L., Passos da experiência cristã, p. 103

⁹⁶⁵ Resposta da pessoa 2 à pergunta 8 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

Isso é muito bom e importante, sem Deus não somos nada, Deus é tudo, maravilhoso, só temos que agradecer”⁹⁶⁶.

As falas dos entrevistados revelam a experiência a partir da necessidade e como fortaleza, bem como a necessidade de gratidão pela presença d’Ele na vida, experiências estas muito próxima das relatadas no evangelho, pois o cristianismo teve início a partir de uma experiência salvífica feita com Jesus Cristo por parte dos primeiros seguidores. Essa experiência exigiu uma partilha de vida, um seguimento, um discipulado existencial e não teórico. Temos consciência de que os evangelhos tematizam os vários elementos presentes nessa experiência realizada com a pessoa de Jesus Cristo, a fim de torná-la acessível às gerações futuras.

A experiência com a pessoa de Jesus Cristo significa que, além do conhecimento de Deus por intermédio das chamadas provas, cuja importância e possibilidade não se deve certamente negar, existe algo mais, diferente e mais fundamental, em relação ao qual às provas são possíveis e têm sentido só como a experiência de Deus, seu fundamento básico e originário⁹⁶⁷. Bento XVI expressa o que significa essa experiência com a pessoa de Jesus Cristo que nos leva ao centro do Evangelho: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”⁹⁶⁸.

Portanto, o itinerário da iniciação à vida cristã quis ajudar aos adultos a fazer uma profunda experiência com a pessoa de Jesus Cristo, por outro lado, esta experiência não deve ser entendida como uma simples atmosfera interior nem como um sentimento incontrolável, porque não se esgota na interioridade pessoal, mas possui uma precisa relevância sócio-transformadora. Todas as experiências que acontecem no cotidiano da vida são articulações da experiência do Mistério. Para os adultos entrevistados, a experiência com Jesus Cristo está sempre presente na trama de toda existência.

A *oitava categoria* intitulada o perdão e a reconciliação subdividida em dificuldades para o perdão e a reconciliação e as facilidades para o perdão e a reconciliação, remete-nos àquilo em que o tempo da purificação e iluminação nos faz mergulhar: a revisão de vida; e a consequência dessa revisão é sempre a ne-

⁹⁶⁶ Resposta da pessoa 5 à pergunta 8 da segunda coleta de dados, p. 460 (Apêndice G).

⁹⁶⁷ Cf. RAHNER, K., *Esperienza di Dio oggi* In *NuoviSaggi*, p. 221.

⁹⁶⁸ DAp 243.

cessidade de perdão e reconciliação como indica o nome desse terceiro tempo do itinerário da iniciação à vida cristã que é marcado pela purificação e pela iluminação⁹⁶⁹. A purificação realiza-se pelo exame de consciência e pela penitência; a iluminação, “por um conhecimento mais profundo de Cristo”⁹⁷⁰. Daí a importância dos ritos desse tempo e de sua realização na quaresma.

A experiência de fé que os adultos estão percorrendo no caminho da iniciação à vida cristã os ajuda a ser testemunha da presença de Deus na vida cotidiana através de pequenas atitudes. A experiência do tempo da purificação e iluminação provocou nos adultos a proximidade com sua história pessoal a partir da sua relação com a pessoa de Jesus Cristo experimentada como amor irrestrito, bondade sem limites, perdão pleno e presença misericordiosa de Deus dentro da própria realidade humana; a aceitação e o perdão de Jesus relatadas nos escrutínios foram vividas de forma tão intensa por esses adultos que se tornaram aceitação e perdão para as suas vidas.

A capacidade para o perdão e a reconciliação existe dentro de cada pessoa. Cada ser humano foi criado com a capacidade de perdoar e se reconciliar, o que foge a esta regra está longe de entender o sentido da vida. A pessoa foi criada para amar e perdoar, não para tramar vinganças e perpetuar ressentimentos. Perdoar não significa submeter-nos àquilo que pode nos fazer mal, nem esquecer o que nos prejudicou. Não significa ser simplório, nem desconhecer o mundo. Pelo contrário, perdoar é sabedoria. É um ato de superação, de aprendermos a nos proteger sem ressentimento. De transformar o que aconteceu em experiência e crescimento.⁹⁷¹

Nesse tempo da purificação e iluminação, os adultos estão muito sensibilizados para a temática do perdão, pois vivenciaram momentos fortes de oração que os ajudaram a receber o sacramento da penitência. A expressão desta pessoa entrevistada revela a importância desse momento celebrativo para a sua vida. “A celebração do perdão me marcou mais que todas as outras, pode ter sido algo pessoal, mas passei por algo marcante, e o fato de ter sido apenas conosco foi forte porque não dispersa”⁹⁷². Esse momento de celebração Penitencial aconteceu a partir da escuta da Palavra, exame de consciência e confissão e absolvição

⁹⁶⁹ RICA 7.

⁹⁷⁰ RICA 25.

⁹⁷¹ Cf. VAN PRAAGH, J., Em busca do perdão.

⁹⁷² Resposta da pessoa 7 à pergunta 1 da segunda coleta de dados, p. 455 (Apêndice G).

individual. O Ritual da Penitência apresenta um roteiro e diversas sugestões de como realizá-la⁹⁷³.

A teologia e a pastoral fixaram a “estrutura” deste sacramento, em dois grandes elementos: os “atos” (as práticas) do penitente e os “atos” (gestos, ritos) da Igreja. Da união íntima entre estes dois elementos é que nasce a realidade do sacramento do perdão⁹⁷⁴.

A subcategoria dificuldades para o perdão e a reconciliação revela-nos os desafios que esses adultos enfrentam em suas vidas para viver no cotidiano a prática do perdão e da reconciliação. Os entrevistados revelam em suas falas tais dificuldades: “Perdão é muito difícil, a atitude do perdão é difícil. Eu acho que não sei se o dano é maior pro próximo ou pra gente. Mas acho que é mais fácil falar que gosto e que amo do que alguém que recebe uma palavra boa e dizer: ‘Eu não estou preparada pra sentir esse amor’. O perdão é difícil, você precisa se preparar pra falar e também estar preparado pra receber. O perdão é difícil principalmente pra quem foi atingido, pois tem coisas que vão vindo que não podemos saber qual será nossa reação.”⁹⁷⁵ “Eu particularmente, todo mundo sabe que eu não sou de muitas palavras, pra mim a catequese é um desafio, então tenho muita dificuldade de verbalizar meu sentimento, por mais que a pessoa diga na minha cara, ‘olha te perdoei’, mas pra mim verbalizar é muito difícil. Peço muito a Deus pra mudar isso, rezo muito e venho melhorando, tem tido uma evolução, mas na catequese quase não falava nada, hoje em dia, alguns podem dar testemunho, esse exercício de verbalizar, mesmo que eu tenha perdoado, é muito difícil pra mim”.

É difícil encontrar uma boa definição sobre o perdão, mas podemos arriscar que conceder o perdão significa absolver, remitir uma culpa, uma dívida, uma pena etc. Perdoar é desculpar, é poupar-se, consiste em absorver o impacto de uma culpa, dívida ou qualquer adversidade poupando-se de um sofrimento maior que o necessário. Por isso, perdoar pode ser entendido como o poupar-se, sugere uma economia de energia malgasta com aquilo que já está no passado.

As dificuldades para o perdão e a reconciliação geram ressentimentos como uma aversão à pessoa que foi o ofensor, podem gerar antipatia e malquerer. As

⁹⁷³ RITUAL da Penitência, p. 39-76.

⁹⁷⁴ LIMA, L. A., A catequese do Sacramento da Penitência, p. 45.

⁹⁷⁵ Resposta da pessoa 4 à pergunta 13 da segunda coleta de dados, p. 463 (Apêndice G).

dificuldades para o perdão podem gerar desgosto na vida, isto é, a ausência de gosto ou prazer, podem gerar mágoa, pesar e descontentamento. É interessante perceber que o não perdão pode se tornar um veneno para a saúde psíquica e física da pessoa, desencadeando transtornos de ansiedade, depressão, estresse crônico entre outros desajustes psicológicos. Ao mesmo tempo, essas emoções minam o bem-estar mental e físico, à medida que abatem o otimismo, a esperança e todas as emoções positivas da pessoa, até agravar seu sistema cardíaco, neural e celular⁹⁷⁶.

A ciência vem se interessando cada vez mais pelas consequências que ocorrem no organismo humano relacionadas aos comportamentos e emoções que experimentamos no cotidiano. Quando uma pessoa consegue perdoar ela se liberta do ressentimento e igualmente, de toxinas que saturavam seu organismo. O alívio não é apenas psicológico, mas, também, físico.

Para lidar melhor com as emoções ligadas ao passado, é necessário entender que nossas emoções positivas estão ligadas ao passado, ao futuro ou ao presente. Ao conhecer o modo como sentimos, pensamos e vivemos, é possível redefinir nossas emoções direcionando-as de maneira mais positiva⁹⁷⁷.

As emoções relativas ao passado vão de contentamento, serenidade, orgulho e satisfação a uma amargura irremediável ou uma raiva vingativa. Estas emoções são fortemente determinadas pelas ideias que temos do passado. O ponto central é que quanto mais eu acreditar que o passado determina o futuro, maior será a tendência de deixar as emoções de lado e de viver à deriva. No geral, em relação ao passado, apreciamos muito pouco os acontecimentos positivos e damos uma ênfase excessiva aos negativos⁹⁷⁸.

Os estudiosos do movimento da psicologia positiva afirmam que o perdão é uma das atitudes que permitem mudar o foco das experiências negativas, gerar emoção positiva e aumentar a satisfação do indivíduo, já que enfraquece o poder que os acontecimentos negativos têm de provocar raiva e amargura, e permite reescrever a história e renovar a memória, transformando más lembranças em boas⁹⁷⁹. “Pesquisas comprovam que a saúde física de quem perdoa, em geral, é

⁹⁷⁶ ZAMIGNANI, D. R. E.; VERMES, J. S., Propostas Analítico-Comportamentais para o Manejo de transtornos de ansiedade.

⁹⁷⁷ SELIGMAN, M. E. P., Florescer.

⁹⁷⁸ Oliveira, A., A Fórmula da Felicidade, p. 3.

⁹⁷⁹ SELIGMAN, M. E. P., Florescer.

melhor, porque o perdão leva à neutralidade, quebrando a retroalimentação da emoção negativa”⁹⁸⁰.

Assim, podemos classificar a subcategoria as facilidades para perdoar que pode gerar bem-estar para aquele que perdoa e aquele que é perdoado.

Podemos expressar, a partir da fala dos entrevistados, o que significa em suas vidas o perdão e a reconciliação e os meios que encontram para gerar as facilidades para o perdoar e reconciliar:

Acho que só existe reconciliação se o perdão for verdadeiro. Há um ano atrás, exatamente, tive uma experiência muito forte dentro da minha própria casa, como foi verdadeiro, a reconciliação existiu e hoje meu casamento está às mil maravilhas, ainda com aqueles problemas naturais, mas está muito bem (risos). Entendemos o sentido do matrimônio e isso facilitou pra gente. Houve um perdão e reconciliação”⁹⁸¹.

O pessoal sempre diz que eu sou muito trouxa, porque eu não sou muito de ficar guardando coisa ruim, a pessoa faz alguma folga e eu dou apenas uma risadinha. Um amigo que sempre quer uma carona, eu dou carona sem problema, não penso que ele esteja se aproveitando. Se eu fico bravo, muda tudo, fisionomia, jeito de falar, mas dura apenas cinco minutinhos, não preciso ficar me remoendo, eu tento não me apegar à raiva, procuro impor um limite antes mesmo de iniciar uma conversa. Meu pai, por exemplo, respondeu a uma vizinha que questionou ter bebida na casa dele e ele respondeu, “a casa é minha, não é sua, posso ter o que eu quiser na minha casa”. Eu jamais responderia assim, porque não muda a pessoa, eu procuro não alimentar o assunto”⁹⁸².

Nas falas dos entrevistados observamos que não reportar grande importância ao evento desagradável que lhe ocorreu é um caminho para obter facilidades para o perdão. É preciso dar novo sentido às memórias de eventos desagradáveis e com isso reduzir seus efeitos. O ato de perdoar não significa concordar com a atitude de quem ofendeu, esquecer o que passou ou subjugar-se pelo outro, como pode representar para alguns. Ao contrário, os efeitos positivos do perdão são, antes de tudo, para quem sofreu e não para o ofensor.

A proposta cristã é sempre convite para o perdão, pesquisas desenvolvidas desde a década de setenta⁹⁸³ revelaram que as pessoas com maior frequência religiosa assumem o perdão como a prioridade mais importante no sistema dos seus valores, ao contrário daqueles que apresentavam menos indicadores religiosos.

⁹⁸⁰ Oliveira, A., *A Fórmula da Felicidade*, p.4.

⁹⁸¹ Resposta da pessoa 4 à pergunta 11 da segunda coleta de dados, p. 461 (Apêndice G).

⁹⁸² Resposta da pessoa 5 à pergunta 11 da segunda coleta de dados, p. 461-462 (Apêndice G).

⁹⁸³ MCCULLOUGH, M. E.; WORTHINGTON JR., E. L., Religion and the forgiving personality, *Journal of Personality*, p. 1141-1164.

Estudiosos do assunto⁹⁸⁴, ao compararem pessoas não religiosas com pessoas muito religiosas verificaram que estas manifestavam maior motivação para perdoar. Existe uma evidência considerável de que o envolvimento religioso está positivamente associado a muitos indicadores de saúde física e mental. É plausível que a tendência das pessoas religiosas para perdoar esteja associada a resultados positivos na saúde.

A subcategoria facilidade para perdoar revela que não significa negar ou resistir de modo a evitar a dor e emoção, pois a negação da ofensa e da dor pode tornar-se patológica com consequências imprevisíveis em nível de estresse ou frieza. Não se resolve conflitos sem ter em conta os sentimentos. Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte, significam indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada ou os ultrajes. Em todos esses casos, a reparação do mal ou do escândalo, a compensação do prejuízo causado e a satisfação da ofensa são condição do perdão. O perdão manifesta que além do processo de “compensação” e de “trégua” que é característica da justiça, é necessário o amor para que o homem se afirme como tal. Aquele que perdoa e o que é perdoado encontram-se em um ponto essencial que é a dignidade⁹⁸⁵.

Portanto, dar e receber perdão é uma graça vivida a partir da experiência cristã mergulhada em uma profunda espiritualidade, é também um recurso psicológico e ao mesmo tempo social que regula as relações humanas considerando-se importante abordar o que se encontra subjacente à motivação para perdoar e as implicações que esse comportamento pode acarretar para os significados de vida.

A *nona categoria*, situações estressoras como necessidade de tempo para perdoar refere-se ao caminho que a pessoa necessita para o perdão, que pode ser longo e pontuado de dificuldades. O fato de vivermos em uma sociedade que está em contínua transformação, uma sociedade cada vez mais individualista e competitiva causa maiores problemas ainda para o perdão.

As situações estressoras podem ter suas origens em fontes internas e externas. As externas independem do modo de funcionamento do sujeito e podem estar relacionadas a uma mudança de emprego, acidentes ou qualquer outro evento que

⁹⁸⁴ MABOEA, D. Interpersonal Forgiveness: A Psychological Literature Exploration. 2003. Masters Dissertation in Psychology, Faculty of Arts, Rand Afrikaans University, Joannesburg, 2003.

⁹⁸⁵ JOÃO PAULO II, PP, Dives in Misericordia.

ocorra fora do corpo e da mente da pessoa. Os estressores internos são desencadeados pelo próprio sujeito, devido ao seu estilo de ser, seus aspectos pessoais, como timidez, ansiedade, dificuldades em expressar-se, entre outros⁹⁸⁶.

Por isso, em se tratando da categoria sobre o perdão e a reconciliação podemos entender que o tipo de estressor não é fator determinante no desenvolvimento do estresse, mas a maneira pela qual a pessoa irá vivenciar esta situação estressora e sua interpretação pessoal dos fatos é que fundamentam as condições necessárias ao estabelecimento do processo.

Com a intenção de exemplificar a subcategoria que se refere à necessidade de tempo para o perdão, apresentamos algumas falas dos entrevistados:

O primeiro ponto do perdão é saber que são dois lados, a pessoa que recebe e a pessoa que pede, e mesmo que você seja o emissor do perdão pode ser que a outra pessoa não receba e você pode se frustrar, por isso deve haver preparo, deve haver tempo, é bom, quando você passa por isso você larga aquilo de mão, mesmo que haja orgulho da outra parte. Precisamos estar preparados e o tempo ajuda muito pra isso⁹⁸⁷.

Percebemos que a necessidade de tempo está correlacionada às situações que evidenciam adversidades que podem conduzir a pessoa ao sofrimento psicológico e ao estresse do perdão não concedido.

Isso é certo, é bom esperar um pouco às vezes, porque eu fui pedir perdão para uma pessoa e ela disse que não estava preparada pra me perdoar, e isso pesou muito pra mim. E me trouxe alguns danos, até mesmo na minha própria casa, comigo mesmo, prejudicou muito⁹⁸⁸.

A necessidade de um tempo para pedir perdão e oferecer perdão é uma estratégia de *coping* que têm por função a administração da condição estressora e não propriamente o controle dela. Como as situações de estresse estão em constante mutação, o manejo das estratégias também acompanha esse processo, que passa a ser dinâmico, assim a pessoa que passou por tal situação de necessidade de oferecer o perdão e de dar o perdão pode manter padrões de ajustamento mais estáveis, como ir mudando ao longo do tempo.

⁹⁸⁶ LIPP, M. E. N., O Modelo Quadrifásico do Stress.

⁹⁸⁷ Resposta da pessoa 3 à pergunta 12 da segunda coleta de dados, p. 462-463 (Apêndice G).

⁹⁸⁸ Resposta da pessoa 3 à pergunta 13 da segunda coleta de dados, p. 463 (Apêndice G).

Cada pessoa responde de forma diferente à situação estressora vivida, confere importância às características da personalidade e o apoio social, que são apontados como fatores favoráveis para lidar com o estresse de forma mais positiva e construtiva.

Assim, a *décima categoria* sobre as consequências das situações estressoras apresenta as diferentes situações estressoras que podem ocorrer e as respostas a elas variam entre as pessoas na sua forma de apresentação. As falas dos entrevistados indicam que os adultos participantes da pesquisa apresentam diferentes aspectos como consequências das situações estressoras.

[...] temos que estar preparados para o perdão, para perdoar, e também caso o outro não aceite o pedido de perdão. Quando meu ex-marido foi embora fiquei sabendo que ele estava com outra mulher. Então, eu fiquei muito magoada, entrei em depressão, chorava muito, foi mais de 2 anos nessa situação, demorou pra eu aceitar e perdoar. Não tinha porque eu ficar assim se eu estava ficando doente. Não tenho mais raiva nem mágoa⁹⁸⁹.

“Eu sofri muito para pedir perdão e para oferecer o meu perdão, pois o orgulho dentro de nós é maior, isto dificulta, causa mal-estar na mente e no coração da gente”⁹⁹⁰.

É possível perceber que as consequências das situações estressoras estão relacionadas desde a doença psicossomática, aos transtornos de ansiedade e depressão, bem como à relação o orgulho, à mágoa. A dificuldade para o pedido de perdão está relacionada com uma grande dificuldade expressa no orgulho e na vaidade, por isso, o ato de perdoar tem, como empecilhos, a mágoa, o ressentimento e a vingança. É necessário vencer esses desafios para inaugurar e poder viver melhor e com qualidade de vida, como era o desejo de Jesus. Além disso, a prontidão para perdoar depende de algumas atitudes das pessoas em relação à vida e às pessoas em geral. Por isso, o perdão é um ato que exige de si próprio e do outro, pressupõe desprender-se das emoções negativas que acompanham a culpa. Romper com pensamentos de raiva liberta a pessoa para agir produtivamente com aquela situação que foi estressora.

⁹⁸⁹ Resposta da pessoa 2 à pergunta 13 da segunda coleta de dados, p. 463 (Apêndice G).

⁹⁹⁰ Resposta da pessoa 6 à pergunta 13 da segunda coleta de dados, p. 464 (Apêndice G).

Em cada pessoa sempre existe uma capacidade a mais para a superação das adversidades, buscando em si, nas relações e em contextos comunitários estratégias de enfrentamento. Essa capacidade de “superação” das adversidades deve ser relativizada de acordo com cada pessoa e o contexto em que ela está inserida, e está atrelada à possibilidade de construção de novos caminhos de vida e de um processo de subjetivação a partir do enfrentamento de situações estressantes, o que representa não uma eliminação, mas uma ressignificação do problema, no caso desses adultos a capacidade de superar a dificuldade para o perdão e a reconciliação. Nesse conceito destaca-se o aspecto relativo da resiliência, de acordo com o sujeito e a situação do momento⁹⁹¹.

No estudo da resiliência, as circunstâncias da vida são consideradas fatores de risco, e são aquelas que impõem grandes exigências à capacidade de enfrentamento como a morte de um ente querido, um divórcio ou a falência de uma empresa, a dificuldade de perdoar aquele que ofendeu, a dificuldade de pedir perdão, a mágoa, o ressentimento. Podem ser os pequenos acontecimentos do dia a dia, ou ainda, conflitos contínuos da vida como discussões familiares e desentendimento no ambiente de trabalho⁹⁹².

A partir das entrevistas realizadas e dos relatos percebemos as estratégias de enfrentamento dos adultos, apontamos aqui três subcategorias: estratégias de enfrentamento a partir da oração, da mudança de atitude e, como suporte para esse enfrentamento, a presença do presbítero em todo o processo do itinerário da iniciação à vida cristã.

A estratégia de enfrentamento como capacidade de rezar é gesto pessoal, é a experiência do encontro com Deus, por meio de palavras que brotam do próprio coração em atitude de escuta reverente. No sentido que foi atribuído pelos adultos, a oração como estratégia de enfrentamento não é entendida como gesto repetitivo, não significa “recitar” as fórmulas sagradas, compreendem a oração como mistério de Deus que lhes fale e lhe transfigure de maneira pessoal, ajudando-as assim a superar as dificuldades na atitude do perdão.

Partindo desse pressuposto é importante compreender a terminologia oração, “oração vem de orar do latim *orare*, que significa falar. Orar é falar com

⁹⁹¹ JUNQUEIRA, M. F. P. S.; Deslandes, S. F., Resiliência e maus-tratos à criança, Cadernos de Saúde Pública.

⁹⁹² OHMAN; ESTEVES; PARRA, 1995 apud ZAMIGNANI, D. R. E.; VERMES, J. S. Propostas Analítico-Comportamentais para o Manejo de transtornos de ansiedade.

Deus de si próprio, do que acontece consigo mesmo, do que se deseja. Falamos também, sobre os outros e sobre seus problemas. A oração é um diálogo entre duas pessoas que falam, escutam e respondem”⁹⁹³. Os relatos dos adultos revelam esse tipo de comportamento em suas vidas.

“Quando fui me confessar, falei das minhas mágoas e o padre disse pra eu rezar pela pessoa que me magoou toda noite, e hoje me sinto aliviada de tudo que aconteceu, então isso me fez bem, isso é o perdão”⁹⁹⁴. “Rezo muito pra essas pessoas, são poucas, apenas duas, sempre rezo muito por elas”⁹⁹⁵. “A diferença está na oração, se você é conhecedor da palavra e ora todos os dias, você vai ter sabedoria pra discernir e não revidar o mal que a pessoa te faz, você já olha pra ela de maneira diferente”⁹⁹⁶.

O sentido que esses adultos deram para enfrentar as situações de ofensas e de necessidade de perdão através da atitude da oração pessoal está preenchido de significados. Essa atitude de oração significou para a vida desses adultos, o voltar-se para Deus e adquirir consciência da própria vida. Foi a capacidade de chegar no silêncio de si mesmo e das situações de adversidades e estabelecer diálogo íntimo com Deus.

É própria do tempo da purificação e iluminação a intimidade com Deus através da revisão de vida e da oração. As atitudes de Jesus são um convite para tal comportamento. “Uma das características mais fundamentais de Jesus Cristo é a oração, tanto assim que podemos defini-lo como uma ‘pessoa orante’. Sua vida foi uma oração continua em permanente diálogo com o Pai”⁹⁹⁷.

Sem a oração o homem não chega à verdade nem descobre seu nome. Nossa existência é dom, somos chamados pela palavra criadora de Deus e esta palavra é convite para vivermos conscientemente em sua presença. Vivendo através do chamado que nos dá vida, podemos encontrar na escuta e na resposta diante de quem nos dá um nome único e tudo o que somos. Não podemos encontrar nossa identidade a não ser voltando-nos para Deus que é origem e fim de nossa vida⁹⁹⁸.

Entendendo a oração como uma estratégia de enfrentamento podemos vê-la como presença e, ao mesmo tempo, como escuta de Deus.

⁹⁹³ MARTIN. NETO, E., Pai Nosso, p. 8.

⁹⁹⁴ Resposta da pessoa 1 à pergunta 13 da segunda coleta de dados, p. 463 (Apêndice G).

⁹⁹⁵ Resposta da pessoa 9 à pergunta 14 da segunda coleta de dados, p. 465 (Apêndice G).

⁹⁹⁶ Resposta da pessoa 10 à pergunta 14 da segunda coleta de dados, p. 465 (Apêndice G).

⁹⁹⁷ MARTIN. NETO, E., Pai Nosso, p. 10.

⁹⁹⁸ FIORES, S.; GOFFI, T., Dicionário de Espiritualidade, p. 842.

Deus está sempre presente, mas esta sua presença só é percebida e só transforma nossa vida se oramos. Por meio da oração cumpre-se a reciprocidade das consciências e a presença recíproca. A presença divina é fonte de vida e de luz. Na oração tomamos conta dela e nos abrimos à vida e à luz. Nela vivemos com intensidade o momento presente⁹⁹⁹.

Para o ser humano de oração, todas as realidades trazem a marca da iniciativa divina e convidam ao louvor, à gratidão e à adoração, à revisão de vida. Deus fala mediante às realidades criadas. Tudo foi criado no verbo: todas as obras de Deus são palavras, mensagens, dons e convites para dar-lhe graças e alegrar-nos.

Quanto mais uma pessoa progride na oração, tanto maior é sua admiração pela criação, porque tudo fala da grandeza, da majestade, da sabedoria de Deus, quanto mais se progride na oração, mais será capaz de rezar por aquele que o magoou, ofendeu e ser capaz de mudança de atitude.

Deus está presente em nós e em nosso próximo como criador, redentor e artífice que leva adiante para acabá-la, a obra que tão maravilhosamente começou. Esta obra prima, é convite para colaborarmos com ele; devemos ser coartífices e correveladores do seu amor¹⁰⁰⁰.

Por isso, a atitude de oração é marcada pelo fato de que nunca se expressa com palavras vazias, mas sua palavra é eficaz, é acontecimento e é obra visível. Assim, a oração do cristão jamais pode dissociar-se da história da salvação e dos acontecimentos, porém deve integrar-se como palavra que traz frutos de caridade, de revisão de vida, de mudanças de atitudes, de justiça e de fidelidade.

A segunda subcategoria é a mudança de atitude, muito expressa nas falas dos entrevistados, tais como: “Eu fico tentando não levar para o lado pessoal, se não vou apenas ver o meu lado, e aí vou alimentar o rancor”¹⁰⁰¹. “Eu não revido, deixo a pessoa à vontade, o que eu não quero pra mim não desejo pra outra pessoa”¹⁰⁰². “Se a pessoa tentou me ofender eu falo bom dia, boa tarde, eu faço diferente pra ela saber que eu não sou igual a ela”¹⁰⁰³.

É importante salientar que as características pessoais dos indivíduos e suas potenciais competências de *coping*, tais como otimismo, resiliência, autoeficácia,

⁹⁹⁹ FIORES, S.; GOFFI, T., Dicionário de Espiritualidade, p. 843.

¹⁰⁰⁰ FIORES, S.; GOFFI, T., Dicionário de Espiritualidade, p. 843.

¹⁰⁰¹ Resposta da pessoa 1 à pergunta 14 da segunda coleta de dados, p. 464 (Apêndice G).

¹⁰⁰² Resposta da pessoa 2 à pergunta 14 da segunda coleta de dados, p. 464 (Apêndice G).

¹⁰⁰³ Resposta da pessoa 4 à pergunta 14 da segunda coleta de dados, p. 464 (Apêndice G).

sentido de coerência, capacidade de enfrentamento de problemas, a vontade de saborear os bons momentos da vida, tornam as pessoas mais aptas ao controle do estresse. Essas e outras características que conduzam a uma mudança do estilo de vida são possíveis de serem alvo de desenvolvimento por parte das organizações. Desaprender maus hábitos e aprender novos valores, novos modos de pensar e encarar a vida permitem maior amplitude para adquirir estratégias de enfrentamento¹⁰⁰⁴. É importante que além de considerar os fatores de risco para se aferir a resiliência, se considere os fatores de proteção que um indivíduo possui, internos ou captados do ambiente. Os fatores de proteção podem ser chamados de mediadores.

Consideram os mediadores como aqueles que, numa trajetória de risco, modificam o rumo da vida do sujeito para um final mais adaptado. Estes mediadores podem ser características ambientais e individuais que preparam os indivíduos para um enfrentamento mais positivo da situação¹⁰⁰⁵.

A mudança de atitude traz consigo a proposta de enfrentamento, na qual a pessoa diante da realidade busca alternativas na tentativa de melhorá-la, adota uma postura de vida voltada para o estressor e para o emprego de estratégias que colaborem para lidar diretamente com a situação, procurando sua resolução, optando por aderir e enfrentar, interpretando o estressor como não tão ameaçador, mas como processo de crescimento.

Na coleta dos dados, a partir dos relatos e experiências dos adultos, surgiu a terceira subcategoria intitulada a presença do presbítero no processo do itinerário da iniciação à vida cristã. Como já vimos anteriormente, o papel da comunidade e seus agentes no processo do itinerário da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal garantem a integridade de um itinerário catequético que pretende ser forte testemunho de responsabilidade e compromisso eclesial. Nessa direção, compreende-se que “a comunidade exerce sua maternidade e função de padrinha-do principalmente pela acolhida de seus membros e ao proporcionar um caminho de inserção em seu seio”¹⁰⁰⁶.

A proposta da inspiração catecumenal exige do presbítero a presença, bem diferente do modelo tradicional que o padre aparece apenas no momento da cele-

¹⁰⁰⁴ LIPP, M. E. N., Pesquisas sobre stress no Brasil

¹⁰⁰⁵ POLETTTO, M.; KOLLER, S. H., Resiliência, p. 35.

¹⁰⁰⁶ NENTWIG, R., Iniciação à comunidade cristã.

bração dos sacramentos dando e atribuindo sentido de encerramento do processo. A inspiração catecumenal desafia a atual organização e o arquétipo pastoral das comunidades. Esse processo da iniciação à vida cristã desestabiliza o modelo institucional do presbítero, sinaliza para uma necessidade de abertura e escuta e exige o reposicionamento dos ministérios de forma particular do presbítero.

A caridade pastoral de presbíteros e diáconos há de acolher sempre, e cada vez melhor, os afastados da comunidade, para que encontrem nela irmãos e amigos. Cabe, particularmente aos presbíteros, exercer o necessário discernimento diante de situações atípicas e atuar com bom-senso, discernimento e misericórdia¹⁰⁰⁷.

Os presbíteros no processo da iniciação à vida cristã motivam as comunidades e seus membros para o testemunho da fé e para o acolhimento dos que são despertados¹⁰⁰⁸. Suscitam introdutores e catequistas e ajudam nos primeiros passos do processo da iniciação à vida cristã. Quando a proposta do itinerário da iniciação à vida cristã está organizada, diz o ritual, cabe aos padres dar assistência pastoral e pessoal aos que fazem o caminho da fé, “interessando-se sobretudo pelos que se mostram mais hesitantes e inquietos”. Ao longo do processo também acompanham o ministério dos catequistas e introdutores (e dos diáconos onde houver); zelam pelas celebrações durante todo o percurso da iniciação¹⁰⁰⁹.

As expressões dos entrevistados revelam a importância da presença do presbítero durante o processo da iniciação à vida cristã: “Outra vitória foi ter uma amizade afetiva com o padre, conversamos, nos abraçamos, não imaginava que isso pudesse acontecer ver o padre como um amigo e não ficar assustado”¹⁰¹⁰.

Pra mim, a presença do padre era algo muito diferente, não era pra misturar com a gente, ter a presença do padre em alguns encontros, nas celebrações, faz toda a diferença. Infelizmente isso ainda está na cabeça de muita gente, que o padre é alguém pra se ver só no altar¹⁰¹¹.

“Então eu digo, conheçam a Igreja, não critiquem, conheçam os padres, os valores da Igreja, não tenham medo de ter contato direto, pois são pessoas que detêm o conhecimento pra poder passar pra nós”¹⁰¹².

¹⁰⁰⁷ CNBB, 107, 211

¹⁰⁰⁸ RICA 41.

¹⁰⁰⁹ RICA 45.

¹⁰¹⁰ Resposta da pessoa 5 à pergunta 15 da segunda coleta de dados, p. 465-466 (Apêndice G).

¹⁰¹¹ Resposta da pessoa 6 à pergunta 15 da segunda coleta de dados, p. 466 (Apêndice G).

¹⁰¹² Resposta da pessoa 9 à pergunta 15 da segunda coleta de dados, p. 466 (Apêndice G).

Sem dúvida seria bom que os presbíteros dispensassem uma atenção pessoal e espiritual aos catequistas e introdutores, além de cuidar de sua formação¹⁰¹³. Mesmo os que fazem o caminho da fé precisam da atenção do padre, porque aos poucos acabam fazendo uma grande revisão da própria vida, na fala dos entrevistados é possível perceber aquilo que o RICA pede que é estabelecer vínculo com padre¹⁰¹⁴.

É bom lembrar que a presença do padre como estratégia de enfrentamento, possibilitando segundo o movimento da psicologia positiva fator de proteção, não elimina os fenômenos psicológicos da situação estressante vivenciada, ou seja, não significa falta de vulnerabilidade. Mas são recursos que influenciam positivamente a percepção do sujeito e conseqüentemente suas atitudes, levando a um fim mais funcional e adaptado. Portanto, o sujeito estará vulnerável à situação, mas não será vencido por ela.

Para Seligman¹⁰¹⁵ e vários outros autores do movimento da psicologia positiva, as variáveis do indivíduo são consideradas fatores de proteção e correspondem aos recursos psicológicos, algo interno, que a pessoa dispõe ou aqueles captados do ambiente para tentar adaptar-se à situação. A pessoa resiliente ativa recursos que influenciam positivamente sua percepção e conseqüentemente suas atitudes, levando-a a um fim mais funcional e adaptado.

Por isso, no atual contexto pastoral, está se tornando cada vez mais necessária uma evangelização da aproximação, o espírito não pode ser outro, pois cada vez, com mais rapidez, qualquer forma de isolamento eclesial tende a se tornar uma prática não só ultrapassada como inviável para os resultados almejados na evangelização. O fim de uma catequese sacramental, da presença do presbítero apenas no final do processo pressupõe o fim daquele pensamento de uma catequese isolada do compromisso com a comunidade paroquial. A novidade do processo da iniciação à vida cristã inclui, portanto, a tentativa de tirar a comunidade e o clero do seu isolamento, o que não será possível se não se repensar o ministério do

¹⁰¹³ DGC 233.

¹⁰¹⁴ RICA 68.

¹⁰¹⁵ O psicólogo Martin Seligman, um dos pioneiros da Psicologia Positiva (PsP), escreveu um livro intitulado *Florescer: uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar* (2012), que tenta mostrar esse paradigma da Psicologia mostrando as variáveis do indivíduo que são consideradas fatores de proteção, e que correspondem aos recursos psicológicos internos para superar as situações de adversidades. Também é autor dos livros *Felicidade Autêntica* (2002) e *Otimismo aprendido* (2004), apresenta em sua nova publicação aspectos teóricos e práticos para desenvolver o otimismo, a motivação e as características da resiliência que são necessárias para que as pessoas desenvolvam o bem-estar psicológico.

padre no itinerário da iniciação à vida cristã, pois o presbítero se define também como o “educador da fé”¹⁰¹⁶.

4.4. Hermenêutica das categorias e subcategorias do Tempo da Mistagogia

Tabela 4 – Descrição e frequência das categorias e subcategorias temáticas derivadas do Grupo Focal a partir do roteiro semiestruturado

Categorias/ Subcategorias	Descrição	GF	
		F	%
1. O itinerário da Iniciação à vida Cristã	Refere-se ao caminho percorrido pelo adulto no processo de iniciação à vida cristã no itinerário da catequese.		
1.1. Aprofundar a fé no itinerário da iniciação à vida cristã	Trata-se da busca da catequese para o amadurecimento e aprofundamento da fé cristã.	7	10,4
1.2. Experiência mistagógica do querigma	Refere-se à experiência celebrativa e orante que os adultos fizeram no tempo do querigma.	2	3,3
1.3. O impacto mistagógico das celebrações	Refere-se às celebrações das quais os adultos participaram em todo o itinerário da iniciação à vida cristã.	2	3,3
2. Importância do grupo	Trata-se do grupo como fator importante na vida dos adultos como lugar para a partilha de descobertas, vivências e conhecimentos.	6	9
3. Experiência Mistagógica	Diz respeito a pedagogia do mistério como momento forte e determinante no processo do itinerário da iniciação à vida cristã.		
3.1 Mistagogia na acolhida	Refere-se à experiência que os adultos fizeram do itinerário da iniciação à vida cristã pela via da acolhida como algo marcante e impactante.	4	5,3
3.2. Mistagogia na Eucaristia	Refere-se a experiência de participar da mesa da eucaristia pela primeira vez.	8	11,9
3.3. Mistagogia na crisma	Trata-se da celebração onde foi conferido o sacramento da crisma.	8	11,9
4. Importância da comunidade de fé como fator de proteção	Diz respeito à presença da comunidade em todo o itinerário da iniciação à vida cristã como ajuda para a vida dos adultos.	5	7,5
5. Situações Estressoras	Tratam-se dos diversos fatores que desorganizam, desequilibram ou tiram as pessoas de sua homeostase.		
5.1. Desafio para ser cristão	Refere-se às dificuldades para a vivência cristã no atual contexto da sociedade hodierna.	6	9
6. Consequências das situações estressoras	Referem-se ao modo como as pessoas lidam frente a uma situação estressora e o tipo de resposta que conseguem estabelecer para si mesmas diante do desafio do ser cristão.	6	9
7. Estratégia de Enfrentamento	Refere-se aos recursos internos ou externos das pessoas utilizados para eliminar ou gerenciar as situações de estresse.		

¹⁰¹⁶ PO 6.

7.1. Testemunho de vida	Trata-se da necessidade de ser presença e testemunho na realidade onde o adulto está inserido.	6	9
7.2. Compromisso cristão	Diz respeito ao comprometimento dos adultos com a realidade e a necessidade de abraçar ações transformadoras.	7	10,4
TOTAL		67	100

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados obtidos na Terceira coleta de dados (Apêndice H).

Como vimos anteriormente nesta tese, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos é fruto da reforma litúrgica conciliar que restaurou: o período de preparação conhecido também como a pré-evangelização; o catecumenato, com tempo de aprofundamento; o tempo da purificação e iluminação e a celebração conjunta dos três sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – na Vigília Pascal; e contemplou também a continuidade da iniciação cristã por meio da mistagogia no tempo pascal¹⁰¹⁷.

O termo mistagogia vem do grego, é composto do substantivo *mystes* (mistério), que deriva do verbo *mue,w[myein]* que significa iniciar aos mistérios. Ser iniciado. Aprender o segredo. E do verbo *agein* – conduzir. Etimologicamente falando significa a ação de conduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa. Aquele que introduzia, geralmente sacerdote, era chamado de mistagogo; a pessoa introduzida e iniciada era chamada de *mystes*¹⁰¹⁸.

O termo mistagogia vem entrelaçado com o termo iniciação cristã. Os Padres Gregos utilizaram os termos: mistério¹⁰¹⁹, mistagogia e mistagogo¹⁰²⁰ para se referir à Iniciação Cristã. A mistagogia é vista como processo que conduz ao mistério que, na iniciação cristã, é o próprio Cristo. A mistagogia tem, por outro lado,

¹⁰¹⁷ Cf. LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 27.

¹⁰¹⁸ Cf. BORRIELLO et al., Dicionário de mística, p. 701-702.

¹⁰¹⁹ *Mysterion* vem da língua grega do verbo *mue,w[myein]* que significa: cerrar os lábios, fechar a boca, manter segredo, iniciar ao mistério. Ser iniciado, é vislumbrar com o segredo do mistério.

¹⁰²⁰ Os termos *mustagwge, w* (*mystagôgéô*) e *mustagwgia* (*mystagôgía*) possuem sua origem nos rituais pagãos; indicavam o culto aos mistérios pagãos com uma prévia iniciação. Aparecem sempre relacionados a contextos sagrados e em estreita conexão com *mysterion*, *mystikos* e *mystes*. Ao usarem esta terminologia, os Padres da Igreja reconhecem o quanto são significativos e expressivos para designarem o processo da Iniciação Cristã e, passam a utilizá-los de acordo com os fundamentos teológicos do Cristianismo. (Cf. FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa., p. 181 e MAZZA, E. La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in época patristica. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988, p. 13). O verbo grego *αγειν* (*aguéin*: significa *conduzir*) que compõe a palavra *mistagogia*: *μισε + αγειν* e, portanto, *conduzir ao mistério...* assim como o *pedagogo* *conduz a criança* (*παιδος + αγειν*), assim o *mistagogo* *conduz aos mistérios* da fé. Daí se dizer que a catequese é mais mistagogia do que pedagogia no sentido grego da palavra.

um componente social, pois supõe que alguém ou um grupo conduza o neófito para o mistério¹⁰²¹.

O RICA diferencia os tempos do catecumenato assim: “o do ‘pré-catecumenato’, caracterizado pela primeira evangelização; o do ‘catecumenato’, destinado à catequese completa; o da ‘purificação e iluminação’, destinado à mais intensa preparação espiritual; e o da ‘mistagogia’, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade”¹⁰²². Nestes novos tempos é urgente o resgate do mistério¹⁰²³, dos sinais, dos ritos que introduzem, o que caracteriza o tempo da mistagogia, portanto, é a experiência.

Essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito¹⁰²⁴.

Sabemos que toda a proposta do Catecumenato converge para a “primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo”¹⁰²⁵. Mas o catecumenato não termina aí. Ele se prolonga através do tempo da mistagogia chamado último tempo da iniciação quando os neobatizados dão os primeiros passos na vida cristã. Para que esses primeiros passos sejam mais seguros precisam ser ajudados “com atenção e amizade pela comunidade dos fiéis, padrinhos e pastores”¹⁰²⁶. O objetivo desse tempo é a plena integração no mistério de Cristo e da igreja¹⁰²⁷.

¹⁰²¹ Cf. TABORDA, F., Nas fontes da vida cristã, p. 32.

¹⁰²² RICA 7.

¹⁰²³ Nos primeiros séculos, os padres da Igreja evitavam o termo mistério no intuito de afastar qualquer confusão com as religiões antigas místicas, posteriormente, sobretudo nos séculos IV e V passaram a admiti-lo e usá-lo para transmitir a riqueza da mensagem cristã. São João Crisóstomo recorda aos catecúmenos: “também vós sereis iniciados aos mistérios” (cf. CRISÓSTOMO J. Cat I, 5). Os padres percebem, portanto, o quanto essa terminologia é significativa para expressar sentido da iniciação cristã, utilizando-a de acordo com os fundamentos teológicos cristão Cf. FREDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (Ed.). *Mistagogia e direzione spirituale*. Roma/Milano: Teresianum, 1985, p. 181 (pp. 163-245); MAZZA, E. *La mistagogia*. Una Teologia della Liturgia in época patrística. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988, p. 13.

¹⁰²⁴ BENTO XVI, PP., *Sacramentum Caritatis*, n. 64, p. 93.

¹⁰²⁵ RICA 8.

¹⁰²⁶ RICA 235.

¹⁰²⁷ Cf. BOROBIO, D., Catecumenado, p. 310. Sobre a história do tempo da mistagogia e considerações sobre a proposta atual: cf. FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 216-218.

A mistagogia¹⁰²⁸ é o último tempo da iniciação, cuja finalidade é fazer com que os novos membros da Igreja possam obter um conhecimento mais completo dos sacramentos que receberam na Vigília Pascal. A comunidade juntamente com os neófitos, por meio da meditação da Palavra, pela participação dos sacramentos, principalmente da Eucaristia, e pela prática da caridade, vai crescendo no conhecimento mais profundo do mistério pascal e, cada vez mais, na sua vivência.

No processo da iniciação à vida cristã, a mistagogia é o caminho para que o iniciado faça a experiência com o mistério. A experiência de fé tal como o cristianismo a entende se aproximaria mais do que se chama experiência mística. No Cristianismo, os dicionários e os 366 especialistas definem mística como *cognitio Dei experimentalis*, ou seja, o conhecimento de Deus por experiência¹⁰²⁹.

O caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas. Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Desse modo a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que se celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo¹⁰³⁰.

Esse tempo chamado de “tempo da mistagogia” é o último tempo do processo do itinerário da iniciação à vida cristã e seu objetivo é fazer com que os novos membros da comunidade de fé possam continuar vivenciando e aprofundando os sacramentos recebidos na Vigília Pascal. Durante esse tempo, esses novos membros devem ser ajudados pela comunidade para que, através das celebrações do tempo pascal, das catequese, do exercício da caridade, aprofundem os mistérios celebrados e sintam-se parte integrante da comunidade eclesial, como participante efetivo da comunidade de fé.

É tarefa da catequese introduzir no significado e participação ativa, interna e externa, consciente, plena e frutuosa dos mistérios (sacramentos), celebrações, sinais, símbolos, ritos, orações e outras formas litúrgicas. Na catequese primitiva

¹⁰²⁸ Lembramos que o termo: última etapa com o tempo da Mistagogia, não significa que os outros momentos não sejam também mistagógicos. Todo o Itinerário e a proposta da iniciação à vida cristã é por excelência mistagógico que perpassa todo o itinerário catequético.

¹⁰²⁹ Cf. o que sobre isso diz MOIOLI, G., *Mística Cristiana*, p. 931: “Para definir la mística, se puede hablar de una experiencia religiosa particular de unidad-comunión-presencia, en donde lo que se “sabe” es precisamente la realidad, el dato de esa unidad-comunión-presencia, y no una reflexión, una conceptualización, una racionalización del dato religioso vivido”, cf. GAMARRA, S., *Teología espiritual*, n. 64, p. 279.

¹⁰³⁰ NUCAP., *Mistagogia*, p. 29.

era importante essa introdução no sentido pleno dos sinais e símbolos litúrgicos (mistagogia). Além do mais, a liturgia, por sua própria natureza, possui uma dimensão catequética. A catequese deve ser realizada em sintonia com o ano litúrgico¹⁰³¹.

O RICA quase sempre escreve a palavra “mistagogia”¹⁰³² entre parênteses. Certamente é para nos acenar que todos os outros tempos são embebecidos de mistagogia, têm a função de conduzir os iniciantes ao mistério, com isso, o RICA compreende que os tempos anteriores também fazem mistagogia, ou seja, introduzem no mistério de Cristo e da Igreja vividos no ano litúrgico, nos ritos do próprio catecumenato, nas celebrações da Palavra, na liturgia, de modo geral, e na oração pessoal. O quarto tempo do catecumenato, à diferença dos demais, faz mistagogia a partir da experiência espiritual do batismo, da confirmação e da eucaristia. “A mistagogia nos ensina a mergulhar, a entrar no mistério da fé, pois a celebração é uma experiência a ser vivida, um *encontro* de irmãos e irmãs com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo”¹⁰³³.

[...] a mistagogia não fica restrita a este tempo específico, chamado pelo ritual de “mistagogia dos neófitos”, ou seja, dos recém-batizados. Tanto o DGC (Diretório Geral de Catequese), quanto o DNC (Diretório Nacional de Catequese), insistem na dimensão mistagógica de toda a formação cristã. O Papa João Paulo II disse: “É mister [...] que os Pastores encontrem a maneira de fazer com que o sentido do mistério penetre nas consciências, redescobrimo e praticando a arte ‘mistagógica’, tão querida pelos Padres da Igreja”¹⁰³⁴.

O tempo pascal é o tempo próprio para a realização da mistagogia, pois, durante os cinquenta dias pascais, os novos membros da comunidade fortalecem os vínculos espirituais entre si e a comunidade de fé.

No tempo da mistagogia, à diferença dos demais, os que renasceram pelos sacramentos pascais são convidados a mergulharem no mistério celebrado, fazem mistagogia a partir da experiência espiritual da celebração. É preciso, no entanto, ficar claro o que se compreende por “experiência”. O vocabulário sobre o mergulho em uma experiência empobreceu, infelizmente muitos costumam falar de experiência como uma aproximação provisória à determinada realidade para conhecê-la mais de perto. Para o RICA, no entanto, a experiência visa um

¹⁰³¹ CNBB, Doc. 84, 53b.

¹⁰³² Cf. ORMONDE, D., O tempo da Mistagogia, Revista de Liturgia, p. 24.

¹⁰³³ PERON, E., Mistagogia Eucarística, Revista de Liturgia, p. 21.

¹⁰³⁴ BUYST, I., O segredo dos Ritos, p. 115.

“conhecimento mais completo e mais frutuoso”¹⁰³⁵, um aprofundamento e integração maior no mistério. Toda essa experiência é feita em e na comunidade eclesial e seu ponto de partida é a própria primeira participação sacramental dos novos membros da comunidade de fé.

No tempo da mistagogia vivenciado no tempo pascal da liturgia¹⁰³⁶, “a comunidade unida aos neófitos, quer pela meditação do evangelho e pela participação na eucaristia, quer pela prática da caridade, vai progredindo no conhecimento mais profundo do mistério pascal e na sua vivência cada vez maior”¹⁰³⁷. Por isso, a experiência dos neófitos a que estamos nos referindo se dá dentro da experiência pascal da própria comunidade de fé, do contrário perderia todo o sentido do itinerário catequético a partir da iniciação à vida cristã com adultos.

Esses novos membros da comunidade de fé, por sua parte, carregam consigo a experiência dos sacramentos recebidos: “foram renovados espiritualmente, saborearam mais intimamente a boa palavra de Deus, entraram em comunhão com o Espírito Santo e experimentaram quão suave é o Senhor. Eles possuem como os demais cristãos a experiência sacramental. Essa experiência cresce com a prática da vida cristã e dá ‘novo senso da fé, da igreja e do mundo’”¹⁰³⁸. A comunidade de fé “favorece a compreensão das sagradas Escrituras, também aumenta o conhecimento das pessoas e reflete na experiência comunitária, tornando mais fácil e proveitoso para os neófitos o relacionamento com os outros fiéis”¹⁰³⁹.

Por isso, “a índole e a eficácia próprias desse tempo provêm dessa experiência nova e pessoal dos sacramentos e da comunidade”¹⁰⁴⁰. Portanto, para o ritual o “lugar primordial” da mistagogia são as missas dos domingos de páscoa¹⁰⁴¹, também chamadas de “missas pelos neófitos”. E isso por três razões: nelas se dá a

¹⁰³⁵ RICA 38.

¹⁰³⁶ Cf. RICA 7.

¹⁰³⁷ RICA 37.

¹⁰³⁸ RICA 38.

¹⁰³⁹ RICA 39.

¹⁰⁴⁰ RICA 40.

¹⁰⁴¹ Pode-se compreender que essas missas são as missas dominicais da comunidade, pois o ritual diz: “Por todo o tempo pascal, ocupem os neófitos, nas missas de domingo, lugar especial entre os fiéis e todos procurem participar da missa...” (n. 236). Pode-se interpretar também que são missas em horários especiais, pois fala que para elas devem ser convidados a comunidade e os neófitos com seus padrinhos (n. 40 e 57). Em todo caso, vale lembrar que na maioria de nossas comunidades a participação dos neófitos terá que ser na celebração dominical da Palavra. Nelas farão a experiência de Cristo na assembleia, na Palavra, na oração e no louvor. (ORMONDE, D., O tempo da Mistagogia, Revista de Liturgia, p. 25).

reunião da comunidade, a participação sacramental e uma especial mesa da Palavra.

O RICA insiste várias vezes na presença da comunidade nessas celebrações. As orientações são poucas: os neófitos não ficam anônimos na assembleia; os padrinhos participam das celebrações; os neófitos são “lembrados na homilia e, se for oportuno, na oração dos fiéis”¹⁰⁴². O RICA ainda abre a possibilidade de usar as leituras do ano “A” do lecionário, “mesmo quando a iniciação é celebrada fora do tempo próprio”¹⁰⁴³.

É importante frisar que as celebrações em todos os tempos de todo o itinerário da iniciação à vida cristã devem acontecer na comunidade de fé, pois a celebração comunitária é o lugar da experiência. Nessas celebrações comunitárias os novos membros da comunidade, “obtem conhecimento mais completo e frutuoso dos ‘mistérios’ através de novas explanações e, sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos”¹⁰⁴⁴. Por isso, a cada celebração, a Palavra de Deus ilumina toda a iniciação realizada na vida dos novos membros da comunidade, enquanto a força da recente e nova participação sacramental aprofunda a experiência pessoal. É nesse sentido que vai acontecendo na vida o mergulho no mistério celebrado e vivenciado e a crescente integração desses irmãos iniciados em Cristo e na comunidade eclesial.

O RICA acentua a importância, bem como a presença e a mediação da comunidade também fora dos momentos importantes das celebrações. “O último tempo, que dura todo o período pascal, é consagrado à aquisição de experiências e de resultados positivos, assim como ao aprofundamento das relações com a comunidade dos fiéis”¹⁰⁴⁵. Por isso, a comunidade deve esforçar-se e empenhar-se a fim de que a integração dos novos membros na vida da comunidade seja “completa e feliz”¹⁰⁴⁶, “cercá-los de afeição e ajudá-los a se sentirem felizes na comunidade cristã”¹⁰⁴⁷. Acreditamos que a atenção e amizade da comunidade é de suma importância para a efetiva integração dos novos membros na comunidade, pois a experiência da comunidade é evangelizadora e possibilita vínculos afetivos duradouros.

¹⁰⁴² RICA 236.

¹⁰⁴³ RICA 40.

¹⁰⁴⁴ RICA 38.

¹⁰⁴⁵ RICA 7d.

¹⁰⁴⁶ RICA 235.

¹⁰⁴⁷ RICA 41.

O RICA exprime palavras de incentivo para que o padrinho seja aquele que foi introdutor¹⁰⁴⁸ no processo de iniciação à vida cristã e este deve continuar exercendo o seu papel de acompanhamento. “É seu dever ensinar familiarmente ao catecúmeno como praticar o evangelho em sua vida particular e social, auxiliá-lo nas dúvidas e inquietações, dar-lhe testemunho cristão e velar pelo progresso de sua vida batismal”¹⁰⁴⁹.

Acreditamos que o processo de catequese é permanente, é para toda a vida. O RICA não fala claramente de catequese no tempo da mistagogia, mas se refere a “novas explicações”¹⁰⁵⁰, o que nos faz supor a possibilidade de encontros catequéticos. Cada vez mais sabemos que uma homilia bem-feita, tem força catequética, estas por acontecerem dentro da celebração e explicitarem o mistério celebrado, com certeza ganham um valor especial na mistagogia¹⁰⁵¹.

A mistagogia está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus, está ordenada àquele mistério do qual a liturgia é a epifania. Falar de mistagogia significa dirigir-se, imediatamente, às catequese e às homilias com as quais alguns entre os mais importantes Padres da Igreja, introduziram os catecúmenos ou os neófitos ao conhecimento do significado do Batismo e da Eucaristia e, mais em geral, à compreensão dos elementos maiores da liturgia cristã¹⁰⁵².

Chegado ao término de todo esse processo, o novo membro da comunidade, uma vez feita uma bonita experiência com o Senhor, no Mistério da Páscoa e na vida em comunidade, o novo membro é chamado a prosseguir seu caminho de fé juntamente com os irmãos, pela vivência do amor fraterno, pela experiência de fé no dia a dia da vida. De evangelizado como foi, é chamado agora a ser um evangelizador, anunciador da Boa Notícia do Reino de Deus e das maravilhas que o Senhor realiza na vida dos que se deixam guiar por Ele. “Para encerrar o tempo da mistagogia, como sugere o RICA, realiza-se uma celebração ao terminar o tempo pascal, nas proximidades do domingo de pentecostes, inclusive com festividades externas”¹⁰⁵³. É importante que estas celebrações não tenham uma tônica de despedida, de fim, mas de envio, de missão, o RICA ainda sugere encontros

¹⁰⁴⁸ RICA 42.

¹⁰⁴⁹ RICA 43.

¹⁰⁵⁰ RICA 38.

¹⁰⁵¹ Cf. RICA 37, 39.

¹⁰⁵² BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 17.

¹⁰⁵³ RICA 237.

posteriores com o bispo¹⁰⁵⁴, dando este sentido de continuidade na vida em comunidade.

A primeira categoria intitulada Itinerário da iniciação à vida Cristã é dividida em três subcategorias, a primeira sobre o aprofundar a fé, a segunda, o tempo do querigma e a terceira, o impacto das celebrações, quer aprofundar a força do itinerário da iniciação à vida cristã e suas repercussões na vida do adulto.

A Igreja do Brasil vem insistindo na urgente tarefa de repensar o lugar da catequese com adultos como uma prioridade, falamos de um novo tempo, de uma “nova evangelização” como dimensão prospectiva para a ação pastoral da Igreja. Nesse sentido, somos convidados a pensar no itinerário da iniciação à vida cristã com adultos, o qual, em uma revisão teológica do processo catequético, trata-se da coragem de assumir uma nova postura, até mesmo da própria identidade da catequese que não volta sua atenção apenas para o universo da criança, dos adolescentes e jovens, mas uma nova realidade que nos convida a dar maior atenção ao tema da iniciação cristã com adultos.

A catequese tradicional supõe a fé dos adultos, transmitida pela família e pela sociedade, consideradas cristãs. As crianças, em preparação à primeira comunhão, recebiam uma catequese nocional, abstrata, desvinculada da vida e da liturgia. Tal catequese devia servir para a vida toda. A ‘mudança de época’ que estamos vivendo exige que o foco da iniciação seja posto no adulto. Como na Igreja antiga, a Iniciação Cristã dos adultos deverá ser o paradigma de toda Iniciação e da Iniciação toda¹⁰⁵⁵.

A atenção para com a sociedade e as suas profundas mudanças tornou-se um fato marcante de toda a reflexão pastoral atual. A situação é, de fato, muito complexa, em um mundo onde a sociedade e a cultura mudam profunda e vertiginosamente, de forma acelerada e incessante. Torna-se difícil determinar o futuro para o qual caminhamos, porque não estamos apenas em uma época de mudança, mas em uma “mudança de época”, cuja reflexão fizemos no primeiro capítulo desta tese. Esse contexto diz-nos que a comunicação da fé e toda a ação pastoral da Igreja encontram-se perante um novo e árduo desafio.

¹⁰⁵⁴ Iniciando o relacionamento pastoral com os novos membros de sua igreja, cuide o bispo, principalmente se não pôde presidir aos sacramentos de iniciação, de ao menos uma vez por ano, na medida do possível, reunir os neófitos e presidir à eucaristia, na qual poderão comungar sob as duas espécies (RICA 239).

¹⁰⁵⁵ ALMEIDA, A. J., ABC da iniciação cristã, p. 36.

Em resposta às necessidades dos tempos atuais, e em atenção aos sinais dos tempos¹⁰⁵⁶, iremos refletir sobre o itinerário de iniciação com os adultos no tempo da mistagogia. A partir da experiência feita com a inspiração do RICA, em um grupo de adultos em uma comunidade eclesial local, desejamos apresentar como é impactante o itinerário da iniciação à vida cristã como um caminho mistagógico. Nossa reflexão se dará a partir de um diálogo teórico-pastoral, a partir das experiências realizadas com os adultos no processo de iniciação.

Vale ressaltar a fala de uma das pessoas entrevistados sobre o processo da iniciação à vida cristã, o quanto este itinerário tem feito bem para sua vida até mesmo para sua saúde psíquica:

Pra mim, a catequese chegou no momento certo, pois eu estava fazendo tratamento antidepressivo, eu tinha medo, sentia-me vazia, e quando entrei aqui na catequese e conheci todo mundo, a vida começou a ter mais sentido. Porque eu tomava remédio e sentia um medo de ficar só, um vazio inexplicável. Era quase todo dia no hospital, ficava com a pressão alta. Eu tinha ansiedade forte e passava no psicólogo, psiquiatra e depois que comecei a vir pra cá deu uma boa melhorada, fez muito bem pra mim e ainda faz, passou um pouco o vazio que sentia”¹⁰⁵⁷.

Recentemente a Conferência Episcopal Pastoral para Animação Bíblico Catequética publicou o texto intitulado “Itinerário Catequético: Iniciação à vida Cristã – Um processo de inspiração catecumenal”¹⁰⁵⁸ cuja reflexão catequética insiste sobre a necessidade de um novo modelo para a catequese com adultos, e é significativo e relevante a atenção que o tema do itinerário catequético a partir da iniciação à vida cristã tem recebido nos documentos do magistério recente. O itinerário catequético da CNBB, que acabamos de referir, aponta-nos uma série de

¹⁰⁵⁶ Cf. EN 75.

¹⁰⁵⁷ Resposta da pessoa 10 à pergunta 11 da terceira coleta de dados, p. 475 (Apêndice H).

¹⁰⁵⁸ Publicado em 2014 pela CNBB, o Itinerário Catequético apresenta orientações para um caminho possível a ser feito em todas as realidades do nosso território nacional, oferece orientações que possam iluminar a Pastoral Bíblico-Catequética, indica orientações que possibilitem a concretização de uma verdadeira Iniciação à Vida Cristã e, por fim, é “um processo de inspiração catecumenal”, recuperando a mística que vem da experiência catecumenal da Igreja primitiva, tornando-a inspiração para desencadear um verdadeiro processo de educação da fé nos nossos tempos de mudança de época. O Itinerário Catequético para a Iniciação à Vida Cristã é composto por uma fundamentação teórica e pastoral que é imprescindível para compreender os quatro roteiros que abrangem as crianças, os adolescentes, os adultos batizados que necessitam de aprofundamento e os adultos não batizados. Afirmou Dom Jacinto Bergman, na época o presidente da Comissão Episcopal para Animação Bíblico Catequética: “É um instrumento que vai servir muito à Igreja uma vez que apresentará grandes orientações sobre como fazer a iniciação à vida cristã. Essas orientações gerais criarão unidade e ajudarão as igrejas locais a elaborarem os seus roteiros e manuais.” (anotações e acervo pessoal)

perspectivas no sentido de, em um futuro próximo, se delinear esse tão desejado novo modelo de catequese com adultos.

O itinerário catequético a partir da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal com adultos ajuda-nos a compreender que a catequese é permanente, voltada para todos e orientada para a proclamação da fé pascal; uma catequese diversificada, que oferece às pessoas e aos grupos possibilidades variadas, que lhes permitam caminhar; uma catequese daqueles que começam e dos que recomeçam na fé, aberta ao contexto social¹⁰⁵⁹.

É preciso passar de uma catequese infantil a uma catequese para todos; de uma catequese por idade a uma catequese intergeracional; de uma catequese “sacramental” a uma catequese como caminho permanente; de uma catequese de apresentação a uma catequese mistagógica; de uma catequese temática a uma catequese orgânica; da responsabilidade exclusiva de alguns catequistas para a catequese de responsabilidade comunitária; de uma catequese obrigatória a uma catequese opcional permanente¹⁰⁶⁰.

A primeira subcategoria sobre o aprofundar a fé no processo do itinerário da iniciação à vida cristã revela-nos que a nova situação sociocultural e religiosa exige que a catequese com adultos de hoje esteja à procura de um novo modelo, de uma nova lógica da transmissão da fé, uma vez que a experiência da fé já não pode ser pressuposta, e a doutrina, entendida apenas como mera transmissão dos conhecimentos da fé também já não pode ser a solução. É evidente, nos documentos eclesiais, esta necessidade de delinear um novo modelo catequético mistagógico capaz de desencadear verdadeiros processos de conversão.

Os entrevistados revelam em suas falas quanto o processo do itinerário da iniciação cristã os ajudou a aprofundar a fé:

Eu comecei a fazer a catequese com meu irmão na Bahia, mas eu casei, vim embora e ele terminou e eu não, aí vi ele recebendo o corpo de Cristo, fazendo tudo, pensei que eu ia voltar logo mas não deu, não deu pra eu fazer. Um dia eu sabia que ia se realizar este meu sonho. Eu sempre participava das missas e um dia anunciaram sobre a catequese com adultos e quem quisesse participar era só dar o nome, chamei algumas amigas que não quiseram participar, mas eu fui, era a minha hora, foi uma benção, hoje olhando para trás eu vejo que aprendi tanto sobre a minha fé¹⁰⁶¹.

¹⁰⁵⁹ Cf. FOSSION, A., *Vers des communautés catéchisées et catéchisantes*, Nouvelle Revue Théologique, p. 598-613.

¹⁰⁶⁰ ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*.

¹⁰⁶¹ Resposta da pessoa 3 à pergunta 1 da terceira coleta de dados, p. 467 (Apêndice H).

Percebemos no relato dessa pessoa o desejo de aprofundar a fé, também o convite a outras pessoas que não fizeram a catequese, isto nos leva a pensar em tantos adultos da nossa realidade: há a presença de muitos adultos praticantes, mas sem uma fé madura e comprometida; outros tantos que são cristãos católicos “de nome”, por uma fraca tradição familiar, vivendo indiferentes e à margem da vida eclesial; e por um número menor, mas sempre em crescimento, daqueles que não têm qualquer vínculo com a vida eclesial. A coerência entre fé e vida torna-se cada vez mais débil, não tanto pela falta de testemunhar na vida o que se professa e acredita, mas, sobretudo pelo abismo cada vez maior entre o que é ensinado como próprio da fé cristã e o modo de pensar das pessoas, a mentalidade que é apreendida a partir do ambiente real da vida.

A necessidade da transmissão da fé e seu aprofundamento a partir de um itinerário deve ser prioridade para uma Igreja adulta que deseja gerar “adultos na fé”, por isso, o itinerário da iniciação à vida cristã com adultos deve estar inserido no processo global de evangelização, seu “momento prioritário”, onde se procura passar de uma pastoral de “conservação” a uma pastoral evangelizadora, missionária, superando o período de cristandade¹⁰⁶².

Outro relato de uma pessoa entrevistada revela que este processo do itinerário de aprofundamento da fé a ajudou a ter um olhar *ad intra* e *ad extra* da fé cristã, ou seja, a ajudou a viver tudo aquilo que foi vivenciado pela via da experiência, isto é um caminho mistagógico.

Este tempo que puder participar da catequese, foi um tempo de recomeço para mim, pois havia me afastado da Igreja por diversos motivos que não vêm ao caso aqui. Retomar a minha caminhada na comunidade, a partir da catequese fez eu conhecer e aprofundar coisas da minha fé que eu não sabia, percebi que muita coisa mudou na Igreja, me ajudou a ter um olhar para fora do meu campo visual, ou seja, me ajudou a ver a vida que levo fora da Igreja como compromisso, isto foi a partir do aprofundamento da minha fé¹⁰⁶³.

O itinerário catequético a partir da iniciação cristã com adultos traz um novo modelo de catequese, que seja *ad intra* e *ad extra* da experiência de fé. Esse novo modelo visa uma ação que olha todo o campo da vida, aposta no espaço do humano, onde acontece a vida das pessoas no cotidiano, coloca o ser humano no centro, respeitando o seu próprio ritmo de crescimento. Portanto, uma catequese entendi-

¹⁰⁶² Cf. DGC 63-64; 65-68.

¹⁰⁶³ Resposta da pessoa 5 à pergunta 1 da terceira coleta de dados, p. 468 (Apêndice H).

da como educação cristã integral¹⁰⁶⁴ que não se limita ao conceito de instrução e ensino, abandonando o modelo escolástico para passar aos lugares da vida e da celebração. Passa-se também para uma catequese que favorece a aprendizagem singular de cada pessoa, em vez de apresentar um itinerário “fechado” para todos.

Por isso, através do itinerário catequético percorrido pelos adultos chamamos a atenção a necessidade de uma conversão pastoral, a partir da realidade concreta de cada comunidade. Para tal, concorre o itinerário catequético a partir da iniciação à vida cristã, ajudando o adulto a aprofundar a fé, promovendo a descoberta e muitas vezes a redescoberta permanente do Evangelho.

A segunda subcategoria, a experiência do querigma, entendida aqui como experiência mistagógica, nos mostra que esse momento fez uma grande diferença na vida dos que participaram do itinerário da iniciação à vida cristã. A realidade da catequese com adultos deve superar o modelo tradicional onde o panorama da catequese é, na prática, marcado por percursos de acesso aos sacramentos de iniciação, às vezes sem um tempo propício para o adulto fazer uma verdadeira experiência mistagógica. Por isso, é urgente pensar um itinerário catequético que deve sair do esquema tradicional e posicionar-se dentro do processo global de evangelização, processo que vai da primeira evangelização à educação permanente da fé, tudo permeado por uma profunda mistagogia, onde a iniciação à vida cristã não se reduza à vida sacramental, mas seja um caminho que acompanhe a pessoa por um processo de amadurecimento da fé. Passar, portanto, de uma catequese ocasional ou de preparação para os sacramentos para uma catequese de iniciação¹⁰⁶⁵.

O RICA diferencia os vários tempos do catecumenato, chama o primeiro momento de ‘pré-catecumenato’, caracterizado pela primeira evangelização. Também costumamos chamar de tempo do querigma, o tempo do primeiro anúncio, que não deve ser substituído por nada, pois percebemos pelos relatos dos participantes o quão importante e significativo foi para as suas vidas nesse itinerário da iniciação à vida cristã.

Segundo o papa Francisco: “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus Cristo como Senhor”¹⁰⁶⁶. Segundo a Exortação Apos-

¹⁰⁶⁴ Cf. DGC 84.

¹⁰⁶⁵ Cf. DERROITTE, H., *Iniziazione e rinnovamento catechetico*, p. 47-70.

¹⁰⁶⁶ EG 110.

tólica “A Alegria do Evangelho”, o primeiro anúncio ou querigma deve ocupar o centro da atividade evangelizadora. Na boca do catequista volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar” (EG 164). Com efeito, escreve papa Francisco: “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio... É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano”¹⁰⁶⁷.

O RICA assinala “Faça-se uma conveniente explanação do evangelho aos candidatos”¹⁰⁶⁸. Isso indica a apresentação do “querigma”, o anúncio do “Deus vivo de Jesus Cristo enviado por ele para a salvação de todos”¹⁰⁶⁹ é o “anúncio do mistério de Cristo”¹⁰⁷⁰, mesmo para os que já foram batizados. Esse tempo do pré-catecumenato, também chamado de tempo de evangelização, começa com a primeira conversa do catequista com a pessoa interessada em fazer a caminhada da fé¹⁰⁷¹, prolonga-se por tempo indeterminado e termina com a entrada no catecumenato, tudo isto sem perder a via do mistério, com a intenção de ajudar o candidato na via da mistagogia.

Esta fase destina-se a motivar o candidato a mudar de vida e entrar em relação pessoal com Deus. É o tempo da evangelização, anuncia-se o Deus vivo e Jesus Cristo, a fim de que os não cristãos creiam e se convertam ao Senhor. De um estilo quase informal das várias reuniões de caráter familiar do grupo dos simpatizantes onde esses necessariamente não precisam manifestar sua fé, dos gestos familiares e de acolhida chega-se à celebração do rito de instituição dos catecúmenos. A pessoa é chamada a conhecer a Cristo como aquele que “satisfaz e até supera infinitamente a todas as suas expectativas espirituais”¹⁰⁷².

Esse tempo do pré-catecumenato, ou primeira evangelização tem o objetivo de ajudar a pessoa a ter um primeiro contato com a pessoa de Jesus Cristo, “é o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos, a fim de que os não cristãos, cujo coração é aberto pelo Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, aderindo lealmente àquele que, sendo o caminho, a verdade e a vida,

¹⁰⁶⁷ EG 165.

¹⁰⁶⁸ RICA 11.

¹⁰⁶⁹ RICA 9.

¹⁰⁷⁰ RICA 295.

¹⁰⁷¹ Os interessados são chamados no ritual de candidatos ou “simpatizantes, isto é, aqueles que, embora ainda não creiam plenamente, demonstram inclinação pela fé cristã” (n.12).

¹⁰⁷² LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 53.

satisfaz e até supera infinitamente todas as suas expectativas espirituais”¹⁰⁷³. Assim se expressa um dos entrevistados:

Eu achei mais interessante o início porque fazíamos um bate papo, levantava a questão e a gente trocava opinião, como na missa, que o padre faz a questão e a gente discute, e nisso aprendi muita coisa, tive a chance de ter um primeiro contato com o toda da vida de Jesus, isto me ajudou muito nos próximos passos que tivemos na catequese¹⁰⁷⁴.

O RICA apresenta, como um segundo objetivo do tempo do pré-catecumenato, a mudança de vida que é inseparável da pessoa de Jesus Cristo, “da evangelização realizada com o auxílio de Deus brotam a fé e a conversão inicial, pelas quais a pessoa se sente chamada do pecado para o mistério do amor de Deus. A essa evangelização é dedicado todo o tempo do pré-catecumenato, para que se amadureça a vontade sincera de seguir a Cristo e pedir o batismo”¹⁰⁷⁵. Está expresso na fala desta pessoa entrevistada esta mudança de atitude provocada pelos encontros do tempo do pré-catecumenato:

Na verdade, eu entendi que a primeira parte chamada de querigma, era pra gente despertar, se encantar e a segunda parte era a catequese, que era a hora de nos aprofundarmos. Eu gostei muito do querigma que me ajudou a repensar algumas atitudes minhas e a já começar a partir da comunidade, após os encontros ir para a missa, ajudar na comunidade, eu comecei nesta época¹⁰⁷⁶.

Nessa fala também percebemos já certo engajamento e participação da vida eclesial, nas celebrações e na ajuda oferecida em atividades da própria comunidade. Pode ser considerado o terceiro objetivo desse tempo o “senso eclesial”, a expressão usada pelo RICA é “um início de conversão, de fé e de senso eclesial”¹⁰⁷⁷. Outras citações do RICA referem-se ao conhecimento mútuo entre interessado e comunidade¹⁰⁷⁸ e “experiência da comunidade e do espírito dos cristãos”¹⁰⁷⁹.

Esse momento do pré-catecumenato deve ajudar cada pessoa no itinerário da iniciação à vida cristã a se sentir despertada e encantada para o seguimento a

¹⁰⁷³ RICA 9.

¹⁰⁷⁴ Resposta da pessoa 1 à pergunta 2 da terceira coleta de dados, p. 468 (Apêndice H).

¹⁰⁷⁵ RICA 10.

¹⁰⁷⁶ Resposta da pessoa 3 à pergunta 2 da terceira coleta de dados, p. 468 (Apêndice H).

¹⁰⁷⁷ RICA 68.

¹⁰⁷⁸ RICA 7.

¹⁰⁷⁹ RICA 15.

Jesus Cristo, a mudança de atitudes e a inserção na vida eclesial, vivenciados como processos mistagógicos. Nesse momento, mais do que encontros de catequese, optamos por momentos mais celebrativos, orantes, mistagógicos e interativos entre catequizando adulto, catequistas e introdutores. A proposta do itinerário catequético como novo paradigma traz consigo as relações interpessoais, relação de pessoa a pessoa, que envolve catequistas, introdutores, membros da comunidade, padrinhos e o presbítero.

A terceira subcategoria: o impacto mistagógico das celebrações na vida dos adultos revela-nos aquilo que é próprio de todo o itinerário da iniciação à vida cristã. As entrevistas foram realizadas após a celebração dos sacramentos, pois como o próprio RICA pede, esse momento é o tempo de *vivenciar os Mistérios* celebrados pela meditação do Evangelho e a participação na Eucaristia e propõe a continuação da vida cristã na comunidade pela prática da caridade¹⁰⁸⁰.

As celebrações que aconteceram durante todo o itinerário da iniciação à vida cristã foram expressas nas falas dos entrevistados, pois todo o itinerário tem força Mistagógica.

Configura toda a trajetória da vida cristã, que progride e se enriquece dia a dia pelo dom do Espírito, proporcionado pela frequência aos sacramentos e que leva à compreensão mais plena das Sagradas Escrituras e à prática da caridade. A verdade última da celebração não é somente o ato sacramental, senão o que nasce e continua depois dele. O neófito foi transformado, no mais profundo de seu ser, para viver em Cristo e no Espírito¹⁰⁸¹.

A experiência mistagógica das celebrações durante todo o itinerário da iniciação à vida cristã é a certeza de que a participação na celebração litúrgica é o caminho mistagógico e ao mesmo tempo a forma ordinária de incorporação progressiva no mistério de Cristo. A continuidade nesse processo fará cada vez mais a inserção do neófito no Mistério que abraçou desde o início do itinerário, “pois para o cristão, em um sentido amplo, começar o tempo da mistagogia significa iniciar a experiência cotidiana, histórica, dinâmica do quanto recebeu e seguirá recebendo, porém agora conjugada com a vida e a história”¹⁰⁸².

A experiência celebrativa mistagógica do itinerário da iniciação à vida cristã revela-se em momentos muito simples, mas significativos para a vida da pessoa,

¹⁰⁸⁰ RICA 37.

¹⁰⁸¹ LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 119.

¹⁰⁸² LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 120.

por exemplo, a celebração de acolhida após o tempo do pré-catecumenato: “[...] mas o que realmente me marcou, foi aquele momento do abrir das portas pra aceitar Jesus, aquele encontro que tivemos aqui, que começou fora da Igreja, e o senhor abriu as portas da Igreja e nos chamou pelo nome. Foi muito importante pra mim”¹⁰⁸³.

O Sínodo dos Bispos recomendou que se fomentasse, nos fiéis, profunda concordância das disposições interiores com os gestos e palavras; se ela faltasse, as nossas celebrações, por muito animadas que fossem, arriscar-se-iam a cair no ritualismo. Assim, é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra. Vista a importância essencial desta participação pessoal e consciente, quais poderiam ser os instrumentos de formação mais adequados? Para isso, os padres sinodais indicaram unanimemente a estrada dum catequese de carácter mistagógico, que leve os fiéis a penetrarem cada vez mais nos mistérios que são celebrados¹⁰⁸⁴.

Outro momento importante para a vida dos adultos foi a experiência da celebração do perdão. Assim se expressa uma pessoa entrevistada:

No meu caso foi a celebração do perdão que mais mexeu comigo, cheguei a chorar, o porquê fica difícil... não é nem o motivo, todas as celebrações têm seu significado e importância, mas essa foi mais especial pra mim. Acho que o momento de lembrar alguma coisa que você queria pedir perdão ou ser perdoado, isso naquele momento marcou pra mim¹⁰⁸⁵.

A celebração da primeira eucaristia foi impactante na vida dos adultos, tudo teve muito sentido pela dimensão gradual que eles foram vivenciando durante todo o processo, isso se revela na seguinte expressão:

Pra mim foi o dia que recebi pela primeira vez o corpo de Cristo, quando eu dizia para as pessoas que eu ainda não tinha feito elas ficavam admiradas, e diziam: “nossa, você não fez ainda, ainda não?!”. Mas a oportunidade foi agora. Estar aqui fazendo este caminho de aprofundamento da fé e agora participar da missa e receber o corpo de Cristo tem um significado muito especial para mim. Hoje nem acredito que eu fiz, me sinto tão bem, vou pra missa e penso, agora eu posso ir na fila (risos). Não esperava fazer assim, não imaginava, mas as coisas vão acontecendo sem a gente planejar, mas não perdi a oportunidade. Foi muito bom pra mim¹⁰⁸⁶.

¹⁰⁸³ Resposta da pessoa 3 à pergunta 6 da terceira coleta de dados, p. 471 (Apêndice H).

¹⁰⁸⁴ BENTO XI., Sacramentum Caritatis, n. 64.

¹⁰⁸⁵ Resposta da pessoa 2 à pergunta 1 da terceira coleta de dados, p. 467 (Apêndice H).

¹⁰⁸⁶ Resposta da pessoa 4 à pergunta 1 da terceira coleta de dados, p. 467-468 (Apêndice H).

Todo o itinerário da iniciação à vida cristã é mistagógico, por isso, não devemos compreender esse processo apenas como referência à iniciação direta aos sacramentos, mas à proposta de percursos adaptados às experiências das pessoas. No caminho do itinerário afirma-se a importância da aprendizagem singular de cada pessoa e valoriza-se a catequese como proposta e não como itinerário obrigatório. Um processo mistagógico atento às pessoas que estão se aproximando ou reaproximando, proporcionando uma relação forte com a comunidade eclesial.

A importância do grupo para a experiência mistagógica é a segunda categoria considerada como algo relevante para o processo da iniciação à vida cristã. O ser humano nasce e vive em uma rede de relações grupais representados por: família, escola, comunidade, trabalho, dentre outras. O grupo exerce função importante na vida das pessoas, na psicologia são chamado de ambientes ecológicos, pois são lugares favoráveis para as pessoas desenvolverem-se diante de uma diversidade de lugares de interação social. O grupo favorece as relações entre pessoas e oferece possibilidades de apoio nos momentos de dificuldade, crise ou de mudança e pode criar oportunidades de desenvolvimento humano favorecendo as relações de suporte e de afeto. O grupo é apoio, espiritual, social e afetivo, o grupo dos adultos que estão no itinerário da catequese favoreceu vínculos, foi possível criar uma rede relacional entre as pessoas mantida por laços afetivos.

Queremos enaltecer a evangelização a partir do grupo. O itinerário da iniciação à vida cristã não pode acontecer de forma isolada ou individual, é preciso que seja em grupo a partir de uma comunidade de fé. O grupo no itinerário da catequese, ajuda a realizar a reflexão participativa e a promover o encontro da teoria com a prática na evangelização.

É importante trabalhar em grupo para favorecer o desenvolvimento dos valores individuais e coletivos dentro de um determinado campo social e catequético. É uma técnica que desenvolve um tema mediante a construção coletiva, confrontando-o com a Palavra de Deus e com a vivência comunitária. Visa à caminhada catequética e à solução de problemas; é o lugar para fazer pensar, redescobrir, reinventar novas formas de ver e de rever a prática, de conviver e agir segundo o Evangelho¹⁰⁸⁷.

Assim se expressam os entrevistados:

¹⁰⁸⁷ DNC n. 164.

No grupo criou-se uma amizade e isso ajuda a querer continuar em uma pastoral, por exemplo, porque querendo ou não, falando de mim, a gente chega com aquela preguiça de “hoje tenho que ir?!” Mas, quando você vai, é muito gratificante, eu tinha que estar aqui. A mensagem é, Vida em comunidade, ação cristã, vida cristã, e não ter feito apenas a catequese e fechar um ciclo, na verdade não o fechamento, o final, mas sim o início¹⁰⁸⁸.

Essa caminhada na catequese me fez conhecer pessoas aqui no grupo da catequese que não me deixam desistir do caminho, que me ajudam a permanecer firme, me ajudaram em momentos difíceis pessoais que passei, criei laços que levarei para sempre comigo e continuaremos juntos aqui na comunidade¹⁰⁸⁹.

É interessante perceber algumas palavras-chave ditas pelas pessoas entrevistadas, tais como a amizade, que revela vínculo, e a importância do grupo para ajudar a superar os momentos de adversidades da vida, o não deixar desistir. Os estudos sobre a “capacidade” das pessoas e dos grupos para superarem as situações adversas e traumáticas é conhecido hoje, pelo termo resiliência, nesse sentido o grupo foi fator importante para que a pessoa superasse as situações difíceis e conseguisse permanecer no itinerário da iniciação à vida cristã. Este fenômeno da resiliência, provavelmente tão antigo como a humanidade, foi a maneira encontrada por muitos povos para resistir às inúmeras dificuldades que marcaram a história da evolução da humanidade.

Vale lembrar que as pessoas que são mais sociáveis, que tem a capacidade de conviver em grupo, pessoas que conseguem estabelecer diferentes relações de apoio com pessoas, até de diferentes ambientes e idades, são mais propensas a encontrar ajuda. Ao grupo de adultos no itinerário da iniciação à vida cristã foi possível vivenciar a fé a partir de experiências profundas mistagógicas na ajuda ao outro, isto é a tradução da mensagem cristã para os diferentes ambientes onde a pessoa está inserida, favorecendo a vivência da fé e o compromisso social.

Portanto, quando o ser humano nasce já pertence a um grupo que é a família, que lhe provê suporte e lhe transmite valores, hábitos e comportamentos da sua cultura. A família é, pois, o primeiro espaço, o primeiro grupo que a pessoa encontra. O grupo da catequese, por sua vez, exerce um papel fundamental no processo da experiência de fé como vimos. Ao olharmos as propostas pedagógicas e mistagógicas do itinerário da iniciação à vida cristã com os adultos, encontramos como sua principal missão a experiência de fé em grupo, muito mais do que a

¹⁰⁸⁸ Resposta da pessoa 2 à pergunta 5 da terceira coleta de dados, p. 469-470 (Apêndice H).

¹⁰⁸⁹ Resposta da pessoa 7 à pergunta 10 da terceira coleta de dados, p. 475 (Apêndice H).

transmissão de conhecimento acumulado, a fim de levar as pessoas a assumirem o compromisso cristão.

A terceira categoria, experiência Mistagógica subdivida em três: mistagogia da acolhida, mistagogia na eucaristia e mistagogia na crisma. Chama-nos a atenção para a experiência que os adultos vêm fazendo a partir dos sacramentos recebidos e como isto está repercutindo em suas vidas.

Como vimos, a mistagogia é compreendida como o fundamento e o caminho de todo o processo do itinerário da iniciação à vida cristã. Ela é o grande referencial que inspira e ilumina esse processo determinando a iniciativa e a centralidade de todas as experiências que as pessoas que estão no itinerário farão como eixo norteador da vida cristã.

O primeiro momento do itinerário da iniciação à vida cristã é o pré-catecumenato, nesse momento assume força evangelizadora a capacidade que a comunidade, introdutores e catequistas devem ter a partir da acolhida; segundo a coleta de dados realizada com os adultos, a acolhida assume um lugar central. Uma boa acolhida causa impacto, pelo que percebemos esse momento foi fundante para a continuidade dos adultos que estavam chegando e alguns regressando para a vida em comunidade, desse momento então, dependerá muito a continuação ou não do adulto no itinerário da iniciação à vida cristã, “quando um adulto quer aproximar-se de uma comunidade, o primeiro ministério da comunidade é o acolhimento”¹⁰⁹⁰.

Após o tempo do pré-catecumenato celebramos o rito da acolhida como prevê o RICA, é sempre bom lembrar que estamos lidando também com adultos já batizados, por isso, utilizamos do RICA a partir da inspiração catecumenal. O rito de admissão “termina com a entrada na igreja, como expressão da acolhida dos catecúmenos na ‘mesa da Palavra de Deus’”¹⁰⁹¹. A partir desse momento, os adultos passaram a ser alimentados pelo Senhor na liturgia da Palavra, junto com a comunidade. Assim prescreve o RICA: “Quem preside, com um gesto, convida os catecúmenos a entrar com os introdutores na igreja, dizendo com estas ou outras palavras: (N. e N.) entrem na igreja, para participar conosco na mesa da Palavra de Deus”¹⁰⁹².

¹⁰⁹⁰ FLORISTÁN, C., Catecumenato, p. 177.

¹⁰⁹¹ TENA, P.; BOROBIO, D., Sacramentos da iniciação cristã, p. 29.

¹⁰⁹² RICA 90.

A primeira subcategoria, a mistagogia da acolhida, revela-nos a partir dos adultos entrevistados, que o rito da acolhida nesse momento do itinerário foi muito impactante, preenchido de experiência orante e celebrativa, ou seja, uma profunda experiência mistagógica de acolhida na comunidade cristã. A celebração de acolhida aconteceu às portas da Igreja matriz. “Os candidatos com seus introdutores e os fiéis podem reunir-se quer fora do limiar da igreja, quer no átrio ou na entrada, ou em uma parte apropriada da igreja ou, conforme as circunstâncias, em outro lugar adequado fora do templo”¹⁰⁹³.

Assim expressaram-se os adultos:

A crisma foi muito importante para mim, mas o que realmente me marcou foi aquele momento do abrir das portas pra aceitar Jesus, aquele encontro que tivemos aqui, que começou fora da igreja, e o senhor abriu as portas da igreja e nos chamou pelo nome. Foi muito importante pra mim¹⁰⁹⁴.

Eu me senti muito acolhido pela comunidade, no dia da celebração de acolhida, muitos da comunidade vieram falar comigo, e depois no outro domingo, eu não me senti um estranho, algumas pessoas me olharam e me cumprimentaram, isto foi muito significativo para mim. Me senti acolhido, recebido pelas pessoas da Igreja. Isto me fez muito bem, pois estava me sentido sozinho, minha família está longe, a comunidade com certeza neste momento foi um grande suporte para mim¹⁰⁹⁵.

A partir dos relatos dos participantes da catequese com adultos percebemos que a presença e acolhida da comunidade foi algo que os impactou, ser recebido posteriormente no encontro da comunidade foi algo novo para esta pessoa. Tudo isto aconteceu no momento da celebração e no espaço celebrativo da comunidade de fé, não é por menos que o RICA insiste na presença da comunidade e das pessoas mais vinculadas aos candidatos na celebração: “É de desejar que toda a comunidade cristã ou parte dela, constante dos amigos e familiares, catequistas e sacerdotes, participe efetivamente da celebração”¹⁰⁹⁶.

A partir da acolhida um dos entrevistados sentiu-se protegido, pois a comunidade foi suporte de presença em um estado de se sentir só pela distância dos familiares. Por isso, o processo de acolhimento na comunidade de fé ajudou a esta pessoa a viver altos níveis de resiliência, em seu discurso, a pessoa valoriza a aco-

¹⁰⁹³ RICA 73.

¹⁰⁹⁴ Resposta da pessoa 3 à pergunta 6 da terceira coleta de dados, p. 471 (Apêndice H).

¹⁰⁹⁵ Resposta da pessoa 7 à pergunta 6 à terceira coleta de dados, p. 471-472 (Apêndice H).

¹⁰⁹⁶ RICA 70.

lhida como mecanismo de proteção, demonstrando lidar de forma adaptativa com as adversidades de estar só, distante da família.

A segunda subcategoria refere-se à experiência da vivência Mistagógica dos adultos intitulada a mistagogia na eucaristia. A proposta do itinerário catequético com a inspiração catecumenal é um caminho mistagógico, onde o adulto deve fazer a experiência profunda de Deus, onde a vida deve ser encarnada, pois se a celebração da eucaristia não conduz para a mistagogia “a própria eucaristia, reduzem-se bem depressa a gestos retóricos e vazios.”¹⁰⁹⁷ “A catequese sempre se reporta aos sacramentos. A vida sacramental empobrece-se e logo torna-se um ritualismo vazio, se não se baseia em um sério conhecimento do significado dos sacramentos. E a catequese torna-se intelectualista se não adquirir vida na prática sacramental”¹⁰⁹⁸.

Assim expressa o RICA sobre esse momento da celebração da eucaristia:

Celebra-se por fim a eucaristia. Nesse dia os neófitos, de pleno direito, dela participam pela primeira vez, consumando a sua iniciação. Elevados à dignidade do sacerdócio real, tomam parte ativa na oração dos fiéis e, na medida do possível, no rito de apresentação das oferendas ao altar. Com toda a comunidade tornam-se participantes da ação sacrificial e recitam a oração do Senhor, manifestando o espírito de adoção de filhos recebido no batismo. Comungando do Corpo que nos foi dado e do Sangue derramado por nós, confirmam os dons recebidos e antegozam dos eternos¹⁰⁹⁹.

O processo de crescimento na fé é sempre “estruturado sacramentalmente”, ligado a momentos celebrativos que lhe exprimem o significado profundo. A vivência da liturgia a partir da eucaristia, das devoções, dos momentos de orações tornou-se para os adultos parte integrante da vida, como momento forte e marco de novas atitudes em todas as dimensões da vida.

O sinal da liturgia, nos seus diversos momentos: eucaristia, sacramentos, culto, devoções, oração, abrange o conjunto dos ritos, símbolos e momentos de celebração da experiência cristã como anúncio e dom de salvação. Responde à necessidade, profundamente radicada no coração do ser humano, de celebrar a vida, de acolher e expressar no símbolo o dom da salvação e o mistério da existência resgatada e transformada¹¹⁰⁰.

¹⁰⁹⁷ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 64.

¹⁰⁹⁸ (CT n. 23).

¹⁰⁹⁹ RICA 36.

¹¹⁰⁰ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 62.

A vivência Mistagógica da celebração de eucaristia possibilitou o encontro pessoal dos adultos com Cristo, a pessoa é capaz de repousar seu coração em Cristo, onde encontra a paz, “Então seus olhos se abriram e o reconheceram” (Lc 24,31). Assim a Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos adultos, seus louvores, seus sofrimentos, suas orações, seus trabalhos, são unidos a Cristo e à sua oferenda total. O Cristo que está presente no altar, dá à comunidade a possibilidade de estarem unidos à sua oferta. Assim, comer e beber da Ceia Eucarística em memória de Jesus sempre será um ato de compromisso com a pessoa e proposta d’Ele. “Fazei isto em memória de mim” (Lc, 22,19). Assim expressaram os adultos com relação à vivência Mistagógica desse momento marcante da vida de cada um deles:

Eu, além de estar recebendo a eucaristia, acho que foi um momento em que havia um porquê de ser naquele tempo, eu estava grávida no período da catequese, então na primeira comunhão eu recebi o sacramento com meu filho na barriga, e na crisma ele já foi comigo à missa. Esses dois momentos da minha vida aqui foram muito marcantes¹¹⁰¹.

Ir no altar também, não é só receber a eucaristia, estar na fila com a comunidade. Ir receber o corpo e o sangue foi bem marcante também. Muitos ficaram surpresos do padre chamar para receber o corpo de Cristo lá onde o padre fica, Isto fez com que nós nos sentimos ainda mais especiais e comprometidos com a vida, pois não basta só receber o corpo de Cristo é preciso participar, ajudar, oferecer um pouco de si¹¹⁰².

Acreditamos que a passagem dos “discípulos de Emaús” expressa bem o que esses adultos relataram das suas experiências de participar da mesa da eucaristia, fica claro para nós que itinerário da iniciação à vida cristã leva, conseqüentemente, à fé na palavra do Senhor, à mesa da eucaristia e à missão. “Sentou-se [Jesus] à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Então um disse ao outro: ‘Não estava nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?’ Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém”¹¹⁰³.

¹¹⁰¹ Resposta da pessoa 2 à pergunta 6 da terceira coleta de dados, p. 470 (Apêndice H).

¹¹⁰² Resposta da pessoa 5 à pergunta 6 da terceira coleta de dados, p. 471 (Apêndice H).

¹¹⁰³ Cf. Lc 24,13-35.

O processo da iniciação à vida cristã mistagógico que começou pelo querigma, foi capaz de formar pessoas cristãs convictas do amor de Deus, encantadas por Jesus Cristo e seu projeto de amor, através de uma mística evangélico-missionária, orante, celebrativa, vivencial, transformadora e comunitária. Todo o caminho percorrido pelos adultos foi processo experiencial sem perder o caráter de um caminho formativo, ou seja, um verdadeiro itinerário de formação cristã que conduz a pessoa para dentro do mistério de Deus e sustenta um encontro amoroso, que produz crescimento na fé e amor a partir de atitudes concretas, especialmente os que mais necessitam.

Nesse itinerário percorrido pelos adultos aconteceu a celebração da confirmação. Por razões pastorais, o bispo diocesano convocou a realização dessa celebração na catedral, onde cinco paróquias participaram desse momento.

Foi dada total atenção para que a celebração tivesse o caráter festivo e solene, como é exigido pelo significado que esta ação reveste perante a Igreja local e pelo caminho percorrido pelos adultos. O sentido de juntar vários adultos na Catedral deu um sentido bonito de vida comunitária diocesana. Todo o povo de Deus, representado pelas famílias e amigos dos adultos, membros da comunidade, os catequistas, introdutores estiveram presentes na celebração.

Assim se expressa uma pessoa entrevistada sobre a mistagogia da celebração com todos os sentidos e significados de ir até a catedral para o sacramento da crisma:

Ir para a Catedral e lá receber a crisma para mim foi muito importante. Ser acolhida pelo bispo, outras paróquias juntas foi uma comunhão bacana, isto mostra a força que temos como igreja católica que muita gente pensa que somos fracos. A crisma depois da primeira eucaristia me ajudou a refletir o quanto posso me engajar na Igreja, a celebração foi cheia de significados para mim, não existe palavras para explicar o que é receber o Espírito Santo em minha vida através das mãos do bispo”¹¹⁰⁴.

Sabemos que o convite do RICA¹¹⁰⁵ é para que os sacramentos da iniciação aconteçam em conjunto para os catecúmenos. No entanto, por razões pastorais

¹¹⁰⁴ Resposta da pessoa 2 à pergunta 4 da terceira coleta de dados, p. 469 (Apêndice H).

¹¹⁰⁵ Lembra o ritual que “o adulto não é batizado sem receber a confirmação imediatamente depois do batismo, salvo se grave razão o impedir”, como vimos no artigo anterior. “Essa conexão exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e o nexa entre os sacramentos, pelos quais ambas as Pessoas Divinas vêm àquele que foi batizado (RICA 35).

optamos que os adultos recebessem os sacramentos no caminho do itinerário catequético da iniciação à vida cristã. A Igreja dedicou longas reflexões a partir do Concílio Vaticano II à revisão do modo como deve celebrar o Sacramento da Confirmação, na intenção de procurar pôr em evidência a íntima conexão deste mesmo sacramento com todo o conjunto da iniciação cristã¹¹⁰⁶. O rito expressa palavras em que se comunica o Espírito Santo, que, já na Igreja nascente, Pedro e João, para completarem a iniciação dos batizados, na Samaria, oraram sobre eles, a fim de receberem o Espírito Santo e, em seguida, impuseram-lhes as mãos¹¹⁰⁷.

A pessoa entrevistada relata o quanto engajada se sente a partir do caminho percorrido e agora com a vida sacramental, isto supera a dicotomia que temos enfrentado como Igreja: a catequese como caminho apenas para os sacramentos e o não engajamento após os sacramentos da iniciação, superando a ideia de conclusão.

É uma constatação muito preocupante: a catequese de iniciação na realidade não “inicia” mas, paradoxalmente, “conclui”. É a falência do processo tradicional de iniciação cristã. Sabe-se que frequentemente o sacramento da confirmação (que alguns chamam “o sacramento do adeus”, é “o último dos sacramentos”) marca também para muitos o fim da prática religiosa, e talvez também da fé cristã. Eis o paradoxo e a falência: o processo de “iniciação” cristã tornou-se na realidade processo de “conclusão” da vida cristã¹¹⁰⁸.

O itinerário da iniciação cristã que os adultos percorreram e agora nesse momento da experiência mistagógica, mais do que uma síntese existencial de todo o processo catecumenal percorrido até esse momento, é um tempo, para saborear uma compreensão mais profunda, sobretudo, do Mistério da Páscoa, dos Sacramentos da Iniciação e dos compromissos de ser discípulo-missionário e viver a missão.

O batismo, porta da vida espiritual, primeira participação no mistério cristão, marca o começo do itinerário iniciático, o momento fundacional de identificação com Cristo no seu ministério pascal. A confirmação, aperfeiçoamento e prolongamento do batismo, faz avançar os batizados pelo caminho da iniciação cristã, pelo dom do Espírito Santo que capacita o indivíduo a viver as exigências do caminho pascal, rememorado no sacrifício da eucaristia. A confirmação está orientada à

¹¹⁰⁶ Cf. SC 71; AA 56, p. 118.

¹¹⁰⁷ Cf. At 8,15-17.

¹¹⁰⁸ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 38.

participação plena na eucaristia. A relação nasce da natureza de um e de outro sacramento¹¹⁰⁹.

Os adultos que viveram todo o itinerário catequético da iniciação à vida cristã e agora com e pelo sacramento da Confirmação, através do Espírito Santo lhes foi dado, a configuração com Cristo, e fortalecidos pelo mesmo Espírito são chamados a darem testemunho de Cristo na edificação do seu corpo na fé e na caridade. Portanto, ao tratarmos da mistagogia na celebração do sacramento da confirmação e na vivência sacramental, não estamos falando de um tempo determinado, pois todo o processo do itinerário da iniciação à vida cristã teve a finalidade de conduzir os interlocutores a três caminhos: a Palavra-orante, a liturgia-celebrada e a ação-transformadora, sem isso todo o processo seria comprometido à ineficácia e não produziria frutos.

Como já vimos nesta tese é a própria comunidade o principal ponto de partida para organizar o itinerário da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. É o Espírito quem realiza a iniciação através da comunidade, a “Mãe Igreja” como o RICA a chama várias vezes.

O processo da iniciação à vida cristã, de acordo com a proposta da Igreja do Brasil com inspiração catecumenal, não se limita à celebração dos sacramentos. Pois a iniciação deve ser entendida como imersão e participação no mistério pascal e se realiza, sim, através dos sacramentos, mas com a mediação da comunidade e da resposta de fé da pessoa que faz a caminhada. A graça transformadora é recebida e aceita com a participação na vida da Igreja¹¹¹⁰.

A quarta categoria é a importância da comunidade de fé como fator de proteção, hoje mais do que em outras épocas vivemos e transitamos em muitos grupos com importantes funções para a garantia de nossa proteção pessoal, nosso desenvolvimento social e profissional e nossa inserção no mundo. O que explica a existência de múltiplos grupos são as necessidades humano-comunitárias, pois agregar-se para atuar em conjunto reduz o nível da incerteza e dos riscos no enfrentamento das questões pessoais, e sociais, estas expressões da importância da comunidade foram relatadas por alguns adultos entrevistados.

¹¹⁰⁹ LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 96.

¹¹¹⁰ BORÓBIO, D., A Celebração na Igreja, p. 153.

Bom, no último encontro, eu até deixei uma mensagem a todos e deixo novamente a mesma mensagem, mesmo que seja pequena a sua atuação dentro da Igreja é bom que ela exista, é bom existir vida em comunidade, pois a comunidade me ajudou muito em minha vida quando me sentia sozinho, ter alguém por perto que é da mesma que a sua faz muita diferença¹¹¹¹.

Para mim, permanecer aqui na comunidade, foi algo muito saudável, pois me ajudou muito, quando comecei estava com depressão, estava em tratamento, mas a presença das pessoas foi um grande suporte para mim, eu recebi visita de ministros da comunidade, recebi visita da minha introdutora. Também acho legal os jovens servindo, as crianças se inspiram no pessoal do grupo de jovens, “que coisa boa, quero continuar”. Outra coisa que eu acho muito bonita é ver aquele monte de jovens que já fez catequese, que não pararam¹¹¹².

As expressões dos adultos entrevistados revelam a importância da inserção na comunidade, e o papel fundamental que esta exerce sendo presença na vida daqueles que estão sendo iniciados, isso são fatores de proteção, algo que acontece de forma espontânea, a vida em comunidade que se organiza na perspectiva do apoio mútuo e solidariedade, são relações afetivas, de proximidade.

O RICA considera a comunidade como o primeiro ministério para se realizar um processo de iniciação. Em primeiro lugar, o itinerário da iniciação à vida cristã está sempre unido organicamente a uma comunidade de fé, a comunidade é a referência concreta da Igreja de Jesus para os que fazem o caminho da fé.

Os membros da comunidade em particular também têm uma contribuição fundamental, pois anunciam com palavras e com a vida a mensagem de Jesus Cristo e anunciam sua graça, difundem a fé nas várias circunstâncias da vida cotidiana, auxiliam os que procuram o Cristo e devem acolhê-los nas reuniões comunitárias e em suas próprias famílias¹¹¹³.

Vivemos novos tempos e, nesse momento, temos o sentido da redescoberta da vida em comunidade como algo importante, da inserção na comunidade de fé como fator de proteção em situações de vulnerabilidade, mesmo com toda a polêmica em torno do seu conceito de comunidade, acreditamos que ganha força a comunidade que é presente, que está disposta a acolher e, acima de tudo, a comunidade que é capaz de ser compreendida para além dos muros da estrutura paroquial e consegue ir ao encontro das pessoas, esse talvez seja o grande passo

¹¹¹¹ Resposta da pessoa 2 à pergunta 5 da terceira coleta de dados, p. 469-470 (Apêndice H).

¹¹¹² Resposta da pessoa 4 à pergunta 5 da terceira coleta de dados, p. 470 (Apêndice H).

¹¹¹³ Cf. RICA 41.

que a proposta da iniciação à vida cristã traz como desafio para a nossa realidade eclesial como resposta aos sinais do tempos.

A vida cristã é comprometimento com uma realidade, é um projeto de vida que a pessoa abraçou. De modo geral, os cristãos vivem hoje sob contínua tensão, pois um novo cenário vem se consolidando na sociedade atual. Podemos citar como fatores que contribuem para esse novo panorama: novas posturas diante do sagrado¹¹¹⁴, os limites dos grandes fenômenos da vida moderna, como a violência verbal nas redes sociais, a tendência para a agressão, o individualismo, o egocentrismo etc. O papa Francisco faz um convite no quinto capítulo da *Gaudete et Exsultate*¹¹¹⁵ convidando cada cristão ao “combate” contra o “Maligno que, não é “um mito”, mas” um ser pessoal que nos atormenta”¹¹¹⁶. Tais fatores são determinantes de estresse na vida do cristão.

Diante dessa realidade desafiadora desejamos refletir sobre as situações estressoras na vida dos adultos que estão no itinerário da iniciação à vida cristã, a partir dos desafios para ser cristão.

Os desafios para ser cristão nessa contemporaneidade complexa e plural que é a nossa têm sido tema de muitas obras de renomados teólogos da atualidade. E continua representando um desafio mais do que atual para a teologia. O processo de secularização deslanchado pela crise moderna vai apresentar várias características que aparentemente se revelarão incompatíveis com a consciência da presença do Sagrado, com a vivência da fé e mais ainda com a prática da religião, sobretudo aquela institucionalizada¹¹¹⁷.

Assim expressa um dos entrevistados sobre os desafios de ser cristão:

¹¹¹⁴ A pós-modernidade resgatou o sagrado, mas se trata de um sagrado sem absolutos e sem rosto, não podendo ser posto em posição de paridade com o conteúdo da experiência de fé tal como a entende o cristianismo (BINGEMER, M. C. L., *A fé cristã na contemporaneidade*, Persp. Teol., p. 352).

¹¹¹⁵ Os desafios de ser santos no mundo atual. Em sua Exortação Apostólica ‘Gaudete et Exsultate’, o Papa dá indicações sobre como viver a santidade – um chamado que é para todos – em um mundo que apresenta tantos desafios à fé. Mas Francisco começa o documento falando sobre o espírito de alegria.

¹¹¹⁶ GE 160-161.

¹¹¹⁷ Cf. apenas alguns: MOLTSMANN, J. *God for a secular city*. Minneapolis: Fortress Press, 1994; LIMA VAZ, H.C. *Religião e modernidade filosófica*. In: BINGEMER, M. C. (Org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 83-107; PANIER, L. *Pour une anthropologie du croire. Aspects de la problématique chez Michel de Certeau*. In: GEFFRÉ, C. (Org.). *Michel de Certeau ou la différence chrétienne*, Paris: Cerf, 1991; GAUCHET, M. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985, p. 231, 234, 236.

Aprendi muito aqui na catequese, o desafio maior é viver tudo isto lá fora, no dia a dia, quando enfrentamos pessoas indiferentes. O difícil é viver em Cristo, vir à missa todos os domingos é fácil, ser cristão dentro da igreja é fácil, fora daqui é preciso ter testemunho, a palavra, o exemplo, porque não adianta vir à missa e não ser uma pessoa que o outro olha e fala: “Nossa e queria ser como aquela pessoa”, sem falar em religião, falando apenas de postura, caráter, hoje isso é difícil. É fácil estar no trabalho e não dizer a sua religião, se esconder porque o diretor não gostou de algo que você fez, perguntam também qual a sua religião e você se esconde. Servir é difícil, por causa da vida corrida que nós levamos, difícil ter um tempo pra servir, e deveria ser ao contrário. Precisamos encaixar isso em nossa vida¹¹¹⁸.

É interessante perceber que a experiência de fé realizada no itinerário da catequese inaugurou na vida um novo jeito de ser, portanto, uma nova maneira de existir, um novo estilo de vida, baseado em um tipo de conhecimento que não é puramente racional ou empírico, mas existencial no sentido eminente do termo, em que é convite para novas atitudes. A experiência de fé profunda é algo que constitui o ser humano como pessoa e faz o existir, ser o que se é, sem dicotomias. A experiência Mistagógica do itinerário levou as pessoas a descobrirem que não seriam o que são hoje sem a experiência da fé. A fé faz com que a pessoa seja não só mais crente, mais confiante, mas também mais humano e conseqüentemente mais comprometido.

Apesar dos desafios para viver como cristãos, as pessoas podem encontrar a capacidade de superação por meio da resiliência, isso responde porque algumas pessoas, que embora estejam em ambientes onde não se vive a fé cristã e estão cercadas em circunstâncias adversas, conseguem viver de forma saudável e produtiva, enquanto outras parecem nunca superar as situações estressoras experimentadas ao longo da vida. São pessoas que lidam no seu cotidiano com adversidades, mas que contam com os recursos de seu ambiente e suas próprias potencialidades para seguir suas trajetórias de vida, aquilo que abraçou com convicção, consegue viver o ser cristão como projeto de vida.

Percebemos que o itinerário da iniciação à vida cristã com os adultos formou consciência crítica e comprometimento, pelo fato de os adultos pensarem no desafio de cristão e carregarem isso como uma preocupação, constatamos que esse caminho de iniciação provocou mudança de vida em novas atitudes, pois apesar de todos os desafios para ser cristão nos dias atuais, estamos buscando a volta às raízes evangélicas que idealizam uma Igreja que segue Jesus de Nazaré, isto é,

¹¹¹⁸ Resposta da pessoa 1 à pergunta 7 da terceira coleta de dados, p. 472 (Apêndice H).

uma Igreja preocupada com o sofrimento das pessoas e na qual o ensinamento principal é o amor ao próximo. Esse tipo de pensamento é vital nos dias de hoje para combater todo tipo de exclusão.

Cada pessoa consegue dar uma resposta diferenciada a partir das situações e eventos que lhe acontecem, é nesse sentido que, de forma geral, compreendemos a resiliência, como a capacidade que a pessoa tem de lidar com situações de estresse, provocado por situações difíceis, que fogem ao controle e alcance da pessoa. Podemos compreender as situações estressoras como

[...] uma resposta não específica do organismo a qualquer mudança ambiental. O organismo tenta adaptar-se, elaborar um comportamento na presença de uma situação, face à qual seus padrões habituais de referência encontram-se superados, de modo que o seu repertório pessoal de respostas comportamentais se revela insuficiente¹¹¹⁹.

Assim, a sexta categoria sobre as consequências das situações estressoras apresenta as diferentes situações estressoras que podem ocorrer ao longo da vida, e as respostas a elas variam entre as pessoas na sua forma de apresentação. Vejamos o que nos relatou uma das pessoas entrevistadas:

Pra mim mudou, saber que se alguma pessoa está fazendo algo errado, ou cometendo alguma injustiça contra alguém, a minha fé, o evangelho que aprendi me leva a dizer pra ele que ela não pode fazer isso, dizer que ela pode fazer algo melhor, não é porque alguém fez mal a você que você deve fazer a mesma coisa¹¹²⁰.

Percebemos, na fala dessa pessoa entrevistada, que diante da realidade de uma sociedade que nem sempre está disposta a viver e fazer o bem, o cristão é aquele que deve ter uma resposta diferente frente as situações de injustiça.

Quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus¹¹²¹.

Outra pessoa entrevistada apresenta a perspectiva de novas atitudes, esta foi a maneira que encontrou para lidar com situações de estresse:

¹¹¹⁹ SEGER, L., O stress e seus efeitos no profissional, p. 214.

¹¹²⁰ Resposta da pessoa 1 à pergunta 9 da terceira coleta de dados, p. 473 (Apêndice H).

¹¹²¹ EG 272.

Ainda tenho algumas coisas pra mudar em minha vida (risos), eu era muito nervosa, ou eu gostava ou não gostava, mas graças a Deus isso melhorou muito, minha paciência e como tratar as pessoas, melhorou assim de eu parar pra contar até 10 não, até 1000 (risos), pra não levar tudo a ferro e fogo. Mas há muito a ser mudado ainda, Deus nos ajude¹¹²².

Outra expressão de uma pessoa entrevistada revela o quanto o itinerário da catequese a ajudou a ser e pensar diferente, a capacidade de perdão, a deixar o orgulho:

Acredito que quando você tem conhecimento, quando participa de um caminho como este o nosso da catequese, quando você pensa em fazer algo errado, você para e pensa, “eu aprendi que isso é errado”, isso faz você não agir errado. Esse período da catequese nos trouxe isso, esse conhecimento. Nessa fase também, tinha aquilo sobre meu pai, que eu já tinha falado, que eu precisava melhorar, precisava perdoar, e eu ouvi que o perdão é um ato de querer perdoar, porque se você acha que tem que perdoar, mas não quer, você precisa exercitar pra mudar isso, então no último domingo, depois da minha licença maternidade, eu vim pra missa com meu filho e trouxe meu pai, procurei ele e disse, “Você vai na missa comigo”, foi um ciclo que a catequese me ensinou, a não ter orgulho e isso me ajuda a ter mais ternura e não pensar em tudo a ferro e fogo¹¹²³.

Para a psicologia positiva, o processo das consequências das situações estressoras pode ser entendido como uma mudança na relação da pessoa com o ambiente devido a alterações ambientais aversivas, o que implicará na necessidade de um novo repertório. Se a pessoa, diante de uma alteração ambiental aversiva, não apresentar respostas comportamentais adaptativas, podemos considerar que essa ausência de resposta se constituirá como um problema.

Por isso, mudanças significativas e importantes na vida, como a capacidade de deixar-se mudar de atitudes compreendidas como erradas, lutar por uma situação de justiça, aprender a perdoar e deixar o orgulho de lado, podem gerar respostas de estresse nas pessoas a elas expostas. Avaliar a ocorrência desses eventos pode ser uma forma de tomar conhecimento da frequência com que determinada pessoa desencadeia uma resposta de estresse. Além dos eventos estressores da vida, os denominados acontecimentos diários menores, que podem ser vivenciados em diversas situações cotidianas. O importante é a pessoa saber dar uma resposta positiva diante das consequências das situações estressoras. Per-

¹¹²² Resposta da pessoa 2 à pergunta 9 da terceira coleta de dados, p. 473 (Apêndice H).

¹¹²³ Resposta da pessoa 4 à pergunta 9 da terceira coleta de dados, p. 473-474 (Apêndice H).

cebemos nas falas das pessoas entrevistadas que a experiência de fé realizada no itinerário da iniciação à vida cristã ajudou-as a mudar, repensar, buscar justiça, isto significa enfrentar situações estressoras de forma positiva.

A sétima categoria é a estratégia de enfrentamento subdividida em testemunho de vida e compromisso cristão. No tempo da mistagogia, bem como em todo o processo da iniciação à vida cristã, como base esteve presente o convite ao testemunho de vida e o compromisso cristão com dimensão necessária, sócio-transformadora. Como vimos, a mistagogia desenvolvida e vivida pelos Santos Padres voltou a ser estudada, pela teologia, catequese e liturgia, não para aplicá-la tal qual, mas para servir de inspiração e modelo à formação cristã, principalmente na teologia litúrgico-sacramental. Ponto de referência desse tipo de formação é a participação litúrgica e a experiência que nos proporciona um contato vivo e pessoal com o mistério da fé¹¹²⁴.

Por isso, nesse momento do itinerário, os adultos foram convidados mais profundamente a refletirem sobre a mistagogia como testemunho de vida e compromisso cristão, entendido assim por nós como estratégia de enfrentamento para viver a vida sacramental. As Estratégias de enfrentamento devem ser entendidas a partir de elementos estressores externos, como por exemplo, fazer uso de habilidades de solução de problemas e planejamento; desenvolvimento de repertório apropriado para obtenção de fontes de reforçamento social e comunitário, como autocontrole e assertividade e ainda busca de suporte social, religiosidade e lazer, entre outros.

[...] se a forma pessoal de reagir diante de acontecimentos vitais são pilares para desenvolver maior ou menor resposta ao *stress*, a implementação de um repertório de habilidade de enfrentamento, levaria à minimização da adversidade e à eliminação de respostas de fuga/esquiva, resultando num aumento da percepção de controle pessoal e maiores possibilidades de enfrentamentos bem-sucedidos¹¹²⁵.

Uma das habilidades de enfrentamento mais importantes a ser aprendida é o “enxergar e lidar com as contingências”, pois isso possibilitará um repertório mais adaptado e o desenvolvimento de maior tolerância aos eventos incontroláveis e imprevisíveis, características comuns dos eventos estressores. Assim esse comportamento será reforçado por suas consequências positivas, permitindo que as

¹¹²⁴ BUYST, I., Mistagogia hoje: como e quando? Revista de liturgia.

¹¹²⁵ TORRES, N.; COELHO, M. E. C., O stress, o transtorno do pânico e a psicoterapia, p. 342.

respostas aos eventos estressores sejam mais adaptativas. A partir disso percebemos que os adultos frente às situações possivelmente difíceis encontraram as estratégias de enfrentamento (*coping*) que foram utilizadas para lidar com as contingências estressoras.

Assim expressa uma pessoa entrevistada:

Para mim, viver todo este caminho da catequese, me faz assumir compromisso, ainda mais neste momento que recebemos os sacramentos, estamos refletindo aqui que não faz sentido, se não tiver compromisso com a vida, não só minha, mas também daqueles que mais padecem dificuldades. Vir aqui na comunidade é se comprometer, e no dia que a gente não vai a gente sente falta, trabalho a semana inteira e mesmo cansada eu digo que vou, pra mim é muito bom, acho que pra todos também¹¹²⁶.

Percebemos que o processo da iniciação à vida cristã ajudou a pessoa a construir um conjunto de respostas comportamentais, diante de uma situação que exige uma atitude, uma resposta, esta resposta a pessoa emite para modificar o ambiente na tentativa de adaptar-se da melhor forma possível, reduzindo ou minimizando seu caráter aversivo. Tais estratégias são aprendidas e mantidas ou não no decorrer da vida de cada pessoa, dependendo dos esquemas de reforçamento a que cada um foi submetido durante sua história.

Outra pessoa assim expressa:

Existem muitos desafios para ser cristão hoje, nós como adultos, não viemos aqui só para receber a crisma, ou a primeira eucaristia. Viemos porque queremos ser cristão católicos, comprometidos, assumir com a vida que isto implica. No meu caso, mudei muitas coisas em mim, avalio, penso se minha atitude é de um cristão, antes de fazer¹¹²⁷.

Junto com o compromisso cristão está o testemunho cristão. É interessante perceber que os adultos associaram tudo isto, como estratégias de enfrentamento, para viver tudo que foi experimentado no processo da iniciação à vida cristã. Na subcategoria testemunho cristão como estratégia de enfrentamento assim expressam algumas pessoas entrevistadas:

Eu sempre fui uma pessoa muito paciente, mas tenho muita dificuldade em passar a palavra, me pergunto como posso ajudar, tenho vontade, poucos onde eu moro vão

¹¹²⁶ Resposta da pessoa 2 à pergunta 8 da terceira coleta de dados, p. 472-473 (Apêndice H).

¹¹²⁷ Resposta da pessoa 3 à pergunta 8 da terceira coleta de dados, p. 473 (Apêndice H).

à igreja e eu gostava de falar que ia pra catequese pra ver se eles se interessavam, mas ainda tenho muita dificuldade, peço sabedoria a Deus sempre pra eu saber passar, pra eu ajudar, pois tem gente que precisa, mas não procura¹¹²⁸.

Eu aprendi a viver como cristã aqui na catequese, aprendi a me valorizar, aprendi a ter mais paciência dentro da minha casa e conviver melhor com as pessoas e tudo isso me ajudou tanto, me ajudou a ser melhor comigo e com os outros¹¹²⁹.

A existência de vínculos e relações, bem como o desempenho de diferentes papéis permite que a pessoa se desenvolva emocional e socialmente e obtenha mais recursos para sua satisfação e saúde psíquica. A literatura da psicologia positiva cita três aspectos que são determinantes para o desenvolvimento e para o enfrentamento para que assim a pessoa consiga viver “adaptada” à realidade que lhe é inerente: a) características próprias do indivíduo, tais como: autoestima, orientação social positiva e autonomia; b) ambiente familiar permeado por liames afetivos que gerem coesão familiar; e c) possuir uma rede de apoio social disponível para auxiliar na superação de crises que inevitavelmente acontecerão ao longo da vida. Esses três elementos são compatíveis com o que também é chamado de fatores de proteção de quando investigamos o construto da resiliência¹¹³⁰.

Para alguns autores que refletem estratégias de enfrentamento, fatores de proteção, as chaves explicativas da resiliência não se encontram apenas nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações grupais, em aspectos culturais e nos valores de cada sociedade. Tal aspecto parece ser um forte indicativo da interface do construto de resiliência comunitária com a dimensão relacional de existência ou não de redes de apoio social e afetiva, o grupo dos adultos, como vimos, exerce grande força na vida desses adultos que fazem a caminhada da iniciação à vida cristã.

Vivemos em tempos de incertezas, que gera insegurança sobre a vida e, portanto, é preciso mais do que nunca entender e fortalecer as maneiras pelas quais as pessoas podem sobreviver e conviver com saúde psíquica em momentos de crises e pós-crisis, pois inevitavelmente passaremos por elas.

Por isso, as estratégias de enfrentamento vividas pelos adultos como testemunho e compromisso cristão nos fazem refletir o construto da resiliência que

¹¹²⁸ Resposta da pessoa 3 à pergunta 9 da terceira coleta de dados, p. 473 (Apêndice H).

¹¹²⁹ Resposta da pessoa 5 à pergunta 9 da terceira coleta de dados, p. 474 (Apêndice H).

¹¹³⁰ Cf. BRITO, R. C.; KOLLER, S. H., Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo.

surge na Psicologia e em outras Ciências Humanas e Sociais para corrigir pessimismos e possibilitar reflexões mais otimistas e eficazes e assim encontrar suporte para viver bem.

4.5.

O itinerário da iniciação à vida cristã e a promoção da resiliência

Diante das coletas de dados transformadas em categorias e subcategorias, elencamos alguns elementos importantes na vivência cotidiana de alguém que fez a experiência dos processos de iniciação à vida cristã e que podem ajudar e despertar nas pessoas a resiliência. Poderíamos citar outros exemplos, mas nos deteremos em pelo menos três atitudes que são portadoras de resiliência para alimentar a fé, são elas: o cultivo da espiritualidade cristã, a leitura orante da Sagrada Escritura, a participação nas celebrações litúrgicas.

4.5.1.

O cultivo de uma espiritualidade cristã

Para desenvolver o assunto sobre a espiritualidade e resiliência ainda persistem algumas dificuldades em vista da escassa literatura sobre vida de fé, espiritualidade e resiliência. Iremos nos apoiar em Vanistendael¹¹³¹ que desenvolve com marcada ênfase o tema da espiritualidade e resiliência.

A contribuição da Psicologia para a teologia espiritual suscita diversas questões de princípio. No momento atual, percebemos a tal propósito uma tomada de posição decisivamente positiva. Durante período demasiado longo, estudou-se o ser humano unicamente a partir de seus deveres morais, para esclarecer suas convicções racionais, discutir suas objeções contra a fé; recorreu-se a seu cérebro e, por vezes, a suas emoções e comportamentos. No entanto, este apelo dirigido ao cérebro, ao sentimento e ao comportamento, concomitantemente, parece hoje insuficiente, superado e estéril. É necessário que a ação educativa atinja a pessoa em sua totalidade e que leve em conta as condições humanas da personalidade em que se desenvolve também a ação de uma vida espiritual.

Vários autores concordam em que a vivência da religião e a participação na igreja são fatores de proteção, pois ajudam tanto a assumir com aceitação as adversidades

¹¹³¹ VANISTENDAEL, S., Cómo crecer superando los percances.

inevitáveis, quanto a lutar com esperança por uma transformação. A espiritualidade com suporte congregacional permite suportar crises e superar com recuperação, já que, na confiança na presença divina, é possível até crescer com a adversidade, sentindo que não tem somente a força dos homens, mas uma força superior. A religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para recuperação, cura e resiliência¹¹³².

Tanto sob o aspecto teórico, quanto sob o aspecto aplicado, o ser humano não pode ser dividido em duas partes: o psíquico, de um lado, e o moral e religioso, de outro. A ação evangelizadora será sempre inadequada se não se basear no conhecimento seguro dos sujeitos a que se dirige. Os progressos da Psicologia, bem como da Psicologia Positiva abrem, para a ação eclesial, não só um campo de informações, mas oferecem também algumas técnicas para conhecer e para influir em outros. A eficácia dessas técnicas adquire cada vez maior importância à medida que se dispõe de conhecimento mais adequado sobre elas.

A vida cristã, portanto, é um jeito de estar e de ser. As “pesquisas científicas logo constataram correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência”¹¹³³. Contudo, é preciso ter prudência na hora de afirmar esse correlato, especialmente quando se trata de uma fé sectária, caso a fé induza à violência contra si ou contra outros. Esse tipo de espiritualidade ou crença religiosa não poderá considerar-se promotora de resiliência, já que a resiliência é, necessariamente, um “processo de crescimento da vida”¹¹³⁴. Vale destacar que os traços sectários não devem identificar-se com as religiões não oficiais.

A espiritualidade não é um estado, mas uma forma de viver a fé cristã a partir de um impulso da graça para participar da vida divina na peregrinação terrestre, pois a consumação só terá lugar quando Deus será tudo em todos (I Cor 15, 28). A vida nova do homem exige algo mais que uma descomprometida adesão intelectual a Deus. Requer uma adesão de todo seu ser, uma entrega total a Deus. O Evangelho possibilita uma transformação através da renúncia, obediência até a morte na cruz, ressurreição e elevação, esvaziando-se de si mesmo e enchendo-se de Jesus Cristo. Por outro lado, a vivência do evangelho pressupõe um equilíbrio emocional das pessoas e não elimina a responsabilidade perante a razão. A imersão na água do batismo simboliza a ação da morte e sepultura com Cristo e a emersão simboliza a ressurreição e a vida nova¹¹³⁵.

¹¹³² HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 20-21.

¹¹³³ VANISTENDAEL, S., Cómo crecer superando los percances, p. 11-12.

¹¹³⁴ VANISTENDAEL, S., Cómo crecer superando los percances, p. 1.

¹¹³⁵ TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T., Espiritualidade e qualidade de vida, p. 16.

O processo da iniciação à vida cristã possibilita às pessoas que nele estão vivenciar e cultivar a espiritualidade cristã, por isso, ao viver situações de adversidades e de dificuldades, sempre buscará um significado para tal e o buscará superar a partir de uma vida que alcance respostas em Deus, não como passividade diante de tal situação, mas como processo de superação e segurança íntima e afetiva com o transcendente.

4.5.2. Uma vida centrada na sagrada escritura

“Tu compreendes o que estás lendo?” O eunuco respondeu: “Como poderia, se ninguém me orienta?” Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele. E o eunuco disse a Filipe: “Peço que me expliques de quem o profeta está dizendo isso. Ele fala de si mesmo ou se refere a algum outro?” Então Filipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus”¹¹³⁶.

Nos últimos cinquenta anos, a Igreja Católica está retomando o espaço da leitura bíblica na vida dos seus interlocutores e sua condição de valor fundamental na vida e na missão da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, com o grande impulso da *Dei Verbum*¹¹³⁷, que conclamou todos os pastores a um efetivo compromisso com a difusão da Bíblia quando diz que “o acesso às Sagradas Escrituras seja aberto amplamente aos fiéis”.

O percurso da história tem mostrado que a Bíblia, aos poucos, foi entrando na vida do povo pela porta da experiência pessoal e comunitária. O contato com a Palavra está para além de qualquer doutrina escrita. Daí a importância de recordar o que o papa João Paulo II, em sua visita pastoral ao Brasil em 1980, enfatizou: o caráter da mensagem como algo que marca profundamente a vida de fé do povo. Assim ele se expressou:

Quem diz mensagem diz algo mais que doutrina. Quantas doutrinas de fato jamais chegaram a ser mensagem. A mensagem não se limita a propor ideias: ela exige uma resposta, pois é interpelação entre as pessoas, entre aquele que propõe e aquele que responde. A mensagem é vida¹¹³⁸.

¹¹³⁶ BÍBLIA de Jerusalém, At 8, 30-31. 34.35.

¹¹³⁷ DV 22.

¹¹³⁸ Homilia em Porto Alegre em 5.7.1980 in Pronunciamentos do Papa no Brasil. Textos apresentados pela CNBB. 539-540.

Dessa forma, acontece a redescoberta de que a Bíblia se faz presente na vida e caminhada dos cristãos católicos, não simplesmente como um livro que lhe transmite uma doutrina, mas como uma Boa Notícia reveladora da mensagem que permanece através da presença iluminadora do espírito. “só se pode falar da presença de Cristo na Palavra e na Igreja graças à virtude do seu Espírito”¹¹³⁹.

A *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Verbum Domini* “Convida toda Igreja a um empenho pastoral para ressaltar o ponto central da Palavra de Deus na vida eclesial recomendando “incrementar a “pastoral bíblica”, não como justaposição com outras pastorais, mas sim como Animação Bíblica da Pastoral”¹¹⁴⁰; desperta o interesse real pelo encontro pessoal com Jesus Cristo na Palavra; deseja favorecer maior conhecimento da Pessoa de Jesus Cristo; salienta a importância da Animação Bíblica da Pastoral como eficácia e solidez na missão diante do fenômeno *das seitas*; acentua a necessidade de formar os fiéis no conhecimento da Bíblia, na fé da Igreja e sua tradição; destaca a necessidade de preparar os Presbíteros e Leigos para instruir e ensinar com autenticidade as Escrituras; convoca a promover comunidades, onde a Bíblia seja fonte da oração e conhecimento, segundo a fé da Igreja.

Um dos meios eficazes de contato com a Bíblia é através da *Lectio Divina*. O papa Bento XVI apresenta os passos da Leitura Orante na *Verbum Domini*¹¹⁴¹.

Começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento do seu conteúdo: *o que diz o texto bíblico em si?* Sem este momento, corre-se o risco de que o texto se torne somente um pretexto para nunca ultrapassar os nossos pensamentos. Segue-se depois a meditação (*meditatio*), durante a qual se pergunta: *que nos diz o texto bíblico?* Aqui cada um, pessoalmente, mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: *que dizemos ao Senhor, em resposta à sua Palavra?* A oração enquanto pedido, intercessão, ação de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual se assume como dom de Deus o seu próprio olhar, ao

¹¹³⁹ RIBEIRO, S. L. F., *Bíblia e Liturgia, Atualidade Teológica*, p. 510-530.

¹¹⁴⁰ VD.

¹¹⁴¹ VD 87.

julgar a realidade, e interroga: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?* São Paulo, na *Carta aos Romanos*, afirma: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito” (12,2). De fato, a contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós “o pensamento de Cristo” (I Cor 2,16). Aqui, a Palavra de Deus aparece como critério de discernimento: ela é “viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4,12). Há que recordar ainda que a *lectio divina* não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (*actio*), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade.

A leitura orante da Palavra de Deus, “mais doce do que o mel” e “espada de dois gumes”, consente de nos determos a escutar o Mestre fazendo da sua palavra farol para os nossos passos, luz para o nosso caminho. Como justamente nos lembraram os Bispos da Índia, a devoção à Palavra de Deus não é apenas uma dentre muitas devoções, uma coisa bela mas facultativa. Pertence ao coração e à própria identidade da vida cristã. A Palavra tem em si mesma a força para transformar a vida¹¹⁴².

Os passos eficazes da leitura orante da Bíblia são um caminho para contato íntimo do crente com a Palavra de Deus que ilumina sua vida, lhe dá segurança, concede-lhe ajuda nos momentos de dificuldades, alimentando sua vida de fé, para que possa encontrar propostas de ação e, acima de tudo, colocá-las em prática, isso favorece resiliência. É interessante perceber que o papa acrescenta a ação dentro da leitura orante, ou seja, a pessoa, faz a leitura do texto, medita, reza, contempla, mas tudo deve conduzir a uma ação.

O termo "resiliência" não aparece na Bíblia. Não obstante, a Bíblia está cheia de relatos de sofrimento e de testemunhos de fé de pessoas que passaram pelas mais diferentes formas de experiências: de alegria e de amparo divinos, mas também de sofrimento e de abandono. Por meio dos personagens bíblicos, a vida humana é retratada em toda a sua plenitude. Há exemplos de fé, de amor e de consagração da vida a Deus e de incredulidade, de rebeldia e de perversidade humanas¹¹⁴³.

A partir dessa proposta de ação, se pode afirmar que aí está o dado da resiliência, pois é uma fé alimentada a partir da Sagrada Escritura que traz toda uma

¹¹⁴² FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica Gaudete et exsultate 156.

¹¹⁴³ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 72.

experiência de um povo que, a todo momento, buscou ser resiliente em meios às adversidades do tempo e da história.

Neste grupo com a catequese com adultos aconteceu, em todos os encontros, a prática da leitura orante, não são poucos os relatos dos adultos que afirmam que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, conseguiu dar-lhes novamente uma razão para lutarem e para continuarem a vida, oferecendo-lhes um sentido para viver e superar-se. São depoimentos que, às vezes, se escutam não só em casos de perdas graves ou doenças, mas também em situações físicas aparentemente irreversíveis. “Talvez a resiliência seja a prefiguração mais natural da dinâmica da cruz e da ressurreição”¹¹⁴⁴.

[...] vida e morte, bênção e castigo, medo e confiança, sofrimento e cura, lágrimas e alegria, solidão e companhia, ausência e presença, mágoa e perdão, lamento e louvor, aflição e consolo, angústia e esperança, pavor e paz – poderíamos seguir muito adiante nesta dialética. Esse é o ser humano paradoxal que temos diante de nós e que a Bíblia nos apresenta. Sem essa perspectiva dialética, podemos cair no perigoso jogo já citado aqui noutras falas. São duas visões maniqueístas, dissociadas: a) A primeira, de que o cristão é sempre resiliente, de que ele é invulnerável, invencível e não pode cair, pois seria falta de fé, ou seja, de que precisamos ser heróis da fé. b) A segunda, contrária, pietista, da valorização do sofrimento, do sofrer como essência do discipulado cristão; como diz o texto “importa passar por muitas tribulações”; essa visão pode levar a um fatalismo imobilista, de que Deus quis assim, foi a vontade de Deus, etc.¹¹⁴⁵.

O encontro com Jesus Cristo é o ponto de partida fundamental da experiência cristã. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida, e com isso, uma orientação decisiva”¹¹⁴⁶.

Portanto, novo horizonte, nova orientação, encontro, são palavras fundamentais dentro do conceito do que se entende por resiliência e, por isso, se pode afirmar que, partir da Sagrada Escritura alimentada por uma vida orante de fé, é um meio eficaz para ser resiliente.

¹¹⁴⁴ VANISTENDAEL, S., *Cómo crecer superando los percances*, p. 26.

¹¹⁴⁵ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., *Sufrimento, resiliência e fé*, p. 82-83.

¹¹⁴⁶ DAp 243.

4.5.3. A participação nas celebrações litúrgicas

Aqueles que estão sendo iniciados na comunidade cristã participam das celebrações dominicais da Eucaristia, pois todo o processo é catecumenal, o próprio grupo de catequese que se reúne semanalmente para celebrar a sua vida em torno da Palavra de Deus, como lugar propício para partilhar as alegrias e tristezas do cotidiano. Pois celebrar tem vários significados: festejar, solenizar, honrar, exaltar, cercar de cuidado e de estima. O ser humano é naturalmente celebrativo por natureza. As pessoas facilmente se reúnem para celebrar aniversários, vitórias esportivas, formaturas, batizados, casamentos, funerais etc.¹¹⁴⁷.

A celebração e a festa correspondem a uma necessidade básica da convivência humana. Também se constata, nas diversas culturas, que a comemoração de qualquer acontecimento significativo para um determinado grupo veicula valores, expressa seu sentimento e – o que é mais importante – dá significado a sua existência¹¹⁴⁸.

As celebrações são por excelência Mistagógicas, pois, é a partir da mistagogia, que se mergulha na experiência. Por muito tempo racionalizou-se demais o rito, tornando-se assim, ritualismo que não ajuda a bem celebrar, vivenciar o mistério. Em linhas gerais, entendemos aqui por mistagogia a iniciação ao mistério, ou seja, trata-se de um processo que ajuda a pessoa a olhar para além do rito e do sensível, construindo a fé a partir da liturgia. “Mas a celebração enquanto tal é um dado incontestável que irrompe no cotidiano. Ela exerce um forte poder de coesão e identificação de pessoas pertencentes a um determinado grupo ou comunidade”¹¹⁴⁹.

O mundo ritual não existe em si mesmo e por si mesmo, mas sim para a salvação integral do mundo dos homens. O homem é protagonista da liturgia, em íntima dependência de Deus e em relação com Deus Salvador¹¹⁵⁰. A partir do dado da liturgia que se abre para encontros entre as pessoas, momentos celebrativos, relação com o sagrado, partilha da vida entre outros elementos, portanto, devem ser espaços de promoção de fé madura e resiliente.

¹¹⁴⁷ CALANDRO, E.; LEDO, J., *Psicopedagogia Catequética*, v. 1, p. 21.

¹¹⁴⁸ LIMA, L. A., *Evangelização, catequese e liturgia*, p. 17.

¹¹⁴⁹ LIMA, L. A., *Evangelização, catequese e liturgia*, p. 15.

¹¹⁵⁰ TERRIN, A., *Liturgia e Terapia*, p. 23.

As celebrações são elementos fundamentais da ação da vida eclesial para a promoção de pessoas resilientes, pois estes momentos podem propiciar nelas mesmas o desejo de expressarem seus sofrimentos, tristezas, decepções, perdas e, por intermédio das músicas litúrgicas, orações, partilha da vida, testemunhos, pedidos de oração espontânea, leitura e meditação da Palavra de Deus, partilhas ou da homilia, tudo isto pode ser compreendido como momento oportuno de comunhão com a comunidade de fé, consigo e com Deus.

No entanto, a celebração não está isenta de conflitos e ambiguidades, como bem observa Gérard Fourez¹¹⁵¹; “uma celebração toca profundamente as experiências humanas, que abarcam inclusive os conflitos, contradições, tensões, opressões (a nível individual e coletivo, [...]) constantemente presentes nestas experiências”. Neste caso, faz-se mister um discernimento para não cair no liturgicismo e evitar instrumentalização¹¹⁵².

Esses são momentos propícios para se promover a fé como resiliência. Bem como o efeito positivo do tempo compartilhado em família destinado para a oração e as celebrações religiosas como o *shabat*, a missa, o culto e a escola dominical, entre outras atividades¹¹⁵³.

A fé, vivida com confiança em um Deus presente e força que ajuda a superar o sofrimento, parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para o contexto religioso, lugar privilegiado para acompanhar esse processo, desafiando os estudiosos e a comunidade de fé a redimensionar com essa ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços, práticas e atividades religiosas¹¹⁵⁴.

Enfim, fica clara a capacidade e ao mesmo tempo a responsabilidade que a comunidade cristã tem na vida das pessoas. É necessário ainda continuar aprofundando outros aspectos que podem causar resiliência, mas é notório afirmar a importância do dado da experiência de fé, na espiritualidade, na centralidade da Palavra de Deus, nas celebrações litúrgicas nas pessoas que estão no itinerário da iniciação à vida cristã, pois são elementos presentes em todo o processo de iniciação. A espiritualidade, a fé e a religiosidade têm sido reconhecidas como fatores

¹¹⁵¹ GÉRARD. F., Sacramentos y vida del hombre, p. 199.

¹¹⁵² LIMA, L. A., Evangelização, catequese e liturgia, p. 16.

¹¹⁵³ GRUNSPUN, H., Criando filhos vitoriosos, p. 136.

¹¹⁵⁴ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 26.

de saúde mental justamente porque ajudam a pessoa a transcender, a enxergar além da adversidade¹¹⁵⁵.

4.6. Conclusão

De acordo com o que vimos no presente texto, o processo de iniciação à vida cristã apresenta-se como um paradigma importante para a vida de toda a Igreja, pois implica a real necessidade de formar novos cristãos no atual contexto em que estamos inseridos. Conseguimos mostrar que os processos da iniciação à vida cristã com adultos como itinerário percorrido são muito significativos e muito válidos para a toda a Igreja e devem ser assumidos como eixo da evangelização, já que levam a uma redescoberta consciente e adulta da fé, de seguimento a Jesus Cristo e inserção na vida em comunidade.

Os processos da iniciação têm uma dinâmica que é unitária, processual, contínua e gradativa, formada por quatro tempos bem determinados e três etapas que consistem nas celebrações de passagem de um tempo para outro. Os quatro tempos inspirados no RICA: querigma, catequese, purificação e iluminação e a mistagogia possibilitaram momentos de profundas experiências existenciais e conduziram o adulto ao compromisso de fé, que o fizeram experimentar, na comunidade, o seguimento a Jesus Cristo e com isso aprender a superar as situações de adversidades inerentes à vida a partir da resiliência.

Segundo o papa Francisco: “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus Cristo como Senhor”¹¹⁵⁶. O primeiro anúncio ou querigma deve ocupar o centro da atividade evangelizadora. Na boca do catequista volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”¹¹⁵⁷. Com efeito, escreve papa Francisco: “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano”¹¹⁵⁸.

A primeira coleta e a reflexão dos dados coletados aconteceram após o tempo do querigma, no tempo da catequese, tempo de aprofundamento propriamente

¹¹⁵⁵ HOCH, L. C.; ROCCA, S. M., Sofrimento, resiliência e fé, p. 29.

¹¹⁵⁶ EG 110.

¹¹⁵⁷ EG 164.

¹¹⁵⁸ EG 165.

dito. A vivência do querigma foi transformadora na vida dos adultos. Despertou e encantou e trouxe o desejo de continuidade no processo da iniciação. Na vida desses adultos o querigma teve força de parênese, ou seja, foi orientação e exortação sobre o comportamento moral, ajudando-os a transformar e rever atitudes e em alguns casos reconstruir-se, nesse sentido percebemos que o anúncio da mensagem implica em promover resiliência. São Paulo inúmeras vezes, termina suas cartas, após uma exposição doutrinal, com uma parênese (Rm 12,15; Gl 5,6; Ef 4,6). Assim como, no Antigo Testamento, Israel recebe o decálogo para viver conforme a aliança estabelecida com Deus, igualmente, no Novo Testamento, os cristãos, chamados por Deus a serem seus filhos, devem viver conforme este chamado, esta vocação. “... Se vos deixar guiar pelo Espírito, não estarão mais sujeitos à lei”... (Gl 5,18), mas “... sujeitos a graça”... (Rm 6,14). Trata-se da vivência cristã no dia a dia relatada pelos adultos.

O perdão e a reconciliação parecem ser a chave de leitura para o segundo momento da coleta de dados e da reflexão aqui proposta. O tempo da purificação e iluminação traz consigo a proposta de revisão de vida como benefício, principalmente pela capacidade de oferecer e dar o perdão, pelas atitudes de reconciliação, é evidente que há resistências por parte de quem fere ou foi ferido. Mas assumi-lo como comportamento cristão implica bem-estar e benefícios para a saúde física e mental daquele que consegue lidar com estas situações de adversidades.

O tempo da purificação e iluminação ofereceu aos adultos a possibilidade de revisão de vida, ajudando-os a lidar melhor com as emoções ligadas ao passado, o movimento pela psicologia positiva aponta que é necessário entender que nossas emoções positivas estão ligadas ao passado, ao futuro ou ao presente. Ao conhecer o modo como sentimos, pensamos e vivemos, é possível redefinir nossas emoções direcionando-as de maneira mais positiva.

No tempo da mistagogia, os adultos tiveram a experiência de receber os sacramentos da iniciação, entenderam que não é o fim do processo iniciático, há um antes, durante e depois da celebração sacramental que converge para a vida em comunidade. O dom recebido por intermédio dos sacramentos da iniciação estende-se por toda a vida, inicia assim, um tempo de graça e a oportunidade de se configurar cada dia mais, em Cristo Jesus. Aqui reside a dimensão mistagógica da iniciação. Após o recebimento dos sacramentos, o cristão é convidado a “crescer

gradualmente na fé e se tornar consciente do dom recebido e a explicitá-lo em plenitude no testemunho da vida e na pertença responsável ao povo de Deus”¹¹⁵⁹.

Fazer a experiência da mistagogia não significa romper com a realidade que envolve a pessoa, mas entrar em profunda comunhão com toda a realidade interna e externa, por isso, não é fuga de realidades, mas é ir sempre além. Tal experiência capacita a pessoa a uma vivência cotidiana repleta do amor de Deus e único caminho de valorização e dignidade para a realidade onde a pessoa está inserida, isto é, a capacidade de resiliência de viver mergulhado na mística cristã e a partir dela encontrar forças para superar as situações difíceis da vida e sair de forma melhor.

O processo da iniciação à vida cristã insere a pessoa na vida eclesial, esse novo paradigma faz-se necessário em face de uma sociedade permeada pela secularização e o hedonismo onde prevalecem o consumismo e o individualismo. A iniciação à vida cristã acontece na comunidade é em si resgate de valores importantes de vínculo e de relações interpessoais, em um momento social onde têm aumentado fortemente a perda dos valores cristãos, a Igreja é chamada a buscar novos meios de evangelização, mas que sejam eficazes.

Fazer toda essa reflexão dos processos da iniciação à vida cristã, a partir do construto da resiliência, é lidar com situações concretas do cotidiano, significa levar em consideração a vida; vida que necessita sempre florescer, com isso é necessário desenvolver a resiliência. A motivação de qualquer pessoa para fazer alguma coisa, está condicionada à sua capacidade de acreditar em um futuro melhor e agir positivamente em função dele. Portanto, a resiliência representa um recurso social e pessoal fundamental para qualquer pessoa que busca uma vida mais positiva. Com isso, percebemos que a concretização do processo da iniciação à vida cristã é a ação pastoral fiel ao Concílio Vaticano II que foi, essencialmente, sobre a preocupação com a vida da pessoa em suas tristezas e alegrias; possibilita a renovação das comunidades, pois um autêntico processo de iniciação é capaz de envolver toda a comunidade eclesial, enfim, esse processo é atenção aos sinais dos tempos, à realidade pastoral.

¹¹⁵⁹ FORTE, B., Breve Introdução aos Sacramentos, p. 41.

5. Conclusão

O atual contexto nos acena para abraçarmos uma nova postura evangelizadora, vivemos em tempo de “nova evangelização”, momento de grande esperança. Sabemos que os ‘sinais dos tempos’ nos impulsionam para uma conversão pastoral. Assim como as primeiras comunidades cristãs encontraram soluções para os processos de iniciação para a transmissão da fé, a Igreja hoje propõe este novo paradigma chamado iniciação à vida cristã, em face a uma missão emergente e exigente: despertar nas pessoas a fé em Jesus Cristo e seu consequente seguimento.

É nesse paradigma que a Igreja se abre para um alvorecer e para favorecer processos de iniciação consistentes visando formar homens e mulheres para serem cristãos do século XXI.

Os ‘sinais dos tempos’ demandam um novo olhar para a ação evangelizadora da Igreja. O Movimento Catequético trouxe repercussões muito positivas para a ação evangelizadora no que diz respeito à transmissão da fé e o desejo de formar discípulos-missionários. A consolidação desse movimento e de suas consequências trazem um panorama para o hoje da nossa história. Precisamos olhar para trás para perceber que a proposta da iniciação à vida cristã é uma resposta para uma ação eficaz como Igreja.

A realidade na qual estamos inseridos nos pede novas atitudes em relação à ação evangelizadora a partir de processos que visem a realização de uma autêntica iniciação à vida cristã. A mudança de época que vivemos traz consigo um arcabouço de inquietações e nos leva a reconhecer a necessidade de fortalecer e aprofundar tal iniciação a partir da conversão pastoral da Igreja em casa da iniciação. Muitos são os entraves e desafios pastorais para a efetivação dessa proposta. Apesar de os documentos eclesiais acenarem que ela é a resposta aos novos tempos, ainda percebemos que existem desafios e dificuldades a serem enfrentados para a realização dos processos de iniciação à vida cristã naquilo que diz respeito às questões socioculturais e pastorais das comunidades cristãs.

É preciso atenção a partir da realidade *ad intra* e *ad extra*, pois não podemos rejeitar as transformações e avanços que afetaram a Igreja e a sociedade nas últimas décadas. Diante disso, as comunidades cristãs foram expostas ao pluralismo e ao secularismo, o que sugere em si o desenvolvimento da capacidade para o diálogo com a modernidade. Nesse sentido, é necessário apresentar uma proposta de iniciação à fé cristã que vá para além de uma transmissão de conteúdos da fé. A atenção aos ‘sinais dos tempos’ dentro de um contexto de mudanças nos impulsiona a ‘repensar’ e ‘relançar’ a iniciação à vida cristã no atual cenário evangelizador da Igreja hoje.

Favorecer a experiência de um processo de iniciação à vida cristã dentro de um itinerário catequético com inspiração catecumenal nos dias atuais será produzir “uma Igreja em saída”, e nos fará assumir a iniciação à vida cristã dentro de um itinerário catequético na perspectiva dos adultos como paradigma evangelizador.

Isso requer novas atitudes e novas estruturas, rompendo com a simples adequação ao já existente hoje. Urge darmos um salto significativo na ação e missão evangelizadora da Igreja, onde somos impelidos a ultrapassar os limites de uma ‘pastoral de conservação’ para uma pastoral ‘decididamente missionária’. Os processos de iniciação respondem àquilo que o ser humano de hoje necessita vivenciar, possibilita profundas, precisas e concisas experiências de fé por meio da inspiração catecumenal. É chegada a hora de repropor itinerários catequéticos de amadurecimento da fé com metodologias capazes de suscitar discípulos-missionários e gerar a consciência de uma ação transformadora em uma sociedade necessitada de atitudes coerentes com a prática cristã.

No esforço de darmos nossa contribuição nos propusemos a realizar este trabalho, cujo foco foram os processos de iniciação à vida cristã a partir do novo paradigma da psicologia positiva com o construto da resiliência. A realidade que nos interpela é desafiante, com este fenômeno da “mudança de época”, que abala as estruturas, afetando os critérios de valores e de compreensão do ser cristão. Mas é nesse contexto que existe uma saída pertinente: a ação evangelizadora por intermédio da iniciação à vida cristã.

O construto da resiliência é um assunto muito recente na literatura científica das ciências humanas e, durante esta pesquisa, observamos uma escassez de trabalhos e artigos científicos sobre o tema na área da teologia. Foi mais fácil encontrar

trabalhos de outras áreas que abordem o tema, considerando a resiliência a partir de uma perspectiva mais útil para cada área em si, do que da teologia. Ainda assim, ficam evidentes as múltiplas variações do conceito na literatura científica à medida que analisamos os poucos trabalhos que existem sobre o assunto, por isso, partimos da psicologia positiva, como um novo movimento, usando-a como aparato para nossa reflexão entre os processos de iniciação à vida cristã que possibilitam à pessoa percorrer um caminho de experiência de fé dentro de um itinerário e, nesse contexto, buscamos perceber a promoção de resiliência na vida dessas pessoas que optaram por percorrer esse itinerário catequético.

Fizemos um percurso sobre o construto da resiliência através da literatura sobre o assunto, bem como a sua correlação com a experiência de fé que os processos de iniciação à vida cristã possibilitaram aos adultos. Ficou evidente que a literatura sobre a resiliência ainda sofre dificuldades de teorizações e terminologia. Abordamos a resiliência como um processo em que pessoas lidam com situações de adversidades de maneira a superá-las, e tornam-se mais desenvolvidas a partir desse enfrentamento, mais autorrealizadas e conseguem viver bem apesar das situações vividas, a experiência de fé dessas pessoas tornou-as resilientes.

Foi um grande desafio estabelecer a aproximação entre os processos de iniciação à vida cristã e a resiliência, pois estamos lidando com dois novos paradigmas, e a revisão bibliográfica sobre a possível junção do tema abordado é quase nula. Com isso, nos propusemos a oferecer algumas contribuições. O estudo sobre resiliência leva a navegar por mares mais profundos, esse construto trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou uma pessoa em uma direção que ela gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o leva desgovernadamente e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve lutar para não se deixar arrastar pela inclinação natural das situações adversas que o fazem navegar aos trambolhões, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação.

A presente revisão sobre os processos de iniciação à vida cristã a partir do construto da resiliência nos coloca alguns desafios e, ao mesmo tempo, nos impulsiona, como Igreja-comunidade de fé, a assumir aquilo que é próprio de sua identidade, conforme conclamou o Concílio Vaticano II, que possamos ser sinal de esperança em um mundo de tristezas, angústias e dores, superando a visão determinista e pessimista que não contribuiu em nada para o bem-viver. Os processos de iniciação à vida cristã possibilitaram aos interlocutores adultos, a partir da fé vivida na comunidade cristã, a promoção de pessoas e grupos resilientes.

Com o presente estudo apresentamos que os processos de iniciação à vida cristã podem promover resiliência na vida daqueles que estão sendo iniciados na experiência da fé cristã. De acordo com os resultados obtidos pudemos concluir que os adultos que fizeram esse processo de iniciação à vida cristã, e que foram por nós analisados através da construção das categorias e subcategorias temáticas, apresentam níveis satisfatórios, por meio da experiência da fé cristã, em todo o itinerário percorrido para a promoção de resiliência, o que lhes permite ultrapassar as dificuldades e adversidades inerentes à vida.

Consubstanciando a hermenêutica das categorias e subcategorias, pareceu ser relevante compreender a dinâmica dos processos de iniciação à vida cristã nos tempos do itinerário catequético, e entender como a experiência da fé cristã vivenciada pelos adultos no conjunto do itinerário e dos momentos fortes de celebração favoreceu e promoveu resiliência.

Nesta investigação nos deparamos com algumas limitações, tais como a dificuldade em encontrar uma amostra maior, ou até mesmo fazer a comparação com outras realidades de catequese com adultos a partir da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, mas nossa pesquisa delimitou ao campo de investigação a paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, na cidade de Diadema.

Como perspectivas para investigações futuras, sugerimos o desenvolvimento de estudos similares com outros grupos, sejam jovens, adolescentes ou crianças que estão no itinerário da iniciação à vida cristã. Também seria relevante, em estudos futuros, aprofundar a força que a proposta deste novo paradigma evangelizador da iniciação à vida cristã tem em sua estrutura: a capacidade de acolhida na vida eclesial, ser acolhido para a vivência na vida em comunidade e o

que isto promove enquanto esperança, otimismo, bem-estar e resiliência nas pessoas.

Acreditamos que o trabalho cumpriu os objetivos a que se propôs: a presente tese procurou apresentar algumas contribuições que os processos de iniciação à vida cristã possibilitaram aos adultos para que fizessem uma profunda experiência de fé, tendo esta se tornado suporte para superar as situações de adversidades da vida, bem como os fatores capazes de gerar indivíduos resilientes, fazendo com que pessoas e grupos vivam uma vida mais ética, feliz e segura. Dessa forma, o trabalho demonstrou que a partir dos processos de iniciação à vida cristã com a inspiração catecumenal, com o grupo específico dos adultos entrevistados, apareceram características comuns onde se percebeu a promoção de resiliência.

O presente estudo pretendeu ser uma contribuição para a compreensão dos processos de iniciação à vida cristã como promotores de resiliência com o grupo da catequese com adultos. Desde a renovação do Concílio Vaticano II até os dias atuais, em seus diversos documentos, a Igreja tem reiterado o seu desejo de restabelecer e fortalecer a proposta do catecumenato. Sendo assim, acreditamos que a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal é o meio ordinário e indispensável para a introdução à vida cristã, para a vida de comunidade-Igreja. Pela iniciação à vida cristã, a pessoa é inserida no mistério pascal de Cristo. Como afirmado no decorrer da pesquisa, o estudo em relação aos processos da iniciação à vida cristã nos faz acreditar com firme convicção que somente por meio deste processo consistente e integral podemos levar o homem e a mulher do atual contexto do mundo contemporâneo a um verdadeiro encontro pessoal e comunitário com a pessoa de Jesus Cristo, capaz de mudar toda a sua história e dar um verdadeiro sentido de vida, favorecendo assim a promoção de resiliência.

6. Referências bibliográficas

AA.VV. **A celebração litúrgica**: experiência, expressão e proclamação de fé. Liturgia e Pastoral da fé. Aveiro: Secretariado Nacional de Liturgia, 1986.

AGOSTINI, N. **As conferências episcopais**. São Paulo: Santuário, 2007.

ALBERICH, E. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004.

_____. Um novo paradigma para a catequese num mundo em mudança. **Revista de Catequese**, São Paulo, v. 26, n. 101, 2003.

ALBERICH, E.; BINIZ, A. **Formas e modelos de catequese com adultos**: panorama internacional. São Paulo: Salesiana, 2001.

_____.; _____. **Catequese com adultos**: elementos de metodologia. São Paulo: Salesiana, 2001.

ALDAZÁBAL, J. **Dicionário Elementar de Liturgia**. Portugal: Paulinas, 2007.

_____. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ALLPORT, G. W. **Personalidade**. São Paulo: Herdar. 1966.

ALMEIDA, A. J. **ABC da Iniciação Cristã**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2012.

ALMEIDA, J. T. O Santuário de Nossa Senhora Aparecida no eixo das transformações da Igreja Católica no Brasil: 1890-1931. In: **Anais do Simpósio do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina – Área Brasil (CEHILABR) – As Muitas faces do Cristianismo**. Goiânia, 2005.

AMADO, J. P. **Catequese num mundo em transformação**: desafios do contexto sócio-cultural, religioso e eclesial para a iniciação cristã. 3ª Semana Brasileira de Catequese: CNBB, 6-11 out. 2009.

_____. Experiência eclesial em mundo urbano: pressupostos e concretizações 2. parte. **Atualidade Teológica**, v. 9, 2001.

_____. **Viver e transmitir a fé no mundo Urbano**. Testigos de Aparecida. Bogotá: CELAM, Secretaria General, 2008.

AMATUZZI, M. M. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

ANAUT, M. **A resiliência**: ultrapassar os traumatismos. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

ANDRADE, D. R. **Reinventar a paróquia?** Sonhar em tempo de incertezas. São Paulo: Loyola, 2006.

ANJOS, M. F. **Experiência religiosa**: risco ou aventura? São Paulo: Paulinas, 1998.

- ANTONIAZZI, A. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. **Magis Cadernos de Fé e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 83-109, ago. 2002.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de *coping*: uma revisão teórica. **Estudos de psicologia** [versão eletrônica], 1998.
- ARAÚJO, A. C. **Novas Ideias em resiliência**. São Paulo: Hermes, 2008.
- ASSEMBLEIA GERAL, 12., 1978, Porto Alegre, **La Universidad Católica camino del pluralismo cultural al servicio de la Iglesia y de la Sociedad**. Federacion Internacional de las Universidades Católicas, 21-24 ago. 1978.
- ASSIS, G. S.; PESCE, P. R.; AVANCI, Q. J. **Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes**. São Paulo: Artmed, 2006.
- AUBRY, A. **Le projet pastoral du rituel de l'initiation des adultes**. *Ephemerides Liturgicae* 87, 1974.
- AUGÉ, M. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- ÁVILA, A. **Para conhecer a Psicologia da Religião**. São Paulo: Loyola, 2003.
- BALLONE, G. J. **William James**. PsiqWeb. 2005. Disponível em: <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- BAPTISTA, A. **Estudo sobre as práticas religiosas e sua relação com a saúde mental de idosos: um estudo na comunidade**. São Paulo: Vozes, 2004.
- BARBOSA, G. S. Os pressupostos nos Estilos Comportamentais de se expressar resiliência. In: KREINZ, G.; PAVAN, O. H.; GONÇALVES, R. M. (Orgs.). **Divulgação científica: enfrentamentos e indagações**. São Paulo: NJR; USP, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BENEDETTI, L. R. A religião na cidade. In: ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. (Orgs.). **A presença da Igreja na cidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BENTO XVI, PP. **A porta da fé (porta fidei)**. Carta Apostólica do Papa Bento XVI com a qual se proclama o Ano da Fé. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. **Carta Apostólica Porta Fidei**. São Paulo: Paulinas, 2012
- _____. **Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- _____. **Sacramentum Caritatis**. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 2007.
- BEOZZO, J. O. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: EDUCAM, 2005.
- BÉRAUDY, R. Os escrutínios e os exorcismos. In: Concilium. **Revista Internacional de Teologia**, Petrópolis, v. III, fasc. 22, p. 60-64, 1967.
- BERNARD, A. C. **Teologia Mística**. São Paulo: Loyola, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2011.

BIEMMI, E. La dimensione missionária della catechesi: il convegno ECC nel cuore della problemática del primo annuncio. **Catechesi**, v. 78, n. 3, p. 2-8, 2008-2009.

BINGEMER, M. C. L. A fé cristã na contemporaneidade: rumos e desafios. **Persp. Teol.**, 41, 2009.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Vida para além da morte**: o presente; seu futuro, sua festa, sua contestação. Petrópolis: Vozes, 2012.

BONG-JAE, L. Moderating Effects of Religious/Spiritual Coping in the relation between perceived stress and psychological well-being. **Pastoral Psychology**, 55, p. 751-759, 2007.

BOROBIO, D. **Aula de Teología de la Universidad de Cantabria**. Ciclo II: La Celebración de los Sacramentos, Hoy. El catecumenado y su situación en la Iglesia actual.. Santander: Universidad Pontificia Salamanca, 2007.

_____. (Org.). **A Celebração na Igreja**: Liturgia e Sacramentologia. v. I. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **A Celebração na Igreja**: os sacramentos. v. II. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Catecumenado e Iniciación Cristiana**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.

_____. **Catecumenado para la evangelización**. Madrid: San Pablo, 1997.

_____. Catecumenado. In: SARTORE, D.; TRIACCA, M. **Nuevo diccionario de liturgia**. Madri: Paulinas, 1987.

_____. **Celebrar para viver**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Iniciación cristiana**. Madrid: Sígueme, 1996.

BORRIELLO, L. et al. **Dicionário de mística**. São Paulo: Paulus, 2003.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BRADBURN, N. M. **The structure of psychological well-being**. Chicago: Aldine, 1969.

BRAIDO, P. **Lineamenti di storia della catechesi e dei catechismi**: dal tempo delle riforme all'età degli imperialismi (1450-1870). Leumann (Turim): Elledici, 1991.

BREAKWELL, G. M. et al. **Métodos de Pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2010.

BRIAN, I. **Liturgia depois da Liturgia**. Dicionário do Movimento Ecumênico. 2. ed. Genebra; Petrópolis: Vozes, 2003.

BRIGHENTI, A. **A missão evangelizadora no contexto atual**: realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **A pastoral dá o que pensar:** a inteligência da prática transformadora da fé. Valência: Siquem/Ed. Catequéticas y Litúrgicas; São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. Enfasis pastorales de la Iglesia en América Latina y el Caribe en los últimos 50 años. **Revista Medellín**, Bogotá, Colombia, v. 31, set. 2005.

_____. **Metodologia para um planejamento participativo.** São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Reconstruindo a esperança:** como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo: Paulus, 2000.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BRUSTOLIN, L. A.; RODRIGUES, M. M. A renovação da catequese na América Latina e Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 193-204, maio/ago. 2009.

BUBER, M. **Eu Tu.** 5. ed. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BÜRKI, H. **Psicologia e a Realidade da Fé Cristã.** São Paulo: ABU, 1979.

BUYST, I. Mistagogia hoje: como e quando? **Revista de liturgia**, n. 202. jul./ago. 2007.

_____. **O Segredo dos Ritos:** ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã, São Paulo: Paulinas, 2011.

CABIÉ, H. V. A iniciação cristã. In: MARTIMORT, A. G. **A Igreja em oração.** Introdução à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1991.

CALANDRO, E.; LEDO, J. **O Saber e o saber fazer a catequese:** roteiro de formação com catequistas. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____.; _____. **Psicopedagogia Catequética.** v. I. Crianças. São Paulo: Paulus, 2010.

_____.; _____. **Psicopedagogia Catequética.** v. II Adolescentes e jovens. São Paulo: Paulus, 2010.

_____.; _____. **Psicopedagogia Catequética.** v. III. Adultos. São Paulo: Paulus, 2010.

_____.; _____. **Psicopedagogia Catequética.** v. IV. Pessoa Idosa, São Paulo: Paulus, 2011.

CAMARGO, G. C. M. A Iniciação Cristã de Adultos. In: CELAM. **Manual de Liturgia:** a celebração do mistério pascal: os sacramentos: signos do mistério. v. III. São Paulo: Paulus, 2005.

CAMBRIDGE, M. P.; HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CAMPBELL, J. **Isto é tu:** redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy, 2002.

CAMPO GUILARTE, M. Iniciación cristiana y catequesis. In: CAÑIZARES, A.; CAMPO, M. **Evangelización, Catequesis, Catequistas**. Madrid: EDICE, 1999.

CARR, A. **Psicologia Positiva**. La ciência de La felicidad. Barcelona: Paidós Ibérica, 2007.

CASPANI. **La pertinenza teológica della nozione di iniziazione cristiana**. Milano, 1999. (Dissertatio series mediolanensis, 7).

CASTELLANO, J. La iniciación cristiana y el camino espiritual. **Phase**, Barcelona, v. 61, n. 246, 2001.

CASTRO, C. **Por uma fé cidadã**. São Paulo: Loyola, 2000.

CASTRO, R. La investigación sobre apoyo social en salud: situación actual y nuevos desafíos. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 4, p. 1-16, 1997.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELAM. **A caminho de um novo paradigma para a Catequese**. III Semana Latino-Americana de Catequese, Bogotá 1-5 maio 2006. Brasília: Edições CNBB, 2008.

_____. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Medellín, 1968. São Paulo: Paulinas, 1968 .

_____. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007.

_____. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina**: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. **Manual de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Manual de Liturgia**. v. II. A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Manual de Liturgia**. v. III. A celebração do mistério pascal: os sacramentos: signos do mistério. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã “Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre”**: conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Santo Domingo, 1992. São Paulo: Loyola, 1993.

CERQUEIRA, R. **Construção do Sentido de Religiosidade no Território da Vida: Compreensão do Sofrimento Psíquico**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

CHUPUNGO, A. J. Nozione di Liturgia. In: _____. **Scientia Liturgica**. v. I. Piemme, 1998.

CIPOLLINI, P. C. A Igreja e seu rosto histórico, modelos de Igreja e modelo de Igreja na cidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, 61, fasc. 244, dez. 2001.

- CIPRIANO, S. De unitate. In: CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CIRILO DE JERUSALÉM, Santo. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CNBB. **Animação da vida litúrgica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1989. (Doc. 43).
- _____. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: Ed. CNBB, 2009. (Sub. Dout. 4).
- _____. **Catequese renovada: orientações e conteúdo**. São Paulo: Paulinas, 1983. (Doc. 26).
- _____. **Com adultos, catequese adulta**. São Paulo: Paulus, 2001. (Estudo 80).
- _____. **Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia**. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).
- _____. **Diretório Nacional de Catequese**. Texto aprovado pela 43ª Assembleia Geral, em Itaiaci – Indaiatuba (SP). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 84).
- _____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora: 2003-2006**. São Paulo: Paulinas, 2003. (Doc. 71).
- _____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010**. Brasília: Edições CNBB, 2008. (Doc. 87).
- _____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015**. Brasília: Edições CNBB, 2011. (Doc. 94).
- _____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2015-2019**. São Paulo: Paulinas, 2015. (Doc. 102).
- _____. **Formação de Catequistas**. São Paulo: Paulus, 1997. (Estudo 59).
- _____. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).
- _____. **Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal**. Brasília: CNBB, 2009. (Estudo 97).
- _____. **Itinerário catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal**. Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- _____. **O itinerário da fé na iniciação cristã dos adultos**. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. **O Seguimento de Jesus Cristo e a Ação Evangelizadora no Âmbito Universitário**. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- _____. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2004. (Doc. 76).
- _____. **Projeto Nacional de Evangelização: o Brasil na Missão Continental**. Brasília: CNBB, 2008. (Doc. 88).
- _____. **Segunda semana brasileira de catequese: catequese com adultos**. Histórico, abertura, conteúdos, propostas e compromissos, documentos. São Paulo: Paulus, 2002. (Estudo 84).

CÓDIGO de Direito Canônico. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

COMBLIN, J. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. As grandes incertezas da Igreja atual. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 67, fasc. 265, jan./mar. 2007.

_____. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal**. Petrópolis: Vozes, 1985.

COMISSÃO Episcopal de catequese e pastoral Bíblica da Argentina. Isca. Módulo 0. El “Hoy” de la Iniciación Cristiana.

COMISSÃO Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética; CNBB. **3ª Semana Brasileira de Catequese**: iniciação à vida cristã. Brasília: Edições CNBB, 2010.

COMISSÃO Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética. **Itinerário Catequético**: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal. 4. ed. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. In: VIER, F. F. OFM (Coord.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. **Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. Discurso do papa João XXIII Gaudet Mater Ecclesia na abertura solene do Concílio Vaticano II. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Vaticano II**: Mensagens, Discursos e Documentos São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. **Christus Dominus**. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Documentos do Vaticano II, 1965. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. **Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje**. Documentos do Vaticano II, 1965. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. Declaração Gravissimum Educationis. In: _____. **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja. In: _____. **Vaticano II**: Mensagens, Discursos e Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Decreto Apostolicam Actuositatem. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. **Decreto Presbyterorum Ordinis**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1965.

_____. **Dei Verbum**. Decreto do Concílio Vaticano II sobre a revelação. São Paulo: Paulinas, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20071203_notaevangellizzazione_po.html>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **Diretório Geral para a Catequese**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSTITUIÇÃO LUMEN GENTIUM. In: KLOPPENBURG, F. B. (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos e declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUADERNOS DE SCALA. **Iniciación cristiana y cambio de época**. v. III. Montevideo: Sicut Serpentes, 2015.

CYRULNIK, B. **Autobiografia de um espantallo: Histórias de resiliência: o retorno à vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **De corpo e alma**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Falar de amor à beira do abismo**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana**. Tradução: Ana Robaça. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DALGALARRONDO, P. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 177-178, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28n3/06.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DELL'AGLIO, D; KOLLER, S. H; YUNES, A. (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DERROITTE, H. Iniziazione e rinnovamento catechetico. Criteri per una rifondazione della catechesi parrocchiale. In: DERROITTE, H. **Catechesi e iniziazione Cristiana**. Leumann (Torino): Elledici, 2006.

DICIONÁRIO infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/experiencia>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DIDAQUÉ. **O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

DIENER, E. Subjective well-being in cross-cultural perspective. In: GRAD, H.; BLANCO, A.; GEORGAS, J. (Ed.). **Key issues in cross-cultural psychology: selected papers from Twelfth International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology**. Lisse: Swets & Zeitlinger, 1996.

- _____. Subjective well-being. **Psychological Bulletins**, v. 95, n. 3, 1984.
- DIENER, E.; LUCAS, R. E. Subjective emotional well-being. In: LEWIS, M.; HAVILAND, J. M. (Orgs.). **Handbook of emotions**. 2. ed. New York: Guilford, 2000.
- DOTRO, R. P.; HELDER, G. G. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2006.
- DROGUETT, J. G. **Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DRVARIC, L. et al. High Stress, Low Resilience in People at Clinical High Risk for Psychosis: Should We Consider a Strengths-Based Approach? **Canadian Psychology Association**, v. 56, n. 3, p. 332-347, 2015.
- DUCKWORTH, A. L.; STEEN, T. A., SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology in clinical practice. **Annual Review of Clinical Psychology**, 1, p. 629-651, 2005.
- DUJARIER, M. **A Survey of the History of the Catechumenate**. Becoming a catholic Christian, New York: Sadlier, 1979.
- DUTRA, S. G. **A Paróquia na Cidade: Análise de algumas contribuições da “Teologia da Cidade” para a superação da mentalidade da paróquia territorial-rural-tridentina**. Roma: Pontifícia Universidade Lateranense, 2000-2001.
- ELIADE, M. **Iniciaciones místicas**. Taurus: Madrid, 1975.
- _____. **Origens: história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FABRY, J. B. **A Busca do Significado**. São Paulo: ECE, 1984.
- FARO, A.; PEREIRA, M. E. Estresse: Revisão Narrativa da Evolução Conceitual, Perspetivas Teóricas e Metodológicas. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, 14, p.78-100, 2013.
- FERNANDES, S. R. A. (Org.). **Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações**. Rio de Janeiro: Salesiana; CNBB, 2006.
- FIORES, S.; GOFFI, T. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FISICHELLA, R. **Introdução à Teologia Fundamental**. Tradução: João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2000.
- FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva. 1988.
- FLORISTÁN, C. **Catecumenato: história e pastoral da iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **Para compreender a paróquia**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988.
- _____. **Para compreender o catecumenato**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988.
- _____. **Teología práctica**. Teoria y Praxis de la acción pastoral. Salamanca: Sígueme, 2002.
- FORTE, B. **Biblioteca di Teologia Contemporanea: la trasmissione della fede**. Brescia (Italia/EU): Queriniana, 2014.

- _____. **Breve Introdução aos Sacramentos**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. **Introdução aos sacramentos**. São Paulo: Paulus, 1996.
- FOSSION, A. Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise. **Nouvelle Revue Théologique**, 126, p. 598-613, 2004.
- FOWLER, J. W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FOWLER, R. D.; SELIGMAN, M. E. P.; KOOCHER, G. P. The APA 1998 Annual Report. **American Psychologist**, 54, 1999.
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- _____. **Exortação Apostólica Gaudete et exultate**. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. **Lumen Fidei**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FREUD, A. **Le normal et le pathologique chez L'Enfant**. Paris: Gallimard, 1987.
- _____. **The writings of Anna Freud: research at the Hampstead Child-Therapy Clinic and other papers**. v. 5. New York: International Universities Press, 1969.
- FREUD, A.; BURLINGHAM, D. **Infants without families**. Londres: George Allen, 1965.
- FROH, J. Positive emotions. In: LOPEZ, S. J. **The Encyclopedia of Positive Psychology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- FUENTES, V. **Espiritualidade pastoral**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GABLE, S. L.; HAIDT, J. What (and why) is positive psychology. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, 2005.
- GAMARRA, S. **Teología espiritual**. Madrid: BAC, 1994.
- GARASSINI, C. M. E.; TRUJILLO, C. **La felicidad duradera**. Estudios sobre el bien estar em la Psicología Positiva. Caracas: Editorial Alfa, 2012.
- GÉRARD, F. **Sacramentos y vida del hombre: celebrar las tensiones y los gozos de la existência**. Santander: Sal Terrae, 1983.
- GIUSSANI, L. **Passos da experiência cristã**. São Paulo: Companhia ilimitada, 2006.
- GOLDSMITH, J. S. **A arte de curar pelo espírito**. São Paulo: Alvorada, 1976.
- GOULART, P. M. Sem medo do desemprego: o caso do movimento dos trabalhadores desempregados. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 137-160, jan./jun. 2003.
- GOYA, B. **Vida espiritual entre Psicologia e Graça**. Tradução: Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Vozes, 2009.
- GRILLO, A. **Liturgia, momento histórico da salvação na SC e nos demais documentos do Concílio**. Exposição no Seminário Nacional de Liturgia. Itaiç, SP, 2012.

- _____. **Ritos que Educam: os sete sacramentos.** Brasília: Edições CNBB, 2017.
- GRIZONA, R. La catequesis en América Latina, orientaciones del magisterio: de Medellín a Puebla, de Puebla a Santo Domingo. **Revista Medellín**, Bogotá, Colombia, n. 72, Catequesis latino-americana: del V Centenario al III Milenio. ITEPAL/CELAM, Bogotá, 1992.
- GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____. **La resiliencia en el mundo de hoy.** Barcelona: Gedisa editorial, 2003.
- GRUEN, W. Novos sinais dos tempos para o cultivo da fé. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 36, n. 100, p. 379-406, 2004.
- GRUNSPUN, H. **Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência.** São Paulo: Atheneu, 2005.
- GUERREIRO, S. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro.** São Paulo: Paulinas, 2006.
- HERLLER, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões.** 13. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.
- HIEW, C. et al. Measurement of resilience development: preliminary results with a state-trait resilience inventory. **Journal of learning and curriculum development**, 1, 2000.
- HILL, P. C.; PARGAMENT, K. I. Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research. **Psychology of Religion and Spirituality**, 1, p. 3-17, 2008.
- HIPÓLITO. Tradição Apostólica. In: NOVAK, M. G. (Trad.); GIBIN, M. (Intr.) **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma.** Liturgia e Catequese em Roma no século III. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- HOCH, L. C.; ROCCA, S. M. **Sufrimento, resiliência e fé: implicações para a relação de cuidado.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- HOUAISS, A.; AVERY, C. S. (Org.) **Novo Dicionário Bares de Línguas inglesa e portuguesa.** v. I. Nova Iorque: Appleton-century Crofts, 2008.
- HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. In: KOLLER, S. H. (Org.) **Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida.** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996. (Coletâneas da ANPEPP, n. 12, p. 79-86).
- INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- INHAUSER, M. **Opção pela vida: o segredo da vitória sobre as perdas.** Campinas: United Press, 2000.
- INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL CATEQUÉTICA. **O itinerário da fé.** Petrópolis: Vozes, 1965.
- JAMES, W. **A vontade de crer.** São Paulo: Loyola. 1896/2001.

_____. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1902/1991.

_____. **As variedades da experiência religiosa**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JOÃO PAULO II, PP. **A experiência de fé como misericórdia e reconciliação a partir da Encíclica Dives in Misericordia**, 1980.

_____. **Carta Encíclica Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Exortação Apostólica Catechesi Tradendae**: sobre a catequese hoje. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Exortação Apostólica Christifideles Laici**. Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in América**. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. **Fides et Ratio**: sobre a relação entre fé e razão. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. **Viagem apostólica do Santo Padre ao Brasil**: 30 de junho a 12 de julho de 1980, discurso do Papa João Paulo II aos bispos do Brasil. Fortaleza, 10 de julho de 1980.

JOÃO XXIII, PP. **Carta Encíclica Mater et Magistra sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã**. São Paulo: Paulinas, 1984.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança [Versão eletrônica]. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 227-235, 2003.

KENP, R. **A journey in faith**: an experience of the catechumenate. Chicago: Sadlier, 1979.

KITZINGER, J.; BARBOUR, R. Introduction. In: _____. **Developing focus group research**: politics, theory and practice. London: Sage, 1999.

KLOPPENBURG, F. B. OFM. **O Espiritismo no Brasil**. Estudos 1. Petrópolis: Vozes, 1960.

KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LACOSTE, J. Y. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução: Paulo Menezes. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LADARIA, L. F. **Introdução à Antropologia Teológica**. São Paulo: Loyola, 1998.

LANGER, W. Catechismo (criteri). **Dicionário Catechetico**. Vaticano: Editrici, 2013.

LAROUSSE CULTURAL. **Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROUSSE, K. **Pequeno dicionário enciclopédico**. Rio de Janeiro: Larrouse do Brasil, 1999.

LATOURELLE, R; FISICHELLA, R. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

LAUMANN. **Dizionario di Catechética**. Torino, 1987.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. Coping and Adaptation. In: GENTRY, W. D. **Handbook of Behavioral Medicine**. New York: The Guilford Press, 1984.

_____.; _____. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1994.

LELO, A. F. A iniciação cristã no Brasil. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 27, n. 107, p. 5-18, jul./set. 2004.

_____. **A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. Aplicação do RICA no Brasil. **Revista de catequese**, São Paulo, ano 27, n. 108, p. 5-20, out./dez. 2004.

LEÓN OJEDA, F. J. **La iniciación Cristiana**. Bogotá: Publicaciones CELAM, Misión Continental 2, 2016.

LIBANIO, J. B. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Cenários da Igreja: num mundo plural e fragmentado**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Plausibilidade do cristianismo histórico no mundo atual. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1., n. 1, p. 9-23, 1997.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M.; COELHO, A. E. L. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: DELL'AGLIO, D.; KOLLER, S. H; YUNES, A. (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIMA, L. A. A catequese do Sacramento da Penitência. In: CNBB. **Deixar-vos Reconciliar**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **A catequese do vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. A catequese no Brasil. In: BELINQUETE, J. (Coord.) **História da Catequese nos países de língua portuguesa**. v. II. Lisboa: Gráfica Coimbra, 2011. p. 1445-1505.

_____. A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a iniciação cristã. In: CNBB. **Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética**. 3ª Semana Brasileira de Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2010.

_____. **Discípulos e missionário de Jesus Cristo**. Síntese dos temas da III Semana Latino-Americana de Catequese. Revista de catequese, São Paulo, n. 114, abr./jun. 2006.

_____. **Evangelização, catequese e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. Iniciação à vida cristã: paradigma de transmissão da fé. **Revista de Catequese**, v. 30, n. 117, jan./mar. 2009.

LINDSTRÖM, B. **O significado de resiliência**. Adolescência Latino-americana [versão eletrônica], 2001

LIPOVETSKY, G. **A sociedade da Decepção**. Entrevista coordenada por Bertand Richard. São Paulo: Manole, 2007.

_____. **O crepúsculo do dever**: a ética indolor dos novos tempos democráticos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPP, M. E. N. O Modelo Quadrifásico do Stress. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **Mecanismos Neuropsicofisiológicos do Stress**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Lipp, M. E. N. (Org.). **Pesquisas sobre stress no Brasil**: Saúde, ocupações e grupos de risco. Campinas: Papyrus Editora, 2009.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. **Manejo do stress**. Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed. 2001.

LIPP, M. E. N.; TANGANELLI, M. S. Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferenças entre homens e mulheres. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 537-548, 2002.

LUKAS, E. **Psicologia Espiritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LUSKIN, F. **O Poder do Perdão**. São Paulo: Novo Paradigma, 2000.

MABOEA, D. **Interpersonal Forgiveness**: A Psychological Literature Exploration. 2003. Masters Dissertation in Psychology, Faculty of Arts, Rand Afrikaans University, Joannesburg, 2003.

MACKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. Tradução: Álvaro Cunha, Elsa Maria Berredo Peixoto, Gaspard Gabriel Neerick, I.F.L. Ferreira e Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1983.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARINO, R. **A Religião do Cérebro**: as novas descobertas da neurociência à respeito da fé humana. São Paulo: Gente, 2006.

MARTIN. NETO, E. **Pai Nosso**: a oração da Utopia. São Paulo: Paulinas, 2001.

MARTÍNEZ ÁLVAREZ, D.; GONZÁLEZ IBÁNEZ, P.; SABORIDO CURSACHLOS, J. L. Los nuevos caminos de la catequesis. Cinco documentos de la Iglesia para nuestra reflexión. **Catequética**, Cantabria, v. 47, n. 3, p. 146-167, 2006.

MASLOW, A. **Motivation and Personality**. New York: Harper e Row Publishers, 1954.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.

MASUERO, L. Discipulado Católico Adulto. Uma experiência em moldes catecumenais. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 29, n. 116, p. 44-60, out./dez. 2006.

- MCCULLOUGH, M. E.; WORTHINGTON JR, E. L. Religion and the forgiving personality. **Journal of Personality**, v. 67, n. 6, p. 1141-1164, 1999.
- MELGUIZO, Y. El CELAM: 50 años al servicio de la comunión de las Iglesias de América Latina. **Revista Medellín**, Bogotá, Colombia, v. 31, set. 2005.
- MILLWARD, L. J. Focus Group. In: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S., FIFE-SCHAW, C., (Eds.) **Research methods in Psychology**. London: Sage Publications, 2013.
- MIRANDA, M. F. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.
- MIRANDA, M. F. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MIRANDA, M. V. O. A igreja no período antigo: o catecumenato na evangelização. **Reveleto**, São Paulo, v. 6, n. 10, 2012.
- MOIOLI, G. Mística Cristiana. In: **Nuevo Diccionario de Teología**. Madrid: BAC, 1982.
- MOLTMANN, J. **Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOREIRA, A. A. et al. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462006005000006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- MUNIST, M.; BIEDAK, E.; QUINTEROS, L. W. A missão do CIER: desenvolvimento do conceito de resiliência e sua aplicação em projetos sociais. In: TAVARES, J. (Org.) **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 1998.
- NENTWIG, R. **Iniciação à comunidade cristã**: a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013.
- NERY, I. J. A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe. **Encontros Teológicos n. 45**, Florianópolis, ano 21, n. 3, p. 91-120, 2006.
- _____. **Catequese com adultos e catecumenato**: história e proposta. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. Do Rio de Janeiro (2005) à Aparecida (2007). Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 16, n. 64, p. 127-146, jul./set. 2008.
- NOCENT, A. Iniciação cristã (Evolução histórica da iniciação cristã). In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOVO MICHAELIS Dicionário Ilustrado. v. II. Português-Inglês. 8. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos; Wiesbaden, Alemanha: F. A. Brockhaus, 1998.
- NUCAP. **Mistagogia**: Do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013.
- OLIVEIRA, A. A Fórmula da Felicidade. **Portal da Psicologia Positiva**. 2013. Disponível em: <<http://www.psimais.com/artigos>>. Acesso em: 24 maio 2018.
- OLIVEIRA, R. M. **O movimento catequético no Brasil**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1980.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ORMONDE, D. O tempo da Mistagogia. **Revista de Liturgia**, Cabreúva-SP, n. 182, mar./abr. 2004.

_____. O tempo da purificação e iluminação. **Revista de Liturgia**, set./out. 2003.

OSTROM, T. M. The relationship between affective, behavioral and cognitive components of attitude. **Journal of Experimental Psychology**, v. 15, n. 1, p. 12-30, 1969.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paideia**, v. 17, n. 36, p. 09-20, 2007.

PANASIEWICZ, R. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

PARGAMENT, K. I., RAIYA, H. A. Religiously integrated psychotherapy with muslim clients: From research to practice. Bowling Green State University Professional Psychology: Research and Practice. **American Psychological Association**, 41, p. 181-188, 2010.

PASSARELI, P.; SILVA, J. Psicologia Positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 4, 2007.

PASSOS, M. **Uma história no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. A evangelização no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1977.

PAVÉS, J. R. **Los sacramentos de la iniciación cristiana: introducción teológica a los sacramentos del bautismo, confirmación y eucaristía**. Toledo: Instituto Teológico S. Ildefonso, 2006.

PEDROSA, V. et al. **Dicionário de Catequética**. Tradução: Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004.

PEDROSA, V. In: ALBERICH, E. et al. Mesa redonda. **Catequética**, Cantabria, v. 45, n. 3, p. 130-154, 2004.

PEREA, J. **Otra Iglesia es Possible**. Madrid: Ediciones HOAC, 2011.

PEREGRINAÇÃO de Etéria. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PEREIRA, E. N. **A formação cristã de adultos: o grande desafio para a Igreja do III milênio**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREIRA, J. **A fé como fenômeno psicológico**. São Paulo: Escrituras, 2003.

PERON, E. Mistagogia Eucarística: Teologia a Partir do Rito. **Revista de Liturgia**, Cabreúva-SP, n. 205, jan./fev. 2008.

PESCE, R. P. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.

PETER, R. **Vitor Frankl**: a antropologia como terapia. 2. ed. Tradução: Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2005.

PETERSON, C. **A primer in positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. **Strengths and Virtues**. New York: Oxford University Press, 2004.

PINHEIRO, D. P. N. A Resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.

PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLLI, B. T.; TAMAYO, M. R. Mensuração de Coping no Ambiente Ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 2, 2003.

PIO X, PP. **Carta encíclica Acerbo Nimis**: sobre o ensino do catecismo. Aos Veneráveis Irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e Mais Ordinários em Paz e Comunhão com a Santa Sé Apostólica, 15 abr. 1905. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_1504_1905_acerbo-nimis.html>. Acesso em: 18 nov. 17.

PIZZA, W. O. **Introdução à Fenomenologia Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____.; _____. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008.

_____.; _____. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, D.; KOLLER, S. H.; YUNES, A. (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva**: interfaces do risco a proteção. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE. **Catechesi e persone con disabilità**: un'attenzione necessaria nella vita quotidiana dellha Chiesa. Milão: San Paolo, 2018.

_____. **Il Catechista testimone della fede**: far crescere il Desiderio di Dio nel cuore degli uomini. Milão: San Paolo, 2018.

_____. **Un Catechismo per li nostro tempo**: custodire e trasmettere la fede oggi. Milão: San Paolo, 2018.

PORTELLA, M. Quebra de paradigma. **Psique Ciência & Vida**, São Paulo, ano 7, ed. 87, p. 56-63, mar. 2013.

PUREZA, J. R. et al. Psicologia Positiva no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, PEPSIC, 2012.

QUEZINI, R. **A pedagogia da iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAHNER, K. **Esperienza di Diooggi In NuoviSaggi**. IV. Roma: Paoline, 1972.

_____. **O desafio de ser cristão**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RALHA-SIMÕES, H. Resiliência e desenvolvimento pessoal. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

RATZINGER, J. **Introdução ao cristianismo**: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Herder, 1970.

RIBEIRO, S. L. F. Bíblia e Liturgia. **Atualidade Teológica**: Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, ano 17, v. 45, p. 510-530, set./dez. 2013.

RICH, G. J. Positive psychology: an introduction. **Journal of Humanistic Psychology**, 41, p. 8-12, 2001.

RIQUELME, J. O comportamento humano dentro do intercultural e do inter-religioso. **Convergência**, ano 41, n. 394, p. 368-369, 2006.

RITUAL da Penitência. Tradução portuguesa para o Brasil. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROBNER, H. R. **Manual de Patrologia**: Tertuliano Apologeticum, XVIII. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROOKE, M. I.; PEREIRA-SILVA, N. L. Resiliência familiar e desenvolvimento humano: Análise da produção científica. **Psicologia em pesquisa**, Minas Gerais, v. 6, p. 179-186, jul./dez. 2012.

RUBIO, G. A.; AMADO, P. J. (Org.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança**: contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009.

RUSSO, R. A iniciação cristã. In: CELAM. **Manual de Liturgia**: a celebração do mistério pascal: os sacramentos: signos do mistério. v. III. São Paulo: Paulus, 2005.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 57, n. 3, p. 316-331, 1983.

_____. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. **British Journal of Psychiatry** [versão eletrônica], 147, 1985.

_____. **Resilience**: Some Conceptual Considerations. Trabajo presentado em Iniatives Conference on Fostering Resilience. Washington, 1991.

RYFF, C. D.; SINGER, B. H.; LOVE, G. D. Positive health: connecting well-being with biology. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 359 (29), p. 1383-1394, 2004.

SALGADO, M.; FREIRE, G. **Saúde e Espiritualidade**: uma nova visão da medicina. Belo Horizonte: INEDE, 2008.

SANCHEZ, W. L. **Pluralismo religioso**: as religiões no mundo atual. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS, L. P. **Catequese ontem e hoje**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1979.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento de crianças e adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-210, 2005.

SARANYANA, J. **Cem anos de Teologia na América Latina 1899-2001**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005. (Coleção Quinta Conferência).

SARTORE, D. **Catequese e liturgia**. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992

SAVIO, A. et al. **Religiosidade e psicoterapia**. São Paulo: Rocca, 2008.

SBCAT. **A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã**. Petrópolis: Vozes, 2018.

SCHEIER, M. F. Optimism and rehospitalization following coronary artery bypass graft surgery. **Archives of Internal Medicine**, 159, p. 829-835, 1999.

SCHEIER, M. F.; CARVER, C. S.; BRIDGES, M. W. Optimism, pessimism and psychological well-being. In: CHANG, E. C. (Ed.). **Optimism and pessimism: Implications for theory, research, and practice**. Washington, DC: American Psychological Association, 2001.

SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. v. I. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHULTZ, D. P. **História da psicologia moderna**. Tradução: Suely Sono e Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Psicologia Positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 3, 2009.

SECRETARIA NACIONAL DE LITURGIA. **Pastoral da Iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1966.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SEGER, L. O stress e seus efeitos no profissional, na equipe e no paciente odontológico. In: MARINHO, M. L.; CABALLO, V. E. (Eds.). **Psicologia clínica e da saúde**. Londrina: UEL, 2001.

SELIGMAN, M. E. P. et al. Positive psychology progress: empirical validation of interventions. **American Psychologist**, v. 5, n. 5, p. 410-421, 2005.

SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade Autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. **Florescer**. Uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, 55, v. 7, n. 13, p. 5-14, 2000.

SESBOÛÉ, B.; THEOBALD, C. **A palavra da salvação: a doutrina da Palavra de Deus; a justificação e o discurso da fé; a Revelação e o ato de fé; a Tradição, a Escritura e o Magistério**. Tradução: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2006.

SHARP, T. **The top five factors for happiness at work**. Positive Psychology News on March, 2009.

SILVA, J. A. Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológico geral. In: SIVINSKI, M, e SILVA, A. (Orgs). **Liturgia no coração da vida**. São Paulo: Paulus, 2006.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

- SOLANO, A. (Comp.). **Fundamentos de Psicología Positiva**. España: Ediciones Paidós Ibérica, 2010.
- SPADARO, A. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- STRAGLIOTTO, O. J. Perspectivas pastorais... É possível recuperar a Paróquia? In: LONDOÑO, F. T. (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1997.
- TABORDA, F. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma**. São Paulo: Loyola, 2009.
- TEIXEIRA, C. **Discipulado no Evangelho de Marcos: origem, característica e função**. Revista de Catequese, ano 35, n. 140, p. 62-63, out./dez. 2012.
- TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- TENA, P.; BOROBIO, D. **Sacramentos da iniciação cristã: batismo e confirmação**. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1993.
- TERRIN, A. N. (Org.). **Liturgia e Terapia**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- _____. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.
- TERTULIANO. De testimonio animae. In: CNBB. **Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal**. Brasília: CNBB, 2009. (Estudo 97).
- THEIS, A. La resiliência em la literatura científica. In: MANCIAUX, M. **La resiliencia: resistir e rehacerse**. Barcelona: Gedisa, 2007.
- TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. 6. ed. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- TORRALBA, I.; VÁSQUEZ-BRONFMAN, A. **La resiliencia invisible: infancia, inclusión social y tutores de vida**. España: Editorial Gedisa, 2006.
- TORRES, N.; COELHO, M. E. C. O stress, o transtorno do pânico e a psicoterapia: a pessoa e sua vida. In: BRANDÃO, M. Z. et al. (Eds.). **Sobre comportamento e cognição**. Contingências e metacontingências: contextos sócios-verbais e o comportamento do terapeuta. v. 13. Santo André: ESETEC, 2004. p. 339-344.
- TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TROMBETA, L. H. A. P.; GUZZO, R. S. L. **Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes**. Campinas: Editora Alínea, 2002.
- V. V. A. A. **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004.
- VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.
- VAN PRAAGH, J. **Em busca do perdão**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- VANISTENDAEL, S. **Cómo crecer superando los percances; resiliencia: capitalizar las fuerzas del individuo**. Ginebra: BICE, 1995.
- _____. **La résilience et lessurprises de Dieu**. Genève: Choisi, 2005.

_____. **Resiliencia y Espiritualidad**. El realismo de la fe. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia – BICE, 2003.

VANISTENDAEL, S.; LECOMTE, J. Resiliencia y sentido da vida. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S.; RODRIGUEZ, D. (Orgs.). **Resiliencia y subjetividad**: los ciclos de la vida, Buenos Aires: Paidós, 1995.

VAZ, H. L. A experiência de Deus. In: BETTO, F. et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1976.

VÁZQUEZ, C; HERVÁS, G. **Psicología positiva aplicada**. 2. ed. España: Biblioteca de psicología, Desclée De Brouwer, 2008.

VELA, J. A. **Reiniciación Cristiana, respuesta a un bautismo ‘sociológico’**. Contribuição a um estudo de la estrucutra pastoral de la Reiniciación, a partir do Cap IV del OICA. 1984. Tese (Doutorado) – Pontificia Universidad Javeriana, Roma, 1984.

VELASCO, J. M. **La transmisión de la fe en la sociedade contemporânea**. Santander: Sal Terrae, 2002.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIDAL, J. Rito. In: POUPARD, C. P. (Org.). **Diccionario de las religiones**. Barcelona: Herder, 1987.

VIETMEIER, A. **Congresso Internacional da Pastoral Urbana: Dios Habita em la ciudad – Documento Básico “para abrir a boca”**. Textos da Universidade Ibero-Americana. México, 2007.

VIGIL, M. J. **Teología del pluralismo religioso**: curso sistemático de teología popular. Quito: Abya Yala, 2005.

VILLEPELET, D. La liturgie comme médiation de la catéchèse. In: **La Maison-Dieu**. Catéchese et liturgie en dialogue. Paris, 2003.

_____. Los desafios planteados a la catequesis francesa. **Sinite**, Madri, n. 141, p. 87-102, 2006.

WALSH, F. **Strengthening family resilience**. New York; London: The Guilford Press, 1998.

WERNER, E. E.; SMITH, R. S. **Overcoming the odds**: high risk children from birth to adulthood. London: Cornell University Press, 1992.

WHITE, J. F. **Introdução ao culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ZAMIGNANI, D. R. E.; VERMES, J. S. **Propostas Analítico-Comportamentais para o Manejo de transtornos de ansiedade**: análise de casos clínicos. Santo André: ESETec, 2003.

ZORZI, L. **Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado**. São Paulo: Paulinas, 2006.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Departamento de Teologia
Pesquisa de tese doutoral

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa sobre:

Processos de iniciação à vida cristã e resiliência: Um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP). Trata-se de um estudo para conclusão do curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Após ler a descrição da pesquisa, se você aceitar participar, assine no final deste documento em duas cópias. Uma cópia é sua e a outra é do pesquisador responsável. Caso você não queira participar não haverá nenhuma consequência e agradecemos a sua atenção.

A pesquisa tem como objetivo identificar quais fatores promovem resiliência, a partir das celebrações e ritos de passagem inspiradas no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos que acontecem durante o Itinerário da Iniciação à Vida Cristã com Adultos. O pesquisador responsável pela pesquisa é o Padre Eduardo Calandro, sob a orientação do Pe. Dr. Abimar Oliveira de Moraes. Contato do pesquisador, 4991 56-09.

Caso aceite participar da pesquisa usaremos a metodologia do grupo focal é uma entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal. Serão organizados dois grupos distintos que

serão submetidos ao mesmo procedimento. Para a formação dos dois grupos faremos um sorteio com o número total dos participantes, o sorteio será feito de forma aleatória.

Todos os conteúdos das entrevistas no grupo focal serão gravados em áudio, transcritos literalmente e analisados segundo seus temas. Estes dados ficarão arquivados por 5 (cinco) anos depois serão incinerados.

Não haverá nenhum tipo de ressarcimento financeiro, pois utilizaremos do espaço e dia de encontro da catequese onde todos já comparecem.

Você responderá primeiramente a um questionário com os dados sócio-demográficos, contendo as variáveis: idade, sexo, estado civil, escolaridade, procedência, situação profissional e renda familiar. Após o preenchimento destes questionários faremos no grupo formado a entrevista semiestruturada que é composta por dezesseis questões com os seguintes elementos: O Itinerário de Iniciação à Vida Cristã com Adultos, a experiência celebrativa, experiência de fé, elementos estressores e estratégia de enfrentamento.

Riscos e benefícios da sua Participação no projeto

Normalmente as pessoas não relatam nenhum tipo de sofrimento, constrangimento por participarem das atividades propostas nesta pesquisa. No entanto, é possível que você se sinta desconfortável ao ter que falar sobre algum assunto mais delicado da sua vida ou sinta um pouco de ansiedade por alguma situação que você ainda não conhece. Essas coisas são normais, mas se você se sentir muito incomodado, os pesquisadores farão todo o possível para que você se sinta bem e seu problema seja resolvido sem nenhum custo para você, inclusive encaminhando-o para outros profissionais se for o caso.

Como benefício da sua participação nessa pesquisa será feita uma palestra, sobre o assunto contribuindo assim para o seu bem-estar e qualidade de vida.

A qualquer momento você poderá esclarecer suas dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa com o pesquisador. Sua participação na pesquisa é confidencial e seu nome não aparecerá em momento algum e nem qualquer outra informação que possa identificá-lo como participante da mesma. Depois que a pesquisa terminar, os dados coletados serão guardados em lugar seguro, por cinco anos, e depois desse período serão destruídos. As informações dadas por você não serão utilizadas para nenhuma outra pesquisa sem o seu consentimento.

Caso você sinta-se ofendido terá direito de recorrer a justiça para pedir indenização aos danos causados.

Eu, _____, RG nº _____ acredito ter sido suficiente informado sobre a minha participação na pesquisa **“Processos de iniciação à vida cristã e resiliência: Um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Diadema/SP)”** Tive a oportunidade de refletir com o Padre Eduardo Antônio Calandro sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sem remuneração, e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Nome: _____

Endereço: _____

RG: _____

Fone: (0xx) _____

Data ____/____/____

Assinatura do participante

Testemunha

APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA PESQUISA DE TESE DOUTORAL QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome: _____

Idade: _____ Data da Entrevista: _____

Data de Nascimento: _____

Sexo: 1- () Masculino 2- () Feminino

Estado Civil:

- 1- () Solteiro 2- () Casado 3- () Divorciado/Separado
4- () União Livre 5- () viúvo 6- () Outro

Escolaridade:

- 1- () Educação Infantil (Alfabetização) 5- () Ensino Médio Completo
2- () Ensino Fundamental Incompleto 6- () Superior Incompleto
3- () Ensino Fundamental Completo 7- () Superior Completo
4- () Ensino Médio Incompleto 8- () Pós-graduado

Procedência:

- 1- () Grande São Paulo 2- () Interior de São Paulo 3- () Outros Estados

Situação Profissional:

- 1- () Empregado 2- () Aposentado 3- () Autônomo 4- () Trabalho Irregular
5- () Outro 6- () Desempregado 7- () Sem Trabalho

Renda Familiar:

- 1- () Menos de 1 Salário Mínimo 2- () De 1 a 2 Salários Mínimos
3- () De 2 a 4 Salários Mínimos 4- () Mais de 4 Salários Mínimos

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo do pré-catecumenato)

Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo do pré-catecumenato)

O tempo do pré-catecumenato, também conhecido como primeira evangelização, ou tempo do querigma é um tempo determinado para o acolhimento dos candidatos e seu entrosamento com a comunidade cristã; para uma primeira evangelização e conversão a um estilo cristão de vida; para a aquisição do costume de rezar e invocar a Deus.

Pre vemos que a entrevista aconteça antes do início do tempo do catecumenato, onde será um tempo, suficientemente longo, para uma esmerada catequese; para uma progressiva mudança da mentalidade e dos costumes; para uma integração na comunidade cristã e a participação nas assembleias litúrgicas. A comunidade cristã acompanha seus catecúmenos ou catequizandos com a oração, os ritos e o testemunho¹¹⁶⁰.

I – Processo de Itinerário de Iniciação à Vida Cristã com Adultos

- 1 – Por que você quis fazer a catequese com adultos?
- 2 – O que a catequese com adultos tem ajudado em sua vida pessoal?
- 3 – Este itinerário da catequese com adultos tem lhe ajudado em sua vida?

Em quê?

- 4 – O que o grupo de catequese te ajuda na vida pessoal, familiar e comunitária?

II – A experiência celebrativa

- 5 – O que você considerou mais significativo na celebração de acolhida?
- 6 – O que te marcou mais nesta celebração de acolhida?

¹¹⁶⁰ Cf. ZORZI, L., Uma proposta de catecumenato com o RICA simplificado. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 8-9.

7 – Qual foi o momento mais emocionante na celebração de acolhida?

8 – A participação nas celebrações/rito de passagem te ajuda em quê?

III – Experiência de Fé

9 – Para você o que é ter fé?

10 – O que se pode obter com a fé?

11 – O que a fé representa em sua vida?

12 – Ter fé te ajuda em quê?

13 – Que diferença você considera que exista na vida de uma pessoa que busca uma experiência de fé e uma outra que não busca?

14 – Como você percebe que a fé pode lhe ajudar a lidar ou superar as dificuldades em sua vida? (fatores de proteção)

IV – Elementos estressores

15 – Que situações difíceis você tem vivenciado em sua vida, pessoal, social e familiar nos últimos doze meses?

16 – O que estas situações de dificuldades causaram em sua vida? (consequência das adversidades e riscos vivenciados)

V – Estratégia de enfrentamento

17 – Como você convive ou lida com as dificuldades da vida cotidiana?

18 – O que você faz para superar os momentos difíceis da vida?

19 – Estar frequentando o Itinerário da Catequese te ajuda a enfrentar as dificuldades? Como?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo de Iluminação e Purificação)

Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (Após o Tempo de Iluminação e Purificação)

Esta entrevista acontecerá após o Tempo da iluminação e Purificação, onde acontecerá a preparação imediata para os sacramentos da iniciação cristã; corresponde ao período da Quaresma; tempo de intensa vivência espiritual, marcado por ritos a serem celebrados pela comunidade durante a celebração dominical.

I – Processo de Itinerário do Tempo da Iluminação e Purificação

1 – Você sente escolhido por Deus para fazer este itinerário de iniciação à vida cristã? Por quê?

2 – O que significa para você estar se aproximando o tempo de receber os sacramentos em sua vida?

3 – O que este tempo de Iluminação e Purificação lhe ajudou em sua vida pessoal?

4 – O que grupo de catequese te ajuda na vida pessoal, familiar e comunitária?

II – A experiência celebrativa do tempo da Iluminação e Purificação

5 – O que você considerou mais significativo na celebração de eleição no primeiro domingo da quaresma?

6 – O que te marcou mais na celebração de eleição?

7 – Tivemos a oportunidade de vivenciar três momentos fortes de escrutínio. Qual foi o mais significativo para você? Por quê?

8 – A participação nas celebrações onde aconteceram os escrutínios ajudou você em quê?

9 – Jesus Cristo é a fonte de vida plena. O que significa isso para você?

10 – Somos filhos da luz. O que significa caminhar na vida sob a luz do Senhor?

11 – Jesus nos chama à vida nova. Para você o que significa viver como pessoas do bem?

III – Experiência de Fé no tempo quaresmal

12 – O que significa para você o tempo quaresmal?

13 – A experiência de participar das celebrações no tempo quaresmal te ajudou em quê?

14 – O que representa em sua vida o perdão e a reconciliação?

15 – Como você percebe que a experiência de perdão pode lhe ajudar a lidar ou superar as dificuldades em sua vida? (fatores de proteção)

IV – Elementos estressores

16 – Você considera difícil pedir perdão e perdoar?

17 – Você tem vivenciado a prática de pedir perdão e perdoar em sua vida, pessoal, social e familiar nos últimos doze meses?

18 – As celebrações têm lhe ajudado a iluminar e purificar suas vidas. O não pedir perdão e o não perdoar causaram algum dano em sua vida? O quê? (consequência das adversidades e riscos vivenciados).

V – Estratégia de enfrentamento

19 – Como você convive ou lida com as quando alguém lhe ofende?

20 – O que você faz para superar estes momentos da vida?

21 – Estes momentos do tempo da iluminação e Purificação te ajudaram a enfrentar as dificuldades? Como?

APÊNDICE E – Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (No Tempo da Mistagogia)

Roteiro de entrevista semiestruturado para grupo focal (No Tempo da Mistagogia)

Esta entrevista acontecerá no Tempo da Mistagogia que acontece no período pascal, é um tempo de aprofundamento do mistério cristão, em comunhão com a comunidade dos fiéis, e de participação na missão da Igreja.

I – Processo do Itinerário de Iniciação à vida cristã

1 – O que mais te marcou neste itinerário da catequese com inspiração catecumenal que você percorreu?

2 – Vivenciamos quatro tempos: Querigma, Catequese, Iluminação e Purificação e agora a mistagogia. Comente cada um desses momentos. O que cada um desses tempos significou em sua vida?

3 – Caminhar com este grupo de catequese com adultos te ajudou em quê? Que mensagem você deixa para o grupo?

II – A experiência celebrativa do tempo da Mistagogia

4 – O que você considerou mais significativo na celebração onde você recebeu o sacramento? (Batismo, Crisma, Eucaristia)

5 – O que mais te marcou na celebração onde você recebeu o sacramento do (Batismo, ou Crisma, ou Eucaristia)?

III – Experiência de Fé no tempo da Mistagogia

6 – O que significa para você ser cristão batizado?

7 – O que significa para você receber o corpo de Cristo, a Eucaristia?

8 – O que significa para você ser crismado?

9 – A experiência de participar nestas celebrações (Batismo, Crisma, Eucaristia) te ajudou em quê?

IV – Elementos estressores

10 – Quais são os desafios para viver como cristão batizado?

11 – A Eucaristia nos convida a viver e praticar o bem; o que isto implica para a sua vida, pessoal, social e familiar?

12 – As celebrações dos sacramentos têm lhe ajudado em sua vida. Quais são os desafios para viver no cotidiano da vida o que nos pede a vida sacramental? O não viver causa algum dano em sua vida? (consequência das adversidades e riscos vivenciados)

V – Estratégia de enfrentamento

13 – A participação na celebração da Eucaristia te ajuda a enfrentar os momentos difíceis? O que você faz para superar estes momentos da vida?

14 – Receber os sacramentos (Batismo, Crisma, Eucaristia) te ajudaram a enfrentar as dificuldades? Como?

APÊNDICE F – Primeira coleta de dados

Primeira coleta de dados

I – Processo de Itinerário de Iniciação à Vida Cristã com Adultos

1 – Por que você quis fazer a catequese com adultos?

Pessoa 1: Eu não vim de uma família católica, nem contei com nenhuma religião dentro da minha casa, eu sempre costumava brincar com minha mãe dentro de casa dizendo que isso era um erro dela, que eu deveria ter feito catequese ainda criança. Meu irmão mais velho fez catequese depois de adulto e depois disso minha mãe veio a falecer, e depois dela ter falecido foi que eu senti que precisava me estabilizar, encontrar Deus e tirar as minhas dúvidas também. Então eu procurei a catequese de adultos.

Pessoa 2: No meu caso, eu já comecei quando era mais jovem. Fiz por três anos, mas não finalizei por conta de minha mãe ser sozinha e eu precisar estar sempre com ela ajudando; então não dava pra finalizar. Meus irmãos, já crescidos passarinhos, já tudo voando (risos), então sobrou minha mãe, minha irmã mais nova e eu, porém onde eu residia não foi possível fazer. Aqui eu encontrei a oportunidade, (Padre: De onde você veio? R: Pernambuco.), aqui encontrei oportunidade de fazer e acabei me formando, então me falaram deste projeto idealizado pelo senhor e aceitei participar e agora conclui.

Pessoa 3: Eu fui criada na Igreja católica, minha mãe sempre frequentou a Igreja, mas fomos apenas batizados, eu e a maioria dos meus irmãos. Eu sempre me questionava: por que eu não tinha terminado tudo que tem pra fazer na Igreja católica? Fala apenas que é católico e não ter tudo, não tomar a hóstia etc. Mas eu não tinha a preocupação de fazer a catequese, pois achava que só as crianças faziam. Então, quando saiu a inscrição eu aproveitei e resolvi fazer. Uma certa vez, eu quis fazer, com outros padres que abririam uma turma, mas não pude pois não era casada na Igreja, eu teria que me casar pra poder fazer. Então fui deixando de lado, mas quando me separei procurei saber se poderia fazer e disseram que sim, aí

proveitei a oportunidade. Pra mim, me ajudou a ter um conhecimento a mais na palavra, entendimento.

Pessoa 4: Meus pais eram separados, e minha mãe nunca me levou pra Igreja. Então eu comecei a vir só depois de adulta, aí ouvi falar da catequese e me interessei em fazer; isso já faz algum tempo.

Pessoa 5: Eu convivi na Igreja católica, mas não dava seguimento na missa, em nada, vim fazer a catequese depois de adulto por necessidade de conhecer mais a Deus, a Igreja e os fundamentos da Igreja, percebi que estava faltando algo porque sem a comunhão e a crisma a gente não pode comungar. Eu tentei algumas vezes mas não consegui, aí ano passado graças a Deus eu consegui.

Pessoa 6: Já eu, foi pelo motivo de ficar muito triste em ver as pessoas comungando e eu não. Então, quando surgiu a oportunidade eu peguei com as duas mãos. Coloquei primeiro meus filhos, hoje eles já recebem e acabou que isso me deixou mais triste; pois eles já estavam fazendo e eu não (risos). Então, busquei, e agora estou aqui e pretendo ficar até o final.

Pessoa 7: Eu, no meu caso era um sonho desde de criança, sempre fui católica praticante e comecei a catequese ainda criança e parei na minha adolescência, uma perda de ao menos 27 anos; vim de família grande, tive que cuidar dos filhos aí fui deixando de lado. Me casei aos 25 anos e quando queria dar continuidade meu marido proibia de ir à Igreja. Fiquei casada por 23 anos. Quando tive minha primeira filha eu quis trabalhar, voltar pra Igreja, mas meu marido sempre falava: “Você não vai trabalhar e também não vai pra Igreja”. Aí, um dia aos 48 anos eu decidi me separar dele e seguir a Deus, antes tive minha segunda filha; ainda sim disse: “É agora ou nunca”. Estudei, fui trabalhar, me divorciei e hoje em dia eu sigo pra levar minhas filhas no caminho correto e honesto, porque vejo que o mundo lá fora é só ilusão. Então, sinto que devo levá-las para o caminho, não apenas elas, mas meus sobrinhos e família, sei que tenho que passar algo melhor pra eles também, para as pessoas do meu ambiente de trabalho, pois tem muitas pessoas que precisam, preciso estar pronta pra ajudar.

2 – O que a catequese com adultos tem ajudado em sua vida pessoal?

Pessoa 1: Acho que a oportunidade de conhecer, entrar mais na Igreja, hoje eu não participo apenas da catequese, mas também de encontros de ECC, trabalho dentro da Igreja; também de algumas formas, conheci pessoas maravilhosas que

fazem trabalhos fora da Igreja, como entregar café da manhã para moradores de rua e eu estou amando e buscando cada vez mais porque acho que é por aí o caminho. Essa foi a oportunidade que eu achei dentro dela. (Padre: A catequese foi uma porta pra isso? R: Sim). Sou uma pessoa que tem muita vergonha de falar em público e estar entre eles me ajuda bastante nisso, na empresa já consigo falar bastante, está me ajudando cada vez mais.

Pessoa 2: Pra mim, me ajudou a ter um conhecimento a mais na palavra, entendimento. Quando comecei a fazer a catequese, percebi a riqueza que tinha na Igreja, através da palavra de Deus, das liturgias, uma aproximação maior da Igreja, do propósito. O que o mundo oferece lá fora e o que a Igreja oferece que é o caminho certo. Tem me ajudado a ter mais intimidade com Deus.

Pessoa 3: Eu nasci na Igreja católica, e mesmo minha mãe tendo falecido e eu morando sozinha, sempre tive vontade de me casar na Igreja católica, porque esse foi o ensinamento dado pelos meus pais na minha infância e mesmo hoje não tendo mais meus pais, esses ensinamentos ainda fazem parte da minha vida. Hoje vendo meus filhos crescendo, me preocupo de eles não terem o que os meus pais passaram pra mim. Era uma briga pro meu filho mais velho vir pra catequese! Ele dizia: “Nossa mãe, você só me leva e não participa!” E eu disse: “Verdade, né?!” Então eu fiquei 1 ano e meio vindo com ele, até que ele mesmo disse que já não precisava eu ir, que ia sozinho e hoje ele até quer morar na casa do padre (risos). Temos que dar exemplo a nossos filhos pra que eles se lembrem disso quando não estivermos mais aqui; vão saber o caminho certo.

Pessoa 4: Eu fiz catequese quando era criança, faltava apenas a crisma, aí tive essa oportunidade de fazer a catequese de adultos ano passado e foi uma experiência maravilhosa. E esse ano fui convidada a participar como introdutora que também foi algo muito bom. Isso é bom pra firmarmos aprendizado e firmarmos nossa fé.

Pessoa 5: Pra mim, foi o reconhecimento, o valor das pessoas, independente de ser as do nosso convívio, que possui uma vida similar ou aquelas que vivem na rua, jogadas. Temos que saber que elas também são seres humanos. E também o conhecimento maior da bíblia, podemos dizer que muita gente ainda é afastado da bíblia e isso aqui uniu a gente ainda mais à bíblia e à Igreja.

Pessoa 6: Eu fiz a catequese há muitos anos e agora estou tendo a oportunidade de estar aqui como introdutor e estou me sentindo muito bem, é uma parte

muito boa, animadora, isso nos incentiva a estar na Igreja. Hoje estou como introdutora, mas quem sabe amanhã possa estar como catequista. É um sonho que quero colocar em prática na minha vida, estou sentindo que vale a pena.

Pessoa 7: Pra mim, só o fato de eu estar aqui hoje falando já é uma riqueza, pois em outros tempos eu iria inventar qualquer coisa pra não estar aqui; pra não falar, mas hoje estar aqui tem me ajudado muito. Pois, antes, eu lia a bíblia, mas não entendia e agora estou aprendendo muito. Agora minha filha disse que também vai fazer quando eu terminar, então é maravilhoso aprender e poder gerar nela esse interesse através do que eu aprendo.

Pessoa 8: Acima de tudo, a sabedoria, é algo muito valioso que aprendemos aqui, pra muitos pode até parecer algo fácil, mas pra mim foi muito legal; aprendi a rezar o terço pois não sabia, então ganhei um do meu marido e no dia em que cheguei da catequese eu o peguei e fui rezar, hoje é algo fácil de fazer. Isso foi algo muito importante pra mim.

3 – Este itinerário da catequese com adultos tem lhe ajudado em sua vida? Em quê?

Pessoa 1: Pra mim a leitura da bíblia em grupo, tem me ajudado bastante e o livro Catequizando que lemos juntos, também tem me ajudado bastante. A gente conhece muita gente, se torna uma família, aumenta a fé da gente e ficamos mais amigos das pessoas.

Pessoa 2: Exemplos. Nós sentamos juntos e discutimos algumas coisas, desabafamos e esses desabafos servem como exemplo, exemplos de vida e partilha de vida. Nos sentimos livres, se estamos passando um momento difícil desabafamos, mesmo que alguns tenham dificuldade de desabafar, ao ver o colega desabafando você também fica mais à vontade pra falar.

Pessoa 3: Carisma, atenção, união, todos juntos compartilhando juntos e unidos.

Pessoa 4: Algo interessante, é perceber que apesar de tanta diferença nós chegamos a mesma conclusão (Padre: Unidade na diversidade).

Pessoa 5: O bom também é perceber que comunhão não só na Igreja, na missa em si. Percebemos que podemos ser Igreja em qualquer lugar, ter comunhão na catequese, na casa das pessoas etc., e como você percebe isso? Quando as pes-

soas vêm e começam a falar ao invés de ficarem contidas e envergonhadas. Todo mundo aprende com todo mundo.

Pessoa 6: Para nós catequistas é interessante começar a ver uma espécie de terapia de todos com Deus; eu acompanho muitas pessoas aqui e algumas são muito tímidas, outras sem discernimento e outras nem sabem o que falar. E aos poucos, quando alguns vão falando, isso vai dando motivação pros tímidos também. Estou aqui há quatro anos entre fazer, e ser catequizando, faz quatro anos que sou catequista. O legal é estar num grupo que não fica só na Igreja, é um grupo que vai fazer o trabalho na rua. Hoje meu grande objetivo é fazer com que as pessoas vejam Deus e Jesus Cristo na teoria e na prática e, aos poucos, vou conseguindo juntar o útil ao agradável.

Pessoa 7: É importante ser Igreja não apenas na Igreja, mas ser Igreja em casa, no trabalho, onde você estiver.

II – A experiência celebrativa

4 – O que você considerou mais significativo na celebração de acolhida?

Pessoa 1: A cruz, achei marcante.

Pessoa 2: Pra mim foi importante quando o senhor abriu as portas da Igreja pra nos receber, foi como o céus se abrindo pra nos acolher, ficou gravado na minha mente.

Pessoa 3: Eu achei muito bonito também uma palavra que o senhor falou já dentro da Igreja, o senhor diz: “Levem a palavra de Deus”, eu nunca me esqueci dessa palavra, levar pra sua casa, pra sua família, pro seu trabalho, onde você for.

Pessoa 4: O abrir das portas da Igreja pra nós, como se estivesse abrindo as portas do Reino de Deus, pra mim foi isso.

Pessoa 5: Acho que a atenção dada às novas pessoas, tratando elas com a motivação daqui pra frente, eu acredito que é o futuro da Igreja. A celebração de entrarmos todos em conjunto, faziam as pessoas olhar e perceber que somos catequizados, fazemos parte também da comunidade, já que algumas pessoas achavam que estávamos na Igreja há muito tempo, como aconteceu comigo por já fazer parte do encontro de casais eles pensavam que eu já era crismada, que já tinha feito a primeira comunhão, mas quando me viram entrando perceberam que sou, era, do catequizando. Isso é bom pelo fato de olhar e falar que estou me dando a

importância dessa nova direção e aprendendo também muita coisa. Foi muito bom!

Pessoa 6: O que acho bonito também é ter sido aberto pra comunidade, porque as vezes é feito separado, mas aberto mostra pra ele como funciona, eu acho importante fazer isso.

Pessoa 7: Pra mim o que marcou foi ser chamada pelo nome: a hora em que chamou cada um pelo nome foi marcante, diferente.

Pessoa 8: Eu, como introdutora, me torno um exemplo para os outros, cheguei até o final; no caminho certo; não desistam!

Pessoa 9: Creio que essa celebração do catequizando adultos incentiva outras pessoas a conhecer, a ver que, mesmo quem participa da Igreja pode participar do catequizando. É um incentivo pra outras pessoas.

5 – O que te marcou mais nesta celebração de acolhida?

Pessoa 1: Pra mim, foi o momento que a abriu a porta. Eu sempre entrei na Igreja, mas esse dia não foi igual, aquilo me marcou.

Pessoa 2: Achei interessante a aproximação da comunidade, fazer eles perceberem que há uma catequese de adultos. Antes era difícil fazer eles saberem que existem outros trabalhos na Igreja, eles ficam apenas no normal, vem à missa no domingo e ponto final. É uma abertura de portas, é realmente interessante que isso aconteça.

Pessoa 3: O sentir-se importante. Eu sou importante, eu agora posso participar mais, eu não acabei. Às vezes, pensamos que ser católico é apenas ir na missa aos domingos, hoje eu me vejo com mais valor, eu posso participar mais.

Pessoa 4: O que me fez feliz também foi que a minha filha está fazendo catequese e hoje ela fez a mesma entrada e foi muito bonito quando chamaram as pessoas pelo nome e elas diziam: eu estou aqui.

6 – A participação nas celebrações/rito de passagem te ajuda em quê?

Pessoas 1: A me dar valor, me valorizar um pouco mais. Saber que eu sou alguém, não apenas pra Deus, mas para as outras pessoas também. Sou alguém que, pode incentivar outras pessoas a fazer a catequese mesmo depois de adulto. Antes eu me sentia muito pequenina e depois da primeira celebração eu vi que estou viva de novo; voltei.

Pessoa 2: Pra mim, trouxe conhecimento e um despertar pra entender melhor a palavra de Deus.

Pessoa 3: Eu sou bem forte pra algumas dificuldades da vida, e isso me tornou ainda mais forte, mais guerreiro pra enfrentar nosso cotidiano.

III – Experiência de Fé

7 – Para você o que é ter fé?

Pessoa 1: Para mim, ter fé é acreditar no impossível. Quando estou no meu limite e acho que não vou conseguir, percebo que minhas forças estão acabando, aí percebo a fé, aí você se agarra com a fé e, quando você menos espera, você vê que conseguiu superar aquela dificuldade na sua vida, você conseguiu conquistar o que tanto estava precisando. Na minha vida é sempre assim.

Pessoa 2: Acreditar que só existe um Deus, que só ele é capaz de nos fortalecer e resolver todos os nossos problemas. Entregar tudo nas mãos d’Ele. Pro dia mau ou bom, Ele é quem nos dá força.

Pessoa 3: Ter fé é ter tudo! Nos momentos mais difíceis da vida da gente, se tivermos fé vencemos tudo.

Pessoa 4: Ter fé pra mim é mover dificuldade.

Pessoa 5: Pra mim, é se manter firme, mesmo quando tudo se mostra difícil e impossível. Acreditar naquilo que você quer.

Pessoa 6: Ter fé é confiar em Deus mesmo em dificuldades.

Pessoa 7: Fé é algo conquistado a cada dia, lutar por ela no dia a dia, no dia feliz ou no dia triste, acreditar que Deus vai mudar o dia triste. A fé me ajuda e me oferece as forças necessárias para superar e vencer todas as coisas difíceis que tem na vida.

Pessoa 8: Ter fé é ter esperança. Por maior que seja o obstáculo, devemos sempre esperar o melhor. Sempre pensar que o sol vai nascer amanhã e nos dar luz. Ter isso no coração pra ficar forte e perseverar.

Pessoa 9: Confiar na vontade de Deus.

8 – O que se pode obter com a fé?

Pessoa 1: Muito amor, muito carinho, respeito, dignidade. Mesmo sob críticas, a fé é o que importa. Se a pessoa não tem fé e não acredita, não desista! Continue lutando e falando por amor, que ela vai ter fé também.

Pessoa 3: Coragem, força, paz, esperança. Coragem pra ajudar o próximo.

Pessoa 4: Nos faz perceber como agir no dia a dia, tratar todos da melhor forma possível. Estar a serviço das pessoas. Mesmo alguém que te fez mal vai perceber sua forma de agir. E se perguntarem por que a gente age assim? Podemos dizer que é por causa da nossa fé, mesmo quando não convém devemos agir com amor.

9 – Ter fé te ajuda em quê?

Pessoa 1: Vencer a vida! Sem fé não somos ninguém.

Pessoa 2: A ajudar o próximo sem querer nada e troca.

Pessoa 3: A doar-se.

Pessoa 4: A fé me torna alegre, me faz tratar a vida com alegria. Me chamam de maluco por isso (risos), por estar sempre alegre. A fé me provoca isso e faz as pessoas perceberem isso. Sem fé você fica com mau humor e é preciso cortar isso.

Pessoa 5: A não ficar só. Quando achar que está só, se você tiver fé, vai perceber que não está. Deus e Jesus Cristo está sempre ali com a gente. Quanto mais você tem fé, mais você atrai a bondade das pessoas.

10 – Que diferença você considera que exista na vida de uma pessoa que busca uma experiência de fé e outra que não busca?

Pessoa 1: A pessoa que não tem fé é um tanto negativa, mas quem tem é mais positiva.

Pessoa 2: É como se fosse o escuro e o claro, você percebe nitidamente. Eu conheço pessoas que não têm fé, são pessoas um tanto apagadas, mas quando você tem fé é como se você tivesse uma luz, que ilumina, que transmite coisas boas para as outras pessoas.

Pessoa 3: Eu fui uma pessoa sem fé, não acreditava em Deus. (Padre: E o que te fez acreditar?). As dificuldades, que antes eu achava que só acontecia comigo, faziam com que eu ficasse isolado no meu mundo, e a fé me fez acreditar que tudo isso podia mudar. Fui uma pessoa sem fé, mas hoje, não importa o que aconteça, não deixo de acreditar, não deixo de ter fé.

Pessoa 4: A pessoa sem fé, o mundo dela acaba nas mínimas coisas, já a pessoa com fé acredita que vai vencer, não importa o problema, o amanhã vai ser melhor.

Pessoa 5: A pessoa sem fé sofre antecipadamente, não tem confiança que Deus pode ajudar ela. No momento que minha família acha que eu seria o pior, foi eu quem teve que dar forças pra todo mundo; num momento que eu nunca esperava passar, através da minha fé. Confiar no que Deus nos promete a vida eterna, nos conforta. Sem fé esse sofrimento seria muito maior.

11 – Como você percebe que a fé pode lhe ajudar a lidar ou superar as dificuldades em sua vida? (fatores de proteção)

Pessoa 1: Quando você tem fé, você tem em quem se apegar no momento difícil. Quando você não tem fé, você fica perdido.

Pessoa 2: A fé me dá coragem, esperança de que as coisas vão mudar, vão ser melhores.

Pessoa 3: Quando se tem fé, eu vejo a luz no fim do túnel: certeza que Deus vai me tirar da dificuldade, que ela é passageira, virão dias melhores.

Pessoa 4: A fé me dá esperança, entendimento de que amanhã eu vou ver entes queridos que partiram. Me faz querer fazer o bem ao próximo no meu dia a dia ou do contrário não estarei vivendo a fé que digo viver. Viver como Cristo ensinou, com propósito e certeza de que amanhã será melhor. É preciso ter conhecimento pra saber se tenho fé ou não.

Pessoa 5: Tendo fé, nós vemos que, cedo ou tarde seremos beneficiados. Pode demorar para uns e pra outros não, mas todos vamos ser beneficiados. Tendo ele, temos a certeza de que um dia todos estaremos no Reino de Deus.

IV – Elementos estressores

12 – Que situações difíceis você tem vivenciado em sua vida, pessoal, social e familiar nos últimos doze meses?

Pessoa 1: A perda do meu pai. Vai fazer 1 ano já. E também a perda de uma vizinha da minha mãe, que crescemos juntos. Cheguei a pegar ela nos braços pra reanimar, mas não foi possível, ela teve um AVC. Foi muito difícil e ainda está sendo. São essas duas.

Pessoa 2: Pra mim, foi a perda da minha mãe, que faleceu em março. Fui vê-la em novembro e ela estava sofrendo muito por causa do Alzheimer. Achei que eu não ia sofrer tanto quando ela partisse, por saber que ela estaria num lugar melhor, sem sofrer, mas na verdade, quando recebi a notícia do falecimento dela, foi um baque pra mim, por conta das lembranças de infância, dos momentos que passei com ela, isso me fez ficar muito mal.

Pessoa 3: A perda do meu pai, o desemprego, o distanciamento da Igreja, isso me causou muita tristeza.

Pessoa 4: A perda da minha filha, que já nasceu morta e eu nem pude pegar nos braços. Quando soube que ela faleceu o mundo desmoronou na minha cabeça. Foi difícil preparar pra ela nascer e logo em seguida ter que enterrar. Muito difícil.

Pessoa 5: No meu caso foi a perda da minha primeira neta, filha da minha única filha. Foi uma perda muito grande. Agora é confiar em Deus e saber que na hora certa Ele vai dar outra filha pro meu genro e pra minha filha. Ele sabe de todas as coisas, Ele sabe por que minha neta só passou por aqui.

13 – O que estas situações de dificuldades causaram em sua vida? (consequência das adversidades e riscos vivenciados)

Pessoa 1: Na minha tornou-se em mais união.

Pessoa 2: Não foi nos últimos 12 meses, mas sim há 2 anos que minha mãe faleceu, e nisso eu tinha apenas 2 meses de casada e isso mudou muito. Minha mãe gostava muito de criança e meu irmão foi pai antes mesmo de se casar ou mesmo estar namorando e foi assim que minha mãe teve a oportunidade de ser avó por apenas 4 meses. Isso é algo que só podemos entender com o passar do tempo. Hoje minha vida são meus irmãos, estamos sempre juntos toda semana e se importando uns com os outros. E também tem uma amiga minha que perdeu o bebê, então a minha situação faz com que eu tenha compaixão pelo próximo, eu me coloco no lugar do outro, pois sei como é; fiquei mais sensível. Posso dizer que um dia tudo isso vai passar. O sofrimento me fez mudar a forma de pensar, hoje me coloco mais no lugar do outro.

Pessoa 3: Eu nunca tinha ficado desempregado, dei a sorte de sair de um emprego e já entrar em outro logo em seguida, no qual fiquei por 19 anos e anos e saí agora e tem coisas que desejo fazer e não posso mais. Hoje eu sei como é, entendendo o sofrimento do próximo em relação a isso. Eu não conseguia sofrer com o

próximo, pois não entendia. Hoje eu sofro até com casos de televisão. Essas dificuldades me fizeram compreender mais a dor do próximo.

Pessoa 4: Na minha perda, eu tive que me fortalecer, e as palavras que me fizeram ficar mais forte foram ditas pelo pai de amigo, que foram: “A carne é que vai mas o espírito continua. Perdemos o físico, mas se você manter o espírito dele, ele sempre vai estar vivo”. Isso me fez poder ajudar uma outra pessoa, que também passou por uma perda.

Pessoa 5: Estou sofrendo e fico irritado muitas vezes com as pessoas que mais amo, porque estou desempregado.

V – Estratégia de enfrentamento

14 – Como você convive ou lida com as dificuldades da vida cotidiana?

Pessoa 1: Eu costumo ajoelhar e orar a Deus e à Nossa Senhora pra que possam me dar direção de pra onde seguir.

Pessoa 2: Oração, palavra, buscar na bíblia a orientação. Estou sem trabalho e não posso realizar o que desejo, o que eu quero, o que busco.

Pessoa 3: Oração, fé, otimismo, ter fé sem otimismo não dá certo. Eu enfrento todos os problemas com oração, fé, otimismo, ter fé sem otimismo não dá certo.

Pessoa 4: União, procurar entender a vontade de Deus. Não é fácil passar por dificuldades, mas com união familiar e do corpo de Cristo consigo superar, suportar.

Pessoa 5: No meu caso é trabalhar em favor do próximo. (Padre: isso ajuda você?). Sim, sempre. Sofri com a perda da minha avó, isso já faz 18 anos, depois disso me agarrei aos meus três heróis: Jesus, Madre Tereza e São Francisco. Hoje eu trabalho em favor do próximo pra suportar as dificuldades. Quando minha mãe partir, quero me dedicar inteiramente ao próximo.

Pessoa 6: Eu procuro enfrentar tudo com esperança e otimismo, costumo ajoelhar e orar a Deus e a Nossa Senhora pra que possam me dar direção de pra onde seguir.

15 – Estar frequentando o Itinerário da Catequese te ajuda a enfrentar as dificuldades? Como?

Pessoa 1: No meu caso ajuda bastante, muito pelo conhecimento. Sou uma pessoa que questiona muito, tudo; até mesmo meus sonhos. A catequese me traz algumas respostas e as celebrações são muito boas, traz união, porque no cotidiano os grupos são mais isolados, na celebração ficamos mais unidos. Posso também pedir perdão por alguma falha, acredito ter esse ministério. Acho que isso deve continuar.

Pessoa 2: A catequese hoje parece um recanto de psicologia, esse novo formato está trazendo isso. As pessoas estão se abrindo, deixando de ser tímidas, encontrando e fazendo amigos e sem amigos fica complicado.

16 – Alguém mais quer falar alguma coisa?

Pessoa 1: Quero apenas agradecer a Deus por essa oportunidade e ao senhor padre, é tão bom ter um padre tão presente, simples, trabalhador que faz com que nós sejamos valorizados. Obrigado!

Pessoa 2: Agradeço também ao senhor padre, esse trabalho está sendo muito bom, vamos continuar.

(Padre: Agradeço também a todos os envolvidos.)

APÊNDICE G – Segunda coleta de dados

Segunda coleta de dados

I – Processo de Itinerário do Tempo da Iluminação e Purificação

1 – Você sente escolhido por Deus para fazer este itinerário de iniciação à vida cristã? Por quê?

Pessoa 1: Eu fui no entusiasmo de participar como introdutora e nesse entrar como introdutora percebi que podia ir mais além, hoje depois de ouvir o convite de ser catequista já estou pensando em ser catequista. Pra mim foi muito útil.

Pessoa 2: As celebrações foram bem marcantes, boas pra relaxar um pouco, aliviam as tensões do dia a dia, foi interessante, serviu muito pra colocar as coisas nos eixos.

Pessoa 3: As mão na cabeça, imposição de mãos, é muito marcante, é algo que quando a mão chega na cabeça sinto sair todo aquele peso que está nas costas.

Pessoa 4: Este grupo me dá segurança, aprendo com o grupo da catequese. Acho que saber que os catequistas estão aqui pra ajudar e os introdutores também, serve de exemplo pra nós, nos anima.

Pessoa 5: Pra mim, é muito bom, tenho aprendido bastante coisa, eu estava precisando focar na leitura da bíblia, isso foi muito importante pra mim, quero continuar participando e seguir na caminhada, isso é importante.

Pessoa 6: Pra mim, foi o trabalho do grupo de catequese: ajudar as pessoas carentes, sair de casa pra ajudar me marcou muito. As celebrações também, principalmente a do perdão.

Pessoa 7: A celebração do perdão me marcou mais que todas as outras, pode ter sido algo pessoal, mas passei por algo marcante, e o fato de ter sido apenas conosco foi forte porque não dispersa, como na missa que é no final.

Pessoa 8: Num todo, pra nós todos, foi muito especial! Não chegou ao fim ainda, mas até aqui tem sido especial. Estamos conseguindo ir até o final sem pensar em desistir, principalmente na reta final, alguns não ficaram por algum motivo.

Este grupo me ensina muito, participar aqui com estas pessoas tem sido para mim aprendizado sobre a fé, aqui nós formamos uma comunidade. Mas nós precisamos passar algo bom para as pessoas sem ter vergonha, pra que eles também tenham coragem de participar como a gente, pra receber a benção, aprender sobre a bíblia e ser orientado.

2 – Como você se sentiu neste momento do processo da iniciação à vida cristã?

Pessoa 1: Escolhido, eu tenho orgulho de estar ali na frente, não tenho vergonha. Pra mim, é um momento especial, algo que fiz com muita força, determinação, foi difícil conseguir, mas quando surgiu a oportunidade, eu abracei mesmo, porque é algo importante, tenho orgulho.

Pessoa 2: Pra mim também, as celebrações marcaram muito. Quando fui embora, fiquei pensando: nem acredito que estou participando, é um sonho pra mim. Minha filha sempre vem às celebrações com minha netinha e ela perguntou pra mãe dela: “Mãe quando a senhora vai poder tomar a hóstia?” Ela respondeu: quando eu fizer o curso (é uma felicidade imensa está fazendo).

Pessoa 3: Pra mim, que estou participando agora da Igreja, foi o primeiro passo, na missa das 9h30 o padre me fez o convite a quem gostaria de participar e eu fiquei pra reunião. Mas eu estava na lista do encontro de casais e disse que já estava comprometida. Mas uma amiga disse que falaria com o padre pra eu não ir nessa reunião, mas ir nas próximas. Aquilo me fez ser escolhida pra participar. Foi o primeiro passo de tudo.

Pessoa 4: Eu venho de uma família evangélica e alguns espíritas, tive a chance de escolher várias culturas e religiões diferentes, mas fiz a escolha de ser católico, aqui me sinto pertencido à comunidade, fui bem recebido no grupo de catequese e as celebrações me ajudaram a ter esta visão de pertença, quando as pessoas me olham na Igreja sabem que estou fazendo a catequese. Pra mim, isto é pertença.

3 – O que significa para você estar se aproximando o tempo de receber os sacramentos em sua vida?

Pessoa 1: Espero o momento de receber os sacramentos com muita ansiedade, muita ansiedade mesmo. Acho que será algo muito especial pra mim, vai ser

marcante. Queria até que meus pais estivessem lá pra ver, mas não vão poder, mas com certeza será marcante, como um casamento.

Pessoa 2: Tudo na vida tem um momento, um porquê, e às vezes eu fico pensando porque eu não tinha feito antes. Hoje estou no final da minha gestação e irei receber a primeira eucaristia grávida ainda, e é bacana pensar que meu filho vai receber comigo a primeira eucaristia. Que bom ser agora. Vai ser muito emocionante pra mim.

Pessoa 3: No meu caso, eu era criança, novo ainda, então eu não levava muito a sério essa parte da primeira comunhão. Hoje eu vejo de outra forma, que isso é o fundamento da vida, faltava maturidade, mas hoje a aceitação é outra e o querer também.

4 – O que este tempo de Iluminação e Purificação lhe ajudou em sua vida pessoal?

Pessoa 1: Eu saí daqui preparada, totalmente preparada pra resolver qualquer problema. Hoje mesmo apareceu um obstáculo pra não estarmos aqui, meu portão é basculante e estacionaram uma moto em frente e não apareceu ninguém que pudesse tirar, mas mesmo assim nós viemos a pé.

Pessoa 2: O que marcou pra mim, foi a proposta da samaritana, o encontro de Jesus com a samaritana. É interessante que, às vezes, uma pessoa não merece algo, mas nós temos que dar aquilo pra ela, pois ela precisa. Vendo esse exemplo de cristo, podemos fazer isso no nosso dia a dia, às vezes pensamos: “Poxa, aquela pessoa não merece isso”. Mas aí você respira e lembra como Cristo agiu dando algo pra samaritana que ela nem imaginava ou nem merecia. É uma boa reflexão.

5 – O que o grupo de catequese te ajuda na vida pessoal, familiar e comunitária?

Pessoa 1: Nós não temos muito contato no dia a dia, mas por exemplo, essa conversa mesmo, esse bate papo ajuda a gente a sair daqui com outra mente. Porque está compartilhando coisas da nossa vida. Então é uma inspiração, estamos um ajudando o outro com palavras, com conhecimento.

Pessoa 2: A ajuda é um ajudando o outro.

Pessoa 3: Esse grupo, de todos os outros, acredito ser o que mais interage. Esse ano, tive muitas pessoas pedindo ajuda e sempre tem algumas pessoas com

quem posso contar, inclusive pra trabalhos nas ruas. Essas pessoas que estão aqui merecem fazer a primeira eucaristia e a crisma, o grupo se interage muito bem, embora alguns ainda não fizeram tudo o que é proposto.

Pessoa 4: Uma ideia minha era deixar o clima um pouco mais descontraído, aberto para as pessoas terem um acesso mais fácil. Houve transformações, pessoas que não conseguiam interagir, mas com o tempo, passaram a interagir, isso gerou amizades e esse ponto ajudou muito. Somos abertos pra dizer um ao outro o que pode ser melhorado em nós, ouvir a crítica e pensar sobre a mudança. A comunhão faz isso; foi importante o grupo se manter até o final. Até aqui, ninguém saiu, isso é muito bom.

Pessoa 5: A forma como é apresentada as reflexões contida no nosso livro que estudamos e a maneira como é aplicada, possibilita, através dos catequistas, gerar o testemunho, o que desperta as outras pessoas a contar o seu testemunho também, pois o testemunho do outro nos ajuda muito a compreender a nossa vida, aprendemos muito mais pelo exemplo, porque às vezes estamos passando por problemas parecidos e se abrir pode ajudar. Isso foi importante, fantástico, é um bate papo e não uma sala de aula.

II – A experiência celebrativa do tempo da Iluminação e Purificação

6 – O que você considerou mais significativo na celebração de eleição no primeiro domingo da quaresma?

Pessoa 1: A oportunidade de ficar na parte de cima da Igreja com os participantes, sendo apresentados com a graça de Deus, que permitiu estarmos lá. Foi muito importante.

Pessoa 2: Foi importante as pessoas da missa dizendo, “olha aquele moço lá em cima é da catequese de adultos”. Tirou do anonimato, isso faz com que eles também queiram participar.

Pessoa 3: Eu também acho, isso foi muito legal, muita gente não sabia que eu fazia parte, por já participava da Igreja há algum tempo.

Pessoa 4: A presença da comunidade, o exemplo das pessoas que são membros da Igreja me fez querer estar aqui na catequese. O importante não são as pessoas pensarem que você não tem mais idade pra fazer, e sim, você mesmo saber que tem idade pra conseguir fazer o que quiser. Se está ao meu alcance, tenho que fazer.

Pessoa 5: Pra mim, foi um sonho! Pois, eu sempre quis fazer a primeira comunhão, e quando surgiu à oportunidade eu falei, agora chegou a minha vez. Foi emocionante olhar aquela multidão de gente. Estou gostando, vou até o final.

Pessoa 6: O nome da celebração em si, “Eleição”, as pessoas se sentem eleitas, não é vergonha como muitos pensariam, é o contrário, é a eleição. São pessoas especiais por estarem lá.

Pessoa 7: Eu penso assim também. Faz a pessoa se sentir realmente integrante da Igreja, na utilidade, não só na catequese, mas, da comunidade, e ao mesmo tempo desperta um espírito missionário automaticamente, uma coisa ligada à outra; quero ajudar as pessoas, não posso ficar fora daquilo que é a minha realidade.

7 – Tivemos a oportunidade de vivenciar três momentos fortes de escrutínio. Qual foi o mais significativo para você? Por quê?

Pessoa 1: Pra mim foi a de Lázaro: por causa do milagre. Às vezes estamos com parentes doente e a gente acha que não tem mais jeito. Mas ali Deus provou pra gente que tudo é possível, se tivermos fé pode acontecer o milagre.

Pessoa 2: As três tiveram momentos marcantes, mas vou escolher uma, a do cego. Porque foi quando eu trouxe uma amiga cega e essa semana ela falou que, as vistas dela estão voltando e os próprios médicos falaram: “Isso não existe, falamos que você não ia enxergar mais nada e agora de repente sua vista está voltando”. Então, caiu como uma luva o que aconteceu. Cada celebração traz uma vitória pra cada pessoa.

Pessoa 3: Pra mim a parte da samaritana. A forma do encontro de Jesus com a samaritana mexeu mais comigo. Porque entra numa falha minha, algo que eu preciso melhorar. Mas cada escrutínio acaba mexendo com você de certa forma, pois atinge um ponto da fraqueza de cada um, algo que precise ser mudado ou melhorado em cada um.

8 – Jesus Cristo é a fonte de vida plena. O que significa isso para você?

Pessoa 1: Preciso d’Ele em qualquer momento da minha vida. Em tudo o que eu vou fazer, preciso reconhecer minhas falhas e me tornar uma pessoa melhor.

Pessoa 2: A minha experiência com Jesus me faz sentir que sem Ele nós não somos nada, com Ele você sempre pode contar. Quando precisar Ele vai estar lá, fortalecendo e ajudando, eu tenho certeza que ele é minha água viva que sacia minha sede de vida.

Pessoa 3: Com Jesus você pode ter certeza, não existirá barreira que vai conseguir te deixar no chão, você vai levantar. Hoje estou de pé, em todos os momentos da minha vida. Sem Deus, sem buscar em Deus, eu não estaria aqui, já tive livramentos de morte e Deus me deu palavras pra eu conseguir me livrar daquilo que ia acontecer comigo.

Pessoa 4: Ele é minha fortaleza, n'Ele eu tudo posso.

Pessoa 5: Quando deitamos pra dormir e acordar, temos sempre que agradecer. Viver todo dia é motivo de agradecimento a Deus, por ele estar conosco. Isso é muito bom e importante, sem Deus não somos nada, Deus é tudo, maravilhoso, só temos que agradecer.

9 – Somos filhos da luz. O que significa caminhar na vida sob a luz do Senhor?

Pessoa 1: Fé, esperança.

Pessoa 2: Fortaleza, a gente encontra força na luz que Ele transmite pra gente.

Pessoa 3: Pra mim, é participar da Igreja, das pastorais. A maioria das pessoas buscam a mesma coisa: o caminho da consciência é a luz.

Pessoa 4: Na hora do batismo, a luz é muito boa.

Pessoa 5: Pra mim é o seguinte: não importa a escuridão, a Luz do mundo vai estar sempre ao nosso lado. É isso que eu penso quando falo em luz e Jesus, porque por mais que tudo aconteça ao nosso redor, aconteceu porque somos feitos desta luz. Ter essa luz ao nosso lado acaba sendo como um rochedo, um alicerce. Você sente que está construindo sua casa na rocha e não importa o vier contra ela, essa rocha vai te sustentar. Essa luz vai sempre nos manter de pé, encorajar e dar coragem pra viver.

10 – Jesus nos chama à vida nova. Para você o que significa viver como pessoas do bem?

Pessoa 1: Transformação.

Pessoa 2: Desafio! Ser bom é um desafio.

Pessoa 3: Para mim, vida nova significa pensar no outro. É difícil, mas compensa, pra você ser uma pessoa melhor, ajudar mais, não tô fazendo bem pra essa pessoa, estou fazendo pra mim. Em uma situação que eu passei com um morador de rua, eu fiquei incomodado mesmo, e fui ver se ele estava precisando de alguma coisa: peguei um biscoito e levei pra ele, de volta pra casa ainda fiquei incomodado, peguei água e comida e levei. Nessa segunda ida ele começou a se abrir sobre a situação dele; ele disse que é alcoólatra e por isso estava naquela situação. Eu disse pra ele procurar ajuda pra não ficar daquele jeito, pois naquele momento o que eu podia fazer, fiz. Me sinto feliz por ter feito aquilo.

Pessoa 4: Quando você está na Igreja você aprende a olhar mais para o próximo.

III – Experiência de Fé no tempo quaresmal

11 – O que representa em sua vida o perdão e a reconciliação?

Pessoa 1: Algo muito bom. Quando a gente aprende a perdoar, não sofremos, temos alívio. Mesmo que você tenha magoado alguém, mas pediu perdão, você se sente aliviado; isso não te faz mais perder o sono. É muito bom aprender a perdoar.

Pessoa 2: Eu tenho facilidade de pedir desculpa, mas pra perdoar, algumas pessoas, não todas. Eu tenho dificuldade! É algo que me faz bem; ter facilidade de pedir desculpas.

Pessoa 3: Perdoar eu perdoar, não guardo rancor. Mas, não consigo mais ter amizade, perco a confiança, mas não desejo mal. Mas o padre disse que eu tenho que conversar com a pessoa, mas ainda é difícil; aos poucos vai melhorando. Ainda estou buscando aproximação. (risos)

Pessoa 4: Acho que só existe reconciliação se o perdão for verdadeiro. Há um ano atrás exatamente, tive uma experiência muito forte dentro da minha própria casa. Como foi verdadeira a reconciliação; existiu e hoje meu casamento está às mil maravilhas, ainda com aqueles problemas naturais, mas está muito bem (risos). Entendemos o sentido do matrimônio, e isso facilitou pra gente. Houve um perdão e reconciliação.

Pessoa 5: O pessoal sempre diz que eu sou muito trouxa, porque eu não sou muito de ficar guardando coisa ruim, a pessoa faz alguma folga e eu dou apenas

uma risadinha. Um amigo que sempre quer uma carona, eu dou carona sem problema, não penso que ele esteja se aproveitando. Se eu fico bravo, muda tudo: fisionomia, jeito de falar, mas dura apenas 5 minutinhos. Não preciso ficar me remoendo! Eu tento não me apegar a raiva; procuro impor um limite antes mesmo de iniciar uma conversa. Meu pai, por exemplo, respondeu a uma vizinha que questionou ter bebida na casa dele e ele respondeu: “A casa é minha, não é sua. Posso ter o que eu quiser na minha casa”. Eu jamais responderia assim, porque não muda a pessoa, eu procuro não alimentar o assunto.

Pessoa 6: Eu acredito que o perdão tem a questão de você reconhecer o seu erro. Às vezes, as pessoas não pedem perdão por não reconhecer o erro, estão tão ligados no automático de ter uma vida afastada, que acha que isso é normal. A proximidade da Igreja me trouxe algumas coisas que tenho que pensar antes do perdão, porque acho que não adianta falar do matrimônio, amizade e trabalho, se pecamos diariamente, grandes ou pequenos, se é que existe. Se eu pequei algo maior eu sabia o que estava fazendo. Com o conhecimento adquirido, nós percebemos que estamos fazendo algo errado. O ideal é, nem fazer! Pensar, antes de fazer. Com relação ao meu pai: ainda é algo que eu estou trabalhando dentro de mim, pra que quando acontecer seja um perdão verdadeiro.

12 – Como você percebe que a experiência de perdão pode lhe ajudar a lidar ou superar as dificuldades em sua vida? (fatores de proteção)

Pessoa 1: Acredito que volta ao conhecimento. Às vezes, achamos que tudo ficou de lado; falando ainda do meu pai, mas não. Minha mãe dizia: “Você acha que eu casei sabendo o que ele ia fazer comigo!?” Eu tinha 15 anos. E ela disse: “Quando você for casada, você vai entender”. Na minha cabeça, ela deveria se separar, e olhando hoje o meu casamento, se fosse 15 anos atrás eu teria me separado já. É um aprendizado, viver algumas situações ajuda a crescer. O perdão também pode ajudar a crescer, tanto eu quanto ele.

Pessoa 2: Essa experiência de perdão, no geral, ajuda-nos a conviver com as diferenças do ser humano, não só no matrimônio ou na minha casa, mas também no trabalho, nos grupos que participo, no geral. Parece que não, mas, faz diferença. O modo de receber alguma crítica muda, o comportamento muda.

Pessoa 3: O primeiro ponto do perdão é saber que são dois lados: a pessoa que recebe e a pessoa que pede; e mesmo que você seja o emissor do perdão, pode

ser que a outra pessoa não receba, e você pode se frustrar. Por isso, deve haver preparo, deve haver tempo. É bom quando você passa por isso, você larga aquilo de mão, mesmo que haja orgulho da outra parte. Precisamos estar preparados e o tempo ajuda muito pra isso.

IV – Elementos estressores

13 – Você considera difícil pedir perdão e perdoar?

Pessoa 1: Quando fui me confessar, falei das minhas magoas e o padre disse pra eu rezar pela pessoa que me magoou toda noite, e hoje me sinto aliviada de tudo que aconteceu. Então isso me fez bem, isso é o perdão.

Pessoa 2: Pra mim também, temos que estar preparados para o perdão, para perdoar e também caso o outro não aceite o pedido de perdão. Quando meu ex-marido foi embora, fiquei sabendo que ele estava com outra mulher. Então, eu fiquei muito magoada, entrei em depressão, chorava muito, foi mais de 2 anos nessa situação, demorou pra eu aceitar e perdoar. Não tinha porque eu ficar assim se eu estava ficando doente. Não tenho mais raiva nem mágoa.

Pessoa 3: Isso é certo, é bom esperar um pouco às vezes, porque eu fui pedir perdão para uma pessoa e ela disse que não estava preparada pra me perdoar, e isso pesou muito pra mim. E me trouxe alguns danos; até mesmo na minha própria casa, comigo mesmo, prejudicou muito.

Pessoa 4: Perdão é muito difícil, a atitude do perdão é difícil. Eu acho que não sei se o dano é maior pro próximo, ou pra gente. Mas acho que, é mais fácil falar que gosto e que amo do que alguém que recebe uma palavra boa e dizer: “Eu não estou preparada pra sentir esse amor”. O perdão é difícil, você precisa se preparar pra falar e também estar preparado pra receber. O perdão é difícil principalmente pra quem foi atingido, pois tem coisas que vão vindo, que não podemos saber qual será nossa reação.

Pessoa 5: Eu particularmente, todo mundo sabe que eu não sou de muitas palavras, pra mim a catequese é um desafio, então tenho muita dificuldade de verbalizar meu sentimento, por mais que a pessoa diga na minha cara: “Olha, te perdoei”. Mas, pra mim, verbalizar é muito difícil. Peço muito a Deus pra mudar isso, rezo muito e venho melhorando, tem tido uma evolução, mas na catequese quase não falava nada, hoje em dia, alguns podem dar testemunho, esse exercício de verbalizar, mesmo que eu tenha perdoado, é muito difícil pra mim.

Pessoa 6: Eu sofri muito para pedir perdão, e para oferecer o meu perdão, pois o orgulho dentro de nós é maior, isto dificulta, causa mal-estar na mente e no coração da gente.

V – Estratégia de enfrentamento

14 – Como você convive ou lida quando alguém lhe ofende?

Pessoa 1: Isso eu posso falar! Eu fico tentando não levar para o lado pessoal, se não vou apenas ver o meu lado, e aí vou alimentar o rancor. Quando lá atrás eu estava dizendo que era bobão, eu uso disso pra não alimentar outras coisas. Se ficar bravo já me afeta. Tento também deixar as coisas claras e não deixar pra depois, assuntos pertinentes, é bom dar uma conversada na hora. Às vezes, guardamos certas coisas por tão pouco, eu já tento me livrar desses monstros. É a forma que eu lido com isso, se eu ficar pensando que as pessoas são folgadas, só eu vou ser o certo, e o restante é folgado.

Pessoa 2: Eu não revido, deixo a pessoa a vontade, o que eu não quero pra mim não desejo pra outra pessoa.

Pessoa 3: Eu finjo não estar vendo ninguém, finjo que não aconteceu nada, (Padre: Mas é indiferença ou você convive bem com a pessoa?). Não convivo bem, já convivi, hoje não (Padre: então você trata com indiferença). Éhhh!!! Ela pra lá e eu pra cá.

Pessoa 4: Se a pessoa tentou me ofender, eu falo bom dia, boa tarde, eu faço diferente pra ela saber que eu não sou igual a ela.

Pessoa 5: Eu estou treinando Padre (risos).

Pessoa 6: Esse milagre eu não alcancei ainda, eu sou muito estourada, se acontecer eu vou ter que revidar (risos).

Pessoa 7: Mas a carga que eu levo, fico pensando: o que eu criei com essa pessoa?!! Sabe aquele ditado, “o santo não bate”? então, é isso. Desde que eu a vi pela primeira vez, conforme os dias passam a pessoa continua a mesma, e essa pessoa já me pediu perdão várias vezes, mas eu disse que não adianta nada pedir perdão e não corrigir o erro. (Outra pessoa comenta: às vezes essa pessoa não está bem, alguma coisa a incomoda).

Pessoa 8: Se eu não gostei da pessoa, eu evito até conversar. Já outras pessoas que me fazem mal, eu evito revidar pra não ter um mal daquela pessoa. Se não gostei da pessoa, mesmo que me cumprimente eu não respondo, pois não vou

saber lidar com ela. Algumas, poucas. Sou fácil de fazer amizade, mas fácil de perder também (risos).

Pessoa 9: Eu evito revidar, falar alguma coisa. Consigo ser mais maleável, mas às vezes, a coisa é séria padre, é tenso. Então, estamos organizando as bodas do meu sogro, aí a pessoa desdenha do fato de eu entrar com a Aparecida, ela menospreza isso. Ultimamente eu rezo pela pessoa; quando eu vejo a pessoa, eu não olho mais com cara de quem quer fuzilar ela (risos). Rezo muito pra essas pessoas! São poucas, apenas duas, sempre rezo muito por elas.

Pessoa 10: A diferença está na oração, se você é conhecedor da palavra e ora todos os dias, você vai ter sabedoria pra discernir e não revidar o mal que a pessoa te faz, você já olha pra ela de maneira diferente.

15 – Estes momentos do tempo da iluminação e Purificação te ajudaram a enfrentar as dificuldades? Como?

Pessoa 1: Dando sabedoria, fortaleceu pra saber como agir e mostrar que o jeito que eu estava agindo não era o certo. Uma revisão de vida: fui até me confessar por causa disso, fiquei incomodada.

Pessoa 2: Sabedoria! Aprendi a ter mais sabedoria, entendimento. Não devemos julgar! Quem sou eu pra julgar, quem julga é Deus.

Pessoa 3: Pra mim, me deu mais fé. Algo que eu não fazia era rezar, não por mal, sempre que eu dava por mim, “nossa, esqueci” (risos). Mas agora depois da catequese, todo dia eu lembro, graças a Deus eu estou conseguindo.

Pessoa 4: Eu acho assim; tanto do meu lado, quanto o dele, o da minha filha. Eu aprendi isso há mais de 27 anos: falar, amar, pedir desculpa e não guardar mágoa. Meu ofendeu!? Pediu desculpa!?, desculpe. Deus abençoe, tamo aqui pra isso, não é problema pra mim. Fiz com que minha prima aprendesse isso, e ele junto com minha filha. Tenho muito a agradecer a Deus por isso, lá em casa não tem isso de guardar mágoa não. Eu solto veneno, minha filha solta (risos), parece que não aconteceu nada, tenho uma família abençoada.

Pessoa 5: Pra mim, me ajudou na compreensão, desenvolvimento religioso, sempre fui católico, mas vim até a Igreja já era difícil, a cada 3 meses (risos), depois desse projeto eu tenho frequentado mais, me ajudou a aproximar mais da Igreja. Outra vitória, foi ter uma amizade afetiva com o padre, conversamos, nos

abraçamos, não imaginava que isso pudesse acontecer, ver o padre como um amigo e não ficar assustado.

Pessoa 6: Pra mim, a presença do padre era algo muito diferente, não era pra misturar com a gente, ter a presença do padre em alguns encontros, nas celebrações, faz toda a diferença. Infelizmente, isso ainda está na cabeça de muita gente, que o padre é alguém pra se ver só no altar.

Pessoa 7: Acho que o tempo de purificação ajuda, porque, na Igreja, a quaresma já é o tempo de purificação, mas quando você inclui isso dentro da catequese, você chama mais a atenção pra esse tempo de purificação. Na quaresma apenas, você não para pra refletir, não faz exame de consciência, mas isso na celebração nos leva a refletir, tô fazendo certo? Por mais que seja um tempo de purificação a quaresma, você acaba disperso, sem foco, na celebração isso é estimulado.

Pessoa 8: Como o padre falou hoje, que, esse feriado da semana santa não é um feriado pra viajar e sim pra reflexão. Agora temos essa consciência, deixemos pra viajar em outro final de semana. Isso é maravilhoso, ter consciência, poder refletir.

Pessoa 9: O senhor, nesse tempo, trouxe pra nós o que é catequese, nosso outro padre trouxe pra mim, o que era consciência com o clero. As pessoas criticam muito nosso outro padre, mas se eu estou aqui hoje eu agradeço a ele, pois eu estava em depressão em casa, pode ser por isso, e ele me trouxe pra cá, e meu conhecimento hoje eu adquiri através dele e dos outros. Minha mãe é uma pessoa terrível; só Jesus pra catequizar, e eu tive que aprender a ouvir minha mãe, pra conseguir chegar nela. E tive que tirar os maus exemplos que aprendi na minha casa, tive que converter isso, e a Igreja me permitiu isso. Tenho aprendido a ponderar muitas situações pra agir da forma correta. Então eu digo, conheçam a Igreja, não critiquem, conheçam os padres, os valores da Igreja, não tenham medo de ter contato direto, pois são pessoas que detém o conhecimento pra poder passar pra nós.

APÊNDICE H – Terceira coleta de dados

Terceira coleta de dados

I – Processo do Itinerário de Iniciação à vida cristã

1 – O que mais te marcou neste itinerário da catequese com inspiração catecumenal que você percorreu?

Pessoa 1: Meu momento foi quando eu recebi a hóstia pela primeira vez, esse foi o que mais me marcou, foi como se eu tivesse recebido o corpo de Cristo, pois nunca tinha recebido, é como se em algum momento eu estivesse sido purificada de alguma coisa.

Pessoa 2: No meu caso foi a celebração do perdão que mais mexeu comigo, cheguei a chorar, o porquê fica difícil... não é nem o motivo, todas as celebrações têm seu significado e importância, mas essa foi mais especial pra mim. Acho que o momento de lembrar alguma coisa que você queria pedir perdão ou ser perdoado, isso naquele momento marcou pra mim.

Pessoa 3: Pra mim foi quando eu comecei a fazer catequese, era um sonho pra mim, fazer a catequese e também receber a hóstia. Foi uma emoção muito grande de estar ali com o bispo e o senhor também, foi muito marcante. Eu comecei a fazer a catequese com meu irmão lá na Bahia, mas eu casei, vim embora e ele terminou, e eu não, aí vi ele recebendo o corpo de Cristo, fazendo tudo, pensei que eu ia voltar logo, mas não deu, não deu pra eu fazer. Um dia eu sabia que ia se realizar este meu sonho. Eu sempre participava das missas e um dia anunciaram sobre a catequese com adultos e quem quisesse participar era só dar o nome, chamei algumas amigas que não quiseram participar. Mas eu fui, era a minha hora, foi uma benção, hoje olhando para trás eu vejo que aprendi tanto sobre a minha fé.

Pessoa 4: Pra mim, foi o dia que recebi pela primeira vez o corpo de Cristo. Quando eu dizia para as pessoas que eu ainda não tinha feito, elas ficavam admiradas, e diziam: “Nossa, você não fez ainda, ainda não!?”. Mas a oportunidade foi agora. Estar aqui, fazendo este caminho de aprofundamento da fé e agora partici-

par da missa e receber o corpo de Cristo, tem um significado muito especial para mim. Hoje nem acredito que eu fiz, me sinto tão bem, vou pra missa e penso, agora eu posso ir na fila (risos). Não esperava fazer assim, não imaginava, mas as coisas vão acontecendo sem a gente planejar, mas não perdi a oportunidade. Foi muito bom pra mim.

Pessoa 5: Este tempo que pude participar da catequese, foi um tempo de recomeço para mim. Pois, havia me afastado da Igreja por diversos motivos que não vem ao caso aqui. Retomar a minha caminhada na comunidade, a partir da catequese, fez eu conhecer e aprofundar coisas da minha fé que eu não sabia, percebi que muita coisa mudou na Igreja, me ajudou a ter um olhar para fora do meu campo visual, ou seja, me ajudou a ver a vida que levo fora da Igreja, como compromisso, isto foi a partir do aprofundamento da minha fé.

2 – Vivenciamos quatro tempos: Querigma, Catequese, Iluminação e Purificação e agora a mistagogia. Comente cada um desses momentos. O que cada um desses tempos significou em sua vida?

Pessoa 1: Eu achei mais interessante o início; porque fazíamos um bate papo, levantava a questão e a gente trocava opinião. Como na missa, que o padre faz a questão e a gente discute, e nisso aprendi muita coisa, tive a chance de ter um primeiro contato com toda a vida de Jesus, isto me ajudou muito nos próximos passos que tivemos na catequese.

Pessoa 2: Tinha as músicas também no começo, era mais interação, mas eu sempre gostei mais da teoria que foi a segunda parte. O bate-papo é legal, mas, fica muito no “de onde veio isso, pra que isso, semana santa”. Discutíamos, mas faltava teoria. No meu caso prefiro a segunda parte.

Pessoa 3: Na verdade eu entendi que, a primeira parte chamada de querigma, era pra gente despertar, se encantar e a segunda parte era a catequese; que era a hora de nos aprofundarmos. Eu gostei muito do querigma que me ajudou a repensar algumas atitudes minhas e a já começar a partir da comunidade, após os encontros ir para a missa, ajudar na comunidade, eu comecei nesta época.

3 – No tempo da purificação e iluminação, o que foi significativo para você?

Pessoa 1: Essa época é que teve a celebração do perdão. (Padre: Esse foi o momento que você achou mais forte né?!) Sim. E acho também que as celebrações vieram num momento bom, porque só em sala é pouco, o contato com o padre é muito interessante, e da celebração do perdão o que eu mais gostei foi ser apenas a gente da catequese, foi o momento mais marcante. (Outra pessoa comenta: Para mim foi como uma confissão em grupo). (Mais uma pessoa comenta: Acho que na hora da missa também foi interessante, acho que, assim a comunidade interage mais, fica mais próximo, envolve a comunidade). Sim, ou até desperta a curiosidade, porque elas não sabem o porquê, nós seguimos o livro, mas eles não sabem o que é o livro. Só sabem que é uma catequese de adultos e falam: “Nossa, pode ser que eu participe da próxima”, chama atenção.

4 – Depois da primeira eucaristia, você continuou o itinerário catequético. O que te marcou neste momento?

Pessoa 1: Eu achei importante porque, depois da primeira eucaristia, é como se ainda faltasse um complemento, que é até chegar no momento da crisma. Um momento de aprofundar o conhecimento.

Pessoa 2: Ir para a Catedral e lá receber a crisma, para mim foi muito importante. Ser acolhida pelo bispo, outras paróquias juntas, foi uma comunhão bacana, isto mostra a força que temos como Igreja católica, que muita gente pensa que somos fracos. A crisma depois da primeira eucaristia me ajudou a refletir o quanto posso me engajar na Igreja; a celebração foi cheia de significados para mim, não existe palavras para explicar o que é receber o Espírito Santo em minha vida através das mãos do bispo.

5 – Caminhar com este grupo de catequese com adultos te ajudou em quê? Que mensagem você deixa para o grupo?

Pessoa 1: Eu acho que a amizade é o mais importante, a gente não perdeu o vínculo, estamos sempre conversando.

Pessoa 2: Bom, no último encontro, eu até deixei uma mensagem a todos, e deixo novamente a mesma mensagem, mesmo que seja pequena a sua atuação dentro da Igreja, é bom que ela exista, é bom existir vida em comunidade; pois a comunidade me ajudou muito em minha vida quando me sentia sozinho, ter alguém por perto que é da mesma que a sua, faz muita diferença. No grupo criou-se

uma amizade e isso ajuda a querer continuar numa pastoral, por exemplo. Porque querendo ou não, falando de mim. A gente chega com aquela preguicinha de “hoje tenho que ir!?” Mas, quando você vai, é muito gratificante, eu tinha que estar aqui. A mensagem é: Vida em comunidade, ação cristã, vida cristã, e não ter feito apenas a catequese e fechar um ciclo, na verdade não o fechamento, o final, mas sim o início.

Pessoa 3: Pra mim, como introdutora, foi maravilhoso! Eu só ganhei, nasceu à vontade e a vocação de participar e servir, eu ando até servindo de mais (risos). Vocação e vontade de não se cansar e querer participar não apenas da missa, é bom vir só na missa, em partes, mas quando você descobre sua vocação você tem vontade de estar servindo não apenas como voluntária, eu só ganhei com isso.

Pessoa 4: Para mim, permanecer aqui na comunidade, foi algo muito saudável, pois me ajudou muito, quando comecei estava com depressão, estava em tratamento, mas a presença das pessoas foi um grande suporte para mim, eu recebi visita de ministros da comunidade, recebi visita da minha introdutora. Também acho legal os jovens servindo, as crianças se inspiram no pessoal do grupo de jovens: “Que coisa boa, quero continuar”. Outra coisa que eu acho muito bonita é ver aquele monte de jovens que já fez catequese, que não pararam.

Pessoa 5: Padre, ainda estou preocupado com isso, pois estou aqui há 5 anos, formei umas 150 pessoas e, dessas 150, apenas umas 30 continuaram seguindo. Nesse ponto, precisamos trabalhar sempre. Hoje convidamos 30 pessoas e nem todas vieram, acabou a catequese?! Acho que temos que trabalhar nisso.

II – A experiência celebrativa do tempo da Mistagogia

6 – O que você considerou mais significativo na celebração onde você recebeu o sacramento? (Batismo, Crisma, Eucaristia)

Pessoa 1: Pra mim foi a celebração de entrada, que o padre chamou pelo nome, quando abriu as portas, foi marcante pra mim.

Pessoa 2: Eu, além de estar recebendo a eucaristia, acho que foi um momento em que havia um porquê de ser naquele tempo, eu estava grávida no período da catequese, então na primeira comunhão eu recebi o sacramento com meu filho na barriga, e na crisma, ele já foi comigo à missa. Esses dois momentos da minha vida aqui foram muito marcantes.

Pessoa 3: A crisma foi muito importante para mim, mas o que realmente me marcou, foi aquele momento do abrir das portas pra aceitar Jesus, aquele encontro que tivemos aqui, que começou fora da Igreja, e o senhor abriu as portas da Igreja e nos chamou pelo nome. Foi muito importante pra mim.

Pessoa 4: Acredito que ter feito, inicialmente, foi um pouco diferente fazer uma crisma na catedral e termos que ir pra lá, normalmente, estávamos acostumados com o bispo vindo até a paróquia. E aí como toda novidade a gente fica meio: “será que dá certo, será que não, como vai ser?!” Só que eu achei muito bom, porque primeiro que a crisma é diretiva para adultos, os bispos, os padres de outras paróquias participando da mesma celebração, é como eu falei: ficou uma coisa de comunidade e diretiva. Normalmente quando o bispo vem para a paróquia todo mundo quer aproveitar, então mistura todo mundo, adolescentes, crianças e às vezes você não consegue passar uma mensagem legal, então em organização ficou muito bom, tudo que foi falado para os catequizados também. Se não ficaria muito disperso, ao meu ver; todo mundo se sentiu tocado em algum momento, o próprio bispo disse: “Pegue um panfleto, vamos ajudar na comunidade”. Porque era diretivo. Acho que isso foi muito bacana. Na primeira comunhão foi a cara felicidade, estávamos bastante felizes e satisfeitos, foi o que eu senti (risos). Eu estava lá, tentando tirar umas fotos. Eu senti satisfação.

Pessoa 5: Ir no altar também, não é só receber a Eucaristia, estar na fila com a comunidade; ir receber o corpo e o sangue foi bem marcante também. Muitos ficaram surpresos do padre chamar para receber o corpo de Cristo lá onde o padre fica. Isto fez com que nós nos sentimos ainda mais especiais e comprometidos com a vida; pois não basta só receber o corpo de Cristo é preciso participar, ajudar, oferecer um pouco de si.

Pessoa 5: Eu lembro do primeiro dia que eu recebi a hóstia, porque eu senti uma paz muito grande quando eu recebi, foi uma sensação muito boa, uma paz muito grade.

Pessoa 6: Como catequese, acho que o que mais chamou a atenção foi o dia do batismo, todo mundo comentou: “Vai ter catequese de novo?”. Que legal, batizar desse jeito num sábado santo, com a imersão?! (risos) (Padre: Todo mundo ficou assustado por causa do jeito que se fazia).

Pessoa 7: Eu me senti muito acolhido pela comunidade no dia da celebração de acolhida, muitos da comunidade vieram falar comigo, e depois no outro do-

mingo. Eu não me senti um estranho, algumas pessoas me olharam e me cumprimentaram, isto foi muito significativo para mim. Me senti acolhido, recebido pelas pessoas da Igreja. Isto me fez muito bem, pois estava me sentindo sozinho; minha família está longe. A comunidade com certeza neste momento foi um grande suporte para mim.

III – Elementos estressores

7 – Quais são os desafios para viver como cristão batizado?

Pessoa 1: Aprendi muito aqui na catequese, o desafio maior é viver tudo isto lá fora, no dia a dia, quando enfrentamos pessoas indiferentes. O difícil é viver em Cristo, vir à missa todos os domingos é fácil, ser cristão dentro da Igreja é fácil, fora daqui é preciso ter testemunho, a palavra, o exemplo, porque não adianta vir à missa e não ser uma pessoa que o outro olha e fala: “Nossa, eu queria ser como aquela pessoa”. Sem falar em religião, falando apenas de postura, caráter, hoje isso é difícil. É fácil estar no trabalho e não dizer a sua religião, se esconder porque o diretor não gostou de algo que você fez, perguntam também: “Qual a sua religião?” e você se esconde. Servir é difícil, por causa da vida corrida que nós levamos, difícil ter um tempo pra servir, e deveria ser ao contrário. Precisamos encaixar isso em nossa vida.

Pessoa 2: Também acho que a parte mais difícil é a luta constante da convivência e ajuda ao próximo. Ter a visão de olhar e ver o necessitado e a luta constante de perdoar. Inclusive, até no decorrer da catequese me chamou muito a atenção a disponibilidade dos catequistas em sempre nos ajudar em alguns momentos. Isso nos convidou a ajudar também, admiro muito essa atitude. É preciso focar mais nessa visão de encontrar quem está precisando de ajuda.

8 – A Eucaristia nos convida a viver e praticar o bem; o que isto implica para a sua vida, pessoal, social e familiar?

Pessoa 1: Sim. Compromisso com Deus.

Pessoa 2: Para mim, viver todo este caminho da catequese, me faz assumir compromisso, ainda mais neste momento que recebemos os sacramentos. Estamos refletindo aqui que não faz sentido se não tiver compromisso com a vida, não só minha, mas também daqueles que mais padecem dificuldades. Vir aqui na comunidade é se comprometer, e no dia que a gente não vai, a gente sente falta,

trabalho a semana inteira e mesmo cansada eu digo que vou. Pra mim, é muito bom, acho que pra todos também.

Pessoa 3: Existem muitos desafios para ser cristão hoje, nós como adultos, não viemos aqui só para receber a crisma, ou a primeira eucaristia. Viemos porque queremos ser cristão católicos, comprometidos, assumir com a vida que isto implica. No meu caso, mudei muitas coisas em mim, avalio; penso se minha atitude é de um cristão, antes de fazer.

9 – As celebrações dos sacramentos têm lhe ajudado em sua vida. Quais são os desafios para viver no cotidiano da vida o que nos pede a vida sacramental? O não viver causa algum dano em sua vida? (consequência das adversidades e riscos vivenciados)

Pessoa 1: Pra mim, mudou. Saber que se alguma pessoa está fazendo algo errado, ou cometendo alguma injustiça contra alguém, a minha fé, o evangelho que aprendi me leva a dizer pra ela que ela não pode fazer isso, dizer que ela pode fazer algo melhor, não é porque alguém fez mal a você que você deve fazer a mesma coisa.

Pessoa 2: Ainda tenho algumas coisas pra mudar em minha vida (risos), eu era muito nervosa, ou eu gostava ou não gostava, mas graças a Deus isso melhorou muito minha paciência e como tratar as pessoas, melhorou assim de eu parar pra contar até 10, não, até 1000 (risos), pra não levar tudo a ferro e fogo. Mas há muito a ser mudado ainda. Deus nos ajude.

Pessoa 3: Eu sempre fui uma pessoa muito paciente, mas tenho muita dificuldade em passar a palavra. Me pergunto como posso ajudar. Tenho vontade, poucos onde eu moro vão à Igreja e eu gostava de falar que ia pra catequese pra ver se eles se interessavam, mas ainda tenho muita dificuldade; peço sabedoria a Deus sempre, pra eu saber passar, pra eu ajudar, pois tem gente que precisa, mas não procura.

Pessoa 4: Acredito que quando você tem conhecimento, quando participa de um caminho como este, o nosso da catequese, quando você pensa em fazer algo errado, você para e pensa: “eu aprendi que isso é errado”, isso faz você não agir errado. Esse período da catequese nos trouxe isso, esse conhecimento. Nessa fase, também, tinha aquilo sobre meu pai, que eu já tinha falado que eu precisava melhorar, precisava perdoar, e eu ouvi que o perdão é um ato de querer perdoar,

porque se você acha que tem que perdoar, mas não quer, você precisa exercitar pra mudar isso, então no último domingo, depois da minha licença maternidade, eu vim pra missa com meu filho e trouxe meu pai, procurei ele e disse: “Você vai na missa comigo?” Foi um ciclo que a catequese me ensinou, a não ter orgulho e isso me ajuda a ter mais ternura e não pensar em tudo a ferro e fogo.

Pessoa 5: Eu aprendi a viver como cristã aqui na catequese, aprendi a me valorizar, aprendi a ter mais paciência dentro da minha casa e conviver melhor com as pessoas, e tudo isso me ajudou tanto, me ajudou a ser melhor comigo e com os outros.

IV – Estratégia de enfrentamento

10 – A participação na celebração da Eucaristia te ajuda a enfrentar os momentos difíceis? O que você faz para superar estes momentos da vida?

Pessoa 1: Muita oração, não é?! (risos)

Pessoa 2: Conversar, se comunicar com as pessoas, às vezes a pessoa está fazendo algo errado mas não tem noção, é preciso avisar ela, conversar com ela, Eu passei uma situação assim há uns dois meses atrás, passei numa calçada e tinha um senhor caído nela e todo mundo passando por cima dele, pedi ajuda a duas moças que estavam passando pra que pudéssemos tirar ele de lá, chamamos a polícia, mas a polícia disse que não poderia fazer nada, então peguei o celular que estava no bolso dele, e falei com o filho dele que disse que ia demorar pra chegar, aí disse a ele que não ia chamar o SAMU, mas sim, denunciá-lo e assim com muito esforço ele veio. Levamos ele no meu carro e chegando lá foi uma dificuldade pra tirar ele do carro, as moças ajudaram, tiraram ele, depois colocaram ele na cama. Então, esses dias ele veio me pedir perdão e perguntou o que ele poderia fazer por mim: eu disse que pra mim ele não deveria pedir perdão, mas sim, pra Deus e procurar ser uma pessoa melhor pra seu filho e sua esposa e não dar trabalho pra tantas pessoas.

Pessoa 3: Acho que, quando a gente está vindo pra Igreja, vimos sempre com o propósito de sermos uma pessoa melhor.

Pessoa 4: Momentos difíceis, sempre vão existir, mas é preciso se fortalecer, estando na Igreja você vai sempre estar ouvindo a palavra e se fortalecendo.

Pessoa 5: Não vai nos livrar do mal, mas vai nos ensinar a conviver com ele. (Padre: que interessante essa sua fala).

Pessoa 6: A mulher dele veio falar que ele havia sido assaltado e que ia desistir da catequese, ia desistir de tudo, aí fomos conversar com ele e ele aprendeu isso.

Pessoa 7: A pergunta, querendo ou não; às vezes, se ele não tivesse na catequese, ele não teria alguém pra ajudá-lo?! Esse período ajudou a abrir os horizontes pra outras pessoas que podem nos ajudar, porque às vezes as pessoas da nossa família não estão capacitadas, não têm o conhecimento pra ajudar. Essa caminhada na catequese me fez conhecer pessoas aqui no grupo da catequese que, não me deixam desistir do caminho, que me ajudam a permanecer firme, me ajudaram em momentos difíceis; pessoas que passei, criei laços que levarei para sempre comigo e continuaremos juntos aqui na comunidade.

Pessoa 8: Acho que, a vida em comunidade tira a gente do nosso mundo, do nosso egoísmo. No nosso mundo, achamos que só nossa vida é ruim, só nós temos problemas. Tudo é eu, eu, eu! E em comunidade, vemos realidades melhores e piores que as nossas, e a pessoa que está na realidade pior tem mais fé, ela é melhor na fé, mais ativa. E aí a pergunta: “porque eu não posso me espelhar nessa pessoa se meus problemas, comparados aos dela, é tão pequeno?”. A vida em comunidade te dá essa visão do que é a caminhada cristã.

Pessoa 9: Nos ensina a conviver com o que tem e agradecer a Deus pelo que tem.

11 – Mais alguém tem algo pra falar sobre esse assunto, sobre a catequese?

Pessoa 10: Pra mim, a catequese chegou no momento certo, pois eu estava fazendo tratamento antidepressivo, eu tinha medo, sentia-me vazia, e quando entrei aqui na catequese e conheci todo mundo, a vida começou a ter mais sentido. Porque eu tomava remédio e sentia um medo de ficar só, um vazio inexplicável. Era quase todo dia no hospital, ficava com a pressão alta. Eu tinha ansiedade forte e passava no psicólogo, psiquiatra e depois que comecei a vir pra cá, deu uma boa melhoria, fez muito bem pra mim e ainda faz, passou um pouco o vazio que sentia, quando tomei o corpo e o sangue de Cristo me senti muito bem, me fortaleceu mais.

Pessoa 11: É bom ver as pessoas crescendo, eu olhava pra ela e ela mal falava no começo na catequese, e ela já tinha dito que tinha essa dificuldade de

partilhar e conversar. Uns gostam de falar mais e outros menos. E quando vimos ela conversar algo sobre a vida dela, foi uma surpresa: “nossa, você está começando a se abrir”. E isso é muito bacana, não só a gente enxerga isso, mas todos que estão ao redor dela.